

Mo Ex^{ma} Sr.

Dr. Vicente Ráo,

D. D. Ministro da Justiça e Negócios
Interiores, homenagem de

Alcides Beyer,

Director do Arquivo Nacional.

Rio de Janeiro, 23 / 8 / 1935.

Ministerio da Justiça e Negócios Interiores
Departamento de Administração

Biblioteca

PUBLICAÇÕES
DO
ARCHIVO NACIONAL

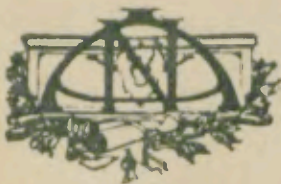
SOB A DIRECÇÃO

DE

João Alcides Bexerra Cavalcanti

XXXI

Recognosces annalibus eruta priscis.
OVIDIO.
(Fastos — Livro I — Verso VII).



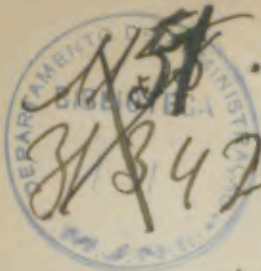
RIO DE JANEIRO
Officinas Graphicas do ARCHIVO NACIONAL

1935

Ministerio da Justica e Negocios Interiores
Departamento de Administracao

Biblioteca

PH0031
J. 3. 6
ex. 6



M. J. N. I.
Biblioteca Co S. D.
BAIXADO
265-955 pb 8.

ARQUIVO NACIONAL

Reg. nº 74829 *Boyle*
28 / 11 / 2016
Biblioteca

OMPLETA-SE com este volume XXXI das Publicações do Archivo Nacional o estampamento do processo movido pelo governo imperial contra os revolucionarios rio-grandenses de 1835, conhecidos pela antonomásia de Farrapos ou Farroupilhas. Com os dois anteriores, tambem dedicados ao mesmo assumpto, forma um complexo de mais de 1700 paginas in-4.º todas dedicadas a reviver aquelle importante movimento democratico, que grandemente influiu na evolução historica da nacionalidade.

A' luz da documentação ora apresentada aos estudiosos aquelle surto revolucionario enquadra-se na chronica das revoluções anteriores, filiando-se, porém, mais directamente á abdicação de D. Pedro I e á Confederação do Equador. Um certo padre Caldas, impenitente revolucionario, surge como élo entre a Confederação do Equador e a Revolução Farroupilha.

A figura desse sacerdote apaixonado que não tem o relevo moral de um Frei Caneca avulta como um dos autores principaes do drama, sahindo da penumbra em que o têm deixado inadvertidamente os nossos historiadores. Esta é uma das principaes revelações dos documentos, aliás focalizada pelo Snr. Aurelio Porto, que os continuou a commentar com larga erudição. O trabalho do archivista sul-riograndense, feito com precisão e vivacidade, enriquece os textos, e só merece justos encomios. Quanto ao valor de sua collaboração reporto-me ainda ao que deixei dito nos prefacios dos volumes XXIX e XXX. O Archivo Nacional pela penna de seu director aqui consigna agradecimentos mui sinceros ao erudito investigador do passado sulino, bem como ao Snr. General Flores da Cunha, ex-interventor e ora governador, que lhe permittiu assumisse esse encargo, prestando desfarte mais um bom serviço ás letras patrias.

Nada menos de quatro memorias de contemporaneos dos acontecimentos foram juntas ao processo, para o esclarecer e completar. Dellas acompanhado, fica mais legivel aquelle documento principal da phase revolucionaria.

A primeira, que se intitula — Memoria historica sobre as causas e os acontecimentos que mais immediatamente precederam a sedição de 20 de Setembro de 1835, na cidade de Porto Alegre, capital da Provincia do Rio Grande do Sul e traz a nota. "Foi escripta esta Memoria por uma testemunha ocular a quem se communicarão alem disso, por ordem superior diversos documentos officiaes. 21-4-Rio de Janeiro-1844" — sabe-se hoje que sahiu da penna do Dr. Rodrigo de Souza da Silva Pontes, magistrado brasileiro, nascido em 1799, na Bahia, formado em Coimbra, em 1821, e ao tempo juiz de direito

da Villa do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. (Paginas 177 a 236).

De Silva Pontes, como memorialista dos acontecimentos, diz o Snr. Aurelio Porto o bastante para orientar o leitor. Vide as suas observações á pagina 502 deste volume. Parte nelles, por isso mesmo suspeito, Silva Pontes deve ser lido com cautela, dando-se o necessario desconto ás suas paixões, que todavia sabe disfarçar com a mascara de uma fingida imparcialidade.

A apreciação geral das causas fa-la com certa argucia, não se esquecendo de bem focalizar as preponderantes. Póde-se mesmo accrescentar que foi o primeiro a lançar as bases para o julgamento philosophico d'aquella revolução. O magistrado bahiano apresentase-nos com decidida vocação de historiador, a que não fallam boas tinturas de philosophia da historia.

Quando, porém, desce das considerações geraes ao julgamento singular dos homens desafivela a mascara e mostra a sua antipathia aos individuos que foram arrastados na corrente revolucionaria.

A segunda memoria inserida neste volume, de pagina 237 a 279 — Memoria sobre a Revolução de 20 de Setembro de 1835. O 20 de Setembro de 1835. — é de autoria do dr. Francisco de Sá Brito, rio-grandense, nascido em 1808. Curson a Universidade de Coimbra e bacharelou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo aos 16 de Outubro de 1832. Posto não esteja datada, sabe-se que foi escripta em 1879, gosando seu autor idade proecta, o que terá influido na serenidade com que julga os factos e individualidades da revolução. Já foi publicada no Almanack do Rio Grande do Sul (Anno XVI, 1904). O original guarda-se no Archivo do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul.

Divergem os autores sobre a personalidade do memorialista e o valor desse documento: o benemerito investigador Snr. Alfredo Ferreira Rodrigues louva-lhe a justeza e a imparcialidade dos conceitos, emquanto que o Dr. Alfredo Varella, o opulento historiador e sociologo da Historia da Grande Revolução lhe faz cerrada critica, apontando-o como valetudinario, quanto ao physico, e quanto ao estado moral como dominado por uma invencivel hypocondria, que o singularizava entre os conterraneos. Todavia julga "preciosa Memoria escripta no occaso de uma existencia alias muito digna" (Vol. VI, pagina 363).

A terceira memoria, aqui acolhida entre paginas 271 e 354, intitulada Revolução de 1835 — Apontamentos sobre a Revolução do Rio Grande até o deploravel ataque do Rio Pardo — deve-se á penna do major João da Cunha Lobo Barreto, portuguez de origem, funcionario da Secretaria da Província por aquella epoca. Publicada em parte alhures, como se noticia á pagina 541 deste volume, sae agora na integra de accordo com a copia existente na secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional. Lobo Barreto nasceu em Barcellos, Portugal, em 1795, seguiu a carreira das armas, adheriu á independencia nacional, por aqui foi ficando até morrer, com 76 annos de idade, em Porto Alegre, aos 22 de Agosto de 1871. Conservou inedita sua narrativa, só permitindo a sua leitura reservadamente. Opina o Snr. Aurelio Porto que essa memoria, não obstante certa parcialidade, é superior a qualquer uma das outras aqui inseridas. Prima pela minucia e exactidão das informações.

A quarta memoria, estampada neste volume, de de paginas 355 a 374, Breves considerações sobre a Revolução de 20 de Setembro de 1835, é da autoria de

Sebastião Ferreira Soares, e está datada do Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1854.

O seu autor, rio-grandense, bacharel em sciencias *physicas e mathematicas* pela antiga Academia Militar, funcionario da Fazenda, deixou, além desse pequeno escripto, de pouco valor, outros mais extensos e significativos, que a Bibliotheca Nacional guarda, sobre estatistica e questões fazendarias. Inserimo-lo, tão sómente para reunir todos os elementos que possam servir ao estudo dos acontecimentos de 1835. O Dr. Sebastião Ferreira Soares nasceu em Piratinim a 21 de Abril de 1820 e falleceu no Rio de Janeiro, a 5 de Outubro de 1887, no exercicio do cargo de director geral da repartição especial de estatistica do Thesouro Nacional. Pertenceu ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, perante o qual, nas sessões de 29 de Setembro e 15 de Outubro de 1854, leu as suas Breves considerações. Sacramento Blake (*Diccionario Bibliographico Brasileiro*, 1902, vol. VII, p. 206) faz-lhe a biographia e enumera-lhe todos os trabalhos. Segundo esse bibliographo, foram aquellas publicadas, em 1854, num opusculo de 20 paginas in-folio.

A revisão do presente volume esteve a cargo, na parte documental, do Sr. Nelson Carlos de Mello e Sousa, chefe de Secção deste Archivo, e a partir das Memorias, do Sr. Aurelio Porto, desincumbindo-se ambos desse enfadonho encargo com toda a meticulosidade desejavel. Sae, portanto, quanto possivel fiel aos originaes o texto ora publicado.

As gravuras que o illustram foram feitas na Imprensa Nacional, por não termos ainda o serviço de elicherie, e os originaes das mesmas obteve-os, no Rio Grande do Sul, a incansavel diligencia do commentador.

Cumpro ainda o dever de assignalar que o papel empregado nesta edição, que é de mil exemplares, o dobro das nossas habituaes, nos foi cedido pela Repartição de Estatística, subordinada ao Ministerio do Trabalho, do seu estoque adquirido para os serviços do recenseamento que haveria de ter sido realizado em 1930. Aquella Repartição nos attendeu, com muita obsequiosidade, todos os pedidos de papel que tivemos necessidade de fazer para levar a cabo a publicação do Processo dos Farrapos. Deixo aqui, mais uma vez, consignados os nossos cordiaes agradecimentos.

Devo ainda assignalar que a composição deste volume foi feita em face dos originaes, já esmaecidos do tempo, pelos operarios das officinas graphicas e de encadernação deste Archivo, no que se houveram com a sua costumeira habilidade e perfeitamente identificados com os propósitos da directoria, não se poupando esforços para darem conta da tarefa não só com presteza, como com perfeição. Agora não posso dizer, como no prefacio do volume XXIX, que as officinas lutam até com falta de espaço, pois, ultimamente, esse inconveniente foi removido com a sua ampliação, beneficio que o Archivo Nacional ficará a dever á administração operosa do Ministro da Justiça, Dr. Vicente Ráo. Preciso ainda notar o interesse que o Sr. Olympio Francisco Heitor, inspector das officinas, sempre revelou pelo bom andamento dos trabalhos de impressão, levando seu zelo além das suas estrictras obrigações, para que tudo corresse á feição e pudesse o Archivo, com antecedencia de dois mezes, offerecer aos estudiosos de historia patria a farta messe de documentos que fórma o recheio dos tres grandes volumes dedicados á Republica Rio-Grandense.

Entregamos ao publico, nas vespervas do centenario farroupilha, este volume XXXI das Publicações do Archivo Nacional, conscios de que a collaboração do Archivo Nacional nas festas commemorativas é de primeira ordem: representa não só digna homenagem aos precursores da federação e da republica, que foram os rio-grandenses do inolvidavel decennio, como uma tardia reparação, pela justiça que lhe queremos fazer, não mais os apontando como separatistas apaixonados senão como precursores de uma idéa afinal victoriosa na evolução politica do Brasil.

Não ha negar o forte sentimento particularista do rio-grandense de ha cem annos. "O provincialismo (diz o contemporaneo Silva Pontes) é a posição politica dominante no Rio-Grandense qualquer que seja o partido que elle abraçe" (Pag. 179). Mas ao lado desse localismo exagerado já revelavam interesse pelos destinos geraes do Brasil, que afinal lhes falou mais profundamente ao coração no momento da reconciliação com o Imperio.

Aponta-se como uma das causas da revolução a proximidade das Republicas platinas (Pag. 181), e o facto de escriptos demagogicos do seculo XVIII, traduzidos em hespanhol, circularem amplamente no Rio Grande.

Sem negar essa influencia platense, não nos esqueçamos que, annos antes, no norte, longe daquellas republicas, houve o surto revolucionario da Confederação do Equador, que se propunha vestir o Brasil nos trajes republicanos e federativos.

O que houve, parece-me, tanto na Confederação do Equador como na Republica Rio-Grandense, foi um choque entre a idéa romana de imperio (herança da cultura portugueza) com a idéa genuintamente americana

de federação (imitada das colonias norte-americanas), mas tambem filha do intenso localismo ou provincialismo brasileiro, fructo da terra e dos methodos politicos da colonização lusa, que mantinha as capitánias desunidas para melhor arrecadar os impostos, e domina-las.

Houve, pois, duas fontes de federalismo: o espirito geographico alliado á tradição nacional, e a coqueluche exotica, oriunda de Norte America, filha do Calvinismo e das instituições anglo-saxonicas. No Rio Grande a influencia exotica penetrou através de elementos platinos como Lavalleja e outros, de sociedades secretas ligadas ao Rio de Janeiro, do agitador Padre Caldas, que lhe levou a experiencia revolucionaria do Norte, figura que precisa ser estudada no seu gallicanismo e em face das ideias religiosas da Revolução franceza. Uma biographia bem feita desse padre trará, de certo, luzes para o estudo da ideologia dos revolucionarios.

A' luz da philosophia da historia o movimento farroupilha não passa de uma pequena vaga que se espraçou até o Rio Grande, trazendo as salsugens das lutas do pensamento europeu dos ultimos tres seculos anteriores. Muitos dos que lutaram, que venceram ou morreram, não tinham, certamente, consciencia da origem das idéas por que se batiam. Nossa historia americana se acha profundamente ligada á historia do Occidente europeu.

ALCIDES BEZERRA

Director do Archivo Nacional

REPUBLICA RIO GRANDENSE

FARRAPOS

DA SECÇÃO HISTÓRICA — COLECCÃO N. 10 * * * * *

Rebelião do Rio Grande do Sul

1835 - 1845

* * * * * PROCESSO—Vol. 3.º



Porto Alegre

1837

JUIZO DE PAZ DO 2º DESTRITO

Escr.º Lages.

AUTOS SUMARIOS CRIMES DE REBELIÃO, SEDIÇÃO, HOMICÍDIOS,
FERIMENTOS, ROUBOS, PECULATOS E OUTROS DELITOS GRAVES
CONSTANTES DA PORTARIA QUE AO DIANTE SE SEGUE

Anno do Nascimento de Noso Senhor Jezus Christo de mil Oito Centos trinta e Sete aos tres dias do mes de Julho do dito anno nesta Cidade de Porto Alegre em cazas de Rezidência do Juiz de de do segundo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão de seu Cargo fui vindo e sendo ahi pelo dito Juiz me foi apresentada humma sua portaria ordenandome a Autuase para o fim que na mesma se contem, e por que o seu Contheudo consiste que a sua noticia finha chegado que nesta Provincia aRebentou humma desedida Rebelião, que teve principio no Anno de mil Oito Centos trinta e Cinco com o fim publicamente conhecido de desmembrar esta Provincia da Integridade do Imperio e Constituila em estado Imdependente com Governo Republicano o qual se instalou na Villa de Peratinim no anno de mil Oito Centos trinta e Seis havendose tão bem proclamado o mesmo Governo na Villa de Jaguarão tendose assim consumado o Crime de Rebelião e destruido a forma do legitimo Governo Brasileiro, a Constituição Politica do Imperio, e a sua Integridade o que tudo consta pelos

publicos e repetidos factos de agreçoins e rezistencia com mão armada que tem feito e Continuação a fazer as forças daquele partido Rebelde, invadindo, e Hostilizando a maior parte das Povoaçoins da Província, cometendo innomeraveis mortes, ferimentos, roubos, Inçendios, e vexaçõins violências havendo aquele mesmo partido rebelde chegado ao horrorozo exseço de reunir huma grande parte de Escravatura da Província com promeça de lhe dar a liberdade cuja Escravatura fazendo parte das fileiras rebeldes com mão armada tem agredido, e continuação agredir as forças Legais, e maçacrarem os habitantes fieis ao Governo do Imperio, Sitiando e bombiãdo as Cidades e principaes Villas da Província, e outro sim com a mais negra traição se tinha ultimamente tramado huma Conspiração nesta Capital em prijuizo e grande quebra da mesma Integridade do Imperio cuja Conspiração se pertendeu efectuar por meios de convenção com os Rebeldes ou chefes dos mesmos: E inconbindo lhe o artigo Cento Corenta e hum do Codigo do Proseço Criminal proçeder. Ex ofício contra os Autores, e cumplices de tão graves Crimes afim de serem punidos com as penas da Lei, por iso Ordenava a mim Escrivão que Autuada a mesma Portaria, e os documentos a ella juntos noteficase testemunhas que tenham conhecimento de cada hum dos factos expeçificados, e dos seos Autores para se proçeder ao competente Sumario da formação da Culpa a qual portaria e documentos sendo por mim aseita tudo Autuei e he o que ao diante se segue de que para constar fis este Auto que assignou o Juis e Eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevi e assigney.

Marcel Jozé da Camara.

Luis Man.^o Glz. Lages.

**O Juis de Paz de Porto Alegre determina
se proceda ao Sumário da formação de
Culpa dos implicados no movimento
revolucionário.**

Tendo chegado ao meu Conhecimento que nesta Província arebentou huma decedida Rebellião que teve principio no Anno de 1835 com o fim publicamente conhecido de desmembrar esta Província da Intigridade do Imperio, e constituila em Estado Independente com Governo Republicano o qual se instalou na Villa

de Piratini no Anno de 1836, havendo-se tãobem proclamado o mesmo Governo na Villa de Jaguarão, tendo-se assim consumado o Crime de Rebelião, e destruido a forma do legitimo Governo Brázilleiro, a Constituição Política do Imperio, e a sua Integridade, o que tudo consta pelos repetidos, e publicos factos de agreçoins, e rezistencia com mão Armada, q̃ tem feito, e continuão a fazer as forças daquelle partido rebelde; invadindo e hostilizando a maior parte das Povoaçoins da Provincia, cometendo innumeraveis mortes, ferimentos, roubos, Incendios, e vexaçoins violentas; havendo aquelle mesmo partido rebelde chegado ao horrorozo excesso de reunir huma grande parte de Escravatura da Provincia com promeça de lhe dar a liberdade, cuja Escravatura fazendo parte das fileiras rebeldes com mão Armada tem agredido, e continuão agredir as forças Legais, e massacrarem os habitantes fieis ao *Governo do Imperio*, Sitiando, e bombiando as Cidades e principais Villas da Provincia, e que outro sim com a mais negra traição se tinha ultimamente tramado huma Conspiração nesta Capital em prejuizo e grande quebra da mesma Integridade do Imperio; cuja conspiração se pertendeu efectuar por meios de Convenção com os Rebeldes, ou Chefes dos mesmos: E incumbindo-me o Art.º 141 do Codigo do Processo Criminal proceder exofficio contra os Autores, e Cumplices de tão graves Crimes, afim de serem punidos com as pennas da Lei, por isso Ordeno ao Escrivão deste Juizo, que Autuando esta, e os documentos que existão notifique as testemunhas necessarias que tenham conhecimento de cada hum dos factos expecificados, e dos seus Autores para se proceder ao competente Sumario da formação da Culpa no mais breve termo o que Cumpra na forma detreminada. Porto Alegre 3 de Julho de 1837.

Camara.

O JUIS DE PAS DA FREGUEZIA DE ST.ª ANNA
AOS CONCIDADAOS

O Dezejo que tenho, que prospere a Liberdade, e que para sempre seja banido de entre nos o Despotismo, me obriga hoje a convidarvos, para que penetrados dos mesmos sentimentos, vos presteis, a coadjuvar os nossos Conprovincianos; que abandonando os seus interesses privados concorrendo de todos os destritos, e

lugares, a engrossar, o Partido da Liberdade que se propunha a depôr o Ex Presidente Braga, e outras Authoridades do seu bando, que pertendião no nosso continente plantar o absolutismo; e por outros factos máos, por elles praticados. O Ex Presidente depois da sua fuga para a Cidade do Rio Grande /como consta/ tem ali perpetrado as maiores prepotencias; a vista do que convem qt.^a antes que não deixemos continuar tão pessimo procedimento daquelle Despota. E sustentarmos a pezar de tudo, nossas garantias, e liberdades e depôr de huma ves, quem nos cauza tantos males. Não vos deixeis illudir dos Missionarios Caramuros, que com o nome da boa ordem, trasião illudida muito boa gente; tratando de ladrões, e Farroupilhas aos do partido contrario: nomes estes que justamente competem aos Caramuros, * que com Capa de Santoens, tramavão a nossa perdição, empolgando os Empregos mais proveitosos. Creio que muitos de entre vos, estarião athe agora enganados, como eu estava, que ainda que nunca pertenci a esse bando de monstros; com tudo reciaiva ligar-me ao outro partido, por não poder penetrar de que parte existia a verd.^a e boa ordem por ambos se gloriarem de a seguir. Hoje que está dilucidado o enigma, já conheço, que os Caramurus pertencião á má, e os outros á boa ordem. Contra factos não há argumentos. He pois tempo, amigos, de mostrar-mos o nosso Patriotismo e seja o guia q̃ derija os nossos passos; e nos disponha a não tolerar mos já mais a servidão, com que nos querião mimoziar esses escravos do puder arbitrario: como neste destrito acabão de praticar alguns Cidadãos, que debaixo do mando de João de Azevedo tentárão reunir-se ao seu Sñr. Braga. O Exm.^a Vice Presidente nada me tem determinado a este respeito; talvez esperando que se desemvolva o nosso patriotismo, e que voluntariamente nos prestemos, como he razão. Ponderai Amigos, a cauza e nossa; os moradores dos Destrictos vezinhos, não tem mais obrigação do que nós de defender a Patria, e tem mostrado mais Patriotismo do que nós, e que são Brasileiros e amantes da Liberdade bem entendida; e tal foi o seu Patriotismo, que apenas constando-lhos estar digo ter chegado de improvizo. O Ill.^{mo} Cor.^e Bento Glz. da S.^a; e sem serem convocados, se reunirão a elle: imitemo-los pois: se o não fizer-mos passaremos pela sencura, e execração por que passão os Caramurus, inimigos da Liberdade. He justo pois que sem perda de tempo e com a maior assiduidade, corramos a prestar os nossos Servicos, para sustentar a nossa Liberdade. E vos Guardas Nacionaes criadas p.^a defender a constituição, e a Liberdade, não sejaes, ineptos, e insenciveis

* Com os necessarios Excepções

expectadores da revolução de 20 de 7br.^o incorporáveis ao vosso Commandante e voai a ajudar a sustentar, e defender nossas garantias, e Liberdades exercendo as vossas attribuições. Espera o Vosso Juiz de Paz, tanto dos Guardas Nacionaes, como de todos os Cidadãos, que estiverem em circumstancias de se prestarem ao Serviço Nacional, que o mais breve possível, concorrão a praticar tão importante dever.

VIVA O IMPERADOR O SÑR. D. PEDRO 2.^o VIVA A CONSTITUIÇÃO REFORMADA. VIVA A LIBERDADE. VIVÃO OS CORAJOSOS, E LIBERAES. CONTINENTISTAS.

Freguezia de Santa Anna aos 18 de 8br.^o de 1835.

O Juiz de Paz
João Pires Cerveiras.

Reconheço.

Camara.

Carta de Luis José Ribeiro Barreto a
Antonio de Azambuja Cidade — Em 25
de Março de 1836.

Am.^o e Sñr. Cidade.

V.^a do Tr.^o 25 de M.^o de 1836.

Neste momento recebo sua carta em q̃ me comonica as noticias que graçaõ nessa Cid.^a respeito ao Faxinal bem como m.^{tas} outras. & Hontem as nove hõras da noite cheguei a esta V.^a tendo hontem m.^{mo} estado no faxinal para honde havia marchado com nosso am.^o Leão q̃ foi com 167 homens, i entrou elle só com quatro pessoas, trazendo athe fora do Serra poucos momentos depois todas as pessoas mais influentes daquelle ponto, com as quais falemos e protestarão solenmente não se envolverem em couza alguma que podesse perturbar o publico succgo: elles estavam m.^{to} timoratos, e as familias terrorizadas se havião embrenhado nos Certões; não exestindo ali senão grande rivalidade entre aquelles moradores e familia de M.^o Lopes, rivalidade, sucitada por negocios particulares sem q̃ tenha nem hum motivo politico: Militão é verdade ter vindo

a esta villa trazer carta de Simas, a Leão, porem nem hum insulto fez nesta, q̃ alias receberia o premio de seu arrojo. He facil vm.^e julgar qual sera o dezaçocego de espirito que tenho tido com a imfausta noticia de ser derrotada nossa Coluna da Direita, bem que a perda de gente não foi como dizem os primeiros q̃ ese estraviarão, q̃ esses patifes, e a temeridade de Afonço forão cauza de algumas vitimas q̃ assáz me tem sencibilizado. Hoje porem se tem espalhado a noticia dada p.^r diverças pessoas q̃ no dia 20 foi M.^o Bento batido pelo denodado Bento Glz. que o derrotou completamente ficando o m.^{mo} morto e S.^a Tavares priozeiro e mortalmente ferido, esta noticia bem q̃ tenha probabilidade todavia inda lhe não dou credito p.^r descomfiar de tamanha fortuna em hum mom.^{to} p.^a com a morte destes dois monstros a Provincia inda pudera em breve gozar sucego. Sinto a noticia q̃ me da de ter chegado força do R.^o a Ar.^o não p.^r temela m.^a p.^r reciar os malles q̃ me podem vir desta medida (im)prudente do Governo Central. Respeito ao Cavallo em q̃ me fala para seu Am.^o Chagas, desde o mom.^{to} em q̃ elle lhe falou vm.^{os} devia entregarlho visto dezejar servillo ficando certo q̃ m.^{to} e m.^{to} gosto nisso me dava na intelegencia que eu m.^{mo} fazia em identico cazo com vm.^{os} e p.^r isso deve despor delle como lhe parecer participando ao Am.^o Alm.^{da} e no cazo de elle inda tentar a viagem me âvizara para eu mandar outro q̃ substitua aquelle. Agradeço a remeça que me fez do Mençageiro.

Nada prezentem.^{to} p.^r aqui ocorre e logo que cheguem participações da Coluna lhe farei ver sem demora. M.^a familia se recomenda saudoza e vm.^{os} disponha com franqueza da prompta vont.^a de

Seu am.^o obr.^o e cr.^o

Luis Jozé Ribr.^o Barreto

Reconheço.

Camara.

Sñr. Alf.^{os} Jozé Garcia de Azevedo.

V.^a do Tr.^o 2 de Maio de 1837.

Cartas de Luis José Barreto ao Alferes
revoltoso José Garcia de Azevedo.

Em 2 de Maio de 1837.

E' tempo de por-se termo a terrivel guerra civil q̃ tem infelizmente firmado a infelicidade de nossa Patria: Se a pouco os efemeros triunfos do partido Imperial, o fizerão capacitar aver baquiado o partido Nacional, hoje se deve ter capacitado aver tomado duplicado vigor e seu triumpho se á tornado infalivel: lamento p.^a q̃ vm.^{ss} e alguns outros Patricios pertendão prezestir tenazes em sua opinião, maxime nesta crize q̃ a maior parte da Provincia se tem declarado a favor do sistema q̃ avemos adotado, como o unico q̃ terminara nossos males. Anhelando a dezejada conciliação dos RioGrandences, p.^a ligados pelo laço fraternal curarem de sua mutua felecidade repelindo as tentativas de nossos externos inimigos, temos p.^r norte uma generozidade pouco vulgar, e lançamos denço véo em nossas preteritas dicenções, recebendo de braços abertos aqueles, q̃ conhecendo seu emgano busquem o apoio do partido Nacional. Vm.^{ss} deve lembrar-se de sua pozição, e dos males q̃ lhe podem sobrevir, e a sua familia, p.^a com tempo remedialos, abandonar as exaustas fileiras Imperiais, vindo unir-se a de seus Patricios, ou recolhendo-se ao seio de seus intereces domesticos: q.^{do} assim pertenda praticar lhe enviarei huma portaria do Gen.^{al} garantindo-lhe plena seguranca individual e de propriedade, e posso acegurar-lhe q̃ esta sera mantida e obecervada explicitamente. M.^a sinto não puder verbalmente fazer-lhe ver o q̃ intento a respeito, esperando q̃ vm.^{ss} conhecendo m.^a franqueza se comvensa da razão. Dirme-a sua opinião p.^a meu governo.

Estimo goze saude e felecid.^{ss} p.^r ser

Seu Patr.^o am.^o e cr.^o

Luis J.^o Rib.^o Barreto.

Reconheço.

Camara.

Traz esta carta o seguinte sobrescripto:

Ill.^{mo} Sñr.

ALF.^{ss} JOZÉ GRACIA D'AZEVEDO
&C &C

Faxinal

Ill.^{mo} Sñr. Luis Joze

Em 5 de Maio de 1837.

Sñr. Alf.^{es} Jozé Gracia de Azevedo.

Passo do Cahy 5 de Maio de 1837.

Da villa do Tr.^o lhe escrevi, conjurando-o a entrar no gremio de seus deveres abandonando a cauza injusta q̃ adevoga, não so p.^a evitar a continuação de males a nossa infelís patria, e a total imfelecidade de sua família, e como não tenho tido resposta óra reitero o m.^{mo} q̃ então lhe disse, acrecendo q̃ sendo preciso lhe enviarei a preciza portaria p.^a vir apresentar-se, devendo desterrar panicos receios, q̃ são plenamente endultados seus anteriores actos.

Pondere com prudencia em sua cituação e escreva-me p.^a meu governo.

Estimo goze saude e felicit.^{es} p.^r ser

Seu Patr.^o vr.^o e cr.^o

Luis Jozé Ribr.^o Barreto.

Reconheco.

Camara.

GAZETA MERCANTIL.

Subscreve-se para esta Folha, que sahe ás Quartas, e Sabbados na casa do seu Redactor, rua de Bragança, n. 45, a 2\$500 réis por Trimestre, pagos adiantados, e se vendem Folhas avulso a 100 réis.

Omne fuit punctum, qui miscuit utile dolet.

(Horacio.)

PORTO ALEGRE 1836: NA TYPOGRAPHIA DE J. GIRARD, RUA DE BRAGANÇA NÚMERO 45.

PORTO ALEGRE

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.

Não posso tolerar contradições, todas as vezes que ellas apparecem em papéis publicos; e o seu jornal está nas circumstancias de merecer uma rigida censura, se V. m. lhe não acudir com algum esclarecimento, que satisfaça a seus leitores.

A primeira folha da sua Gazeta, publicada em 15 de Outubro precedente traz uma Parte Official do Chefe da Esquadriha em Operações, J. P. Greenfell, dirigida ao Exm. Presidente da Provincia sobre os successos de 4 do dito mez na Ilha do Fânfa, pela qual se nos dá a entender, que o honrado Coronel Francisco Xavier da Cunha havia commandado a acção, que ali foi dada; aquella mesma acção que obrigou o vencido Chefe dos Anarquistas a recorrer á proposições conciliatorias quando lhe não restava já remedio algum para que appellar, por estar inteiramente sujeito á sorte das armas, e ao arbitrio do vencedor. Pelo mesmo tempo girava impressa na sua Typographia outra Parte Official dada pelo mesmo Coronel Cunha ao Exmo. Commandante das Armas, fazendo-lhe ver quaes forão as suas Operações no referido ataque, cuja exposição nenhuma duvida deixa á cerca de quem o dirige e commandou. A' vista d'estas duas Partes, bem conhece V. m. a probabilidade que ha, de que huma acção tão vantajosa á Legali-

dade, e tão mortifera para a Anarquia, fosse por todos os Legalistas attribuida aos esforços e pericia militar do Coronel Cunha, não tanto porque elle o dicesse á primeira Authoridade Militar da Provincia, como porque o seu dito era apoiado pela outra Parte, que o Chefe da Marinha (que com elle partilhara os louros da Victoria) dêra ao Exm. Presidente; mas quando todo o mundo esperava ver galardoad o merito d'aquelle Coronel, já conhecido pelo Vencedor do Forte do Itapoan, eis que apparece a sua folha N. 19, e desmentindo aquellas duas Partes, dá por Commandante do ataque o Tenente Coronel de G. N. Carlos Joze Ribeiro da Costa, sem dizer uma so palavra nem do Coronel Cunha, nem de alguns dos Corpos, que com elle operaram. Se isto fosse simplesmente dito por V. m. teria a dar-se por desconto a falta de exactas informações, bem que em tal caso as mencionadas Partes devessem prevalecer; porque tendo sido dirigidas ás primeiras Authoridades do Paiz por pessoas não ordinarias, mas antes, que alem de condecoradas, gozão do melhor conceito, parece trazerem o cunho de verdadeiras; 1º porque o ataque do Fânfa não he *nabo em sacco*, e 2º porque a taes Authoridades nao se mente, e ainda menos o farião militares, a quem o Regulamento commina uma pena, e bastantemente forte, annexa á falsidade de uma Parte; mas quem V. m. faz figurar sobre a scena, he a Parte Official do Exm. Commandante das Armas a S. Ex. o Ministro e Secretario d'Estado dos negocios da Guerra;

o que pode fazer gerar suspeitas menos favoráveis á honra, ou do Exmo. General, ou dos dous Officiaes Superiores que derão aquellas Partes; e nem um nem os outros estão no caso de lhes ser airoso o bandearem-se, seja elle por quem quer que for. Isto supposto, e vendo eu por outro lado que o mesmo Exmo. Commandante das Armas nunca seria capaz de enganar o Ministro com a sua parte, o que alem de ser improprio do seu caracter, já entre nós nimiamente conhecido, envolveria de mais a mais uma manifesta e imperdoavel injustiça, que supponho não ser elle capaz de praticar; segue-se, e palpavelmente se conhece, que similhante incoherencia só pode proceder de erro typographico, ou lacuna, que n'estes casos desorienta o leitor, e pode ser até de mui desagradaveis consequencias, visto q' pela discordancia, que entre as tres Partes se nota, indica haver falta de verdade onde quer que seja; e versando esta sobre objecto de bastante transcendencia, como seja o desbulhar-se a um da gloria, que lhe pertence, e attribuil-a a outro, por grandes meritos, que tenha, pode ser notado de parcial, ou o Exm. Commandante das Armas, ou o Chefe da Força Maritima, assim como o Coronel Cunha de ambicioso. As promissas, que acabo de pôr são infalliveis, e á vista d'ellas, qualquer que tenha conhecimento das trez personagens, de quem se tracta, facilmente se decidirá pelo meu pensamento; isto he, porque ha lacuna ou erro typographico, qualquer que elle seja; porem para as pessoas, que os não conhecem, e principalmente para aquelles, que ao longe podem ter d'estes papeis conhecimento, muda isso muito de figura: he portanto do seu dever, e de summa necessidade, esclarecer V. m. o negocio, para que o mal fique por agora remediado; e q' para o futuro os seus impressos sejam uma e outra vez escrupulosamente metidos á prova e revistos, afim de que não venha a passar pelo desgosto de ser repetidas vezes notado de reincidencias taes, que se desacredite a sua Typographia por causa dos erros e lacunas, que nos impressos se notarem,

Aproveite, Sr. Redactor, este conselho, que desinteressadamente lhe dá
Hum seu Amigo

PROCLAMAÇÃO

Riograndenses quebrou-se o sceptro da tirania, com que desde largo tempo nos oprimia o Governo do Brasil; suas violencias, suas injustiças, e seus caprichos, que serão largamente expoatos em hum manifesto fizerão resoar em uosso Horizonte o grito da independencia, e este grito magnanimo desprendido no Seibal Jagoarão, e Piratinim mui breve se estenderá em todos o angulos do Estado.

Ah! dia de prazer para os verdadeiros amigos da Liberdade; dia de gloria para os Rio-Grandenses, que amão sinceramente a sua Patria. Huma nova época commença a renascer que gravada com letras de Ouro nas paginas da historia formará a grandeza deste vasto Continente. Sim, a Nação Rio-Grandense hé desde hoje immediatamente um estado livre: Seu nome se escreve já na lista das Nações independentes, e o Governo Republicano, que adoptasteis fará de certo a vossa ventura. Chamado por vossos sufragios para desempenhar a primeira dignidade da Republica vos agradeço a confiança com que me honraes, mas sinto que por falta de luzes não possa preencher como devo as funções do alto emprego, com que fui investido. Todavia se não tenho grandes talentos para dirigir o leme do Estado, me sobraõ bons desejos. A opinião publica, essa rainha, do Universo, que decide da sorte dos Imperios, e das Naçoens, hade ser o norte, que guiará os actos da publica administração durante minha Presidencia. Eu sou feitura vossa, e este titulo honroso m'assegura a vossa franca cooperação para destruir os obstaculos, que se oponhão a nossa felicidade: Proclamando solemnemente a face do Ceo e da Terra nossa Independencia politica, desteis hum novo exemplo aos tiranos do quanto pode hum povo brioso, que quer ser livre. As bases do grande edificio social estão já levantadas; o resto depende de vossas virtudes, vossa constancia, vosso nobre coração, e vosso patriotismo—Sustentai pois vossa obra; conheça o mundo que os Rio-Grandenses são dignos da liberdade; unamosnos Caros compatriotas, para destruir os inimigos do nosso socego e da nossa prosperidade. A Cauza que defendemos é a cauza da Justiça contra a iniquidade é a cauza dos povos contra os seus oppreçores, é

em fim a cauza dos Rio Grandenses livres contra os escravos de uma corte viciosa e corrompida. Unamos-nos outra vez vos digo, e os pendoens da Republica tremularão triunfautes em toda a sua redondeza. Todavia se por uma cruel fatalidade a Deosa das Victorias não secundasse vossos esforços, pereçamos antes que entregar nossas mãos aos ferros do captivo: converta-se este bello paiz em um ermo; e sobre suas cinzas, sobre nossos cadaveres insepultos e tintos ainda de sangue, triunfem embora os tiranos; tenham o prazer cannibal de contemplar com rosto enxuto as ruínas da patria, mas ao menos não possuão escarnecer nossa desgraça. O nome dos Rio Grandenses será então recordado com respeito e dezojos pelas Nações do universo, que admiradas de tanto valor e de tanto patriotismo dirão: Ali existio um povo infeliz porem virtuoso; preferio antes morrer livre que viver escravo.

Palacio do Governo em Piratinim, em 6 de Novembro de 1836.

Joze Gomes de Vasconcellos Jardim.

Caduco por idade, e doido por geração, não he para nós uma maravilha, que este Authomato vivente fosse collocado á testa da cerebrina republica do Piratinim: estas duas qualidades constituem todo o seu merito, n'ellas se encerra todo o direito á sublimidade do cargo, em que o forão colocar os fraudulentos hypocritas, que para chegarem a seus fins demagogicos e aladroados, tem, a titulo de Liberdade submergido esta infeliz Provincia em um pelago de desgraças, e a tem reduzido a um lago de sangue.

Foi este pobre velho, junto com o quadrupede Onofre, quem elles acháram com mais aptidão para serem encarregados da abertura da revoltante scena da sua rebelião, pondo em alarme a nossa Capital, quando em Setembro do anno passado, sob pretexto de expulsarem o Presidente Braga, já legalmente substituído, se apoderarão d'ella para depois irem gradatim (1) conduzindo a agoa ao seu moinho! Sim forão estas as duas primeiras personagens, que vimos pizar o theatro da Anarquia, á frente dos peacens das Xarqueadas, armados de bandeirólas cor de fogo, e revestidos de baetas amarellas, que farião rir as pedras, se os males da Patria podessem dar entrada ao joco-serio! (2)

(1) Antes q' de todos se desmascarassem, andarão pairando sob diversas figuras, affectando sempre obediencia ao Governo Central, porem calcando aos pés tudo o que era justo e legal.

(2) Em verdade causaria riso, mas provocava indignação ver o entusiasmo, com que similhantes mascarados percorrião de grimpas no ar as ruas da Cidade, como quem diz: isto he nosso.

Forão, disemos, estes dous chefes imaginarios, e não outros, os q, nos vierão fazer cucas; porque os q' n'isso os mettêrão, mais expertos que elles, quizêrão de largo observar os resultados do primeiro impulso, sem que se manifestassem como actores no Drama joco-tragico: (3) mas seria isto por ventura em razão de serem elles os mais volerosos ou os mais peritos na arte militar? Não certamente; que valor, ou que pericia militar poderia ter um octogenario Capitão da pacata, isto he, das antigas Ordenanças, a quem não era dado conhecer o que fosse um quarto de conversão?! Como se acharião essas qualidades em uma armadilha, toda materia bruta, carne e osso sem espirito, que tendo inceptado apenas a vida militar; foi sempre sua principal applicação sobre o modo de espremer os naipes para que dessem algum succo? Logo as qualidades que n'elles para o effeito descobrião era somente o pagarem os altos de vazios; este por caduco e doido, aquelle por asno rematado; porque quando por fatalidade lhes sahisse o gado mosqueiro, e não encontrassem a indolencia e a ineptidão, se cahissem como os ratos na ratoeira os marimbondos se recolhião á sua casa, solemnizando o langará em que os tinham metido, e elles só he que tinham de patear. (4) Agora para premiarem aquelle, e outros muitos serviços do caduco velho, taes como os jantares que deo, as despesas com que suprio para as insidiosas manobras de tal canalha, (5) o pharisaico zelo, que inalteravelmente tem mostrado pela conclusão da grande obra & &; ou falando com mais precizão, para por um pouco lisonjearem a sua estultice e loucura, (6) o apresentarão na sua festa Imperador do Espirito Santo; e elle qual Rei de Congo da Irmandade do Rozario proclama, decreta, e agradece aos Rio-grandenses seus suffragios por virtude dos quaes he collocado no mal seguro throno da irrisoria Dictadura! Mas quem são esses Rio grandenses, de quem fala? Meia duzia de scelerados, que dão impulso á

(3) Só depois que tiverão a certeza de que se lhes não fazia resistencia he que forão buscar Bento Gonçalves, que tinha ficado nas Pedras Brancas vendo com seu oculo de punho os tourinhos de palanque.

(4) Agora ja não padecemos duvida de que aqui existia a celebre casa dos marimbondos, que em certo tempo servio de objecto a tantos debates sobre a sua existencia, ou não existencia: he tão verdade, que de lá he que nos vem todas as sanguinolentas ferretoadas, que ha 15 mezes estamos apanhando.

(5) Pobres dos filhos, que sem lhe poderem dar remedio, tem visto evaporarem-se esses cobres, que daqui a poucos dias devião fazer parte da sua herança!

(6) Elles buscarão pé no caso de algumas esperanças de duração, para se descartarem d'elle e entronizarem outro, que talvez ja esteja de olho para isso.

Anarquia podem acaso usurpar aos bons, e benemeritos Cidadãos o honroso titulo, de que se servem para illudir os incautos? Ainda mesmo quando junta toda esta horda de malfetores, e acrescentando-se-lhes os infelizes habitantes, que dominados por suas armas, o fazem por simples coração, todos votassem afluiz pela republica, seu presidente e ministros, poderia isso valer a maioria ou fazer pezo na grande maça dos Rio-grandenses? Poderia invocar-se este nome, ou dar-se ao tal governinho o titulo de *legal* como este miseravel, ou algum por elle o intitula? Mas em fim., segundo elle diz *as bazas do grande Edificio Social estão ja levantadas*; e ainda haverá quem duvide ser este o fim a que se dirigia o *glorioso 20*? Pois combinem os factos e os ditos e acharão o resultado. Agora vamos examinar o que este homem faz com a falta de luzes de que se queixa; (7) eis o primeiro coice.

DECRETO.

Piratinim 11 de Novembro de 1836, primeiro da Independencia e da Republica. Sendo patentes os revoltantes procedimentos, e as hostilidades manifestas do Governo do Brasil contra a Liberdade, honra, e interesse deste Estado por insidiosas insinuações de hum partido, que nada mais aspira do que agrihoar ao carro do antigo captivo, e opprimir com toda a especie de males, e horrores da perfidia, e da guerra civil aos honrados Rio-Grandenses, e sendo hum dos principaes deveres do Governo, tomar todas as medidas, que julgar acertadas não só para tornar effectiva a segurança, e respeitavel deffeza do Paiz, pondo ao abrigo de desesperadas tentativas de que possam lançar mão seus inimigos, mas também para privar quanto seja possível aos subditos daquelle Governo, que fazem a este Estado huma guerra devastadora, dos meios e recursos com que tentão tyrannizar aos seus habitantes, para sustentar seu pueril orgulho. O Presidente da Republica Decreta.

Art. 1.º

Serão desde já postos em effectivo sequestro, arrematados em hasta publica, ou vendidos por conta do Estado.

§ 1.º Todas as mercadorias existentes nas Alfandegas, Povoações, e Casas particulares d'este Estado pertencentes aos Subditos do Governo do Brasil.

§ 2.º Todas as mercadorias ou sua importancia pertencentes aos mesmos, que existem em poder dos Cidadãos d'este Estado.

§ 3.º Todos os Predios rusticos, e urbanos, que estiverem nas mesmas circumstancias.

§ 4.º Os gados, animaes mares, e cavallares, escravos, moveis, embarcações, ou parte d'ellas, que igualmente pertencerem aos Subditos Brasileiros.

Art. 2.º

Serão considerados subditos do Brasil, e como tales declarados inimigos da Patria todos os Brasileiros residentes nas diversas

(7) Por sua culpa: bastante cebo levão de Pelotas para fazer velas, e tudo fica remediado.

Provincias do Brasil, e os habitantes do territorio d'este Estado, que occultar ou abertamente por qualquer modo, tem hostilidade a causa da Independencia, ou que existão nas Praças occupadas pelo inimigo, se dentro do prazo de sessenta dias contados da data do presente Decreto, se não apresentarem ao legitimo Governo da Republica.

Art. 3.º

Serão levantados os sequestros, e restituídos os bens a aquelles dos comprehendidos no artigo 2.º, que dentro do prazo indicado no mesmo artigo se apresentarem a este Governo, os quaes receberão uma indemnisação, paga pelas rendas do Estado, equivalentemente ao valor dos bens sequestrados, caso tenham sido já vendidos ou arrematados.

Art. 4.º

O producto dos bens assim sequestrados, arrematados ou vendidos, entrará para os Cores das rendas do Estado. — Sr. Pinheiro de Ulhoa Cintra, Ministro e Secretario do Estado dos Negocios da Justiça, e Interinamente dos Estrangeiros o tenha assim entendido e faça executar. — José Gomes de Vasconcellos Jardim, Domingos José de Almeida. — Está conforme, José Joaquim da Silva Maya, Official Mayor.

Então que tal? Não ha liberdade mais esrambolica! Meia dúzia de desordeiros intentão mudar de fortuna a custa dos outros: para atrahir partido proclamão primeiro Liberdade, e com effeito fizerão prusellitos; mas principião a desmentir as palavras com as acções e esses mesmos desconfiados entrão a retirar-se; desmascarão-se então e o mais barbaro depotismo entrão a exercer o seu imperio; mas arreguão sempre liberdade; assim os Povos coactos concederão o que de livre arbitrio não podião conceder; então os credulos cahirão no seu erro, mas já tarde e quando se persuadião ter trabalhado para ser livres, elles mesmos haviam forjado os ferros que os haviam de manietar. Eis a verdadeira pintura dos farrapos; não os acrediteis, Rio-grandenses, elles o que querem he fazer de vós degrãos para subirem, perção-se embora as vidas de vossos Patriotas, Parentes e Amigos, com que vós nada lucraes, e elles tudo: entrão em vós; abandonai a si mesmo essa cafila de malvados e não consintaes que vossa Provincia, separando-se da communhão Brasileira, se affaste dos vossos bens, que podem fazer a sua futura felicidade. Não vós esqueças da judiciosa sentença que vos deixou Phedro:

Qui se committit homini tutandum improbo.

Auxilia dum requirit, exitium invenit.

Faz-se siente ao respeitavel publico que ninguém faça transacção, ou compra alguma com Joaquim Jose da Silva Junior, por este ter no fim de Outubro do corrente anno contractado os seus credores para humar conta de seus bens e para que ninguém se ciente a ignorancia se faz o presente annuncio.

Porto Alegre 15 de Dezembro de 1836.

Errata — No n. antecedente 1.ª pagina 2.ª cotem. linha 25, onde se lê contrato lea-se — contrato.

Porto Alegre 1836: Na Typ. de J. Girard.

Carta do Coronel José Manoel de Lima ao
Juiz de Paz Vicente Ferreira Leitão — Em
15 de Junho de 1836.

Ill.^{mo} Sñr. — As 6 da tarde a Cabo de Receber a participação de V. S.^a e sem perca de tempo ja fis seguir o mesmo ofício de V. S.^a p.^a o Sñr. Coronel Bento Gonçalves da Silva e neste ponto Se haxam Sento e tantos homes vindos da Chuna q̃ pertendia fazelos Seguir hoje p.^a a Capital e visto a Sua participação pertendo retelos, neste ponto a fim de reunir maior numero athe q̃ Saiba o q̃ deva Seguir a fim de repelir hiçes malvados. D.^a G.^a a V. S.^a quartel do Comando da Ligião do Município do Triunfo 15 de Junho de 1836.

Illm.^o Sñr. Capam.^m Vicente fereira
Leitão Juis de Pas Septe.^o

Jose Manoel de Lima

Coronel da Ligião do Município da Triunfo.

Reconheço.

Camara.

Sobrescripto:

Ill.^{mo} Sñr.

VICENTE FERREIRA LEITÃO

& &

Fazenda do Porto de S.^{ta} Anna

Ordem de Soltura de um legalista, expedida pelo Coronel Agostinho Antonio de
Mello — Em 19 de Janeiro de 1837.

A' Vista do documento que me pasou o S.^r Juiz de Paz de S.^{ta} Amaro, Fran.^{co} de Paula de Sigr.^a tendo Sido Prezo no dia 6 do Corr.^a de não auciliar por principio algum a Cauza legal, e dando a Sua palavra de Onra de aSim o Comprir, Ordeno Seja

Solto: as foras do meu Comando, e outra qualquer da Republica Senão embarasarão com o m.^{mo} por Ordem do Ex.^{mo} Comm.^{d.} do Exercito, Campo em marcha 19 de Janr.^o de 1837.

Agos.^{ta} An.^{to} de Mello

Cor.^{te} Comd.^e da Brigada.

Reconheço.

Camara.

Carta de Anacleto José de Matos a Inácio

Antonio de Moraes — Em 25 de Abril
de 1837.

Comp.^a Ignacio.

Cidade de Piratinim 25 de Abril de 1837.

Em quanto a desgraça permittio que os nossos Patricios estivessem dividos para hum partido estrangeiro chegar a ponto de quase dar a Lei na nossa querida Patria, nunca me animei a lhe dar noticia alguma só para lhe não comprometter: pela alta amizade que sempre lhe consagrei, e lhe consagro, m.^{ta} desejava dar-lhe algum parecer que lhe servisse de guia em crises tão arriscadas; mas o receio de comprometim.^{tos} me desanimavão na empresa: agora porem que a Divina Providencia permittio que todos os nossos Patricios de ambos os exercitos se dessem as mãos para sustentar a Independencia da nossa Patria, me delibero a communicar-lhe que todos os nossos receios estão acabados, pois Bento Manoel ja está a nosso lado com todas as suas forças, a campanha está toda nossa e ja marchão duas divisões fortes compostas das tres armas pelo Norte e Sul para retomar as nossas Povoações: ja não ha inimigos se não em Porto Alegre, Rio Grande e São José do Norte, mas estes mesmos são tão fracos q̃ breve sucumbirão. O Portador desta é o Macedo; eu e o Borba estamos bons, e lhe pedimos encarecidam.^{te} que faça toda a força para tirar

nossas familias da Cid.^a p.^a a sua Comp.^a, que nós responderemos p.^r todas as despesas: adeos athé breve. Milhares de saudades a Ill.^{ma} Snr.^a D. Maria. Aceite o coração de seu comp.^a amante.

Anacleto José de Mattos

P. S.

Peço-lhe outra vez q̃ forceje p.^a chamar a si a minha familia e a do Borba: se ellas não estiverem morando mais na Carid.^a, estão em casa de minha sogra no fim da rua de de traz da Igreja das Dores: minha sogra chama-se Narcisa Maria Coelho.

Reconheço.

Camara.

Sobrescripto:

Ill.^{ma} Sñr.

IGNACIO ANTONIO DE MORAES

Juiz de Paz de

São Leopoldo

Carta de José Gonçalves Lopes Ferruge a
sua mulher — Em 25 de Abril de 1837.

Cidade de Peratinim 25 de Abril 1837.

Sendo esta a nona Carta que lhes escrevo, eu não estou ainda baptisfeito; porq.^{ta} lembra-me que he mui facil a intercepção dellas; e o dezejo que tenho, que saibão a boa vida que tenho passado faz com q̃ não perca occasião de lhes escrever, e oxalá que Vm.^{mas} não tenham soffrido privações de maior, e q̃ não lhes tenham abandonado aquella constancia, e rezignação com que os deixei: eu creio q̃ estas tem cido Companhr.^{as} inceparaveis porq.^{ta}; a vista dos trabalhos q̃ outros paixão isto he nada; e mormente q.^{do} espero pelo momento

de achar limpo o Caminho que me deve guiar a vossos braços: então tudo se esquece, e só aparece Amor, e Amiz.^a

Na m.^a ultima lhes mandei dizer q̃ me tinham despachado Official Manor intr.^o da Secretar.^a da Guerra, e de novam.^{te} me derão Provizão de effectivid.^o do m.^{mo} emprego.

Tenhão ido a mais de oito Bailes, onde tenho dançado tudo q.^{to} sei e mesmo o que não sei. Aqui se achão os Am.^{os} de Infantar.^o Borba, Anacleto Jó, e todos os outros com saude perfeita.

Na m.^a ultima q̃ escrevi pedia a Farda o Chapeo de Castor, a Calça de Pano cor de azeitona, Colete de Veludo, humas Calças brancas, e de novam.^{te} ratifico. Cujos objectos mandarás p.^a o Petim, p.^a eu lá me servir delles; pois estamos a espera q̃ o Netto nos mande Chamar p.^a dentro, e talvez q̃ q.^{do} receberes esta eu ja esteja em vossos braços. Eu ando com o Prezidente, e por isso donde elle estiver eu ahí estou. Saud.^{es}, e abraços em todos os pequenos, e os de Caza, q̃ comprehenderá os da Capella e Porto, e Recomendações ao nosso pequeno Circulo de Am.^{os} Cid.^{es} & &. - O Hilario e V.^o m.^{to} cuidado me tem dado; porem tudo se ha de acabar. Saud.^{es} a meu Pai, e Mai & &.

O Juca

Reconheço ser a propria letra de Joze Glz. Lopes Ferruge.

Camara.

Carta de Joaquim Pereira de Borba
Baience a sua mulher — Em 25 de Abril
de 1837.

Rufina.

Peratinim 25 de Abril de 1837.

Grande é a minha saptisfação quando lanço mão da pena para saber da tua saude, e de todos q̃ nos diz pertence, pois a m.^a ao faser desta é boa.

Participo-te que temos tido grande saptisfação motivada pela tomada de Cassapava, da qual se rendeo quatrocentas e tantas pracas de Infantaria, e cento e tantas de Artr.^a com quinze pessas,

e logo de pois marchou a Brigada do Coronel Cressencio p.^a S. Fran.^{co} de Paula, e ahi presionou a m.^{to} Caramurus, e matarão trinta e tantos, a Brigada a onde eu me acho servindo q̃ é de Tropa de Linha fica a marchar por estes oito dias a tomar Rio Grande, e assim m.^{to} breve pertendo te dar hum abraço. Recebi por mão do Juca Ferrugem dois pares de meias de linho, e hum par de suspensorios. Muito mais cousas occorridas tinha q̃ te participar porem só me limito a comonicar-te estas q̃ são as mais intereçantes, apezar das outras não serem menos, porem p.^a saptisfação de huma boa Patriota são soficientes as comonicadas p.^a esta. Lembranças a tua Mãe, Mariaz.^a, ao Berto, e sua Snr.^a, S.^{ta} Izabel, &^a e hum abraço a Franklina. Juca, e Anacleto se recomendão saudosos, e tu recebas o coração de hum

Marido am.^{to} e Obr.^o

P. S.

Se vires o Custodio, dise-lhe q̃ não esmoreça q̃ m.^{to} breve verá a Patria salva, e q̃ o Cap.^m Lopes q̃ esteve morando com o Pimentel tambem veio no Numero dos Prisoneiros, porem q̃ forão todos os Off.^s soltos, e remetidos p.^a Monte Vidéo p.^a de la embarcarem p.^a o Rio, e os sold.^{os} ficarão fazendo serviço no Exercito Republicano.

O Borba.

Reconheço ser a letra e assignatura de Joaquim Pereira de Borba Baience. Porto All.^o 4 de Agosto de 1837.

Camara.

Sobrescripto;

Snr.^a

RUFINA DE SOUZA CAMBRAIA E BORBA

Porto Alegre.

Carta de Marcelino José do Carmo a sua
mulher — Em 26 de Abril de 1837.

Querida Esposa do Coração

Cidade de Peratirim 26 de Abril de 1837.

Com lagrimas torno a pegar na pênna p.^a saber da tua Saude, e igualm.^a dos amados e queridinhos filhos, e demais parentes, assim como dezejando a Saude de todos.

Amada Esposa não te posso isplicar-te os prazeres que tenho tido, e os demais Compatriotas que aqui se achão de vermos os nossos negocios quaze finalizados, e tendo isperança ao m.^{mo} tempo de q̃ em breves dias pertendo de te dar hum apertado abraço, e nos queridos filhos. Hoje istou me apromptando p.^a marchar com a m.^a Brigada ao distino de Rio Grande, e logo q̃ me ache mais sucegado lá hirei. Eu Te fasço lembra que se veres as nossas forças aproximarem, logo tratensse, de porem-se em segurança. Não te posso isplicarte com mais atenção p.^r estar com m.^{ta} pressa. Recomações a todos em Geral, e você e os amados filhos hum abraço e hum beijo. De teu marido q̃ te estima e até á morte.

G. Marcellino Jozé do Carmo.

Reconheço.

Camara.

Sobrescripto:

Ill.^{ma} Snr.^a

D. GUILHERMINA DE FREITAS E CARMO

& &^a

Porto Alegre.

PROCLAMAÇÃO

Industriosos Commerciantes do Continente! Vossos dignos Patricios, que hão proclamado, e sustentão a emancipação deste Estado, só almejam seu engrandecimento e felicidade, e conhecendo ser o commercio, e a industria o principal escudo destes sagrados objectos, ora a vós se derigem protestando-vos com ingenuidade a puresa de seus sentimentos, e d'esta arte esclarecer-vos do engano, em que haveis laborado, pelas calunias gratuitas dos inimigos da Liberdade: anhelando unicamente o reconhecimento da Independencia da Província, e do Governo Republicano, assáz temos patentiado, que nossa guerra se limita ás Forsas do Governo Brasileiro, e nunca ao commercio e industria, que alias incessantemente desejamos promover. Que vêdes praticar-se nas praças em que tremula o Pavilhão Nacional? Qual nossa conduta com os generos de commercio, condusidos ás Fronteiras, e Povoações centraes, bem como gados de corte e seus efeitos? A caso vos é extranho a liberdade, que se lhes ha facultado qualquer que seja a politica, opinião de seus proprietarios? Crede-me esta será nossa marcha constante: para que pois a protecção de Forsas Imperiaes ao embarque de vossos generos, quando lhe franquiamos? Faltar-nos hia meios de as repellir? Não: elles existem de sobejo; sendo porem contrarios aos principios, que havemos adoptado os temos deixado illesos é pois desnecessario tal apparatus, que tende a lançar o odioso no Partido Republicano, que em vão pertendem desconceituar, e vos protesto em nada intorpecer o giro de vosso commercio, cooperando a que se elleve ao possivel grao de grandesa. Deixai de prestar ouvidos aos ambiciosos e perversos, que vos concitam a guerra com quebra de vossos interesses, estes pela ilimitada ambição de mando, e gloria se não pejão com uma inproficua resistencia cravar o punhal no seio da Patria, destroindo com as fortunas particulares as riquezas do Estado: despresando as intrigas e cavilosas calunias dos inimigos da Liberdade, cuidai de vossos verdadeiros interesses dando, como outr'ora, impulso ao vosso giro commercial, asilando-vos no seio do partido Nacional, que garantindo pleno respeito as vossas propriedades coadjuvará seu engrandecimento. Quartel General na Villa do Triunfo 2 de Maio de 1837.

Antonio de Souza Netto

Gal em chefe do Exército

Reconheço.

Camara.

Carta de Antonio de Souza Neto, revol-
toso, ao Major José Ignácio da Silva,
legalista — Em 9 de Maio de 1837.

Ill.^{mo} S.^r Major Joze Ignacio da Silva — Marxando sempre coerente com os principios consiliadores adoctados p.^r mim, e pelo Governo Supremo d'este Estado Rio Grandense, me deregí á mezes a V. S., a exemplo do que pratiquei com a maior parte dos Officiaes, e enfluentes do iniquo partido Imperial, conjurando-os em nome da Patria á que abandonacem aquella injusta Cauza, voando ao seio dos Republicanos, que dezejando o termo da fatal discórdia, lanção denso véo nas preteritas discensoens, fazendo explicita liga fraternal. Quando sopunha que V. S., emitando a conducta de muitos outros que outr'ora pertencerão a sua comunhão politica, não perderia tão feliz oportunidade, para em socego voltar aos braços de sua Famillia, sendo de outra maneira impossivel conseguilo; sou informado q̃ V. S. tenás em seu caprixo promove novas reunioens a favor d'um Governo, detestado pela maioria dos Rio Grandenses, e que já mais prepunderará neste Estado. Pela ultima vez me derijo a V. S., para que quanto antes se me apresente com a reunião que tiver feito, certo que será garantida sua liberdade individual, e de propriedade, bem como dos demais individuos que o acompanhão: alias lançarei mão dos meios a meu alcance, para fazelos emtrar no gremio de seus deveres: medite em sua pozição, e decida o q̃ melhor lhe convenha. Sou sinceramente

Seu Attento V.^{or}
Antonio de Souza Netto

Paço da Caxoeira 9 de Maio d'1837.

Reconheço a assignatura ser do próprio.

Camara.

Sobrescripto:

Ill.^{mo} S.^r Major

JOZE IGNACIO DA SILVA

& &

Aonde se achar.

O CAMPEÃO DA LEGALIDADE

Subscreve-se para esta Folha, que sahe ás Quartas, e Sabbados na casa do seu Redactor, rua de Bragança, n. 45, a 2\$500 réis por Trimestre, pagos adiantados; e se vendem Folhas avulso a 100 réis.

Não he crime censurar os actos do Governo, e da publica Administração, em termos, posto que vigorosos, decentes, e comedidos.

(Cod. Crim. Art. 9 § 4.)

PORTO ALEGRE 1837: NA TYPOGRAPHIA DE J. GIRARD, RUA DE BRAGANÇA NÚMERO 45.

RIO DE JANEIRO

CAMARA DOS DEPUTADOS

Extractos sobre o Rio Grande do Sul.

O *Sr. Lima de Abreu*, respondendo ao nobre relator da commissão que disse que o governo pedio credito, autorisação de promover, que tudo isto se concedeu e todavia o Rio Grande se acha em peiores circumstancias, queixa-se de que o nobre deputado olha para os factos e parece tirar delles a conclusão, de que o governo he o culpado de tudo. O governo poderia responder que pedio a lei de suspensão de garantias, o direito de promover, que isto lhe foi concedido, mas que com a lei de suspensão de garantias, com o direito de promover e com os recursos que o corpo legislativo lhe deu, pacificou, completamente o Pará, quando essa provincia estava quasi desunida do imperio, quando a administração passada tomou conta dos negocios do estado. Logo, he de mister examinar quaes forão essas causas que fizerão com que essas medidas não produzissem o mesmo resultado que produzirão no Pará; e este trabalho, o nobre relator da commissão tem-se ungado a fazê-lo. Procura-se achar as causas na mesma conducta do governo, dizendo que elle havia variado tanto acerca da nomeação dos presidentes, como mesmo de sua politica. Pelo que pertence á politica do governo concernente a provincia do Rio Grande, o orador julga ter convencido a camara com provas de que o governo nunca mudou de politica. Quanto á nomeação de diversos presidentes, repete o que disse em outra occasião a este respeito.

O *Sr. Carneiro Leão*, respondendo ao antecedente orador, censura a conducta do governo nos negocios do Rio Grande, e as diversas nomeações dos presidentes, concluindo que o governo não teve plano fixo e andou sempre vacitando, talvez para attender ás gritarias de huma ou outra parte, pois o certo he que ha pessoas daquella provincia que tem differentes opiniões sobre o modo de pacifica-

la, approvando huns a conducta do Sr. Jose de Araujo, e outros a do Sr. Antero.

Acha que não pode haver comparação alguma com a Hespanha a não ser a oscillação que tem havido para a nomeação de hum sem numero de generaes. A guerra de Panellas igualmente citada não pode entrar em comparação com a do Rio Grande; nunca o ministerio considerou a guerra de Panellas de consequencia extraordinaria; nunca pedio para Panellas um credito supplementar, suspensão de garantias ou direito de promover; donde se vê que nunca se previu ou receou que as provincias das Alagoas e Pernambuco se fossem constituir republicas por causa da guerra de Panellas.

Devemos por tanto, diz o orador, approvar o periodo em discussão, porque se o regeitarmos, parecerá que approvamos tudo quanto fez o ministerio passado, e autorisamos o ministerio actual para seguir a mesma politica e continuar na mesma vacillação. Isso não convém de sorte alguma. Nós devemos mostrar que condemnamos taes vacillações. Não he huma censura esteril que se quer fazer ao ministerio cahido, porque, na verdade, o artigo contém censura, mas he huma censura util para que o ministerio actual fique certo que, se continuar com a mesma vacillação, não encontrará apoio na camara.

O *Sr. Cornelio*, acha que o periodo exprime huma verdade inegavel; refere-se a alguns dos argumentos produzidos por outros oradores, para mostrar que, a respeito dos negocios do Rio Grande do Sul o governo não teve plano algum.

O *Sr. Souza Martins*, entende que do modo porque os ministros na falla do trono se exprimem, na parte em que neste periodo se lhe responde, sobre huma questão tão vital como a da provincia do Rio Grande do Sul, não lamentando a continuação da guerra, não entrando nos pormenores das medidas de que lançou mão o governo, não dizendo que viria propôr á assembléa geral medidas para conseguir o restabelecimento da tranquillidade na

provincia, mas dizendo apenas que continua a lançar mão das medidas de que pode dispor, parece dar-se a entender que a assembleia geral não tem dado ao governo todos os meios necessários para a pacificação da provincia do Rio Grande do Sul, e que, ligado unicamente aos meios á sua disposição, não pode por isso obter a pacificação da provincia por falta de recursos e meios; á vista do que a commissão encarregada de responder a este tópico, devia, sem duvida, dar a entender que a assembleia geral tinha dado os meios que se tinham propozto para pacificar a provincia do Rio Grande do Sul, e que tendo dado estas facilidades, era lamentavel que a provincia não estivesse pacificada; resposta a mais natural, e justa!.

Entretanto, diz o orador, o Sr. ex-ministro dos negocios estrangeiros, fazendo esforços para desculpar a conducta da administração passada, fallou sobre suspensas que já tinham havido nas anteriores administrações de que se preparava uma sedição. no Rio Grande do Sul. Não me quero occupar das faltas que poderão ter tido as administrações anteriores, talvez tenham alguma culpa; mas pode-se supor que antes de apparecer a revolução, podião ser mais ou menos fortes, e mais ou menos efficazes as medidas, segundo os indícios; mas depois que appareceu, pela combinação dos factos anteriores, devia o governo estar convencido de que a revolução tinha vistas muito mais amplas do que parecia, e por isso devia o governo empregar todos os meios á sua disposição para pacificar a provincia, fazendo logo recrutamentos nas provincias. Verdade he que o recrutamento se fez, mas muito depois. . . .

O Senhor Rafael de Carvalho. — Tudo quanto quiz alcançar o Sr. José de Araujo Ribeiro, e até me consta que nem dava satisfação ao governo geral. Pretendeu-se levantar um partido de desgostosos nas fileiras da legalidade, á cuja frente estava o Sr. Eliziario; he demittido por isso o Sr. Araujo Ribeiro, e a quem nomeia o governo? Ao Sr. Eliziario, áquelle que estava á frente de um partido contra o Sr. Araujo Ribeiro. O que aconteceu daquí? a scisão do partido da legalidade. Mandão os partidarios do Sr. Araujo Ribeiro uma representação para o governo central; roubão esta representação ao emissario, que he obrigado a voltar para arranjar outra; eis aquí já um principio de facto, não he buma questão de palavras. Volta o emissario a dirigir-se ao governo central; entretanto quer retirar-se o Sr. Araujo Ribeiro, mas o seu partido lhe pede que não vá; deixa-se ficar, e com a sua estada se consumirão todas as desordens que se tem visto. Esperançado de que voltaria a ser reintegrado, condescendem com o seu partido. Mas podia o presidente, que antes jul-

gava não poder sustentar-se, esperar fazê-lo depois que tinha tido lugar aquella acção de facto? Não contou o Sr. deputado com o partido existente na provincia, que lhe havia declarado a guerra? Estas razões são bastantemente fortes para o Sr. deputado não continuar a permanecer na provincia, e quando o fizesse, não devia ser como presidente. Permitta-me tambem que lhe diga que essa aca, que se dizia que tinha o Sr. Araujo Ribeiro, não era tão grande como parece. Que confiança pode merecer um chefe, quando os seus proprios defensores lhe chamão de *donzella*? . . .

Entretanto o Sr. Araujo Ribeiro, desesperado de ver que não podia sustentar-se principia a sair de seus deveres, e da lugar a levantar-se contra elle na provincia um partido; fazem contra elle humá representação, e a final he demittido, e vai o Sr. Antero nomeado para o lugar d'elle.

Quanto á prisão do Sr. Antero, não sei se o Sr. deputado se pode livrar de alguma suspeita. O nobre deputado, apesar de toda a fleugma com que pronunciou hontem o seu discurso, houve um ponto em que lhe ouvi tremer a voz, os olhos ferião fogo; e foi quando o nobre deputado referiu que não pôde soffrer a ingratidão dos exaltados. Todos estes sinais de coizura fazião ver que nutria sentimentos de vingança.

(Do Jornal do Commercio).

PORTO ALEGRE

Parte do Netto sobre a tomada da Villa de Cassapava.

Ilm. e Exm. Sr. Appresso-me á dar á V. Ex. e a todos os livres Continentes os parabens pelo fausto e extraordinario triumpho, alcançado hoje pelas forças do meu commando sobre os retrogrados estacionados na Villa de Cassapava. Dispunha-me a operar pelo centro, segundo fiz ver á V. Ex. no meu anterior officio e já occupava o passo de *Francisquinho*, quando fui informado, por um officio do Coronel João Antonio, de ter Bento Manoel, por intermedio do Alferes Loureiro mandado offerecer ao mesmo os seus serviços, visto o desgosto, de q' se achava possuido pela traição commettida com elle, advertindo na mesma occasião, ao dito Coronel, que convinha muito que fosse atacado a Villa de Cassapava, lugar em que estava todo o deposito bellico de campanha e o que João Antonio conheceuo quanto era vantajoso: marchou a sital-os participando-me para que o ajudasse. Não vaciei em marchar sobre o inimigo; tendo chegado a este ponto a 2 do corrente, fiz no mesmo dia buma intimação aos sitiados, que a pedido

seu estavam em suspensão de armas, concedendo-lhes este até o dia 5. Terminado este prazo reiterarão a petição anterior, á qual assenti; pouco a pouco conheci a maldade com que o exigião, porem sabendo que tinham 700 homens das trez armas não me convinha attacal-os com tanta rapidez, *esperando desmoralizal-os com alguma demora mais, introduzindo proclamações de &c. &c., que felizmente produzirão o resultado desejado*; toda a cavalaria os abandonou, incorporando-se parte della ás nossas fileiras e evadindo-se o resto pelos montes vizinhos. Hontem á tarde fui informado que tratava de retirar-se com a Infantaria e 25 homens de cavalaria que lhe restavam; e dei as providencias necessarias para perseguil-os logo que abandonassem a sua posição. A's 7 da noite empreheenderão a sua retirada; apenas deixarão a povoação, marchei pela sua retaguarda e occupei os pontos apoderando-me logo da artilharia, que deixarão. O Coronel João Antonio com a divisão do seu commando estava a frente do inimigo; este perdendo a sua posição, e a artilharia, e achando-se entre duas columnas fortes, rendeu as armas; e deste modo concluiu o nosso triumpho, sem que em todo o periodo do sitio houvesse um só tiro, ficando nesta Villa grande porção de munições, 15 peças, e 400 e tantas armas de infantaria.

Conserveo debaixo do custodia todos os officiaes; quanto aos soldados trato de engajal-os ao nosso serviço.

A primeira brigada com 3 peças e 200 Infantes deve marchar com brevidade a esse ponto, para operar sobre Pelotas, Rio Grande em combinação com o Coronel Crescencio, em tanto que eu sigo operando com o resto da artilharia sobre o centro. O inimigo esta por toda a parte nos ultimos paroxismos, e com a prisão de Antero um perdido toda a força moral; o que me faz alimentar a lisonjeira esperança de que em todo o mez de Maio terminaremos nossa heroica luta.

Deos Guarde a V. Ex. Accampamento em Cassapava 8 de Abril de 1837. — Ilm. o Exm. Sr. José Gomes de Vasconcellos Jardim. Presidente da Republica Rio-Grandense. — Antonio de Souza Netto, Commandante do exercito. — Esta Conforme. — Domingos José de Almeida, Coronel Quartel Mestre General.

(El Universal de Montevideo.)

Publicamos o Officio do Netto para convencer aos incredulos, da liga que o traidor Bento Manoel fêz com os rebeldes. Para nós nunca foi este objecto de duvida depois que vimos o seu Officio ao General Chagas, e soubemos da sua assistencia ao Conselho, que os Rebeldes tiveram em Cassapava depois da tomada desta

Villa. Porem outros entre os quaes contamos um dos nossos Deputados á Assembléa Geral, ate hoje duvidão que Bento Manoel fosse capaz de fazer semelhante alliança. Agora com o Officio do Netto não sei que nos possam responder. Inda hão de haver desculpas, sempre se hade dar um verniz á acção infame do Traidor! porque em fim homens não faltão, que estejam prontos a serem cúmplices de todas as maldades.

Outro fim tivemos em vista publicando este Officio, que foi fazer notar aos nossos Leitores a tactica de que Neto se servio para desmoralizar a nossa Força em Cassapava. Tratando de negociações, entrando em correspondencias, espalhando proclamações; taaes forão os meios que, nos diz Neto, lhe surtirão bom effeito. Aproveitandoq esta lição do nosso inimigo, fizemos conhecer seus artificios das Autoridades, á quem convinha; sendo sempre nosso aviso, que senão abrissem negociações com os rebeldes, porque seriam infructuosas, e poderião trazer os resultados de Cassapava.

Porem nada desviou o Presidente da sua tenção, e todos forão testemunhas desses vergonhosos entretenimentos com Neto. Felizmente este não soube aproveitar as boas disposições, que havia a seu respeito, e contra a expectação dos Emmissarios rompeo o fogo contra a Cidade, constrangendo por esta forma o Presidente a não continuar a sua missão conciliadora. Sem isto não sabemos se Porto Alegre estaria hoje em poder dos rebeldes. Elles mesmos nos salvarão poa sua precipitação e pouco tino. No meio dos males que nos tem cauzado, devemos-lhes ao menos este beneficio. Oxalá que d'aqui se apprenda alguma coiza, e não se torne a comprometer nossa segurança por meio de impoliticas transações com os anarquistas! A' quem toca, que aproveite.

Manoel Caetano da Silva — Nota do Registro dos prezos: *prezo por haver conduzido correspondencias dos rebeldes para esta Cidade, e ter publicamente desacreditado o Governo legal, exaltando o Anarquista; o que consta por d nuncias de Matheus Gonçalves, Leonardo Joaquim, José de Cerqueira, João Pio, José Ignacio Cosconho.* — He a favor deste homem que o Exmo. Presidente o Sr. Nunes Pires deu o seguinte despacho! : « Seja solto o Supplicante com a condição de não sahír da Cidade até segunda ordem, devendo logo apresentar-se-me. — Nunes. — »

Por mais que queiramos abster-nos de fazer censuras ao Sr. Nunes Pires, não podemos; porque á todo o instante seus actos desafião nosso exame, por menos conformes á lei ou as conveniencias politicas.

No caso que referimos, S. Ex. para obrar em regra, não deveria soltar o preso, visto estar tão indiciado de crimes por tantas testemunhas contra si. Cumprilhe remetê-la ao Juiz de Paz para proceder á inquirição da verdade. Desta forma he que elle seria um bom executor das leis, não concorrendo de sua parte para que o crime ficasse impune. Isto cabia fazer em tempos boudançosos, quanto mais no estado de sítio em que nos achamos, quando comsem tomar todas as precauções, e ter toda a vigilancia para que não sejamos preza dos inimigos occultos que existem entre nós. Sua Ex. tanto conhece, que hia praticar um acto de reprobvação, que para tira-lhe o que hia de revoltante, ligou-lhe a condição de que o *Supplicante não pudesse sair da Cidade sem segunda ordem*. Porém devemos observar, que não o tendo recommendado á vigilancia das Autoridades policiaes, nem exigido d'elle seguranças de sua fidelidade, pôde o homem muito bem satar-se quando queira; e assim a condição he puramente illusoria, dando-nos por isso lugar a pensar, que não foi posta mais que com o fim de *dourar a pilula*.

Nós não sabemos achar desculpa a este procedimento do Exm. Presidente; para ser erro, he muito errar. Desde o começo de sua Administração que não tem cessado de soltar anarquistas, e não somos exagerado em dizer que quase se a isto se tem reduzido as funções da Presidencia. Não falaremos da soltura do Amaral e de outros, que tornarão á ser recolhidos á prisão: citaremos um outro facto de mais recente data. Os nossos Leitores hão de recordar se da captura que o Major Ozorio fez do outro lado da Picada de huma partida de rebeldes commandada pelo celebre Pintado, a qual veio toda parar nas prisiones do Oitavo. Pois acreditarão multos desses, que forão apanhados com as armas na mão, que por sua resistencia, chegarão a matar um homem nosso, tem sido soltos pelo actual Presidente? E depois destes factos queixa-se S. Ex. de não ter força moral! Como á quer ganhar, praticando actos, que o perdem na opinião? Como quer possuir a confiança dos Legalistas, se he tão misericordioso para com os q' tem a sassinado seus companheiros, roubado seus bens, fomentado nossas desgraças? Bem diase o Cincinnati — Veja-se outro homem para Presidente, e não o Sr. Nunes — O tempo vai confirmando a profecia.

Por alguns *passados* sabemos, que os rebeldes tem havido de S. Catharina munições e generos de que necessitam, sendo principalmente da Villa da Laguna, que extraem estes recursos á troca de couros, e vélas de sebo. He mister, que o Governo olhe com attenção para este negocio, e a primeira medida que conviria tomar, seria em nosso entender a demissão do Presidente Machadinho. Ao Ministerio não deve ser desconhecido o grande intro-

gante do Exército do Sul, o famoso assassino do Pará e comparsa dos Republicheiros do Rio Grande. Nós não sabemos particularmente do seu procedimento em S. Catharina; porém recorda-mos a comitiva que d'aquí levou para aquella Provincia, toda composta de exaltados farroupilhas; e á ajuizar pelo — Bemfazejo — Folha que he rigidida debaixo da sua influencia, podemos assegurar que o homem he o mesmo, nada perden da perversidade de seus sentimentos. Alguns numeros que temos lido, desenvolvem grande simpatia pela causa da rebelião, e em sobre todos torna-se notavel pela defeca da traição de Bento Manoel. Urge por todos os principios, que o Machadinho seja mudado. Se não fór, conte certo o Governo, que não tardará a revoltar-se S. Catharina, e em todo o caso hão de ali sempre achar apoio a protecção os anarquistas desta Provincia. Parece, que já he tempo de merecermos a compaixão do Governo! . .

O CORREIO DE 20 DE SETEMBRO.

O Corréio sempre nasceu no dia 3 de Julho, e sahio *humzinho* como era de esperar. Na parte Official tráz a *paga* do Redactor com a nomeação de Secretario do Governo; — nada mais justo, porque *dignus est mercenarius mercede sua*. Vem depois o arrolamento das fatinhas, para que seus donos as vendão baratas por patriotismo, e acaba com a pasmosa providencia de que os Juizes de Paz assistão ao talho da carne. Tudo isto he de arromba e digno do *poder sobrenatural que inspira ao recém-nascido*.

Na parte não Official não he menos interessante: escreve um longo artigo para nos dizer que a Provincia offerece um aspecto *triste-bundo*. Oh! era verdade, que ninguém sabia: muito adiantado anda o Corréio! e á elle que pouco se dá de dizer coisas já sabidas; venhão os cobres, e sejam ditas com as regras da *grammatica*, que todo vai á medida dos seus desejos. Conclue finalmente pelo artigo. — Variedade — onde descreve as proprias manhas, e seu fiel retrato, que remata com um nome que parece ser de algum bicho *medonhoso*. Vale muito ter um bom *Mestre!* sem este auxilio não sei como o Corréio poderia excitar tanto interesse, em suas *gloriosas* paginas. Continue por este andar, que muito emprego hade dar o Corréio aos mantegueiros.

ANNUNCIOS.

— No dia 8 e 12 da corrente, em casa do Sr. Juiz dos Orãos, se hade achar em hasta publica, hum escravo de nome João Nação Cablada, idade 19 annos pouco mais ou menos, bom campeiro, adomador, e roselleiro; o qual está avaliado em 500\$000 réis, que se receberão em moeda de cobre grosso.

— Na rua da Praia, passando o beco do Fauha em um loja de fazendas, que faz frente ao sobrado novo de 3 andares, vende-se um preto cozilheiro, e uma preta que cose e lava, são sadios e sem vícios.

— Há para alugar varias moradas de casas em diferentes lugares da Cidade; dirige-se a Gaspar Froés da Silva: o mesmo tem uma porção de fazendas que as dará pela metade do seu custo.

— Quem tiver, e queira dar á premio a quantia de um conto de réis, com boas firmas, dirija-se a esta Typographia.

Offícios do Juiz de Paz de São Leopoldo
ao dr. Marciano Pereira Ribeiro, Vice-Pre-
sidente da Provincia.

Em 18 de Janeiro de 1836

Lopia

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. = Os Colonos Alemães magoados extremamente com os falsos boatos de que homens mal intencionados, e inimigos de suas tranquilidades tem feito apparecer, ate a pontos de fazer chegar noticias falsas ao Governo da Prezidencia e certo de que taes homens tem tentado illudir alguns cinceros Colonos uzando de todos os arteficios para elles se dedicarem a seus nefandos planos, respeitosamente implorão a V. Ex.^a para que mande uma ordem energica para fazer retirar deste ameno lugar; todos os indeviduos bem conhecidos por turbulentos, offerecendo-se os mesmos Colonos para fazer tal empreza em cumprir com a ordem dada por V. Ex.^a e para desta forma patentiar a toda a Provincia a verdadeira neutralidade que elles tem nos negocios dos Brasileiros e para de uma vez fazer ver a estes facciosos que em nada devem contar com os Alemãos. Sou informado por um Colono por nome Canarim que tendo no lugar denominado arroio do Portão tido uma dezavença entre um faciozo dos que estão juntos debaixo do Commando do Brigadeiro Gaspar Mena Barreto, com um Colono, logo emediatemente o dito Canarim fez reunir duzentos e cincoenta Colonos e foi saber da força dos facciosos o motivo de tal dezordem, e os mesmos dando-lhe mil satisfaçoens; offereceo-lhe o Brigadeiro Gaspar dois Contos de reis para se reunirem a elles, os quaes regeitarão semelhante offerta e me vierão dar esta participação, e me certifica achar-se no numero dos facciosos o Coronel Vicente — Padre Antonio que se passou ontem para elles antes da Missa; o Visconde de Castro, Ten.^a Silva Barboza Tenente Antonio Maria, e tudo quanto era Official que aqui se achavão, e me informão q̃ hoje pertendem por aqui passar para se acharem nessa do dia vinte. Tendo dado todas as providencias que julgo ao meu alcance para sustentar o socego desta Colonia ajudados pelos pacificos Colonos que de bom grado se prestão, e ancioso espero a resposta de V. Ex.^a sobre a representação dos Colonos para eu saber rezolver. D.^a G.^a a

V. Ex.^a São Leopoldo 18 de Janeiro de 1836 = Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sñr.
D.^{or} Marciano Pereira Ribeiro Vice Presidente desta Provincia =
O Juiz de Paz Ignacio Antonio de Moraes =

Está conforme.

Jozé Luiz Vicente da Costa.

Reconheço

Camara.

Em 18 de Janeiro de 1826

Copia

Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sñr. = Hontem recebi o Officio de V. Ex.^a datado de 16 do que rege senificando-me que no Campo bem destricto de minha Jurisdição se reunia gente armada, passei logo immediatamente ao Officiar ao Inspector daquelle quartelão para me informar sobre este objecto, e como tivesse saído a fronteira a tratar de seus Negocios, dirigi-me a Manoel Bento Alves por ser pessoa de minha confiança, e pela resposta que me dá que junto offereço a V. Ex.^a ficará convencido aonde hé a reunião, acrecendo dizer a V. Ex.^a que a novidade que houve aqui foi eu mandar prender o portuguez Menezes e este evadir-se, tendo entrado em caza do Coronel Vicente, achando pronta saída pelo quintal antes da caza ser cercada, sobre Silva Barboza nunca tive ordem para o prender, e logo que appareça no meu destricto será perseguido conforme diz V. Ex.^a em seu Officio, fiz tãobem espalhar as proclamaçoens e Officios que V. Ex.^a me enviou por toda a Colonia, e officiei ao Commandante dos Guardas Nacionaes, para reunir os guardas e toda mais gente que poder, afim de ser repelida toda e qualquer força que appareça.

Deus Guarde V. Ex.^a São Leopoldo dezoito de Janeiro de mil oito centos e trinta e seis. = Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sñr. Doutor Marciano Pereira Ribeiro Vice Presidente desta Provincia = O Juiz de Paz Ignacio Antonio de Moraes =

Está conforme.

Jozé Luiz Vicente da Costa.

Reconheço

Camara.

Officio do Juiz de Paz de São Leopoldo
ao dr. Américo Cabral de Melo, Vice-
Presidente da Província — Em 24 de
Março de 1886.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Señr. = Tenho de levar ao Respeitavel conhecimento de V. Ex.^a que hoje 24 do corrente me constou ter sido denunciado ao Coronel Commandante da Força Armada deste Districto, pelo Padre Protestante João Jorge Herlles, que este sabia de certo q. o D.^{or} João Daniel Hillidebrand, tendo mandado hum seu bombeiro de nome Cristiano Deis, a Cidade de Porto Alegre agora proxinamente, que logo que este chegou chamou o D.^{or} varios Allemaeñs dos do seu partido a conselho, e depois de terem conçultado sentárão em Reunir os homens de sua facção e passarem a esta Cappela afim Senistros, e consta-me mais que isto mesmo assévera outro Alemao de nome Gaspar Hilario morador com seu negocio neste Curato, ao m.^{mo} Coronel Commd.^a conferindo huma couza com a outra, o que logo que me chegou a noticia emmediatam.^{te} fui ter com o Coronel, e este me asseverou ser verdade ter-lhe sido denunciado o expendido pelos mesmos Autores, e me disse mais que lhe constava que no Faxinal há jente Reunida entrando no N.^o destes José Thomaz de Lima, o Capp.^m João de Azevedo, os Irmaos do m.^{mo} Azevedo, e outros mais do mesmo Sistema e que estes tencionaõ fazer junção com a jente do Doutor Hillidibrand, virem a esta Povoação e de aqui seguirem para essa Cidade, ao mesmo tempo que me dizem que os Alemaeñs que nos ajudarão na lucta de vinte e hum de Janeiro estão pouco saptisfeitos por não verem aqui huma Força Respeitável, sem a qual dizem elles se estão comprometendo.

Partecipo mais a V. Ex.^a que ontem 23 do Corrente pelas 5, para as ceis Óras da tarde chegarão aqui, vindos do Pásso do Rozario estraviados os G. Nacionaes Feliciano José da Silveira, Camarada Ignacio José de Santanna, hum Camarada desse Districto da Cidade de Porto Alegre, e outro Piá de nome Vicente Residente no Pinhal aos quais perguntando-se-lhe d'onde vinhão disserão terem sido derrotados por Bento Manoel no m.^{mo} Pásso do Rosario e que por verem a força a que pertencião toda disperça que por isto se Retirárão a esta Cappela, e que eu não fiquei satisfeito com semilhante procedimento, e por isso lhe fiz ver que não tinham obrado como devião, pois que sendo todos estes solteiros com mais gás se devião procurar Reunir ou ao Commandante

Interino das Armas em Cassapáva onde elles dizem estáva o m.^{mo} ou com o Ill.^{mo} Sñr. Coronel Comm.^{d.} Supperiôr dos G. Naccionaes, que os m.^{mos} dizem se julgáva perto d'aquelle ponto.

Hê o quanto tenho a levar ao Respeitavel conhecimento de V. Ex.^a para seu governo e intelligencia. D.^a g.^a a V. Ex.^a por m.^a annos. Cappela da Colonia de S. Liopoldo 24 de M.^o de 1836.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. D.^{or} Americo Cabral
de Mélo Visse Prezidente desta Provincia.

O Juiz de Paz

Ignacio Antonio d'Moraez.

Reconheço.

Camara.

**Officios do Juiz de Paz de S. Leopoldo ao
Vice-Presidente da Província.**

Em 12 de Outubro de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — Hontem a tarde dirigirão-se a minha rezidencia alguns Colonos moradores nesta Capella, dos mais acreditados, Negociantes, e Artistas; representando-me q̃ exestia revalidade entre as 10 praças de Permanentes ultimamente vindas da Cid.^a com os Colonos: motivado por algũs ditos q̃ a pouca experiencia, e pratica do Mundo, fizerão soltar alguns Camaradas no dia de sua xegada a este lugar, não obstante o incansavel Zelo de seo Commandante; e que elles Colonos se Offerecião p.^a coadejuvar as praças do Destacamento q̃ aqui fica, e q̃ sempre estarião promptos a obedecerem a Lei, e respeitarem a minha pessoa, affirmando-me q̃ estarião promptos ate a espulsarem de entre sis, qualquer individuo q̃ se tem refugiado neste lugar, quando o seu procedimento assim o permitta. Ora enteirado eu, e sem desconfiança dos honrados sentimentos q̃ carecterizão estes habitantes, e q̃ com a maior energia se offerecem de bom grado, a sacrificarem seu repouso para manutenção da boa ordẽ; e consultando eu a prudencia conheço q̃ p.^a a sustentação da m.^{ma} se faz mistér a retirada dessas Praças: nessa certeza deliberei fretar por conta da Nação, a tolda de um Lanxão de q̃ é dono um Colono

por nome Anes, pela q.^{ta} de 10\$560, q̃ rogo a V. Ex.^{cia} aja de mandar pagar ao mesmo, em cujo Lanxão vão as 10 Praças, e seo benigno Comd.^a portador d'este. Deos guarde a V. Ex.^{cia} São Leopoldo 12 de Outbr.^o de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^r Vice Presidente da
Provincia.

O Juiz de Paz

Ignacio Antonio d'Moraez.

Reconheço.

Camara.

Respond^o em 14 de 8br^o de 1835 e
ordem ao Thezr.^o p.^a pagar o frete do
Lanxão.

Em 28 de Setembro de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. = Tendo-se refugiado nesta Collonia varios individuos partidistas do ex-Presidente Braga, e todos os dias estão xegando maior porção: e temendo eu q̃ possa avêr algũa pertubação no socego d'esta Collonia; ainda que até o presente, os seus procedimentos tem sido legaes, com tudo lembro a V. Ex.^{cia} que seria bom estacionar neste lugar, uma força de 20 Permanentes Commandados por um Inferior de confiança, para no caso de ser preciso, oppor-se a qualquer desvario que possa aver, e fazer respeitar o lugar, e a Lei.

Deos guarde a V. Ex.^{cia} São Leopoldo 28 de Setembro de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. D.^{sr} Marciano Pereira
Ribeiro Vice Presidente da Provincia.

O Juiz de Paz

Ignacio Antonio d'Moraez

Reconheço

Camara.

Em 1º de Outubro de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. = Acabo de receber o Officio de V. Ex.^{cia} dactado de hontem, onde me faz ver a denuncia q̃ tinhaõ feito a V. Ex.^{cia} de um lanxaõ dos Collonos conduzir para este lugar, armamento embrulhado em esteiras, e me ordena a apreheñção do mesmo, do que fico inteirado, e farei tudo quanto estiver ao meu alcance p.^a o bom exito d'esta empreza. De novo peço a V. Ex.^{cia} a força q̃ pedi no meu Officio de 27 do p. p., pois me parece muito necessario, afim de prevenir qualquer acontecimento.

Deos guarde a V. Ex.^{cia} São Leopoldo 1.º de Outubro de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. D.^{sr} Marciano Pereira
Ribeiro Vice Presidente da Provincia.

O Juiz de Paz

Ignacio Antonio d'Moraes.

Reconheço

Camara.

Em 6 de Outubro de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — Tenho presente dous Officios de V. Ex.^{cia} ambos com dacta de 3 do corrente, sendo portador de um o Sargento Brandão, encarregado de conduzir para essa o armamento que me entregou o Coronel Vicente Ferrer da Silva Freire, de cujo armamento fiz entrega ao Tenente Commandante da Guarda Nacional d'esta Capella, 24 clavinas, e 200 cartuxos, do que insérto a este vai o recibo. O Commandante do Destacamento de Permanentes neste lugar, requizitou-me 9 armas com baionetas, e sinturoens correspondentes, para fornecer as praças que aqui se axavão, e 400 cartuxos embalados; e por me parecer justa a sua requizição, annuí a sua requizição, e forneci o armamento exigido, ficando desta forma em meo poder 48 armas com baionetas, de Infantaria: 39 sinturões da mesma: 19 clavinas de cavalleria, 50 cartuxeiras de dita: 340 cartuxos, que de tudo fiz entrega ao Sargento Brandão para conduzir conforme a ordem de V. Ex.^{cia} Sobre o contheúdo do outro Officio de V. Ex.^{cia} de q̃ foi portador

o Sargento Tavares, fico enteirado, e nada m.^a tenho a dizer a V. Ex.^{cia} se não que farei tudo quanto for das attribuições de minha Authoridade, com aquelle desvelo, e actividade a que me impelle o sagrado fogo do Patriotismo que me domina. Tenho de levar ao conhecimento de V. Ex.^{cia} que em Officio de 27 de Agosto do corrente annó, me ordenou o ex Presidente da Provincia, que procedesse eu a eleição de um Capitão para os Guardas Nacionaes desta Capella, visto fazer-lhe ver o Visconde de Camamú, que a Secção se axava com 103 Praças; e com effeito no dia 4 do corrente procedi a eleição, sahindo eleito para o dito Pôsto, o Alferes dos Nacionaes Constantino Jose de Vargas.

Ora o depois desta eleição, passando eu um golpe de vista sobre a Lei de 18 de Agosto de 1831, vim a suppôr q̃ fez-se esta eleição com infracção aos Artigos 19 e 44 da citada Lei; onde diz o primeiro: q̃ as Companhias serão formadas dos Cidadãos que entrarem na lista do serviço ordin.^o, e o segundo diz: q̃ as Comp.^{as} de Cavalleria conterão 70 a 100 Praças, e pelo mappa da força q̃ o Tenente Comd.^e remetteo a V. Ex.^{cia} em 25 do pp. póderá V. Ex.^{cia} collegir o estado da mesma Secção, e depois de firmado no que deva eu praticar, me ordenará o que for de Lei; pois a minha pouca intellecção, me poem no embaraço de me não poder desenvolver, supirabundando em mim bons dezejos de sempre marxar com acêrto. Deos guarde a V. Ex.^{cia}

São Leopoldo 6 de Outubro de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. D.^{or} Marciano Pereira
Ribeiro Vice Presidente d'esta Provincia.

O Juiz de Paz

Ignacio Antonio d'Moraez.

Reconheço.

Camara.

Em 8 de Outubro de 1835.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sñr. — Hontem pelas duas oras da tarde, apresentou-se na minha residencia o Patriota Jardim, expondo-me o contheudo do Officio q̃ V. Ex.^{cia} endereçou ao mesmo, e desenvolvendo a sua opinião Politica, assáz me enxeo de prazer, o

reconhecer seos onrados sentimentos; e na persuasão de q̃ não me axava illudido, abri-me francamente com o mesmo, expondo com clareza, e verdade, tudo quanto se passou, e q̃ se passa, pedindo-lhe q̃ faça ver a V. Ex.^{cia} de viva vóz todo o meo expellido, para á vista do mesmo V. Ex.^{cia} deliberár o q̃ entender de justiça, e nada tenho a acrescentar, só affirmar a V. Ex.^{cia} q̃ sou Brasileiro Livre. Devo fazer ver a V. Ex.^{cia} q̃ o Coronel me diz: q̃ não se demora neste lugar muitos dias, assim supplico a V. Ex.^{cia} q̃ faça com q̃ o mesmo se demore neste lugar; pois reconheço a utilidade que tirarei com sua assistencia. Deos guarde a V. Ex.^{cia} São Leopoldo 8 de Outbr.^o de 1835.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} S.^r Vice Presidente da Província.

O Juiz de Paz

Ignacio Antonio d'Moraez.

Reconheço.

Camara.

Em 16 de Outubro de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — Accuso a recepção do Officio q̃ V. Ex.^{cia} me endereçou, de q̃ foi portador o Alemão Hermano de Salesch, encombido p.^a q̃ de commum accôrdo commigo, lançaremos mão de medidas policiaes q̃ nos parecessem conducentes a manter neste lugar o socego publico. Consultando os meios mais efficazes, para respeitarem a Lei, os pertubadores de nosso socego, rezolvi lançar mão dos Colonos moradores, e estabelecidos neste lugar, para fazerem a policia, visto axar-se úma diminuta força de 10 praças de Permanentes, e não poder tirar prompto effeito dos Guardas Nacionais deste Curato, não obstante os incansaveis esforços de seo Commd.^a com tudo não é possivel contar com elles, pela longitude de suas moradias, e só dentro desta Capella existirem dous Guardas. Ora neste caso não exitei úm só momento em Proclamar aos Colonos /cuja Proclamação junto remetto por copia/ e acceitar os offerecimentos q̃ elles por tantas vezes me tinham feito, e com toda a saptisfação posso affirmar a V. Ex.^{cia} q̃ tenho tirado bom exito d'esta medida; pois q̃ se axa presentemente este lugar na maior tranquillidade possivel. Tambem resolvi a fazer ver por Editaes o que consta nos mesmos, que remetto por copia.

Devo levar ao conhecimento de V. Ex.^{cia} os incansaveis esforços q̃ tem feito o honrado Alemão Hermano Salisch; pois que não tem sessádo um só momento em descobrir com energia todos os meios ao seu alcance para o bom desempenho de sua commissão, de que muito tem aproveitado, pela certeza que tem os seos Patricios, da onradez; e firmeza de carater que o adórna. Deos guarde a V. Ex.^{cia} São Leopoldo 16 de Outubro de 1835.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} S.^r D.^{or} Marciano Per.^a Ribr.^o
Vice Presidente da Provincia.

O Juiz de Paz
Ignacio Antonio d'Moraez.

Reconheço.

Camara.

EDITAL N.^o 1 EM LINGUA NACIONAL

Eu &. Faço saber á todas as pessoas de outros Districtos óra rezidentes no territorio da Collonia de São Leopoldo, que conforme ao Artigo 114, Cap. 1.^o, Titulo 3.^o, doCodigo do Processo se hão de apresentar na minha rezidencia dentro de 24 horas contadas da publicação do prezente Edital, podendo ficar certo que, a não cumprirem com esta Ordem, ficcarão incurços no que determina a Ley em cazos de desobediencia &.

Com rubrica do Juiz de Paz.

15 de Outubro de 1835.

EDITAL N.^o 2 EM LINGUA NACIONAL

Eu &. Faço saber á todos os habitantes deste Districto, que tendo chegado ao conhecimento da Prezidencia da Provincia que Pessoas mal intencionadas e perturbadores do socego publico não cessão de espalhar falços e boatos aterradores com o unico fin de indispor e alarmar os pacificos Collonos, cuja hospitalidade desfrutão, determinou me o Ex.^{mo} Señr. Vice Prezidente que processe

taes pessoas pela maneira prescripta no Artigo 121 e Seguintes do Codigo do Processo. Fiado nas intenções leaes dos moradores Alemões e certo nas Suas disposições pacificas conto com a Sua coadjuvação para descobrir as pessoas que fazem correr semelhantes boatos afin de poder acabar de huma vez com o desacóego que semelhante procedimento tem cauzado á este districto. &

Com rubrica do Juiz de Paz.

15 de Outubro de 1835.

PROCLAMAÇÃO

Volte.

PROCLAMAÇÃO NAS DUAS LINGUAS

Collonos de São Leopoldo

Homens mal intencionados, e por conseguinte inimigos do Socego publico tratão de chamar a Vossa Atenção sobre objectos que Vos são inteiramente extranhos e que só servem a alienar os espiritos; convem mostrar á estes homens que não devem abusar da hospitalidade com que promptamente os acolhestes, q.^{do} entre Vós procurarão um asilo.

Meditando sobre os meios mais prompts para acabar de huma vez com semelhante procedimento rezolvi chamar Vos em secorro da Ley, que prohibe positivamente a q.^lq.^r individuo de perturbar o Socego com fallas indiscretas e por tanto conto com o Vosso secorro para manter illeso o territorio que habitaes. Convido vos a me ajudar, formando de entre Vos uma Policia Municipal afin de mostrar a estes inimigos do nosso socego que entre nos nunca poderão conseguir a execução de qualquer plano que for de encontro a Lei.

A tranquillid.^a publica em nada se há de alterar; proceder se há sómente contra aquelles que querem desprezar as disposições salutaras da Lei, e Vós pelo auxilio que prestardes á Authoridade, mostrareis a todos que Sois estranhos as intrigas e firmes em manter a paz do territorio que habitaes. São Leopoldo 15 de Outubro de 1835. *

Com rubrica do Juiz de Paz.

Officio do Juiz de Paz de S. Leopoldo ao
Vice-Presidente da Província — Em 26
de Outubro de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — Hoje regréssa a essa Cidade o Alemão Hermano Salisch, deixando a mais viva saudade a todos os amantes da Liberdade existentes nesta Capella; pois os serviços prestados por elle neste lugar, a coadjuvação ao meo emprego, e o desenvolvimento de suas boas ideias; forão forçosos motivos para grangear a estima de todos os homẽs q̃ sabem avaliar a honra, e virtude, q̃ o adorna, e é desnecessario acrescentar em nada o seo merecimento p.^a com V. Ex.^{cia}, pois estou bem certo q̃ quando V. Ex.^{cia} o nomeou p.^a uma commissão tão melindrosa, em nada dúvidava da sua capacidade. O mesmo Salisch informará bocalm.^{te} a V. Ex.^{ci} o estado presente desta Colonia.

Deos g.^o a V. Ex.^{cia} São Leopoldo 26 d'Outbr.^o de 1835.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^r D.^{or} Marciano Pereira
Ribeiro Vice Presidente da Província.

O Juiz de Paz

Ignacio Antonio d'Moraez.

Reconheço.

Camara.

Certefico que Citei ao AJudante João de Santa Anna Leitão e ao Capitão Joze Antonio da Crus para Jurarem no prezente Corpo de delito de que se derão por emtendidos e de que dou fé. Porto Alegre 4 de Julho de 1837.

Luis Man.^{ci} Glz. Lages.

Inquirição de testemunhas no Sumário
da formação de Culpa dos Revoltosos.

ASENTADA

Aos coatro dias do mes de Julho de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do Juis de Pas do Segundo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão de seu cargo fui vindo e sendo ahi pelo dito Juis forão proguntadas e inquiridas as testemunhas que por parte da Justica forão apresentadas Cujos nomes Cognomes estados moradias officios Idades ditos e Costumes são os que se seguem de que faco este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão do Juizo de Pas que o Escrevi.

O AJudante João de Santa Anna Leitão homem branco Cazado morador nesta Cidade empregado no Servico da Guarnição desta mesma Cidade que vive de seu soldo de Idade que dice ter de Cincoenta annos digo de Cincoenta e hum annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles em que pos Sua mão direita e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado e Sendo proguntado pelo Comtheudo no Auto que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto dise que sabe que ouve huma Rebelião nesta Província do Rio Grande de São Pedro do Sul declarada em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco unindose varias povoaçoins ao Governo dos Rebeldes e que todas ellas Comprienderão mais de vinte mil pessoas Com o preteisto de desunir esta Província da integridade do Imperio e Constetui-la em hum Estado independente Como Governo Republicano e proguntado pelo Juis se esta Rebelião chegou a efectuar-se e se a facção Rebelde se declarou independente da Província e a Constetuir-se em Governo republicano. Respondeo que a Rebelião se efectuou e que se constitubio Governo Republicano publicando a sua independencia como elle testemunha leo em folhas publicas ordens e Decretos lavrados pelo Chefe dos Rebeldes declarando Prezidente da mesma Republica a Joze Gomes de Vasconcelos Jardim, cujos actos forão praticados na Villa de Peratinim, e dice mais elle testemunha que para o partido Rebelde levar a seos fins criminozos o projeto de Desunir a Província da Comunhão Brasileira que uzarão de Força Armada a qual não hera menos de coatro a cinco mil homens dividida em varios pontos da Província fazendose com a mesma

força rezistência as ordens do Governo Legal acometendose a Cidade do Rio Grande do Sul, Villa do Norte, Cidade de São Francisco de Paula, Esta Capital de Porto Alegre, Villa do Rio Pardo, Villa de Cacapava, Villa Nova do Triunfo, e outros muitos lugares da Provincia. Proguntao o Juis a testemunha se as Forças Rebeldes nos actos de Suas agreçoins, tem cometido Roubos, mortes ferimentos graves, insendios de Edefiços, Estrupos ou outras Violências e em que tempo e lugares; Respondeo que nesta Capital elle testemunha sabe por ver que em dezanove de Setembro antes de apparecer a Sedição do dia vinte do mesmo mes ouve huma morte na varge desta Cidade em hum official da Guarda Nacional por antenomazia o *Prozodia*, forão feridas varias pessoas da legalidade entre ellas o Visconde de Camamú, Em trinta de Junho e vinte de Julho do anno passado que forão atacadas pelos Rebeldes as nosas Trincheiras desta Cidade foi morto hum Comandante do Ponto do Caminho Novo e mais alguns Soldados e igualmente feridos, e no mes de Junho deste prezente anno foi igualmente Bombeada esta Cidade com granadas e Balas Ardentes pelo que morreu hum official, hum filho de Pedro de Azevedo, huma mulher cazada que lhe ignora o nome. Ouveraó ferimentos e forão aRuínados Edefiços e que todos estes aConteçimentos tem apparecido em todos os ataques que os Rebeldes tem dado nos pontos da Provincia já relatados por elle testemunha e em outros lugares da Fronteira e que ainda em dias do mes de Junho pasado saindo forças da Legalidade desta Cidade a observar o inimigo que se achava meia Legua distante desta Cidade e que ainda existe nas mesmas emediaçoins forão atacadas as forças da Legalidade pelas dos Rebeldes e em cujo combate ouverão varias mortes e ferimentos da mesma força Legal e neste numero perdeo a existencia o Manjor Jorge de Mazarredo Comandante do Oitavo Batalhão de Caçadores de huma bala que soffreo sobre o Coração e diçe mais elle testemunha que tem havido pelos Rebeldes insendios, Estrupos, e violências por todos lugares que os mesmos Rebeldes regreção. E diçe mais elle tete-munha que tem chegado a audácia dos Rebeldes para augmentar as suas forças tem reunido grande porção de Escravatura pormetendo-lhe aos ditos Escravos dar-lhe liberdade e com os mesmos Escravos tem feito rezistência as forças Legais e que o numaro destes dis elle testemunha que paçarão mais de coatro Centos sendo os mesmos captivos e roubados de seus Senhores; E preguntado pelo Juis a testemunha se conhece alguns dos Cabeças deste partido Republicano, Comandantes de Força Armada tanto do Már como da terra ou alguns individuos que tenham cometido mortes, Roubos,

Ferimentos, ou outro qualquer Crime; Respondeo que contempla como Cabeças de Rebelião e Comandantes de Força Armada a hum Davide Canabarro, Joaquim Alves Famfa, Antonio Marques da Cunha, Antonio de Souza Neto, e todos estes tres ainda estão em Campo Comandando Forças e o ultimo hé o Chefe primeiro e geral que está fazendo sitio a esta Cidade, e Joaquim Gonçalves de Saibro hera o Comandante de hum Hiato de Guerra dos Rebeldes, Joze dos Santos Ferreira por antonomazia o *Juca Mulatinho* foi Comandante da Escuna *Farropilha*, Joze Pereira da Silva Comandante do Brigue *Bento Gonçalves* e que por ouvir dizer e ser publico sabe que Manoel Antonio de Magalhães foi comandante do Pataxo de Guerra dos Anarchistas e que todos estes elle testemunha os conhece como Cabeças de Rebelião e insurreição e que igualmente elle testemunha conhece como comandantes de força Armada, dos Rebeldes e perpetradores de mortes, Roubos, ferimentos, disflorações, a Manoel Antonio de Andras, por alcunho *o pintado* comandante das forças de mais de trinta homens, na picada e Campos de Dona Rita de Mello, e Antonio Graça, comandante das forças de mais de vinte homens que vagavão pelos morretes Fazenda do Anarchista Serafim dos Anjos França e igualmente não só naquelle lugar como suas emediações, e Amaro Joze Lisboa comandante de Patrulhas do primeiro Citio que fes a esta Cidade o Tenente Coelho ao mando de Antonio de Souza Neto; e assim mais Joze Carlos Pinto Sirurgião que foi de emiçario dos Rebeldes a Monte Vedeo, João Pires Cerveira Juis de Pas que foi da Freguezia de Santa Anna, Candido Joze da Roza que tãobem comandou Embarcação de Guerra dos Rebeldes Jeronimo Alves de Castilhos, morador da Capela de Viamão e declarou mais elle testemunha que os individuos, João Ferreira Alves, Estevão Joze Rodrigues, Joze Machado, por antonomazia *os Vacas*, Manoel Bernardes de Senna, Francisco Dutra, Amaro Francisco Pedro, Manoel de Souza Romeiro, João Joze da Silva Forcancho, Francisco da Lús, Firmino Antonio, Joze Francisco da Silva que foi Corneta do Batalhão corenta e Seis, Frederico Fabriço, Antonio Joze da Silva que foi Capitão do Mato todos estes individuos elle testemunha conheceos e sabe que forão da força de Manoel Antonio de Andras, e Antonio Graça, e que todos forão Cauzadores de Roubos, Asaños, ferimentos, disflorações, praticadas em tempo que a dita força estava Estacionada na picada e Campos de Dona Rita, e Chacara que foi de Joze Antonio da Silveira Cazado, e que na ocazião em que pasou huma força da Legalidade Comandada pelo Brigadeiro Cunha desta força foi morto hum Legalista e ouverão

alguns feridos tudo Cauzado em ocazião que o dito Brigadeiro atacou e prezionou coaze toda a força do dito Andras e que he o que tem de Jurar e mais não dice nem do Costume e assignou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

João de Santa Anna Leitão.

ASENTADA

Aos cinco dias do mes de Julho de mil Oito Centos trinta e Sete annos nesta Cidade de Porto Alegre em cazas da Rezidencia do Juis de Pas Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão de seu Cargo fui vindo e sendo ahi por elle Juis forão inquiridas as testemunhas seguintes de que faço este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Joze Antonio da Crus Capitão da Guarda Nacional branco cazado e destacado no serviço da Guarnição desta mesma Cidade que vive de seu soldo, e Rendimentos de seos bens de Idade de trinta e Cete annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fosse proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no Auto que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto dice que sabe que nesta Provincia do Rio Grande de São Pedro do Sul Ouve huma Rebelião e foi declarada em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco e que muitas Povoaçoins desta mesma Provincia se unirão ao Governo dos Rebeldes e que todas ellas comprienderão mais de vinte mil pesoas e que tudo isto foi com o fim de desunir esta Provincia da comunhão Brazileira, e Constituila em estado independente como Governo Republicano cuja Rebelião chegou a Consumarse e declarar a Independência o que elle testemunha leo as proclamaçoins do mesmo Governo Republicano e Decretos lavrados na Villa de Peratenim de que hera Prezidente da mesma Republica Joze Gomes de Vasconcelos Jardim e declarava no mesmo Decreto os Ministros da mesma Republica. E proguntado por elle Juis a testemunha se o partido Rebelde para levar a efeito o criminozo projeto da dezunião da Provincia huzou de força Armada e que numero seria pouco mais ou menos, e se fes efectiva Rezistencia as ordens

do Governo Legal do Imperio se atacou as forças da Legalidade ou se tem acometido Villas Cidades e Povoaçoins e se nestes actos os Rebeldes tem cometido Ostilidades, Respondeo a testemunha que esta Cidade de Porto Alegre Rio Grande do Sul Villa do Norte Cidade de São Francisco de Paula Villa de Caçapava, Villa da Cachoeira, Villa do Rio Pardo, e Villa do Triunfo, e que em outras povoaçoins e Destritos desta Provincia tem sido atacadas pelas forças Republicanas do que tem havido muitas mortes, roubos ferimentos graves insendios de Predios Estrupos e outras muitas violências, e dis elle testemunha que entre o numero das emencas mortes que se tem praticado pelos Rebeldes, que passa ele testemunha a depor sobre os officiaes que pelos seos relevantes Serviços se fazem lembrar que são: o Coronel Viçente Ferrer da Silva Freire, seu filho, e Alferes Lobo, mortos na Fazenda do mesmo Coronel, o Coronel Albano que sendo prizioneiro foi morto no Arroio vilhaco, Tenente João da Silva Barboza, morto no Destrito do Rio Grande o qual foi aberto pelas costas e lhe tirarão o curaço. No Destrito de Mostardas, forão fuzilados o Juis de Pas Joze Joaquim Ferreira, Capitão Francisco Pinto Bandeira, Capitão João Chrizostomo Salazar, e outros, na Villa do Rio Pardo forão mortos o Capitão da Guarda Nacional Manoel Lobo Ferreira Barreto, o Tenente de primeira linha Alvarenga, e finalmente depoem elle testemunha que na Ilha do Famfa foi morto o Tenente Rodaste, e que nos ataques que tem tido por vezes esta Cidade pela primeira ves foi morto em dezanove de Setembro de mil Oito Centos trinta e Cinco hum official da Guarda Nacional, por antenomazia o *Prozodia* e nesa mesma noute e ocazião foi ferido o Visconde de Camumú e o Alferes Abel Correa da Camara e outros, e em trinta de Junho de mil Oito çentos trinta e Seis foi morto o Comandante do ponto da Legalidade ou morte, e em Junho deste prezente anno quando foi bombiada esta Cidade com granadas e Balas Ardentes foi morto o Tenente Americo e hum filho de Pedro de Azevedo, e sendo Bombiada a Cidade neste dito mes foi morta hum mulher cazada, e hum Escravo de Francisco Joze Moreira, Ouvera ferimentos, e Edefícios aruinados e em vinte e Cinco do mes pasado Saindo forças da Legalidade fora das Trincheiras desta Cidade a descobrir as forças do inimigo meia lagoa pouco mais ou menos sendo atacadas as forças Legais ouverão da parte destas alguns feridos e mortos e entre estes perderão a existencia o valente Manjor Comandante do Oitavo Batalhão de Caçadores de primeira Linha Jorge Mazarredo e declarou mais elle testemunha que para as forças dos Rebeldes

terem chegado ao numero de coatro a cinco mil homens tem feito hum a Insurreição em Escravos cativos que os tem roubado e formado com os mesmos grande numero — para atacarem as forças da Legalidade. E proguntao pelo Juis a testemunha se Conheçe algum ou alguns e coais os Cabeças deste partido Republicano, e Comandantes de Már e de terra, ou outros indeviduos que tenham praticado mortes, ferimentos, Roubos, ou outros Crimes; Respondeo a testemunha que além de Reos que sabe já Pronunciados que se achão prezos e outros auzentes sabe que são Antonio de Souza Neto que prezenemente he intitulado General em Chefe das forças Republicanas e hoje fazendo Çitio desta Cidade e que igualmente, hum Joaquim Alves de Carvalho Famfa, Davide Martins Coelho por antenomazia *Canabarro*, Antonio Marques da Cunha, Antonio Gonçalves da Silva, Joze Gonçalves da Silva, Agostinho de Mello, Antonio Joaquim de Souza Dorneles, Thomas Joze da Silva, filho do Tenente Joaquim Pereira, morador em Monte Alegre, Domingos Martins Pereira e Souza, exposto em Caza de Manoel Joaquim de Souza e morador em São Leopoldo, Bernardo da Silva Machado, João Fernandes, Capitão feito pelos Rebeldes morador em Santo Amaro e que veio com embaixada a esta Cidade mandado por Bento Gonçalves da Silva, Joze Carlos Pinto que foi de inviado pelos Rebeldes a Monte Vedeo, Albino Joze Ferreira, Ignacio Antonio de Moraes, Joze Ferreira da Silva, Luis Gambarra Italiano, Davide Joze Lisboa, João Ventura da Rocha, Amaro Joze Lisboa, que todos estes endeviduos tem comandado e Comandão forças dos Rebeldes e que os contempla como cabeças de Rebeleão e que igualmente digo de Rebeleão a João Sarrazem, Capitão Viçente Ferreira Leitão, Manoel Antonio de Andras, sendo este ultimo o Comandante das forças que forão prizioneiras pelas forças da Legalidade comandadas pelo Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha na Estância de Dona Rita de Mello e que igualmente sabe que forão compleces de mortes, Roubos, ferimentos, os individuos que ele testemunha pasa a declarar que fazião parte da força daquelle Anarchista chefe Manoel Antonio de Andras e são os individuos Manoel Bernardes de Senna, Francisco Dutra, Joze Machado, João Ferreira Alves, Estevão Joze Rodrigues, todos estes tres ultimos são intitulados pelos *Vacas*, Amaro Francisco Pedro, João Joze da Silva Forcancho, Manoel de Souza Romeiro, Francisco da Lús, Firmino Antonio, Joze Francisco da Silva Pescador, Frederico Fabricio, Antonio Joze da Silva que foi Capitão do Mato, Joaquim Paes, Antonio da Veiga, Verissimo Ferreiro, e que todos estes individuos são os que elle testemunha dis que pertencião a força

Rebelde de que hera Comandante o dito Manoel Antonio de Andras que se acha hoje prezo, e que fôra perpetrador dos Crimes ja referidos e outros, pois que na oCazião que foi prizioneiro o dito Manoel Antonio de Andras Ouve huma morte e ferimentos nas forças da legalidade. E dice mais ele testemunha que Antonio Garcia tãobem o Comtempla como hum dos Cabeças e Comandante de huma partida de mais de vinte homens Armados que guarnesem a Fazenda dos morretes pertencente ao Anarchista Serafim dos Anjos França e que ainda o dito Antonio Gracia existe no mesmo Comando pela mesma Fazenda e suas emediaçoins e que desta forma deo ele testemunha por findo o seu Juramento e assignou o seu Juramento com o dito Juis despois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Essrivão que o Escrevy.

Jose Antonio da Cruz

Camara.

COMCLZ.^m

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado acabadas de inquirir as testemunhas destes Autos os faço concluzos ao Juis de Pas Capitão Manoel Joze da Camara de que faço este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevi.

Clz.^{oa} em 4 de Julho de 1837.

Procede o presente Corpo de Delicto, e visto não se acharem prezos nem mesmo rezidirem neste Destricto todos os delinquentes indiciados, proceda-se em Segredo na formação da Culpa conforme o disposto no Art.^o 147 doCodigo do Processo Criminal, notificando-se as tistemunhas para o dia 21 do corrente. Porto Alegre 18 de Julho de 1837.

Camara.

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno Supra declarado pelo dito Juis me forão dados estes Autos com o seu despacho supra que mandou se cumprisse como nele se contem de que faço este termo eu Luiz Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevy.

Certifico que citey a Joaquim Antonio da Crus, Pedro de Azevedo e Souza e de Almeida para Jurarem no Prezente Sumario de que se derão por emtendidos e de que dou fé. Porto Alegre 24 de Julho de 1837.

Luis Man.^{el} Glz. Lages.

ASENTADA

Aos vinte e coatro dias do mez de Julho de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do Juis de Pas Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão fui vindo ahi por elle Juis forão proguntadas as testemunhas seguintes de que faço este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Joaquim Antonio da Crus capitão reformado de Segunda linha branco, cazado morador no Destricto da Villa do Triunfo e de prezente nesta Cidade que vive do Rendimento de seos bens de Idade de corenta e seis annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles em que pos sua mão direita na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado. E sendo proguntado pelo Comtheudo no Auto deste Sumario e Corpo de delito endireto que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto diçe que Sabe que em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco foi declarada huma Rebelião nesta Provincia unindose varias povoaçoins do Governo dos Rebeldes e que todas ellas comprienderão mais de vinte mil pessoas sendo a mesma Rebelião consumada para desunir esta Provincia da Comunhão Brasileira, e Constituila em estado independente com Governo Republicano e para cujo fim o partido Ribélde uzou de força armada fazendo Rezistencia as ordens Legais do Governo do Imperio pondo em Campo para mais de tres mil homens atacando Cidades, Villas e Povoaçoins desta Provincia cometendo nestes actos de agreçoins emenças mortes ferimentos graves insendios de predios, Estrupos, Roubos e outras muitas violências declarando mais elle testemunha que para o partido Rebelde aumentar a sua força pormoveo huma insurreição em Escravatura Roubandoa a seos donos e Armandoa em grande numaro o qual elle testemunha não pode dizer ao serto pometendo lhes a liberdade e com esta grande força de Escravatura fizerão parte de seu Exerçito. E declara elle testemunha que apezar do

exercito que os Rebeldes tinham em Campo e inda Conçervão que tão bem o tiverão no Már com Embarcacoins Armadas e que com todas as forças ja ditas que atacarão esta Cidade por Már e por terra em trinta de Junho e vinte de Julho de mil Oito Centos trinta e Seis Çitiando e Bombiando a Villa do Norte, Citiarão a Cidade do Rio Grande, e igualmente Ouve hum Combate na Cidade de São Francisco de Paula outro nas margens de São Gonçalo outro no Paço do Rozario na Villa do Rio-Pardo, ja tem sido aCometida por coatro vezes a vila de Caçapava tãobem foi posta em Çitio pelo qual Renderão as Armas hum Batalhão de Infantaria de Caçadores de que hera Comandante João Chrizostomo ficando debaixo do poder dos Rebeldes todo o Batalhão Armamento, e munición de Guerra quinze peças de Artilharia e monçoins pertencentes a esta mesma Artilharia, e Infantaria e com estas forças e debaixo do comando do grande Anarchista intitulado General em chefe dos Republicanos Antonio de Souza Neto marcharão a fazer Çitio a esta Cidade Bombeandoa com granadas e athe com Balas ardentes e que elle testemunha nestas ultimas agreçoins tem sido testemunha ocular sendo a ultima na noute do dia vinte e dois do corrente mes de Julho deste anno que teve duração desde as Cete oras da noute the as Seis da manhan do dia Seguinte e em todas estas agreçoins já expeçificadas em todos os deferentes pontos por elle testemunha declarados e em outros lugares da Província tem havido como ja dice muitas, mortes ferimentos, Roubos, Insendios de predios ruinas de edefiços como tem aconteçido no Bombeamento que se tem feito a esta Cidade e que pasa elle testemunha a dizer os nomes das pesoas que pelos seos postos e influencia maior a favor do Legitimo Governo que tem em defeza do mesmo perdido a Existência em varios pontos desta Província que são o Coronel Viçente Ferrer da Silva Freire, seu filho Diogo, o Alferes Joze Maria Lobo, Tenente João da Silva Barboza, Capitão Francisco Pinto Bandeira, Capitão Salazar, Coronel Albano, Manjor Lopes, de Miçoins, Tenente Rodarte, morto no ataque da Ilha do Famfa, Tenente Souto, Tenente Alvarenga, e o Manjor do oitavo Batalhão Jorge Mazarredo, Capitão Manoel Jacinto, fora outros muitos que elle testemunha não se lembra, os seos nomes. E proguntando o Juis a testemunha se conhece ou se sabe algum, ou alguns dos Cabeças, influentes deste partido, Comandantes de força Armada, ou mais alguns individuos que tenham cometido ou comcorrido para as imenças mortes, e todos os mais Crimes que se tem praticado durante o tempo desta Rebelião; diçe elle testemunha que paçava a declarar os nomes dos individuos

que tem em lembrança, huns porque os conhece, e outros por ter noticia e ser publico serem Comandantes de força dos Rebeldes e grandes influentes, João Antonio da Silveira filho, Davide Jose Martins, Antonio Gonçalves da Silva, Joze Gonçalves da Silva, ambos Irmãos do primeiro Chefe dos Rebeldes — Bento Gonçalves da Silva que se acha prezo no Rio de Janeiro Manoel Antonio de Andras, Manoel Antunes da Percincula, e seu Irmão Fermino Antunes da Percincula, Agostinho Antonio de Mello, Manoel Ribeiro de Moraes, Antonio Joaquim de Souza Dorneles, Thomas Joze da Silva, filho do Tenente Joaquim Pereira, Antonio Pereira Nunes, Sebastião Guedes, Viçente Ferreira Leitão, Manoel Vicente Vieira Ramos estes dois ultimos são grandes influentes daquele partido Rebelde Bernardo da Silva Machado, Marcelino Joze do Carmo, Ermano Sales — Alemão, João Baptista Meireles, que foi Juiz de Pas de Santo Amaro Luis Joze Ribeiro, boticario do Triunfo grande influente e grande agitador do partido Rebelde, Patriçio de Azambuja Cidade, Domingos digo, Cidade, João Ventura da Rocha, Joze Carlos Pinto Sirurgião João Pires Cerveira, Candido Joze da Roza, que comandou Embarcação de Guerra dos Rebeldes Jeronimo Alves de Castilhos morador da Capela, Domingos Martins Pereira os Francezes Afonço Serrazem, e Francisco João Serrazem todos estes dois agitadores do partido Rebelde e aliciando Alemães em São Leopoldo a favor dos Rebeldes, João Pires Serveira Juiz de Pas de Santa Anna, Alberto Joze Senteno, João Silveira, da Incruzilhada Francisco Ribeiro, do Distrito das Dores, Viçente Ignacio de Melo hum dos grandes influentes, Ignocencio Ferrão, Manoel Alves de Medeiros, Estrugildo do Couto, Claudiano Antonio de Vargas, João Xavier de Azambuja, influente e que tem reunido forças para os Rebeldes Manoel Antonio de Andras comandante das forças da picada, e Campos de Dona Rita de Melo; Jose Pereira da Silva, Manoel Antonio de Magalhães, Joaquim Gonçalves de Saibro, Joze dos Santos Ferreira e que todos estes coatro individuos sabe elle testemunha que herão Comandantes dos Vazos de Guerra pertencentes aos Rebeldes e que de baixo do comando destes fizeram fogo para esta Cidade e Embarcações do Imperio e dice mais elle testemunha que os individuos por elle declarados tem sido os Cabeças daquele partido Rebelde, pelo Comando de forças Armadas entregues aos mesmos e outros finalmente pela grande influencia que tem tido sobre o dito partido desorganizador da Nação Brasileira, e que todos tem sido motores das imenças mortes Roubos e graves ferimentos, e de todas as Claçes de Crime que se tem posto em pratica durante o tempo e existencia desta Revulção desta

Provincia, coadjuvando, e destruindo a Integridade desta mesma Heroica Nação Brasileira, Sua Constituição politica, e forma de Seu Governo e mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento com o dito Juiz despois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages — Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Joaquim Antonio da Cruz.

Pedro de Azevedo e Souza homem branco cazado morador nesta Cidade que veve de Empregado Publico de Idade de corenta annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo Juiz aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubece e lhe fose proguntado. E sendo proguntado pelo Comtheudo no Auto deste Sumario e Corpo de delicto indireto que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juiz neste acto dice que sabe que Ouve huma Rebelião nesta Provincia declarada em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco pelo motivo da Negativa da pose que se havia de dar ao Doutor Jose de Araujo Ribeiro nomeado pelo Governo Imperial para Prezidente desta Provincia unindose varias povoaçoins Villas e Cidades desta Provincia ao Governo dos Rebeldes e que compriendia mais de vinte mil pessoas, e que esta Rebeleão foi para o fim de desunir esta mesma Provincia da Integridade do Imperio e Constetui-la em Governo Republicano, o que tudo se efetuou declarando o mesmo partido Rebelde o seu Governo Republicano, o qual se publicou na Villa de Peratenim e de Jaguarão. o que tudo consta do Decreto lavrado para o dito fim e de que he Prezidente Joze Gomes de Vascomcelos Jardim, declarando no mesmo Decreto os nomes dos Ministros da mesma Republica. E dise mais elle testemunha que para levarem a efeito o Criminozo proposito da desunião da Provincia uzarão de força Armada — a qual ainda hoje excede a mais de tres mil Omens sendo huma parte destas em huma Insurreição de Escravos que em grande numero tem augmentado a força dos mesmos Rebeldes, cuja força está dividida em varios pontos da Provincia. dise mais elle testemunha que as forças dos Rebeldes tem atacado varios pontos da mesma Provincia, assim como em trinta de Junho e vinte de Julho do anno paçado forão atacadas as trincheiras desta Cidade com grande força dos Rebeldes tanto por terra como pela Esquadra que os mesmos tinham, e prezentemente desde dois de Mayo athe vinte tres do corrente mes de Julho tem

sido esta mesma Cidade Bombiada com granadas e athe com Balas Ardentes, e em todas estas agreçoins declaradas tem havido mortes, ferimentos graves e Ruina em predios. Declarou mais elle testemunha que apezar destas agreçoins ja declaradas, que em vinte e Cinco de Junho deste anno que as forças Legais forão acometidas fora das Trincheiras desta Cidade pelas forças dos Rebeldes que fazem o Çitio desta mesma Cidade debaixo do comando de Antonio de Souza Neto intitulado General em chefe das forças Republicanas. E dice mais elle testemunha que a Villa do Norte, Cidade do Rio Grande, tão bem tem sido sitiadas e combatidas e que a Cidade de Pelotas e todas as mais Villas e povoaçoins desta Província que ainda estão de baixo do Jugo, e mando do partido Republicano, e que igualmente em todos estes lugares asima referidos tem havido emenças mortes, ferimentos, Roubos, e outros muitos Crimes tudo nas ocaziõins em que tem sido agredidas e que nelas emcontrão forças do Legitimo Governo Imperial chegando athe ao imnaudeto fim que fazendo os Rebeldes Çitio a Villa de Caçapava, poderão asenhorarem se do Batalhão de Caçadores comandados pelo Coronel João Chrizostomo e de todos os soldados de Artilharia, Armamento, Muniçoins de boca e de Guerra, e quinze pesas de Artilharia que tudo existia naquela dita villa e com todas estas Muniçoins he que tem agredido prezentemente esta Cidade, ficando todas aquelas forças prizioneiras, e que pasa elle testemunha a declarar entre o grande numaro de mortos dos defençores da Legalidade os nomes de ofeções que a sua lembranca chegão, sendo entre estes o Coronel Viçente, seu filho Diogo, Alferes Joze Maria Lobo, Tenente Silva Barboza, Capitão Francisco Pinto Bandeira, e Capitão Salazar, Coronel Albano de Oliveira, Tenente Alvarenga, Capitão Manoel Lobo Ferreira Barreto, Capitão Manoel Jaçinto, e ultimamente o Tenente Americo, e Manjor Jorge Mazarredo. Proguntou o Juis a testemunha se conhece algum ou alguns dos Cabeças, influentes Comandantes de força Armada deste partido Rebelde e mais alguns individuos que tenham cometido ou comcorrido para as imenças mortes, Roubos, e todos os mais Crimes que se tem praticado naquele partido. Dice ele testemunha que sabe Davide Joze Martins, Canabarro, João Antonio da Silveira filho, Antonio Gonçalves da Silva, Joze Gonçalves da Silva Manoel Antunes da Percincula, e Fermiano Antunes da Percincula, Agostinho Antonio de Mello, Manoel Ribeiro de Moraes, Antonio Joaquim de Souza Dorneles, Antonio Pereira Nunes, Sebastião Guedes, Anacleto Joze de Matos, Bernardo da Silva Machado, Joaquim Pereira de Borba, Joaquim Joze Ferreira Vilaça, Marcelino Joze do Carmo, Ermano

Sales diretor do Arçenal de Guerra existente em São Leopoldo, Antonio Marques da Cunha, Luis Joze Ribeiro Barreto boticario do Triunfo, Augusto Cezar Muzi, Viçente Ferrer dos Santos Soares, Joze Antonio Pimenta, e que todos estes individuos asima declarados achão se em campo empregados huns em officiaes superiores e outros em ofeciaes menores e que todos são Comandantes de forças, e diçe mais elle testemunha que Viçente Ferreira Leitão, Manoel Vicente Vieira Ramos, Afonço Sarrazem, que igualmente são grandes influentes do partido Rebelde, e diçe mais elle testemunha que Albêrto Joze Sentena e Joze da Silva Ramos conhecido por Anção e João Machado de Souza que todos estes tres tem sido muito influentes e Comandão ainda forças Rebeldes, e João Sarrazem Irmão de Afonço Sarrazem tão bem foi grande influente Reunindo forças dos Alemains e hoje achase deportado desta Provincia, Manoel Antonio de Andras que se acha prezo na prizão do Oitavo tão bem foi Comandante de huma força que existia na picada e Campos de Dona Rita de Mello a qual foi toda prezoneira com as Armas na mão, por forças da Legalidade comandadas pelo Manjor Ozorio, debaixo da direção do Brigadeiro Cunha, e que Domingos Martins Pereira exposta em caza de Manoel Joaquim de Souza tãobem he ofeçial dos Rebeldes e muito imfluente, Jeronimo Antonio Dinis, e Manoel de Rezende ambos estes individuos são Ferreiros e Existem nas forças que sitião esta Cidade e que pelos seos ofícios e grande influencia he que perparão todo o Armamento dos Rebeldes que fazem o dito Citio. E que igualmente Joze Pereira da Silva, Manoel Antonio de Magalhains, Joaquim Gonçalves de Saihro, e Joze dos Santos Ferreira todos estes coatro forão os Comandantes das Embarçaçoins de Guerra que fizerão fogo a esta Cidade, Amaro Jozé Lisboa, tãobem foi Comandante de huma partida existente no fim do Caminho Novo, e João Ventura tão bem hera Companheiro daquele Lisboa e igualmente Davide Jose Lisboa e Luis Gambarro Italiano tãobem tem sido grandes influentes e declarou mais elle testemunha que os individuos declarados no seu Juramento são Cabeças daquele partido Rebelde pelas Forças que Comandão outros pela grande influencia que tem tido a favor do mesmo partido e que todos finalmente tem sido os motores de mortes, Roubos, ferimentos, e de todas as claçes de crimes que se tem praticado na Rebelião desta mesma Provincia coadjubando para se destruir a integridade da Nação Brasileira, a sua Constetuição e forma do seu Governo. E diçe elle testemunha que emquanto a Conspiração que no corpo de delito anuncia tramarse nesta Capital pela Convenção que se tem feito com os

Rebeldes que elle testemunha nada pode afirmar, e só unicamente Suspeita que o Doutor Joaquim Vieira da Cunha pela Comferencia que este tem tido com os Rebeldes tanto com o Chefe das forças que fazem çitio a esta Cidade como igualmente por constar a elle testemunha que o dito Cunha tem praticado as mesmas Comferencias com o Comandante que fazia o citio da Cidade do Rio Grande he por todos estes motivos Escandalozos e Contrarios a Lei que se fas suspeito aquelle dito Joaquim Vieira ter entrado em huma Conspiração nova que se desconfia tramar nesta Provincia contra a dignidade do Governo Imperial e mais e mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento despois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Pedro de Az.^{do} Souza.

Antonio Francisco de Almeida homem branco cazado e morador na Villa Nova do Triunfo e prezenemente nesta Cidade que vive do Rendimento de seos bens de Idade de cincoenta e Cinco annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles em que pos sua mão direita na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado. E sendo proguntado pelo Comtheudo no Auto deste Sumario que todo lhe foi lido dice que sabe que ouve huma Rebeleão nesta Provincia em Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco unindose varias povoaçoins ao Governo Rebelde, e que prezenemente as unicas Povoaçoins que verdadeiramente reconhesem o Governo Imperial são esta Cidade Porto Alegre, Cidade do Rio Grande do Sul, e Villa do Norte, e que todas as mais da Provincia ainda existem debaixo do Jugo dominio e poder do Governo Republicano, compriendendo para mais de vinte mil pessoas que estiverão e ainda estão debaixo do mesmo Governo, cuja Rebeleão foi posta em pratica negandose a pose do Doutor Joze de Araujo Ribeiro que tinha sido nomeado para Regir e prezidir os destinos desta Provincia pelo Governo Imperial sendo feita esta recuza com os fins de desunir esta Provincia da Integridade do Imperio, e Constetuilta em estado Independente com Governo Republicano, cujo Governo foi instalado na Vila de Peratenim e Jaguarão como consta do Decreto para dito fim lavrado e sendo Presidente da dita Republica Joze Gomes de

Vascomçelos Jardim. E dice mais elle testemunha que o partido Rebelde para levar a effeito o seu criminozo projeto tem reunido huma insurreição de grande numero de Escravatura Roubados com o fim de dar aos mesmos a liberdade, que unindo esta força de Escravos com a mais de pessoas livres montão a mais de tres a coatro mil homens estando esta devidida em varios pontos da Provincia, agredindo as forças do Governo Legal, aCometendo Cidades vilas, e Povoaçõins, ustilizando-as por meio de suas agreçõins, havendo nestas imenças mortes Roubo ferimentos graves insendios de Predios e ruínas nos mesmos predios em oCazioins que tem bombeado esta Cidade não só com granadas como com balas athe ardentes tendo havido estes ataques tanto por mar como por terra fazendo em tudo a maior rezistencia as forças do Legitimo Governo Imperial, e entre as muitas mortes que tem havido nos combates pasa elle testemunha a declarar os nomes de alguns officiaes que em defeza da Lei tem perdido a Existência, e he bem assim o Coronel Albano, O Coronel Viçente Ferrer da Silva Freire, e seu filho Diogo, Tenente Silva Barboza, Tenente Alvarenga, Tenente Souto, Capitão Salazar, Capitão Pinto Bandeira, mortes estas feitas em varios pontos da Provincia cometendo as mesmas forças Rebeldes todos os crimes Enormes que podem apparecer aos olhos do mundo inteiro. Progunto o Juiz a testemunha se Conhece algum ou alguns dos influentes cabeças deste partido Republicano Comandantes de força armada, e mais alguns individuos que tenham comcorrido para as imenças mortes Roubo ferimentos e todos os mais crimes que se tem praticado naquele partido. Respondeo elle testemunha que pasa a declarar os nomes das pessoas que tem em lembrança e são Manoel Antunes da Persincula, Agostinho Antonio de Mello, Antonio Joaquim de Souza Dorneles, Thomaz Joze da Silva, Sebastião Guedes, Joze Gonçalves Lopes Ferruge, Bernardo da Silva Machado, João Fernandes, Ermano Salles Alemão, Afonço Sarrazem, Antonio Simoins Pereira Junior Boticario, que andava com huma peça na proa do Seu Escaler, o que foi chefe de huma peça no ponto do Caminho Novo e foi prezo no dia quinze de Junho do anno paçado e saindo solto achase reunido as forças dos Rebeldes, e que sobre este se refere em Luiz Manoel Gomes e João Antunes Tavares, e João Antonio de Paiva; e dise mais elle testemunha que continua a declarar os nomes de mais individuos Luis Joze Ribeiro Barreto, Joze dos Santos Ferreira por antenomazia o Juca Mulatinho que hera Comandante da Escuna Farropilha; Estrogildo do Couto, este individuo he matador e por tal motivo veio da Fronteira corrido e Existe prezentemente no Distrito do Cahí; Alberto Joze Senteno,

João Silveira morador na Incruzilhada, Viçente Ferreira Leitão, Joze Ferreira da Silva morador na Azenha emediato a esta Cidade, Hipolito Jose de Souza, Antonio Teixeira de Oliveira, morador no Novo Triunfo, Alexandre da Costa, Juis de Pas do Triunfo, João Baptista Meireles, Juis de Pas de Santo Amaro, Francisco Ribeiro da Cunha morador na Incruzilhada; Viçente Ignacio de Mello, Ignoçencio Ferrão, Manoel Alves de Medeiros, e dice elle testemunha que todos os individuos declarados no presente depoimento exceptuando as pessoas em quem elle se referio que são Cabeças daquelle partido Rebelde, huns porque Comandão forças e outros não só pela grande influencia que tem no mesmo partido e que todos elles tem sido Cauza das imenças mortes, Roubos, ferimentos graves, e de todos os mais Crimes que se tem feito durante a prezente luta da Revulção desta Provincia, coadjuvando todos os ditos individuos par destruir a integridade da Nação Brasileira, a sua Constetuição e seu governo; e emquanto a Conspiração que se trata no Auto de Corpo de delicto que elle testemunha observou que na oCazião em que veio o actual Prezidente veio tãobem dois ofeciaes dos Rebeldes os quais sahirão desta Cidade e forão ás Forças que Çitião esta Cidade comandadas por Antonio de Souza Neto, e pasados dois dias voltarão e forão conduzidos fora das Trincheiras em hum Escaler no qual hia o Comandante das forças Navais Grinfer conduzinduos para bordo de sua Canhoneira, e depois deste aConteçimento elle testemunha vio sahir o Doutor Joaquim Vieira da Cunha para fora das Trinxeiras desta Cidade e Segundo he publico que foi falar tãobem com o dito Neto e que depois voltou da Comição em que foi. E proguntando o Juis a testemunha se todo o praticado sobre a Convenção de que se trata se o Prezidente da Provincia actual deo o seu consentimento, e se taes communicações e tratos com os Rebeldes se são ou não contrarios as Leis em vigor e contra a dignidade Nacional. Respondeo a testemunha que todos os tratos ou Convençõins declaradas que forão feitas com licença do actual Prezidente, e que sem esta os mesmos de quem se trata não podião sahir para fora das Trincheiras, e que semelhante procedimento elle testemunha os conçidera serem contrarios as Leis e contra a quebra e dignidade Nacional e mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Camara.

*Antonio Fran.^{co} de Almd.**

ASENTADA

Aos vinte e Seis dias do mes de Julho de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do Juis de Pas do Segundo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão de seu cargo fui vindo e sendo ahi por elle Juis forão inquiridas as testemunhas que por parte da Justica forão apresentadas e por mim Escrivão noteficadas de que fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Certefico que Citei a João Antunes Tavares, Joaquim Joze da Silva Rocha Sargento Mor Joaquim Anacleto de Azevedo e Joaquim Anacleto de Azevedo filho para Jurarem neste Sumario de que dou fe. Porto Alegre 26 de Julho de 1837.

Luis Man.^{el} Glz. Lages.

João Antunes Tavares homem branco solteiro morador nesta Cidade que vive de negocio de Idade vinte e dois annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no Auto deste Sumario que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto dice que he verdade que em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco declarouse huma Rebeliaó nesta Provincia deixando de dar pose ao Doutor Joze de Araujo Ribeiro que foi nomeado Prezidente Legal para Governar esta mesma Provincia sendo esta Rebeliaó feita para desunir esta Provincia da Comunhaó Brasileira e Constituida em estado independente com Governo Republicano o qual Governo se pos em pratica na Villa de Peratenim e Jaguarão unindo-se ao mesmo Governo Republicano quaze todas as Povoaçoins Villas e Cidades desta mesma Provincia que todas ellas comprienderão mais de vinte mil pessoas que estava, e ainda estaó debaixo do Governo dos Rebeldes, estando unicamente debaixo do reconhecimento do Legitimo Governo Imperial esta Cidade de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, e Villa do Norte, unindo os Rebeldes ao seu partido hum grande numero de Escravatura com o fim de dar aos mesmos a liberdade armando-os, e que este grande numero de Escravos todos tem sido roubados para augmentar a força do mesmo partido a qual avaloa elle testemunha que

chega ao numero de coatro mil homins os quais armados e divididos por varios pontos desta Província tem atacado e ostilizado Cidades, Vilas, e mais povoaçoins agredindo as forças Imperiaes e em todos estes actos tem havido emenças mortes ferimentos graves roubos insendios de predios, Estrupos e todas as mais violências Criminozas; E dice mais elle testemunha que esta Cidade em trinta de Junho e vintê de Julho do anno paçado foi agridida por Már e por terra, e do mes de Majo deste corrente anno athe vinte e dois do prezente mes de Julho foi Bombiada cinco vezes com granadas e Balas ardentes cometendo nestes actos de agreção algumas mortes ferimentos e ruinas de predios. E dice mais ele testemunha que sendo Çitiada a Villa de Saçapava onde se achava o Batalhão de Caçadores de primeira linha do comando do coronel João Chrizostomo e igualmente noventa a sem homens de Artilharia que guarneçiaó quinze peças Muniçoins de boca e guerra tudo isto renderãose a força do Çitio que existia na Çircomferência da dita Villa. E dice mais elle testemunha que entre as emenças mortes que tem havido feitas pelos Rebeldes as forças Legais que pasa ele testemunha a apontar os nomes de alguns ofeçiaes que em defeza do Trono Imperial e da Lei tem perdido a vida e são o Coronel Albano, o Manjor Mazarredo, Tenente Americo, Tenente Rodarte, Tenente João da Silva Barboza, Coronel Viçente, Alferes Lobo, Tenente Alvarenga, Capetão Manoel Lobo Ferreira Barreto, o Tenente Motta, Comandante do Ponto do Caminho Novo, o Alferes Fagundes os quais forão mortos em ataques que os Rebeldes tem dado em divercos pontos desta Província; Proguntou o Juis a Testemunha se conhece alguns dos individuos ou se sabe pelos seos nomes quais são os Cabeças e influentes, Comandantes de força Armada que a favor do mesmo partido Rebelde tem cometido ou comcorrido para as emenças mortes e todos os mais crimes que se tem praticado para o fim dos mesmos Rebeldes fazerem a Completa devizão desta Província da Comunhão Brasileira. Respondeo elle testemunha que os individuos Antonio Goncalves da Silva, Joze Goncalves da Silva, Ignacio Peixoto do Prado, Manoel Antunes da Perçincula, e seu Irmão Fermiano Antunes da Perçincula, Agostinho Antonio de Mello, Antonio Joaquim de Souza Dorneles, Antonio Pereira Nunes, Anacleto Joze de Matos, Joaquim Pereira de Borba Baençe, Bernardo da Silva Machado, João Fernandes morador em Santo Amaro, Ermano Sales Alemão, Joaquim Joze Ferreira Vilaça, Antonio Marques da Cunha, Augusto Cezar Muze, Viçente Ferrer dos Santos Soares, Afonço Sarrazem, Antonio Simoins Pereira Junior, Luis Joze Ribeiro Barreto, Patricio de

Azambuja Cidade, Domingos Martins Pereira, Joze Antonio Pimenta Ourives, Manoel de Rezende, Ferreiro, e Jeronimo Antonio Dinis ferreiro, e que todos estes dois individuos são os grandes influentes e que existem nas forças que estão Citiando esta Província e que perparão o Armamento para ostelizar as forças da Legalidade em todas as ocaziões que tem Bombiado esta mesma Cidade e que todos os mais individuos declarados são officiaes e comandão forças e são grandes influentes, do partido Rebelde e que igualmente Joze Pereira da Silva, Manoel Antonio de Magalhães, Joze dos Santos Ferreira, e Joaquim Goncalves de Saibro todos estes coatro individuos forão os comandantes das Imbarcações de Guerra que fizerão fogo a esta Cidade e que guarneção desde o ponto de Itapoam e Rios emediatos a esta Cidade e que consta a ele testemunha que todos ainda existem nas forças dos Rebeldes, e que igualmente Joze da Silva Ramos, Anção Estrogildo do Couto, Alberto Joze Senteno, Viçente Ferreira Leitão, Manoel Vicente Vieira Ramos, Joze Francisco da Silva, Doutor Paul Medico das forças do comando de Bento Goncalves que foi grande influente e sendo prizioneiro foi deportado para fora da Província, e Francisco João Serrazem Irmão de Afonso Serrazem foi hum grande influente do partido Rebelde, e reuniu Alemains para o mesmo partido, Joaquim Joze Monteiro, Irmão de Silvano Joze Monteiro, Antonio Teixeira de Oliveira, morador que foi no Novo Triunfo, Manoel Antonio de Andra intitulado *pintado* este individuo foi prizioneiro com as Armas na mão e toda a sua força que o mesmo comandava pelo Tenente Ozorio e forças da Legalidade nos Campos de Dona Rita, Antonio Joze da Silva que foi Capitão do Mato, Amaro Francisco Pedro, Francisco da Lús e finalizou ele testemunha o seu Juramento. E sendo proguntado pelo Contheudo no Referimento que nele testemunha fes a testemunha Antonio Francisco de Alemida que todo lhe foi lido dice que o dito Antonio Simoins he verdade ser chefe de huma pesa no tempo que os Rebeldes davão a Lei nesta Cidade, a qual peça estava no ponto do Caminho Novo e que depois Vio muitas vezes o dito Antonio Simoins andar em hum Escaler do mesmo com huma peça pequena de Artilharia na proa fazendo fogo aos viajantes entre as Ilhas e que tudo o mais he verdadeiro tudo quanto nele refere a testemunha referente e dice ele testemunha que todos individuos declarados por elle testemunha no presente depoimento que huns pelo comando de força Armada na qualidade de officiaes que são daquele partido rebelde, e finalmente outros pela grande influencia que tem no mesmo partido são cauzadores dos Roubos mortes

ferimentos e de todas as claçes de crimes que se tem feito na presente Revulção, e que finalmente todos os mencionados individuos tem coadjuvado para se destruir a Integridade da Nação Brasileira e deribar-se a Constetuição politica e forma do seu Governo, e dice mais elle testemunha que emquanto a nova conspiração declarada no Auto de Corpo de delito que nada pode dizer. E mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento despois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

João Ant.º Tavares.

Joaquim Joze da Rocha digo da Silva Rocha homem branco Comandante e segundo Tenente de Comição da Armada Nacional e Imperial Comandante da Canhoneira *Numero oito* cazado que vive de seos soldos de Idade de corenta e cinco annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles cm que pos sua mão direita e pormeteo dizer a verdade do que soubece e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo no Auto deste Sumario e Corpo de delito endireto que todo lhe foi lido e declarado pelo Juis neste acto—D.—dice que sabe que em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco declarou-se huma Rebeleão nesta Provincia deixando-se de dar Pose ao Doutor Joze de Araujo Ribeiro que tinha sido nomeado para que na qualidade de Prezidente nomeado pelo Governo Imperial este Prezidente tomase conta dos destinos desta Provincia a qual se achava dominada por huma facção Rebelde e Governo intruzo tudo com os fins de desunir esta Provincia da Integridade do Imperio e Constetuilta em estado libre e Independente com Governo Republicano, cujo Governo se declarou na Villa de Peratenim e Jaguarão. e consta tal declaração pelo Decreto e proclamaçoins escriptos sobre semelhante objeto de que hera Prezidente e hé Joze Gomes de Vasconcelos Jardim, unindo-se ao dito Governo Republicano todas as Cidades, Vilas e Povoaçoins, desta Provincia, e compriendião para mais de vinte mil pessoas que estavam debaixo do dominio e mando do partido daquela facção Rebelde, e que ainda existem debaixo do mesmo dominio exceptuando esta Cidade de Porto Alegre Cidade do Rio Grande, e Vila de São Joze do Norte, unicos lugares que prezenemente estão debaixo do Governo Imperial, e para a dita fação Rebelde ter

levado a effeito o criminozo projeto de desunir esta Província da Comunhão Brasileira, tem uzado de força Armada a qual compriende não menos de coatro mil homens, e tem unido a mesma força huma grande porção de Escravatura que a tem armado, Roubando-as a seos porprietarios pormetendo-lhes a liberdade a qual unida a outra força tem feito huma efectiva Rezistencia as ordens do Governo Legal, agredindo as forças da Legalidade atacando Cidades, Vilas, Povoaçõins, e nos actos de suas agreçoins tem cometido emenças mortes, Roubos, insendios e todas os mais Crimes, suçeteveis a homens malvados, e paça ele testemunha a declarar que esta Çidade tem sido atacada por már e por terra, Bombeada, e athe se lhe tem lançado Balas Ardentes por huma força dos Rebeldes que a tem em sítio da qual he Comandante em Chefe Antonio de Souza Neto e que ele testemunha não só nestes actos de agreçoins como em outros lugares donde se tem achado tem defendido o Trono Imperial como Comandante de huma canhoneira, e não só tem defendido a Lei como na qualidade de dito comandante como igualmente já o fês em terra unido as forças do faxinal no principio da prezente luta desta Província. E dice mais ele testemunha que as forças dos Rebeldes estão divididas em varios pontos desta mesma Província e em todos estes tem cometido todos os crimes que podem apparecer a vista do Oniverço e entre as muitas mortes que tem havido pasa ele testemunha a declarar os nomes de alguns Servidores da Nação Brasileira que em defeza da mesma tem perdido a existencia, e são: o Coronel Viçente Ferrer da Silva Freire, seu filho, Diogo, Alferes Lobo, Capitão Manoel Jacinto, Manjor Mazarredo, Tenente Ameriço, Tenente João da Silva Barboza, Capitão Pinto Bandeira, Coronel Albano, Tenente Alvarenga, Tenente Souto, João Rodrigues de Moraes, e outro Alferes Vasco do Destrito de Santa Anna. E que igualmente ele testemunha pasa a declarar que huma força Rebelde capitaniada pelo Rebelde João Antonio da Silveira filho fazendo Çitio a Villa de Caçapava pode prizionar ao Batalhão de Caçadores ali existente de que hera comandante o Coronel João Chrizostomo ficando aquella força igualmente de pose de artilheiros e quinze pesas de Artilharia com muitas Municoins de boca e Guerra. E preguntado pelo Juiz a testemunha se conhece ou se sabe os nomes dos cabeças influentes deste partido comandantes de força Armada e cumpleses de todos os crimes que se tem praticado na prezente Revulção Respondeo elle testemunha que paça a declarar os nomes dos que tem em lembrança e são Joze Carlos Serurgião que foi de Inviado o Monte Video, Antonio Gonçalves da Silva, Joze Gonçalves

da Silva, Manoel Gonçalves da Silva, todos tres Irmãos de Bento Gonçalves da Silva, e Comandantes de Força, Ignacio Peixoto do Prado ofeçial, Manoel Antunes da Perçincula e seu Irmão Fermiano Antunes da Perçiuncula, Manoel Ribeiro de Moraes, todos os tres offeciaes, Agostinho Antonio de Mélo Coronel dos Rebeldes, Anacleto Joze de Matos, Joaquim Pereira de Borba Baençe, Bernardo da Silva Machado, ofeçial, João Fernandes Ofeçial e Embaixador que veio a esta Cidade por mandado de Bento Gonçalves, Antonio Marques da Cunha, ofeçial, Delfino Henriques de Carvalho, Augusto Cezar Maza Ofeçial, Viçente Ferrer dos Santos Soares, Ofeçial, Afonço Serrazem, Ofeçial Comandante de força, Antonio Simoins Pereira Junior, Boticario e grande influente, Luis Joze Ribeiro Barreto Boticario, Manoel Rezende, e Jeronimo Antonio Dinis ambos ferreiros e achão se nas forças dos Rebeldes que Çitião esta Çidade, Domingos Martins Pereira Capitão e grande influente, Albino Joze Ferreira que foi fiel do Trem, Ignacio Antonio de Moraes que foi Juis de Pas de São Leopoldo sendo este individo que com força que Reunio e que Requezitou ao Prezidente Intruzo Marçiano com esta impedio, e opôs se a pasage das forças Legais que vinhão restaurar esta Capital o que teve lugar no Paso de São Leopoldo em vinte e hum de Janeiro de mil Oito Centos trinta e seis, Joze Pereira da Silva Comandante do Brigue Bento Gonçalves, Manoel Antonio de Magalhains, e Candido Joze da Roza ambos forão Comandantes do Pataxo dos Rebeldes, Joze dos Santos Ferreira e Joaquim Gonçalves de Saibro ambos Comandantes das Canhoneiras hoje *Parque*, e *Legalidade*, Joze da Silva, Ramos Anção, Estrogildo do Couto Alberto Joze Senteno Viçente Ferreira Leitão, Manoel Vecente Vieira Ramos, Doutor Paul Medico Frances, o qual foi deportado para fora da Provincia, João Serrazem Irmão de Afonço Serrazem deportado para fora da Provincia e que Reunio grande porção de Alemains Joaquim Jose Monteiro este tem andado a Comandar forças dos Rebeldes Antonio Teixeira de Oliveira, João Baptista Meireles que foi Juis de Pas de Santo Amaro, Manoel Antonio de Andras Comandante das forças Rebeldes dos que forão prizioneiros na picada e Campos de Dona Rita de Mello cuja força em numero de vinte e nove homens elle testemunha Reçbeo em sua Canhoneira e os conduzio a esta Cidade na qual elle testemunha esta persuadido que toda esta força cumplice de huma morte que os mesmos fizerão na ocazião de serem prezos e de outras Antecedente digo e de Outras que antecedentemente tinhão feito como a de hum homem Portugues de nome que ignora mas sabe que hera conhecido por Vianna patrão e dono de hum Hiate que

Navegava desta Cidade para Taquari e outros deferentes Portos desta Província, Januario Fernandes Chaves, e Antonio Fernandes Chaves filhos de Manoel Fernandes Chaves, Antonio de Azambuja Cidade, todos estes tres tem sido os principais influentes e coloboradores do partido Rebelde no Destrito de Santa Anna e declara elle testemunha que o dito Cidade he filho do falecido Joze de Bitancour Cidade e de Dona Angelica de Azambuja e cazado com hum filha de Dona Maria da Lus e do falecido Capitão Manoel Jose de Alemeastro, Manoel Joze Machado, Antonio Joze Machado, Ortencio Leite de Oliveira Juzué que foi Capatas de Joze Ignacio Teixeira, Carlos Cambilheiro, morador em Caza de Ortencio Leite o qual aSasinou e Roubou a hum Portugues e he Comandante de forças Rebeldes Manoel Lopes Duarte e seos filhos Antonio Lopes, e Generozo Lopes Duarte e dis elle testemunha que todos os individuos declarados desde Januario Fernandes chaves the Generozo Lopes que se refere no Manjor Joaquim Anacleto e seu filho Joaquim que tem conhecimento da influencia dos mesmos a favor do partido Rebelde e Antonio Gracia, e Ereno de tal moradores em Santa Anna que tãobem sobre estes dois individuos fas o mesmo referimento das pessoas ja referidas e finalizou ele testemunha o seu depoimento que todos os individuos declarados no prezente depoimento e Escriptos despois da progunta, que o dito Juis lhe fes que são todos os mesmos individuos, q̃ são Camplíçes de todas as mortes, Roubos e mais Crimes cometidos na prezente Revulção e que todos igualmente tem comcorrido para destruir a forma do Governo Imperial, Sua constetuição politica e a união da Nação Brazileira. E dice ele testemunha que emquanto a nova Conspiração constante, e apontada no Auto de Corpo de delito que nada ele testemunha pode dizer por não saber sobre tal Objeto couza certa que posa firmar o seu Juramento e mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento despois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevi.

Camara.

Joaq.^m Joze da S.^a Rocha.

TT.^a REFERIDA A FLS.

Joaquim Anacleto de Azevedo Sargento Mor Reformado de segunda Linha branco cazado que vive do Rendimento de seus bens de Idade de Secenta e Seis annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado. E sendo proguntado pelo comtheudo no Auto deste Sumario que todo lhe foi lido e declarado pelo Juis dice digo proguntado sobre o referimento que nele testemunha fes a testemunha Joaquim Joze da Rocha digo da Silva Rocha que lhe foi lido, dice que todos os individuos ou pesoas constantes do Referimento que vem a ser Januario Fernandes Chaves, Antonio Fernandes Chaves ambos filhos de Manoel Fernandes Chaves, e Antonio de Azambuja Cidade, que dis elle testemunha que tem cido no Destrito de Santa Anna os primeiros influentes e agitadores daquele partido Rebelde sendo o dito Cidade cazado com huma filha do falescido Capitão Manoel Joze de Alemcastro, e que igualmente os individuos Manoel Jose Machado, Antonio Joze Machado, Ortencio Leite de Oliveira que foi ou inda he Capatas de Joze Ignacio Teixeira Junior, e Juzuhé que foi Capatas de Joze Ignacio Teixeira Tio daquele primeiro que todos estes tem sido grandes influentes e ainda são Colaboradores do dito partido Republicano, e que Carlos lombilheiro morador em Caza do dito Ortencio Leite não só asaçinou e Roubou a hum Portugues de nome Joaquim sendo o dito asasino e Roubo cometido em frente das Roças dele testemunha como tãobem este asaçino he Comandante de forças Rebeldes, e que Manoel Lopes Duarte, e seus filhos Antonio Lopes, igualmente Generozo Lopes que todos não só estes ultimos tres individuos como todos os mais por elle testemunha declarados e por quem foi referido que elle testemunha contempla todos por Cabeças deste partido Republicano não só por que huns na qualidade de ofeçiaes do mesmo partido Comandão forças, outros tãobem pela grande influencia e prestigio agitação tudo quanto he a favor do mesmo partido e que finalmente todas as pesoas do presente depoimento tem sido Cumplices e verdadeiramente Cauzadores de todas as mortes Roubos insendios e ruinas de predios e de todos os mais Crimes que se tem praticado nesta Província por motivo da Rebelião e que finalmente conclue ele testemunha o seu Juramento declarando que todas as mencionadas pesoas tem comcorrido directamente para se destruhir a nova forma

do Governo Imperial a Integridade do mesmo e sua Politica Constitucional e mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Joaq.^m Anacleto de Az.^{do}

ASENTADA

Aos vinte e Cete dias do mes de Julho de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do Juis de Pas do Segundo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara ahi por elle Juis forão inquiridas as testemunhas seguintes e Eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

TT.^a REFERIDA A F.¹⁵

Joaquim Anacleto de Azevedo filho, branco Solteiro morador no Destrito do Cahi e de prezente nesta Cidade que vive em Companhia de seu Pay o Sargento Mor Joaquim Anacleto de Azevedo de Idade de vinte e nove annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo referimendo que nele testemunha fes a testemunha referente Joaquim Joze da Silva Rocha que todo lhe foi lido pelo Juis dice que he verdade que conhece a Januario Fernandes Chaves, Antonio Fernandes Chaves, Antonio de Azambuja Cidade Cazado com huma filha de Dona Maria da Lus Viuva do Capitão Manoel Joze de Alencastro que todos estes tres individuos tem sido e são os primeiros influentes e Cabeças de Reuniãos no Destrito de Santa Anna para reforçar o partido Republicano, e que Manoel Joze Machado, Antonio Joze Machado, Ortencio Leite de Oliveira e Jozuhé que foi Capatas de Joze Ignacio Teixeira e todos estes moradores naquele mesmo Destrito de Santa Anna tãobem tem sido Comandantes de partidos Rebeldes, e que Carlos Lombilheiro foi quem asaçinou e Roubou hum Portugues de nome Joaquim cujo acontecimento foi feito em frente de hum canavial pertencente ao Pay dele testemunha e que o dito asaçino tãobem

tem Comandado partidos dos Rebeldes e ainda Comanda, e que Manoel Lopes Duarte e seos filhos Antonio Lopes, e Generoso Lopes que todos estes tres taõbem saó grandes influentes e agitadores do dito partido Rebelde, e que naó só estes ultimos declarados como todos os mais do prezente depoimento que os contempla a todos como Cabeças do partido Republicano e pela grande influencia que todos tem tido e que ainda se achao Com as Armas na mão; e que por tal respeito declara elle testemunha que todas as declaradas pessoas saó cúmplices de todas as mortes Roubos insendios e mais crimes que se tem perpetrado na Rebelião desta Província e que igualmente todos os mençionados individuos tem comcorrido para destruhir e derubar o Trono Imperial, seu Governo e a Constetuição politica deste Imperio e Sua Integridade e mais naó dice nem do Costume e assignou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luiz Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Joaquim Anacleto de Az.^{do}

Certefico que Citei a Luis Manoel Gomes Tavares, João Antonio de Paiva para Jurarem no prezente Sumario de que se derão por emtendidos e dou fe. Porto Alegre 2 de Agosto de 1837.

Luis Man.^{al} Glz Lages.

ASENTADA

Aos dois dias do mes de Agosto de mil oito centos trinta e sete annos nesta Cidade de Porto Alegre e Cazas da Rezidencia do Juis de Pas do Segundo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão vim ahi por elle Juis forão inquiridas as testemunhas seguintes e cu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

TT.^a REFERIDA A F.^{ls}

Luis Manoel Gomes Tavares homem branco solteiro morador nesta Cidade que vive de seu trabalho de officio de Carpinteiro da

Ribeira de Idade de vinte e nove annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no referimento que nele testemunha fes a testemunha referente Antonio Francisco de Almeida que todo lhe foi lido pelo Juis neste acto dice que sobre o referimento que se lhe fas que sabe por ver e observar que Antonio Simoins Pereira Junior mandou pôr huma pequena Pesa na proa de hum seu Escaler a qual obteve do Trem de Guerra desta Cidade, acompanhada com algumas Muniçoins, e com esta pesa o mesmo Simoins foi com força Armada, do Batalhão oitavo em hum lanchão grande a maior parte da dita força, levando o mesmo no dito seu Escaler praças da mesma força Armada, afim de Baterem, e prenderem huma Reunião que constava estarem na Ilha do Velho Matheus Gonçalves Leonardo, cuja reunião prezumia os Rebeldes que hera para o fim de virem a esta Cidade a botarem abaixo o Governo intruzo dos Rebeldes cuja força hera o seu primeiro comandante o Manjor Joze Jacinto e hia em Companhia da mesma o Juis de Pas do Centro Luis Ignacio Pereira de Abreu. E diçe mais elle testemunha que aquelle dito Antonio Simoins que não só nesta deligencia já dita observou ele testemunha por mais vezes andar o dito Simoins pelas Emediaçoins das Ilhas fronteiras desta Cidade revistando os viajantes que seguião pelos Rios entre as Ilhas, e que este dito Simoins hera hum grande influente a favor do partido Republicano. E mais não digo Republicano e que prezenemente achase entre as forças dos Rebeldes tudo com o fim de destruir a nova forma do Governo que os suditos Leais do Imperio tem adotado e que tem jurado, sendo em tudo verdadeiro o referimento que nele testemunha fes a testemunha referente e mais não dice nem do Costume e assignou o seo juramento despois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Gonçalves Iages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Luiz Manoel Gomes Tavares.

TT.^A REFERIDA A F.¹⁵

João Antonio de Paiva homem branco cazado morador nesta Cidade que vive de seu negocio de Idade de Corenta e Cete annos pouco mais ou menos testemunha Juramentada pelo dito Juiz aos

Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo no referimento que nele testemunha fes a testemunha referente Antonio Francisco de Almeida que todo lhe foi lido e declarado neste acto dice que estando elle testemunha na sua chacara que tem na Ilha dos Marinheiros que vio depois da Revulção do dia vinte de Setembro de mil Oito Centos trinta e Cinco pasar pela frente da mesma chacra Antonio Simoins Pereira Junior dentro do Escaler do mesmo com huma pequena pésa na proa acompanhado com alguma Tropa Armada, indo no mesmo Escaler o Juis de Pas Luis Ignacio Pereira de Abreu, e como elle testemunha andava nesa oCaziaõ oculto por motivo e receio da perseguição daquele mesmo Antonio Simoins, pasou logo elle testemunha aretirar-se e occultar-se para o mato e depois dese acontecimento foi publico a elle mesmo testemunha que hera dedicada aquella delegencia para obstar huma Reuniaõ que se dizia havia na Ilha do Velho Matheos, cuja Reuniaõ hera segundo Constava a favor da Legalidade porem que senaõ emcontrara a dita Reuniaõ no lugar já asima dito. e que sabe mais elle testemunha que nem só aquele dito Simoins hera hum digo Simoins, como outros Companheiros andara aprendendo o manejo de artilharia no ponto do Caminho Novo. E proguntando o Juis á testemunha se aquele dito Simoins, se a deligencia a que elle hia hera a favor do Governo Imperial ou se hera a favor do partido que se tinha levantado contra o mesmo Governo Imperial adotado e Jurado neste Imperio. Respondeo que ele hia com Autoridade Legal, que hera o Juis de Pás asima dito, por haver aquele mesmo Juis de Pas ter tido parte na Revulção, que inda exeste nesta Provincia, e por tal motivo contempla ele testemunha que aquella deligencia hera feita contra o Governo Imperial que os Leais habitantes do Brazil tem adoptado e mais não dise nem do costume e assignou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivaõ que o Escrevy.

Camara.

João Antonio de Paiva

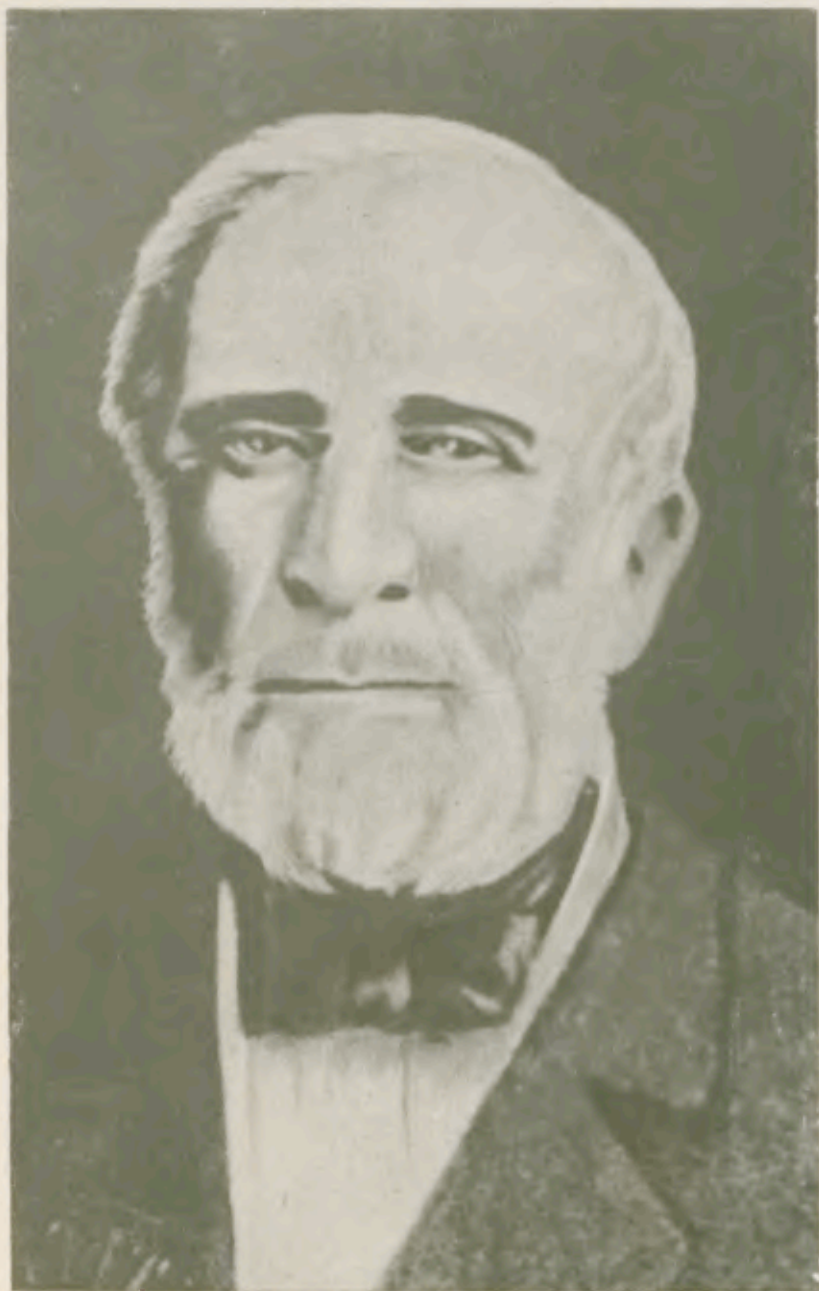
Aos tres dias do mes de Agosto de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do Juiz de Paz do Segundo Destrito Capetão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão fui vendo e sendo ahí faço estes Autos Sumarios Comcluzos ao mesmo Juiz de que faço este termo Eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevy.

Clz.^{es} em 3 de Ag.^{to} de 1837

Sentença do Juiz Manoel José da Câmara.

Em 31 de Agosto de 1837.

Vistos, e examinados estes autos. Mostra-se pelo Corpo de delicto de f.¹ a f.¹ verificada a existencia de huma quallificada Rebelião, que tem assolado e continua assolar esta Provincia, para os bem reconhecidos e notorios fins de desmenbrala da União Brasileira, havendo os fauctores deste Partido não só tentado por meio de força Armada destruir a Intigridade do Imperio, como destruir a sua Constituição Politica, e a forma do Governo estabelicido; cujo crime se consumou pela declaração da independencia e governo Republicano, que os Rebeldes aclamarão na Villa da Jaguarão, e do Peratenim em 11 de Novembro de 1836, como se acha verificado no mesmo Corpo de Delicto; havendo igualmente aquelles Rebeldes aliciado e unido á massa de suas forças hum grande numero de escravos, os quaes com mão armada e com o disígnio de haverem a liberdade por meio de força tem auxiliado a rezistencia dos Rebeldes e por isso commetido o crime de huma verdadeira Insurreição como he vezivel do Cítado Corpo de Delicto; e pelo mesmo se mostra a existencia de innumeraveis mortes, roubos ferimentos graves, incendios e ruinas de Predios perpetrados pelo Partido Rebelde nas suas consecutivas e aturadas incursoens, principalmente em 6 bombardeamentos de granadas e ballas Ardentes que tem feito sobre esta Cidade desde 2 de Maio do corrente Anno athe o dia de hoje. E tanto as testemunhas que depuzerão no precitado Corpo de Delicto como as que se seguirão no plenário da Culpa e a mais prova que resulta com a presença dos Documentos intranhados neste Sumario, obrigão á prizão e livramento a Antonio



DR. JOAQUIM VIEIRA DA CUNHA

de Souza Netto — David Miž Coelho Canabarro, — Antonio Marques da Cunha, — Antonio Gonçalves da Silva, — Joze Gonçalves da Silva, Agostinho Antonio de Mello, Antonio Joaquim de Souza Dornelles, Thomas Joze da Silva f.^o do Tent.^o Joaq.^m Per.^a mor.^{or} em Monte Allegre, Domingos Mir.^a Per.^a e Sz.^{as}, Bernardo da Silva Machado, João Fernandes morador em S.^{ta} Amaro, Joze Carlos Pinto, Cirurgião, Albino Joze Ferreira que foi Empregado no Trem de Guerra, Ignacio Antonio de Moraes, Joze Ferreira da Silva morador na Varge desta Cid.^a, Luis Ganbarra Italiano, David Joze Lisboa, João Ventura da Rocha, Amaro Joze Lisboa, João Sarrazen-Frances, Vicente Ferreira Leitão, Manoel Antonio de Andras-Pintado, Manoel Bernardes de Senne, Francisco Dutra, Joze Machado, João Ferreira Alz.^a, Estevão Joze Roiž todos estes tres intitulados os Vacas, Amaro Francisco Pedro, João da Silva Forcancho, Manoel de Souza Romeiro, Francisco da Lus, Firmino Antonio, Joze Francisco da S.^a o pescador, Frederico Fabricio, Antonio Joze da Silva, Cap.^m do Matto, Jeronimo Antonio Denis, Antonio Garcia, Joaquim Gonçalves de Saibro, Joze dos Santos Ferreira, Joze Pereira da Silva, Manoel Antonio de Mag.^{as} todos estes quatro Comd.^{as} de Vazos de Guerra dos Rebeldes, Candido Joze da Roza q̄ foi tãobem Comd.^a do Pataxo de Guerra dos Rebeldes, João Pires da Serveira, Jeronimo Alž de Castilhos, João Ant.^a da Silveira Filho, Manoel Antunes da Percincola, Manoel Ribr.^a de Moraes, Antonio Pereira Nunes f.^o do Tenente Izidoro, Sebastião Guedes, Manoel Vicente Vieira Ramos, Marcelino Joze do Carmo, Hermano Salesch Alemão, João Baptista Meireles, Luis Joze Rib.^a Barreto, Boticario, Patricio de Azambuja Cidade, Affonço Serrasain, Alberto Joze Senteno, João Silveira mor.^{or} na Encruzilhada, Vicente Ignacio de Mello, Manoel Alž de Medeiros, Estrugildo do Couto, Fermianno Antunes da Percincola, Joze Gomes de Vasconcellos Jardim, Anacleto Joze de Mattos, Joaquim Pereira de Borba Baience, Joaquim Joze Ferreira Vilaça, Augusto Cezar Muzi, Vicente Ferrer dos Santos Soares, I.^o Antonio Pimenta Ourives, Joze da S.^a Ramos, o Anção, Manoel de Rezende Ferreiro, Joze Gonçalves Lopes Ferrugem, Antonio Simoins Pereira Junior, Antonio Teixeira de Oliveira morador no novo Triunpho, e que teve negocio nesta Cid.^a, Ignacio Peixoto do Prado, D.^{or} Paul, Medico, Joaquim Joze Monteiro, Januario Fernandes Chaves, Antonio Fernandes Chaves, Antonio de Azambuja Cidade Cazado com huma f.^a de D. Maria da Lux, Manoel Joze Maxado, e Antonio Joze Machado moradores no Destr.^o de S.^{ta} Anna, Ortencio Leite de Oliveira, Juzné que foi Capataz de Joze Ignacio Teixr.^a, Carlos

Lombilheiro, Manoel Lopes Duarte, e seus filhos Antonio Lopes Duarte, e Genêrozo Lopes Duarte, como Reos dos Crimes declarados nos Artigos 68, 85, Secenta e oito, e oitenta e sinco, 113, 116, 192, 202, 266, e 269, Sento e treze, sento e dezaceis, sento e noventa e dois, duzentos e dois, duzentos e secenta e seis, e duzentos e secenta e nove do Código Criminal; porque todos elles com mão Armada, e carater hostil, trabalharão, e forcejarão para destruir a Integridade do Imperio, a sua Constituição Politica, e a forma do Governo estabelecido, havendo tãohem todos directamente concorrido para a insurreição da Escravatura, e para os mais crimes de homicidios, ferimentos, roubos, e damnificaçoens a cima declarados constantes do precitado Corpo de Delicto, e da plena e convincente prova dos Autos. O Escrivão deste Juizo lancando-lhe os nomes no Livro dos Culpados com as precisas confrontaçoens recomende na Cadêa os Reos que ja estiverem prezos, e passe as Ordens e Precatorias necessarias para a prizão dos mais Reos aqui nomeados, e intimando esta ao Promotor Publico para proceder nos termos d' Accusação, notificará as testemunhas para proceder nos termos digo para comparecerem na primeira reunião dos Jurados, fazendo em tempo e forma, remessa destes Autos para o Juizo da Cabeça do Termo, e passando de tudo Certidão nestes mesmos Autos. E custas. Porto Alegre 31 de Agosto de 1837.

Lancados no Rol dos Culpados.

Lages.

Manoel Joze da Camara.

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do Juis de Pas Capitão Manoel Joze da Camara aonde eu Escrivão de seu Cargo fui vindo e sendo ahi por elle Juis me forão dados estes Autos Sumarios Com a sua Sentença de Pronuncia supra que mandou-se cumprisse como nela se contem e declara de que faço este termo eu Luiz Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Certifico que intimei a sentença Retro ao Promotor Publico na forma que o detremina a mes digo Publico Lourenço Junior de Castro na forma que o detremina a mesma Sentença de que se deu por emtendido e dou fe Porto Alegre 2 de Setembro de 1837.

Luiz Man.^{al} Glz Lages

Certifico que este Sumario Contem Setenta e Cinco folhas escriptas e se acha a numeração por mim Escrivão emendada de folhas des the folhas vinte e seis, e de folhas Corenta the folhas setenta e Cinco O referido he verdade e de que dou fé Porto Alegre 2 de Setembro de 1837.

Luiz Man.^{al} Glz Lages

JUNTADA

Aos Catorze dias do mes de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Oito annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço Juntada a estes Autos do havizo Expedido pela Secretaria dos negocios da Justiça remetido ao Excelentissimo Presidente da Provincia e este a este Juizo para se dar baixa na Culpa ao Reo Manoel Esteves de Rezende o qual havizo he o que se segue de que fis este termo eu Luiz Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevy.

Copia

O Regente em Nome do Imperador o Snr. Dom Pedro Segundo Ha por bem, na conformidade do art.^o 6.^o da Lei de 11 de Outubro de 1836, amnistiar ao Padre Juliano de Faria Lobato e Manoel Esteves de Rezende, para que em virtude da mesma Lei se ponha um perpetuo Silencio sobre todos os factos de que possão ser arguidos pelos acontecimentos occorridos na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Súl, com a clauzula porem de que emquanto se não pacificar esta Provincia, só poderão rezidir nella por permissão do respectivo Presidente, o qual poderá designar-lhes qualquer outra em que entretanto se estabeleção, quando assim o julgue mais conveniente. = Bernardo Pereira de Vasconcellos, do Conselho de Sua Magestade O Imperador, Ministro e Secretario d' Estado dos Negocios da Justiça o tenha assim entendido e faça

executar. = Palacio do Rio de Janeiro em vinte e sete de Outubro de mil oito centos e trinta e oito, decimo Setimo da Independencia e do Imperio = Pedro de Araujo Lima = Bernardo Pereira de Vasconcellos. = Está conforme e João Carneiro de Campos a

Conforme

Junto aos autos venhão concluzos.
Porto Al.^o 14 de Dezbr.^o de 1838.

Ribr.^o

João Dias de Castro

CLZ.^m

Aos Catorze dias do mes de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Oito annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faco estes Autos Comcluzos ao Juis de Pas de segundo Destrito Victorino Joze Ribeiro de que faço este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevy.

Clz.^o em 14 de Dezbr.^o 1838.

Em vertude do que se acha disposto e determinado no Decreto do Ex.^{mo} Regente do Imperio datado de 27 de 8br.^o do corrente anno, cuja copia p.^a sua execução me foi transmitida pelo Ex.^{mo} Presidente desta Provincia, julgo p.^r amnistiado e dezonorado de todos os crimes de que fas menção a Sentensa de Pronuncia de f.¹ 73 e f.¹ 74 v.^o ao Reó prezo Manoel Esteves de Rezende que se ácha Pronuciado e compriendido na mesma Sentensa p.^a que já mais possa ser perseguido pelos refferidos crimes, pagas as custas pelo mesmo. A O Escrivão deste juizo portanto dé lhe a competente baixa na culpa, e passe Alvará de Soltura na forma da Ley. Porto Al.^o 14 de Dezbr.^o de 1838.

Tem baixa na Culpa.

Lages.

Victorino J.^o Ribr.

DATA

E logo pelo dito Juiz no mesmo dia mes e anno supra Retro me forão dados estes Autos com o seu despacho retro que mandou-se Cumprisse e guardase como nele se Contem e declara de que fis este termo eu Luiz Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

JUNTADA

Aos vinte e seis dias do mes de Ou digo de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço juntada a estes Autos do Officio, Havizo, e Decreto por Copias que se segue de que fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Copla

Transmito a Vosa merçe copia dos Havizos expedidos pelo Ministro da Justiça expedido em tres, e Cete de Outubro ultimo acompanhado dos Decretos de dois, e tres do mesmo mes, o primeiro concedendo amnistia a João Antonio da Silveira Barulho, Joaó Ferreira Alves, Fermino Telles de Menezes, Manoel Antonio de Aranda, e Maximiano Goncalves de Saibro, e o Segundo Antonio Maria Calvete, e o Tenente do primeiro Corpo de Artilharia a Cavallo Luis Joze dos Reis Alpoim sendo tal perdão com a Condição de não regreçarem a esta Provincia emquanto não estiver de todo pacificada e Vosa merçe nesta intelligência fara ajuntar taes Documentos aos respectivos Proseços cazo os mencionados individuos estejam Pronunciados por ese Juizo para todo o tempo se julgar por conformes e darselhes baixa na Culpa. Deos Guarde a Vosa Merçe Palácio do Governo em Porto Alegre vinte e tres de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove = Saturnino de Souza Oliveira Senhor Manoel Rodrigues Chaves = Esta conforme com o original.

O Escrivão

Luis Man.^o Glz Lages

Copia de Outros

Numero Corenta = Illustrisimo Excelentissimo Senhor = O Regente em nome do Imperador manda remeter a Vosa Excelencia a Copia incluza do Decreto datado de hontem pelo qual Houve por bem amnistiar a João Antonio da Silveira Barulho, João Ferreira Alves, Fermino Teles de Menezes, Manoel Antonio de Aranda, e Maximiano Goncalves da Silva para que vosa Excelencia lhe faça dar Execução expedindo as convenientes Ordens a Autoridade competente.

Deos Guarde a Vosa Excelencia Palacio do Rio de Janeiro em tres de Outubro de mil Oito Centos trinta e nove = Francisco Ramiro de ASis Coelho, = Senhor Prezidente da Província de São Pedro, = Cumprase e Registese. Palacio do Governo Porto Alegre vinte e tres de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove = OLiveira = Conforme = João Dias de Castro = Esta Conforme.

O Escr.^m

Luis Man.^o Glz Lages

Copia de Outros

O Regente, em nome do Imperador o Senhor Dom Pedro Segundo Há por bem na conformidade do artigo primeiro do Decreto de vinte e Coatro de Outubro do anno proximo pasado amnistiar a João Antonio da Silveira Barulho, João Ferreira Alves, Fermino Teles de Moraes, Manoel Antonio de Aranda, Maximiano Goncalves da Silva, para que em virtude do mesmo Decreto se ponha um perpetuo Silencio sobre todos os factos de que posão ser arguidos pelos acontecimentos ocorridos na Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul com a Clauzula porem de não regrecarem a ella emquanto não estiver de todo pacificada = Francisco Ramiro de ASis Coelho Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça o tenha assim emtendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em dois de Outubro de mil Oito Centos trinta e nove = decimo Oitavo da Independência e do Imperio = Pedro de Araujo Lima = Francisco Ramiro de ASis Coelho = Esta conforme João Carneiro de Campos = Conforme João Dias de Castro =

Esta Conforme

O Escr.^m

Lnis Man.^o Glz Lages

DESPACHO

Junto aos Autos mos faça Comcluzos Porto Alegre vinte e seis de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove = Chaves =

REPREZENTAÇÃO

Como alguns indivíduos Constantes do Decreto retro são Reos Pronunciados neste Juizo e em diferentes Proceços pelos Crimes de Rebelião convem que vosa Senhoria haja de mandar por seu despacho que se extraião Copias do Officio do Excelentissimo Presidente da Provincia e do Havizo e Decreto Retro e que Junto aos Prosecos de Cada hum dos Reos mande Subir a Comcluzão afim de se deliberar Como achar de Justiça Porto Alegre vinte e seis de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove = o Escrivão = Luis Manoel Goncalves Lages =

Esta Conforme

Luis Manoel Glz Lages

DESPACHO

Junto este ao Proseço de João Antonio da Silveira Barulho extraia-se Copias do Decreto e Havizo e se junte aos Autos de Cada hum dos Reos e subão a Comcluzão Porto Alegre vinte e seis de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove = Chaves =

Esta conforme

O Escriv.

Luis Man.^{al} Glz Lages

COMCLZ.^m

Aos vinte e Seis dias do mes de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço estes Autos Comcluzos ao Juis de Pas do Segundo Destricto Manoel Rodrigues Chaves de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Clz.^{as} em 26 de 9br.^o de 1839

Em virtude do que se acha disposto e detreminado por Copia do Avizo expedido pelo Ex.^{mo} Ministro da Justica em 3 de 8br.^o do corrente Anno e Decreto de 2 do dito mes e anno do Ex.^{mo} Regente do Imperio Cujas Copias para sua eizicução me foraõ transmetidas pelo Ex.^{mo} Prezidente desta Provincia em officio datado de 23 de Novembro do Corrente anno qũ de tudo mandei estrair Copias para serem Juntas aus procecos dos respetibos creminosos; Julgo por amenestiados e dezenorados de todos os Crimes que fas mencaõ de f. a f. aus Reos Manoel Antonio de Andras. e Joaõ Ferreira Alves. que se achão pronunciados e compreemidos na mesma Centença para que Ja mais pocaõ cer preseguidos pellos referidos Crimes pagando os mesmos as Custas. o Escrivãõ deste Juizo portanto delhe a competente baixa na Culpa na forma da Lei: Porto Alegre 27 de Novembro de 1839.

Manoel Roiž Chaves

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado pelo mesmo Juis me foraõ dados estes Autos Com a Sua Sentença supra que mandou-se Cumpri-se e guarda-se Como nela se Contem e declara de que fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivãõ o Escrevy.

Tem baixa no rol de culpados Jcaõ Ferr.^o Alves no L.^o 1.^o a fl. 53 e o m.^{mo} taõbem Manoel Antonio de Andras que fica com baixa p.^r haver sido amnistiado no m.^{mo} Decreto e no m.^{mo} Rol de culpados a fl. 62 e Sentença deste Juizo que o Julgou de 27 de 9br.^o de 1839

Lages

JUNTADA

Aos dezoito dias do mes de Março de mil Oito Centos e Corenta annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço Juntada a estes Autos dos titulos que se seguem de que fis este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevy.

Decretos de amnistia em favor dos revol-
Januário José Fernandes e Antonio Fer-
nandes. — Em 18 de Março de 1840.

DOUTOR SATURNINO DE SOUSA E OLIVEIRA PRESIDENTE DA
PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL &

Faço saber ás Authoridades a quem o conhecimento deste pertencer que attendendo á supplica de Januario José Fernandes, e authorisado pelas attribuições que me confere a Carta de Ley de 11 de Outubro de 1836, e Decreto de 30 de Outubro de 1838, resolvi conceder-lhe, como por este Título concedo, amnistia e pleno e inteiro perdão do crime em que se achava incurso, e como tal pronunciado pelo Juiz de Paz do 2.º Districto desta Cidade, aquem ordeno que dando-lhe baixa na culpa reputo assim amnistiado o dito Januario José Fernandes, ficando de nenhum effeito aquella sentença. Em firmeza do que lhe mandei passar o presente por mim assignado e sellado com o sello das Armas do Imperio. Palacio do Governo em Porto Alegre 18 de Marco de 1840.

Junta.

Saturnino de Souza e Oliveira

Junta aos Autos de-se-lhe baixa na
Culpa Porto Alegre 18 de Março de
1840 —

Guim.º

Fica com baixa na culpa por virtu-
de do Título retro e Despº supra. Porto
Al.º 18 de M,º de 1840.

Lages

DOUTOR SATURNINO DE SOUSA E OLIVEIRA PRESIDENTE DA
PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

Faço saber ás Authoridades aquem o conhecimento deste pertencer, que attendendo á supplica de Antonio Fernandes Chaves, e authorisado pelas attribuições que me confere a Carta de Ley de 11 de Outubro de 1836, e Decreto de 30 de Outubro de 1838, resolvi

conceder-lhe, como por este Titulo concedo, amnistia e pleno e inteiro perdão do crime em que se achava incurso, e como tal pronunciado pelo Juiz de Paz do 2.^o Destricto desta Cidade, aquem ordeno que dando-lhe baixa na culpa repute assim amnistiado o dito Antonio Fernandes Chaves, ficando de nenhum effeito, aquella sentença. Em firmesa do que lhe mandei passar o presente por mim assignado e sellado com o sello das Armas do Imperio.

Palacio do Governo em Porto Alegre 18 de Março de 1840.

Saturnino de Souza de Oliveira

Junto aos autos de-se-lhe baixa na culpa. Porto Alegre 18 d' Março de 1840.

Guim.^s

Fica com baixa na Culpa por virtude do titulo e Desp.^o supra tudo de 18 de Março de 1840

Lages

AUTO DE PRIZÃO HABITO E TONCURA FEITO AOS REOS
ABAIXO DECLARADOS

Anno do Nascimento de Noso Senhor Jezuschristo de mil Oito Centos trinta e Cete aos onze dias do mes de Setembro do dito anno nesta Cidade de Porto Alegre na prizão do Oitavo Batalhão de Caçadores onde eu Escrivão do Juizo de Pas do Segundo Destricto desta mesma Cidade junto com o Carcereiro da Cadea da Justica Manoel Pereira Maçiel filho para effeito de fazer Auto de Prizão habito e tonçura aos Reos que se achavão prezos na mesma prizão os quais neste acto me forão apresentados pelo Capitão emcarregado das mesmas prizoins João de Santa Anna Leitão cujos Reos são os Seguintes Amaro Joze Lisboa homem branco Cazado e morador ao pe dos muinhos do falesçido Barboza, natural desta Cidade de Idade de trinta e dois annos, ofecial de Pedreiro, João Ventura da Rocha, branco natural desta Cidade Solteiro de Idade de trinta e Cete annos, ofecial de Carpinteiro, Manoel Antonio de Arandas, homem branco, cazado natural desta Cidade, e morador no Arroio da Pintada de Idade de Corenta e cinco annos, vive de pèscaria, Joze Francisco da Silva, branco, solteiro morador nesta

Cidade de Idade de vinte e seis annos vive de falquijádor, Francisco Dutra, homem branco Cazado e morador no Arroio da pintada de Idade de trinta e seis annos, vive de seu trabalho Manoel Bernardes de Senna, homem branco Cazado de Idade de trinta e hum annos vive de pescaria e morador nesta Cidade Estevão Joze Rodrigues homem branco Cazado morador desta Cidade de Idade de trinta annos vive de pescador, Manoel de Souza Romeiro mistiço natural de Boinos Aires e morador nesta Cidade Cazado de Idade de trinta annos vive de pescaria, Firmينو Antonio, homem branco solteiro natural desta Cidade e morador no Paço do Triunfo de Idade de vinte e dois annos e vive de officio de Carpinteiro, Joaquim Goncalves de Saibro homem branco natural desta Cidade Cazado, de Idade de vinte e coatro annos, e vive de officio de Carpinteiro, Joze Machado, branco, Solteiro natural desta Cidade baixo de Idade de dezanove annos, vive de pescador, Francisco da Luz, pardo Cazado natural de Pernambuco de Idade de Corenta e tres annos e morador nas Ilhas adejacentes em frente desta Cidade vive de pescaria, João Ferreira Alves, branco baixo, Cazado natural desta Cidade de Idade de vinte e Cinco annos, vive de pescador, Cujos Reos asima nomeados despois de Comfrontados lhes dei as notas de suas Culpas e de que se achavaó Pronunciados por este Juizo os quais entriguei ao Carçereiro da Cadea da Justica Manoel Pereira Maciel filho e lhe recomendei os Conçervase em boa guarda e Segurança a Ordem deste Juizo e as naó entregase a ordem de Autoridade alguma sem que lhe fose apresentado Ordem ou mandado deste Juizo que de Como os Recebeo os ditos Reos e e se obrigou assignou com os Reos abaixo, assignados e naó assignaraó os mais por naó saberem ler e escrever com duas testemunhas taõbem assignadas todas perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão do Juizo de Pas do Segundo destrito que o Escrevi e asigney

Luis Man.^o Glz. Lages

Manoel Per.^a Maciel Junior

Carcer.^o

João Ventura da Roxa

Firmino An.^{to}

Amaro Joze Lisboa

Joaq.^m Glz do Saibro

Fran^{co} da Luz

Como Testemunha

An.^{to} de Almd.^a Lemos

tt.^a João de S.^{ta} Anna Leitão

O Escrivão deste Juizo Luis Manoel Gonsalves Lages passará a prizaõ do 8.º Batalhaõ, e ahi na prezenca de duas test.^{as} declarará a Manoel Ant.º de Andras, Manoel Bernardes de Senna — Francisco Dutra — João Ferr.^a Alv.^a — Estevão Joze Roiž, Joze Machado, Manoel de Souza Romeiro, Fran.^{co} da Lus, Firmino Antonio, Joze Fran.^{co} da S.^a que o motivo de serem entregues a este Juizo, he porq̃ estão em Processo sendo o per o seu crime de ser Comd.^a da partida Rebelde q. foi prizioneira nos Campos de D. Ritta de Azevedo, naq.¹ prizaõ ouve hua morte das forças legaes, e alguns feridos e p.^r tal motivo comprometido com Autor da d.^a morte e outros m.^{tos} Crimes q̃ praticou como Comd.^a da d.^a força Rebelde, e todos os mais constantes desta nota seus Crimes são como Cumplices de todos os Crimes q̃ a m.^{ma} força praticou, e depois de intimada esta nota e assignarem todos os Individuos e test.^{as} seja esta junta ao Sumario respectivo. Porto All.^o 6 de Julho de 1837

Camara.

Certefico eu Escrivaõ que imtemei a portaria supra a todos os individuos asima contemplados de que dou fé e preguntando-lhe se sabião assignar seos nomes me responderaõ que nenhum sabião assignar seos nomes a Excepção de Firmino Antonio e Francisco da Lus que estes assignaraõ de seu proprio punho e assignaraõ as testemunhas presentes que assistiraõ a todo o Expendido de que dou fe Porto Alegre 10 de Julho de 1837.

Luis Man.^{ci} Glž Lages.

Firmino Ant.º

Fran.^{co} da Lus.

Como Testemunhas

An.^{to} Alm.^a Lemos.

Fran.^{co} J.^c Pinto

AUTO DE PRIZÃO HABITO E TONCURA DO REO IGNACIO
ANTONIO DE MORAIS

Anno do Nascimento de Noso Senhor Jezus christo de mil oito centos trinta e Cete aos vinte e oito dias do mes de Dezembro do dito anno nesta Cidade de Porto Alegre na Cadea da Justica Publica aonde eu Escrivão fui vindo e sendo ahi pelo carcereiro da mesma Cadea me foi apresentado o Reo prezo Ignacio Antonio de Moraes que se achava dentro do xadrez da mesma Cadea ao qual fis as perguntas do Estilo e como se chamava de onde natural que estado Idade occupação e Idade tinha o qual me respondeo que se chamava Ignacio Antonio de Moraes, que hera Cazado, natural desta Cidade e morador no Destrito de São Leopoldo e que tinha de Idade de Cincoenta e hum annos, e que vivia de suas plantaçoins, o qual he de Estatura mais de Ordinaria cheio do Corpo Rosto Redondo, olhos pardos boca e naris pequeno, cujo Reo despois de ser por mim Escrivão Comfrontado o tornei a entregar ao Carcereiro Manoel Pereira Maçiel e lhe recomendei a segurança do mesmo Reo e o Comçervaçe debaixo de boa guarda the a segunda Ordem Superior de Justiça E para Constar fis este Auto que assignou o Reo e Carçereiro, perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão do Juizo de Pas do Segundo Destrito que o Escrevy e assigney.

Luis Man.^{al} Glz Lages.

Ignacio Antonio de Moraes
Manoel Per.^a Maciel.

Carcereiro.

Officio em que o carcereiro do quartel do
8.º Batalhão de Porto Alegre comunica o
falecimento de um revoltoso preso.—Em
13 de Janeiro de 1838.

Ill.^{mo} S.^r = O Prezo Manoel de Souza Romeiro, emtrou nestas prizoins á 24 de Maio de 1837, á Ordem do Ex.^{mo} S.^r Presidente e General das Armas, remetido pello Ex.^{mo} S.^r Brigadeiro Cunha, e conduzido pello patrão do Lanxão N.º 5. Jozé Francisco de

Oliveira = Notta Anarquista foi emcomtrado do outro lado da picada com armas na occasião q̃ as forças legais chegarão ali, ao Commd.^o do Ex.^{mo} S.^r Brigad.^{to} Cunha &.

Erra Semtenciado fugio da Cadeia desta Cidade. Passou a ser prezo á Ordem do Juizo de Pas do 2.^o destrito desta Cidade, em vertude do Officio do Ex.^{mo} S.^r Prezidente Nunes, e relação junta datada de 3 de Julho de 1837. Está prosseçado no mesmo Juizo; Emtrou no Hospital Regimental do 8.^o Ba.^m, á 13 de Dezembro de 1837, e falleceo á 13 de Janeiro do corrente, como se viu da parte do mesmo Hospital. Lançada no Registo dos prezos, e em arquivo em N.^o 108, o que tudo partecipo a V.^a S.^a p.^a sua emteligencia. D. G.^a a V.^a S.^a p.^r m.^a an.^a = Quartel do 8.^o Ba.^m em Porto Alegre 13 de Janr.^o de 1838.

Ill.^m. S.^r Vitorino Jozé Ribeiro
Juis de Pas do 2.^o distrito desta Cidade.

João de Santa Anna Leitão

Cap.^m Encarreg.^o dos priz.^{os} do 8.^o Ba.^m

O Escrivão deste juizo, a Vista do Officio junto passará sem perda de tempo ao Quartel do 8.^o Ba.^m e inzaminará se hé o proprio Cadaver do falecido Manoel de Souza Romeiro perno-ciado neste Juizo. Porto Al.^a 13 de Janr.^o de 1838.

Victorino J.^a Ribr.^o

Juiz de Pas do 2.^o Destr.^o

Certefico que no mesmo momento em que o S.^r Juis de Pas Recebeo o Off.^o que se segue em comprim.^{to} da portaria retro fui emediatam.^{te} a prizão do 8.^o Batalhão p.^a fazer Auto de Reconheçim.^{to} do Reo que havia falescido Manoel de Sz.^a Romeiro e ahi fui informado tanto pelo Comand.^o emcarreg.^{do} das Priçoins João de Santa Anna Leitão, como de Outros mais offeciaes de que o cadaver do d.^o Reo já se havia emterrado por cauza do mau alito que já tinha por motivo dos muitos Calores — o referido he verd.^e de que dou fe. Porto Al.^a 13 de Janr.^o de 1838.

o Escr.^{to}

Luis Man.^{et} Glz. Lages.

Tem baixa na culpa. Era ut supra.

Lages.

Porto Alegre

1837

JUIZO DE PAS DO 2.º DESTRITO DESTA CIDADE

Escr.^m Lages

AUTOS SUMARIOS A QUE MANDOU PROCEDER O JUIS DE PAS DO 2.º DESTRITO DESTA CIDADE CAPITÃO MANOEL JOZE DA CAMARA SOBRE A PRIZÃO E INSULTO FEITA AO EXCELENTISSIMO PREZIDENTE DESTA PROVINCIA O BRIGADEIRO ANTERO JOZE FERREIRA DE BRITO COMO ABAIXO SE DECLARA.

O Promotor Publico Sargento Mor Lourenço Junior de Castro — A.

O Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro e outros — RR.

Anno do Nascimento de Noso Senhor Jezus christo de mil Oito Centos trinta e Cette aos vinte e seis dias do mes de Abril do dito anno nesta Cidade de Porto Alegre no Segundo Destrito da mesma em Cazas da Rezidência do Juis de Pas do mesmo Destrito Cappitão Manoel Joze da Camara aonde eu Escrivão de seu Cargo ao diante nomeado e assignado fui vindo e sendo ahi pelo dito Juis me foi entregue o Corpo de delito indireto a que se havia procedido por este mesmo Juizo Pela Denuncia dada pelo Promotor Publico Sargento Mor Lourenço Junior de Castro sobre a prizão feita ao Excelentissimo Prezidente da Província o Brigadeiro Antero Joze Ferreira de Brito tendo sido praticado semelhante insulto pelo Brigadeiro ex comandante das Armas desta Província Bento Manoel Ribeiro e outros, acompanhado o mesmo Corpo de delito de hum offício do Excelentissimo Viçe Prezidente Doutor Americo Cabral de Mello e tres Cartas Escriptas pelo mesmo Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro hũa ao Marechal Bento Correa da Camara outra

ao Brigadeiro Manoel Carneiro da Fontoura, outra ao Marechal João de Deus Menna Barreto e outra ao Marechal Francisco das chagas Santos esta por Cópia, com rol de Testemunhas ordenando-me o dito Juis que tudo Autuase e notificase testemunhas afim de se proceder ao Sumario para melhor Conhecimento da verdade e serem punidos os delinquentes com as penas que impoem as Leis aos que Cometem atentados e delitos de Semilhante natureza E para Constar mandou o dito Juis fazer este Auto que assignou e Eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevi e assigney.

Luis Man.^{al} Glz Lages

Porto Alegre

1837

JUIZO DE PAS DO 2.^o DESTITO DESTA CID.^a

Camara.

Escr.^m Lages

CORPO DE DELITO INDIRETO

O Promotor Publico interino — Denunciante

Os Brigadeiros Bento Manoel Ribeiro, Gaspar Francisco Mena, e Doutor Joaquim Vieira da Cunha — Denunciados

Anno do Nascimento de Noso Senhor Jezus christo de mil Oito Centos trinta e Cete annos aos vinte e Coatro dias do mes de Abril do dito anno nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Residencia do Juis de Pas do Segundo Destrito da mesma Capitão

Manoel Joze da Camara aonde eu Escrivão de seu Cargo ao diante nomeado e assignado fui vindo abi pelo dito Juis de Pás me foi dado a Denunçia dada pelo Promotor Publico interino Lourenço Junior de Castro acompanhada de hum officio do Excelentissimo vice Prezidente desta Provincia Doutor Americo Cabral de Mello e tres Cartas Escriptas pelo Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, ao Marechal Bento Correa da Camara, outra ao Brigadeiro Manoel Carneiro da Fontoura — outra ao Excelentissimo Marechal João de Deus Mena Barreto e outra ao Excelentissimo Marechal Francisco das Chagas Santos, e Rol de testemunhas aquella por Copia e as mais Contem os proprios Orriginais dizendo-me o dito Juis que tudo Autuase e notificase testemunhas para se proceder ao Corpo de Delito indirecto e Seguir-se os mais termos de direito pelos crimes que constão da mesma Denunçia e tudo he o que se segue de que fis este Auto e de que fis este Auto Eu Luis Manoel Gonçalves Lages Eschivão do Juizo de Pas que o Escrevi e assigney com o Juis.

Luis Man.^{et} Glz. Lages

III.^{mo} S.^{or} = O Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, tendo sido hum dos Autores da Revolução apparecida nesta Provincia em 20 de Setembro de 1835, fingindo depois converter-se á Ordem Iegal, e tendo exercido o Emprego de Commandante das Armas, nutrido sempre em seo coração os subversivos sentimentos de infidelidade, tramando constantemente hum plano de conspiração, destructivo do systema actual do Governo, em que figuravão muitos collaboradores, dão principio ao seo criminoso projecto na noite de 23 de Março passado do corr.^a anno de 1837 no Passo denominado do — Taperi—, onde de firme proposito foi esperar ao Ex.^{mo} Presidente desta Provincia o Brigadeiro Antero José Ferreira de Brito, e acommettendo-o com huma Força Armada em numero de 100 e tantos homens aliciados por elle, e por outros seos socios, surprehendeo, e capturou violenta, e atrozmente ao m.^{mo} Ex.^{mo} Presidente, ao qual ainda conserva debaixo da sua violenta detenção, tendo-lhe elle, e os seos

sequazes roubado a quantia de 4:000\$000 de reis em moeda de prata, pertencentes á Nação, no acto da violencia, ou pouco depois; alem dos Armamentos, e mais objectos, que tudo pelo uso da Força, e violencia roubarão ás mais pessoas, que acompanhavão ao m.^{mo} Ex.^{mo} Presidente, apparecendo ali figurando como fautores, e cabeças deste tumulto, não só o mencionado Brigadeiro Bento Mnaoel, como igualmente hum seo filho Sebastião Ribeiro de Almeida, o Coronel Chefe de Legião José Ribeiro de Almeida, hum Fulano de tal — Farias — hum outro — Demetrio —, e Felix José Bernardes, sendo tãobem entrados como cúmplices do exposto attentado o Bacharel Joaquim Vieira da Cunha, e o Brigadeiro Gaspar Francisco Menna Barreto sobre os quaes recahem as mais urgentes suspeitas, alem da fama publica de serem huns dos mais interessados collaboradores do referido crime, como unico meio de subir, o primeiro á Cadeira Presidencial, e o segundo ao Commando da Guarnição desta Cidade, o que tanto mais verosimel se mostra pela positiva recommendação, que delles fez o mesmo traidor Bento Manoel; sendo bem palpavel que elle já mais pugnaria pela nomeação de taes individuos, se não fossem de sua confiança, se não partilhassem os seus mesmos sentimentos, e se com elle não fossem associados: E como os factos expeticados constituem os crimes de — Sedição — Roubo —, e Carcere privado —, porque o tumulto exposto teve por fim privar ao Ex.^{mo} Presidente do exercicio do seo Emprego, usando-se da Força para tirar-lhes os objectos acima declarados, e o mesmo Presidente ainda se acha debaixo da violenta detenção, tendo por isso os individuos acima nomeados incorrido nas penas designadas nos artigos 111, 269, e 189 do Codigo Criminal, e todos são crimes publicos em que o Artigo 37 do Codigo do Processo Criminal me impoem a obrigação de denunciar, e proseguir nos termos da accusação; por todas expostas rasões venho denunciar a V. S. os ditos individuos, para que por este Juizo se lhes forme o competente Proce para o qual offereço com esta os documentos de N.º 1 a N.º 6, e as testtemunhas constantes da Relação junta, que vai por mim assignada, prottestando apresentar os mais documentos que possa obter; espero no zelo, actividade, e inteireza q̃ V. S. tão dignamente tem mostrado a bem da Causa Publica, haja de proceder

com a possível brevidade na Organização do Processo Requerido, mandando tomar, e autoar esta minha denuncia, e seguir os mais termos de Direito te sua real ultimação.

Deos Guarde a V. S. Porto Alegre 14 de Abril de 1837.

Ill.^{mo} Sr Cap.^m Manoel José da Cam.^a,
Juiz de Paz de segundo Districto desta
Cidade.

Laurenço Junior de Castro

Promotor P.^{co} interino

Jurando o Promotor a presente denuncia, seja Autuada fazendo-se menção de todos os documentos, e notifique-se as test.^{as} para jurar sobre os factos const.^{es}, dos d.^{os} docum.^{tos}, e Acuzação, procedendo-se pr.^{te} ao Corpo de delicto.

Porto All.^o 21 de Abril de 1837.

Camara

TESTEMUNHAS QUE DEVEM JURAR NA DENUNCIA REQUERIDA
E DÁDA CONTRA OS BRIGADEIROS BENTO MANOEL RIBEIRO, E
GASPAR FRANCISCO MENA, BEM COMO CONTRA O D.^r JOAQ.^m
VIEIRA DA CUNHA

Os Senhores:

Coronel José Maria da Gama.
Capitão Patricio Corr.^a da Camara.
Dito — João da Cunha Lobo Barreto.

Cabo Antonio Francisco.
Dito — Constantino José Martins.
Soldado — Antonio da Silva Lisboa.

N. B. — Os 3 ultimos existem no Q.^o do Piquete: e protesto
appresentar outras, se todas as supra nomeadas não forem suffi-
cientes p.^a a prova necessaria. Porto Al.^a 14 de Abril de 1837.

Lour.^a Junior de Castro.

Promotor P.^o

Em consequencia da requisição que Vm.^o faz em seu Officio
de hontem, lhes transmitto os Officios, que em data de 24 de Março
findo dirigio o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro ao Ex.^{mo} Tenente
General Bento Corrêa da Camara, e aos Snr.^{es} Brigadeiros Manoel
Carneiro da Silva e Fontoura, e Gaspar Francisco Menna Barreto,
participando-lhes o attentado, que praticou em 23 do dito mez
apprehendendo, e retendo o Exm.^o Presidente Legal o Brigadeiro

Antero José Ferreira de Brito: ficando Vm.^{ca} na intelligencia que estes são os únicos documentos, que apresentando Vm. posso fazer, para o processo que Vm.^{ca} intenta promover.

Deus Guarde a Vm.^{ca} Porto Alegre 6 de Abril de 1837.

Americo Cabral de Mello.

Vice-Presid.^{te}

Sñr. Lourenço Junior de Castro
Promotor Publico desta Cidade.

Oficio em que Bento Manoel Ribeiro
comunica a Bento Corrêa da Câmara
haver prendido o Presidente Antero José
Ferreira, estabelecendo as condições de
sua liberdade. — Em 11 de Abril de 1837.

Ill.^{mas} e Ex.^{mas} Sñr. = Conhecendo os infinitos males, q̃ o despotismo, e arbitraried.^{ad} do Brigadr.^o Antero J.^o Ferr.^a fazião pesar sobre os mais distinctos e leaes Riograndenses, e bem assim os q̃ p.^a sua pessima Administração ameaçavão submergir p.^a sempre n'um pelago de desgraças esta infeliz Provincia, prendi-o p.^a evitar imq.^{to} he tempo o precipicio, a q̃ em tão curto espaço nós hia elle arrojando.

Posso assegurar á V. Ex.^a q̃ com este passo se extinguirá entre nós a guerra civil, se V.^a Ex.^a lhe prestar coadjuvação como espero de seos serviços e Patriotismo.

Tudo se harmoniza: os Republicanos dezistem de seos projectos, e se submettem ao G.^o Imp.^{a1} se q.^{to} antes vier occupar a Vice-Prezidencia o D.^{or} Joaq.^m Vieira da Cunha, e se for entregue ao Brigdr.^o Gaspar Francisco Menna o Com.^{do} da Guarnição d'essa Cid.^a Adoptadas estas medidas eu respondo ao G.^o Imp.^{a1} p.^{ia} detenção do Brigdr.^o Antero.

He ainda necessr.ª q̃ se faça q.º antes partir p.ª entre seus
compañeros. O General D. Fructuozo Rivera; na certeza de q̃ o
Brigdr.º Antero responderá com a vida á toda omissão, q̃ haja
a este respeito.

Espero q̃ V.ª Ex.ª aproveitará esta occasião p.ª fazer mais um
distincto serviço á nossa Patria; promovendo efficazm.ª a conclusão
d'este assumpto. Deos Guarde á V.ª Ex.ª Campo 23 de Março
de 1837.

Ill.ºº e Ex.ºº Sñr. Bento Correa da Camara

Teor. General

Bento M.ª Ribr.º

Reconheço Verdadeira assignatura reciro ser do proprio de
q̃ dou fé. Porto Alegre 11 de Abril de 1837 -/-

Em tt.º De Verd.º

(sin.º publico)

O Tab.ºº *Bento Joze de Farias.*

Ill.ºº e Ex.ºº Sñr.

BENTO CORREA DA CAMARA

Porto Al.º

Do Brigadr.º Bento M.ª Ribr.º

Officio em que Bento Manoel Ribeiro
comunica ao Brigadeiro Manoel Carneiro
da Silva e Fontoura haver prendido o
Presidente Antero, estabelecendo condi-
ções para sua liberdade. — Em 24 de
Março de 1837.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. = Conhecendo os immensos males, q̃ o despotismo, e inicio proceder do Brigadr.^o Antero J.^a Ferr.^a tem feito pezar sobre nossos mais distinctos e benemeritos compatriotas, assim como os q̃ p.^r sua pessima Administração ameacavão submergir esta infeliz Provincia n'um pelago de desgraças, e p.^r isso prendi-o p.^a evitar emq.^{ta} he tempo o precipício, á q̃ tão breve nos hia arrojando.

Posso assegurar á V.^a Ex.^a q̃ com este passo se extinguirá em nosso Paiz a guerra civil, si da parte de V.^a Ex.^a concorrer o dezejo de com effeito termina-la; o q̃ eu espero.

Facilm.^a tudo se harmonizará; os Republicanos dezistem de seo projecto; e se submettem ao G.^o Imp.^{al}, se q.^{to} antes for collocado na Vice-Prezidencia da Provincia o D.^{or} Joaq.^m Vieira da Cunha; e no Com.^{do} de Guarnição d'essa Cid.^e o Brigadr.^o Gaspar Francisco Menna. Adoptadas estas medidas eu me comprometto a responder p.^{ta} detenção do Brigadr.^o Antero.

He ainda necessr.^o q̃ logo e logõ se expeção as ordens precisas p.^a q̃ venha p.^a entre os seos o General D. Fructuoso Rivera na certeza de q̃ a vida do Brigadr.^o Antero, q̃ desde já ponho a disposição dos Emigrados Orientaes, será o garante p.^a execução desta clauzula. Confio de seo patriotismo, e serviços q̃ fará n'esta ocazião em relevante concorrendo p.^a salva-la de nova e mais cruenta discordia. D.^s G.^s á V.^a Ex.^a Campo 24 de Março de 1837.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. Brigr.^o M.^o1 Carnr.^o
da S.^a e Fontoura.

Bento M.^o1 Ribr.^o

Reconheço Verdadeira assignatura rectro ser do proprio de
que dou fé. Porto Alegre 11 de Abril de 1837.

Em tt.^o (sinal publico) De Verd.^a

O Tab.^m Bento Joze de Farias.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

BRIGADR.^o M.^{EL} CARNR.^o DA S.^a E FONTOURA

Triumfo.

Do Brigdr.^o B. M.^{el} Ribr.^a

Officio idêntico ao anterior, dirigido por
Bento Manoel Ribeiro ao Brigadeiro
Gaspar Francisco Menna. — Em 24 de
Março de 1837.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. = Os continuados excessos, e frequentes
arbitraried.^{as} do Brigdr.^o Antero J.^a Ferr.^a produzindo uma indigna-
ção geral me compellirão a prende-lo p.^a impedir q̃ apparecesse
nova e mais sangrenta revolução.

Este passo he unico q̃ pode salvar a Prov.^a, se as pessoas q̃
o podem secundar mirarem certos o bem da Patria.

Os Republicanos dezistem de seo projecto, e se submettem
às Leis, se for collocado q.^{to} antes na Vice-Prezidencia o D.^{or} Joaq.^m
Vieira da Cunha; e se V.^a Ex.^a p.^r seo Patriotismo se encarregar
n'esta difficil conjunctura do Com.^{do} da Guarnição d'essa Cid.^a,
com as quaes medidas eu respondo ao G.^o Imp.^{al} p.^{la} detenção
de Antero.

Tãobem he samam.^a necessr.^a q̃ se faça partir sem demora
p.^a o meio de seos Comp.^{os} o G.^{al} D. Fructuoso Rivera, de cuja
vinda fica sendo garante a vida do m.^{mo} Antero.

Confio de seo Patriotismo q̃ empregará todos os meios concen-
nentes a adopção d'estas medidas unicas, q̃ podem salvar a Patria.
D.^a G.^a á V.^a Ex.^a Campo 24 de Março de 1837

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. Brig.^o Gaspar Franc.^o Menna.

Bento M.^{ei} Ribr.^o

Reconheço Verdadeira assignatura rectro do que dou fê.
Porto Alegre 11 de Abril de 1837 -/-

Em tt.^o (sinal publico) De Verd.^o

O Tab.^m *Bento Joze de Farias.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr.

BRIGADR.^o GASPAR FRANCISCO MENNA

Porto Alegre

Do Brigadr.^o Bento M.^{ei} Ribr.^o

Resposta dada por Menna Barreto ao
Promotor Público de Porto Alegre que
lhe solicitava a remessa de um officio de
Bento Manoel Ribeiro. — Em 7 de Abril
de 1837.

Ill.^{mo} S.^{or} Promotor Publico = Neste momento recebo, e
respondo o Off.^o de V. S.^a no qual Exige-se de mim hum off.^o q̃ r.^o de
Bento M.^{ei} Ribr.^o com data de 23 do mes pp., o q̃ he m.^{to} serto, é
tendo recebido aquele d.^o off.^o as 5 ½ ora da tarde no d.^a 5 do corr.^{to},
emediatam.^{te} fis remeça dele A Ex.^{mo} Sñr. Viçe Presidente pela

pegoa do Cidão M.^{al} Vas Pinto, sendo Testemunha ôcular o Ex.^{mo} Sñr. T.^o G.^{al} Bento J.^r corr.^a da cama: He o q.^{to} tenho de responder a V. Ex.^a q̃ Deos Guarde. Porto Alegre 7 de Abr.^l d' 1837.

Ill.^{mo} S.^{or} S. Mor Lourenço Junior de Castro.

João de D.^a Menna Barr.^{to}

Réconheço Verdadeira assignatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 11 de Abril de 1837.

Em tt.^o (sinal publico) De Verd.^a

O Tab.^m Bento Joze de Farias.

Officio dirigido por Bento Manoel Ribeiro
ao Marechal Menna Barreto. Comunica a
prisão do Presidente Antero e estabelece
as condições de sua liberdade. — Em 23
de Março de 1837.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. = Conhecendo os males dezastrôz, q̃ o despotismo e inicuas arbitraried.^{as} do Brigadr.^o Antero J.^a Ferr.^a fazem pezar sobre nossos mais leaes e distinctos Compatriotas; e os q̃ p.^r sua pessima Administração ameaçavão submergir p.^a sempre n'um pelago de desgraças esta infeliz Provincia, prendi-o p.^a evitar emq.^{to} he tempo, q̃ nôs precipitassemos no abismo, a cuja borda elle nos levou em tão curto espaço.

Posso asseverar á V.^a Ex.^a q̃ com este passo se extinguirá em nosso solo a guerra civil, se V.^a Ex.^a prestar sua cooperação, como esperamos do seo patriotismo. Tudo se harmonizará: os Republicanos dezistem de seo projecto, e se submettem ao G.^o Imp.^{al}, se q.^{to} antes for chamado, e collocado na Administração da Prov.^a o Vice-Prezidente D.^{or} Joaq.^m Vieira da Cunha, e se for entregue o Com.^{do} da Guarnição d'essa Cid.^e ao Brigadr.^o Gaspar Francisco Menna. Adoptadas estas medidas eu me comprometto a responder perante o Governo p.^{ia} detenção do Brigadr.^o Antero.

He ainda necessar.^o q̃ logo q̃ este ahí chegue se expeção as convenientes ordens p.^a q̃ parta sem demora p.^a o seio de seos companhr.^{os} o General D. Fructuozo Rivera; na certeza de q̃ a vida do Brigadr.^o Antero q̃ desde já entrego aos Orientaes emigrados será o garante p.^a a execução d'esta clausula.

Eu confio do Patriotismo, relevantes serviços e juizo prudencial de V.^a Ex.^a, q̃ concorrerá efficaçm.^a p.^a q̃ assim se proceda — unico meio possível de serenar os animos nova, e ardentem.^a agitados. D.^a G.^a á V. Ex.^a Campo 23 de Março de 1837.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. João de Deos Menna Barreto

Bento M.^{el} Rib.^o

Reconheço Verdadeira assignatura rectro do que dou fê Porto Alegre 11 de Abril de 1837 -/-

Em tt.^o (signal publico) De Verd.^a

O Tab.^m *Bento Joze de Farias.*

Cópia do officio dirigido por Bento Manoel

Ribeiro ao Marechal Menna Barreto.

Assunto idêntico ao dos anteriores. — Em

24 de Março de 1837.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{or} = Conhecendo os males desastrosos que o despotismo, e iniquas arbitrariedades do Brigadeiro Antero José Ferreira de Brito fazião pezar sobre os mais distinctos, e leaes Rio-Grandenses, e bem assim, os que por sua pessima administração ameaçaão submergir para sempre n'hum pélago de desgraças esta infeliz Provincia, prendi-o para evitar emquanto hé tempo o principio, a que em tão curto espaço nos hia elle arrojando. — Posso asseverar a V. Ex.^a que com este passo se extinguirá no Continente a Guerra Civil, se V. Ex.^a o secundar, como me fazem esperar seus serviços, e prudencia. Tudo se harmoniza: os té agora Republicanos desistem de seu projecto, e se submettem ao Governo Imperial, se quanto antes for chamado, e collocado na Presidencia da Provincia o Vice-Presidente mais votado, o Patriota Joaquim Vieira de Cunha: e se V. Ex.^a entregar o Commando d'essa Guarnição ao Brigadeiro Gaspar Francisco Menna. Eu me comprometto a responder perante o Governo Imperial pêla detenção do Brigadeiro Antero. — He ainda necessario que no momento que V. Ex.^a

receba este, concede-se ampla faculdade ao General D. Fructuoso Revera para vir para o meio de seus companheiros; na certeza de que a vida do Brigadeiro Antero, que d'esde já entrego aos Orientaes, será o garante para a execução desta clausula. Confio que V. Ex.^a ouvirá a voz da razão, e da Patria e asquiescerá aos dezejões de todos os bons Patriotas. — Deos Guarde a V. Ex.^a Campo 24 de Março de 1837 = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} S.^{or} Francisco das Chagas Santos = Bento Manoel Ribeiro. —

Está conforme o original

João Ant.^o Mendes Totas.

Major Ajud.te de ordens

Reconheço Verdadeira assignatura supra do que dou fé.
Porto Al.^o 11 de Abril de 1837 -/-

Em tt.^e (sinal publico) De Verd.*

O Tab.^m Bento Joze de Farias.

TERMO DE JURAMENTO

Aos vinte e Coatro dias do mes de Abril de mil oito centos trinta e sete annos nesta Cidade de Porto Alegre Destrito do Rozario em Caza da Rezidencia do Juis de Pas do mesmo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara aonde eu Escrivão de seu cargo vim e sendo ahi presente o Promotor Publico Lourenço Junior de Castro a este deferio o di Juiso Juramento dos Santos evangelhos na forma da Lei e lhe emcarregou sub cargo do qual declarase se dava a sua Denunçia Sem dolo malicia amor ou odio e se hera verdadeiro todo o alegado em dita Sua Denunçia e Recebido por elle o deferido Juramento diçe que a sua denuncia contra os Denunciados em tudo hera verdadeira a qual dava contra os mesmos sem dolo nem malicia a qual comprovava com os documentos apresentados o Rol de testemunhas que ofereçeo e de como asim o diçe dou fé e mandou o Juis fazer este termo que asinou com o Denunciante e Eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Lourenço Junior de Castro.

Certefico eu Escrivão abaixo assignado que citei ao Coronel Joze Maria da Gama Lobo, e ao Capitão Patrição Correa da Camara para no dia de hoje comparecerem pelas coatro Oras da tarde na Caza da Rezidencia do Juis de Pas do 2.º Destrito Capitão Manoel Joze da Camara para prestarem seos depoimentos no Corpo de delito indireto que se vai proceder Contra o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro e Outros de que se derão por emtendidos e dou fé. Porto Alegre 24 de Abril de 1837.

Luis Man.^{te} Glz. Lages.

ASENTADA

Aos vinte e Coatro dias do mes de Abril de mil Oito Centos trinte e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Caza da Rezidencia do Juis de Pas do Segundo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão de seu cargo fui vindo e sendo ahi por elle Juis forão proguntadas e inqueridas as testemunhas que por parte da Justiça forão apresentadas cujos nomes cognomes estados moradias officios são os Seguintes de que para constar fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Joze Maria da Gama coronel Reformado do Extinto Regimento da Segunda linha numaro vinte e coatro existente nesta Cidade cazado que vive de seu soldo e rendimento de seos bens de Idade de corenta e cete annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pometeu dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo na Denuncia dada pelo Promotor Publico Lourenço Junior de Castro que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto neste digo acto — D. — diçe que sabe que o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro foi hum dos Autores da Revulção que teve lugar nesta Provincia em vinte de Setembro de mil Oito Centos trinta e Cinco e que despois desta foi o primeiro chefe que se apresentou as forças da Legalidade e sendo proguntado a testemunha se sabia que na noite de vinte e tres de Março proximo pasado do corrente anno se o acuzado Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro tinha Capturado ao Prezidente da Provincia o Brigadeiro Antero Joze Ferreira de Brito no Paso de Tapivi — Respondeo a testemunha que sabe que tendo sido mandado a esta Capital ele testemunha por ordem daquele Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro com officios e representaçoins Verbais para tudo ser presente ao Excelentissimo Prezidente, e sabendo em Caminho

que elle já tinha pasado voltou elle testemunha e foi em seguimento do mesmo e chegando ao Paso de Saicam a huma Ora da noute no dito dia vinte e tres (*) de Março em cujo lugar parou para pasar o resto do noute e nese mesmo dia vinte e coatro ao amanhã ser recebeo elle testemunha huma Ordem mandada pelo dito Brigadeiro Bento Manoel que lhe fose falar e a ordenança que conduzio a dita Ordem foi o primeiro que participou a elle testemunha que o Prezidente da Provincia estava Capturado e despois disto ele testemunha seguiu ao lugar donde estava o dito Brigadeiro Bento Manoel e foi quando elle testemunha ficou Certificado da prizão do Prezidente da Provincia por que o vio debaixo da guarda de dois officiaes. E dice mais elle testemunha que semilhante procedimento da Captura feita ao Prezidente que reconhece ter sido hum acto violento e Contra a entreguidade do Imperio e dice mais que sabe por ver que a força Armada que Existia naquele lugar as Ordens do acuzado que não excedia de oitenta homens porem que não sabe qual a força que praticou a Captura do mesmo Prezidente da Provincia e unicamente que sabe por ouvir dizer aos avançados que Demetrio de tal tinha sido o Comandante da Escolta e que sobre os mais acuzados que nada pode dizer se forão ou não entrados no referido atentado e dice mais que o Roubo especificado na presente acuação, dis elle testemunha que na parte da quantia dos Coatro Contos de Reis que sabe que foi entregue esta quantia ao Capitão Felis Joze Bernardes do que se pasou Reçibo sendo este entregue ao Capitão Patricio Correa da Camara o qual Reçibo foi rubricado pelo acuzado, e na parte que dis ao Armamento das pessoas que acompanharão ao Excelentissimo Prezidente dice ele testemunha que sabe que forão desarmados e desta forma que elas regreçarão para esta Capital dice mais elle testemunha que todos os Officios dirigidos pelo acuzado em numero de Cinco aos officiais Generais que são verdadeiros pois que ele testemunha foi que os conduzio a esta Capital para serem entregues aos mosmos officiais Generais na ocazião em que forcadamente veio de mandado do acuzado a esta Comição. e mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento com o dito Juis despois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

J.º M.º da Gama Lobo C. Rd.º

Camara..

(*) Aliás vinte e coatro. Lages.

Patricio Joze Correa da Camara — Declaro que ó nome he Patricio da Camara — homem branco Capitão de primeira linha morador na Villa do Rio Pardo e prezenemente nesta Cidade Cazado que vive de seu soldo e de seus bens de Idade de trinta e nove annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles em que pos sua mão direita e pormeteo dizer a verdade de que soubeçe e lhe fose pro-
guntado E sendo proguntado pelo Contheudo na a Denuncia dada pelo Promotor Publico Lourenco Junior de Castro que toda lhe foi lida e declarado pelo dito Juis neste acto dice que no dia vinte e tres do mes de Março do Corrente anno as doze Oras da noute ao chegar elle testemunha ao Passo de Itapavi Com a Cometiva do Excelentissimo Prezidente desta Provincia ali forão asaltados por huma força de Oitenta homens pouco mais ou menos que apenas Conheço ser a Cometiva do prezidente avançou sobre nós dando gritos o seu Comandante o Tenente Demetrio está tudo prezo depõ-
nhão as Armas, e o que rezistir morre a este Comflito o Excelentissimo Prezidente fes persuadir ao dito Comandante Demetrio que não hia brigar com defençores da Legalidade e que se o Cazo hera só com ele exigia que se não maltratase a pessoa alguma da sua Cometiva, a isto Sucegou aquele Comandante e deo vivas a união, Brasileira despois do que pozeraõ a Cometiva do Prezidente no Centro do meio dos Esquadroins e assim marchemos para a retaguarda havendo antes sido desarmadas as praças da Cometiva do Prezidente excepto este, e elle testemunha, despois de repaçarem o dito Paso de Itapevi conheceo elle testemunha que acompanhavão aquella força o Coronel da Legião Joze Ribeiro de Almeida, o Tenente Farias de São Gabriel, o Capitão Fellis Joze Bernardes; e dice mais que despois dos prezos marcharem pouco mais legoa fes alto toda a coluna e ele testemunha teve ordem para hir falar ao Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro que o encontrou apiado a pouca distancia da Tropa despois do que mandou montar tudo a Cavalo e marchar para o Paso de Saicam levando a ele testemunha ao pe de si, e assim o conçervando athe a Ora em que se retirou daquele Campo; No dia seguinte deo parte ele testemunha ao referido Brigadeiro Bento Manoel que existia ali a seu cargo a quantia de Cinco Contos e Seis Çentos e Se senta e Coatro mil reis pertencentes a fazenda Nacional ao que ordenou o referido Brigadeiro que elle testemunha entregase a referida quantia ao Capitão Felis Joze Bernardes, e que este lhe pasase reçoibo dela o qual seria rubricado por elle Brigadeiro o que efectivamente aconteceo—Dice mais ele testemunha que na sua retirada para esta Cidade se

encontrara com o Alferes Ilario Comandante da Escolta que acompanhou o Excelentissimo Presidente de Rio Pardo the Itapevi e que o Referido Alferes lhe diçera que na ocazião de ser prezo por Bento Manoel lhe havião saquiado hũa faca de prata e que hum Escravo que lhe conduzia huma mala de Roupa onde levava tãobem algum dinheiro não tinha notisias dele julgando ter levado o mesmo distincto da faca; E dice mais elle testemunha que no dia vinte e Coatro do referido mes de Março quando estava na Costa do Saicam vira na Cometiva do Brigadeiro Bento Manoel ao Bacharel Sebastião Ribeiro de Almeida o qual fora mandado chamar pelo referido Brigadeiro Bento Manoel para escrever os officios de que foi portador o Coronel Gama; e dice mais sendo proguntado se o Bacharel Joaquim Vieira da Cunha e o Brigadeiro Gaspar Francisco Mena Barreto herão conniventes com o Brigadeiro Bento Manoel nos atentados por este cometidos dice que não sabia de facto algum por onde podese julgar ao dito Bacharel, e Brigadeiro, entrados nese plano e dice mais sendolhe proguntado que aquele atentado hera criminozo; dice que sim e que tanto o reconhecia por tal que as nosas Leis o punem. E sendolhe proguntado se reconheçia os Officios do acuzado que se achão unidos a estes Autos pelos proprios originaes dice serem verdadeiros por que os vio escrever pelo punho do filho do mesmo primeiro acuzado o Bacharel Sebastião Ribeiro e assignados pelo referido primeiro acuzado e mais não dice nem do costume e asinou o seu juramento com o dito Juis despois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Patricio Correa da Camara.

CLZ.^M

Aos vinte e seis dias do mes de Abril de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço estes Autos Concluzos ao Juis de Pas Capitão Manoel Joze da Camara de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Clz.^{na} Em 26 de Abril de 1836

Julgo procedente o prezente Corpo de delito, e proceda-se a inquirição das testemunhas para o Sumário, sendo estas notificadas, e igualmente o Promotor para as ver jurar. Porto Alegre 27 de Abril de 1837.

Manoel Joze da Camara.

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno Supra declarado pelo dito Juis me forão dados estes Autos com o seu despacho Supra que mandou se Cumprise guardase como nelle se Contem e declara de que para Constar faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Certifico que Citei ao Capitão Gabriel de Araujo Silva, e João da Cunha Lobo Barreto para Jurarem no prezente Sumário de que se derão por emtendidos e dou fe. Porto Alegre 26 de Mayo de 1837.

Luis Man.^{na} Glz Lages

ASENTADA

Aos vinte e dois dias do mes de Mayo de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade Porto Alegre em o segundo Destrito e Cazas da Rezidencia do Juis de Pas Capitão Manoel Jose da Camara onde eu Escrivão de seu Cargo fui vindo e sendo ahi pelo

dito Juis forão proguntadas e imquiridas as testemunhas que por parte da Justiça foraõ apresentadas e nomeadas pelo promotor Publico cujos nomes cognomes estados moradias officios Idades ditos e Costumes saõ os que se seguem de que para Constar faço este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Gabriel de Araujo Silva Capitaõ de Cavalaria de primeira linha branco Cazado e morador prezenemente nesta Cidade de Idade de Corenta e dois annos pouco mais ou menos que vive de seus soldos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E Sendo proguntado pelo Comtheudo no Corpo de delicto indirecto que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis dice que sabe por se achar presente que o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro prendera na noute de vinte e tres de Abril proximo pasado no Paso de Itapevi ao Excelentissimo Prezidente da Provincia Antero Joze Ferreira de Brito isto afirma o depoente porque no dia vinte e dois do mesmo mes em Vaca Cahí se havia reunido com o mesmo Excelentissimo Prezidente e Marchava Juntamente com elle sendo Juntamente Capturado e diçe mais que he verdade ter o acuzado Brigadeiro Bento Manoel aposado-se da quantia de Cinco Contos seis Centos e tantos mil Reis dinheiro em prata que levava o Excelentissimo Prezidente de cuja quantia mandou pasar Reçibo pelo Capitaõ Felis Joze Bernardes ao Capitaõ Patriçio Correa da Camara quem se dizia emcarregado do dito dinheiro Rubricando o mesmo acuzado Bento Manoel o Reçibo. Diçe mais que he verdade ter sido desarmada a Escolta que acompanhava o Excelentissimo Prezidente a qual no dia vinte e Contro fes regreçar ficando porem com o Armamento. Dice mais que o Excelentissimo Prezidente naõ fora mui bem tratado no acto de sua prizaõ nem mesmo nos dias seguintes e que Comandava a Escolta que o prendera Demetrio Ribeiro e que se achavão tão bem na força prendedora o Manjor Francisco Cardoze, o Capitão Felis Joze Bernardes, os Tenentes Joze Francisco de Almeida e Joaquim de Farias, bem como o Coronel Joze Ribeiro de Almeida, e Doutor Sebastião Ribeiro. Dice mais que o acuzado Brigadeiro Bento Manoel lhe havia dito ter Contratado com os chefes Anarchistas Joaõ Antonio da Silveira, Davide Joze Martins e Joze Neto sederem da intentada Republica e Submeterem-se a ordem Legal porem que o depoente naõ pode disto Capacitar-se a vista do acto da prizaõ do Excelentissimo Prezidente e de lhe constar que o Cítio de Caçapava hera intentado por insinuçoins positivas do acuzado Bento Manoel do que Rezultou a perca da

Tropa Armamento, Artilharia, e depozito de Viveres que Existião naquela Villa de Caçapava e que todos estes atentados são outras tantas traiçõins como actos Contrarios as Leis. Dice mais que os offiços que se achão juntos ao principio deste Sumario são escriptos pelo Doutor Sebastião Ribeiro e assignados pelo acuzado Bento Manoel pois que ele testemunha Ouvira manda-los escrever e vira fecha-los e entregar ao Coronel Joze Maria da Gama para os Conduzir a esta Cidade não podendo porem assegurar se o Doutor Joaquim Vieira da Cunha e Brigadeiro Gaspar Mena Barreto herão ou não Comniventes com o acuzado Bentq Manoel para o efeito da prizão do Excelentissimo Prezidente ou para o fim de se unirem aos intitulados Republicanos; e mais não dice nem do Costume e asinou o seu Juramento com o dito Juis despois de lhe ser lido e o achar conforme com o Promotor Publico perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara

*Gabriel de Araujo e S.^a
Lourenço Junior de Castro*

João da Cunha Lobo Barreto primeiro official da Secretaria da Presidencia desta Província morador nesta Cidade Cazado que vive de seu emprego de Idade de Corenta e dois annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo na acuação do Promotor Publico e Corpo de Delito indirecto que todo lhe foi lido pelo dito Juis neste acto diçe que sabe que o Denunciado digo que o acuzado Bento Manoel Ribeiro prendera na Noute do dia vinte e tres para vinte e Coatro do mes de Março proximo pasado ao Excelentissimo Prezidente da Província Antero Jose Ferreira de Brito no paso de Itapivi em Cuja Companhia ele testesmunha se achava e fora igoalmente prezo. E dice mais que hera verdade que o mesmo acuzado Bento Manoel Ribeiro se aposara da quantia de Coatro Contos de moeda de prata pelo valor do Cunho de cuja quantia mandara pasar reçoibo ao Capitão Patricio Correa da Camara Comdutor do mesmo dinheiro. Dice mais que he verdade terem sido ele testemunha, Comandante do Piquete e mais praças do mesmo desarmadas e prezas na mesma ocazião ficando ele

acuzado Bento Manoel de pose de todo o Armamento e assim os despedira em a tarde de vinte e Coatro, e representando tanto ele testemunha como o Comandante do Piquete que ficava na sua retirada expostos a cahirem em poder dos Rebeldes que se dizia ja terem emterseptado a Estrada lhe foi respondido pelo Doutor Sebastião Ribeiro que nada tinhão a temer pois que logo que apresentassem a portaria que antão lhe deo o acusado Comandante das Armas, e de que foi Condutor o Comandante do Piquete nenhũa força de Neto, Joaó Antonio, ou Canabarro lhes faria damno ou poria impedimento. Dice mais que no acto do Excelentissimo Prezidente ser prezo a Cujo ácto a testemunha se achava só Ouvira intimar-lhe a vós de prizão sem proferir-se algum outro insulto tanto naquela ocazião como durante a noute e dia athe dali partir posto que fese inseparada em todo este tempo do lado de sua Excelência o que observara sim foi o Coaze desprezo ou nem huma importancia que o acusado, e ofeciaes de sua Cometiva derão ao mesmo Prezidente conçervando-o imcommonicavel e não emtertendo com ele comrespondência alguma vocal ou por escripto. Dice mais que o Comandante da força que Cometeo semelhante atentado hera hum tal Demetrio, e os ofeciaes que o acompanhavão herão hum fulano Farias e hum tal Felis Jose Bernardes sem embargo de haverem outros que ele testemunha não conheço. E dice mais que naquela noute ele falara com o Doutor Ribeiro filho do acusado e que no Outro dia vira proximo do lugar em que estava o Prezidente, a Bento Manoel e em sua companhia seu Irmão Jose Ribeiro, Doutor Sá Brito, e mais alguns ofeciaes que não Conhecia porem que não sabe se estes ultimos individuos herão ou não Conniventes em Semilhante Crime. Dice mais que emquanto ao que Consta na acuzação sobre o Brigadeiro Gaspar Francisco Mena Barreto, e Doutor Joaquim Vieira da Cunha, que nada pode dizer senão a menção que deles fas o cuzado Bento Manoel nos offícios juntos aestes Autos. Dice mais emquanto ao acusado ter agrido digo ter aderido ao partido Rebelde que a reflexão asima feita quando se lhe entregou a Portaria, e o dizer-lhe o filho do mesmo que os Rebeldes já herão todos seos amigos he bastante prova de se achar o acusado mancamunado com eles, e alem disto as notícias que correm sobre o comportamento dele acusado em Caçapava attribuindo-se-lhe a ele acusado a perda das forças e Artilharia que se achava na dita villa e concluhio ele testemunha dizendo que os offícios do acusado juntos a este Proseço são asignados de seu proprio punho e escriptos por seu filho Doutor

Sebastião Ribeiro cujas letras ele testemunha reconhece verdadeiras, e mais não dice nem do costume com o Promotor Publico depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Gonçalves Escrivão que o Escrevy.

Camara

*Joaõ da Cunha Lobo Bar.^{to}
Lourenço Junior de Castro*

Certifico eu Escrivão abaixo assignado que Citei as testemunhas Antonio Francisco da Silva, Constantino Joze Martins, Capitão Lopus de Almeida Henriques Botelho e Mello para servirem de testemunhas e Jurarem no prezente Sumario de que dou fé. Porto Alegre 29 de Mayo de 1837.

Luis Man.^{al} Glz Lages

ASENTADA

Aos vinte e nove dias do mes de Mayo de mil Oito Centos trinta e sete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Residência do Juis de Pas do Segundo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão de Seu Cargo fui vindo ahi por elle Juis forão inquiridas as testemunhas Seguintes de que fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Antonio Francisco da Silva Cabo do piquete desta Cidade morador prezenemente nesta Cidade Solteiro que vive de seu soldo de Idade de vinte e nove annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo no Corpo de Delito indireto e officios ao mesmo juntos que tudo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis dice que sabe por ver em rezão de elle testemunha ser cabo de Esquadra do Piquete que acompanhava ao Excelentissimo Prezidente da Provincia Antero Joze Ferreira de Brito e por deste mesmo ser elle testemunha ordenança no dia vinte e tres de Março proximo pasado, ser o mesmo Excelentissimo Prezidente prezo no Paço de Itapivi daquele indicado dia vinte e tres por ordem do Comandante das Armas Bento Manoel Ribeiro o primeiro acuzado por semelhante atentado. E dice mais que a força que fes a dita prizão que andaria por sem homens pouco mais ou menos todos Armados e que o Comandante desta força que unicamente elle testemunha Conheço que foi Demetrio Ribeiro o qual ultrajou no acto da prizão, não só ao Excelentissimo Prezidente como a toda a força do Piquete que servia de Guarda ao mesmo Excelentissimo Prezidente que se Compunha de vinte homens Armados e fora deste numaro servia de Comandante hum Alferes Ilario e igualmente acompanhava o mesmo Piquete o Capitão João da Cunha Lobo Barreto que não só estes offeciaes como toda a força do Piquete foi des Armada. E dice mais que sabe que levando o Excelentissimo Prezidente a quantia de Coatro Contos de Reis em prata observou elle testemunha, aquele primeiro acuzado Bento Manoel Ribeiro aposar-se da dita quantia. E proguntado a ele testemunha se sabia se havião algumas pessoas que Cooperarão para a dita prizão Respondeo que no dia vinte e Coatro do mesmo mes de Março que vio ele testemunha o Coronel Joze Ribeiro e o filho do acuzado, Doutor Sebastião Ribeiro ambos na Barraca daquele mesmo acuzado, e que observou elle testemunha estar o mesmo Excelentissimo Prezidente não só prezo como ja dice porem tãobem incomunicavel por asim o haver detreminado o dito acuzado Bento Manoel Ribeiro. E proguntado mais ele testemunha se aquele acuzado Bento Manoel Ribeiro se tinha-se Conspirado Contra o partido legal e se se anuhio ao partido Rebelde; Respondeo ele testemunha que os seos fatos estão provados não só pelo atentado cometido da prizão do Excelentissimo Prezidente Brigadeiro Antero Joze Ferreira de Brito como igoalmente com o que praticou com o Piquete de que elle testemunha hera cabo, como com a

portaria que o mesmo primeiro acuzado deo a bem do mesmo Piquete retirar-se todo desarmado ordenando na mesma Portaria que as forças dos Rebeldes lhe não pousesem embaraço algum no seu tranzito. E mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o Promotor Publico e Juis perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevy.

Camara.

Antonio Fran.^{co} da Silva.

Lourenço Junior de Castro.

Constantino Joze Martins homem branco solteiro Cabo de Esquadra do Piquete desta Cidade que vive de seu Soldo de Idade de trinta e Coatro annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo no Corpo de delito indireto e officios ao mesmo Juntos que tudo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto diçe que sabe que o primeiro acuzado o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro foi hum dos Chefes da Sedição de vinte de Setembro de mil Oito Centos trinta e Cinco e depois pasou a Comandar forças a favor da Legalidade. E diçe mais que sendo Cabo de Esquadra do Piquete que acompanhava o Exçelentissimo Prezidente da Provincia o Brigadeiro Antero Joze Ferreira de Brito, que sendo no dia vinte e tres de Março do Corrente anno no Paso de Itapivi foi prezo o mesmo Excelentissimo Prezidente com o Piquete de vinte e tantos homens por hũa força de Oitenta e tantos homens pouco mais ou menos Comandada pelo Tenente Demétrio Ribero atreçoadamente por Ordem do acuzado Bento Manoel Ribeiro em cujo acto foi o piquete todo desarmado e igualmente a quantia de Coatro Contos de Reis em moeda de prata que o mesmo Excelentissimo Prezidente Conduzia pertencentes a Nação. tãobem foi roubado ficando em poder do dito primeiro acuzado e que lhe consta a elle testemunha que athe ao prezente inda se acha Capturado o dito Exçelentissimo Prezidente. E dice mais que todas as praças do dito Piquete que o mençãoado acuzado Bento Manoel Ribeiro dera huma Portaria para não serem embaraçados na sua retirada pelas forças dos Rebeldes vindo o mesmo Piquete todo des Armado por haverem deixado as Armas em poder do referido Bento Manoel

Ribeiro, e declarou mais elle testemunha que no outro dia depois da prizaõ que Conheçera debaixo de huma ramada donde se achava aquele Bento Manoel Ribeiro, hum Irmaõ deste o Coronel Joze Ribeiro, e seu filho o Doutor Sebastião Ribeiro, e dise mais elle testemunha que o resto que Consta sobre acuzação do Promotor Publico que nada sabe e mais não diçe e assignou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o Promotor Publico e Juis perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Camara

Constantino Joze Marz

Lourenço Junior de Castro

Lopo de Almeida Henriques de Almeida digo Henriques Botelho e Mello Capitaõ do Corpo de Artilharia branco Cazado e prezenemente destacado nesta Cidade que vive de seu soldo de Idade de trinta e Cete annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubese e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo no Corpo de delito indireto, e officios a ele Juntos que tudo lhe foi lido e declarado pelo Juis dice digo Juntos a acuzação do Promotor Publico que tudo lhe foi lido diçe que sabe que indo desta Cidade o Presidente da Provincia o Brigadeiro Antero Joze Ferreira de Brito a fronteira desta mesma Provincia e que segundo lhe Consta a elle testemunha que hera com a deliberação, de tratar com o primeiro acuzado o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro a melhor forma de se acabar com os Rebeldes que ainda se achão em Campo Contra o Governo Imperial e que nesta viagem do mesmo Exçelentissimo Presidente, aconteeço que no dia vinte e tres de Março proximo pasado foi prezo e supriendido o mesmo Exçelentissimo Presidente da Provincia no Paso de Itapivi pelo primeiro acuzado o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro e que consta a elle testemunha que ainda se Conçerva de baixo da violenta detenção; E diçe mais que levando o mesmo Excelentissimo Presidente a quantia de Coatro Contos de Reis em moeda de prata que he bem Constante que lhe foi tãobem roubada a dita quantia pelo mencionado primeiro acuzado e que igualmente ele testemunha sabe por ser vós publica que foi desArmado hum Piquete de vinte e tantos homens que o mencionado Presidente levava por sua Guarda, e que tudo isto foi por huma força

de oitenta e tantos homens Armadas no acto da prizão que fizeram aquelle Excelentissimo Presidente, cujo Armamento do Piquete ficou debaixo do poder do dito primeiro acuzado; E dice mais elle testemunha que tãobem sabe por ouvir dizer que o Comandante da força que fez a prizaó que tinha sido hum Demetrio de tal, e que sobre os mais Compriendidos na acuação que nada pode dizer. E dice mais que o dito primeiro acuzado Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro que desprezando o Comando das forças da legalidade que se bandiou para o partido das forças dos Rebeldes, e que ele testemunha sabe por ser publico que aquelle primeiro acuzado foi que ordenara aos Rebeldes João Antonio da Silveira, e Antonio de Souza Neto para estes com as forças Rebeldes que Comandavão, fazerem o Sitio a Villa de Caçapava donde se achavão forças da legalidade de Infantaria que hera o primeiro Batalhão; de Caçadores e noventa e tantas praças de Artilharia com treze bocas de fogo e porção de munições de Guerra e depozito de vivres o que tudo as ditas forças dos Rebeldes se aposarão. E dice mais que achando-se dentro da mesma Villa trezentos homens de Cavalaria esta força pode escapar-se ficando unicamente como ja diçe prizioneiros o dito Batalhão e força de Artilharia e mais não diçe nem do costume, e assignou o seu Juramento com o Promotor e Juis despois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara

*Lopo d' Almeida Henriques Bot.º Mello
Lourenço Junior de Castro*

CLZ.^M

Aos Seis dias do mes de Junho de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre Destrito do Rozario em meu Cartorio faço estes Autos concluzos ao Juis de Pas do mesmo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Clz.º em 6 de Junho de 1837

Visto os juramentos das testemunhas, e documentos produzidos, julgo procedente a denuncia do Promotor Publico; porq̃. tanto pelo contexto dos documentos, como pelos depoimentos das

test.^{as} athé aqui inqueridas, não só se mostrão plenamente provados os factos indicados na denuncia, como tãoobem se prova o facto de haver-se o Reo Bento Manoel Ribeiro, bandiado para o partido Rebelde, que já desde Nobr.^o de 1836 tinha o m.^{mo} partido proclamarado a separação desta Provincia da Intigridade do Imperio; sendo aquelle Reo, e seu filho Sebastião Ribeiro de Almeida os principaes motores do aprizionamt.^o que os Rebeldes fizerao das nossas tropas estacionadas na Villa de Cassapava em 7 de Abril do Corr.^{ta} anno, onde naõ só se apossarao de todos os armamentos e municoens de Guerra, como do depozito de viveres, dinheiros e effeitos publicos que ali existiaõ; facto este que constitue inegavelmente o crime de Rebelliaõ, e tanto neste, como nos mais indicados na predita denuncia se achaõ comprehendidos os mais Reos Joze Ribeiro de Almeida, Felix Joze Bernardes, Demetrio Ribeiro, Joaquim de Farias filho de Francisco Cordueiro, todos clacificados com Cabeças dos perpetrados crimes de Rebelliaõ Sedição, e como cúmplices dos mais crimes de roubos, e Carcere privado, para os quaes prestaraõ directo Auxilio, e efectiva cooperação na qualidade de Officiaes, e Comandantes da força Armada revoltada, de que era principal Chefe o ex Comandante das Armas desta Provincia Bento Manoel Ribeiro, e a mesma prova dos Autos obrigão a prizaõ, e livramento como Reos dos Crimes a cima indicados e comprehendidos nos Art.^{os} 110-111-189-, e 269 do Codigo Criminal. O Escrivaõ deste Juizo Cance-lhes os nomes no L.^o dos Culpados com as necessarias confrontaçoens, e passe as Ordens precisas para serem capturados, e continue-se digo Capturados. Porto Alegre 10 de Junho de 1837

Manoel Joze da Camara

Lc.4^{os} no Rol de Culpados a fls. 13
v. 85 v. 51 e v. 21.

Lages.

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado pelo mesmo Juis Capitão Manoel Joze da Camara me foraõ dados estes Autos com a sua Senteça de Pronunçia supra que mandou se cumprise

e guardase como nela se contem e declara de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Certefico Eu Escrivão abaixo assignado que emtimei a sentença da Pronuncia retro ao Promotor Publico Sargento Mor Lourenço Junior de Castro de que se deu por bem emtendido e dou fé Porto Alegre 12 de Janeiro de 1837

Luis Man.^o Glz Lages

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

JOÃO DE DEOS MENNA BARRETO

Marechal do Exercito

Porto Alegre

Do Brigadr.^o B. M. Ribr.^o

Porto Alegre

1837

JUIZO DE PAS DO 2º DESTITO

Escr.^m Lages

AUTOS SUMARIOS CRIMES DE REBELIÃO

A Justiça — A.

Manoel Goncalves da Silva, Francisco Rodrigues Barboza, Ignácio Ferrão, e Inocência Ferrão e outros — R R

Anno do Nascimento de Noso Senhor Jezus christo de mil Oito Centos trinta e Cete aos trinta dias do mes de Outubro do dito anno nesta Cidade de Porto Alegre segundo Destrito da mesma em meu Cartorio Autuo a portaria do Juis de Pas do Segundo Destrito desta sobre dita Cidade Capitão Manoel Jose da Camara e juntamente a Certidão dos individuos indicados em Crimes Publicos que por ordem do mesmo Juis pasei por Certidão do Proseço ultimamente findo tirado a ex officio de Justiça pelos crimes de Rebelião, Insurreição, Sedição Mortes, ferimentos, Roubos Insendios, Peculatos, e que pegaraõ em Armas para Destruir a Integridade do Imperio sua Constetuição Politica e forma do Governo estabelecido cujos Reos indiciados são os que constão da Certidão que ao diante se segue de que para constar fis este Auto em Cumprimento ao detreminado na mesma Portaria para efeito de com ella e dita Certidaõ se inquirirem testemunhas sobre os factos constantes da mesma Portaria praticados nesta Provincia do Rio Grande de são Pedro do Sul e se vir no verdadeiro conhecimento dos perpetradores de tão Orrorozos Crimes para efeito de serem punidos com as penas que lhe impoem as Leis Conçernentes as suas Culpas de que para Constar fis esta Autuação, e Eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy e asignei.

Luis Man.^{al} Glz Lages

Tendo chegado ao meu Conhecimento que nesta Provincia arebentou huma decidida Rebelião que teve principio no Anno de mil Oito centos e trinta e sinco com o fim patentemente conhecido de dezunir esta Provincia da Integridade do Imperio, e contituila em Estado livre, e Independente com Governo Republicano, o qual se instalou na Villa de Peratiny no Anno de mil oito sentos e trinta e seis Havendo-se tãobem proclamado o mesmo Governo na Villa de Jaguarão, tendo-se assim consumado o Crime de Rebelião, e destruido a forma do legitimo Governo Brasileiro a Constituição Politica do Imperio, e a sua Integridade, o que tudo consta pelos repetidos, e publicos factos de agreçoins e rezistencia com mão armada que tem feito e continuão a fazer as forças da quelle partido Rebelde, invadindo e hostilizando a maior parte das Povoaçoins da Provincia Cometendo innumeraveis mortes, ferimentos, roubos, Incendios e Violencias, havendo a quelle mesmo partido Rebelde chegado ao horrorozo excesso de reunir huma grande parte de Escravatura da Provincia com promeça de lhe dar a liberdade, cuja escravatura fazendo parte das fileiras rebeldes com mão Armada tem agredido, e continuão aggreidir as forças Legaes, e massacrarem os habitantes fieis ao Governo Imperial, Sitiando, e bombiando as Cidades e principaes Villas da Provincia; e achando-se indiciados nos mencionados Crimes varios Individuos no Processo que ultimamente se Organizou ex Officio por este Juizo cujos nomes se achão excluidos da Pronuncia exarada no mesmo Processo; o Escrivão extrahirá quanto antes por Certidão os nomes deles cuja Certidão Autoará juntamente com esta afim de se proceder contra elles, e outros mais; Autoando tãobem os Documentos que com esta se juntão visto encunbir-me o Art.º 141 do Codigo do Processo Criminal o procedimento ex Officio contra os Autores dos Crimes Publicos. Porto Alegre 27 de Outubro de 1837.

Camara

Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão do Juizo de Pas do Segundo Destrito desta Cidade de Porto Alegre etc. Certefico que Revendo em meu Cartorio os Autos Sumarios a que por este Juizo se proçeedo ex officio de Justiça pelos Crimes de Rebelião, Sedição, Insurreição, perpetrados nesta Provincia, Homeçidios, ferimentos, Roubos, Peculatos, Insendios, e outros delitos graves, com os fins de desunir esta Provincia da Integridade do Imperio e destruir sua Constetuição politica e forma do Governo estabelegido em cujo

Proseço alem dos individuos Pronunciados se achão indiciadas as
pessoas Seguintes; Hipolito Joze de Santa Anna, Francisco Rodrigues
Barboza, morador na Incruzilhada, Alexandre da Costa Leite, Ino-
cência Ferrão, Manoel Goncalves da Silva, Delfino Henriques de
Carvalho, Luis Ignacio Pereira de Abreu, Joaquim Paes, Antonio
da Veiga, Verisimo Ferreiro, Francisco Ribeiro morador nas Dores,
Ignacio Ferrão; Claudiano Antonio de Vargas, João Xavier de
Azambuja, João Machado de Souza; Os indeviduos asima decla-
rados são os que se achão indiciados no dito Proseço ao qual me
reporto e dou fe Porto Alegre trinta de Outubro de mil Oito Centos
trinta e Cete E eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o
Escrevi Comferi concertei e asignei.

Luis Man.^o Glz Lages

C.da por mim Esc.m

Luis Man.^o Glz Lages

**Proclamação lançada pela Sociedade
Defensora da Liberdade e Independência
Nacional. — Em 21 de Abril de 1836.**

PROCLAMAÇÃO

CIDADAÕS G. N. ! BRISOS FILHOS DA PATRIA !

O illustre author da gloriosa Revolução de Vinte de Setembro,
o Cidadão em quem se encerrão as esperanças da Liberdade vos
chama segunda vez ao campo da Honra.

Elle procura com ardor os assassinos de vossos Irmaõs, e
quando os perigos o rodeão, as fadigas, e privações o acompanhaõ
consentireis vós, Cidadãos Rio Pardenses, que seja notada vossa
indefferença sobre os negocios de nossa Patria?

Permitireis vós, que os bravos da Fronteira do Rio Grande
levem a palma aos valorosos da Fronteira do Rio Pardo? Não. A
Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional está
persuadida, que sendo a cauza, que defendemos a da Liberdade
legal attaccada por hum punhado de sediciosos, e anarquistas, vós

correreis, á porfia a engrossar as filheiras da nova columna desta Commarca. Liberais de Rio Pardo! Patriotas da Cachoeira! Cidadãos experimentados dos Destrictos do Carto, Cruz Alta, e Santo Amaro! Reuni-vos de commum accordo; prestai religiosa obediencia as ordens legaes do Ex.^o Commandante Superior das G. N., attendei ao convite da Sociedade Defensora da Liberdade; imitai o exemplo dos dignos Socios, de que ella se compoem. Nos vossos Destrictos os vereis á frente das reunioens, que se estão formando, vereis outros partir a Capital a requisitar objectos indispensaveis ás vossas necessidades; outros finalmente, que com as armas na mão perseguindo os vis escravos do trahidor Bento Manoel, tem merecido os elogios do Heroe do Rio Grande de S. Pedro.

Correi Filhos da Patria a colher os louros da victoria: ide afugentar deste sólo abençoado as immundas harpias, que o enxovalhão: ide livrar a bella Provincia de S. Pedro das guarrras de hum inimigo rustico, feroz, e desprezivel. A Liberdade vos chama; a Patria tem fita as vistas sobre vós; os homens livres do mundo inteiro nos observaõ. Caihaõ a vossos pes os malvados escravos do Dispotismo; leve garrote a politica do terror; triunfe o partido Nacional; e brilhe sobre a ruina da tirania a gloriosa Revolução do Dia vinte de Setembro.

Viva a Liberdade! Viva a Constituição Reformada! Viva o Imperador Constitucional do Brazil o Sr. D. Pedro 2.^o!

Viva a Assembleia Legislativa Provincial!

E vivaõ os bravos, que vão marchar em deffeza da Liberdade!

Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional em Rio Pardo em Sessão extraordinaria de 21 de Abril de 1836.

Francisco de Paula de Mor.^s Sarm.^{to} Menna

Presidente

Frederico Augusto do Am.^{ai} Sam.^{to} Menna

1.^o Secretario

Fernando Antonio de Araujo

2.^o Secretario

Esta conforme o original

Frederico Augusto do Ama.^{ai}

Reconheço

Camara

Salvo-conduto firmado pelo chefe revol-
toso Antonio de Sousa Neto, a favor do
alferes José Garcia de Azevedo. — Em
11 de Maio de 1837.

Pode livremente tranzitar para vir apresentar-se as autoridades Republicanas, o Alferes Jozé Garcia de Azevedo, contra quem senão procederá por motivo de suas opiniões politicas: as Autoridades, e Forças de meu mando farão plenamente respeitar sua Liberdade individual, e de propriedade, deixando-o seguir seu destino sem p.^r maneira alguma entorpecer sua marcha. Q.^{ta} Gen.^{al} junto a Cidade de Porto Al.^a 11 de Maio d' 1837.

Antonio de Souza Netto

G.^{al} em Chefe do Exercito

Reconheço a firma ser do proprio.

Camara

Três officios do Administrador das Ren-
das de Porto Alegre ao Vice-Presidente
da Provincia. — Abril e Maio de 1836.

Illm.^o e Exm.^o Sñr. = Recebi o Officio de V. Ex.^a datado d'hontem, em o qual V. Ex.^a me fez a honra de nomear-me Adm.^{or} das Diversas Rendas d'esta Cidade e lizongeando-me muito com tal nomeação tenho de significar á V. Ex.^a que a acceito e passo a tomar posse do dito Emprego que procurarei dezempenhar o melhor que me for possível.

Deos Guarde á V. Ex.^a Porto Alegre 19 de Abril de 1836.

Illm.^o e Exm.^o Sñr. D.^{or} Marciano
Pereira Ribeiro, Vice-Prezid.^a d'esta Provincia.

..

Joze Feliciano França.

Reconheço

Camara.

Illm.^o e Exm.^o Sñr. = Tomando no dia 19 do corr.^{to} posse do Emprego, que interinam.^{to} occupo, encontrei sobre a Meza a ordem de V. Ex.^a datada de 7 do corr.^{to}, e que p.^r copia vem incluza ao Officio, que acabo de receber de V. Ex.^a, a cuja ordem dei, e darei o devido cumprimento em quanto V. Ex.^a me não determinar ao contrario.

Deos Guarde a V. Ex.^a Porto Al.^o 23 de Abril de 1836.

Illm.^o e Exm.^o Sñr. D.^{or} Marciano
Pereira Ribeiro, Vice-Prezid.^o d'esta Provincia.

O Adm.^{or} das D. Rd.^{as} Intr.^o
Joze Feliciano França.

Reconheço

Camara.

Illm.^o e Exm.^o Sñr. — O Brigue Inglez = Sarepta = principiou a receber carga n'este porto em o dia 23 de Fevereiro ultimo, concluiu o seo carregamento a 28 de Abril, despachou o mesmo carregamento e ficou completamente desembaraçado por esta Repartição a 2 do corrente mez.

Nenhũa objecção houve na concessão de seos despachos ulteriores, porque esta Repartição não estava authorizada para o fazer; pois a ordem de V. Ex.^a datada de 7 de Abril ultimo, relativa aos despachos das embarcaçoens, comprehendendo somente as Nacionaes. He quanto posso irform.^r á V. Ex.^a a semelhante respeito.

Deos Guarde á V. Ex.^a Porto Alegre 21 de Maio de 1836.

Illm.^o e Exm.^o Sñr. D.^{or} Marciano
Pereira Ribeiro, Vice-Prezidente d'esta
Provincia.

Dois officios e dois editais da Camara
Municipal de Porto Alegre. — Em Março
de 1836.

Ill.^{mo} S.^{or} = A Camara Mun.^{al} desta Cidade manda remetter a V. S. os impressos inclusos da Proclamação, Officio, e Parecer da Commissão, q̃ contem; e que lhe forão incluídos em Off.^o do Ex.^{mo} Vice-Presidente da Provincia com data de 3 do que rege, para distribuirem-se pelas Justiças de Paz do Municipio.

Deos Guarde a V. S. Porto Alegre em Sessão de 21 de Março de 1836.

Ill.^m S.^{or} Ignacio José de Abreu, Juiz
de Paz do 3.^o Destr.^o desta Cidade.

O P. Marcos Alz. Per.^a Salgd.^o

O Secretr.^a Libanio Pereira da Silva.

Ill.^{mo} S.^{or} = A Camara Mun.^{al} desta Cidade em Sessão de hoje resolvêo se communicasse a V. S. ter sido empossado da Vice-Presidencia da Prov.^a o Ex.^{mo} D.^{or} Marciano Per.^a Ribeiro por motivo de achar-se impedido por molestia o D.^{or} Americo Cabral de Mello, q̃ exercia este Emprego; afim de que no districto de sua jurisdição, se faça publica a dita posse, e se remetta a m.^{ma} Cam.^a certidão por que conste haver-se assim practicado.

Deos Guarde a V. S. Porto Alegre 28 de Março de 1836.

Ill.^{mo} S.^{or} S. M.^r Ign.^{co} J.^o de Abreu,
Juiz de Paz do 3.^o Distr.^o desta Cidade.

P. S.

Resolvêo igualm.^{te} q' se remetterssem a V. S. os dois Edictaes incluzos p.^o serem publicados; exigindo a compet.^e Certidão de ter-se verificado a respectiva publicação.

Cumpra-se P.^{to} AL.^e 30 de M.^{co} 1836.

Abreu

O P. Marcos Alz. Per.^a Salgd.^o

O Secretr.^o Libanio Pereira da Silva.

Reconheço as duas firmas asima.

Camara

EDITAL

A Camara Mun.^{al} desta Cidade em Sessão de 23 do q̃ rege resolveo se fizesse publico que toda e qualquer pessoa a quem convenha a arrematação do direito de 20 reis por cada cabeça de rez, q̃ se matar nas charqueadas do Municipio, pertencente á m.^{ma} Cam.^a pelo § 1.^o do artigo 5.^o da Lei do Orçamento Municipal de 27 de Junho do anno passado, e pelo tempo do corr.^o anno financeiro, que ha de findar no ultimo de Junho futuro, poderá dirigir á mesma Camara c competente requerimento com habilitação de fiança idonea, na conformidade da mesma Lei; a fim de ser feita a arrematação a quem mais der logo depois de espassados 20 dias, que se contarão da dacta deste em diante.

Porto Alegre 24 de Março de 1836.

O P. Marcos Alz. Per.^a Salgd.^o

Compra-se

P.to Al.^o 30 de M.co 1836.

Abreu

O Secretr.^o Libanio Pereira da Silva.

Reconheço as duas firmas asima. Porto All.^o 20 de 9br.^o 1837.

Camara.

EDITAL.

A Camara Mun.^{al} desta Cidade em Sessão de 23 do que rege, resolveo se fizesse publico que pelo § 7.º do artigo 3.º da Lei do Orçamento Municipal de 27 de Junho do anno passado lhe pertence arrecadar pelo tempo do corr.º anno financeiro, que começou no 1.º de Julho seguinte, e ha de findar no ultimo de Junho deste anno, alem d'outros impostos o direito de 1\$000 rs. por alvará de licença annoal para ter casa aberta de venda de qualquer genero; assim como o de 12\$800 por alvará de licença annoal, para vender fazenda, ou outros quaesquer generos dentro do Municipio (vulgo mascafear), e que por isso toda e qualquer pessoa, que se achar comprehendida na disposição do dito paragrafo, e artigo, e dever os direitos indicados, deverá comparecer ao depois de espassados 20 dias, contados da data deste em diante á verificar o pagamento do q̃, justamente dever, pela maneira que constar achar-se estabelecido o methodo da respectiva arrecadação, com a pena do procedimento summario, e executivo, que se acha estabelecido pelo artigo 9.º da mesma Lei contra qualquer dos contribuintes, que se negarem á competente satisfação. E para que chegue á noticia de todos, e se não possa allegar ignorancia, se mandou attender o presente Edital, e expedir os necessarios de igual theor aos Juizes de Paz das Freguezias, e Curatos do Municipio, para terem alli a devida publicidade. Porto Alegre 24 de Março de 1836.

O P. Marcos Alz. Per.^a Salgd.^o

O Secretr.^o Libanio Pereira da Silva.

Reconheço as duas firmas asima.

Camara

Cumpra-se P.^{to} Al.^a 30 de M.^{co} 1836.

Abreu

Carta de Luis José da Fontoura Palmeiro
a Joaquim Pedro Soares. Ambos revol-
tosos. Em 2 de Abril de 1836.

Porto Al.^a 2 d'Abril de 1836

Am.^o Soares

Naõ obstante o portador ser o am.^o Coelho com tudo naõ quero deixar de lhe dar noticias m.^a e juntam.^{to} do q̃ tem avido por cá. Saberá q̃ Bento Glz. tinha mandado o Cor.^{al} Netto atacar S. Fran.^{co} de Paula, e o resto da gente deu Licença p.^{re} q̃ Bento M.^{al} tinha se metido na Serra do Caviará, Neto com Lima no dia 7 e 8 de Abril atacaraõ S. Fran.^{co} como verá p.^{lo} off.^o q̃ junto remeto, os 70 homens de Emfanteria já estaõ aqui ao nosso serviço os Off.^s estaõ tãobem aqui porem prezos a eceção do Cor.^{al} Albano d'Olivr.^a q̃ a guarda q̃ o trasia o matou p.^{re} terçe levantado com ella. No dia doze do m.^{mo} mez appareceu o Juca Orives a frente de m.^a de 400 homens e atacaraõ esta Cid.^a porem naõ deraõ gostos só 30 homens emtraraõ na Cid.^a m.^a lhe custou caro morreraõ 4 prezos 8 e m.^{tos} feridos dos q.^s já alguns moreraõ os tais homens me fizeraõ lembrar o jogo do Pato em Missoes, logo q̃ xuparaõ 14 Tiros de metralha dispararaõ como gente. No dia 17 Bento Glz. atacou o Faxinal matou 8 com.^s ganhou o matto, hontem devia o Lima com 150 homens de Emfantaria correr os matos e linpalo... No dia 22 Onofre atacou o Juca Orives como verá do Officio junto e ali fomos m.^{to} felizes os mortos q̃ dos nossos ouveraõ na ação do Onofre m.^{to} tenho Sentido m.^a meu am.^o o homem q̃ morre em defeza da Patria naõ morre seu nome fica eterno, a nos nos cumpre vingal-os. Bento M.^{al} se aproximou ate perto da Caxoeira e sabendo do q̃ tinha avido p.^{re} cá retirouçe um Pouco, Bento Glz já foi emcontraçe com elle e si elle separar ja se perdeu. Core a noticia q̃ Silva Tavares foi derotado p.^{re} Pedro Marques m.^a ainda naõ veio Officios. Am.^o agora é que aqui conheceraõ o serviços q̃ fizestes com aquella descoberta ouve grande barrulho q̃ só com a vista te podiria contar o resultado foi o Americo emtregar a Vice-Presidencia e nos ficar-
mos de Olho vivo senaõ estariamos perdidos. Os caramurus contavaõ comtigo e p.^{re} isso espalharaõ que vinhas atacar o Onofre com os q̃ tomaraõ as Torres vé como eu naõ ficaria tinha q̃ brigar todos os dias ate que se conheceçe o contrario, em.^{to} satisfeito ficaraõ os nos-
sos despois da paçagem do Pedroso, agora q.^{to} se fala em Sima da

Serra logo dizem lá esta o Xico Soares não á que temer, isto me satisfas m.^a do q̃ ati p.^rq̃. m.^{tas} e m.^{tas} vezes tinha afiançado o teu carater, m.^a meu am.^o fico com a cara larga com se fala no Fredo nem eu m.^{mo} quero falar-lhe. O Sigundo Comd.^a da gente do Juca Orives foi p.^a esse lugar de escapada eu não lhe sei o nome, he um Galego baixo, groço de corpo, bastante barba, anda sufrivel a cavalo e m.^{to} tezo trata de comprar Mulas p.^a Venancio e Ant.^o da Rosa e foi chaxero de um tal Henriques levou ja a tenpos cartas de Marcos Cristino de S.^{to} An.^{to} p.^a não sei quem porteger esta compra e dar algum dr.^a p.^a despesas, este galego he o m.^a criminoso detodos que tem sido contra nos e tal vez elle quera hir tratar algum negocio com pedrozo p.^r t.^o manda emsinar o caminho se ovires. A D.^a o q̃ for avendo te darei parte e como espero que me comoniques o q̃ p.^r la ha olho vivo e nada de panos quentes ouviu ? Sou como sabe

Teu am.^o Velho e obr.^o

Luiz Joze da Fontr.^a Palmr.^o

Reconheço

Camara.

**Carta em que Joaquim Pedro Soares
convida o legalista Custódio da Silva
Barreto a passar-se para os revoltosos.**

— Em 17 de Agosto de 1837.

Ill.^{mo} Sñr. Custodio Antonio da Silva Barreto = Tenho a saptisfação pela primeira vez de diregir-me a V. S.^a na qualidade de Comandante desta força com o fim de por termo a tantos males que a muito afligem aos abitantes, e que serão mais duradores, e mais funestos se os homens reconhecendo a pozição em que se achão, não quizerem procurar a paz, e a tranquillidade, para si para suas famillias, e finalmente para o q̃ lhe hé mais charo. As ordens q̃ tenho de meu G.^{al} em Chefe se limitão a dois pontos ecenciais; bater com toda a energia, e a todo o tranze os inimigos q̃ com as armas na mão, se opuserão ao Governo da Republica, e o segundo

consiliar the onde seja possível o sucego, e bem estar das famillias, em suma derramar o balsamo da paz entre Rio Grandenses, p.^r que iludidos tem cravado o agudo punhal no seio da May Patria: se estes abitantes se quizerem consiliar com o Governo da Republica, reconhecendo na forma da maioria da Provincia dias de alegria vem traser a este lugar, mas se pelo contrario succeder; o lutto se dobrará nas famillias, e as cenas de horror se verão plantadas para sempre sem remedio. Eu convido a V. S.^a para se me apresentar e gosar dos frutos de paz no sentro de sua famillia, e como pessoa influente neste lugar vonvide a todos os moradores para darem o mesmo passo; na certesa de q̃ todos serão bem tratados, e acolhidos como Irmãos; esquecendo todos os actos passados, e correndo hum veio de esquecim.^{to} a tudo, podendo asseverar-lhe q̃ eu não venho aqui para exercitar odios, e vinganças, e q̃ sou segamente obedecido p.^r esta força; é quanto basta para dar completa saptisfação de tudo quanto offreço a estes abitantes.

Dezejo q̃ meus passos não sejam malogrados, pois me reportará huma gloria sem par, se me não for mais perciso disparar hum só tira neste lugar. A Patria he dos Rio Grandenses, ja não padesse duvida, e essa facção Eropeia que nos queria dominar ja desapareceu da sena politica, pois Porto Al.^a, Rio Grd.^a, e Norte, estes trez pontos que o inimigo ocupa são debeis p.^r sua natureza, e com a tomada da Barra, e o mar crusado de Corsarios, p.^r si mesmo vão cahir, e na campanha não restão mais inimigos abater. Esta he a linguagem da rasão e verdade, proferidas p.^r hum Rio Grandense Am.^o da ordem Publica, e que deseja ver plantado neste Paiz os dias mais florecentes, de paz, e união. Hé quanto tem a diser-lhe q.^m he

De V. S.^a

Patricio e Amigo

Joaquim Pedro Soares

Campo volante 17 de Agosto de 1837.

Nos abaixo assignados attestamos em como a Letra, e firma em frente he do proprio punho de Joaquim Pedro Soares, Tenente

reformado do segundo Corpo de Cavallaria de Linha o que juraremos, se necessario for. Porto Alegre 20 de Setembro de 1837.

Mario de Souza Henriq̃ Rabello

Coronel

1837

Antonio M.^a de Souza

Capitão

Reconheço

Camara.

Ill.^{mo} Sñr.

CUSTODIO DA SILVA BARRETO

& &

Aonde se achar.

Oficio do juiz Antônio Vicente Pereira
Luz, chefe de Policia, int.^o, ao juiz de Paz
do 3.^o Distrito de Porto Alegre. — Em 26
de Maio de 1836.

Ill.^{mo} Sñr. — Tendo-me o Ex.^{mo} Vice Presidente desta Provincia nomeado e impossado interinamente do Cargo de Juiz de Direito d'esta Comarca, e Chefe de Policia, tenho a honra de assim o participar a V. S.^a para sua intelligencia. Aproveito a occasião para convidar o V. S.^a para comparecer na casa de minha residencia ámanha pelas quatro horas da tarde, áfim de consultarmos sobre a Policia da Cidade.

Deos G.^a a V. S.^a Porto Al.^a 26 de Maio 1836 ./.

Ill.^{mo} Sñr. Juiz de Paz do 3.^o
Districto desta Cidade.

Antonio Vicente de Siqr.^a Per.^a Luz

Juiz de Dr.^o Inter.^o, e Chefe de Policia

Certefico que citei a Francisco Joze Moreira Joze Custodio de Azevedo para Jurar no prezente Corpo de delito indireto de que se deraõ por bem emtendidos e dou fé Porto Alegre 14 de Novembro de 1837.

Luiz Man.^{ei} Glz Lages

ASENTADA

Aos Catorze dias do mes de Novembro de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezi-dencia do Juis de Pas do Segundo destrito Capitaõ Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão de seu Cargo fui vindo e sendo ahi pelo dito Juis forão proguntadas e imquiridas as testemunhas que por parte da Justica forão apresentadas cujos nomes cognomes estados moradias officios Idades ditos e Costumes são os que se seguem de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

TT.^a 1.^a

Francisco Joze Moreira homem branco Cazado morador nesta Cidade que vive de negocio de Idade de Corenta e Cinco annos pouco mais ou menos testemunha jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo no Corpo de delito que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto diçe que sabe que ouve nesta Provincia huma Completa Rebiliaõ a qual foi declarada em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco, a qual ainda existe, unindo-se varias Povoaçoins ao Governo dos Rebeldes e que entre todas estas Povoaçoins Cidades e vilas compriendem mais de vinte mil pessoas tudo para o fim de desonir esta Provincia da Integridade do Imperio, ficando Independente com Governo Republicano o qual se efectuou na Villa de Peratinim e Jaguarão como Consta por papeis publicos, Decretos e proclames do Prezidente da mesma Republica Joze Gomes de Vas Comçelos Jardim. E dice mais elle testemunha que o partido Rebelde esta devidido Coaze por toda a Provincia Reunido a este partido grande numaro de Escravatura que os prencipaes chefes e grandes influentes tem reunido prometendo aos mesmos Escravos a liberdade Cuja Força dos Rebeldes unida com a Escravatura montão a mais de tres a coatro mil homens e Com esta força Armada tem atacado as da Legalidade e igualmente Povoaçoins Villas e Cidades Citiando-as, Bombeando-as e em todos estes Actos de suas agreçoins tem cometido emenças mortes ferimentos graves, Roubos insendios, de predios estrupos, e outras muitas violençias e paça elle testemunha a declarar alguns lugares que se lembra ter avido Ostelidades já assima declaradas e são esta Cidade de Porto Alegre que foi agredida pelos Rebeldes por már e por terra em

trinta de Junho e vinte de Julho de mil Oito Centos trinta e Seis e neste presente anno de mil Oito Centos trinta e Cete foi Bombeada com granadas, e com Balas Ardentes, e ainda existe em Cítio a mais de seis mezes, por humra força dos Rebeldes de que he Comandante em Chefe Antonio de Souza Neto e em todas estas agreçoins, Ouverão por diverças vezes algumas mortes e entre ellas foi o Manjor Jorge Mazarredo, Tenente Americo, Comandante do Ponto do Caminho Novo e igualmente foi morto o Coronel Gabriel Gomes Lisboa, em ataque da Villa do Triunfo no qual Ouverão outras mortes, ferimentos, e não menos de sem prizioneiros, tudo da Força da Legalidade por outra dos Rebeldes E dice mais que foi atacada a Villa do Rio Pardo, Villa de Caçapava Cidade de Pelotas, Cidade do Rio Grande Vila do Norte e outros muitos lugares que elle testemunha se naõ lembra ao presente, e que igualmente foraõ mortos o Coronel Albano, Capitão Manoel Lobo Ferreira Barreto, Tenente João da Silva Barboza, Coronel Viçente Ferrer da Silva Freire, seu filho Diogo Ferrer da Silva Freire, Alferes Joze Maria Lobo, Tenente Alvarenga, e que taõbem foi prezo o Ex-presidente desta Província Antero Joze Ferreira de Brito, e nese acto roubarão da Nação para mais de Coatro Contos de reis em prata e foi desarmada a Escolta que o mesmo levava de sua guarda cuja prizaõ foi feita pelo traidor Bento Manoel Ribeiro que antão ocupava o Cargo de Comandante das Armas e que igualmente saõ criminozos por semilhante prizão hum Demetrio de tal Capatas do mesmo Bento Manoel Ribeiro e outros que elle testemunha se não lembra.— Proguntou o Juis a testemunha se conhece ou sabe quem saõ os influentes e Cabeças deste partido Rebelde Comandantes de Força Armada ou outros quaisquer individuos que tenhaõ Cometido ou Comecorrido para as emenças mortes ferimentos Roubos e todos os mais Crimes que se tem praticado no dito partido Rebelde Respondeo elle testemunha que paça a declarar alguns nomes de individuos que chegão a sua lembrança que saõ Jeronimo Ribeiro Juis de Pas da Barra, Marcos Alves Pereira Salgado, João Alves Pereira Salgado, Joaquim Pedro Soares, Comandante de humra Força dos Rebeldes, Vicente Ferreira de Andrade, que foi Redator do Recopilador Apolinario Joze Gomes, Luçio Jose Gomes, Luis Joze da Fontoura Palmeiro, Joze Francisco Vas Vianna, Francisco Gonçalves Lopes Ferrugem, Domingos Maçafarro, Italiano Joze Domingues, Pedreiro, Tito Livio da Costa que tanto este como aqueles dois asima referidos Vianna e Ferrugem — desertarão desta Cidade sendo Guardas do Batalhão Provisorio para as Forças dos Rebeldes que fazem Cítio a esta mesma Cidade. E dice

mais elle testemunha que Marcos Cidade ,Antonio Peixoto do Prado, Ajudante de Ordens do Rebelde Joze Gomes de Vascomçelos Jardim, Eufrazio Joze Carlos de Oliveira, Pedro Pereira de Carvalho Marçineiro, e Capitão que foi das Guardas Nacionais, Bernardo de Jezus Abreu, Conheçido pelo Barbudo, Joze Antonio de Oliveira conheçido por antonomazia Joze das Memorias, e prezo na perziganga, Joze Pedro Marçineiro, que estes dois individuos herão taó infuentes do partido Rebelde que heraõ da Comição dos Bolos e vergalhadas nos defençores da Legalidade e dos Roubos de Assucar e Joze Pereira da Cunha morador adiante do Beco chamado do Barboza no Caminho Novo, Antonio Candido de Campos, e seu Irmão que foi empregado na Alfandega desta Cidade João Candido de Campos, Joaquim Joze da Silva Junior, Boticario, Joze Joaquim da Silva Maya, Empregado na Secretaria da Republica em Peratenim, e que igualmente João da Maya Braga que taóbm se acha empregado na Secretaria da mesma Republica, O Bacharel Antonio Viçente Pereira de Sequeira Leitaõ, que foi Promotor Publico com os Rebeldes e despois Chefe de Políçia e perseguiu aos Legalistas e despois da Reação foi prezo, e sendo solto sepassou para os Rebeldes e segundo he publico se acha empregado na Republica em Peratenim, Joaquim Teixeira Nunes, Capitão de Melicias e Comandante do Batalhão dos negros que está com Davide Canabarro, Narcizo Peixoto de Oliveira Boticario, que se acha unido as forças que Citião esta Cidade Joaquim Francioni Joaquim Balbino Cordeiro, Joze Feleciano França empregado Publico que hera nesta Cidade, Antonio Alves Pereira Coruja, e que todos estes Contro individuos despois da Reação desta Cidade paçados alguns mezes forão mandados retirar para fora da Provincia e que taóbm Eulelio Antonio Munis despois de ser solto da prizão que teve taóbm sahio para fora da Provincia e que igualmente são cúmplices em todos os Crimes naõ só os individuos declarados no seu Juramento como taóbm Silverio Pedrozo, Tristaó Geremias de Moraes Jeronimo Antonio Gonçalves, e Laurentino com venda ao pe da Azenha fins da varge desta Cidade e que sabe taóbm que João Antonio da Silveira por antonomazia o barulho que se acha prezo no Perziganga por grande influente e que sobre o seu depoimento se refere R — em Boa Ventura da Costa Torres e que Exceptuando os que elle testemunha declara estarem prezos e outros fora da Privilincia que os mais ainda andaó nas forças dos Rebeldes porem que tanto huns como os outros são grandes influentes do mesmo partido Republicano e Cúmplices de todas as mortes, ferimentos graves, Roubos, insendios, Ruinas de Edefiçios e de todos os mais Crimes

que se tem praticado na prezente rebeleão Contra as Forças da Legalidade, e Comcorrido todos para destruir a nova forma do Governo Imperial, a Integridade do Imperio, e sua Constetuição politica adotada e Jurada no Brazil e mais não dice nem do Costume e assignou o seu Juramento com o dito Juis despois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Camara.

Fran.^{co} José Mor.^a

2.

Joze Custodio de Azevedo homem branco Cazado morador de prezente nesta Cidade que vive do Rendimento de seos bens de Idade de trinta e Cete annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo na portaria que toda lhe foi lida e declarada pelo Juis neste acto—D—dise que sabe por ser natural e morador nesta Provincia que em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco se negou a Pose de hum Prezidente nomeado legalmente pelo Governo Imperial o Doutor Joze de Araujo Ribeiro declarando-se por esta falta de obediência huma Completa Rebelião e antes dela ja se tinha com força Armada sacodido da Prezidência do Governo desta Provincia outro Prezidente Legal o Doutor Antonio Rodrigues Fernandes Braga Cometendo-se o Crime de Sedição o qual teve lugar em vinte de Setembro do dito anno e que todos estes Crimes foraõ Cometidos por huma facção de Rebeldes que de dia em dia o seu numaro se tem augmentado tudo para os fins de desunir esta Provincia da Comunhão Brasileira e Constetuhir a mesma em estado livre e independente com Governo Republicano o qual se efectuou na Villa de Peratenim, e Jaguarão; no anno de mil Oito Centos trinta e seis o que he bem Constante pelos Decretos e proclamaçoins que tem apparecido e de cujo Governo intitulou-se Prezidente Joze Gomes de Vas Comçelos Jardim, ficando debaixo do mesmo Governo Coaze todas as Cidades Vilas e Povoaçoins desta Provincia que o seu numaro de abitantes fieis que existiaó debaixo do jugo, poder e dominio Compriendiaó para mais de vinte mil pesoas. E dice mais elle testemunha que ese grande partido Rebelde tem unido hum

grande numero de Escravatura da qual tem formado Batalhoins cuja Escravatura tem sido Roubada e Seduzida para os fins de se lhe dar a liberdade. E dice mais elle testemunha que todas as forças dos Rebeldes que prezentemente montão a mais de tres mil homens e Com esta força Rebelde tem se agredido e feito Rezistencia as forças do Governo Imperial atacando Bombeando as Cidades Villas e Povoaçoins desta mesma Província e em Cujos actos de agreçoins tem se Cometido emenças mortes, ferimentos graves, Roubos, Insendios de predios, e todas as mais violências Criminozas que podem proçeder em hum partido taõ exacrando. E diçe mais ele testemunha que passa a declarar alguns individũos que tem sido Cabeças e influentes do dito partido Comandantes de forças Armada e Outros mais que tem Comcorrido para as emenças mortes que se tem feito entrando no numero delas o Coronel Vicente Ferrer da Silva Freire, seu filho Diogo, Alferes Joze Maria Lobo, todos mortos na sua Fazenda de Gravatahi, Manjor Jorge Mazarredo e outros mais defençores da Legalidade forão mortos em huma ação fora das Trincheiras desta Cidade por huma grande força que ainda prezentemente fazem Citio Comandada por Onoffre Pires da Silveira Canto e que igualmente forão mortos o Tenente Americo, Comandante do ponto do Caminho Novo, e que o Coronel Gabriel Gomes e seu Irmão Eduardo Gomes, o Tenente Alvarenga, Capitão Manoel Lobo Barreto, o Coronel Albano, o Tenente João da Silva Barboza que todos estes forão mortos em defeza do Governo Imperial fora outros muitos que ele testemunha se não lembra de seos nomes. E pruguntoulhe o Juis a testemunha se conhece ou sabe quem são os Cabeças deste partido e imfluentes Comandantes de forças Armada e outros mais individuos que tenham comcorrido para se praticarem todos os Crimes por elle testemunha declarados. Respondeo que Marcos Alves Pereira Salgado, Comandante de Políçia da Barra, João Alves Pereira Salgado cobrador dos direitos dos Anarquistas, no Distrito da Barra Joaquim Pedro Soares Comandante de Forças, Luis Joze da Fontoura Palmeiro, Ofecial dos Anarchistas, e taóbm Vicente Ferreira de Andrade e que Joze Françisco Vás Viana e Francisco Gonçalves Lopes Ferruge ambos dezertarão para as forças dos Anarchistas que Cítiaõ esta Cidade sendo empregados no Batalhaõ Provizorio, e que egualmente Marcos Cidade Fideles Antonio de Vargas morador no Pesqueiro Destrito do Cahí, Claudiano Antonio de Vargas morador na Costa da Serra do faxinal João Machado de Souza morador em Santa Anna onde he Comandante de Políçia Manoel Joze Flores Moço, Juis de Pas de Santa Anna, Izidoro Pinto, pardo

morador taõbem em Santa Anna, estes e Francisco Graçia da Silva que este individuo acha-se presentemente prezo na Cadea desta Cidade, e Joze Antonio de Oliveira, Conhecido por *Joze das memorias* taobem se acha prezo na pergiganga e que igualmente Joze Pereira da Cunha que mora adiante do Beco do Barboza, e que sobre os individuos por ele testemunha declarados que sabem do Crime dos mesmos se refere em Serafim Eloí da Silva, e João Antonio da Silva Camara, e dice ele testemunha que todas as pesoas por elle declaradas no seu depoimento que os reconheçe a todos por Cabeças e influentes do partido Republicano pelo seu prestigio e grande influencia, e que todos são Cupleções de todas as mortes ferimentos graves e de todos os mais Crimes que se tem praticado na presente Rebelião e que finalmente todos tem Comcorrido dereitamente para destruhir a nova forma do Governo Imperial sua digo Imperial e a integridade do Imperio e a Constetuição Jurada e adotada no Brazil e mais não dice nem do Costume e asinou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Joze Custodio de Az.^{do}

CLZ.^M

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado acabadas de inquirir as testemunhas faço estes Autos Comcluzos ao Juis de Pas Capitão Manoel Joze da Camara de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Clz.^{aa} em 14 de 9br.^o de 1837

Julgo procedente o presente Corpo de delicto e o Escrivão notifique testemunhas para o seguimento do Sumario, o qual deve ser em Segredo de Justiça atento o que detremina o Art.^o Sento e quarenta e sete do Codigo do Processo Criminal, por aver muitos delinquentes envolvidos no dito Corpo de delicto.

Porto Alegre 17 de 9br.^o de 1837

Manoel Joze da Camara

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado pelo dito Juis me foraõ dados estes Autos com o seu despacho supra retro que mandou se cumprice e guardase como nele se Contem e declara de que fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivaó o Escrevy.

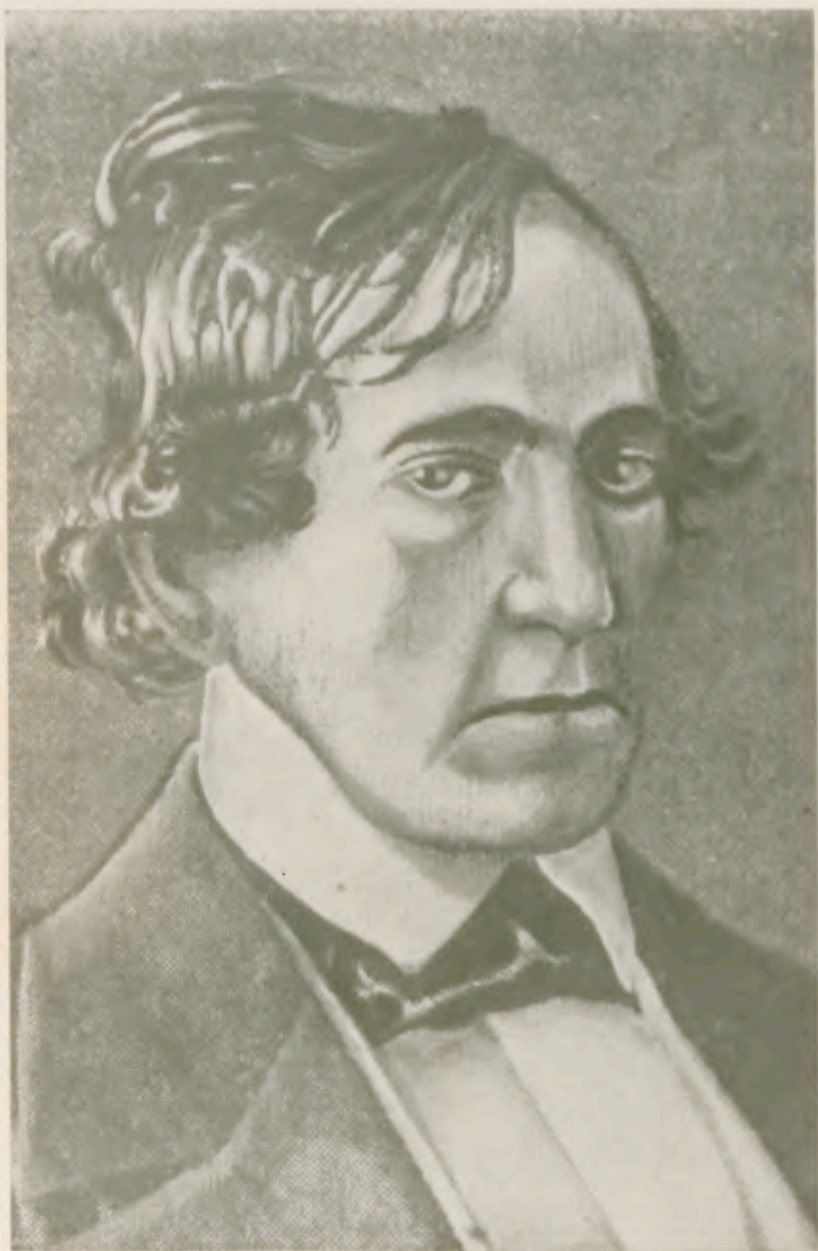
Certefico que Citei a Felisberto Joze de Almeida Capitão Antonio Maria de Souza, Antonio Joaquim da Silva para Jurarem neste Proseco de que dou fe Porto Alegre 18 de Novembro de 1837

Luis Man.^{al} Glz Lages

ASENTADA

Aos dezoito dias do mes de Novembro de mil oito centos trinta e cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em cazas da Rezi-dencia do Juis de Pas Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão fui vindo ahi por elle Juis forão inquiridas as testemunhas seguintes Eu Luis Manoel Gonçaves Lages Escrivão do Juizo de Pas que o Escrevy.

Felisberto Joze de Almeida homem branco cazado morador nesta Cidade prezenemente empregado publico de Idade de trinta e nove annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fosse proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no Corpo de delito indireto que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto = D — dice que sabe por ser verdade que em nove de Dezembro de mil oito centos trinta e cinco arebentou ou se declarou huma completa Rebeleão nesta Província negandose a pose a hum Prezidente nomeado pelo Governo Imperial o Doutor Joze de Araujo Ribeiro, tudo para o fim de desonir esta Província da Comunhão Brazileira e proclama-rem huma nova forma de Governo Republicano cujo Governo se efectuou na Vila de Peratenim e Jaguarão por que ele testemunha deste acto tão criminozo vio os seos Decretos e Proclamaçoins da Instalação do dito Governo Republicano ficando debaixo do jugo dominio e poder do dito Governo para mais de vinte mil pesoas; e igualmente quaze todas as Vilas Cidades destritos desta mesma



CORONEL JOAQUIM PEDRO SOARES

Provincia prestarão obediência ao mesmo Governo; E dice mais ele testemunha que para effeito de levar tão criminozo projeto aos seus fins os Autores da dita Rebelião Reunirão para mais de coatro a cinco mil homens reforçando-os o seu Exército com grande numero de Escravatura, fazendo Batalhoins cuja Escravatura tem sido roubada e seduzida com o pretexto de lhe dar a liberdade armando-a e Reunindo as suas fileiras e com esta mesma força tem atacado e ostilizado as forças do Governo Imperial fazendo-lhe efectiva resistência, Bombeando e citiando esta Cidade de Porto Alegre Villa do Norte e Cidade do Rio Grande do Sul e outras mais vilas povoaçoins e Destritos desta mesma Provincia tãobem tem sido atacada pela força Armada dos Rebeldes e em todas esas ocaziõins de agregõins tem cometido emenças mortes, ferimentos graves, Roubos, e todos os mais crimes constantes do Auto de Corpo de delito, e dice mais ele testemunha que se persuade que a força dos Rebeldes que ainda se acha em Campo fazendo as suas ostelidades que montão a mais de tres mil homens, por que as forças que fazem citio prezentemente a esta Cidade não he menos de mil homens, e dice mais que entre a emençidade de pessoas defençoras da Legalidade que tem morrido em defença do Trono Imperial pasa ele testemunha a declarar os nomes de algumas que pelos seus postos são mais lembradas, O Coronel Albano Coronel Viçente Ferrer da Silva Freire, Coronel Gabriel Gomes Lisboa, Tenente Coronel Eduardo Gomes Lisboa, Manjor Jorge Mazarredo, e outros muitos ofeciaes, e Proguntou o Juis a testemunha se conhece alguns dos Cabeças e influentes deste partido, comandantes de força Armada e mais alguns que tenham cometido ou comcorrido para as emenças mortes, Roubos, ensendios, e todos os mais crimes constantes do dito Auto de Corpo de lito, ou se tãobem alguns dos indiciados declarados no mesmo auto se tãobem são compriendidos nos mesmos crimes — Respondeo que sabe que Joaquim Pedro Soares he comandante de Forças Rebeldes e que Francisco Gonçalves Lopes Ferruge tãobem dezertou para os Rebeldes sendo do Batalhão Provisorio, e que Marcos de Azambuja Cidade, Eufrazio Joze Carlos de Oliveira, Bernardo de Jezus Abreu Joze Antonio de Oliveira conhecido por *Joze das memorias* prezo na perziganga, Joze Pedro Marçineiro, Antonio Alves Pereira Coruja, que se acha prezentemente no Rio de Janeiro, Narçizo Peixoto de Oliveira, Boticario dos Rebeldes, Ignacio Ferrão, e Ignoçencio Ferrão ambos Irmãos e ofeciaes das Forças Rebeldes e dice ele testemunha que todas as pessoas declaradas em seu depoimento que são grandes ifluentes do partido Republicano e que tem sido

cumpleções de todos os crimes constantes do Auto de Corpo de delicto e que tem cooperado e comecorrido para destruir a forma do Governo Imperial, a Integridade do Imperio e a Constetuição politica Jurada no Brazil e mais não dice nem do costume e assignou o seu Jramento depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Felisberto J.^o de Alm.^{da}

2

O Capitão Antonio Maria de Souza homem branco cazado morador nesta Cidade empregado Comandante do ponto do Caminho Novo que vive de seu soldo de Idade de trinta e nove annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no Corpo de delicto que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto = D — dice que sabe que em nove de Dezembro de mil oito centos trinta e cinco declarou-se huma completa Rebelião nesta Província negandose a pose de hum Prezidente legal nomeado pelo Governo Imperial, tendose igualmente em vinte de Setembro do dito anno havido huma Sedição sacudindo para fora da mesma Província com força armada outro Prezidente o Doutor Antonio Rodrigues Fernandes Braga sendo o nome daquele que os Rebeldes sacudirão digo Rebeldes deixarão de dar pose em nove de Dezembro, o Doutor Joze de Araujo Ribeiro, todos estes crimes cometidos para o fim de dezunir esta Província da Integridade do Imperio e Constetuilha em estado livre e Independente unindose emenças povoaçoins Vilas e Cidades ao dito Governo Republicano o qual se instalou na Villa de Peratenim e Jaguarão o que tudo he constante pelos seus Decretos e proclamaçoins sendo Prezidente da mesma Republica Joze Gomes de Vascomçelos Jardim, ficando sujeitos e debaixo do poder e dominio do mesmo Governo para mais de vinte mil pessoas e dice mais ele testemunha que a força dos Rebeldes que ainda hoje existem em Campo armadas sobem a mais de tres mil homens entrando neste numaro grande porção de Escravatura que os tem roubado e Seduzido com os fins de lhe dar a liberdade e com toda esta força tem Çitiado e Bombeado algumas

Cidades e Villas desta Província e cometendo e agredindo a maior parte das Povoações e Villas desta mesma Província, e que esta Cidade de Porto Alegre achase prezenemente citiada cujo citio há mais de seis mezes que huma força de mais de mil homens de anarchistas armados a tem posto comandada por Antonio de Souza Neto, e hoje por Onofre Pires da Silveira Canto, e diçe mais ele testemunha que em todos os actos de agreçoins dos Rebeldes tem havido emenças mortes ferimentos Roubos Insendios e todas as mais violências que podem fazer o mesmo partido Rebelde, fazendo efectiva rezistencia as forças do Governo Imperial em todos os actos de suas agreçoins tanto por már como por terra por huma Esquadra que os mesmo tiverão a qual já está debaixo do mesmo Governo Imperial. E declara ele testemunha que pasa a patentiar algumas pessoas que pelos seus postos e distincions perderão a vida em defeza do Trono Imperial, e em varios pontos desta mesma Província que são Coronel Viçente Ferrer da Silva Freire, Coronel Albano, Coronel Gabriel Gomes Lisboa, Eduardo Gomes Lisboa, e outros muitos, e proguntao o Juis a ele testemunha se conhece ou sabe alguns dos Cabeças e influentes deste partido Rebelde officiaes ou Comandantes de força Armada que tenham comecorrido ou cometido os crimes constantes do Auto de Corpo de delito. Respondeo que pasa a declarar os nomes daqueles que sabe que tem comecorrido ou que são cumplices dos mesmos crimes, Jeronimo Ribeiro da Cunha Juis de Pas do Destrito da Barra, Marcos Alves Pereira Salgado, Joaquim Pedro Soares, comandante de forças Rebeldes, Vicente Ferreira de Andrade ofecial dos Rebeldes, Apolinario Joze Gomes, ofecial das forças Rebeldes, Luis Joze da Fontoura Palmeira, tãobem ofecial, Joze Francisco Vas Vianna e seu cunhado Francisco Gonçalves Lopes Ferruge, ambos dezertarão do Batalhão Provizorio para as forças dos Rebeldes que fazem citio a esta Cidade, Marcos de Azambuja Cidade, grande influente, Bernardo de Jezus Abreu, Joze Pedro Marcineiro ofecial tãobem dos Rebeldes, Joze Antonio de Oliveira por autonomazia *Joze das memorias*, prezo na preziganga e hé dos Roubos dos assucares e dos emcarregados de dar bolos nos defençores da legalidade, Joze Pereira da Cunha morador adiante do beco do Barboza, Antonio Candido de Campos e seu Irmão João Candido de Campos, Joaquim Joze da Silva Junior Boticario, Joze Joaquim da Silva Maya ofecial da Secretaria da Republica, Joaquim Françione, Joze Feleçiano França que se acha prezenemente no Rio de Janeiro e que foi Inspetor da Alfandega no tempo dos Rebeldes, Antonio Alves Pereira Coruja

membro da Asembléa Provincial no tempo que os Rebeldes, dominavão esta Cidade, Tito Libio da Costa dezertou do Batalhão Provisorio donde tinha praça para os Rebeldes que estão Citiando, João da Maya Braga ofecial dos Rebeldes, Narçizo Peixoto de Oliveira boticario dos Rebeldes, João Sueco morador na Varge desta Cidade e tãoobem grande influente e que sobre todos estes individuos se = R R — refere em Joze Thomas de Almeida e Constantino Moraes, por que todos estes individuos por ele declarados no prezente depoimento são Cabaças e grande influentes os quais tem agitado em tudo quanto he a favor do mesmo partido Republicano e que tem comcorrido para todos os crimes que tem praticado na prezente Rebelião e constantes do Auto de Corpo de delito que foi lido a testemunha e que finalmente todos os mencionados indeviduos tem cooperado para Destruir a forma do Governo Imperial a integridade do Imperio e sua Constetuição politica. e dice mais ele testemunha que Jeronimo Ribeiro da Cunha Juiz de Pas que foi da Barra, Ignacio Ferrão, Inoçencio Ferrão, moradores no novo Triunfo, João da Maya Braga, Narcizo Peixoto de Oliveira Boticario dos Rebeldes, Manoel Gonçalves da Silva Irmão de Bento Gonçalves, Domingos Masaferro, Joze Domingues Pedreiro, Manoel Joze Flores Moço Juiz de Pas de Santa Anna, e Izidro Pinto e Francisco Graçia moradores ambos em Santa Anna asaçinos e ladroíns, que todos estes individuos são igualmente criminozos nos mesmos delitos declarados aos mais individuos do seu depoimento e mais não dice nem do costume e asinou o seu juramento com o Juiz e Eu Luis Manoel Goncealves Lages o Escrevy.

Camara..

Antonio Maria de Souza.

3

Antonio Joaquim da Silva homem branco cazado morador prezenemente nesta Cidade que vive de seu trabalho de agricultura de Idade de vinte e nove annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juiz aos Santos evangelho em hum livro deles em que pos sua mão direita e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no Auto de Corpo de delito que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juiz — D — dice que he verdade que em nove de Dezembro de mil oito

centos trinta e seis se declarou huma completa Rebelião nesta Província negando-se a pose de hum Presidente nomeado legalmente o Doutor Joze de Araujo Ribeiro tudo com os fins de desunir esta Província do Imperio do Brazil e formala como em estado libre e independente com governo Republicano cujo Governo foi declarado na Villa de Peratenim e Jaguarão — o que tudo he bem constante pelos Decretos e proclamaçoins, e do mesmo governo he Presidente Joze Gomes de Vascomçelos Jardim, unindo-se a este Governo Republicano varias povoaçoins cidades e vilas que tudo esteve debaixo das Ordens dele as quais compriendião mais de vinte mil pessoas que estavam debaixo do dominio do dito Governo Republicano, e diçe mais que o dito Governo e partido Rebelde para levar a effeito os seos criminozos projetos tem uzado de huma grande força armada a qual a tem augmentado com grande numero de Escravatura que a tem roubado com os fins de lhe dar a liberdade fazendo com esta força armada que deve andar por mais de tres mil homens dividida pela Província, efectiva resistencia as Ordens legais do Governo, atacando as forças da legalidade e nestes actos de agreçoins tem cometido Ostelidades mortes, Roubos, e todos os mais crimes Constantes do Auto de Corpo de delicto que foi lido a elle testemunha Citando esta Cidade a qual ainda existe em hum rigoroso Citio atacando-a, Bombiando-a, tendo acontecido os mesmos actos criminozos na Vila do Norte, Cidade do Rio Grande do Sul, e em outras Vilas e Povoaçoins e Cida(des) desta mesma Província. E dice mais elle testemunha que o Governo Rebelde tãobem teve vazos de Guerra, e com estes fizeram fogo a esta Cidade. E diçe mais ele (te) stemunha que pasa a declarar os nomes de algumas pessoas que pelos seos postos são mais lembrados que morrerão em defeza da Legalidade, nos actos de agreçoins das forças Rebeldes, e São o Coronel Albano, Coronel Viçente Ferrer da Silva Freire, Coronel Gabriel Gomes, Tenente Coronel Eduardo Gomes, o Manjor Jorge Mazarredo, e outros muitos officiaes que elle testemunha se não lembra e igoalmente hum grande numero de soldados e guardas Nacionais que tem morrido em defeza da Ley e Proguntou o Juis a testemunha se conhece ou sabe alguns dos Cabeças e influentes deste Partido comandantes de força Armada e mais alguns que tenham cometido ou comcorrido para as emenças mortes, Roubos e ferimentos e todos os mais crimes que se tem praticado naquele partido. Respondeo a testemunha que pasa ele a declarar não só os nomes de alguns individuos que ainda se achão no mesmo partido com as armas a Ostilizar, e igualmente o nome de Outros que praticando o mesmo achãose huns prezos, e outros

fora da Província e são. Marcos Alves Pereira Salgado, João Alves Pereira Salgado, sendo o primeiro Juiz de Paz da Barra e o segundo cobrador dos direitos de Charque* e gado Joaquim Pedro Soares comandante de forças, Viçente Ferreira de Andrade ofeçial, Apolinario Joze Gomes, Luçio Joze Gomes ambos ofeçiaes Luis Joze Palmeira ofeçial, Joze Francisco Vas Vianna, e Francisco Gonçalves Lopes Ferruge, ambos do Batalhão Provizorio e dezertarão para as forças dos Rebeldes, Titolibio da Costa tãobem dezertou para as forças dos Rebeldes, sendo Provizorio, Marcos Cidade, Antonio Peixoto do Prado, Eufrazio Joze Carlos de Oliveira, Joze Pedro Marçineiro, Antonio Candido de Campos, João Candido de Campos todos estes individuos são ofeçiaes e se achão com os Rebeldes, Pedro Pereira de Carvalho que hera Capitão da Guarda Nacional e está prezo na Prezíganga, Joze Antonio de Oliveira, por autonomia *Joze das memorias*, e prezo na Prezíganga, Bernardo de Jezus Abreu, Joaquim Joze da Silva Junior Boticario, Joaquim Francioni, Joze Feliciano França, Antonio Alves Pereira Coruja estes dois no Rio de Janeiro, João Sueco, Tristão Geremias de Moraes, Jeronimo Antonio Gonçalves, Francisco Estacio Borges, que este individuo achase na força dos Rebeldes e que tem conduzido polvora de Santa Catherina para os mesmos Rebeldes, Domingos Rodrigues da Roza morador no Cahi, Fideles Antonio de Vargas morador no Pesqueiro, Joaquim Paes, Domingos Masafferro, Joze Domingues Pedreiro, Izidoro Pinto morador em Santa Anna, e que este individuo foi quem matou a João Vieira com huma Escolta, Francisco Garçia da Silva morador em Santa Anna e matador, Joaquim Ereno companheiro e cunhado do dito Graçia, e consta que este se acha prezo, Francisco Joze da Silva conhecido por *Xico do pesqueiro* e grande salteador, e Joze Ignácio da Silveira conhecido pelo *Juca do Bregio* morador em Sapocaia e Constantino Macúco ambos asacinos e ladroins, João Antonio Dutra morador de Santa Ana tãobem companheiro de Macúco nos seus crimes e diçe elle testemunha que para vereficar melhor o seu depoimento que se = R R — refere em Tristão Dionizio, e Joze Luis de Anilo, e que todos os individuos declarados por ele testemunha no seu depohimento que sabe que são grandes influentes do partido Rebelde os quais tem agitado o partido Republicano e que são todos cúmplices de todos os crimes praticados na prezente Rebelião e constantes do Auto de Corpo de delito, e que todos igualmente tem cooperado e comcorrido directamente para Destruir o governo Imperial e Integridade do Imperio e a Constetuição Politica do

Imperio Jurada e mais não dice nem do costume e asinou o seu Juramento com o dito Juis depois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Antonio Joaq.^m da Silva.

Certefico que Citei a Sarafim Eloio da Silva Camara Capitão João de Azevedo e Souza e João Antonio da Silva e Camara para prestarem seos Juramentos de que se derão por emtendidos e dou fe. Porto Alegre 20 de 9br.^o de 1837.

Luis Man.^{al} Glz Lages

ASENTADA

Aos vinte dias do mes de Novembro de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidência do Juis de Pas Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão de seu cargo fui vindo e sendo ahi por elle Juis forão proguntadas e inquiridas as testemunhas que por parte da Justiça forão apresentadas cujos nomes cognomes estados moradias officios são os que se seguem de que para constar faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

T.^a REFERIDA A FL.^s 25

4

Serafim Eloio da Silva Camara homem branco cazado morador na Freguezia de Santa Anna e prezenemente nesta Cidade que vive da lavouras e agora Alferes das Guardas Nacionais de Idade de vinte e nove annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no referimento que nele testemunha fes a testemunha Referente Joze Costodio de Azevedo que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto = D — dice que pasa a declarar os nomes dos individuos constantes do Referimento e que elle testemunha sabe e conheçe que são campleçes nos crimes cometidos na presente

Rebelião sendo nesta parte em tudo verdadeiro o depoimento a que a ele se refere cujos dos que ele testemunha Sabe não os seguintes, Joaquim Pedro Soares, Marcos Cidade, Fedelis Antonio de Vargas, Claudiano Antonio de Vargas, João Machado de Souza, Manoel Joze Flores Moço, e que Izidoro Pinto, e Francisco Garçia estes dois individuos são asacinos sendo o primeiro o que asacinou a João Vieira de Souza morador em Santa Anna e aquele segundo matou a hum Alamão Adão Canarim, E Antonio Costa, e Jaçinto Aiheiro muito ladrão, e paça elle testemunha a declarar os nomes de Outros individuos compriendidos nos mesmos crimes Joze Ignácio da Silveira conhecido por *Juca do Bregio* morador em Sapocaia, Constantino Macúco morador tãobem em Sapocaia, e Theodoro pardo morador tãobem em Sapocaia — que ambos estes dois individuos forão os que asacinarão a João Alves Teixeira, Carlos Lombilheiro matador, João Antonio Dutra morador em Santa Anna, Francisco Xavier filho, tãobem he matador e ladrão, Daniel Joze, ambos Irmãos e que este ultimo individuo jatouse de ter morto muitas pessoas na Freguezia do Triunfo no ataque de Gabriel Gomes, Fabiano, Neto de Manoel Vás morador em Santa Anna Ignácio Ferreira, Joaquim Leite de Oliveira e Joze Leite de Oliveira, Felisberto Alves, Onofre Flores, todos estes moradores em Santa Anna assim como tãobem Joze Cardozo da Silva, e que todos estes individuos declarados em todo o seu depoimento e referimento que nele se fas que são influentes do partido Rebelde e que todos tem Cooperado e que tãobem são cumplices de todos os crimes, mortes Roubos ferimentos e outros mais crimes que tem havido na prezente Rebeleão e que tãobem tem comcorrido para desfazer o Governo Imperial e destruir a integridade do Imperio e a sua Constetuição e mais não dice nem do costume e asinou o seu Juramento com o dito Juis despois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Camara.

Serafim Elois da S.^a Camara.

5

O Capitão João de Azevedo e Souza homem branco cazado morador no Destrito de Santa Anna e de prezente nesta Cidade que vive do Rendimento de seos bens de Idade de corenta e dois annos

pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no Corpo de delito que todo lhe foi lido pelo dito Juis = D — diçe que sabe que se declarou huma completa Reveleão nesta Província em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco unindose aos Rebeldes e ao seu Governo varias Povoaçoins Cidades e Villas desta mesma Província e que todas ellas compriendião para mais de vinte mil pessoas que estavam debaixo do poder do jugo e dominio do Governo dos Rebeldes sendo este crime cometido para desunir esta Província do Governo Imperial e Constetuilta com Governo Republicano e em estado livre e independente cujo Governo se installou na Villa de Peratenim e Jaguarão; e Consta dos Decretos e proclamaçoins e deste Governo he o seu privativo Prezidente Joze Gomes de Vascomçelos Jardim. E diçe mais que este partido Rebelde para levar a seos fins a desunião da Província tem uzado de grande força Armada, e Reunido a mesma hum grande numero de Escratura Roubando-a e seduzindoa a pretexto e promeça de dar a todos a liberdade, armando-os e unindoos a outra força; tem acometido as forças da legalidade e igualmente por muitas vezes o tem feito a Cidades Villas e povoaçoins desta mesma Província, e nos actos de suas agreçoins tem cometido emenças mortes ferimentos graves roubos insendios de predios, Estrupos e todas as mais violencias. E diçe mais que a força dos Rebeldes existente ainda em Campo e dividida em varios pontos da Província são para mais de tres mil homens. E diçe mais que o Governo Republicano tãobem teve vazos de Guerra armados e com estes não só fes fogo a Marinha Imperial como igoalmente o fes para esta Cidade, a qual ainda existe em grande Cítio por huma força dos Rebeldes a qual he comandada prezentemente por Onofre Pires da Silveira Canto, e Bento Gonçalves da Silva sendo este o primeiro Chefe da Republica cuja força tem Bombeado por varias vezes esta Cidade e atacado as forças Legais quando tem sahido para fora das Trincheiras em cujos ataques tãobem tem havido muitas mortes e não só nestes ataques como em outros muitos que tem havido em varios pontos da provincia paça elle testemunha a declarar os nomes de alguns officiaes que pelos seos postos e serviços a legalidade se tem feito mais lembrados, e vem a ser o Coronel Viçente Ferrer da Silva Freire, Coronel Albano de Oliveira, Coronel Gabriel Gomes, Tenente Coronel Eduardo Gomes, Manjor Jorge Mazarredo, Tenente João da Silva Barboza, e outros muitos de que se não lembra. E proguntou o Juis a testemunha se conhece ou sabe quem são os

cabeças e influentes deste partido Rebelde Comandantes de Força que tenham cometido e comcorrido para as emenças mortes Roubos, e todos os mais crimes que se tem cometido na prezente Rebelião. Respondeo que paça a declarar os nomes de alguns dos individuos que se achão defendendo o dito partido Rebelde e são Jeronimo Ribeiro da Cunha, João Sueco, Francisco Estacio Borges, Jeronimo Antonio Gonçalves, Domingos Rodrigues da Roza morador no Cahy, ofeial dos Rebeldes, Fedeles Antonio de Vargas, Ignacio, Ferrão, Inocência Ferrão, moradores na Costa do Novo Triunfo, Claudiano Antonio de Vargas, João Machado de Souza Comandante de Polícia dos Rebeldes do Destrito de Santa Anna, Manoel Gonçalves da Silva Irmão de Bento Gonçalves da Silva, Marcos Alves Pereira Salgado, e João Alves Pereira Salgado ambos empregados pelos Rebeldes no Destrito da Barra de Itapoam, Izidro Pinto pardo morador em Santa Anna, Joze Ignacio da Silveira, conhecido por *Juca do Brejio*, Constantino Macúco, Theodozio pardo morador em Sapocaia, Francisco Xavier filho morador em Santa Ana e seu Irmão Daniel Joze, Fabiano Neto de Manoel Vas morador em Santa Anna, Felisberto Alves Carneiro, Joze Cardozo da Silva conhecido pelo *Geca*, Manoel Machado de Souza Capitão que foi das Guardas Nacionais de Santa Anna, Carlos Lombilheiro, Marcos Cidade, e João Cidade ambos pertencentes a força do Rebelde Serafim França e grandes influentes do partido Rebelde e igualmente Nazario Joze dos Santos que se acha prezo na Perziganga, e Francisco Garcia da Silva prezo na Cadeia desta Cidade e que todos os individuos por elle testemunha declarados no seu depoimento são grandes influentes e Cabeças do partido Rebelde, agitando, e colaborando tudo quanto he a favor do mesmo partido Republicano, e que todos são cúmplices em todas as mortes, Roubos, e mais crimes constantes do Auto de Corpo de delito que foi lido a ele testemunha, e que finalmente todos os mesmos individuos tem directamente comcorrido para destruir o Governo Imperial, a integridade do Imperio e a sua Constituição, e mais não dice nem do Costume e asinou o seu Juramento com o dito Juis depois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

João de Azevedo Souza

TT.^a REFERIDA A FL.^o 25

6

João Antonio da Silva Camara homem branco cazado morador no Destrito de Santa Anna e de prezente nesta Cidade que vive de seu trabalho de Idade de trinta annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no referimento que nele testemunha fes a testemunha referente Joze Custodio de Azevedo que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto = D. — dice que paça a declarar unicamente os nomes daqueles individuos que ele testemunha Sabe e que existem nas forças dos Rebeldes e que são grandes influentes no mesmo partido certeficando nesta parte em tudo o Juramento a que o mesmo se refere, e são Marcos Cidade e seu Irmão João Cidade, Fedelis Antonio de Vargas, João Machado de Souza, Izidoro Pinto e Francisco Garçia da Silva, e que fora os individuos já por elle declarados e Constantes do referimento que igualmente conhece por grandes influentes do partido Rebelde a Manoel Machado de Souza, Capitão dos Rebeldes, João Antonio Dutra, Theodozio pardo morador em Sapocaia, Francisco Xavier filho e seu Irmão Daniel Joze, Faviano Neto de Manoel Vas, Felisberto Alves Carneiro, e Joze Cardozo da Silva e que todos estes individuos são moradores de Santa Anna; e dice elle testemunha que todas as pessoas por elle testemunha declaradas que são compriendidas nos crimes constantes do depoimento de que ele testemunha foi referido o qual o há por verdadeiro e mais não dice nem do costume e asinou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

João Antonio da S.^a Camara.

Certefico que citei a Antonio Candido da Silva, Capitão Joaquim Felis da Fonceça e Luis Antonio Feijó para virem Jurar testemunhas no prezente Sumario de que dou fe. Porto Alegre 23 de Novembro de 1837.

Luis Man.^o Glz Lages

ASENTADA

Aos vinte e tres dias do mes de Novembro de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezi-dencia do Juis de Pas do Segundo Destrito Capitão Manoel Joze da Camara onde eu Eecrivão de seu cargo fui vindo e sendo ahi pelo dito Juis forão inquiridas as testemunhas seguintes de que fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

7

Antonio Candido da Silva Alferes de Guardas Nacionais morador no Destrito do Cahi e prezenemente em Serviço da Nação nesta Cidade cazado que vive de seu soldo e de seos bens de Idade de trinta e seis annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles em que pos sua mão direita na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no Corpo de delito que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto = D. — dice que em nove de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Cinco negou-se a pose do Prezidente Legal Doutor Joze de Araujo Ribeiro por huma facção Rebelde declarandose por motivo dese crime huma completa Rebelião unindose varias Povoaçoins Vilas e Destritos a mesma facção Rebelde e que todas elas compriendião para mais de vinte mil pessoas tudo para o fim de desunir esta Provincia do Governo Legitimo Brasileiro e constetuilha em estado livre e independente com Governo Republicano o qual se publicou na Villa de Peratenim, e Jaguarão, e dice mais elle testemunha que o partido Rebelde que se acha em Campo em varios pontos da Provincia não são menos de tres mil homens, armados tendo o mesmo partido Rebelde Reunido hum grande numaro de Escravatura que a tem tirado a força de seos donos, Seduzindoos tãobem com a promessa de lhe dar a liberdade cujo numaro de Escravatura tãobem tem se declarado huma completa Insurreição e com toda esta força Rebelde tem se feito huma grande Rezistencia as forças da legalidade, tem se igualmente acometido Vilas Cidades e Povoaçoins e nestes actos tem se feito emenças ostilidades e inda the ao prezente estão Senhores da maior parte da Provincia e este mesmo partido Rebelde nas oca-zioins de suas agreçoins tem Cometido emenças mortas, ferimentos, graves, Roubos, insendios de predios, e desfloramentos. E dice mais ele testemunha que a mesma força Rebelde tem Citiado Bombeado

esta Cidade a qual ainda se acha em Cítio com humra força de mais de mil homens tendose tãoobem Citiado e Bombiado a Villa do Rio Grande do Norte, e a Cidade do Rio Grande, tãoobem ja foi Citiada e atacada asim como outras mais villas e Povoaçoins desta mesma Provincia. Edice mais elle testemunha que pasa a declarar os nomes de alguns ofeciaes que pelos seos serviços e postos se fas mais lembrado a elle testemunha os quais tem morrido por serem defençores do Trono Imperial em o Cazioins de serem agredidos pelas forças dos Rebeldes cujos nomes são os seguintes; Coronel Viçente Ferrer Coronel Albano, Coronel Gabriel Gomes, Tenente Coronel Eduardo Gomes o Capitão Manoel Lopes, o Tenente João da Silva Barboza, o Tenente Bandeira, o Alferes Candido Gomes da Silva, o Alferes Guerreiro, e outros muitos. proguntou o Juis a testemunha se conhece ou se sabe alguns Cabeças e influentes deste partido que ainda existão nas forças Rebeldes, e que tenham cometido ou comcorrido para todos os crimes declarados por ele testemunha no seu depoimento. Respondeo que pasa a declarar os nomes de alguns que sabe não só do Destrito donde elle testemunha mora como de outros lugares desta mesma Provincia e são Joaó Cidade unido as forças do Rebelde Serafim França, Nazario Joze dos Santos prezo na Preziganga, Francisco Estacio Borges Condutor de Polvora para os Rebeldes, Domingos Rodrigues da Roza Capitão dos Rebeldes morador no Cahi, Domingos de Araujo Lopes, morador no Cahi, Francisco Antonio das Chagas, Domingos Masaferro, Estrangeiro, Manoel Machado de Souza Capitão dos Rebeldes e seu Irmão João Machado moradores em Santa Anna Manoel Antonio Graça, que foi Juis de Pas da Capela das Dores Antonio Machado de Souza, Constantino Macúco Capitão dos farrapos, Joaó Antonio Dutra, morador em Santa Anna, Theodorio Pardo morador em Sapocaia, Urbano Fernandes de Oliveira Tenente dos farrapos e morador no Cahi, Claudiano Antonio de Vargas, Selistrino Aires Teixeira do Destrito do Cahi, Antonio Joze Aires, Joaó Antonio de Vargas, Joaó Camílio, Feliciano Joze da Silva, Joaó Antonio das Chagas, Reginaldo Pereira da Silva, Joze Custodio Machado, Fedelis Antonio de Vargas, Antonio Correa morador no Arroio Velhaco, Domingos Correa de Oliveira, e todos os mais asima moradores do Cahi e declarou ele testemunha que para millhor vereficar o seu Juramento se = R R — refere no Capitão Joaquim Felis da Fonceca e no Tenente Luis Antonio Feijó, e diçe elle testemunha que todas as pessoas declaradas por elle testemunha que são grandes influentes, do partido Rebelde os quais agitação e trabalham a favor do mesmo partido Republicano e que

são compriendidos em muitos Roubos que tem feito e que são cumplices de todos os mais crimes constantes declarados no seu depoimento e mais não dice nem do costume e asinou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o dito Juis perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Antonio Candido da Silva.

TT.^a REFERIDA A FL.^s 41

8

O Capitão Joaquim Felis da Fonseca homem branco, cazado morador no Destrito do Cahi e prezenemente nesta Cidade que vive do Rendimento de seos bens de Idade cincoenta e coatro annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles em que pos sua mão direita e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no referimento que nele testemunha fes a testemunha referente Antonio Candido da Silva que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto = D. — dice que he verdadeiro todo o depohimento da testemunha referente e que pasa elle testemunha a declarar os nomes dos individuos cada hum de per si pra melhor certeza de seu depoimento e que são compriendidos em todos os crimes que tem apparecido na prezente Rebelião cujos nomes são os seguintes — Francisco Estacio Borges, Domingos Rodrigues da Roza, Manoel Machado de Souza, Manoel Antonio Gracia, Nazario Joze dos Santos prezo na Perziganga, Francisco Joze da Silva conhecido por *Xico do pesqueiro*, Francisco Ribeiro da Cunha morador no Arroio Caboré, Jeronimo Ribeiro da Cunha, todos estes tres individuos apezar de não serem declarados pela testemunha referente tãobem são compriendidos nos mesmos crimes Francisco Antonio das Chagas, Domingos de Araujo Lopes Urbano Fernandes de Oliveira, Tenente das forças Rebeldes Antonio Machado de Souza Selestreno Aires Teixeira, e seu Irmão Antonio Joze Aires João Camilio conhecido pelo *Camondongo* João Antonio das Chagas, Feleciano Joze da Silva João Antonio de Vargas o *Carvoeiro* Joze Custodio Machado, Domingos Correa de Oliveira, Reginaldo Pereira da Silva, Antonio Correa de Oliveira morador no Arroio do Vilhaco, e dice elle testemunha que todas as

pesoas declaradas no prezente depoimento são grandes influentes do partido Rebelde e são cumplices de todas as mortes, Roubos, ferimentos, graves e outros mais crimes, que se tem perpetrado na prezente Rebelião e que todos igualmente tem directamente comcorrido para Destruir a forma do Governo Imperial a Integridade do Imperio e a sua Constituição politica e mais não dice nem do Costume e asinou o seu Juramento com o dito Juis despois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Joaquim Felix da Fon.^{ca} Manço

TT.^a REFERIDA A FL.^s 41

9

Luis Antonio Feijó homem branco Alferes das Extintas Ordenanças morador no Destrito de Cahi — e prezentemente nesta Cidade cazado, que vive do Rendimento de seos bens de Idade de cincoenta annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no referimento que nele testemunha fes a testemunha fes a testemunha referente Antonio Candido da Silva que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto = D. — diçe que he em tudo verdadeiro o depoimento da testemunha referente na parte que dis unicamente de alguns individuos que ele testemunha pasa a depor pois que sobre os mais que não são do conhecimento dele testemunha por ese motivo não pode confirmar em tudo o dito depoimento cujos nomes dos individuos que ele testemunha sabe saó os seguintes Francisco Estacio Borges, Manoel Machado de Souza, Joáo Antonio Dutra, Francisco Antonio das Chagas, Antonio Machado de Souza, Selestrino Aires Teixeira, Antonio Joze Aires, João Antonio de Vargas, João Antonio das Chagas, Feliciano Joze da Silva, Reginaldo Pereira da Silva, Antonio Correa de Oliveira, e Domingos Correa de Oliveira, e dice elle testemunha que todos os individuos declarados no seu depoimento e referido, saó grandes influentes do partido Anarchista que se acha ainda em Campo e que trabalhão e agitação tudo quanto he a favor do mesmo partido

Republicano e que sao Cumpleções de todas as mortes, Roubos, ferimentos, insendios e todos os mais crimes e que igualmente tem comcorrido para destruir a integridade do Imperio e sua Conste-tuição e mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento com o dito Juis despois de lhe ser lido perante mim Luiz Manoel Goncalves Lages Escrivaó o Escrevy.

Camara

Luiz Antonio Feyjó

TT.^a REFERIDA A F.^a 33

10

Tristaõ Dionizio da Silva homem branco Cazado morador no Rio do Sino que vive de seu trabalho de Idade de vinte e nove annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo no referimento que nele testemunha fes a testemunha referente Antonio Joaquim da Silva que todo lhe foi lido e declarado pelo D — dito Juis neste acto diçe que he verdadeiro todo o Juramento da testemunha referente unicamente na parte dos individuos que elle testesmunha Conheçe e sabe pois que os mais não são do conhe-cimento dele testemunha cujos individuos do seu conhecimento são os seguintes Joaquim Pedro Soares, Luis Jose Palmeiro, Marços Cidade Eufrazio Jose Carlos de Oliveira Joze Pedro Marçineiro Comandante de hum parque de Artilharia dos Rebeldes, Joze Antonio de Oliveira, conhecido pelo *Joze das memorias*, Francisco Estacio Borges, este tem sido condutor de polvora para os Rebeldes conduzida de Santa Caterina, Domingos Rodrigues da Roza, Fidelis Antonio de Vargas, Domingos Masaferro Italiano, Joze Domingues Pedreiro, Izidoro Pinto, Francisco Garcia da Silva conhecido pelo *bichinho* que se acha prezo, Joaquim Ereno, Joze Ignacio da Silveira Conheçido pelo *Juca do Bregio*, Constantino Macúco, e Joaõ Antonio Dutra, e Joaõ Camelio, Manoel Antonio Graçia, Juis de Pas da Capela das Dores, Joaquim Garçia, e Antonio Garçia moradores no Rio do Sino dis ele testemunha que tanto estes ultimi-mos seis individuos, e igualmente Joaõ Cidade que he ofeçial das Forças do Comando do Anarchista Serafim dos Anjos França e taõbem Sebastião Gomes, ofeçial dos Rebeldes, como todos os mais

indivíduos por ele testemunha declarados e Constantes da testemunha referente dis ele testemunha que são grandes influentes do partido Republicano e que são Cumplices em todas as mortes roubos ferimentos e os mais Crimes que se tem praticado na prezente Rebelião por terem todos Comcorrido para Destruir o Governo Imperial a Integridade do Imperio e a sua Constetuição Politica e mais não dice nem do Costume e assignou o seu Juramento com o dito Juis depois de lhe ser lido com o dito digo ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara

Tristaõ Dionizio da S.

TT.^a REFERIDA A FL.^a 30 V.

11

Joze Thomas de Almeida homem branco Cazado morador nesta Cidade que vive de seu negocio de Idade de Corenta e tres annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubece e lhe fose proguntado e Sendo proguntado pelo Comtheudo no referimento da testemunha referente Antonio Maria de Souza que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto dice que todos os individuos declarados no depoimento da testemunha Referente que são todos dele testemunha bem Conhecidos e por tal motivo confirma em tudo o Juramento da testemunha referente e tanto todos os ditos individuos como igualmente Silverio Pedrozo Tristão Germias de Moraes, e Jeronimo Antonio Gonçalves e Laurentino com venda ao pé da Azenha fins da varge desta Cidade que são todos grandes influentes do partido Rebelde e são todos Cumpleses de todas as mortes Roubos ferimentos e todos os mais crimes que se tem Cometido na prezente Rebeleão e que igualmente tem todos Comcorrido para destruir a forma do Governo

e a sua Constetuição Jurada e mais não dise nem do Costume e asinou o seu Juramento depois de lhe ser lido com o dito Juiz perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara

Joze Thomaz de Almeida

Certifico que Citei a Tristão Dionizio da Silva, Joze Thomas de Almeida e Capitão Boaventura da Costa Torres para prestar o seu Juramento de que dou fe Porto Alegre 24 de 9br.º de 1837.

Luis Man.º Glz Lages

ASENTADA

Aos vinte e Coatro dias do mes de Novembro de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do Juiz de Pas do Segundo Destrito Capitaó Manoel Joze da Camara onde eu Escrivão de seu Cargo fui vindo e sendo ahi por elle Juiz foraó proguntadas e imquiridas as testemunhas seguintes de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

TT.ª REFRIDA A FL.ª 22

12

O Capitaó Boaventura da Costa Torres homem branco Cazado morador na Freguezia da Incruzilhada e prezentemente nesta Cidade que vive de seo soldo de Idade de trinta e seis annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juiz aos Santos evangelhos na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo referimento que nele testemunha fes a testemunha referente Francisco Joze Moreira que todo lhe foi lido e declardo pelo dito Juiz neste dice — D — dice que he verdadeiro o depoimento da testemunha referente na parte em que se refere nele testemunha, e que alem

diso sabe que João Antonio da Silveira por antonomozia o *Barulho* não so he um grande influente do partido Anarchista com foi hum dos asacinos que foi a Villa do Rio Pardo matar e Roubar com força Armada e que sobre o declarado em seu Juramento se Refere em primeiro Sargento RRR — Manoel de Freitas Joaquim Gonçalves Guimarains e Antonio da Costa Teixeira todos moradores da mesma Freguezia da Incruzilhada e se achao nesta Cidade em serviço Nacional debaixo do Comando do Sargento Mor Joze Joaquim de Andrade Neves e mais não dice nem do Costume e asinou o seo Juramento com o dito Juis depois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivaó o Escrevy.

Camara

Boaventura da Costa Torres F.º

Certefico que Citei a Joaquim Joze Gonçalves Guimarains, Manoel Joaquim de Oliveira e Antonio da Costa Teixeira para Jurarem no prezente Proseço de que dou fe Porto Alegre 26 de Novembro de 1837.

Luis Man.ª Gl.º Lages

ASENTADA

Aos vinte e seis dias do mes de Novembro de mil Oito Centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do Juis de Pas Capitaó Manoel Joze da Camara onde eu Escrivaó de seu cargoo fui vindo ahi por elle Juis foraó inquiridas as testemunhas seguintes de que faco este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivaó o Escrevy.

TT.ª REFERIDA EMFRONTE F.ª 47 V.

Joaquim Joze Goncalves Guimarains homem branco, Sargento das Guardas Nacionais da Incruzilhada, e de prezente em servico Nacional nesta Cidade Cazado e morador digo Cazado que vive de seu soldo de Idade de vinte e Cete annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos

em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo Comtheudo no referimento que nele testemunha fes a testemunha referente Capitão Boaventura da Costa Torres filho que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acço diçe que he verdade o que a testemunha referente declara no seu depoimento porque o individuo João Antonio da Silveira por antonomazia o *Barulho* he hum dos grandes influentes do partido anarchista e que em dês de Janeiro deste corrente anno foi hum dos que fes parte da força Rebelde que foi ao Rio Pardo e que atacaraõ a força da Legalidade saquiaraõ e mataraõ e no numaro dos mortos foi o Capitão Barreto, e Tenente Alvarenga, e declarou mais ele testemunha que o Comandante da dita força Rebelde hera Agostinho Antonio de Melo e que igualmente Francisco Rodrigues Barboza, Manjor da dita força e Manoel Joze Silveira, que tãohem tem o posto de Manjor, e pertencia a mesma força e que todos estes individuos forão os Cabeças que Comandavão a mencionada força Rebelde e que forão cauzadores e compriendidos em todos os crimes praticados naquela vila e que igualmente são cumpleses de todos os crimes cometidos na prezente Rebelião e que sobre o comtheudo de seu depoimento se refere em Manoel Joaquim de Oliveira pertencente ao Esquadrão das Guardas Nacionais de que he Comandante o Sargento Mor Joze Joaquim de Figueiredo digo de Andrade Neves, e mais não dice nem do costume e asinou o seu Juramento com o dito Juis despois de lhe ser lido perante mim Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Joaq.^m Jozé Glz. Guim.^{es}

TT.^a REFERIDA A F.^a 48

Manoel Joaquim de Oliveira homem pardo cazado morador na Incruzilhada soldado da Guarda Nacional e Destacado em serviço prezentemente nesta Cidade que vive de Seu soldo de Idade de corenta e seis annos pouco mais ou menos testemunha Jurada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado e sendo proguntado pelo comtheudo no referimento que nele testemunha fes a testemnunha referente Joze Joaquim

digo Joaquim Joze Gonçalves Guimarães que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis dice que o individuo João Antonio da Silveira por antonomazia o *barulho* e prezenemente prezo na Perziganga que he verdade ser hum grande influente do partido Anarchista e que elle testemunha foi quem conduzio o dito João Antonio prezo da incruzilhada para o Rio Pardo em tempo que a legalidade por algum tempo existia naquela dita Villa. e dice mais que o dito João Antonio foi hum dos individuos que foi tãobem ao Rio Pardo com forças Rebelde de que hera o primeiro comandante Agostinho Antonio de Melo que tem o posto de Coronel e que igualmente hião os dois individuos Francisco Rodrigues Barboza e Manoel Joze Silveira ambos ofeçiaes superiores, os quais com huma grande força Rebelde atacarão a Villa do Rio Pardo Roubarão e matarão a muitas pessoas da Legalidade e entre o numero destes mortos foi o Capetão Barreto, e Tenente Alvarenga sendo em tudo verdadeiro o depoimento da testemunha referente e mais não dice nem do costume e por ele testemunha não saber ler nem escrever pediu a Manoel Antonio da Costa Guerra, com o dito Juis perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

M.^{te} An.^{to} da Costa Guerra

TT.^a REFERIDA A F.^{ls} 47 v.

Antonio da Costa Teixeira homem pardo solteiro soldado da Guarda Nacional adido ao comando do Manjor Joze Joaquim de Andrade Neves morador na Incruzilhada e prezenemente em serviço Nacional nesta Cidade que vive de seu soldo de Idade de trinta e Cete annos pouco mais ou menos testemunha Juramentada pelo dito Juis aos Santos evangelhos em hum livro deles na forma da Lei e pormeteo dizer a verdade do que soubeçe e lhe fose proguntado E sendo proguntado pelo comtheudo no Referimento que nele testemunha fes a testemunha referente Capitão Boaventura da Costa Torres filho que todo lhe foi lido e declarado pelo dito Juis neste acto = D. — dice que he verdadeiro o Juramento da testemunha referente que todo lhe foi lido e declarado que João Antonio da Silveira por antonomazia o *barulho* que prezenemente se acha prezo na perziganga que he hum grande influente do partido

Anarchista e que foi hum dos individuos de que se compunha huma força dos Anarchistas que entrou na Villa do Rio Pardo Comandada por Agostinho Antonio de Melo aonde fizeram Roubos e mortes e de ciencia certa sabe que a mesma forza Anarchista hia tãobem Francisco Rodrigues Barboza, e Manoel Joze da Silveira ambos tãobem ofeciaes Superiores do partido Rebelde e mais não dice nem do costume e assignou o seu Juramento com o dito Juis depois de ser lido perante mim Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Camara.

Antonio da Costa Teix.^a

Certefico que não forão inquiridas as testemunhas Manoel de Freitas, e Constantino de Moraes, apesar de se terem feito todas as diligências poseveis por motivo de se acharem empregados em serviço da Nação por cauza do Citio em que se acha esta Cidade de que dou fé. Porto Alegre 9 de Dezembro de 1837.

Luis Man.^a Glz Lages

CLZ.^M

Aos nove dias do mes de Dezembro de mil Oito centos trinta e Cete annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço estes Autos Comcluzos ao Juis de Pás do Segundo Destricto Capitão Manoel Joze da Camara de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Clz.^{as} em 9 de Dezbr.^o de 1837.

Tendo visto e examinado estes Autos Mostra-se pelo Corpo de Delicto de f. 22 a f. 28 verificada a existencia de huma qualificada Rebelião, que tem assolado e continua assolar esta Provincia, para os reconhecidos e notorios fins de dezunila da União Brasileira, havendo os Autores deste Partido não só tentado por meio de força armada destruir a Integridade do Imperio, como destruir a sua Constituição Politica, e a forma do Governo estabelecida, = cujo fim = digo cujo Crime se consumou, pela declaração da independencia e governo Republicano, que os Rebeldes aclamarão

na Villa do Jaguarão, e do Peratinim em 11 de Novembro de 1836, como se acha verificado no mesmo Corpo de Delicto; havendo também os mesmos Rebeldes aliciado e unido á massa das suas forças, hum grande numero de Escravos, que todos com mão Armada, e com o dizignio de haverem a liberdade por meio da força, tem Auxiliado a rezistencia dos Rebeldes, e por isso commetido o crime de huma verdadeira Insurreição, como he vizivel do Citado Corpo de Delicto; e pelo mesmo se mostra a existencia de innumeraveis mortes, roubos, ferimentos graves, incendios e ruínas de Predios, perpetrados pelo mesmo Partido Rebelde, nas suas continuadas incursoens, principalmente nos bombardeamentos de granadas e ballas Ardentes que tem feito sobre esta Cidade. E tanto as testemunhas que depuserão no Citado Corpo de Delicto, como as que se seguirão no plenário da Culpa, e a mais prova que resulta com a prezença dos Documentos entranhados neste Sumario, obrigão á prisão e livramento a Bento Manoel Ribeiro, Jeronimo Ribr.^o da Cunha, morador no Destr.^o da Barra, Marcos Alv.^s Pereira Salgado, João Alv.^s Pereira Salgado, Joaquim Pedro Soares, Vicente Ferreira de Anurade redator que foi do *Recupilador*, Apolinario Joze Gomes, Lucio Joze Gomes, Luis Joze da Fontoura Palmeira, Joze Francisco Vaz Vianna, Francisco Gonçalves Lopes Ferrugeim, Joze Domingues Pedreiro, Tito Livio da Costa, Marcos de Azambuja Cidade, e seu Irmão João Cidade, Antonio Peixoto do Prado, Joze Gomes de Vasconcellos Jardim, Eufrazio Joze Carlos de Oliveira, Pedro Pereira de Carvalho, Bernardo de Jezus Abreu conhecido pelo *Barbudo*, Joze Antonio de Oliveira por antonomazia o *Memorias*, Joze Pedro Marcineiro, Joze Pereira da Cunha morador adiante do Beco do Barboza, Antonio Candido de Campos, João Candido de Campos, Joaq.^m Joze da Silva Junior Boticario, Joze Joaquim da Silva Maia, João da Maia Braga, Narcizo Peixoto de Oliveira, Joaquim Francioni, Joze Feliciano França, Antonio Alv.^s Pereira Curuja, João Antonio da Silveira conhecido pelo *Barulho*, Onofre Pires da Silveira Canto, João Sueco, Tristão Geremias de Moraes, Jeronimo Antonio Gonçalves, Fidelis Antonio de Vargas morador no Destr.^o, do Cahy, Claudiano Antonio de Vargas, morador no mesmo Destr.^o, João Machado de Souza mor^{or} em S.^{ta} Anna, e Manoel José Flores Mosso, Izidoro Pinto, e Francisco Garcia da S.^a Ignacio Ferrão, e Innocencio Ferrão, ambos do Destr.^o do Novo Triunpho, Antonio Maxado de Souza, Urbano Fernandes de Oliveira, e Selestrino Aires Teixeira, Antonio Joze Aires, João Antonio de Vargas, João Camilo conhecido pelo *Camundongo*, Feliciano Joze da Silva, João Antonio das Chagas Carvoeiro, e

Reginaldo Pereira da Silva, todos estes nove ultimos são do Destr.^o do Cahy, e igualmente Nazario Joze dos Santos, Domingos de Araujo Lopes, e Francisco Antonio das Chagas, tão bem moradores no mesmo Destr.^o de Cahy. Serafim dos Anjos França, Antonio de Souza Neto, e Bento Goncalves da Silva, e seu Irmão Manoel Goncalves da Silva, Francisco Estacio Borges, Domingos Rodrigues da Roza, morador do Cahy, e Joaquim Erino, e Francisco Joze da S.^a conhecido pelo *Xico do Pesqueiro*, todos moradores no m.^{mo} Destr.^o de Cahy, Joze Ignacio da Silveira, por antonomazia o *Juca do Brejo*, Constantino Macuco, João Antonio Dutra, e Fabianno Neto de Manoel Vaz moradores de Santa Anna, Theodozio Pardo morador em Sapucaia, e Carlos Lombilheiro, e Francisco Roiz Xavier filho, e Daniel Joze, todos estes tres do Destr.^o de Sapucaia, Felisberto Alv.^s Carneiro, e Joze Cardozo da S.^a Geca, ambos do Destr.^o de St.^a Anna, Antonio Corrêa de Oliv.^r, morador no Arroio Vilhaco, e Domingos Correa de Oliveira, Francisco Ribeiro da Cunha, morador no Arroio do Caburé, Joze Custodio Machado, do Destr.^o do Rio do Sino, Silverio Pedrozo, e Laurentino que tem venda na Ponte da Azenha, Agostinho Antonio de Mello, Francisco Roiz Barboza, e Manoel Joze Silveira, ambos do Destr.^o da Incruzilhada, Joaquim Teixeira Nunes, Cap.^m das extintas Melicias do Destr.^o do R.^o Gr.^o, o D.^o Antonio Vicente Pereira de Sequeira Leitaõ, e Domingos Massafferro como Reos dos Crimes declarados nos Artigos 68, 85, 113, 116, 192, 202, 266, e 269 do Codigo Criminal, por que todos elles com mão armada e caracter hostile, trabalharão e forcejarão para destruir a Integridade do Imperio, a sua Constituição Politica, e a forma do Governo estabelecida, havendo tãobem todos directamente concorrido para a Insurreição da Escravatura, e para os mais Crimes de homicidios, ferimentos, roubos, e damnificaçoins acima declarados, constantes do precitado Corpo de Delicto, e da plena, e convincente prova dos Autos. O Escrivão deste Juizo, lançando-lhes os nomes no Livro dos Culpados com as precizas Confrontaçõins, recomende na Cadeia os Reos que já estiverem presos, e passe as Ordens e Precatorias necessarias para a prizaõ dos mais Reos aqui nomeados, e intimando esta ao Promotor Publico para proceder nos termos d'accuzação, notificará as testemunhas para comparecerem na primeira reunião dos Jurados, fazendo em tempo e forma, remessa destes Autos para o Juizo da Cabeça do Termo, e passando de tudo Certidão nestes mesmos Autos. E custas. Porto Allegre 12 de Dezembro de 1837.

Manoel Joze da Camara

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidência do Juis de Pas Capitão Manoel Joze da Camara aonde eu Escrivão fui vindo e sendo ahi por elle Juis me foraõ dados estes Autos com a sua Sentença supra que mandou se Cumprise e guardase como nela se Contem e declara de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Certefico que intimei o despacho Supra ao Promotor Publico Sargento Mor Lourenco Junior de Castro de que se deo por bem emtendido e dou fe. Porto Alegre 15 de Dezembro de 1837.

Luis Man.^o Glz Lages

JUNTADA

Aos Catorze dias do mes de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Oito annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço Juntada a estes Autos do havizo expedido pela Secretaria de Estado dos negocios da Justiça e he o que se segue de que faço este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevy.

Copia

O Regente em Nome do Imperador O Sñr. Dom Pedro 2.^o Ha por bem na conformidade do Art.^o 6. da Lei de onze de Outubro de mil oitocentos e trinta e seis, amnistiar a Laurentino Antonio da Silva, para que em virtude da mesma Lei, se ponha um perpetuo Silencio Sobre todos os factos de que possa ser arguido pelos acontecimentos occorridos na Provincia de S. Pedro do Rio Grd.^o do Súl, com a clauzula porem de que em quanto se não pacificar esta Provincia, só poderão rezedir nella por permissão do respectivo Prezidente, o qual poderá designar-lhes qualquer outra em que entretanto se estabeleção, quando assim o julgue mais conveniente. = Bernardo Pereira de Vasconcellos, do Conselho de Sua Magestade O Imperador, Menistro e Secretario d'Estado dos Negocios da Justiça o tenha assim entendido, e faça executar. =

Palacio do Rio de Janeiro em vinte e Sete de Outubro de mil oitocentos e trinta e oito, decimo setimo da Independencia e do Imperio. = Pedro de Araujo Lima, = Bernardo Pereira de Vasconcellos. = Está conforme, João Carneiro de Campos.

Conforme

João Dias de Castro

Junto aos autos venhão conclusos.

Porto Al.^a 14 de Dezbr.^o de 1838.

Ribr.^a

CLZ.^M

Aos Catorze dias do mes de Dezembro de mil Oito Centos trinta e Oito annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço remeca destes Autos digo faço estes Autos concluzos ao Juis de Pas do Segundo Destricto Vectorino Joze Ribeiro de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Clz.^{as} em 14 de Dezbr.^o de 1838.

Em virtude do que se acha disposto e determinado no Decreto do Ex.^{ma} Regente do Imperio datado de 27 de 8br.^o do corrente anno, cuja copia p.^a sua execução me foi transmitida pelo Ex.^{ma} Presidente desta Provincia julgo p.^a amnistiado, e dezonorado de todos os crimes de que fas mensão a Sentensa de pronuncia de f. 51 a f. 52 V.^o ao Reo prezo Laurentino Antonio da S.^a que se acha pronuciado, e compriendido na mesma Sentemsa, p.^a que já mais possa ser perseguido pelos refferidos crimes, pagas pelo mesmo as custas. O Escrivão deste juizo portanto de lhe a competente baixa na culpa, e passe o Alvará de Soltura na forma da Ley.

Porto Al.^a 14 de Dezbr.^o de 1838.

Victorino J.^o Ribeiro.

Tem baixa.

Lages.

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno supra retro declarado nesta Cidade de Porto Alegre e Cazas da Rezidencia do Juiz de Paz do Segundo Destricto Vectorino Joze Ribeiro onde eu Escrivão fui vindo ahi por elle Juiz me forão dados estes Autos com a sua Sentença retro que mandou se Cumprise como nela se contem de que fis este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

JUNTADA

Aos nove dias do mes de Setembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre Segundo Destricto de Paz em meu Cartorio faso Juntada a estes Autos do Officio do Excelentissimo Presidente da Provincia, Havizo e Decreto por Copia e tudo he o que se segue de que faço este termo Eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Transmitto a Vm. copia do Avizo de 6 de Agosto ultimo expedido pelo Ministerio da Justiça, do Decreto de 2 de Julho do corrente anno, pelo qual forão amnistiados Alexandre Boeno de Camargo Borba Tiberaca, e Antonio Alves Pereira Coruja, com a clauzula de não voltarem a esta Provincia, emquanto ella não fôr de todo pacificada; a fim de que Vm. as mande juntar ao competente processo quando algum destes endeviduos estejam processados nesse Juizo, para em tempo competente se julgar por conforme, e dar-se-lhes baixa na culpa; visto a clazula com que forão aggraciados.

Deus Guarde a Vm. Palacio do Governo em Porto Alegre
6 de Setembro de 1839.

Saturnino de Sousa e Oliveira.

Sñr. Juiz de Paz do 2.^o Destricto desta
Cidade.

Junto aos Autos de culpa do Proseco de Antonio Alves Pereira Curuja o Escrivão Estrai Copia enformado do officio do

Ex.^{ma} Sñr. Prezidente da Provincia, e de Cópia do Havizo e do Decreto Junte aos Autos do Culpado Reo Alichandre Bueno de Camargo tanto huns como houtros mos fasa Conculuzos. Porto Alegre 9 de 7br.^o de 1839.

Chaves.

DOCTOR SATURNINO DE SOUSA E OLIVEIRA, PRÉSIDENTE DA
PROVINCIA DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL ETC.

Faço saber ás authoridades a quem o conhecimento desta pertencer; que em virtude das attribuições, que me confere a Carta de Ley de 11 de Outubro de 1836, e Decreto de 30 de Outubro de 1838; resolvi conceder pelo presente Titulo amnistia e pleno perdão do Crime em que se achava incurso a Francisco Estacio Borges, posto que por isso se acha preso, e pronunciado a prisão, e livramento pelo Juizo de Paz do 2.^o Destricto desta Cidade; e por tanto Ordeno ao Juiz de Paz do referido Destricto, que dando-lhe baixa na culpa, não tenha ulterior procedimento por semelhante delicto contra o referido individuo: E para firmesa do que lhe mandei passar o presente por mim assignado e Sellado com o Sello das Armas do Imperio. Palacio do Governo em Porto Alegre 25 de Outubro de 1839.

Saturnino de Souza e Oliveira.

C. MCLZ.^M

Aos vinte e seis dias do mes de Outubro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço estes Autos Comcluzos ao Juis de Pas do 2.^o Destricto Manoel Rodrigues Chaves de que faço este termo Eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Clz.^o em 26 de 8br.^o de 1839.

Em vertude do que se acha disposto e detreminado na portaria datada de 25 de 8br.^o do corrente anno — do Ex.^{ma} Sñr. Prezidente desta Provinca o Doutor Saturnino de Souza e Oliveira

Cuja Portaria me foi transmetida em officio de 25 do mencionado mes asima pelo mesmo Ex.^{mo} Sñr. pela qual a por bem amenestiar a Francisco Estacio Borges; pelo que jurgo por amenestiado e dezenorado de todos os Crimes que fas menção de f. a f. au Reu asima Francisco Estacio Borges que se achava Pronunciado e Compreendido na mesma Centenca; para que Jamais poca Ser Preseguido pellos Referidos Crimes; pagando o mesmo as Custas; o Escrivão deste Juizo portanto delhe a Competente Baicha na Curpa na forma da Lei.

Porto Alegre 10 de 9br.^o de 1839.

Manoel Roiz Chaves.

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado pelo mesmo Juis de Pas Manoel Rodrigues Chaves me forão dados estes Autos com a sua Sentença Supra de que fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

JUNTADA

Aos vinte dias do mes de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre faço juntada a estes Autos da petição e Decreto por Certidão que se segue de que faço este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevy.

Ill.^{mo} S.^r Juiz de Paz do 2.^o D. — Diz Pedro Per.^a de Carvalho q̃ p.^{ia} Cert.^{am} junta mostra ter cido Annistiado da pronuncia q̃ lherrezoltou dos acontecimentos revoltosos desta Prov.^{ca} e isto p.^r Decreto de 15 de J.^o do Corr.^{to} anno transcripto nad.^a Cert.^{am} p.^{io} q̃ req.^r a V. S.^a se cirva md.^r q̃ junta esta ao respectivo Processo lhe md.^a dar baixa na culpa p.^r tt.^o

Junto aos Autos mos faco con cū-
zos.

Porto Aleg.^o 20 de 9br.^o de 1839.

Chaves.

P. a V. S.^a Se cirva deferir-
lhe como requer.

E. R. M.

Tendo nesta occasião concedido amnistia a Francisco Estacio Borges, o qual se acha na Cadeia Civil preso a ordem desse Juizo; cumpre por tanto que V. M.^{ce} o mande pôr em plena liberdade.

Deos Guarde a V. M.^{ce} Palacio do Governo em Porto Alegre
25 de Outubro de 1839.

Saturnino de Sousa e Oliveira.

Sñr. Manoel Rodrigues Chaves J.^a de
Paz do 2.^a Destricto desta Cid.^a

Junto aos Autos — Subaõ — a Com-
culzaõ. Porto Aleg. 26 de 8br^o de
1839.

Chaves.

N. 27 Cópia

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — O Regente em Nome do Imperador
Manda remetter a V. Ex.^a para sua intelligencia a copia incluza
do Decreto de 2 do mez passado pelo qual Houve por bem amnistiar
a Alexandre Boeno de Camargo, e Antonio Alves Pereira Coruja.
Deus Guarde a V. Ex.^a Palacio do Rio de Janeiro em 6 de Agosto
de 1839 = Francisco de Paula d'Almeida e Albuquerque. Sñr. Pre-
zidente da Provincia de São Pedro do Rio Grande do Súl. =
Cumpra-se e Registe-se. Palacio do Governo em Porto Alegre 6 de
Setembro de 1839 = Oliveira.

Conforme.

João Dias de Castro.

Cópia

O Regente em Nome do Imperador o Sñr. Dom Pedro 2.^o Ha
por bem na conformidade do artigo primeiro do Decreto de vinte
e quatro de Outubro do anno proximo passado, Amnistiar a Ale-
xandre Boeno de Camargo Borba Tiberaça, e Antonio Alves Pereira
Coruja; para que em virtude do citado Decreto se ponha hum
perpetúo silencio sobre todos os factos de que possam ser arguidos

pelos acontecimentos occorridos na Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul; com a clauzula porem de não regressarem a ella, em quanto não for de todo pacificada. = Francisco de Paula d'Almeida e Albuquerque, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Justiça o tenha assim entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em dous de Julho de mil oito centos e trinta e nove, decimo oitavo da Independencia do Imperio = Pedro de Araujo Lima = Francisco de Paula d'Almeida e Albuquerque. = Está Conforme. = João Carneiro de Campos.

Conforme.

João Dias de Castro.

CLZ.^M

Aos nove dias do mes de Setembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço estes Autos concluzos ao Juis de Pas do Segundo Destrito Manoel Rodrigues Chaves de que faço este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão o Escrevy.

Clz.^{as} em 9 de Setembro de 1839.

Em vertude do que se acha disposto e detreminado no Decreto do Ex.^{mo} Rigente do Inperio datado de 2 de Julho do Corrente anno Cuja Copia para Sua eizicoção me foi transmetida pelo Ex.^{mo} Sñr. Presidente da Provincia em officio de 6 de 7br.* e Corrente anno; Julgo por amnestiado e dezenorado de todos os Crimes de que fas mencção de f. a f. au Reo; Antonio Alves Pereira Curuja; que se acha Pronunciado e Comprcendido na mesma Sentença; para que Jamais posa Ser preseguido pellos Referidos crimes; pagando o mesmo as Custas; o Escrivão deste Juizo portanto delhe a Competente baicha na Curpa na forma da Lei. — Porto Alegre 11 de 7br.* de 1839.

Manoel Roiz Chaves.

Fica com baixa em 11 de 7br.* de 1839.

Lages.

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado nesta Cidade de Porto Alegre pelo Juis de Pas Manoel Rodrigues Chaves me forão dados estes Autos com a sua Sentença supra que mandou se Cumprise e guardase Como nella se Contem e declara de que faço este Termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

JUNTADA

Aos vinte e seis dias do mes de Outubro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço Juntada a estes Autos do Officio e Ordem do Excelentissimo Prezidente da Provincia pelo qual ha por amnistiado a Francisco Estacio Borges de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Senhor — Diz Pedro Per.^a de Carvalho que a bem de sua Justiça precisa p.^r certidão o theor do Decreto p.^r q̃ V. M. I. Houve p.^r bem amnistialo dos Crimes Politicos p.^r q̃ fora pronunciado na Provincia do R.^o G.^a do Sul p.^r t.^o

P. a V. M. I. a Graça de
Mandar passar a certidão re-
querida.

E. R. M^{ee}

Nesta Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça existe no Archivo o Decreto de que trata o Supplicante o qual hé do theor seguinte = O Regente em Nome do Imperador O Senhor Dom Pedro Segundo Há por bem, na conformidade do artigo sexto da Lei de onze de Outubro de mil oitocentos e trinta e seis amnistiar a Pedro Pereira de Carvalho, para que em virtude da dita Lei se ponha hum perpetuo silencio sobre todos os factos de que possa ser arguido pelos acontecimentos occorridos na Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul, com a clausula porem de não regressar para ella, em quanto não estiver pacificada. Francisco de Paula de

Almeida e Albuquerque, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça o tenha assim entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em quinze de Junho de mil oitocentos e trinta e nove, decimo oitavo da Independencia e do Imperio = Pedro de Araujo Lima = Francisco de Paula de Almeida e Albuquerque. Hé quanto continha o mencionado Decreto, d'onde extrahio-se a prezente Certidão. Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça em 9 de Setembro de 1839.

João Carneiro de Campos.

Reconheço verdadr.^o o signal supra. R.^o 13 de 7br.^o de 1839.

Em tt.^o (sinal publico) De Verd.^o

João Pinto de Miranda.

N. 57

Pg. oitenta r.^o do Sello, R.^o 17
de 7br.^o de 1839.

Oliveira.

COMCLZ.²¹

Aos vinte dias do mez de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço estes Autos Comeluzos ao Juiz de Pas do Segundo Destrito Manoel Rodrigues Chaves de que faço este termo eu Luis Manoel Gonçalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Clz.^{ma} em 20 de 9br.^o de 1839.

Em virtude do que se acha disposto e detreminado por Cópia do Decreto de 15 de Junho de 1839 do Ex.^{ma} Rigente do Inperio. Julgo por amenestiado e dezenorado de todos os Crimes que fas mencão de f. a f. au Reo Pedro Pereira de Carvalho que se achava pronunciado pellos crimes Politicos para que Jamais poça ser preseguido pellos Referidos Crimes; Pagando o mesmo as Custas. O Escrivão deste Juizo; portanto delhe a Competente baicha na Culpa na forma da Lei. Porto Alegre 20 de 9br.^o de 1839.

Tem baicha na Culpa no Rol 1.^o 2.^o a
f.^o 119.

Lages.

Manoel Roiz Chaves.

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno supra declarado nesta Cidade de Porto Alegre e Cazas da Rezidencia do Juis de Pas do Segundo Destrito Manoel Rodrigues Chaves onde eu Escrivão vim ahi por ele Juis me forão dados estes Autos Com a sua Sentença retro que mandou se Cumprise e guardase Como nela se Contem e declara de que fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

JUNTADA

Aos vinte e seis dias do mes de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do Juis de Pas do Segundo Destrito Manoel Rodrigues Chaves onde eu Escrivão de seu cargo fui vindo e sendo ahi faço Juntada a estes Autos do Officio, Havizo, e Decreto que se segue de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão o Escrevy.

Transmitto a Vm. copia dos Avisos expedidos pelo Menisterio da Justiça expedido em 3 e 7 de Outubro ultimo, acompanhando os Decretos de 2 e 3 do mesmo mez, o 1.º concedendo amnistia a João Antonio da Silveira Barulho, João Ferreira Alves, Fermino Telles de Menezes, Manoel Antonio Aranda, e Maximiano Gonsalves da Silva; e o 2.º a Antonio Maria Calvet, e ao Tenente do 1.º Corpo de Artilharia a Cavallo Luiz José dos Reis Alpoim, sendo tal perdão com a condição de não regressarem a esta Provincia emquanto não estiver de todo pacificada: e Vm. nesta intelligencia fará ajuntar taes documentos aos respectivos processos cazo os mencionados endeviduos estejam pronunciados por esse Juizo; para todo tempo se julgar por conformes, e dar-se-lhes baixa na Culpa.

Deus Guarde a Vm. Palacio do Governo em Porto Alegre
23 de Novembro de 1839.

Saturnino de Sousa e Oliveira.

Junto aos Autos mos face conclusões.

Porto Alegre 26 de 9brº de 1839.

Chaves.

Sñr. Manoel Rodrigues Chaves.

Cópia

N.º 40

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — O Regente, em Nome do Imperador, Manda remetter a V. Ex.^a a copia incluza do Decreto datado de hontem, pelo qual Houve por bem Amnistiar a João Antonio da Silveira Barulho, João Ferreira Alves, Fermino Telles de Menezes, Manoel Antonio de Aranda, e Maximiano Gonsalves da Silva; para que V. Ex.^a lhe faça dar execução, expedindo as convenientes ordens a Authoridade competente. Deos Guarde a V. Ex.^a Palacio do Rio de Janeiro em 3 de Outubro de 1839 = Francisco Ramiro de Assis Coelho = Sñr. Prezidente da Provincia de S. Pedro. = Cumpra-se e Registe-se. Palacio do Governo em Porto Alegre 23 de Novembro de 1839 = Oliveira.

Conforme.

João Dias de Castro.

Cópia

O Regente, em Nome do Imperador o Sñr. Dom Pedro 2.^o, Ha por bem, na conformidade do art. 1.^o do Decreto de vinte e quatro de Outubro do anno pp., Amnistiar a João Antonio da Silveira Barulho, João Ferreira Alves, Fermino Telles de Menezes, Manoel Antonio de Aranda, e Maximiano Gonsalves da Silva, para que, em virtude do mesmo Decreto, se ponha um perpetuo silencio sobre todos os factos, de que possão ser arguidos pelos acontecimentos occorridos na Provincia de São Pedro do Rio Grande do Súl, com a clauzula porem de não regressarem a ella, em quanto não estiver de todo pacificada. Francisco Ramiro de Assis Coelho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça, o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em 2 de Outubro de 1839, decimo oitavo da Independencia, e do Imperio. Pedro de Araujo Lima. Francisco Ramiro de Assis Coelho. = Está Conforme, João Carneiro de Campos.

Conforme.

João Dias de Castro.

Ill^{mo} S.^r Juis de Pás — Como alguns dos individuos constantes do Decreto retro são Reos Pronunciados neste Juizo e em diferentes Prosecos pelos Crimes de Rebelião convem que V. S. haja de mandar por seu Desp.^o que se extraião Copias do Officio do Ex.^{mo} Prezid.^o da Prov.^a e do Havizo retro e que Junto aos Prosecos de cada hum dos Reos mande Subir a Comeluzão afim de deliberar como achar de justiça. Porto Alegre 26 de Novembro de 1839.

O Escre.^m
Luis Man.^{el} Glz. Lages.

Junte este au proceço de João Antonio da Silveira Barulho, estainos Copias do Decreto e Avizo e se junten aus Autos de Cada hum dos Reos e Subão a Concoluzão. Porto Alegre 26 de Novembro de 1839.

Chaves.

CLZ.^M

Aos vinte e Seis dias do mes de Novembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço estes Autos Comeluzos ao Juis de Pas do Segundo Destrito Manoel Rodrigues Chaves de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Clz.^{aa} em 26 de 9br.^o de 1839.

Em vertude do que se acha disposto e detreminado por Copia do Avizo espedido pelo Ex.^{mo} Menistro da Justiça em 3 de 8br.^o do Corrente anno e deCreto de 2 do dito mes Cujas Copias para Sua eizicução, me forão transmitidas pelo Ex.^{mo} Presidente desta Provincia em officio datado de 23 de Novembro do Corrente anno; Julgo por amenestiado e dezenorado de todos os Crimes que fas menção de f. a f. au Reo João Antonio da Silveira Barulho que ce achava pronunciado e Compreemdidado pellos crimes politicos para que Jamais poca cer preseguido pellos Referidos Crimes pagando o mesmo as Custas; o Escrivão deste Juizo; portanto delhe a competente Baixa na Culpa na forma da Lei; Porto Alegre 27 de Novembro de 183(9).

Manoel Roiz Chaves.

Fica com baixa no Rol de culpa-
dos L.^o 2^o a f. 69 v.

P. Al.^o 27 de 9br.^o de 1839.

Lages

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno Supra pelo mesmo Juis de Pas me forão dados estes Autos com a sua Sentença retro que mandou se Cumprise e guardase Como nela se Contem e declara de que fis este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

JUNTADA

Aos vinte e Cinco dias do mes de Dezembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço Juntada a estes Autos do Officio do Promotor Publico e he o que se segue de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Ill.^{mo} Sñr. = Consta-me, que o Reo Jozé Feliciano França pronunciado n'esse Juizo em 12 de Dezembro de 1837, se acha nesta Cid.^a, e passeando impunem.^a ás ruas da mesma, com notorio escandalo publico, merando com hum fulano Cid.^a na Rua da Ponte: e porq̃ a V. S.^a compete conforme o § 5.^o do Art. 12 do Cod. do Proc., a captura do mesmo Reo; assim o requeiro, p.^a q̃ com urgencia seja recolhido á Cad.^a Publica.

D.^a G.^a a V. S.^a m.^a annos. Porto Al.^a 24 de Dez.^o de 1839.

Ill.^{mo} Sñr. Manoel Rodrigues Chaves,
Juiz de Paz do 2.^o Destr.^o

Cumpra-se para o que se pase Mandado de Prizão, — Porto Alegre 25 de Dezbr.^o de 1839.

Chaves.

P. Md.^o de prizão em 25 de Dezbr.^o de 1839.

Lages

Lourenço Junior de Castro
Promotor Publico

Sobrescrito

S. P.

Ill.^{mo} Sñr.

MANOEL RODRIGUES CHAVES

JUIZ DE PAZ DO 2.^o DISTRICTO DESTA CIDADE
& &

Do Promotor Publico.

JUNTADA

Aos trinta e hum dias do mes de Dezembro de mil Oito centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faco Juntada a estes Autos do Officio, e titulo que se segue de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Para sua intelligencia e governo, transmitto a V. M.^{sa} o incluso Titulo de amnistia que nesta data concedi a José Feliciano França, pronunciado por esse Juizo por Crimes politicos; afim de que lhe mande dar baixa na Culpa.

Deos Guarde a V. M.^{sa} Palacio do Governo em Porto Alegre
30 de Dezembro de 1839.

Saturnino de Souza e Oliveira.

Señr. Manoel Rodrigues Chaves.

Junte-se aos autos do Proceço e
mos faca concluzos. Porto Alegre 31
de Dezbr* de 1839.

Chaves.

DOCTOR SATURNINO DE SOUZA E OLIVEIRA, PRESIDENTE DA
PROVINCIA DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL ETC.

Faço saber ás Authoridades, a quem o conhecimento deste pertencer, que attendendo ao que me representou José Feliciano França, resolvi, usando das attribuições que me confere a Carta de Lei de 11 de Outubro de 1836, e Decreto de 30 de Outubro de 1838, conceder-lhe, como pelo presente Titulo lhe concedo, amnistia e pleno e inteiro perdão do crime de rebeldia em que elle se achava incurso, e como tal pronunciado pelo Juizo de Paz do Segundo Destricto desta Cidade; a quem ordeno, que dando-lhe baixa na culpa, repute assim amnistiado ao dito José Feliciano França; ficando de nenhum effeito aquella Sentença.

Em firmeza do que mandei passar o presente que vai por mim assignado, e Sellado com o Sello das Armas Imperiaes. Palacio do Governo em Porto Alegre 30 de Dezembro de 1839.

Saturnino de Sousa e Oliveira

CLZ.^M

Aos trinta e hum dias do mes de Dezembro de mil Oito Centos trinta e nove annos nesta Cidade de Porto Alegre em meu Cartorio faço estes Autos Comcluzos ao Juis de Paz do Segundo Destrito Manoel Rodrigues Chaves de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Clz.^{oa} em 31 de Dezembro de 1839.

Em vertude do que se acha disposto e detreminado no titulo datado de 30 de Dezbr.^o do corrente anno do Ex.^{mo} Sñr. Presidente desta Provincia o Doutor Saturnino de Souza e Oliveira Cujo titulo me foi transmitido em Officio datado da mesma data asima pelo mesmo Ex.^{mo} Sñr. Presidente; pelo qual e por bem amenestiar a Joze Feleciano Franca; pelo que Julgo por a-menestiado e dezenorado de todos os crimes que fas mencão de f. a f. au Reo asima Joze Feleciano Franca que se achava pronunciado e compreendido na mesma Centença para que Jamais posa ser perseguido pellos referidos crimes pagando o mesmo as Custas; O Escrivão deste Juizo; portanto delhe a Competente baicha na Culpa na forma da Lei: Porto Alegre 31 de Dezbr.^o de 1839.

Manoel Roiž Chaves.

DATA

E logo no mesmo dia mes e anno Supra declarado nesta Cidade de Porto Alegre em Cazas da Rezidencia do mesmo Juis de Pas por elle me forão dados estes Autos Com a sua Sentença Supra de que faço este termo eu Luis Manoel Goncalves Lages Escrivão que o Escrevy.

Tem baixa na culpa no L.^o 2.^o a
f.^o 69 v.

Lages

JUNTADA

Aos oito dias do mes de Junho de mil oito Centos e quarenta e tres nesta Cidade de Porto Alegre em meo Cartorio Junto a estes Autos a Petição e Certidão que ao diante se segue de que para Constar faço este termo eu Francisco de Souza Leal Scrivão que o Screvy.

Ill.^{ma} Sñr. Subdelegado do 2.^o Destr.^o = Diz Antonio Candido de Campos, que constando-lhe achar-se pronunciado p.^r este Juizo no Processo a que se procedeu contra os envolvidos na Revolução de 20 de Setembro de 1835, requer a V. S.^a que a vista da Amnistia incluza que lhe foi concedida em Nome de Sua Magestade O Imperador, se sirva julgar a m.^{ma} p.^r Sentença mandando despronunciar ao Sup.^e e dar-lhe baixa na Culpa

Juntando-se aos Autos respectivos da pronuncia subão a m.^a Conclusão para ser deferido na fr.^a req.^a Porto Al.^e 8 de J.^o 1843

Camara.

P. a V. S.^a se sirva assim defirir-lhe pelo q̃

E. R. M.^{co}

Porto Al.^e 8 de Junho 1843.

An.^{to} Candido de Campos

Illm.^o e Exm.^o Señr. = Diz Antonio Candido de Campos, que a bem de seu dir.^{to} e justiça precisa que V. Ex. se digne m.^{dar} que p.^{la} Secretaria do Governo se lhe dê Certidão do Titulo de Amnystia que lhe foi concedida em Nome de Sua Magestade O Imperador, em 4 de Janeiro de 1841, como hade constar do Registo no Livro competente p.^a o que

P. a V. Ex. se digne assim deferir p.^{to} que

E. R. M.

P.^{to} Al.^e 2 de Junho de 1843.

An.^{to} Candido de Campos

Em conformidade das ordens de Sua Excellencia o Senhor Presidente da Provincia; certefico que o Titulo pedido pelo Suppliante hé do theor seguinte = Francisco Alvares Machado, Presidente da Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul. Faço saber ás Authoridades a quem o conhecimento deste Titulo pertencer, que tendo-se apresentado em dez de Novembro findo Antonio Candido de Campos, para assim gosar do indulto concedido pelo Decreto de vinte e dous de Agosto ultimo, áquelles que tomarão parte na rebelião desta Provincia; por tanto ordeno ás mesmas

Authoridades que não molestem ao referido Antonio Candido de Campos por seu anterior comportamento politico, ficando plenamente perdoado, e em perpetuo esquecimento quanto antes praticou; huma vêz que d'ora em diante não preste serviço algum directa, ou indirectamente ao partido rebelde. = Em firmesa do que mandei passar o presente, que vai por mim assignado, e sellado com o sello das Armas do Imperio. Palacio do Governo em Porto Alegre quatro de Janeiro de mil oito centos e quarenta e hum: = Francisco Alvares Machado. = E para que conste aonde lhe convenha se passou a presente. Secretaria do Governo na Leal e Valorosa Cidade de Porto Alegre dous de Junho de mil oito centos e quarenta e tres.

Domingos José Gonsalves de Magalhaens.

Secretario do Governo

N. 93.

Pg. 240 r.^a de Sello e Ad.^{as}.

P.^{to} Al.^a 3 de J.^a de 1843.

Silva.

Araujo.

CLZ.^M

Aos oito dias do mes de Junho de mil oito Centos e quarenta e tres nesta Cidade de Porto Alegre em meo Cartorio faco estes Autos Concluzos ao Subdelegado do Segundo Destricto O Capitao Manoel Jose da Camara de que para Constar faco este termo eu Francisco de Souza Leal Scrivao que o screvy.

Clz a 8 de Junho 1843

Achando-se o R. Antonio Candido de Campos gozando do Indulto concedido pelo Decreto de 22 de Agosto de 1840 por haver tomado parte na presente Rebelliaõ desta Povincia e que por semelhante crime está perdoado como se ve na Certidaõ de Amnistia a f.^a 75 v. e 76. O Escrivaõ lhe dê baixa da Culpa fasendo as observações nessessarias, e pague o amnistiado as Custas. Leal e Valloroza Cid.^a de Porto All.^a 8 de Junho de 1843.

Manoel Jose da Camara

DATA

Fica averbada no L.^o 2.^o do Rol de culpados a f.^o 3 v.

Leal.

Aos nove dias do mes de Junho de mil e oito Centos e quarenta e tres nesta Leal e Valeroza Cidade de Porto Alegre em Cazas de morada do Subdelegado do Segundo Destricto o Capitao Manoel Joze da Camara onde eu escrivao do seu Cargo fui vindo e sendo ahy por elle Juis me forao dados estes Autos com Sua Sentenca Supra de que para Constar faco este termo Eu Francisco de Souza Leal Scrivao que o screvy.

Certefico que intimei a Sentenca retro ao Agraciado Antonio Campos da Silva do que dou fe Porto Alegre 9 de Junho 1843

O Scr.^m Fran.^{co} de Sz.^a Leal

CUSTA

R.....	234
Difinit ^a	170
B ^a	960
Imf. ^m	400
Ao J. ^s e C.....	300
R. ^s	2064

P.^o Al.^o 9 de Junho de 1843.

ANTECEDENTES HISTORICOS

DA

Revolução Farroupilha

(1825-1835)

CAUSAS DA REVOLUÇÃO



Officinas graphicas do ARCHIVO NACIONAL

1934

I

MEMORIAS HISTORICAS



MEMORIA HISTORICA

Sobre as causas e os acontecimentos que mais immediatamente precederão a sedição de 20 de Setembro de 1835, na cidade de Porto Alegre, Capital da Provincia do Rio Grande do Sul

Desta arte se esclarece o entendimento
Que experiencias fazem repousado:
E fica sendo, como de alto assento
O baixo trato humano embaraçado.

Cam. Lus. Canto 6º Est. 99.

NB. Foi escripta esta Memoria por uma testemunha ocular a quem se communicarão alem disso, por ordem superior, diversos documentos officiaes.
21 — 4

Rio de Janeiro, 1844.

As idéas democraticas que depois dos acontecimentos de 7 de Abril de 1831 se haviam exagerado por todo o Brazil, não podiam deixar de receber um semelhante impulso na Provincia do Rio Grande do Sul, e com effeito em Abril de 1832 as doutrinas do mais requintado demagogismo eram ali apregoadas com o despejo e ousadia de que se pode formar juizo lendo alguns artigos do Recopilador Liberal de Porto Alegre, como o que se segue. —

“O que pretendem esses homens que hoje pregam descaradamente contra a estabilidade de uma Republica no Brazil? que intenções tem a respeito da futura sorte dos Brasileiros? E’ com

arrojo desmedido, é com uma audacia illimitada, é com a guerra das opiniões, que elles pretendem contrahir a vontade geral do Brazil para sustentarem um throno anomalo, e só proveitoso ao circulo ambicioso, que o quer irigir entre nós? Não o podem conseguir; hoje é bem notoria a utilidade do systema Republicano: o Brazil todo reclama, nem pode ser feliz senão com elle. Esses que julgão ver na semente de Pedro I uma raça de tyrannos capazes para opprimirem os povos: esses que olhão para Pedro II como um pequeno tyranno, que educado a seu modo lhes servirá de instrumento para quantos queirão tentar contra a liberdade dos Povos, tem de ver frustadas todas as suas tentativas. O Povo Brasileiro conserva Pedro II unicamente como um centro que impeça por agora a ambição de muitos, e que vá entretendo estas cousas até que tudo esteja preparado para a Solemne Proclamação do Systema Republicano. E' então que se verá baquear um systema de governo, que não pode ser adoptado na America. Ella não pode deixar de ser toda Republicana: é da natureza das cousas; ha de acontecer infallivelmente. Quem são os oppositores do governo Republicano no Brasil? Os Portuguezes ou quatro servos do Poder absoluto."

A este fatal demagogismo devem juntar-se outras causas, pelas quaes agglomeradas, e combinadas como forão, mui naturalmente se explica a sedição de 20 de Setembro de 1835. Entre essas causas tem não pouca influencia o provincialismo. Em nenhum lugar do Brazil se exaltou o provincialismo ao ponto em que chegou no Rio Grande do Sul. O provincialismo o mais elevado é a posição politica dominante no Rio Grandense qualquer que seja o partido que elle abraça. Nós veremos no decurso desta Memoria a Camara de Alegrete representando, e pedindo que o Juiz de Direito interino Francisco de Sá Brito continue no exercicio daquelle emprego apesar da Carta Imperial apresentada pelo Bacharel Agostinho de Souza Loureiro: e veremos que essa Camara entendia ter produzido uma razão mui valiosa, alegando que o Bacharel Brito é filho da Provincia. A deserção de mais de mil e quinhentos soldados e de vinte e sete officines do Campo da batalha no dia 20 de Fevereiro de 1827 e a desobediencia do Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro forão indubitavelmente a causa de não ficarem as armas do Imperio senhoras do campo. Essa desobediencia, e a conspiração que (segundo muitas vezes ouvi referir ao General em chefe, que fôra daquelle exercito) se tinha tramado para prendel-o e dar-se a batalha debaixo das ordens de outrém são factos cuja razão sufficiente se encontra ao menos em grande parte nesse mal entendido provincialismo, que não podia supportar

louros colhidos no Rio Grande do Sul, por um General nascido em outra Provincia. (1)

Ao provincialismo guindado a tal ponto ajudava a ignorancia daquelles em que reside a força bruta da Provincia. Não direi como M.^{re} de Saint Hilaire que o Rio-Grandense, quando sabe laçar, matar e despedaçar uma réz pensa ter tocado o apice da sciencia: mas é certo que os habitantes do campo em geral são ignorantes: e a homens ignorantes facil foi persuadir que derrubando o Governo, quebrando os laços de união com a capital do Brazil e regendo-se debaixo das formas populares fariam a sua propria felicidade, porque a Provincia possuia todos os elementos necessarios para constituir-se em povo independente e livre.

O desejo de melhorar de fortuna é sempre um dos estimulos mais fortes para a maior parte dos revolucionarios; e o receio dos homens de uma guerra civil não podia ter grande peso para com desmoralisados aventureiros. Não invocarei a autoridade de um respeitavel autor que na primeira edição dos Annaes da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul nos declinou alguns traços do character do Rio-Grandense, habitante das estancias, e do campo. Não invocarei a autoridade do Dr. Gregorio Funes quando na sua Historia de Buenos Aires, Tucuman e Paraguay, affirma que os Portuguezes do Rio Grande do Sul tinham inventado um systema de roubar gado dos terrenos visinhos, e dá o epitheto de salteador (ladron) a um dos mais famosos cabos de guerra daquella Provincia, o Brigadeiro Raphael Pinto Bandeira. Produzirei testemunhas que o provincialismo ainda o mais bem intencionado não possa averbar de suspeitos, e nem o espirito da nacionalidade acusar de injustos, sem que seja a minha intenção lançar a mais leve pedra sobre todos os habitantes e naturaes da Provincia. Pretendo somente provar que o engodo do saque, e da pilhagem attrahio sectarios á rebeldia: e o provarei com factos, mostrando que havia na provincia gente apropriada e disposta a entregar-se a esses crimes. Do officio do Marquez de Barbacena dirigido do Quartel General de S. Lourenço em 2 de Março de 1827 á Camara municipal da villa de Cachoeira consta que a maior parte dos desertores do campo de batalha no dia 20 de Fevereiro desse anno roubarão as nossas bagagens bem como as estancias, casas e pessoas que encontrarão na sua precipitada fuga. O Marechal Salvador José Maciel então presidente da Provincia do Rio Grande do Sul, escrevia da

(1) Quando na Assembléa Legislativa Provincial indicava o bem notorio Domingos José de Almeida que do Governo se exigisse o nomear para os empregos na Provincia tão sómente os filhos della, não ignorava o futuro Ministro da Fazenda da Republica de Piratinim como tal proposição era destituida de fundamento, mas linoqueava sentimentos dominantes. Isso lhe era bastante.

villa de Rio Pardo aos 28 de Feveiro daquelle ao General em chefe pelos termos seguintes: "Tem-se reunido alguns paisanos, que em breve mandarei embora para cuidar em seos destrictos porque a canalha do Abreu e os desertores armados tem commettido toda a sorte de horrores." O Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, em carta de 5 de Março do mesmo anno dirigida a mesma pessoa exprime-se da maneira seguinte: "Meu General, confesso que obrei muito mal em mandar Bento Gonçalves, e muito mais sabendo que nada util vae fazer, porem que quer V. Ex.^a que eu fizesse, vendo que estão a desertar aos bandos e levando outros comsigo? Por isso achei que fazia negocio descartar-me de semelhantes salteadores."

"V. Ex.^a persuada-se (diz o mesmo Marechal em carta de 7 do mesmo meez, que Bento Gonçalves não é capaz de andar sobre si. He preciso dar-se alguma volta pois do contrario só aquella gente dá cabo do gado e dos cavallos da Provincia." Alem destes documentos e de outros que tenho deante dos olhos seja-me ainda licito citar o officio que o Marechal Barreto dirigiu ao Ministro da Guerra, em 4 de Setembro de 1834, relatando os actos hostis e insultos mais graves praticados nos limites do nosso territorio com o Estado Oriental. Transcrevendo alguns trechos desse officio deixarei tambem provado que as arguições feitas pelo Dr. Funes aos habitantes do Rio Grande, a que acima fiz allusão, podem tambem ser endereçados aos que fallão o idioma do nobre historiador." Nos annos de 1829, 1830 e 1831 (diz o Marechal) repetidas vezes passarão o Jaguarão na fronteira do Rio Grande differentes partidas de Brasileiros commandadas por os conhecidos Juca Tigre, Barbacena e Theodoro d'Avila. Estas partidas assassinavão e roubavão os moradores do Serro Largo proximo á linha a ponto tal que quasi todos viram-se forçados a abandonarem as suas moradas para salvar as vidas, retirando as fazendas que poderão conduzir. Os roubos que fazião estas partidas eram tranferidos para esta Provincia onde despendião em saciar seus vícios o producto que tiravão das correrias, que só deixavam de praticar emquanto lhes durava o lucro produzido. Chegou a tanto a audacia destes salteadores, que uma partida delles commandada por Juca Tigre repassando o Jaguarão acoessado por força Oriental, fez fogo deste lado a uma escolta do 4.^o Regimento de Cavallaria de 1.^a linha, ferindo o sargento que a commandava."...

"Pelo mesmo Periodo (diz tambem o Marechal) os Indios de uma nova povoação denominada Bella União, estabelecida por D. Fructuoso Rivera entre o Quarahim e Arapehy, passando o

primeiro destes rios talavão o territorio desta Provincia e roubavão as fazendas Brasileiras da fronteira de Alegrete, a ponto tambem de quasi deixarem desertos os campos mais proximos do Quarahim.”...

“Os continuos roubos destes Indios (diz ainda o Marechal) derão causa a que uma guarda nossa postada em Quarahim, commandada pelo Tenente do 2.^o Corpo de Cavallaria de 1.^a linha Manoel Luis Osorio passando o rio fosse por seu turno levar o estrago ao Estado Oriental, matando todas as pessoas, que estavam trabalhando em uma encerra de egoas, sem perdoar a mulheres.”...

“Uma guarda oriental collocada no Passo do Valente no Rio Negro (diz igualmente o Marechal) quatro legoas distante desta povoação insultou, e mesmo, dizem, assassinou alguns Brasileiros que transitavão por aquelle passo. Entre os insultados foi um Tenente de 2.^a linha Antonio de Souza Netto, o qual segundo a voz publica reuniu uma partida; e surprehendendo a mencionada guarda, matou desapiedadamente os individuos que a compunhão, escapando sómente um que ficára por morto.”

Ainda terei occasião de citar o documento que acabo de ter diante dos olhos, mas por agora passarei a examinar alguma das outras causas da sedição de 20 de Setembro de 1835.

Entre essas causas tambem deparo com a proximidade e influencias das Republicas visinhas. O contacto desses Estados com a Provincia do Rio Grande do Sul é de todos os dias e mui intimo. A linguagem é similhante, e os costumes são os mesmos. Ouvi a um nosso Diplomata natural dequella Provincia que o viajante atravessando o territorio desde a Cidade Porto Alegre até qualquer ponto da fronteira não poderá designar com precisão o lugar em que deixou de ouvir a lingua de Camoens para ouvir a de Cervantes. Os laços, as bolas, subjugão o prostão aos pés do peão adestrado e forte, a rêz ou o cavallo da mesma sorte, quer o homem que maneja e arremessa aquella arma falle hespanhol, portuguez ou guarany. O ferro do charqueador despedaça igualmente as carnes da rêz alem ou aquem do Jaguarão. Se os costumes são desta arte similhantes, a intimidade a que alludi é tal que tanto as justças do Imperio como do Estado Oriental, reciprocamente cumpriam as precatorias, que de um territorio erão expedidas para outro, como se essas precatorias partissem todas de autoridades pertencentes á mesma nação e fossem todas dirigidas a autoridades sujeitas ao mesmo Governo; facto que se acha comprovado pelo officio de 4 de Fevereiro de 1834, endereçado pelo Presidente José Mariani ao Ministro da Justiça, e que faz lembrar

quanto de um estylo parecido a esse entre os diversos Estados da Suissa nos refere Vattel no seu trabalho de Direito das Gentes L.^o 2.^o Cap. 6.^o § 76. Dadas porem relações tão estreitas como acontecêra que o espirito das nossas instituições monarchicas e o exemplo de ordem e segurança, circumstancias sociaes quasi sempre alliadas de nossa forma de Governo nenhuma influencia tiveram nessas pequenas Republicas sempre agitadas e commovidas pela sanha dos partidos? Como acontecêo pelo contrario que agentes desses partidos e desses governos sem estabilidade e sem prestigio tivessem força e meio de augmentar os materiaes para o incendio que devia abraçar uma parte do Imperio?

Tambem havia entre nós gente eivada do mal da demagogia: o nosso governo dormia o somno do desleixo e da illusão: a debili-dade das republicas visinhas lhe faz recluir mais que muito a visinhança de um Imperio grande e poderoso: os ultimos esforços fazem sempre os caudilhos dessa republica para plantar entre nós sua liberdade de anarchia e crimes: são nesse empenho açulados como para um negocio para elles de vida ou morte politica: e os missionarios de Lavalleja e Rosas encontrarão sympathias em desastrosas paixoes cuja satisfação pendia de um movimento anarchico e subversivo do estado actual das cousas. Os escriptos mais impios e mais demagogicos do seculo dezoito corriam pela Provincia do Rio Grande do Sul traduzidos em hespanhol. Depois de ter lido com avidez uma dessas traducções affirmava certo rebelde que Robespierre tinha sido o melhor patriota da Revolução Franceza. Pouco depois foi assassinado o Juiz de Paz de Rio Pardo, o honrado Cirne, martyr dos deveres do magistrado: e o admirador de Robespierre foi um dos principaes ou principal executor desse horroroso homicidio e tanto mais se desenvolveo a influencia de nossos ruins visinhos na Provincia do Rio Grande do Sul quanto é certo que Lavalleja, e seus sequazes emigrados para o nosso territorio achavam aqui amparo e protecção em muitos habitantes e da parte do governo proprio até certo ponto, como se depreheende com evidencia dos documentos que tenho perante mim. Todos conhecem quanto importa á integridade e tranquillidade do Imperio do Brazil que delle faça parte a margem esquerda do Rio da Prata. O astuto Bento Gonçalves da Silva discorria desde o principio quando procurava alliciar pessoas de boa fé para o partido de Lavalleja, assegurando que a victoria de tal partido em Montevideo seria o signal infallivel de reunião da Cisplatina ao Imperio e demais (acrescentava o conspirador) quando esse resultado não se obtenha tão de prompto, colhemos

sempre a vantagem de entreter e sustentar entre os nossos visinhos o fogo da desordem e da anarchia, condição essencialmente efficaz para que nos deixem elles gosar de socego e tranquillidade, sendo aliás certo que fatigados afinal tem de lançar-se em nossos braços. Estas ou outras razoens fizeram com que o Governo supremo do Brazil tomasse a peito a causa de Lavalleya: verdade é porém que mostrando-lhe a experiência como de tal protecção podia apenas colher os inconvenientes de uma guerra, e a perda da Província do Rio Grande do Sul, arripou caminho e expedio ordens sinceras e terminantes para guardar-se a mais completa neutralidade, no que foi completamente desobedecido pelo Coronel Bento Gonçalves e pelos sequazes do Coronel. O designio dos revolucionarios começou desde esse momento a entrever-se com menos difficuldade: mas eu não desejo precipitar a narração dos factos, a exactidão do que affirmo será conhecida do leitor pelo decurso da presente memoria, todavia o governo do Brazil protegendo Lavalleya é de tal gravidade que não passarei adiante sem fazer um resumo dos documentos em que se funda a minha opinião a respeito. Em officio de 30 de Março de 1833, participou o Presidente Manoel Antonio Galvão ao Ministro do interior o attentado commetido por individuos do Estado visinho, que em numero de mais de sessenta homens devassarão o nosso territorio e junto ao Arroio Grande se apoderarão de sette officiaes e doze soldados emigrados, que conduzirão presos para o territorio da Republica depois de haverem commetido outros attentados, o que teve lugar na manhã de 18 do sobredito mez de Março de 1833: note-se porem que o presidente mencionando a circumstancia de ter servido de guia aos perpetradores daquelle attentado o capitão Lourenço Gonçalves, grande facinoroso, mais conhecido pela designação de Indio Lourenço e que até então passáva por mui devoto sectario de Lavalleya, acrescenta as seguintes expressoens: "...o Indio Lourenço já servia o Presidente da Republica e os emigrados ainda o contavam no numero dos seus mais calorosos amigos. De que documento não pode o Presidente estar de posse! Receio muito que esta circumstancia desse motivo ao attentado de invadir o territorio do Imperio." Ha juntas a esse officio copias de duas cartas interceptadas, ambas dirigidas a Lavalleya uma por D. Eugenio Garzon datada do Cerrito com fecho de 2 de Janeiro de 1833 e outra pelo padre José Antonio de Caldas, datada da villa de Jaguarão com fecho de 4 do dito mez e anno. Na primeira destas cartas Garzon depois de dar ao seu am.^o varios conselhos e

noticias acerca dos preparatorios para a resolução, cujo desenvolvimento pinta como tomando forças de dia em dia no Rio Grande do Sul, acrescenta o seguinte: "Faz hoje quatro dias que sahio daqui nosso amigo (Bento Gonçalves) para a capital de Porto Alegre chamado com urgencia pelo Sr. Marechal Barreto: elle me mostrou as participações officiaes e particulares que lhe dirigirão. A sua ida nos trará muitos, e effectivos bens. Vae preparado para todos os casos, em que o queira consultar: e vai seguro em não variar sobre um objecto, que é por todos os meios levar a empresa adiante: e prometeo-me regressar mui prompto, affirmando-me que a sua demora será só enquanto rompe todas as pequenas difficuldades em que se embaraço o Marechal e o Presidente porque está em seus interesses e em suas vistas obrar com mais actividade, e com mais energia, sopposto lhe convém. Na segunda das cartas indicadas o Padre Caldas depois de dar varios conselhos, e noticias á mesma causa, continua da maneira seguinte: "O Coronel Bento Gonçalves marchou, ha seis dias, para Porto Alegre: o officio, porque este mesmo amigo foi chamado por Barreto, a carta que dalli tive escripta por Victorino, Paulino, e José Mariano de Mattos em que me dizem haver o presidente recebido no dia 2 de Dezembro ultimo ordem da Côrte para tratar bem a V. Ex.^a Antonio Candido me faz crer que o chamamento de nosso amigo é em nosso beneficio e que nada nos faltarão." Termina a carta com a seguinte: "Tudo está decidido a nosso favor ainda que o Governo não queira." Os originaes destas cartas foram remettidos ao Governo Geral pelo Coronel Manoel de Almeida Vasconcellos, que as interceptara. O mesmo coronel interceptou igualmente uma carta de Olazabal escripta do Rio Grande a Lavalleja com fêcho de 20 de Março de 1833, na qual se encontrão as seguintes expressões: "O presidente de Porto Alegre tem algum tanto mudado de opinião relativamente ao que havia combinado, mas tudo ficará aplanado com a minha vista com Bento Gonçalves:" Termina Olazabal a carta lançando improperios sobre o tenente coronel João da Silva Tavares, então Juiz de Paz, que foi o (ou signatario da carta) quem influia com o Presidente.

Vai longa a digressão: eu volto ao meu assumpto.

Não concorrêo pouco para o desenvolvimento do plano dos revoltosos e protecção que Bento Gonçalves teve na Côrte quando a ella chamado em consequencia de participações do Presidente Manoel Antonio Galvão. Por decreto de 28 de Janeiro de 1834 referendado pelo Ministro da Guerra Antero José Ferreira de Brito,

foi concedido a Bento Gonçalves uma pensão de um conto e duzentos mil reis. O decreto foi concebido nos termos os mais honrosos para o agraciado: e o Redactor da Aurora, cuja influencia politica de todos era sabida, louvou o Governo por esse acto, queimava a Bento Gonçalves o mais lisongeiro incenso; e não poupava invectivas e sarcasmos ao Presidente Galvão. Segundo o famoso periodista Brasileiro, o Governo compensando o merito e acçoens relevantes de Bento Gonçalves de algum modo recebia parte da gloria proveniente dessas mesmas acçoens: nada tão excellente como o character, e disposições politicas de seu heroe: e Manoel Antonio Galvão "era um retrogrado, um intrigante, um poltrão desses que tem grande asco aos cidadãos bravos, e francos, que não vivendo nas solleiras de Palacios se occupam no cumprimento de seus deveres, e não no manejo de trapaça sem lhe aviltarém diante das insidias de seus poderosos calumniadores." Teve por ventura Bento Gonçalves dissimulação, e estucia bastante para illudir a tal ponto um homem de tão atilado engenho como foi o Retactor da Aurora, ou intendia o Governo que deste modo saciava toda a ambição do conspirador? Se por ventura o Governo intendêo com effeito que saciava a sêde de poder, e dinheiro em que se abrasava o conspirador, como pouco ou nada conhecia os homens! Apenas estimulou os desejos avidos do caudilho: augmentou a influencia delle na provincia mostrando-o preponderantemente na Côrte sobre a verdade e a justiça: e minstrou aos propagadôres do espirito da rebellião mais um poderoso argumento deduzido das sympathias do Governo Central pelo primeiro cabeça da facção, a cujas vistas na verdade parecia prestar tudo o mais decídido favôr: e cumpre notar que se tornara tanto mais facil de persuadir que a administração do Imperio protegia manifestamente a pessoa, e por ventura a propria causa de Bento Gonçalves, quanto é certo que um dos fundamentos do decreto de 20 de Janeiro de 1834, não tinha a exactidão necessaria para que nelle se estribasse uma disposição do Governo a meu ver illudido nesta parte ao menos pela reconhecida sagacidade de Bento Gonçalves. Conforme as expressoens do Decreto a pensão nelle concedida não era só remuneração de serviços importantes, mas tambem compensação de perdas causadas pelo seu patrimonio."... Este benemerito official (dizia o Ministro da Guerra) possuindo fazendas no Estado Oriental as abandonára ao inimigo que corajosamente debellára, despresando seus convites com o brio e honra que lhe é propria." Conforme as informaçoens ministradas por pessoas dignas de todo o credito, consultadas sobre este assumpto nenhua ou mui leve perda soffrêo Bento Gonçalves

por tal motivo. A historia da sociedade liga-se muitas vezes com a vida particular dos que representam sobre o theatro do mundo. Dada esta especie, cumpre a quem indaga a origem, e causa dos successos levantar uma ponta do véo, que devia encobrir sempre a historia do homem, do individuo. O Coronel Bento Gonçalves herdou bens de fortuna. Sorte igual coube á sua esposa: mas tudo malbaratou elle por ter genio dissipador, e character perdulario. As invasoens e correrias no Estado Oriental lhe derão a posse de cabeças de gado em numero sufficiente para recuperar a fortuna perdida: mas Bento Gonçalves tinha sempre o mesmo genio, o mesmo character. Possuiu estancias, é verdade, no Estado Oriental, onde depois de sua deserção em 1811 exerceu as funcçoens de Alcaide, cargo então correspondente aos nossos Juizes Ordinarios; mas affirmão que nenhum ou mui diminuto damno lhe causarão a guerra nessas estancias, que ou vendêo, ou foi obrigado a entregar em pagamento de quantias não pagas, como se vê de uma informação que tenho á vista. Depois a Camara dos Deputados veio no conhecimento da inexactidão das premissas admittidas como fundamento para as disposiçoens do Decreto acima citado, é manifesto que a esse conhecimento se deve o não haver tomado resolução algũa sobre a mercê pecuniaria ao Coronel.

Não obstante o genio dissipador e character perdulario do caudilho é certo que seu nome gosava de consideração e influencia não vulgar. Em uma população habituada de tantos annos a olhar com respeito e a fallar com louvor a todos os que se distinguirão nessas guerras de estylo arabe, onde se leva sempre o fito na surpresa, e na presa, não podia deixar de adquirir renome o homem, que por feitos de similhante natureza se tinha elevado de Porta-Estandarte de Milicias desertor e Alcaide de Cerro Largo a capitão e major de Guerrilhas, a Tenente-Coronel e Coronel de Milicias, e finalmente a Coronel de primeira linha, sendo aliás igualmente certo que o comportamento de Bento Gonçalves na batalha de 20 de Fevereiro de 1827, e os sentimentos de lealdade ao throno e a pessoa do soberano por elle constantemente affectados tambem lhe grangearam sympathias.

Nos o veremos encarregado pelo Presidente da Provincia de uma missão que mostra a confiança que se tinha e a importancia que se dava ao Coronel. Apesar de que seu procedimento se tornou cada vez menos equivoco, muitos nunca pensarão que elle passasse alem das vinganças pessoaes, muitos se persuadião de que elle nunca se poria á frente de sediciosos, e os que presenciámos as as scenas de 19 e 20 de Setembro de 1835 na cidade de Porto Alegre,

sabemos perfeitamente até que ponto foi o desanimo de um grande numero de legalistas quando todos alcansámos certeza que Bento Gonçalves da Silva marchava á frente da sedição. A preponderancia, pois, deste chefe se por um lado levou após de si um consideravel numero de individuos, pelo outro fez desanimar a muitos que nelle punhão confiança: e não deve causar espanto que taes resultados haja o proceder de um só individuo. Ninguém ignora (por não allegar exemplos estranhos) quanto a balança dos acontecimento no Rio Grande do Sul tenha pendido para um ou outro lado, conforme a concha, ou bacia della que se tem lançado o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro. As influencias pessoaes são tambem uma das causas da rebellião do Rio Grande do Sul.

Todos sabem que as leis do Imperio se antolhão a muitos na parte criminal como acintemente calculadas para debilitar e muitas vezes para impedir a salutar acção do Governo. Confiar de autoridades electivas a defesa e manutenção do Governo e das Instituições, quando o espirito de innovaçoes democraticas lavrava despejadamente e quando essas autoridades tinham de ser chamadas ás funcções de seus cargos, pelo suffragio universal, foi um erro impossivel de explicar-se a não pensarmos, que os legisladores assim obravão levados de rojo pela força da opinião, que posto se tenha acclamado rainha do mundo não deixa por isso de exercer muitas vezes a sua soberania com injustiça, arbitrio, e despotismo. As eleições, como é sabido, são sempre a expressão do estado dos partidos. Nas eleições de Juizes de Paz e de Officiaes de Guardas-Nacionaes no Rio Grande do Sul predominou o partido ultra-liberal; e os Officiaes da Guarda Nacional, e os Juizes de Paz foram depois (geralmente fallando) os instrumentos de que usou Bento Gonçalves para dar principio á execução de seus projectos. Assim teremos de ver os officiaes da Guarda Nacional da cidade de Pelotas felicitando o Tenente-Coronel do Batalhão de Guardas Nacionaes da Capital Silvano José Monteiro, como victima de seus sentimentos liberaes, quando segundo se affirma lhe imprimirão na face a mais atroz de todas as injurias.

Quem vio honra tão longe da verdade !

Assim ao aproximar-se Bento Gonçalves da cidade de Porto Alegre, um Juiz de Paz desamparou o seu posto para se unir ao caudilho e do lado deste requizitar ao Presidente da Provincia que entregasse as redeas do governo ao patriota Marciano Pereira Ribeiro, que alem disso não era o Vice-Presidente immediato, e posto que muito longe me levariam os exemplos, se quizesse citar quantos occorrem, lembrarei ainda a impunidade com que se

tramavão, e se levavão a effeito as correrias da fronteira. Mas antes de passar a outro topico faz-se mister observar que a debilidadade do Governo provinha não só de que a lei collocava, como disse, a defesa delle em mãos pouco proprias para esse intento, mais porque o tinha privado da propria força material. Ninguém ignora a diminuição que soffrêo, a indisciplina a que foi levada a força de primeira linha; e a influencia que presidiu á creação das Guardas Nacionaes entre nós não era a mais conveniente para inspirar a estes corpos subordinação e disciplina. A estas causas junte-se o mal entendido direito de resistencia, e algũas outras disposiçoens do nosso Codigo Criminal. Impossivel será então negar que somente o braço da Providencia pode ter impedido o Brazil de se desmembrar, e cahir todo em ruinas. O mesmo Governo Central a quem incumbe sempre a fortalecer quanto é licito os seus delegados nas Provincias, por vezes tem procedido de uma maneira diametralmente opposta. Darei um exemplo com que deparo no officio dirigido pelo ex-Presidente Manoel Antonio Galvão ao Ministro dos Negocios do Imperio em 20 de Setembro de 1833. Tinha-se como suscitado uma especie de conflicto entre o Conselho do Governo e a Camara Municipal do Rio Grande do Sul por prever esta que o territorio de sua jurisdição fosse dividido em quatro Districtos de Juiz de Paz, e por intender aquelle que a divisão devia ser em seis Districtos, não só por causa da população, mas para que tivesse lugar o exacto cumprimento do Artigo 213 do Codigo de Processo. A Camara recorreo immediatamente ao Ministro e este decidiu a questão sem audiencia do Presidente ou do Conselho: e a proposito disso se exprimio o Presidente no citado officio pela maneira seguinte: "Se as controversias gratuitamente suscitadas pelas Camaras Municipaes ou qualquer autoridade subalterna continuarem a ser decididas por alto, não haverá forças humanas que ponham barreiras a tão pronunciada insubordinação, e a Autoridade Superior da Provincia ou será arrastada na torrente ou será nominal." Na verdade parecia que o Governo Central quando se tratava de negocios do Rio Grande do Sul, abnegava a excellente maxima — *In medio posita virtus* — que havia tomado como distinctivo de sua politica. Talvez a isso o levavão meios de restauração: mas embora o Bedactor da Aurora folgasse pela demissão do Marechal Carneiro da Fontoura, pela demissão de Victorino José Ribeiro do Almoxarifado de Porto Alegre pois que accusados esses cidadãos de tentativas de restauração e persuadido o Ministro da verdade dessas accusaçoes, cumpria-lhe sem duvida não confiar a força nem os dinheiros

publicos de pessoas que tinha por desleaes ao throno do Senhor Dom Pedro Segundo: mas cumpria-lhe igualmente não entregar os destinos da Provincia a homens que não contentes com evitar, e frustar a restauração, tendião manifestamente á dissolussão do Imperio, á anarchia, ao demagogismo, ao governo da espada, semelhante a esses que têm regido, e ainda regem as desventuradas republicas do Sul da America. Folgasse pois muito embora o redactor da Aurora com a demissão desses cidadãos classificados de restauradores: mas não folgasse com as graças conferidas a Bento Gonçalves nem com a desastrosa nomeação do major José Mariano de Mattos para Commandante do corpo de Artilharia da Provincia. O Governo Central tornava pois ainda fraca e debil a acção do Governo Provincial, já enfraquecida e debilitada pela legislação criminal e organização judiciaria. Desimpedia-se deste modo completamente o caminho que já era trilhado pelos sediciosos.

Alguem ha ahí que nas folhas publicas do Rio Grande do Sul escritas em defesa da ordem, e do Governo vio excessos próprios para excitar odios e exarcebar o espirito de vingança, concorrendo assim para o progresso e desenvolvimento da rebellião. Não aprovarei excessos de qualquer lado que elles venhão: mas notem esses rigidos senhores que a aggressão veio sempre do acampamento inimigo e que a carta do Desembargador Pedro Rodrigues Fernandes Chaves a Bento Gonçalves publicada em o n.º 29 do Correio Official da Provincia de S. Pedro, aos 28 de Março de 1835, contra a qual se clamou como contra um escandalo e um passo por extremo impolitico, sahio a luz depois de tudo quanto ha de mais sagrado para o homem tinha sido atrozmente insultado nas folhas denominadas liberaes. Demais dado, porem não concedido que assim fosse, qual seria o excesso de liberdade de imprensa assaz poderoso para legitimar crimes, a dissolução dos laços da sociedade, a anarchia emfim?

Não quero dar como causa da sedição de 20 de Setembro de 1835 o desgosto causado pelos continuados saques do Thesouro Nacional sobre a thesouraria de Porto Alegre: mas é forçoso notar que desde Dezembro de 1832 até Agosto de 1833 tinham sahido dos cofres daquella repartição em supprimentos á Provincia de Santa Catharina, saques do Thesouro, e remessa de letras mais de quatrocentos contos de reis sem que alguma attenção houvesse com a divida publica da Provincia ou para com os melhoramentos della. Destas circumstancias os propagadores da rebellião se aproveitavão para inculcar á gente ignorante, e preocupada contra a Admistração Central que um systema existia de abater acintemente a Provincia

do Rio Grande do Sul, afim de que delle se pôdesse dispôr a arbitrio. Ha nisto palpavel absurdo: mas não vimos posteriormente com absurdos ainda mais grosseiros, e palpaveis commover e agitar o interior da Provincia de Pernambuco? Não houve pessoas assaz ignorantes, e credulas para se persuadirem que mandára pôr em venda cidadãos Brasileiros a lei, pela qual se tinha autorizado a alienação dos proprios nacionaes? (1)

As sociedades politicas, ou secretas ou publicas, estabelecidas na Provincia do Rio Grande do Sul são tambem accusadas de haverem concorrido para os acontecimentos de 20 de Setembro de 1835. Houve na cidade de Pelotas uma sociedade Defensora a semelhança da sociedade que debaixo do mesmo titulo se fez tão notavel, como é sabido, na Capital do Imperio. A sociedade Defensora de Pelotas foi pelo menos um fóco de liberalismo exagerado. Houve sociedades secretas no Rio Grande do Sul e no Rio Pardo. Naquelle o façanhudo Francisco Xavier Ferreira e nesta o sagacissimo José Mariano de Mattos procuravão fanatisar os seus adeptos como com os sonorosos vocabulos — liberdade, igualdade, fraternidade. Na sociedade secreta do Rio Pardo se decretavão homicidios; e um se perpetrou com circumstancias horrorosas na pessoa do digno Juiz de Paz Antonio Casemiro Cirne: mas de todas as sociedades estabelecidas na Provincia de S. Pedro nenhuma adqueriu celebridade como a que se denominava do Continentino, estabelecida na cidade de Porto Alegre. Esta sociedade tinha no exterior o aspecto de um Gabinete de Leitura, e tomava o nome de um periodico intitulado Continentino, publicado a expensas della, e redigido por alguns de seus membros, mas o Gabinete de leitura na realidade era uma Loja de Pedreiros — Livres: o que depois se fez patente. Atribuiu-se a esta loja o trabalho para a federação da Provincia do Rio Grande com a Cisplatina, proclamando o systema republicano. Até onde chegão as minhas informações á cerca da historia dessa sociedade não se pode affirmar com verdade que a tal fito levasse a vista. Durante esse periodo pelo menos a Loja não trabalhou em tal sentido posto que taes fossem as idéas, e os desejos de muitos de seus membros

(1) Não se encontra por ventura na historia de povos mais civilizados alguns exemplos de boatos menos dignos de credito, que lavravão e grassavão no meio da multidão a ponto de a inquietar, e abater? Em dias do reinado de Luis 15.^o fez-se acreditar a plebe de Paris que os medicos tinham aconselhado ao monarcha uso de banhos de sangue humano, e que se mandavão roubar, e assassinar creanças afim de preparar esse horroroso medicamento com que elle podesse recuperar as forças perdidas nos braços de suas numerosas amantes. Em nossos dias os partidos politicos para excitarem a revolta da gentinha de Paris contra o Governo de Luis Felipe simulavão envenenamentos mandados fazer pelo Ministerio nas fontes publicas, e nos comestiveis expostos a venda nos armazens daquella cidade.

ao mesmo passo que outros havia de maneira de pensar e sentimentos diametralmente oppostos. Poderia até indicar o nome de pessoas que entravão na sociedade depois de se haverem precedentemente intendido entre si com o firme proposito de fazerem barreira a qualquer movimento revolucionario que alli tivesse origem. Mas ouçamos o juizo do Presidente Manoel Antonio Galvão, o qual fallando dessa sociedade no officio de 24 de Dezembro de 1831, dirigido ao Ministro da Justiça, diz que a considera, unicamente instituida para facilitar alguns de seus socios mais considerados, o ingresso na Camara Electiva, a occupação dos logares mais importantes da Provincia e a nomeação dos empregados subalternos, fazendo assim de todo esse grupo um partido, que justificasse os seus procedimentos, e debilitando a censura de uma influencia systematica podesse estabelecer uma opinião acobertada sempre pela obediencia mais cega á lei, e manutenção da ordem estabelecida." A experiencia mostrou ulteriormente que o Presidente havia feito muita honra a sociedade do Continentino em quanto á influencia de que a julga capaz. A mania de fazer proselytos, a desconfiança de muitos a cerca da sinceridade e pareza das intençoens do cabeça invisivel, que aliás folgava de mostrar-se, a arrogancia deste homem, que lhe fazia perder muitas vezes o terreno adquirido por seu mui notavel desembaraço, e destreza natural posto que totalmente inculta, e o ridiculo que entre nós acompanha as cousas desde a sua origem, e os homens desde que elles entrão em scena, forão a meu ver as causas que tolherão o passo á sociedade do Continentino, e que a impedirão de chegar a esse ponto de influencia prognosticado pelo Presidente da Provincia: mas é certo que apesar de ser ella innocente em seus principios ao menos o ser membro dessa sociedade foi desde logo uma prova de revolucionario para os intrigantes de que falla o Presidente no citado officio de 24 de Dezembro de 1831 e no de 6 de Abril de 1832. Um delegado do Juiz de Paz da Freguezia Nova tinha denunciado a existencia de alguns depositos de armas no seu Districto, e de relaçoens entre pessoas da Provincia e Fructuoso Rivera. As pessoas denunciadas porem crão de tal modo desacreditadas ou tão morigeradas que o Presidente não pôde resolver-se a acreditar a denuncia em todas as suas partes, nem lhe fez peso a circumstancia de pertencerem alguns dos acusados a sociedade do Continentino. Dêo todavia ordem para se proceder a corpo de delicto, e devassa, cuja resultado foi provar-se a innocencia dos denunciados com excepção de Antonio Paulo da Fontoura a cujo

respeito intendêo o Juiz ter achado prova sufficiente para a pronuncia: mas proseguindo-se no processo forçoso foi absolvêr a este réo pois que acareadas com elle as testemunhas que lhe haviam feito culpa, negarão o seu primeiro depoimento; e as referidas negarão igualmente a verdade das referencias. Os agentes desta denuncia tinham sido um perverso de nome Luiz Antonio da Silva, expulso do logar de Escrivão da Ouvidoria por notorias malversações, e um sicário do mesmo individuo por nome Luis Alfama, bem conhecido no Rio Grande do Sul, principalmente na cidade de Porto Alegre, em cuja cadêa esteve annos por crimes que commetêra. De ordem mais elevada com tudo parece ter sido o primeiro motor de tal denuncia, que principalmente se dirigia contra o Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto. O Presidente explicando as causas da denuncia affirmava achar-se convencido de que tudo provinha de intrigas tendentes a perder o Marechal Barreto afim de que vago o logar de Commandante das armas fosse o Marechal substituido por alguem, cuja nomeação concorrêsse para que uma familia que em outro tempo grande influencia exercitára na Provincia, recobrasse agora a influencia perdida. O incidente porem que acabo de expôr, não deixou de ser favoravel ao designio dos conspiradores: elle demonstrava de um lado a desunião e a mais immoral ambição em homens com os quaes se devia contar no partido da legalidade, e fazia de outro lado que menos acreditado fôsse, quanto se relatasse á cerca dos passos, e dos tramas dos revolucionários. O Marechal Barreto, que era nesse tempo o homem da mais decidida confiança dos monarchistas do Rio Grande do Sul tinha sido caluniosamente accusado. Calumnia seria provavelmente quanto no mesmo sentido se referisse de Bento Gonçalves, de Bento Manoel, e de outros. O mesmo Antonio Paulo da Fontoura, o futuro embaixador dos conspiradores junta á pessoa de D. João Manoel Rozas, não tinha sahido livre e puro do processo? E todavia esse homem era na verdade um conspirador. Antonio Paulo da Fontoura, mais conhecido pela denominação de Paulino, ou Paulinho tomava ares de um novo Fiesque, affectando occupar-se apenas com o galanteio das damas ao mesmo passo que muito se preocupava com as intrigas proprias para o desenvolvimento dos planos da revolução. Perdido de fortuna e de conceito não se teria elle dado a pena de pôr uma mascara, se fosse do inimigo um tanto menos fraco: seu irmão Sebastião Pinto da Fontoura, tinha desertado das nossas fileiras para as do inimigo no anno de 1827: e elle tinha sido o primeiro a annunciar que no dia 20 de Fevereiro daquelle anno o nosso exercito se retirava do campo de batalha,

deligencia que ninguem lhe attribuiu a valor ou patriotismo. Seu sobrinho Affonso de Almeida Córte-Real distinguio-se entre os rebeldes. Parece que havia sympathias de familia.

Taes foram no meu entender as causas mais efficazes dos acontecimentos de 20 de Setembro de 1835, demagogismo, provincialismo, amor de pilhagem e sangue, ambição dos chefes, e sua influencia pessoal, proximidade, e relações com as republicas visinhas, erro da Administração, entre os quaes se devem essencialmente notar a protecção dada a Lavalleya e a Bento Gonçalves, falta do necessario apoio ao Presidente da Provincia, assim como as continuadas exigencias de dinheiro, acção das sociedades politicas principalmente de algũas das que erão secretas, e as paixoes exarcebadas mutuas e reciprocamente pelos abusos da liberdade de imprensa, e pelos enredos, e calumnias dos conspiradores coadjuvados sem duvida mui poderosamente pela ignorancia daquelles em que reside a força material da Provincia. (1)

Isto posto eu passo á segunda parte desta Memoria, isto é á nomeação dos factos mais notaveis, que na Provincia do Rio Grande do Sul precederão á sedição de 20 de Setembro de 1835.

Volveo-se o anno de 1831; e os factos mais notaveis desse periodo são as mutuas depredações da nossa fronteira e da fronteira visinha, segundo já mencionei, tendo á vista o officio dirigido pelo Marechal Barreto ao Ministro da Guerra em 5 de Setembro de 1834, a instituição da sociedade do Continentino, a denuncia dada contra o Marechal e outros pelo façanhoso Luiz

(1) Sei que outras causas foram indicadas por Bento Gonçalves em seu manifesto de 25 de Setembro de 1835, e pelo Vice-Presidente interino o Doutor Marciano Pereira Ribeiro em officio dirigido no dia seguinte ao Ministro do Imperio. Os dous rebeldes pretenderão justificar a sedição adulterando os factos, declarando e produzindo razoes por suas frivolidades indignas de attenção. Não farei uma analyse circumstanciada do manifesto, já porque em folhas publicas se analysou aquelle documento, já porque a exposição dos factos taes quaes se passarão é a melhor analyse, e refutação as mentiras, e falsidades do candilho. Elle representa, por exemplo, o Presidente Braga como um tyranno, e um inepto. Quaes as provas da inepecia, e da tyrannia? A suspensão de algumas auctoridades em que havia razão para não ter confiança, a nomeação de outros para quem militava a razão contraria, a sancção de um imposto necessario ás despesas da Provincia, a organização de uma força policial, que apenas seria sufficiente para as exigencias do serviço nas circumstancias então existentes, a franqueza de linguagem na instalação da Assembléa Legislativa Provincial, a distribuição da força de linha por onde se julgou conveniente, o uso dos melos que estavam ao alcance do Presidente para manter-se no seu posto, e até factos a que os amigos e alliados do Candilho havião dado causa, como forão os acontecimentos de 24 de Outubro de 1834, ou que de nenhum modo, como os que levo apontados, tñhão força bastante para que os rebeldes dicessem com verdade em seu Manifesto — . . . não tivemos outro intento e não nos propuzemos a outro fim que restaurar o Imperio da Lei, afastando de nos um administrador inepto e faccioso, sustentando o *Throno Constitucional do nosso Jovem Monarcha e a Integridade de Imperio*.

O Vice-Presidente intruso procura encontrar as causas da sedição em arguições vagas contra um partido por elle denominado faccioso, contra as tyrannias do Presidente Braga, contra a influencia do Desembargador Pedro Rodrigues Fernandes Chaves aliás ausente, havia mezes, quando teve logar aquelle crime, e contra as intrigas do Marechal Barreto; mas não aponta factos com que possa comprovar os termos das suas arguições, ou se os aponta não se esquece de accomodal-os ao seu intento. Assim por exemplo a demora, que houve no julgamento dos pronunciados pela sedição de 30 de Janeiro de 1835 na Villa do Rio Pardo, e

Antonio da Silva e os actos praticados na povoação hoje villa de Caçapava pelo sargento-mór Alexandre Luis de Queiróz. Este official, que em vespera da batalha do Rosario havia desertado para o inimigo, regressou á Provincia do Rio Grande do Sul e ali se achava em dias de Dezembro de 1831 na referida povoação. O seu procedimento fez com que as Auctoridades do lugar expedissem contra elle uma ordem de prisão cujos effeitos conseguio frustrar, resistindo com armas acompanhado de um escravo, e retirando-se depois. Queiroz havia espancado alguns habitantes pacíficos de Caçapava, insultára a outros, e a alguns tinha ameaçado com a morte, com o exterminio dos brancos por meios da revolução dos escravos aos quaes promettia liberdade, e afinal com a federação á republica do Uruguay. O Presidente dando parte das resoluções tomadas para realizar a prisão e processar o major accrescentou que nenhuns outros interessados tinha elle, que aliás não era homem de juizo são, e que já em dias do reinado do senhor Dom Pedro Sexto praticára actos iguaes sem que pessoa alguma o seduzisse, ou elle tivesse o menor motivo de queixa. "Nenhũa sensação (diz o Presidente) produzia na Capital, ou em outros lugares este successo, que foi encarado como acto de loucura, proprio de quem o tinha obrado."

Entretando pelas causas acima ponderadas cada vês se animavão e se tornavão mais audazes os pretendidos patriotas, cujo partido comquanto ostensivamente composto ainda de um diminuto numero de individuos de nenhũa importancia parecêo

pelo horrôso homicídio do Juiz de Paz Casemiro de Vasconcellos. Carne, é attribuida a uma licença que o Juiz da Comarca no fim da sessão da Assembléa de que era membro, alcançou do Presidente com atestação de molestia, quando essa demora devia ser attribuida ao susto e ao terror que em testemunhas, e juizes incitava a Sociedade Defensora do Rio Pardo, as ameaças dos revoltosos, e os elogios dados em folhas publicas aos perpetradores daquelle homicídio, contra os quaes não achou o Vice-Presidente uma phrase de reprovação. Assim levanta elle grandes escarcéos contra o Presidente pela chamada denuncia, que deu a Assembléa Provincial, da existencia de uma conspiração para separar do Imperio a Provincia do Rio Grande do Sul, e federal-a á Cisplatina; mas omitta as explicações dadas posteriormente, e não é exacto que as espreçoens do Presidente houvessem causado tal sensação que dellas se pudesse dizer com verdade no citado officio de 26 de Setembro de 1835. «E' este seguramente o maior escandalo que pareceu ter os Rio-Grandenses do mesmo Braga, segundo se collige do effeito de similhante denuncia, que tomou quasi todo o tempo da Assembléa da Provincia. Calumnia tão atroz revoltou a todos os Rio-Grandenses.» E' falso: mostravão-se revoltados aquelles a quem a accusação feria; e o tempo evidentemente demonstrou com quanta razão o fizeram. Da mesma sorte o Vice-Presidente afim de attenuar, se é possível o crime dos sediciosos, a que trata sempre de cidadãos armados, imagina que a emboscada postada por elles juntos da ponte da Azenha fôra accomettida pela força legalista e que o infeliz Tenente Quartel Mestre da Guarda Nacional Monteiro, por imprudencia dêra motivo a ser assassinado, como se taes circumstancias ainda quando provadas tivessem força bastante para justificar esse primeiro crime em si mesmo gravissimo e que tão fatal em seus resultados já tem sido, e ainda será talvez para todo o Imperio. No decurso porém desta Memoria tem sido, e continuarão a ser expostos os factos deliaixo de seu verdadeiro ponto de vista: ficarão por ultimo clara, e patente a franqueza e sinceridade do Vice-Presidente intruso. O Doutor Marciano Pereira Ribeiro a quem affeiçãoes politicas e excessivo amor proprio fazião confundir um genio rispido, uma indole arrebatadora e colérica, um caracter anti social com a independencia, e inflexibilidade de um novo Catão perderia todo o direito a este genero de Gloria, quando anteriormente esse direito possuísse, assignando o já citado officio de 26 de Setembro de 1835.

ao mesmo Presidente da Provincia haver tomado uma tal ou qual organização na Capital depois de ter ali chegado o Tenente Luiz. José dos Reis Alpoim, que talvez representava naquella Cidade os clubs revolucionarios do Rio de Janeiro. O partido deu mais visiveis signaes de existencia em as noites de 6 e 7 de Abril de 1832. Nessas noites um gruppó de que fazia parte muitos dos demettidos dos Batalhoens 10 e 13 de Caçadores, discorrêo pelas ruas da cidade, tendo á sua frente um certo José Paulo da Silva, Mestre que foi de uma officina do Trem de Guerra de Porto Alegre, e dando vivas a Constituição, á Sua Magestade o Imperador, a Federação, ao Barata, e ao segundo Barata, titulo que parecia arrogar-se o mencionado Silva. Na segunda noite suscitou-se desordem entre esse grupo e uma ronda: um tiro se disparou da casa do patriota José Ferreira d'Almeida, sobre a ronda depois que o novo Barata gritou: "Brazileiros, acudão a um Brasileiro ultrajado:" ferimentos leves resultarão da desordem, e do tiro: foram presos e processados os que o deviam ser: mas tudo isso dêo longas margens ás declaraçoens, e invectivas dos follicularios. Já então espalhavão elles as doutrinas demagogicas de que se falou no começo desta Memoria. No desenvolvimento de taes doutrinas decorrêo a maior parte do anno de 1832, cujo circulo não se fechou sem mui fundados receios de uma ruptura com a Republica Cisplatina, receios que nos annos seguintes se tornarão ainda mais graves. Todos sabem que o General D. João Antonio Lavalleya emprehendêo derrubar da cadeira de Presidente da Republica o legitimo administradôr della D. Fructuoso Rivera. E' igualmente sabido que não podendo Lavalleya levar a effeito por outros meios a sua empresa, reccorrêo á sorte das armas, a qual sendo-lhe contraria mais de uma vêz o constrangêo por vezes a procurar asylo no territorio da Provincia do Rio Grande do Sul, onde encontrava com mui decidida protecção. O Governo desta Provincia tendo conhecimento das commoçoens politicas occorridas no territorio visinho tinha determinado que se algũa força pertencente ao partido derrotado viesse acoutar-se entre nós, lhe fosse concedido o amparo em taes casos indicados pelos principios de humanidade, que toda essa força ao passar a linha fosse immediatamente desarmada. Com estas condiçoens permittiu o Commandante da Fronteira Bento Gonçalves da Silva, que Lavalleya ja passasse aquem dos limites do Imperio, acompanhado de quatrocentos de seus sectarios. A isso não podia deixar de annuir o General Rivera que á frente do exercito da Republica perseguio a Lavalleya até a linha divisoria dos dous Estados: mas a condição

com que fôra concedido o asylo, não se observou: com a promptidão, e rigor necessario, e como prova dessa falta de observancia refere o Marechal Barreto no citado officio de 5 de Setembro de 1834 "que na mesma occasião em que acabavão os refugiados de passar o Jaguarão, um Tenente conhecido por suas atrocidades, e pelo nome de Indio Lourenço Vaqueano se apartou da força inimiga com uma escolta de 16, ou 18 homens, e voltando para o Estado Oriental principiou a roubar e a assassinar pelo interior da Campanha." O Commandante da fronteira participou ao General Rivera a fuga do Indio Lourenço, e prometteo prendel-o se voltasse ao territorio Brasileiro: voltou; e voltou impunemente porque tal prisão nunca se realisou, assim como posteriormente se não puzerão em execução ou executarão mui fróxamente as medidas ordenadas pelo Presidente da Provincia para tolher os imigrados dos repetidos actos com que procuravão suscitar um rompimento de hostilidades entre a Cisplatina e o Imperio. Em dias de Dezembro (por exemplo) do anno de 1832, uma partida de cinco imigrados, commandada por Thomaz Borges, official de Mes (?) sahiu de Serrito, e foi devastar o departamento de Serro Largo, roubando e assassinando. Acontecimentos analogos a este e o procedimento de Bento Gonçalves e de outras autoridades da fronteira fizeram tomar corpo, e engrossar o boato de que nesse dito mez serião de noite surprehendidas todas as guardas do Estado visinho postadas na linha do Jaguarão para o que na fronteira do Rio Grande do Sul se reunirão forças compostas de Brasileiros e estrangeiros, tendo por fim um tal attentado o promover e suscitar a guerra de uma maneira mais efficaz. Apenas o capitão Mazarredo participou esta noticia ao Governo da Provincia, chamou o Presidente perante si o Coronel Bento Gonçalves da Silva, para dar informaçoes a cerca desse objecto na qualidade de Commandante da fronteira, onde se dizia haver os mencionados preparativos. Negou o Coronel a existencia do facto, e persuadido o Presidente de que era falso quanto se lhe havia dito, ou escrito sobre tal objecto. Entretanto é para notar o despeito com que Bento Gonçalves já havia respondido ao Coronel José Rodrigues Barbosa á cerca do mesmo assumpto — "Cumpre-me (escrevia o conspirador a 16 de Dezembro de 1832) dizer a V. S.^a que taes reúnioens, e planos de que faz menção em seu officio, só podem ter cabimento nas cabeças dos satellites de Fructuoso Rivera, que desgraçadamente rodeião o capitão Mazarredo de cuja boa fé abusão para nos distrhiem, porem prompto conhecerão esses perversos a san politica do Governo Brasileiro de quem unicamente dependo." Queria tambem com estas

ultimas expressões indicar o caudilho que sua missão immediatamente confiada pelo Governo Suprêmo não estava sujeita á inspecção do Administrador da Provincia? Note-se porém que é desse chamamento a Porto Alegre que tratão as cartas já citadas de Garzon e Padre Caldas a Lavalleja, com data de 2 e 4 de Janeiro de 1833: e note-se outrosim que já nesse tempo Lavalleja e seus sequazes tinham emigrado para o territorio do Brazil, como dito é, e das mesmas cartas, e de outros documentos se prova. A principio intenderão o Commandante das Armas e o Presidente da Provincia que mui graves inconvenientes poderião resultar da litteral execução do Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio de 3 de Novembro de 1832, pelo qual se determinava a remoção daquelles emigrados para o interior da Provincia. Facil é julgar-se na verdade haveria ou não perigo em derramar pelas povoações uma tropa estrangeira, indisciplinada, habituada a crimes e professando as idéas mais subversivas da ordem social. O perigo era tanto maior quanto mais se fazia sentir a falta de tropa necessaria para a manutenção da segurança interna, e guarda da fronteira, onde se commetiam todos os crimes com a mais completa impunidade. Conservados pois os emigrados em um, ou mais grupos na posição em que tinham sido collocados, achavão-se separados de contacto com o resto da Provincia, e podião ser vigiados pela nossa ainda que mui diminuta força que se aquartelava proximo á fronteira. Factos posteriores com tudo obrigarão o Presidente e Commandante das Armas affrontando com o perigo que se lhe antolhava no derramamento dos emigrados pela Provincia, mas antes de relatar esses factos releva expor o procedimento de Bento Gonçalves, desde que Lavalleja e seus sectarios tinham pisado os limites do Imperio. Transcreverei as palavras do Presidente no officio de 23 de Março de 1833, dirigido pela Repartição dos Negocios do Imperio. "Desde os primeiros passos que se seguirão á entrada daquelle General (Lavalleja) no territorio do Imperio conheci que tinha de lutar com muitas difficuldades, mas como a posição que me achava era duplicadamente arriscada, já pela revolução do Imperio, já pela que acabava de se operar na Republica do Uruguay, entendi que devia attender mui particularmente aos movimentos da primeira, e não estender os seus progressos, complicando-a com a ultima: por outro lado a perspectiva do partido de Lavalleja desarmado na Provincia pelo sobre-dito Coronel (Bento Gonçalves), o respeito que o Presidente da Republica á frente de mil e oito centos homens testemunhou, mandando fazer alto ás suas tropas logo que chegou ás barreiras

do Imperio, apesar das mais vivas solicitaçoens de seus officiaes para continuar a perseguir os contrarios: os mesmos elogios do Presidente e das Primeiras Auctoridades da Republica ao sobredito Coronel, a importancia de todos estes factos finalmente fallavão em favor desse official, que seria imprudencia encarar as cousas por outra forma, e não sacrificar ao silencio actos que estavam em contradição com todos estes procedimentos. Foi passando o tempo, e ora o Coronel Bento Gonçalves parecia tomar interesse pelas cousas da Nação mantendo ostensivamente a maior harmonia com as Auctoridades visinhas, ora se comportava de sorte que não deixava duvida sobre a sua parcialidade, comprometendo o Governo da Provincia em muitos actos, que nem chegavão ao seu conhecimento, nem tão pouco erão reclamados na sua presença porque a natureza deles exigia prompta reclamação perante elle mesmo, e as respostas tiravão toda a esperanza de successo: ora pela denegação dos ditos factos, ou por providencias que produzião em seu resultado o mesmo effeito: desapparecêo do acampamento por exemplo o indio Lourenço famoso facinoroso: communicou o acontecimento, mas tão tarde chegou ás mãos do official a participação, que de nada valêo, porque sendo pratico da campanha dois dias de avançada inutilizão as diligencias. Dei ordem para ser preso, se regressasse, foi protegido, contentando-se com não apparecer de dia na povoação, e a não ser assim não teria feito duas incursões no Estado Oriental do Uruguay, n'uma das quaes salvou-se a nado no Jaguarão. Reduzido por outro lado a não poder dar outras providencias pela difficiencia de força armada na Provincia, pela certeza de estarem nos interesses de Lavalleja algũas pessoas residentes na capital, achei-me na dura alternativa de continuar a ter os emigrados na Fronteira, ou de me arriscar a acontecimentos desairosos, se absolutamente insistisse na adopção de outras medidas, e ao mesmo tempo a comtemporizar com o Coronel Bento Gonçalves da Silva, cujo fanatismo por Lavalleja é tão grande que se tem persuadido de que elle deseja incorporar ao Imperio a Republica do Uruguay, e o que é ainda mais de lastimar, que o pode fazer, e o Padre Caldas, que não sei se é mais ignorante que máu, e que está sempre a seu lado como encarregado de negocios, fomenta de dia a dia idéas tão cerebrinas... O Coronel Bento Gonçalves arde em desejos de fazer um estrondoso serviço ao Imperio, sonhando com a encorporação da Cisplatina e por causa della desattendendo os verdadeiros interesses da Provincia que compromette." Deste importante documento se vê como o procedimento de Bento Gonçalves se tornava suspeito aos olhos

do Presidente da Provincia a cuja natural perspicacia não podia fugir por longo tempo tudo quanto obstava a que se levassem a effeito os pretendidos planos de incorporação da Cisplatina ao Imperio, ainda quando taes planos fossem cordiaes, e sinceros. Do mesmo documento se vê que Lavalleya solicitava soccorros de Buenos Ayres e promettia unir a Cisplatina á Liga Argentina. Era esse aventureiro leal a nós ou a Rosas? Bento Gonçalves, e Padre Caldas iniciados ambos no mais recondito dos segredos de Lavalleya não occultavão por ventura idéas e planos da republica e de separação, quando affectavão por todos os seus esforços em um sentido diametralmente opposto? O tempo não dêo infelizmente a solução deste quesito: e antes de progredir seja licito indagar por que motivo o Presidente da Provincia não procedêo com energia contra Bento Gonçalves, desde que seriamente se retirou a Lavalleya a protecção que no meu intender até certo ponto se lhe prestou não sem conviniencia da parte de nossos administradores. A debilidade de nossa organização social e circumstancias especiaes podem mui naturalmente explicar a maneira de proceder do Presidente, segundo elle mesmo ponderou no officio de 13 de Abril de 1833, dirigido ao Ministro da Justiça. Dous meios se offereciam para impedir a carreira que o Coronel tinha encetado: ou accusa-lo, ou destitui-lo do Commando da Fronteira. Para este ultimo passo não tinha o Presidente auctoridade, nem talvez fosse medida de grande efficacia pois que a influencia desse caudilho não provinha tanto do lugar que occupava, como do prestigio adquirido nas lutas anteriores da Provincia. Dar o primeiro dos passos indicados no estado geral disposição dos espiritos por aquelles tempos seria proporcionar um triumpho áquelle mesmo que se desejava castigado. Bento Gonçalves seria infallivelmente absolvido. Estava o Governo Central colocado por ventura na mesma posição? Não tinha elle meios de chamar o Coronel á Côrte, e de tomar-lhe aqui rigorosas contas do seu procedimento? O Coronel foi com effeito chamado á Côrte, mas em vez de punido foi colmado de honras, teve recompensas, e seu nome se proclamou como o de um benemerito da patria. Provinha isto da falta de forças para castigar, de persuasão de que erão puros e patrioticos os desejos de unir a Cisplatina ao Imperio ou sympathia pelos projectos ulteriormente desenvolvidos no Rio Grande do Sul? Não me atrevo a adoptar a ultima destas versoens sem a existencia de provas claras e palpaveis. Mas cumpre não antecipar os factos: e por isso exporei resumidamente os acontecimentos que induzirão o Presidente da Provincia a affrontar o perigo que se lhe entolhava

proviniente do derramamento dos emigrados pela Provincia. Alem dos factos já indicados cumpre lembrar os seguintes. Em dias de Dezembro de 1832 ou Janeiro de 1833 um subdito do Estado visinho de nome D. Manoel Martins veio tratar de negocios particulares a S. Francisco de Paula (hoje cidade de Pelotas): e passando no Serrito pela casa de Bento Gonçalves ahi achou hospedado D. Eugenio Garzon, e outros officiaes emigrados da Cisplatina. A tres legoas de distancia foi alcançado por dous daquelles officiaes, armados, os quaes exigião de Martins a entrega da correspondencia de seu Governo: e como elle affirmasse que nenhũa correspondencia levava lhe derão busca, e nada com effeito acharão. No dia 4 de Janeiro de 1833 alguns emigrados entrarão no territorio da Republica, e ahi roubarão tres mil pesos em prata, muitas joias de valor, fazendas, e cem cavallo pouco mais ou menos. Já se referio que o Presidente da Provincia prevendo que sectarios do partido derrotado na Cisplatina qualquer que elle fosse teriam de procurar asylo no territorio do Brazil, tinha determinado que todos que se acolhessem á protecção do Imperio fossem desarmados ao passar a linha do Jaguarão. Assim aconteceu ao menos apparentemente com os sectarios de Lavalleja, emigrados para o Rio Grande do Sul, aos quaes o Commandante da Fronteira fêz acampar na margem esquerda do Jaguarão defronte da Guarda da Republica, circumstancia que dêo lugar a diversos desaguisados. Ordenou portanto o Presidente da Provincia que os emigrados fossem conduzidos a diversos logares interiores afim de se evitarem os acontecimentos que diariamente nos compromettião: mas essa ordem não se cumprio ex-vi das reflexoens sobre o perigo que poderia resultar de sua execução, como já se ponderou. Entretanto a existencia dos emigrados sobre a linha e os factos indicados fizeram com que o Presidente da Republica enviasse a Porto Alegre o Tenente Coronel D. Athanasio Lapido para reclamar (como disse em officio de 31 de Janeiro de 1833) contra o procedimento de Bento Gonçalves, e das outras Auctoridades que por sua influencia, ou por falta de cumprimento de ordens positivas se tinham prestado a manter em acção constante, e disposição proxima de invadir a Republica aquelles anarchistas, que protegidos pelo Jaguarão tinham tido a fortuna de escapar ás armas d'elle Presidente da Republica. D. Fructuoso Rivera terminou o citado officio pelas seguintes expressoens: "A força de meu Commando se approxima em breve á fronteira, que divide ambos os Estados, e seu comportamento será o que V. Ex.^a pode calcular por uma recente experiencia, sempre que as providencias do Ill.^{mo} Sr. Coronel Bento

Gonçalves da Silva, e as de seu Governo sejam as que espero, e a justiça reclama para a satisfação do meu, para socego de territorio fronteiro, para escarmiento dos anarchistas, e conservação da paz, que felizmente existe; e que nunca seja perturbada entre a Republica do Uruguay, e o Imperio do Brazil!" As arguiçoens deduzidas pelo Ministro das Relações Exteriores da Republica D. Santiago Vasquez, consistião os seguintes artigos: 1.º a reunião dos emigrados junto a linha do Jaguarão de modo que os emigrados da Republica depois de vencidos achavão-se em melhor posição para offender: 2.º a designação dos emigrados pelos titulos honorificos de que gozavão antes de se revoltarem contra o legitimo governo de sua patria: 3.º a expressão dada em documento official — requizitei ao Coronel Garzon — a qual expressão parecia indicar que este caudilho dos emigrados conservava auctoridade sobre elles como se fosse o chefe, ou Commandante de uma tropa regular: 4.º a impunidade do emigrado que tinha disparado uma pistola contra o official portador de diversos officios do Presidente da Republica: 5.º a retirada de D. Manoel Lavalleja e de Araujo para Entre-Rios acompanhado de soldados e officiaes armados: 6.º a conducção de armas em um hiato para o Serrito, destinadas aos emigrados: 7.º e ultimo o aliciamento de cidadãos Brazileiros, e de estrangeiros residentes no Brazil para tomarem parte nas criminosas tentativas dos emigrados contra a Republica. A estas arguiçoens respondêo o Presidente da Provincia em nota de 21 de Março de 1833 pela maneira seguinte. Emquanto á reunião dos emigrados junto ás divisas do Imperio com o Estado visinho teve essa medida o feliz resultado de facilitar o regresso ao seu paiz natal de alguns centenaes de individuos comprehendidos na amnistia concedida pelo Governo da Republica, sendo certo que elle Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul tinha posto todo o peito na dispersão dos restantes por tal modo que desde Janeiro desse anno tinha-lhes suspendido todos os soccorros que até esse tempo não podia recusar sem nota de inhumanidade. A designação dos emigrados pelos titulos de que gozavão antes de se rebellarem não podia induzir a acreditar que seja dada por ordem expressa do Governo: é filha unicamente do habito: é uma expressão involuntaria de uma auctoridade subalterna, que pouco habituada ás correspondencia official dos mesmos termos de que usava na conversação familiar. A expressão — requizitei ao Coronel Garzon — provinha da ordem dada pelo Presidente para que as auctoridades se dirigissem aos cabeças dos emigrados sempre que

fosse necessario realizar a identidade de algum delles acusado de haver commettido crime: isto unicamente com o fim de não demorar, ou frustar a apreensão do individuo de que se tratasse. A impunidade do emigrado que havia disparado um tiro de pistola sobre o official portador de officios, não podia ser levada em conta ao Governo, quando tal impunidade tivesse logar. O caso estava affecto, como de direito, ao Poder Judiciario: e se de parte dos Juizes houvesse prevaricação a tal respeito, o Presidente obraria como era de seu dever. D. Manoel Lavalleya e Araujo não tinham levado em sua companhia soldados, nem officiaes armados. Pelo que dizia respeito ás armas conduzidas para o Serrito no hiato S. José de Alegria, negocio em que interviera o padre Caldas, conhecido agente de Lavalleya, tinha-se apreendido o armamento por ordem do Presidente da Provincia, e tinha-se igualmente ordenado a formação de processo contra os que haviam tomado parte em semelhante feito. Em quanto aos que alliciavam Brasileiros, e estrangeiros residentes no solo do Imperio para ajudarem e favorecerem as correrias, e invasoens do inimigo no territorio da Republica iguaes ordens de processar a taes alliciadores tinham sido tambem expedidas sem que dos attentados impunemente commettidos pelo Indio Lourenço, e outros se podesse com razão deduzir algũa consequencia á cerca de auxilios ou conivencia de Autoridades do Brazil nesses mesmos attentados pois que a extensão das fronteiras e o deserto dellas facilmente indicavão donde provi ha a impunidade dos crimes de que se tratava. Demais elle Presidente tinha dado todas as providencias compatíveis com as suas forças, e auctoridade para fazer cessar um tal estado de cousas, providencias que segundo o testemunho do mesmo Coronel Possolo tinham produzido o desejado effeito. Ponderava mais o Presidente que o Governo da Republica sabia por experiencia propria a difficuldade de punir aquelles criminosos e que subditos da mesma Republica tinham praticado actos semelhantes no territorio Brasileiro sem que o Governo do Imperio tivesse dahi levantado uma questão com o Governo do Estado visinho." Não pretendo fazer redarguiçoens (dizia o Presidente em uma das citadas Notas) mas não posso deixar de excitar a recordação de V. Ex.^a para o soffrimento dos fazendeiros situados nas visinhanças de Quarahim, causados pelos indios da Bella União. A natural tendencia dos indigenas para a rapina, a particularidade de terem pertencido ao territorio do Imperio, d'onde desertarão, e outras circumstancias mais, tudo annunciava de antemão que tinhamos de lutar continuamente com uma cabilda de salteadores, collocada

frente a frente: os factos justificão os receios e apesar das repetidas aggressoens, só nos desasombramos de um mal tão imminente depois que voltarão as armas contra o proprio Governo da Republica do Uruguay. Compare V. Ex.^a as reclamaçoens, e terá a bondade de observar que sem involver o Governo nestes acontecimentos, nunca se dêo aos factos revoltantes que se praticarão, outra côr que a que lhe era propria.”

Menos explicitas e menos concludentes que fossem taes explicaçoens, não podião deixar de ser bem acolhidas pelo Presidente da Republica pois que de Entre-Rios o ameaça Lavalleja ao mesmo passo que D. Athanasio Lapido confessava que o deficit nos rendimentos publicos não consentia o têr longo tempo em armas cerca de tres mil homens com os quaes D. Fructuoso se aproximava de nossa fronteira. Lapido instava por esta razão para que se dessem as providencias reclamadas quanto antes, contestando-se depois as arguiçoens deduzidas em as notas do Ministro Vasquez, A isto annuo o Presidente da Provincia. A justiça da causa fez com que ele dissimulasse as ameaças indirectas de nossos visinhos: e a isso tambem o impedia a falta de forças necessarias para tomar outra posição na mesma conjectura em que o mais vivo e o mais verdadeiro resentimento de uma proxima revolução lhe dominava o espirito. As providencias porém que se derão, acho consignado no officio endereçado sob n.^o 78 de 16 de Março de 1833 ao Marechal Commandante das Armas Sebastião Barreto Pereira Pinto. O General recebeu ordem de partir para a fronteira onde devia executar as disposiçoens constantes do citado officio, fazendo com que os chefes Eugenio Garzon, Santa Anna, Verdun, e Calengo se retirassem para a capital da Provincia, ou desarmados para fóra do Imperio, fazendo com que os outros emigrados fossem dispersados por logares mais remotos da fronteira do que os pontos até então por elles occupados, fazendo com que o armamento dos refugiados fosse entregue ás auctoridades do seu paiz, ou remettidos á Porto Alegre para onde se devião tambem remetter as armas antecedentemente enviadas a Bento Gonçalves, e fazendo com que o Padre Caldas transferisse sua residencia das visinhanças do Jaguarão para outro qualquer logar ao menos por um, ou dous mezes. Marchou pois o Commandante das armas para Jaguarão; mas como quando estas cousas se passavão outros acontecimentos vinhão complicar mais o estado dos negocios. O Indio Lourenço, facinoroso de cujo nome já se fez menção, á frente de quarenta e tantos individuos a cavallo, e armados aproximou-se de Bagé procurando primeiramente atrahir

para fóra da povoação o Capitão Mazarredo e retirando-se com celeridade, quando pessoalmente conhecêo que os habitantes estavam prevenidos, e se aparelhavam e resistir. Isto houve logar na tarde de 26 de Fevereiro de 1833 e pelo meio dia tinham os mesmos salteadores roubado o capitão Manoel Alonso, e pretendido assassina-lo assim como o seu irmão o Tenente Anacleto. A circumstancia de serem emigrados quasi todos os individuos da quadrilha de Lourenço, a tentativa de atrahir o Capitão Jorge Mazarredo certamente com o fim de tirar-lhe a vida, e ameaças, que ao mesmo Lourenço foram ouvidas contra a pessoa do Coronel José Rodrigues Barbosa, muito bem provão que o indio ao menos ostensivamente ainda servia a causa de Lavalleja no dia 26 de Fevereiro, mas não acontecia assim no dia 18 de Março de 1833, em que elle foi o guia dos invasores, que dentro do territorio do Brazil vierão apprehender alguns Emigrados e commetterão outros attentados, como já se referio. O procedimento do Indio Lourenço e todo este mesmo successo foi explicado por dous modos diversos. Segundo as participações de Bento Gonçalves a força invasora excedia a sessenta homens nos quaes vinha uma companhia do Regimento, commandada por Possolo, e tres officiaes do mesmo Regimento alem do ajudante Gallo, que commandava essa força. A serem verdadeiras estas circumstancias parece evidente que o movimento foi ordenado pelo Governo da Cisplatina e que a esse tempo os serviços do indio Lourenço já tinham sido aceitos pelo pelo mesmo Governo. O Presidente da Republica negou porém a sua intervenção nos actos do indio Lourenço como adiante veremos. Neste ensejo porém o Coronel Bento Gonçalves apenas teve conhecimento daquelles actos dirigio-se a todos os Juizes de Paz da fronteira para que "tomasse (dizia elle em officio de 19 de Março ao Commandante das Armas) as medidas que o caso pedia entretanto elle marchava a occupar um ponto medio na fronteira para fazer junção, e repellir qualquer attentado." O Coronel chegou a exigir do Juiz de Paz de Cangussú que á frente das forças que lhe fosse possível reunir" se fosse collocar junto das margens do Candiota ao pé da estancia a que esse rio deu o nome: e nas participações dirigidas ao Presidente da Republica requizitava que uma barca canhoneira conduzindo armamento para a gente reunida fosse estacionar nas aguas do Jaguarão. A vista dessas participações e das participações do mencionado Juiz de Paz do Cangussú Francisco José Pinto Braga, convocado a Conselho do Governo, tomou o Presidente as medidas convinientes a manter a paz no paiz, e fazer respeitar o territorio da Provincia, como se

exprime a Acta da sessão daquelle Conselho celebrado em 26 de Março. O Commandante das Armas já tinha recebido ordem, como ditto é, para se dirigir ao Jaguarão e já tinha sahido da Capital com esse destino, mas agora se lhe expedio ordem de permanecer naquella fronteira até que se lhe desse ordem em contrario, ou algum caso importante exigisse imperiosamente a sua presença em outro lugar. Os objectos requisitados por Bento Gonçalves foram entregues á disposição do Marechal a quem se incumbio de fazer com que o Coronel se contivesse nos limites de sua jurisdição, abstendo-se de qualquer acto de que podesse resultar compromettimento a paz da Provincia e do Imperio e persuadindo-se de que naquella conjuctura se tornava mais que nunca necessario o exacto cumprimento do que lhe havia determinado á cerca da disposição dos refugiados, os quaes deviam ser distribuidos por S. Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, e Rio Pardo. Ao mesmo tempo o Presidente da Provincia exigia do Presidente da Republica as explicaçoens necessarias a cerca desse attentado do dia 18 de Março, e reclamava a restituição dos individuos por esse attentado nesse dia apprehendidos junto do Arroio Grande, territorio do Imperio. Dava-se força a estas exigencias, e reclamaçoens pelas instancias com que o Governo da Cisplatina tinha urgido á cerca do desarmamento, e disposição dos emigrados. Parecia que aquelle Governo os queria sem armas e separados para mais facilmente commetter a violação do Direito das Gentes perpetrada pelo indio Lourenço. "O cunho da trahição (dizia o Presidente da Provincia ao Presidente da Republica em 26 de Março de 1833) e covardia que caracterizão este feito, davão-me direito para exercer a mais completa represalia, mas ponderando que nem o Governo da Republica do Uruguay, nem mesmo V. Ex.^a podião ter a menor parte em um acto tão hostil, quanto singular, e fiel ao mesmo tempo aos principios que tenho sempre adoptado de não dar aos factos outra côr que a que elles offerecem, determinei-me aproveitar da oportunidade de proximidade de V. Ex.^a á fronteira para reclamar a devida satisfacção e exigir de V. Ex.^a a restituição dos individuos capturados no territorio do Imperio." Mas antes que o Marechal Commandante das Armas tivesse chegado ás margens do Jaguarão um novo attentado commetido no territorio do Estado visinho nos vinha expellir da vantajosa posição diplomatica em que nos havião collocado os actos do indio Lourenço. Os emigrados que havião sido apprehendidos no territorio Brasileiro por este facinoroso poderão evadir-se, e regressarão para o seu anterior asylo, onde em chegando se reunirão a outros emigrados, e

passando á Cisplatina reforçados com mais de cem Brasileiros no dia 7 de Abril acommetterão o Serro Largo e poserão cerco ao quartel para onde se tinha acolhido a tropa existente na villa. Os sitiados resistirão por alguns dias, mas a falta de provisões os levou a renderem-se. Forçoso é confessar que os sectarios de Lavalleja foram coadjuvados nesta empresa por forças do 4º Corpo de Cavallaria de 1ª linha commandado então por Bento Gonçalves. O Tenente da extincta 2.ª linha José Theodoro da Silva Braga commandava uma companhia de Guardas Nacionaes de que tambem era Tenente e fôra encarregado de guardar parte da linha do Jaguarão, mas desamparando seu posto marchou para o dito quartel de Serro Largo e teve o desacordo de escrever ao Major Vinhas, um dos sitiados, intimando-lhe que se rendesse pois que alli se achava elle com os seus bravos Brasileiros para vingar os insultos feitos á Nação, pugnar pelos direitos della. José Theodoro offerencia condiçoens, e promettia affiançar ao Coronel Possolo a inviolabilidade de sua pessoa, e conduzi-lo para São Francisco de Paula ou para outro qualquer ponto da Provincia á sua escolha, prestando-lhe quanto necessitasse. Pouco tempo estiverão os emigrados senhores do Serro Largo porque se de um lado se lhe diminuia a força com a retirada dos Brasileiros, do outro se approximava o General Rivera á frente do exercito. Perseguidos por este dirigião-se os sequazes de Lavalleja ao seu costumado asylo. No dia 22 de Abril chegava o Marechal Barreto á linha do Jaguarão e no seguinte ou no mesmo dia forão os emigrados constrangidos a passar aquem desse Rio precipitadamente com a perda de alguns homens, muniçoens, armamento, roupa, e cavallo. O Presidente da Republica postou-se alem do rio e o Marechal foi comprimenta-lo ao seu acampamento, dando logo principio á Commissão de que fora encarregado. O Presidente da Republica deu as explicaçoens exigidas pela nota de 26 de Março, relativamente ao attentado commettido pelo indio Lourenço, junto ao Arroio Grande, negando a intervenção do Governo da Republica ou d'elle Presidente naquelle acontecimento. Affirmou Rivera alem disso que por intermedio do commandante Geral da Fronteira do Estado visinho sollicitava Lourenço d'elle Presidente um indulto para si, e seu sequito: que esse Commandante pensando ser conviniente á tranquillidade do paiz o desviar-se das fileiras dos rebeldes a Lourenço, e sua quadrilha havia instado para obter, como obtivera o tal indulto, ou perdão; e que entretanto o indio para dissipar os meios que podessem haver á cerca de sua bôa fé, e adhesão á causa a que desejava pertencer, e sem saber como da parte da Republica seria

recebido um tal procedimento commettêra os attentados do dia 18 de Março. D. Fructuoso acrescentava que tinha motivos para duvidar da certeza *dos demais adherentes* (são expressoens de Rivera) *da hostilidade*, com que no officio do Commandante da Fronteira é *acompanhado e attentado* elle pensava que Lourenço tinha tido por cúmplices alguns desertores das tropas de linha da fronteira e um official fugido (*hoy profugo*); e asseverava que mandára averiguar os factos, e prender os criminosos; o que não poderia ter logar em consequência da represalia commettida pelos emigrados e subditos do Imperio, posto que o Governo da Republica estivesse na deliberação de punir aquelles réos, que ainda se achassem no seu territorio. Estas explicaçoens deviam ser acolhidas tanto pelas circumstancias em que nos achavamos, como porque era impossivel negar a cooperação que tinha dado o Coronel Bento Gonçalves e por ventura algumas outras auctoridades da fronteira nos successos de 7 de Abril de 1833 e dos dias seguintes. Alem de haver tomado parte naquella aggressão um official e praças de Guardas Nacionaes e de 1.^a linha, como ditto é, não era possivel que os emigrados adquerissem armas e cavallo e desaparecessem dos logares que lhes tinham sido designados, sem que tal cousa fosse conhecida dos Juizes de Paz aos quaes fôra incumbido vigiar sobre os mesmos emigrados devididos em turmas. Porque motivo o Coronel Bento Gonçalves participando ao Commandante das Armas que no dia 6 de Março havia dispersado os emigrados fallou da reunião delles depois do dia 18 como de um facto, que lhe tinha sido absolutamente estranho, e sem declarar o dia em que os mesmos emigrados tinham tornado a passar o Jaguarão, passagem que teve logar na noite de 5 para 6 de Abril? Porque ommitio o Coronel na sua participação que Brasileiros tinham entrado na empresa? Não seria apocripho o documento produzido por Bento Gonçalves com instrucçoens de Rivera a Possolo, para invadir e assolar a Provincia do Rio Grande do Sul? Não era isto mais um meio de exagerar o perigo e de legitimar o procedimento que tivera, mandando pôr em armas toda a fronteira depois dos acontecimentos de 18 de Março? O indio Lourenço vendido ora a um, ora a outro partido não teria de accôrdo com Bento Gonçalves apreendido alguns emigrados no territorio Brasileiro para dar occasião a todo esse alarma, a um rompimento pelo Coronel tão desejado?

Prosigamos no fio da historia. Dadas as explicaçoens acima indicadas concluiu o Marechal Barreto as suas communicaçoes com o Presidente da Republica á satisfação deste pois que em cumprimento das ordens do Presidente da Provincia forão entregues

á Rivera as armas aprehandidas aos emigrados, e destes uns sahirão para fóra do Imperio e outros forão conduzidos para logares mais remotos da linha divisoria. O Marechal restituiu uns trinta prisioneiros que tinham sido conduzidos do Serro Largo: mas cumpre notar que antes de terminado este negocio ainda esteve elle a ponto de romper-se em consequencia de uma nova irupção de emigrados no Estado visinho, os quaes dirigidos por um official de nome Francisco Menna, forão receber as cavalladas do Exercito Oriental, com o fim de irritar o Governo de Rivera e induzi-lo a commetter hostilidades em represalia. Não acontecêo porém assim: o Presidente da Republica retirou-se da fronteira e o Commandante das Armas veio estacionar em Bagé.

Lancêmos agora os olhos para o estado interno da Provincia do Rio Grande do Sul.

D. Manuel de Olazabal, que commandára a expedição do Serro Largo, encarregado por Lavalleja de tomar o commando de sua gente homisiada no Rio Grande do Sul, entrava por esta Provincia como por um paiz alliado e dirigia-se á fronteira de Jaguarão a tomar com effeito o commando dos emigrados. O Coronel D. Adão Rodrigues era enviado pelos irmãos Lavallejas ao Coronel Bento Manoel Ribeiro a pedir dinheiro, armamento e faculdade de reunir gente. A dignidade nacional exigia do Presidente da Provincia que fizesse expellir do territorio do Brazil os dous emissarios de Lavalleja, e assim se fêz: mas o espirito da deslealdade lavrava cada dia com mais força. Tinha-se reapoderado de alguns mesmo em quem o Governo havia posto confiança. Sirva de exemplo o segundo Commandante da Companhia de Guardas Nacionaes Permanentes, o Tenente Fagundes, que não satisfeito com professar os principios dos revolucionarios, procurava angariar proselitos, recommendando-lhes que se unissem ao Padre Caldas, que havia encetado a gloriosa empresa de libertar os Rio-Grandenses. Fagundes que por um acto de valor tinha sido agraciado com a insignia de Official da Ordem do Cruzeiro, gosava de uma certa celebridade, e tal era a fraquêza de nossas administraçoens que o Presidente não se atrevêo a destitui-lo pelas relaçoens que esse conspirador tinha com muitos outros interessados (disse o Presidente) e por julgar mais conveniente aguardar oportunidade para o mandar em commissão a qualquer logar. Lavalleja procurando meios pecuniarios em Buenos Ayres offerencia pagar em gado no territorio do Brazil: e mostrava cartas de officiaes de nossa fronteira em cujo apoio se firmava a sua empreza, segundo elle mesmo propalava, acrescentando que

toda a Província do Rio Grande do Sul estava prompta a constituir-se. E na verdade se a habilitação de um paiz para constituir-se está sómente em ter dispostos elementos para a explosão da anarchia, e da guerra civil, releva confessar que o caudilho tinha razão. As primeiras auctoridades da Província o reconhecerão. O Commandante das Armas, em 17 de Maio escrevia de Bagé ao Presidente da Província pela maneira seguinte: "Partidas de salteadores repetidamente passam ao Estado Oriental, e regressão carregados com os despojos das infelizes victimas de seus crimes. Os Juizes de Paz ou por desleixados, ou porque se receem, ou falem forças ou provas, são apathicos a taes procederes, que podem novamente envolver esta Província e o Imperio em serios compromettimentos com o Estado visinho. Os assassinatos por estes districtos são tão frequentes que V. Ex.^a se horrorizará se chegassem ao seu conhecimento, e mais ainda vendo passear impunes os criminosos. O uso das armas brancas, e de fogo passa por um adorno de que se não pode prescindir."

O Presidente da Província em officio de 26 de Maio pondo na presença do Governo Supremo pela Repartição dos Negocios do Imperio o officio, que acaba de citar-se, acrescenta: "Hoje me chega a noticia que dous Juizes de Paz foram assassinados em acto de seu officio, um delles acompanhando em pessoa alguns presos. O Juiz de Paz de S. Gabriel tambem foi assassinado, indo de jornada para a sua fazenda. Diversos estancieiros ricos, paes de numerosas familias, tambem o forão, ha poucos dias: n'uma palavra não ha segurança fóra das grandes povoações. Pelo que respeita aos emigrados dei as providencias que estavam ao meu alcance: convem porém prevenir a V. Ex.^a que são conniventes alguns Juizes da Fronteira de Jaguarão nos acontecimentos que tem ali havido. Com taes empregados que posso eu fazer?" Se na verdade o aspecto da Província pelo que respeita á segurança do individuo nada tinha de agradavel, o seu aspecto politico ainda olhado simplesmente debaixo das relações exteriores com os nossos visinhos da Republica do Uruguay não era menos carregado, e sombrio. "O Coronel Bento Gonçalves da Silva (segundo relata o Presidente da Província em officio de 27 de Abril endereçado ao Ministro de Estado dos Negocios do Imperio Nicolau Pereira de Campos Vergueiro) tinha illudido todas as ordens, tinha abusado da sua autoridade, tinha atemorizado os povos da fronteira, fazendo considerar a Província que elle só abysmava, e perdia, fomentando por todos os modos o partido de Lavalleja, inculcando

o Presidente da Republica como um inimigo mascarado, e attribuindo-lhe planos que podiam ser acreditados em outra epoca, mas que na presença das circumstancias então existentes nenhum conceito merecia.” As cousas tinham tomado na verdade um tal andamento, e Bento Gonçalves obrava já com tal despejo, que por officio de 30 do mesmo ditto mez de Abril dirigido ao Marechal Commandante das Armas ordenou o Presidente que o Coronel fosse suspenso do Commando da fronteira. O Presidente já havia proposto ao Governo a necessidade de chamar este Official á Côrte: mas já vimos igualmente como o resultado desta medida foi todo em proveito do conspirador, e de seus sequazes. Entretanto a decidida resolução que mostrava o Presidente de fazer cumprir com toda a exactidão as ordens do Governo Imperial a cerca da não intervenção em negocios da Cisplatina, era interpretada como indício claro, e seguro de suas idéas, e sentimentos contrarios ao fatal demagogismo de que o Rio Grande do Sul se deixava largamente apoderar. Ser favoravel a Lavalleja era prova de liberalismo. Os que opinavam pela sustentação do governo legal na pessoa de Fructuoso, eram tidos por servís, e por consequencia avessos, e oppostos ás idéas luminosas, e patrioticos sentimentos de separação, independencia e federação. Não era necessario mais para que animosidade se desenvolvesse contra o Presidente da Provincia o qual em consequencia disso pediu demissão, persuadido de que ao menos deste modo evitaria calculadas desobediencias, acintes, e provocaçoens directas, o que tudo era o menor mal porque teria de passar continuando na Administração da Provincia, pois a não se darem providencias tomadas pelo Governo do Imperio ou uma guerra para que não estamos preparados, teria logar, ou a revolução era inevitavel. “Se o Governo de Sua Magestade o Imperador (dizia o Presidente em officio de 17 de Junho de 1833) não der providencias adequadas ao mal, que está eminente, se a questão do Estado Oriental não for mui seriamente considerada, ou a Nação tem de sustentar uma guerra promovida de proposito, aqui, ou de vêr a provincia entregue aos horrores da guerra civil.” Os factos continuavam a comprovar as asserçoens do Presidente pois que em Julho seguinte D. Manoel Lavalleja já accommettia, saqueava e destruia a villa de S. Servando auxiliado nessa empreza por muitos Brasileiros entre os quaes se distinguia o capitão de Guardas Nacionaes José Theodoro de quem já se fallou tratando do accommettimento do Serro Largo, assim como os alferes Jeronimo Vieira Nunes e João Teixeira: e note-se antes de passar adeante que o capitão José Theodoro a esse tempo

acerrimo Lavallejista conhecendo depois quanto andava errado, e tendo se desviado depois para outra senda pagou com a vida o arrependimento segundo geralmente se disse na Provincia, e consta da participação official do homicidio endereçada ao Presidente da Provincia pelo Major Commandante da Guarda Nacional do Jaguarão João da Silva Tavares aos 26 de Dezembro de 1834, e das referencias publicadas em o n.º 12 do Correio Official da Provincia de S. Pedro de 28 de Janeiro de 1835.

Assim caminhavão pois as cousas quando em 24 de Outubro de 1833 tomou posse da Provincia do Rio Grande do Sul o Desembargador José Mariani. Com antecendencia tinha elle escripto á Camara Municipal da Cidade de Porto Alegre para saber se com effeito lhe seria dada, ou denegada a posse, procedimento, que se pode explicar talvez pelos receios, que lhe causava a deploravel experiencia porque o tinham feito passar na Provincia do Pará, mas que servio para animar os conspiradores. Desse procedimento deduzião estes que José Mariani era menos animoso, e mais respeitador das Camaras Municipaes do que cumpria sê-lo, e na realidade era. Um successo notavel assignalou o dia de sua posse: mas antes de encetar a narração de taes acontecimentos faz-se necessario trazer á memoria o estado de agitação e receio a que os planos dos restauradores tinham levado o Brazil, pois que em face da mensagem apresentada na Camara dos Deputados pelo Ministro dos Negocios Estrangeiros o Conselheiro Bento da Silva Lisboa (hoje Barão de Cayrú) em 7 de Junho de 1833 em face do Parecer das duas Commissões de Diplomacia e de Constituição assignado aos 18 daquelle mez e anno, e em face do que então se disse, e do que posteriormente se tem sabido, é claro que projectos de restauração existião na verdade, e que se pretendia trazel-os a effeito: mas quando nenhuma realidade nisso houvesse, era sufficiente o temor causado pela persuasão de que tentativas se fazião tendentes a tal fim, para que ás fileiras dos liberaes exaltados fossem alistar-se homens, que pouco ou nada sympathisavão com o exaltamento de idéas, e sentimentos politicos exaggerados, mas que temião acima de tudo as consequencias inevitaveis para um paiz entregue a mercê de um Príncipe restaurado. As influencias pois dos restauradores offereciam um excellente pretesto para os que de todos os meios fazião uso para agitar e commover o Imperio. E' sabido que a Sociedade Militar por esse tempo instituida foi indigitada como um dos poderosos instrumentos da restauração. Sabidos igualmente são os acontecimentos de 2 e 5 de Dezembro de 1833 na Capital do Brasil: mas esses acontecimentos tinham

sido de algum modo prevenidos pelo que succedêra a 24 de Outubro na Capital do Rio Grande do Sul.

O Desembargador José Mariani tinha apenas tomado posse da Presidencia da Provincia: e a Camara Municipal com os Juizes de Paz e os Parochos, trabalhava na organização da lista dos Jurados, quando o seu trabalho foi interrompido por pessoas que entrarão tumultuariamente na sala das sessoens, e ali requizitarão da Camara que remettesse ao Presidente da Provincia um requerimento por essas mesmas pessoas e por outros assignado contra a Sociedade Militar, que tambem naquella cidade se procurava installar, a Camara annuiu á exigencia, e o requerimento foi assignado pelos Juizes de Paz que se achavão presentes, e remtido ao Presidente em officio da mesma Camara. O requerimento era assignado por cento e tantas pessoas das quaes muitas, se não o maior numero abraçarão depois o partido faccioso, ou antes primarão entre os coriphêos desse mesmo partido. Os signatarios do requerimento depois de varias reflexoens sobre a Sociedade Militar, pedião a Camara que por bem da manutenção e sustentação da tranquillidade publica, levasse ao conhecimento do Presidente em conselho tudo quanto haviam expellido, e solicitasse providencias para obstar a instalação da mencionada Sociedade, bem certos os representantes de que fazendo-se saber aos Directores da Sociedade e indignação com que o publico a olhava, disistirão de seu intento, embora não houvesse leis que taes associaçoens prohibissem. No dia 25 o Presidente em resposta devolveu a representação á Camara, notando de illegal o procedimento desta á vista do Art. 78 da Carta de Lei de 1.º de Outubro de 1828, e recommendando-lhe o exacto cumprimento de seus deveres. No mesmo dia 25 chegou ao conhecimento do Presidente, que outra reunião se fazia á porta da Camara: prevenio o Marechal Commandante das Armas já então de volta na Capital da Provincia: e mandou chamar os tres Juizes de Paz da cidade. Estes promptamente obedecerão, e um delles apresentou outra representação assignada por varias pessoas, que dizião ser do mesmo sentimento dos que haviam firmado a representação do dia antecedente. Quando porém o Presidente estava em conferencia com os Juizes de Paz ouviu gritos ao pé do Palacio e assomando-se á janella divisou um grupo de quarenta pessoas pouco mais ou menos ás quaes perguntou o que pretendião; e então começarão a entrar pela porta do Palacio. Sahio-lhes José Mariani ao encontro, e fez com que se dispersassem. Do officio dirigido ao Ministro dos Negocios do Imperio aos 5 de Novembro de 1833, consta que á cerca desse



JOSÉ MARIA DO AMARAL S. MENA



FREDERICO AUGUSTO DO AMARAL S. MENA



FRANCISCO ANTONIO DO AMARAL S. MENA

acontecimento formou o Presidente o juízo seguinte: "Não era o temor da Sociedade Militar cujos fins eu não approvo, nem as precauções contra a restauração, com que acobertavam os turbulentos auctores de tão triste procedimento que os posarão em movimento. Tinha apenas tomado posse do meu espinhoso emprego, Surprehender-me, obrigar-me a sahir das linhas da legalidade, haver por isso resistencia, ou falta desta continuação de exigencias até que se plantasse a desordem, de que tem sido até hoje exempta a Provincia, eis o que ambicionavão homens já conhecidos pelo empenho com que ha pouco, pretenderão envolver o Imperio com uma luta com o Estado visinho, cujo plano virão falhar." Parece que o procedimento anterior, e posterior de muitos, ou da maior parte dos signatários da representação confirma cabalmente o Juízo do Presidente. Insisto porém na idéa já emittida de que não poucas pessoas prestarão auxilio, e apoio ao andamento do partido revolucionario, pensando que tão sómente se opunhão á restauração, exemptas do mais leve desejo de conduzir a Provincia ao estado de anarchia em que ella se agita, ha oito para nove annos. O mesmo Desembargador Mariani, declarou, como se vio acima, que não approvava os fins da Sociedade Militar, e no discurso de abertura da immediata Sessão do Conselho Geral da Provincia affirmou que a Sociedade não se installaria. Tinha obrado este administrador com dignidade e prudencia. Obsteu a que por vias de facto fosse alguém inhibido de exercer um direito qual o de reunir-se em Sociedade: mas persuadido de que a Sociedade Militar não era de todo innocente lançou mão dos meios indirectos para que tal Sociedade não se erigisse na Provincia: e nesse empenho foi muito efficaçmente coadjuvado pelo Marechal Commandante das Armas. Acontecêo porém ao Presidente Mariani o que de ordinario acontece a quem pretende guiar, e reger os negocios publicos pelo meio termo da razão, e da justiça e quando o furor dos partidos divide e inflamma os animos. Obstando as vias de facto em que pretendião lançar-se os homens de 24 de Outubro, o Desembargador José Mariani atrahio sobre si o odio desse partido, e para com os contrarios perdêo igualmente a popularidade pela declaração que fez no Discurso a que me referi. Entretanto ou não tinha merecido o assenso do Ministério a exposição de 5 de Novembro, ou tinha julgado conveniente fazer acreditar que o movimento havia sido puramente contra os restauradores, ou algúas sympathias se desenvolvião a favor dos revolucionarios. Firmão-se estas conjecturas na maneira porque o Correio Official e a Aurora Fluminense tratarão deste assumpto.

Na folha ministerial publicou-se a representação de 24 de Outubro e na Aurora Fluminense relatarão-se os acontecimentos desse dia em um artigo communicado, escrito com parcialidade, e mui graves faltas de rigor historico. Figura-se José Mariano de Mattos, que seria talvez o proprio auctor do artigo, como chamado pelos Juizes de Paz afim de ajudar-los a manter a ordem. Disto lhe derão attestados de que elle se servio como prova para mostrar e sem razão, com que José Mariani pretendia fazê-lo sahir da Província. Verdade é porem que o Major Mattos foi a alma de todo este negocio, e que já começava a executar designios, e planos em que teve grande se não a maior parte. Este official é de todos os rebeldes o mais sagaz e o mais instruido. A sua falta de valor e a circumstancia de não ser filho do Rio Grande do Sul fizeram-lhe ultimamente perder a influencia no meio de seus cumplices: mas não se pôde pôr em duvida que para incitar os animos, atrahir sequazes, organizar projectos, dar-lhes andamento, e rumo foi José Mariano de Mattos o primeiro homem de toda a rebellião. Ensaia-va-se pois nos acontecimentos de 24 de Outubro de 1833, e os Juizes de Paz que lhe ministrarão attestados a que alludi, erão conhecidos *patriotas* de que elle havia feito seus comparsas: mas porque fatalidade se desattendia sempre a quanto as primeiras Auctoridades da Província expunhão ao Governo Central sobre o estado das cousas? Porque se mandavão de novo para o Rio Grande do Sul e ahí ou se conservavão occupados em logares preponderantes aquelles individuos que mais de um Presidente, e o Commandante das Armas tinham designado por nocivo ao socêgo, e tranquillidade daquella parte do Imperio? As pessoas que se achavão nessa conjunctura á frente dos negocios do Estado, achão-se hoje na rigorosa obrigação de legarêr a posteridade a sincera e leal explicação desse procedimento.

José Mariano de Mattos permanecêo pois na Cidade de Porto Alegre, e a Província continuou a apresentar os mesmos symptomas de proxima erupção.

No mez de Março de 1834 a Camara Municipal de Alegrete recusava dar posse do lugar de Juiz de Direito da Comarca de Missoens ao Bacharel Agostinho de Souza Loureiro difinitivamente nomeado pelo Governo Imperial: e esse procedimento era dictado pelo Bacharel Francisco de Sá Brito Junior, interinamente nomeado para aquelle cargo nos termos do Art. 31 das Instrucções para execução do Código de Processo em consequência do Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça, que não obstante ser o mencionado Brito Ouvidor com posse da Comarca da

Jacobina, o mandou contemplar, como se fosse magistrado com exercicio na Provincia do Rio Grande do Sul. Em Abril do mesmo anno apesar da deliberação do Presidente em conselho tomada em sentido contrario ás pretensões de Brito, instou a mesma Camara em favor deste, endereçando ao Presidente uma representação de diversos moradores do Municipio. As razões allegadas pela Camara resumem-se em Loureiro ser adoptivo, e Brito Rio-Grandense: a razão duas vezes allegada na representação consiste no aprazimento dos povos: e na verdade a uma grande parte dos habitantes da Provincia todos estes argumentos parecião de uma força bastante para reduzir os seus adversarios ao mais profundo silencio. (1) Comtudo o Bacharel Sá Brito nada colheu de sua resistencia alem da vergonha de ter praticado um acto reprehensivel. O despeito o lançou desde então nas fileiras dos anarchistas: e na defesa de tão reprovada causa tornou-se notavel na Assembléa Provincial pelas suas opinioens, e discursos, já estravagantes, já ridiculos, já claramente comprobatorios de uma ignorancia nada compativel com os seus titulos litterarios.

Em 11 de Abril de 1834 uma representação foi dirigida ao Ministro da Guerra á cerca das cousas do Rio Grande do Sul e nessa representação dizia-se com todo o fundamento, que qualquer que fosse o partido decahido na Cisplatina viria elle procurar asylo no Rio Grande do Sul, e que ambos os partidos, que se hostilizavão no territorio da Republica eram concordes em promover a separação daquella Provincia do Imperio, posto que cada um delles entretanto se disputasse a influencia em os negocios della. Todavia deste modo explica-se a contradicção com que se depará entre a Camara de Alegrete representando a 20 de Junho de 1834, contra D. Fructuoso Rivera e seus sequazes, e entre o Marechal Commandante das Armas representando aos 23 desse dito mez e anno em sentido precisamente contrario, e totalmente adverso a Lavalleja, e seus sectarios. Rivera, e Lavalleja com seus respectivos adherentes accusavão-se mutua e reciprocamente de interesses e planos ominosos contra o Imperio: e suas accusações erão recebidas ou despresadas, conforme as sympathias pessoas ou as vistas politicas das pessoas perante as quaes se deduziam essas acriminações. Persuado-me porém de que o Marechal Barreto era leal, e sincero defendendo a Fructuoso: e com quanto igualmente me persuado

(1) Mas o Bacharel não se contentava com isso. Seus argumentos são fundados em que a Carta do Juiz de Direito definitivamente nomeado tinha sido revogada ob, e subrepticamente porque se não declarava nella que destino se dava á elle Juiz de Direito Interino; e funda-se igualmente em outras razões taes, e quejandas deduzidas de uma interpretação cerebrina de nossa legislação: o que tudo parecia calculado para dar logar a mais um acto de desobediencia, a mais um excitamento á anarchia.

de que o Marechal se illudía, forçoso é confessar que o Presidente da Republica havia respeitado pelo menos ostensivamente a lei das naçoens ao mesmo passo que seus inimigos se ligavam estreitamente com os perturbadores da ordem na Provincia de Rio Grande do Sul.

Cumpria destituir os inimigos manifestos, guardada sempre a necessaria cautella com o amigo suspeito.

Tal era o estado das cousas quando em 2 de Maio de 1834 foi empossado da Presidencia o ex-Ouvidor Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Circumstancias occorrião neste acontecimento que o tornavão por extremo agradavel aos pretendidos liberaes por excellencia. O Desembargador Braga, digno e honrado magistrado, é natural do Rio Grande do Sul: a sua nomeação tinha sido solicitada pelo proprio Bento Gonçalves, quando chamado á Côrte, como já se referio: era conhecida geralmente a bondade de character e genio do novo Presidente, qualidades, que observadores superficiaes, ou apaixonados muitas vezes confundem com a fraqueza de espirito, ou de coração: e por estas razoes entendiam os conspiradores que o Presidente seria um instrumento proprio para lhes aplanar o caminho. Em breve porém se desenganarão de que o Desembargador Braga se não deixava dominar, e desde esse momento lhe declararão a mais crua guerra. Desde a vinda de Bento Gonçalves a Porto Alegre, da qual se tratará adiante, os periodicos do tempo inspirados pelo espirito faccioso, estão pejados das mais infundadas calumnias, das mais injustas arguições, e das mais affrontosas injurias de que era alvo constante o Presidente da Provincia, e as pessoas de sua mais intima confiança, e amisade. Conhecia-se palpavelmente o deliberado intento de exarcebar, e agitar os animos até fazer brotar a anarchia naquella mesmo solo em que havião achado asylo muitos individuos afugentados de outras Provincias pelas necessarias consequencias da guerra civil. Entretanto continuarão a ser protegidos os partidos de Lavalleja apesar de que suas depredações não poupavão os Brasileiros residentes no territorio da Cisplatina, nem tão pouco respeitavão os limites do Imperio. O Presidente na sessão do Conselho Administrativo de 4 de Junho expedio ordem para que a Guarda Nacional da Fronteira estivesse prompta a repellar a invasão do partido, que demandasse armado o territorio Brasileiro, pois que um conflito se aguardava nas immedições da fronteira entre as forças de D. Fructuoso e as de seu contendor: mas a desorganização, e a indisciplina daquella Guarda de per si era mais que sufficiente para nos explicar a impunidade dos

insultos contra nós commettidos pelos sequazes de Lavalleja. Este caudilho ao levantar o acampamento de Jaguarão Chico em 30 de Agosto enviava para aquem do Rio Negro uma partida commandada por João de Santa Anna, que no dia seguinte roubou as cavalhadas de Rincão do Pirahy, marchando logo depois a reunir-se ás de que tinha sido destacado. As cavalhadas de João Antonio Martins forão igualmente roubadas de sua estancia do Candiota pela mesma gente. Em dias do ditto mez de Agosto achando-se os anarchistas da Cisplatina acampados do lado de cá do Jaguarão nos campos denominados Contracto, pertencentes á familia dos Paivas, ali veio ter o Brasileiro Ignacio Cabral, residente no Estado Oriental, o qual trazia um officio de Rivera para Lavalleja. Os sectarios deste prenderão a Cabral ameaçarão-no de morte, e o fizerão marchar alguns dias com elles armado de lanceiro. "Este facto (continua o Marechal Barreto no officio endereçado ao Ministro da Guerra em 4 de Setembro de 1834) foi-me relatado pelo mesmo Cabral e é tão publico com todas as particularidades de logar, e tempo, que serve de testemunho solemne da infidelidade das participações dirigidas pelas Auctoridades da Fronteira do Rio Grande ao Ex.^{ma} Presidente da Provincia, que affirmavão não estarem os anarchistas Orientaes no territorio da Provincia, e prova concludentemente a directa cooperação, que lhes prestavão, e a sua culposa connivencia." Acresce a estas circumstancias que o General Rivera sabendo em Aceguá, a direcção que tomava Lavalleja mandou a D. Ignacio Oribe em seu seguimento e o Presidente da Republica á frente de duzentos homens dirigio-se para o Passo do Valente, donde convidou o Marechal Barreto para uma conferencia, que parece ter tido logar em 25 de Setembro de 1834, mas de cuja historia nada posso consignar aqui, por me não terem sido communicados os documentos respectivos. O Presidente da Provincia porem considerando quanto havião sido inuteis os esforços tanto proprios, como de seus antecessores para fazerem cessar a continua agitação da fronteira, e ponderando que de novo se achava ameaçado o Imperio com uma guerra externa para a qual não estava melhor preparado do que durante a presidencia do Senador Galvão, deliberou levar á execução a idéa por este administrador já indicada de ir á fronteira o Presidente em pessoa e de envidar todas as suas forças para dar um golpe terminante num estado de cousas cada dia menos suportavel e mais ariscado. Dirigio-se, pois, o Presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga para Jaguarão, mas durante sua ausencia successos desagradaveis tiverão logar em Porto Alegre.

No dia 1.º de Setembro o Tenente-Coronel Commandante da Guarda Nacional daquela Cidade Silvano José Monteiro de Araujo e Paula, um dos revolucionarios mais entusiastas, mandou prender tres guardas os quaes sendo conduzidos até á porta da prisão (uma das salas do quartel do Batalhão de Caçadores n.º 8 de 1.ª linha) recusarão entrar sob pretexto de ser ella fechada como xadrêz, e como tal impropria para correcção de simples faltas commettidas em serviço. O Tenente-Coronel sabendo que os prêsos resistião ás suas ordens, e que grande parte da Guarda se havia reunido a elles, bem longe de usar dos meios convenientes foi ao logar da prisão e pretendendo constringê-los a obedecer, como quer que puzesse mãos violentas em um delles, ou injuriasse, deu motivo a ser insultado com bofetadas pelos seus proprios subditos e de parte dos quaes suas maneiras pouco attenciosas e altivas alem da differença de opinioens politicas já de ante-mão lhe haviam suscitado má vontade: e talvez perderia a vida a não acudir-lhe a Companhia da Municipaes Permanentes. Não passarei adiante sem reprovar altamente o procedimento gravemente criminoso dos Guardas Nacionaes de Porto Alegre, tanto mais digno de aspero castigo quanto é certo que ostentando-se desta sorte valentes, e denodados para acabrunharem um só homem forão igualmente promptos a fugir ás vozes da Primeira Auctoridade da Provincia, quando esta os chamava para combater, e debellar as cohortes da anarchia, não anticiparei comtudo os factos, e voltando ao successo que relatava importa ponderar que um tal acto praticado por homens de opinião contraria aos projectos de rebellião foi, como era de reccar, aproveitado logo pelos revolucionarios para sustentar e excitar cada vez mais o exaltamento de espirito, que precede sempre as commoçoens politicas. Silvano recebeu felicitações de Officiaes da Guarda Nacional de Pelotas pelo insulto porque havia passado: e na mesma Capital da Provincia fez aquelle acontecimento um grande abalo: mostrou a scisão que havia na Guarda Nacional; e receou-se que os dous partidos tivessem vindo ás mãos se não houvessem obstado a isso as diligencias das Auctoridades Policiaes. O dia 5 (diz o Presidente em officio dirigido ao Ministro do Imperio) era marcado para exercicios ao Campo da Varzea: e boatos aterradores havendo se espalhado, o Juiz de Direito Chefe de Policia, o prohibio. Esta salutar medida salvou muitas vidas porque homens turbulentos haviam alliciado algũa gente incauta de campo, fazendo-lhe acreditar que a cidade estava entregue ao partido Caramurú, e desta arte conseguirão apresentar no dia supra indicado sessenta homens pouco mais ou

menos, armados, e bem montados para cahir de improviso sobre o partido opposto ao Tenente-Coronel e conseguindo derrota-lo continuarem a commeter na cidade semelhantes attentados." O Presidente depois de observar que frequentes denuncias mais ou menos dignas de fé alimentavão o estado de inquietação continua pela maneira seguinte: "O dia 24 designado para a publicação da Lei das Reformas á Constituição se dizia ser indicado para o rompimento. Apesar da expressa ordem do chefe de Policia na noite deste dia um forte grupo, seguido de musica correo as ruas de dous districtos da Cidade, e encontrando-se com o Brigadeiro Manoel Carneiro da Silva Fontoura, e com o Coronel Visconde de Castro dispararão contra estes cinco tiros, lançarão o primeiro do cavallo abaixo, e muito o maltratarão. O segundo conseguiu escapar-se levemente ferido em uma perna. O Brigadeiro e o Visconde tinhão chamado sobre si grandes odios do partido exaltado porque ambos esses officiaes passavam por acerrimos propagadores da Sociedade Militar. Escusado porém seria notar que todos estes acontecimentos erão cuidadosamente aproveitados pelo mesmo partido, que os excitava e os expunha nos periodicos facciosos, desfigurando as circumstancias e tornando-as o mais accomodadas, que era possivel, ao seu intento de perturbação, desordem e anarchia. Mas emquanto se passarão taes cousas na Capital da Provincia, achava-se o Presidente na cidade do Rio Grande ou no Jaguarão para onde havia partido, como disse, e considerando a grande influencia geralmente attribuida ao Coronel Bento Gonçalves da Silva sobre o partido ultra-liberal julgou-o proprio para uma missão de paz, e por isso encarregou-o de ir quanto antes á Porto Alegre, com o fim de serenar os espiritos, visto que incommodos de saude, negocios particulares, e ainda os publicos impediam elle Presidente o partir com a celeridade que o caso exigia. O Presidente Braga certo e seguro da pureza de suas intençoens ainda não suspeitava das intençoens de Bento Gonçalves que lhe fazia mil protestos de amisade, e que tendo pleno conhecimento de seu character honrado havia, como já fez notar, solicitado a sua nomeação para Presidente, e havia posto em movimento a todos os amigos de Braga para o resolverem a aceitar o cargo. Seria para tramar contra o seu proprio amigo, e para atraiçoa-lo que Bento Gonçalves teria obrado de tal modo? Eis abi a questão que o Presidente do Rio Grande do Sul apenas se atreveo a decidir affirmativamente quando o conspirador de todo arrancou a mascara. Vejamos porém como este desempenhou a commissão de socegar os espiritos exarcebados. Em

chegando á Capital encontrou o Coronel apaziguados e dormentes as ondas da agitação, posto que receios havia de que os revolucionarios tentassem qualquer ensejo de realizar seus planos. O Boticario Pedro José de Almeida, Celebre redactor da Idade de Pau e um dos mais vehementes revolucionarios, acompanhado de outros cabeças da facção tinha se ausentado para Santo Antonio da Patrulha, onde lhes convinha que a conspiração lançasse raizes, e adquirisse proselytos. Os periodicos affectavão uma linguagem menos descommedida, e as reunioens de gente suspeita havião cessado: mas apenas se fez sentir a proxima influencia do Coronel, volta logo a imprensa á continuada linguagem insinuante e audaz: O Presidente, que até então havia sido respeitado, foi desde logo amarrado ao pelourinho que para o tormento e injuria de quanto é virtude, e honra tinham erguido os Ecchos, Recopiladôres e Federaes. O partido anarchista mostrou-se mais violento que nunca, e dahi a pouco principiou-se a pôr-se em execução o systema de implantar o terror por meio de espancamento e homicidios.

Entretanto os sectarios de Lavalleya ou erão constrangidos a sair do Imperio no dia 17 de Dezembro, ou procuravão na fuga eximir-se ás terminantes ordens expedidas pelo Presidente para completa expulsão delles: o Coronel Bento Gonçalves era suspenso do Commando da fronteira: e dava-se igualmente ordem para que o Padre José Antonio Caldas fosse lançado fóra do nosso territorio.

Na viagem do Presidente á fronteira do Jaguarão a historia nos aponta de novo o nome do Padre Caldas de cuja correspondencia com Lavalleya, e de cujas relações com o cabeça dos revolucionarios já se fez extensa menção. Tal era a convicção do Presidente á cerca do procedimento deste Sacerdote, que apesar de sua pouca, ou nenhũa propensão a usar de medidas violentas e a servir-se de termos injuriosos, tomou a resolução de expelir do territorio Brasileiro o Padre, e não lhe poupou um epitheto affrontoso, quando no Discurso da Abertura da Assembléa Legislativa Provincial, em 20 de Abril de 1835 se exprimio da maneira seguinte: "Constando-me que ainda não deixou (Lavalleya) o nosso territorio, e que juntamente com o seu mentor, o *indigno* Padre Caldas trabalhão de mãos dadas com differentes ambiciosos para perturbar o socego da Provincia, e levar avante seus planos de separação do Imperio, e federação com a Cisplatina." Mas cumpre não antecipar os factos: esse topico do Discurso do Presidente muito ferio os revolucionarios: voltarei a elle: diga-se por agora algũa cousa do confidente Lavalleya. A voz publica e queixas repetidas accusavão o Padre Caldas de ser um dos

principaes agitadores da Provincia. Uma representação por escrito assignada pelo Major João da Silva Tavares, e outros cidadãos foi endereçada ao Presidente, pedindo-lhe a expulsão do Padre para fóra da Provincia visto que elle havia perdido o fóro de cidadão Brasileiro por haver aceitado empregos de um Governo estranho, e haver servido no exercito visinho. O Presidente ordenou ao Juiz de Direito da Comarca de Piratinim Joaquim Vieira da Cunha, que a serem verdadeiras as accusações, obrigasse o Padre Caldas a deixar o territorio do Brazil. O Doutor Cunha tomou o expediente de pedir informações aos Juizes de Paz, e a Camara Municipal, auctoridades electivas, expressão de um partido, que por mais activo, e intrigante havia (geralmente fallando) contado victorias nas eleições de Juizes de Paz, de Camaras Municipaes, de officiaes da Guarda Nacional da Provincia. As informações foram favoraveis ao Padre. Citarei comtudo algũas expressões do officio da Camara, que apesar de sua bõa vontade não poude escurecer totalmente a verdade. "Emquanto ao terceiro quesito (diz a Camara de Jaguarão por intermedio de seu Presidente em officio de 16 de Novembro de 1834 dirigido ao Juiz de Direito Cunha) a Camara não tem observado que o Padre Caldas tenha empregado meios alguns *publicos* para *proteger* a causa do General Lavalleja, nem a mesma Camara o considera em circumstancias de poder dar elle *essa protecção*, attendendo ao estado precario e pouco vantajoso de sua *fortuna*, salvo de ter *amisade* a um sujeito e *desejar-lhe todo o bem*, e até mesmo *conservar com elle correspondencia amistosa* se deve chamar protecção" A vista porém das informações hesitou o Doutor Cunha no procedimento, que deveria seguir. O Presidente ordenou então sem clausula que fosse lançado fóra da Provincia o Padre José Antonio Caldas, como estrangeiro perturbador da ordem, não obstante a isso aquellas informações, nem um requerimento assignado por cento e desesete pessoas, ou nomes em defesa de Caldas, cujo comportamento politico tinha na verdade contra si testemunhas nesta causa maiores de todas a excepção, como (para indicar um exemplo) o Padre João de Santa Barbara em um discurso proferido na Camara dos Deputados por occasião de se discutirem as razoes em que se fudára a Regencia para negar sancção a Resolução, que declarava a Caldas no goso de direitos de Cidadão Brasileiro. Mas parece que as ordens para expulsão nunca foram cabalmente cumpridas. A primeira é datada do Rio Grande de 28 de Outubro de 1834: e com datta de 23 de Fevereiro seguinte ainda encontro outra ordem dirigida ao Juiz Municipal da Villa de Jaguarão,

excitando a execução das ordens anteriores á cerca do Padre, que nessa datta constava ao Presidente conservar-se occulto em casa de um Fulano Ralhava. Mas ainda que a expulsão deste homem fosse levado a effeito, seria capaz uma tal medida de sustar o progresso da revolução? Por certo que não: outros elementos e mais fortes instrumentos ficavão sempre no seio da Provincia.

Desvanecidas porêem ainda uma vez as nuvens que se tinham agglomerado sobre a nossa fronteira, regressou o Presidente para a capital da Provincia. A rebelião marchava a passos largos. O procedimento dos dous commandantes da Guarda Municipal João Francisco dos Santos, e Fagundes, era tal que se não podia por mais tempo fechar os olhos ao gravissimo perigo de conservar estes dous revolucionarios á frente da força armada. Foram demittidos: e o partido anarchista acudio logo por intermedio de Bento Gonçalves para que o primeiro Commandante fosse substituido por um fulano Antonio da Porciuncula, cunhado do Coronel, e conhecido sectario das doutrinas da revolução. Não consentio o Presidente em tal indignidade: e daqui novo thema deduzirão os periodicos da anarchia para bradarem ás armas. Era geralmente reconhecida a necessidade de organizar uma força de cavallaria na Guarda Nacional. Pouco mais de oitenta Guardas se offerecem para organisarem uma companhia a cavallo; accita-se o offerecimento: fazem-se as eleiçoens, e homens amantes da bem entendida liberdade são collocados á frente desta diminuta força. E' quanto basta para que a Companhia de Cavallaria da Guarda Nacional de Porto Alegre chame sobre si todo o odio desse partido que a si mesmo deu o nome de Farroupilha: e começa-se a pôr em execução, como já ponderei, o systema de aterrar por meio de espancamento e homicídios. Tres jovens com praça naquella Companhia forão passar os dias Santos de Natal á Capella de Viamão. Um delles no seu regresso foi surprehendido por quatro patriotas, e de tal modo por elles espancado que o deixarão quasi morto no meio da estrada. Os outros dous Guardas deverão a salvação á rapidez, e a força dos cavallos que montavão. Pelo espaço de uma legoa os perseguirão os homicidas, com vozes e gritos de ameaça e morte: mas cumpre notar que os anarchistas seguem sempre a maxima de appellidar de revolucionarios os que põem embaraço ao desenvolvimento de seus desastrados e sinistros planos, assim como attribuem sempre aos seus adversarios os crimes e maldades que elles mesmos commettem. Os anarchistas começarão a pôr em pratica o systema do terror e por isso representarão uma farça para accusarem os seus adversarios de tentativa de assassinato

contra o Tenente Coronel Silvano: e que meios se oppunhão aos narchistas? Nenhuns meios tinha a administração Provincial entregue como estava aos seus proprios recursos. A Guarda Nacional quasi toda mal ou nada organizada, e em grande parte commovida por idéas e sentimentos de revolta; a Guarda Municipal de tal arte eivada de contagio que no momento critico a excepção de seu honrado Commandante o Capitão Francisco Felix Barreto Pereira Pinto (1) cujos nomes sinto não poder consignar, toda ella desertou para as fileiras da rebellião; e a força de primeira linha reduzida a tão escasso numero que apenas tinhão podido ser distrahidas do serviço da fronteira para o da Capital umas cincoenta praças de cavallaria, sendo para notar que a força de linha ás ordens immediatas do Marechal Commandante das Armas tambem o desamparou, quando elle se pretendêo oppor aos anarchistas, marchando sobre S. Gabriel, como se notará em seu lugar. Sem força pois de que lançasse mão, e em face de tantas causas como as que indiquei na primeira parte desta Memoria, a demissão dos dous Commandantes da Guarda Municipal e a de Silvano, as cincoenta praças de cavallaria, a expulsão do Padre Caldas, e a creação da Companhia de Cavallaria, assim como quaesquer outras medidas desta natureza que se tomassem não eram sufficientes para tolher o passo ás desgraças, que ameaçavão a Provincia.

O anno de 1835 começou debaixo de pessimos agouros. O systema de terror não se punha em pratica sómente nas immediçoens da Capital. José Mariano de Mattos Commandante do Corpo de Artilharia aquartelado já então na villa do Rio Pardo ahi tinha installado e dirigia uma sociedade com o titulo de Defensora, na qual se dava horrorosa direcção ás instituições maçônicas. Por deliberação desta sociedade suscitou-se de proposito um tumulto na Rua de Santo Angelo em a noite de 28 de Janeiro. Lançaram-se muitos foguetes: um tropel de pessoas se dirigio para aquella rua; espancarão perseguindo-o até dentro de sua propria casa a um Portuguez de nome Fulano Lima; insultarão com grandes vozes ao Juiz de Paz Antonio Simoens Pires porque a familia deste abrira a porta de sua casa para acolher o Portuguez espancado e afugentado de seu proprio domicilio; e algũas injurias proferirão tambem contra o Juiz de Direito da Comarca. Um procedimento de similhante natureza e para o qual não se podia descobrir motivo, ou ainda o mais leve pretexto, denunciava claramente o proposito deliberado de agitar e anarchisar. Era impossivel

(1) Do segundo Commandante e Tenente Alvarenga, d'um cabo, d'um soldado, e d'um corneta.

que as Auctoridades Policiaes não tomassem algũa medida a respeito. O socego, e tranquillidade publica estavam effectivamente ameaçados: mas de que meio se deveria usar? A Guarda Nacional, como tenho ponderado, mal ou nada organizada achava-se contaminada do espirito de revolta alem do que esta força não é propria para um serviço diariamente continuado. A Guarda Municipal destacada na Villa do Rio Pardo não excederia a 8 ou dez praças ao mesmo passo que nenhuma confiança podia haver no Corpo de Artilharia pois era sabida a parte que em taes acontecimentos tomava o seu Commandante Major José Mariano de Mattos, e alguns outros officiaes, como o Tenente Alpoim, e um tal José Maria de Campos, por alcunha Alminhas. (1) Restava pois o recurso de entregar a manutenção da tranquillidade aos cidadãos que por amor da causa publica e proprio interesse quizessem tomar sobre si aquella tarefa, collocando-se á frente um homem de reconhecido valor, e em quem tivessem todos confiança. Davão-se estas qualidades no Tenente João Barbosa da Silva depois assassinado pelos rebeldes com circumstancias tão atrozes, que fazião horror aos proprios canibae. O Tenente Barbosa tinha pertencido ao partido ultra-liberal e dizia que delle se havia desviado por ter finalmente conhecido os fins a que na realidade se dirigia tal partido, e os meios de que não exitava de lançar mão. Os homens do partido faccioso affirmavão que Barbosa nunca lhes tinha pertencido sinceramente accusando-o de haver sido espião lançado entre elles pelo Marechal Barreto. Seja como fôr. O Tenente e o partido revolucionario erão inconciliaveis: e dahi veio que a nomeação interina deste official para commandar as rondas, e patrulha da villa do Rio Pardo, onde elle exercia as funcçoens de instructor da Guarda Nacional, foi geralmente applaudida por todos que tinham a peito a conservação da Ordem. De maneira porém totalmente contraria e opposta devião sentir, e pensar a tal respeito os membros da Sociedade Defensora: e disso derão demonstração na noite de 30 de Janeiro dirigindo-se armados em tumulto á casa do Juiz de Paz e a do Juiz de Direito que não encontrarão; exigião em altas vozes a demissão do Commandante das rondas e patrulhas. No dia seguinte, aquelles mesmos que tinham applaudido a nomeação do Tenente Barbosa a julgarão desacer-tada, e como era forçoso ter á frente delles um chefe a seu contento pois que seu serviço era, como disse, todo voluntario,

(1) Alem disso a força deste corpo era tão diminuta que a 16 de Maio de 1835 estava reduzida a 22 Praças de Pret de sorte que a Guarda do Parque, e do Deposito das munições de guerra era feita durante a noite pelo Commandante interino o Capitão Francisco Antonio da Silva Bittencourt e pelos outros officiaes do Corpo.

intenderão as Auctoridades Policiaes que se deveria nomear outro official, e foi nomeado um official de milicias de nome Agostinho Antonio de Mello, depois famoso entre os rebeldes. Cumpre não perder da lembrança a falta absoluta de forças em que se estribassem as Auctoridades, e ponderar a circumstancia de que o Juiz de Paz dando parte do tumulto de 30 de Janeiro o pinta, como uma reunião de gente desarmada, exercendo o direito de petição, ao que acrescia o queixume de alguns actos de violencia attribuidos ao Tenente Barbosa no dia antecedente. Ainda porêem da participação do Juiz de Paz é claro que nenhum procedimento criminal podia ter logar em consequencia dos acontecimentos da noite de 30 de Janeiro: mas o partido que ignorava os termos em que fôra concedida aquella participação e que classificava o caso de resistencia á mão armada, censurava amargamente as Auctoridades Judiciaes da Villa do Rio Pardo porque não tinham procedido criminalmente: e o Juiz de Direito da Comarca desejoso de eximir-se de qualquer justa censura de connivencia com o crime ao mesmo tempo que julgava de seu dever occupar sempre uma posição de imparcialidade intendêo que devia levar este incidente ao conhecimento do Presidente da Provincia; e assim o fez. Respondêo ao Presidente que tinha havido resistencia com armas aos actos legaes de Auctoridades legitimas não podia entrar em duvida que se tinha commettido o crime de sedição, que devia punir-se, e que cumpria expedir neste sentido as ordens necessarias ao Juiz de Paz, que então era o honrado e infeliz Casimiro de Vasconcellos Cirne. Observando-se as determinações da Presidencia, e o Juiz de Paz tendo no corpo de delicto indirecto prova sufficiente da existencia do crime; tinha deliberado continuar no dia seguinte com o processo quando foi ter com elle Ricardo Antonio de Mello, conhecido na villa do Rio Pardo pelo Ricardo Musico, ou pelo Ricardinho apesar de ser já um homem entrado em annos. Era Ricardo membro da Sociedade Defensora, encarregado de persuadir a Cirne que sustasse o andamento do processo: mas as ameaças, as rogativas nada poderão contra o que o honrado Juiz de Paz intendia ser de sua rigorosa obrigação: e pouco depois da sahida de Ricardo vio o magistrado a sua casa accommettida, as 9 horas da noite de 24 de Abril, por umas vinte pessoas, todas vestidas de branco, levando na cabeça barretes de baeta verde com abas, que servião de mascara. As mãos de tres desses facinorosos no meio de doze filhos quasi nos braços de sua esposa perdeo a existencia o respeitavel fluminense Casimiro de Vasconcelos Cirne: e os tigres com

face humana disputavão sobre o moribundo qual delles lhe cortaria a cabeça! Não quiz interromper a narrativa desta fatal successo: e por isso agora cumpre retrogradar um pouco.

Apenas o Presidente recebeu participação dos acontecimentos de 28 a 30 de Janeiro, mandou um destacamento de 20 praças de cavallaria para Rio Pardo, as quaes com as poucas praças da Guarda Nacional já ahí destacadas foram commandadas pelo capitão de Artilharia José Ferreira de Azevedo. A debilidade porem de taes soccorros mostrava palpavelmente a falta de forças do Governo da Provincia. Mandavão-se vinte praças para manter a ordem, quando mais de oitenta havia posto em campo a Sociedade Defensora na mencionada noite de 30 de Janeiro: e a fim de que alem da força physica tambem a força moral da Provincia fosse diariamente cahindo em mais profundo abatimento nomeou por esse tempo o Governo Central para Commandante Geral das Guardas Nacionaes do Rio Grande do Sul o Coronel Bento Gonçalves da Silva. Que sorte fatal para o Brazil parecia proteger a este homem! Nós vimos que o Presidente Galvão depois de ter estudado com a maior imparcialidade o procedimento do Coronel, e depois de ter por longo espaço observado, e avaliado os factos mostrára evidentemente a necessidade urgentissima de desviar da Provincia a maligna influencia do Caudilho. Vimos que Bento Gonçalves pode mais que os factos, e que a verdade, regressando para o Rio Grande do Sul colmado de honras e mercês, e deixando o Presidente, que lhe fizêra justiça, estigmatizado nas paginas da Aurora com doestos, que não tinha merecido. As participaçoes, e o juizo do Commandante das Armas, e do Presidente Braga á cerca dos actos, e opinioens do conspirador fazem posteriormente com que o Governo Supremo approve a medida por elles tomada de suspender o Coronel do commando da fronteira, e do corpo de cavallaria, que elle então igualmente commandava: mas em pouco tempo se esquece o Ministerio das razoes porque tinha obrado desse modo, e sem novo motivo apparente confere um emprego muito mais importante áquelle mesmo a quem privára de commissoes de menos importancia. O resultado deste procedimento foi, como era de reear, perda da força moral para o Presidente, e para o Commandante das Armas, desanimo para os amigos da Monarchia e integridade do Imperio, e acoroçoamento para as fileiras dos anarchistas. E será verdade que a nomeação de um tal Commandante de Guardas Nacionaes foi devido á protecção, e exigencia de um ex-Regente que dessa sorte pretendêo remunerar uns escassos vinte contos, que na Provincia obtivera? Não o

acredito, e persuado-me de que o Ministro respectivo foi illudido em sua bôa fé pelas informações de alguém que lhe affirmou ser necessario contentar a ambição do Coronel. Não lhe nego influencia, como alguns de seus adversarios, mas não lhe attribuo tanta, e com tanta força arraigada que meios adequados não pudessem destrui-la, ou pelo menos inutilisa-la.

Ignorava-se porém ainda a nomeação da que fallo, quando no dia 20 de Abril se installou a primeira Assembléa Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul: e comtudo a scisão entre a maioria disposta a manter a ordem, e a minoria resolvida a aproveitar quanto ensejo achasse proprio, e accomodado seus intentos de perturbação, e revolta, foi desde logo manifesta. O Discurso de Abertura, e a installação da Assembléa deu campo longo ao combate dos dous partidos. Já tive occasião de notar e agora repetirei as expressões do Discurso que offerecerão pretexto ás mais violentas diatribes, e maiores exigencias dos pretendidos patriotas. Erão essas expressões as seguintes: "Consta-me que ainda não deixou (Lavalleja) o nosso territorio, e que juntamente com o seu Mentor, o indigno Padre Caldas trabalhão de mãos dadas com differentes ambiciosos para perturbar o socego da Provincia, e levar avante seus planos de separação do Imperio e federação com a Cisplatina." Os patriotas clamarão que estas expressões continhão denuncia de uma conspiração, que não existia; que o Presidente da Provincia expressando-se de tal maneira calumniava o character de seus comprovincianos; e que deveria exigir-se delle a communicação das provas em que fundára a denominada denuncia. O Presidente não julgou acertado publicar a maneira porque viera ao conhecimento dos planos, a que alludira. De tal publicação (ponderava elle) resultaria ficar privado de ultteriores participações e por conseguinte dos meios de seguir passo a passo a marcha dos anarchistas, e de fazer abater os seus nefandos planos. Não se derão os exigentes por satisfeitos, e decidio-se que se tratasse do negocio em sessão secreta: mas a falta de Regimento proprio que regulasse a maneira de propor, determinar e proceder na sessão secreta demorou a discussão até o dia 14 de Maio em que o Presidente da Provincia foi assistir á sessão secreta da Assembléa Legislativa Provincial. Apesar dos factos que vão referidos, e que não erão ignorados da maior parte dos habitantes do Rio Grande do Sul, muitas pessoas havia, que nas dissensões e partidos da Provincia apenas divisavão inimidades, as quaes, uma vez extinctas tornaria os campos daquelle infeliz territorio a mesma tranquillidade, e socego de que elle havia dado poucos annos antes o mais formoso

exemplo a outras Províncias do Brazil agitadas então pelo Demonio da anarchia. Apoderou-se esta opinião de alguns membros da maioria, e outros pertencentes ao mesmo partido intenderão que se devia fazer a experiencia, e tentativa de medicamentos calmantes ainda com pouca, ou quasi nenhuma esperanza de exito feliz pois que no estado das cousas impossivel se mostrava a applicação dos unicos meios proprios para cortar o progresso da rebellião. A administração provincial carecia de força: e o Governo do Imperio não avaliava com exactidão os negocios do Rio Grande do Sul, ou se persuadia de que forças humanas mal poderião atalhar a torrente dos acontecimentos, ou conhecendo o mal e desejando impedil-o não podia mover-se nesta direcção, e sentido. Taes forão as ideas que predominão na maioria com excepção de dous membros. A maioria juntou a minoria com excepção de um membro e assim deliberou-se que o Presidente fosse convidado para ir ao seio da Assembléa explicar, e communicar as razoes, em que se fundava, quando tinha asseverado a existencia de uma conspiração, tendente a separar do Imperio a Provincia, e a federa-la com a Cisplatina. A quasi totalidade pois de ambos os partidos estava apparentemente de accôrdo. Dizião os revolucionarios que a presença do Presidente na Assembléa dando logar a explicaçoens promptas, e amplas entre elle e Bento Gonçalves o resultado seria a conciliação dos dous pois que ambos ficarião persuadidos de que desejavão a felicidade do paiz, que os vira nascer e de que sua desintelligencia provinha mais de intrigas e de motivos particulares do que de outra qualquer cousa. A bôa, e sincera gente da maioria chegou a preparar-se para festejar a prognosticada conciliação! A gente da minoria em todo este negocio tinha visto sómente uma farça em que ella contava ter os espectadores do seu lado. O seu intento foi levar o Presidente a um passo que visto de longe lhe ficasse desairoso. Desta arte o partido anarchista ganharia em força moral aquillo que o Presidente parecesse ter perdido em dignidade: e tanto isto é assim que os escriptores da facção enumerarão o acontecimento de que se tratta entre as suas victorias, fazendo-o de maneira que por exagerada tem assaz de rediculo. "Vio a opposição (exclamava um desses follicularios) o Presidente a seus pés bem como a Assembléa Nacional de França vio do mesmo modo a Luis 16. Que mais queria ella? Que mais poderia desejar? não era a sua victoria completa?" Não era portanto a conciliação, a paz, o socego, a tranquillidade publica, mas só e desejo de ver o Chefe Politico da Provincia e seus pés, e no caminho de ser processado, e levado ao cadafalso, como Luis 16,

o que tinha movido o partido de que o Continentista era um dos órgãos conhecidos: mas cumpre notar que o facto foi adulterado pelos conspiradores pois que se não ignora na verdade o que teve lugar na sessão secreta em consequencia da deliberação da Assembléa para que tudo se fizesse publico. O Presidente em nada se abateu perante seus inimigos. Obrigou o proprio Bento Gonçalves a confessar que elle mesmo tinha concordado em que era conveniente deixar o commando da fronteira para que cessassem por todo modo as arguiçoens que diariamente se lhe fazião de dar auxilio aos partidistas de Lavalleja: e se o Presidente consentio em que se declarasse estar persuadido de que a conspiração naquelle momento não existia, já tinha anteriormente opinado que na sua opinião um dos meios mais efficazes para destruir uma conspiração era faze-la patente, e conhecida de todos. Alem disso tratava-se de uma medida de conciliação: convinha acalmar, e não exarcebar os espiritos: era quasi forçoso que as expressoens da politica fossem desmentidas pelos sentimentos do coração.

Muito censurado foi o Presidente por este passo: mas importa notar que seus proprios amigos instavão para que elle o desse, allegando que se fosse a Assembléa, e a conciliação tivesse lugar, tinha-se obtido o socego e tranquillidade da Provincia, e se fosse, e a conciliação não tivesse lugar, não recahiria a culpa da continuação da desordem sobre elle, ou sobre o partido legalista, mas sobre os seus communs adversarios.

No estado a que tinhão chegado as discussoens na Assembléa Provincial, o remedio era o adiamento nos termos do § 2.º do Artigo 24 da Lei Constitucional de 12 de Agosto de 1834; mas não se pode negar què o adiamento da Assembléa daria lugar a mais violentas declaraçoens, e poderia tambem approximar com mais accelleração o momento da revolta. Os revolucionarios conhecião que o Presidente estava auctorisado a usar daquelle recurso, e trattando essa medida de violencia atroz fallavão de reunir-se em outro qualquer ponto da Provincia e proclamar e legislar d'ahi, como se fosse a legitima Assembléa continuando legalmente no andamento de seus trabalhos. Tivemos occasião de observar a anarchia dos conspiradores, a debilidade do Governo Provincial destituido de força physica e os golpes que na força moral recebia do proprio Ministerio. Não me atrevo pois a affirmar que a prudencia não indicava que se esperasse pelo termo legal ordinario do encerramento: mas voltêmos ainda á historia desta sessão.

Durante a discussão a que deu logar o Discurso da instalação, como tenho referido, fez o membro da Assembléa Domingos José de Almeida algũas accusações ao Presidente da Província, às quaes respondia o Deputado Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, quando um membro da minoria lhe dirigio palavras de ameaças, e diversos individuos das galerias derão pateada e clamarão—Fôra.

A energia do desembargador Chaves repellio e conteve este ensaio, que o Presidente da Assembléa Doutor Marciano Pereira Ribeiro vio com a impassibilidade do mais puro estoicismo, circumstancia muito para lembrar, attenta as relações intimas de Marciano com os conspiradores, como era sabido, e como os factos posarão acima de toda a duvida. Não dominarão na Assembléa as idéas de rebellião, e demagogia. Procuravão portanto os revolucionarios desacreditar na opinião publica a maioria do Corpo Legislativo Provincial: e para isso não ficarão só no ensaio, que acabo de relatar, nem se contentarão com postar nos bancos das galerias homens armados de punhaes, e estoques afim de aproveitar qualquer ensejo, e de coarctar a liberdade das discussões. Tambem lançarão mão da calumnia, e da intriga. Os revolucionarios clamarão mais do que quaesquer outros (ao menos fôra do recinto da Assembléa) contra a mutiplicidade de crimes, e á cerca da necessidade de riprimi-los com energia. Em uma reunião na casa do membro de Assembléa José Paiva de Magalhaens Calvet fallarão elles mesmos do partido contrario que se lhes oppôz, mostrando que se não dava o caso de rebellião ou inovação conforme o § 35 do Artigo 172 da Constituição do Imperio. Mas, a maioria do partido da ordem, que pela sua bôa fé acreditava mais do que convinha na sinceridade de muitas expressões de seus adversarios, tambem acreditou achar nelles apoio, quando os vio acceder á nomeação de uma commissão especial, destinada a indicar os meios de policiar o paiz com *mão pesada*. Esta clausula expressa na indicação do Doutor João Baptista de Figueiredo Mascarenhas foi por todos approvada: e consultados alguns delles pelo relator da Commissão sobre as medidas, que projectava propor, nenhuma foi reputada demasiadamente rigorosa: mas aberta a discussão, todas forão classificadas de despoticas, e tyrannicas. Foi tal o clamor que a maioria recusou, e consentio em retirar-se o projecto, conhecendo então que affectada e dolosamente promettião os patriotas a sua coadjuvação, e apoio para a suspensão das garantias, ou para qualquer outra medida forte, ou energica proporcionadas ás necessidades da Província. Taes promessas não passavão de um mero engodo para attrair os amigos da ordem, e

fazerem proposições, que repellidas, ou impugnadas com as habituaes declarações e logares communs de eloquencia demagogica offerecessem oportunidade de persuadir incautos, de que na Assembléa Provincial havia um partido desejoso de opprimir e tyrannisar a Provincia.

O imposto sobre as profissoens da fazenda de gado nascêo e recahia principalmente sobre os membros da maioria: mas foi a minoria audaz e intrigante que levantou grandes alaridos contra essa pretendida oppressão.

Da minoria sabio o imposto sobre os chapeos e depois desse imposto se fez um crime á maioria.

Em uma palavra tentava-se tudo quanto podesse lancar o odio sobre os amigos da ordem, e tudo quanto podia chamar e accelerar a rebellião.

Nesta disposição dos espiritos encerrou-se a sessão da Assembléa, a qual não quiz encerrar seus trabalhos sem um acto que podesse de algum modo, e em parte resarcir as perdas de força moral da Administração e publicou a Proclamação de 19 de Junho de 1835. Em termos muito diversos quiz a minoria que esse Manifesto ou Exposição fosse concebido: e o mau exito desta sua ultima exigencia concorrêo provavelmente para o mau humor com que o Presidente da Assembléa se lhe dirigio pela ultima vêz, servindo-se de expressoens apenas proprias do mestre de escola, que despede alumnos poucos estudiosos, e recalcitrantes.

Entretanto a inquietação, e rumor surdo, que de ordinario precede as tempestades, ouvia-se distinctamente por toda a Provincia: e em dias de Agosto corria pela cidade de Porto Alegre que estava imminente um movimento anarchico. Designavão-se as pessoas, que devião ser depostas dos empregos, e as que devião ser sacrificadas á sanha do partido anarchista. Grassou depois a noticia de que se mallograra a empresa por falta de caudilho, que se mostrasse á frente do primeiro impulso. Os legalistas duvidavão em parte do fundamento desses boatos. Não serião taes vozes espalhadas de proposito para incutir medo, e terror? Antolhava-se a alguns que os anarchistas poderião tentar, e praticar expedicoens *em detalhe*, qual o assassinio do infeliz Casemiro de Vasconcellos Cirne, mas que não poderião subverter totalmente as cousas. Ao mesmo tempo os homicidios, e tentativas de homicidios erão frequentes: e os patriotas não perdião occasião de indicar por victimas da politica de seus contrarios os assassinatos ainda que taes crimes nenhũa relação tinham com a politica, e

ainda que elles mesmos patriotas fazião nos seus proprios periodos abominaveis elogios aos matadores de Cirne, e procuravão todos os meios de aterrar as testemunhas, e de amedrontar os Juizes do respectivo processo.

Os mesmos rumores, que se tinham propagado em Agosto, tornavão a ouvir-se em principios de Setembro. Affirmava-se que em diversos pontos da Provincia havia movimentos iguaes aos que se prognosticava para a Capital, e aguardava-se para taes movimentos a noite de 6 e o dia de 7 de Setembro. Passou-se aquella noite, e aquelle dia sem novidade: mas no dia 9 apparecerão na estrada da Capella de Viamão grupos armados: e continuarão a apparecer destes e de outros indícios mais, ou menos até que chegou a noite de 19 de Setembro.

A noticia de uma nova sedição tornou com effeito a propagar-se neste dia acompanhada de circumstancias e indícios, que a fazião digna de mais seria attenção. O Presidente mandou portanto pegar em armas á Companhia de Guardas Nacionais a Cavallo, ao Piquete de Cavallaria de 1.^a linha, e a Guarda Municipal Permanente e por uma proclamação convidou a todos os cidadãos alistados na Guarda Nacional a pé afim de se reunirem. Juntou-se uma força de duzentas praças a fóra a Guarda Municipal, e o Piquete que fazião ao todo settenta homens. Esta força commandada pelo Brigadeiro reformado Gaspar Francisco Menna Barreto, para esse fim nomeado pelo Presidente na ausencia do Commandante das Armas, occupava os tres pontos do quartel da Guarda Municipal, do Palacio do Governo e do Trem de Guerra.

A's 8 para as 9 horas da noite de 19 de Setembro teve lugar uma exploração por vinte praças da Companhia da Guarda Nacional a Cavallo, commandada pelo Major de Legião o Visconde de Camamú, que espontaneamente se offerecêo a prestar esse serviço. Os exploradores forão accommettidos por uma emboscada de rebeldes lanceiros postada alem da Ponte da Azenha; e apesar dos esforços do Visconde, e de alguns outros retirarão-se precipitadamente, deixando morto o Tenente Quartel Mestre Monteiro, por alcunha Prosodia. Alguns outros feridos: e entre elles coube ao Visconde de Camamú a honra de derramar o primeiro sangue nessa luta, que se começa a travar entre a Monarchia e a Demagogia, entre a Integridade e a Desmembração do Imperio. Este revez, posto que não fosse devido a cobardia, mas sim a inexperiencia, e pouca disciplina, e a noticia de que com effeito o Coronel Bento Gonçalves da Silva se achava á frente dos sediciosos semearão, e fizeram levar o desanimo, e o desalento. Já tive occasião de

notar a popularidade, e influencia do Caudilho. Alem disso ninguém queria persuadir-se de que elle tentasse uma surpresa tal sem que estivesse bem certo, e seguro de que o exito della seria favoravel aos seus designios, já por ter á sua disposição uma força respeitavel, já por contar com igual rompimento em outros logares da Provincia. A força pois de duzentos homens de que acima fallei principiou a desertar, e em pouco tempo ficaria reduzida á metade.

Na manhã seguinte apparecerão fixadas nas esquinas da cidade Proclamaçoens assignadas por Bento Gonçalves da Silva. Estas Proclamaçoens augmentarão o terror. Corrêo de plano que elle tinha comsigo uma força de seiscentos homens. De mais accreditavão muitos, ou fingião accreditar que a contenda era totalmente pessoal, e não querião expor-se por questão de pessoas, principalmente quando sabião que o Presidente Braga muito pouco tempo se havia demorado na Administração. As folhas publicas havião annuciado a nomeação de seu successor; o que tambem concorrêo para enfraquecer-lhe a força moral.

Observando porem o Presidente na manhã do dia 20 que a força que deffendia a Lei, e o Governo legitimo, decrescia a olhos vistos, convocou os officiaes, que ainda se conservavão fieis ao seu lado, e expondo-lhes o estado do negocio, concordarão todos que devião deixar o Palacio e reunir-se no Trem de Guerra até que chegassem forças de fóra, as quaes não podia tardar alem de dous dias.

A mesma gente comtudo, que acompanhou o Presidente para o Trem de Guerra, principiou igualmente a retirar-se de modo que ás 11 horas da noite apenas tinha elle comsigo nove officiaes. Os esforços do Presidente, que ajudado especialmente pelo Capitão da Guarda Nacional Manoel Vaz Pinto e do Vice-Consul Portuguez Victorino José Ribeiro, de que já fallei, ainda alcansára augmentar durante a tarde a pouca força leal ao governo legitimo, não poderão conservar alli mais do que o ditto numero de pessoas á hora indicada. A essa mesma hora soube-se que os Permanentes havião desertado para os rebeldes a excepção do primeiro Commandante Capitão Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, do segundo Commandante o Tenente Alvarenga, d'um cabo, d'um soldado, e d'um corneta, cujos nomes sinto ignorar como já notei.

Foi forçoso pois deixar a cidade: e parece que poderia terminar aqui a tarefa, que me foi imposta de escrevr as causas, e os acontecimentos mais imminentes, e mais intimamente ligados com a sedição de 20 de Setembro de 1835. O crime estava consumado.

Como porém os factos, que se seguem, ainda são a consequencia proxima daquella sedição, proseguirei ainda até o momento em que o Presidente foi obrigado a sahir da Provincia.

Dirigio-se o Presidente a bordo de uma escuna de Guerra á Cidade do Rio Grande do Sul, para onde em consequencia se transferio a séde do Governo temporariamente: e Bento Gonçalves fazendo sua entrada em Porto Alegre a 21, proclamou que a Patria estava livre; convocou a Camara Municipal e esta juramentou como Vice-Presidente o Dr. Marciano Pereira Ribeiro que aliás era designado em quarto logar na ordem das pessoas chamadas a substituir o Presidente. O Vice-Presidente intruso pôz logo a força nas mãos do conhecido revolucionario Silvano, reintegrado no mesmo Commando das Guardas Nacionaes, Porciuncula nomeado Commandante da Guarda Municipal, mas ausente naquelle momento e Fagundes restituído ao posto de segundo Commandante desta Guarda. O mesmo Vice-Presidente intruso escreveu a todas as Camaras Municipaes, exigindo obediencia. De muitas é sabido que recusarão positivamente obedecer-lhe. A villa de Rio Pardo por duas vezes resistio a tentativa dos facciosos para entrarem alli; e cedêo apenas depois que o Commandante interino do Corpo de Artilharia o Capitão Francisco Antonio da Silva Bittencourt, os outros officaes, e mais pessoas fieis aos seus deveres tiverão a infeliz certeza de que o Presidente da Provincia tinha sido obrigado a deixar a Capital da Provincia. Bittencourt, Tenente Joaquim Victorino de Souza Cabral, e outros officiaes, cujos nomes desejava não ignorar, sahirão da villa do Rio Pardo depois da entrada dos rebeldes, e procurarão a auctoridade legitima.

Entretanto o Marechal Commandante das Armas marchava sobre a povoação de S. Gabriel, afim de combater o Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, que se dizia estar tambem á frente de alguns facciosos. Desamparado porém o Marechal dos soldados, que o acompanhavão, forçoso lhe foi retirar-se do theatro dos acontecimentos.

O Tenente-Coronel João da Silva Tavares, fez ao mesmo tempo um movimento sobre a villa do Serrito de Jaguarão para evitar que o armamento ahi depositado, e as praças de que constava o 4.º Corpo de Cavallaria de linha, fossem aproveitados pelos rebeldes. Foi feliz na empresa tanto quanto havia sido alguns dias antes na defesa de sua propria pessoa acommettida em sua propria casa por uma partida ás ordens do emigrado Verdun, que pagou o crime com a vida. O Tenente-Coronel Tavares obteve ao mesmo passo dispersar varias reunioens de

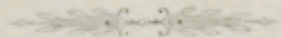
facciosos, quando em 4 de Outubro regressava para o Herval, logar de sua residencia ordinaria: e em observancia das ordens da Presidencia obteve igualmente fazer junção com o Major Manoel Marques de Souza, que demorava o combate que lhe offercia junto ao arroio de S. Lourenço, ou Arroio Grande, o faccioso Manoel Antunes da Porciuncula, Commandando força superior em numero á força Commandada pelo Major. Realizada a junção dos dous valentes, e leaes legalistas, dêo-se o combate, e forão derrotados os rebeldes na tarde de 14 de Outubro de 1835.

Ganhada esta victoria parecia que a causa da legalidade tinha de triumphar, não aconteceu porém assim. Quando Silva Tavares depois da pelleja marchava sobre a cidade de Pelotas, encontrou no Passo do Retiro uma nova força inimiga, commandada por Antonio Neto, e que montava á perto de quinhentos homens, muitas das quaes eram praças de linha das que havião desertado do Marechal Barreto. A gente de Silva, alem de muito inferior em numero estava cansada, tinha os cavalloos fatigados pelas continuas marchas; e o desalento se havia apoderado della ao saber que seu commandante era o unico Chefe que se achava com armas na mão pela causa da legalidade, pois que passava como certa a retirada do mesmo General Barreto, para a Cisplatina. Silva foi portanto constrangido a retirar-se e tambem debandando a gente, segundo o uso, e costume da Provincia.

Neto porém depois de ter entrado na cidade de Pelotas marchou para o Rio Grande; e a villa de S. José do Norte estava tambem ameaçada de ser accommettida por outra força de facciosos, commandada pelo façanhudo Onofre. "Alem disso (diz o Presidente Braga em officio dirigido ao Ministro do Imperio em 5 de Novembro de 1835) atraído por aquelles, que mais devião contribuir para o restabelecimento da ordem, por os Commandantes das Guardas Nacionaes do Rio Grande e Mostardas, que me restava em tal conjunctura senão salvar-me e salvar os compromettidos."

Convecido portanto o Presidente de que eram baldados os seus esforços para oppôr-se, e conter a torrente da anarchia organisando, e collocando forças na cidade de Pelotas, na do Rio Grande, e na Villa de S. José do Norte embarcou-se no dia 21 de Outubro tomando de ante-mão as medidas necessarias para salvar os dinheiros publicos, armamentos e muniçoens. No dia 22 entravão os rebeldes na cidade do Rio Grande. Pretendia o Presidente conservar-se na barra até a chegada de seu successor; mas este

demoru-se, e pelas embarcações idas da Côrte em viagem breve nada se sabia do Capitão de Guarda Nacional Manoel Vaz Pinto, que fôra enviado com reclamações de auxilios; as canhoneiras, e outras embarcações estavam carregadas de gente; a menor dilação podia causar falta de mantimentos; a aguada já hia fazer-se abaixo de fogo. O Presidente resolveu sahir da barra; fez-se de vella para o Rio de Janeiro, e a rebelião estendeo o sceptro de ferro por toda a Provincia do Rio Grande do Sul.





MEMORIA

SOBRE A

REVOLUÇÃO DE 20 DE SETEMBRO DE 1835



O 20 DE SETEMBRO DE 1835

Alheio a qualquer pensamento revolucionario, comquanto pertencesse ao partido que na Provincia se denominava liberal, recebi um dia em minha casa, em Porto Alegre, os senhores coronel Bento Gonçalves da Silva, Dr. Marciano Pereira Ribeiro e advogado José de Paiva de Magalhães Calvet, que foi depois official maior da secretaria do imperio, estimado sempre dos ministros com quem serviu e do proprio imperante.

A triplice visita não deixou de causar-me admiração. Apesar que com esses senhores tinha relações, que o espirito de partido estreitara, não estava affeito a recebê-los assim de visita em companhia; tanto mais que, logo depois de entrarem, retirou-se o sr. capitão Antunes da Porciuncula, concunhado do Sr. coronel, que com elles viera. Fiquei entendendo que alguma cousa se pretendia tratar com respeito ao partido e que pertenciamos.

Com effeito, antes que os cumprimentos se prolongassem muito, o sr. Bento Gonçalves, tomando a palavra, disse que se pretendia fazer uma revolução para repellir da presidencia da provincia o Sr. Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, hoje conselheiro com assento no Supremo Tribunal de Justiça, e do

commando das armas o Sr. marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto. Disse mais que a revolução podia facilmente fazer-se, mas que a não encabeçaria sem o nosso parecer, e que, portanto, pedia a nossa opinião a respeito.

A esta exigencia, dirigida ao mesmo tempo ao Sr. Dr. Marciano, ao Sr. Calvet e a mim, seguiu-se perfeito silencio. Por vezes o Sr. coronel retomou a palavra, dando os motivos por que convinha fazer a revolução, e aos seus discursos seguiu-se sempre o mesmo silencio.

Tantas vezes, porem ,foi a exigencia repetida e já com as mesmas razões dadas, que, apesar do proposito de não falar em primeiro lugar, por nos acharmos em minha casa e ser eu dos presentes o que menos annos contava, resolvi-me comtudo a rebater com firmeza a pretendida revolução, por deferencia com o mesmo Sr. coronel, a quem a scena se ia tornando embaraçosa, e porque tambem havia feito este juizo: — Os tres vieram juntos, já estão de intelligencia; só se trata de conhecer a minha opinião — juizo que depois conheci ser injusto.

Disse eu, portanto, com franqueza, que de nenhuma sorte concordava com a revolução a que se propunha o sr. coronel; que, para lançar fora da presidencia o Sr. Dr. Braga e o commandante das armas o Sr. marechal Barreto, tínhamos o direito de pedir, a liberdade da imprensa e outros meios que poderiam ser postos em acção sem offensa das leis e sem lançar a provincia em um mar de desgraças, como seria uma revolução; que, se o partido era forte para emprehender essa revolução, devia sel-o tambem para exercitar com efficacia os meios por mim lembrados.

Dando assim o meu voto, tive então o prazer de ouvir os meus dois amigos, os Srs. Dr. Marciano e Calvet, falar um após outro no mesmo sentido d'elle, reforçando ainda mais as razões por mim oppostas á pretendida revolução.

O Sr. coronel Bento Gonçalves achou-se só; levantou-se e, dando alguns passos, bateu com a mão na testa, olhou para o forro de sala em que estávamos e, um tanto exasperado, disse que os dados estavam lançados, que as cousas não podiam tornar atrás e que a revolução tinha de apparecer e appareceria sem nós.

Os tres consultados guardamos sempre a mesma firmeza e o Sr. Bento Gonçalves, então, moderando a sua exasperação, disse: — Bem, senhores; não se fará a revolução, mas não ficarei na provincia, não continuarei a estar exposto ao punhal dos encarniçados inimigos que tenho nella; irei para Entre-Rios viver fóra

de meu paiz, ou ao menos passar lá algum tempo, até que meus sanhudos inimigos, assassinos reconhecidos, esqueçam-se de mim.

Pedi em seguida ao Sr. Calvet que fizesse um requerimento á presidencia, o qual, pelos jornaes, viu-se que foi com effeito a informar ao commandante das armas, pedindo uma licença de 3 ou 4 mezes para ir a Entre Rios, na Confederação Argentina. Levantando-me para trazer o que era necessario afim de fazer o requerimento, ingenuamente reflecti que, com a sua ausencia temporaria, não deixaria o Sr. coronel de ser o chefe do partido, que este ficaria forte como dantes e não arriscaria a comprometter, por uma revolução, sua força e prestigio; que a todo tempo poderia o Sr. coronel tomar o seu logar e dirigir esse partido para fim bom e seguro, ou ao menos não tão arriscado como uma revolução.

Na idade em que então me achava, não tinha a necessaria experiencia para penetrar as intenções de homens mais idosos e atilados que eu. Faltou-me perspicacia; havia sido demasiado sincero e dez dias depois da conferencia e consulta que ficam relatadas, no infausto dia 20 de Setembro de 1835, appareceu o movimento que fez embarcar-se e seguir para o Rio Grande, e dali para a Côrte, o Sr. Dr. Braga com sua familia, e passar o Sr. marechal Barreto ao Estado Oriental, quasi ao mesmo tempo, porque foi geral em toda a provincia a combinação para esse movimento.

Emquanto muitos embarcavam e retiravam-se em diversos sentidos e outros occultavam-se, só appareceram alguns homens armados na cidade, onde não se via o enthusiasmo proprio das verdadeiras commoções populares, e sim o pallido, posto que assustador aspecto das sedições militares. Afora isso, nesses e nos seguintes primeiros dias, nada houve de reprehensivel, graças á prudencia do chefe do movimento e á morigeração e generoso character da generalidade de nossos homens do campo, assaz conhecidos hoje no mundo por seu valor e nobres qualidades. Moviam-se as aguas limpidas do lago; mais tarde devia apparecer tambem algum lodo.

Não tenho dados nem sufficiencia para historiar a revolução a que me refiro, nem é outra minha intenção senão deixar a meus filhos uma memoria de factos que presenciei ou que commigo se deram durante essa epoca de heroismo e de desgraças, para que ao menos possam defender meu obscuro nome de imputações não merecidas, se algum dia for assim preciso.

Não querendo tomar parte activa numa revolução que havia antecipadamente reprovado, occultei-me em casa de meu pae, á rua que então se denominava da Praia, distante de minha moradia

e pouco frequentada. Ahí, oito dias depois, achando-me no corredor e junto á escada, fui descoberto por um collega meu que passava nessa occasião, o qual me disse que me haviam procurado em minha casa e que o vice-presidente Dr. Marciano exigia com instancia que eu fosse á secretaria do governo.

Um convite mais directo e formal obrigou-me depois a ir á secretaria, onde tive a saptisfação de ver o Sr. Calvet desempenhando o lugar de secretario da presidencia, a par do Sr. vice-presidente Dr. Marciano, a quem competia esse exercicio.

Esse convite pareceu-me não ter outro objectivo senão o de ser eu visto, o que mais penhorou-me.

Estando com esses dois amigos meus, que eu muito estimava por seus talentos e virtudes, chegou casualmente o Sr. Bento Gonçalves, que andava ainda atarefado com o movimento que dirigia, e prazenteiramente disse-nos; — A força fez já o que lhe cumpria fazer; agora aos Srs. compete, como pessoas intelligentes, encaminhar a governança do paiz.

Guardei silencio a esse dizer, que comtudo não me havia soado bem, por motivos que não é difficil penetrar.

Devo aqui fazer justiça ao nobre character e summa bondade do chefe da revolução. Se estudos regulares ornassem o seu espirito, o Sr. Bento Gonçalves, que para elles tinha immensa aptidão, com seu character tão energico quanto generoso e vistas elevadas e perspicazes, seria homem para grandes, gloriosos e proveitosos feitos, e não promoveria uma revolução calamitosa. Em nossos tempos, Temudjin, pelo seu valor pessoal, não chegaria a ser Gengiskan, desde que tivesse frequentado os bancos das escolas, como Napoleão I.

Logo que appareceu o movimento de 20 de Setembro e pude comprehender o seu desenvolvimento e expansão que tomaria, disse a alguns amigos que teriamos guerra para 6 annos, o que depois, não sem vangloria, ouvi um desses amigos repetir. A guerra durou mais de 9 annos, mas o meu pensamento, que eu não poderia explicar impunemente, não afastou-se muito da verdade.

Lançando as vistas sobre o estado politico e administrativo do imperio, vendo não muito distante a abdicação do Sr. D. Pedro I, sujeito o paiz ao governo de uma regencia, divididos os animos de nossos primeiros homens de estado, e quasi não fixada ainda suas vistas sobre certa direcção, e finalmente o exercito extincto, como convinha então ás liberdades publicas, pareceu-me que, antes que se passassem 6 annos, o governo geral não aprestaria forças capazes de superar a ousadia do 20 de Setembro. Era isto o que eu

queria, mas não podia ou antes não me convinha dizer, e foi quasi justamente o que aconteceu: do 5.º ao 6.º anno da revolução começaram os revolucionarios a ceder terreno ante o exercito imperial, a cuja frente achava-se então o tenente-general Sr. Manoel Jorge Rodrigues.

CAUSAS DA REVOLUÇÃO

Assignalar as causas de uma revolução é talvez a parte mais difficil da historia. Diremos por comprazer alguma cousa neste capitulo, e que certamente não é necessaria por pertencer á historia.

Pela campanha da provincia achou a revolução quasi unanime assentimento. As principaes familias, os homens mais abastados de bens, os mais valentes soldados, com raras excepções, adheriram todos ao movimento de 20 de Setembro, com enthusiasmo digno de melhor causa.

E' notavel e digno de acurada investigação que os animos riograndenses podessem preparar para empenho tão extraordinario, em que tanta abnegação, tanta energia e pertinácia mostraram, como não nos apresenta a historia do Brazil em algum outro successo provinciano, a não serem as excursões dos paulistas pelo centro da nossa America e a gloriosa restauração de Pernambuco do dominio estrangeiro, posto que sejam esses memoraveis feitos não puramente provincianos, como o de 20 de Setembro.

Temos como principal causa disso o secular despotismo militar que pesou sobre a provincia, desde a fundação de seu primeiro presidio em 1737, e que, ainda depois de livre e independente o Brazil, não pequeno desenvolvimento teve durante a guerra com a Confederação Argentina, que, principiada em 1825, finalisara tres annos depois, sendo nella victima de sua bravura e da impericia do general em chefe, o general José de Abreu, barão de Cerro Largo, natural desta provincia.

O resultado da batalha do Rosario, em que esse desastre succedeu, muito contribuiu para indispor os animos contra o governo do Brazil, quando nesse sentido parece havia já posto grande empenho um presidente tão propenso ao despotismo que fizera toda a delligencia de por farda ás costas dos filhos das principaes familias da provincia. Era um capricho, era um emmerito accinte, que obrigou a alguns delles a se occultarem ou ausentarem-se e até fazerem-se moços fidalgos, para merecerem a

isenção que seus paes por outra forma não haviam podido obter-lhes. A infelicidade de ser a provincia limitrophe era ainda aggravada por um rigor de recrutamento desconhecido no resto do imperio.

Entendemos certamente que os filhos das principaes familias são os que devem mais empenhar-se por illustrarem-se nas armas, defendendo o paiz; mas como isso não se pratica nas outras provincias brasileiras, podendo esses jovens, por circumstancias inevitaveis ficar sujeitos a homens grosseiros, a quem os galões muitas vezes não chegam a encobrir sua baixa origem e má educação, nenhum pae de familia quereria de boa vontade sujeitar seus filhos, de esmerada educação, a esse martyrio.

Posto que tenhamos conhecido muitos officiaes de outras provincias, de boas familias e de maneiras cavalheiras e apurada polidez, a nossa hypothese não podia deixar de dar-se em larga escala, quando ainda hoje se roubam, se escasseiam, se difficultam os estudos militares ao rio-grandenses, de modo que, quando elle, por altos merecimentos, por bravura, por pericia adquirida em longo tirocinio das armas, chega a ser general em chefe, fica sempre em condição secundaria relativamente a outros generaes que tem tido a vantagem de cursar aulas e aprender theoreticamente a sciencia da guerra, com toda a commodidade, que se nega áquelles de quem mais se exige o tributo de sangue.

Taes injustiças, alem de outras lembradas até no meio da representação nacional, de que esta provincia tem sido e é ainda victima e que, por muito debatidas, deixamos de mencionar, podiam e podem ainda com o tempo mais uma vez impressionar e indispor não já a homens ignorantes, mas aos de alguma intrução, até que haja convicção de que não é a injustiça base segura para os edificios sociaes.

Essas circumstancias peculiares á provincia, a par do estado vacillante em que ficou o Brazil após a abdicação de 7 de Abril de 1831, são como os combustiveis do incendio, que procuraremos agora mui resumidamente referir o modo como foi ateado, em nossa humilde opinião.

Quando o general oriental D. João Lavalleja, acossado em seu paiz, emigrou para esta provincia (escrevemos por noticias e não em face de documentos), foi recommendado pelo commandante das armas marechal Barreto aos commandantes Bento Gonçalves, da fronteira de Jaguarão, e Bento Manoel, da de Missões, que então comprehendida tambem a de Alegrete.

O governo do Estado Oriental reclamou contra uma pretendida protecção dada a Lavalleja, e o nosso governo pediu contas disso ao marechal Barreto, o qual, justificando, inculpou a Bento Gonçalves e Bento Manoel. Esses coroneis commandantes foram em consequencia perseguidos: Bento Gonçalves teve de seguir para a Côrte como preso e Bento Manoel devia responder a conselho de guerra em S. Gabriel.

Bento Gonçalves por tal forma justificou-se perante o governo central que regressou á provincia investido do commando superior da guarda nacional, que era então um só em cada provincia.

Entretanto o commando da fronteira de Jaguarão ficou em mãos de um seu adversario, que com elle vivia em muitas desintelligencias e mantinha interminaveis querelas.

Bento Manoel entregara o commando da fronteira de Missões a um antigo major e retirara-se para sua fazenda em Jarau, esperando a reunião do conselho.

Nesse interim são ambos os coroneis eleitos membros da Assembléa Legislativa Provincial e se achavam por isso em Porto Alegre, na occasião da reunião della em 1835. Ahí muito se offenderam da maneira desdenhosa com que os trataram o presidente Braga e seu irmão o Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, que foi depois Barão de Quaraby.

Bento Manoel, que não havia sido por forma alguma cumprimentado pelo presidente, nem por seu irmão, que em seu carro lhe passara pela porta, retirou-se para Alegrete, depois de concluidos os trabalhos da Assembléa, tambem sem cumprimentar pessoalmente o presidente.

Ao ausentar-se da capital, combinou-se com Bento Gonçalves para a expulsão daquelle presidente e tambem do commandante das armas, de quem tinham ambos os coroneis a queixa, que referimos, de attribuir-lhes protecção ao general Lavalleja, em que faziam o proprio marechal Barreto mais culpado (se essa protecção existiu) que elles coroneis.

Essa combinação pôde dar o resultado que conhecemos, recebendo, como recebeu, grande impulso de algumas perseguições em Porto Alegre e Rio Pardo, attribuidas ao administrador da provincia, que se dizia ter sido a isso instigado por seu irmão.

Nos limitaremos ao que fica relatado; outros mais habilitados que nós desempenharão dignamente esta parte historica da revolução, que apenas memoramos com o fim especial já declarado.

AS DEPORTAÇÕES

Havia seguido o chefe da revolução a desalojar as forças que lhe eram contrarias no Rio Grande e S. José do Norte, logo depois que estiveram juntos na secretaria do governo.

Daquelle logar tornara eu á minha casa, satisfeito de que podesse a provincia ser administrada sem interferencia minha directa ou indirecta.

A ausencia do chefe da revolução deixara a capital e circumvisinhanças á mercê dos exaltados, de que era tribuno o Sr. Pedro José de Almeida (o Boticario) que, consta-me, nas suas predicas costumava dizer: — A liberdade rega-se com sangue e não com esterco; estas cousas não se comporão, enquanto não se jogar a peteca por estas ruas com as cabeças dos gallegos.

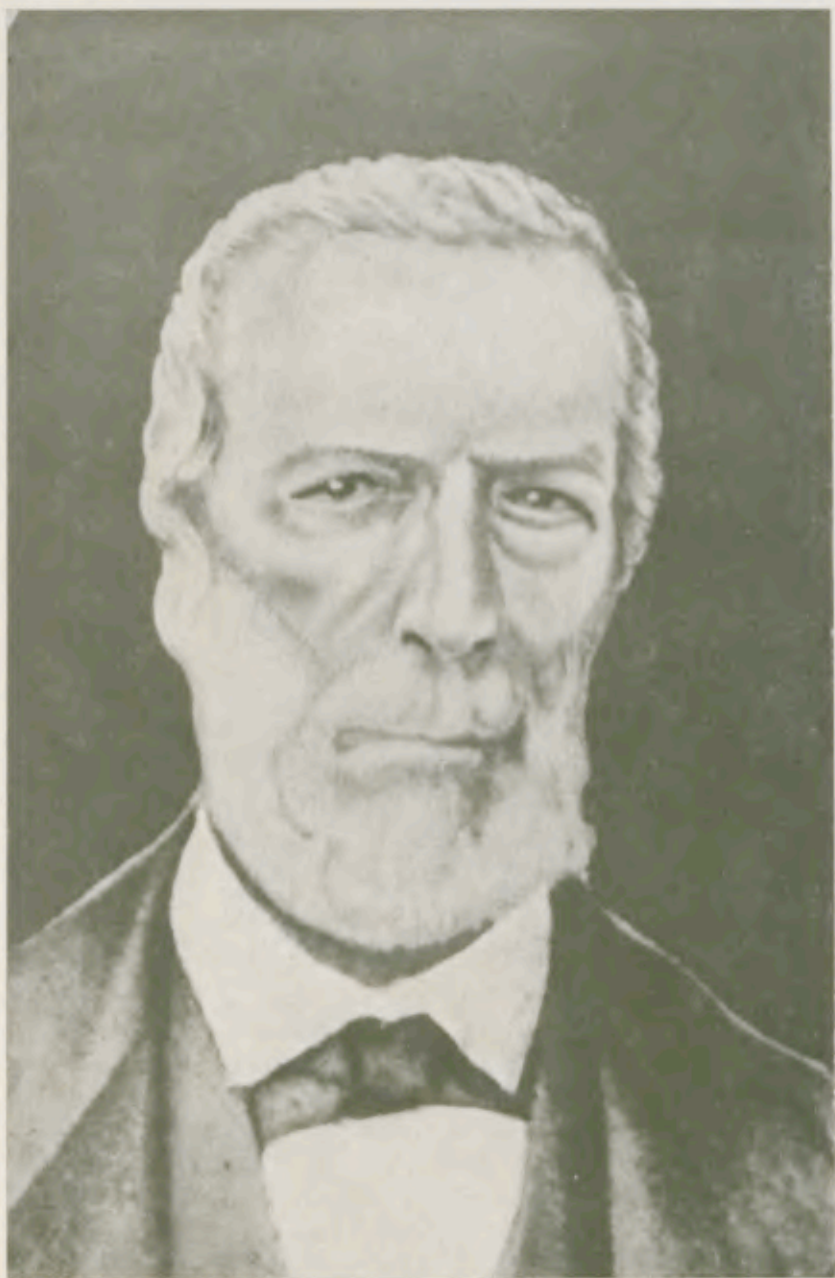
Mais me constava que havia 400 homens armados, proximo á cidade, vindos de Santo Antonio, de Viamão, Aldeia dos Anjos e de outros logares, dispostos a sustentarem a todo o transe as doutrinas do tribuno Sr. Pedro Boticario. Temia-se que alguma coisa de funesto apparecesse e era sem limites o terror da população pacifica de Porto Alegre.

Excentrico a alguns respeitos, por systema e não por caracter, segundo creio, vivia eu só, em casa, com minha mulher, que então era toda a minha familia. Um dia disse-lhe: — “Estão as ruas desertas, ninguem passeia, ninguem apparece; quero ver isto de perto.” — E sahi.

Era um bello dia de primavera. Como se percorresse os solitarios tumulos de um cemiterio, pausadamente caminhei por algumas ruas da cidade, louvando a Deus, cujos insondaveis mysterios nos confundem tantas vezes o espirito. Nada vi mais que o nosso azulado céo, as casas, as pedras das calçadas, dois cães que pareciam amedrontados, e tambem um pequeno escravo negro, que correndo de uma casa, penetrara em outra quasi fronteira, por uma mal aberta porta, que logo de todo se fechou; absoluto silencio reinava em toda a parte.

Contristante era o espectaculo. Volvi á minha residencia com o coração enlutado, fazendo votos de não mais sahir á rua, e lamentei com minha mulher as desgraças de que estava prenhe a tempestade annunciada por tão terrivel calmaria.

Como principio dessas desgraças, appareceu a ideia de deportações contra os chamados gallegos, que eram os portuguezes e tambem todos os brazileiros adoptivos ou naturaes que não pactuavam com os revolucionarios exaltados.



DR. FRANCISCO DE SÁ E BRITO

Quiz Deus, porem, que então não se fizessem as cousas tumultuariamente; assim não houve logar para o jogo de peteca com as cabeças dos taes gallegos.

Dois dias depois do meu singular passeio pelas solitarias e silenciosas ruas da cidade, começou a notar-se um movimento parcial nas mesmas ruas.

Foi nessa occasião que appareceram em minha casa os Srs. Manoel de Macedo Brum, e Calvet; este o mesmo secretario da presidencia de que já fiz menção, e o Sr. Macedo, que depois da pacificação foi commandante superior da guarda nacional, bello character, por todos e em todo o tempo reconhecido, era um dos parentes de minha mulher a quem mais eu estimava. Disseram-me o que se passava e ambos me pediram que saísse de casa, sem dizerem para que. Respondi-lhes que me achava na disposição de não sair e de observar e carpir dali mesmo os infortunios de meu paiz.

Fizeram-me esses meus dois prezados e saudosos amigos vestir a casaca e com elles descer á rua e me foram conduzindo quasi machinalmente, sem que eu soubesse para onde, nem positivamente para que fim.

Surprehendeu-me que me fizessem parar á porta de uma casa distante menos de meia quadra de minha moradia, á rua do Ouvidor ou Ladeira, centro da cidade. Eu ignorava o que tão perto de mim occorria, porque o estado vertiginoso dos animos e o temor de ser coagido a tomar parte em feitos que repugnassem á minha consciencia, faziam então, como mais vezes me succedeu, que eu, quanto era possivel, me concentrasse cada vez mais em meu systema de excentricidade. Não tinha noticias de clubs e menos os frequentava, não recebia visitas nem as fazia.

Era a casa um pequeno sobrado, onde entravam e sahiam alguns individuos. O Sr. Calvet logo ao chegarmos á porta dessa casa, desapareceu e o Sr. Macedo separou-se tambem de mim, depois que me introduziu no corredor, dirigindo-me algumas palavras sobre projectos de deportação concebidos pelos exaltados; separou-se, mas tornei a vel-o, posto que lhe não falasse mais nesse dia.

Subi ao sobrado um tanto commovido, mas sem temor; tinha a consciencia tranquilla e sabia que Deus está em toda a parte. Achei-me em um salão regular, que a um lado tinha uma mesa, emfrente á qual corriam bancadas que accommodariam mais de cem pessoas, mas estavam despovoados, vendo-se no salão poucos individuos.

Havia alguns minutos caminhava eu por esse salão de triste aspecto e portanto de accordo com o estado do meu espirito, quando começou a entrar gente, e tanta entrou que ficou a casa tomada inteiramente. Fiquei envolvido entre essa gente, da qual poucos individuos eram do meu conhecimento.

Desde que o salão, que tomava, segundo pareceu-me, todo o pequeno sobrado, ficou plenamente occupado, ouvi vozes que diziam: — “Precisamos um presidente” — E logo depois: — “Quem nomearemos ?

Longe estava de pensar que seria eu lembrado para presidir a assembléa dos deportadores.

QUEDA DA IDEIA DE DEPORTAÇÃO

Acclamado presidente do ajuntamento, não vendo opposição a essa acclamação, distincção que eu não merecia nem me lisongeava, do lugar onde havia ficado ao entrarem os corypheus agitadores da idéa de deportações, rompi entre os circumstantes com certo desembaraço que não me era muito natural e fui tomar a cabeceira da mesa, que ao entrar havia visto emfrente á bancada; e, estando, ali, depois de convidar a tomarem assento, o que logo fizeram, todos os individuos presentes, reflecti que parecia conveniente a nomeação tambem de um secretario, e acclamado, por indicação minha, o senhor coronel José Mariano de Mattos, que foi depois ministro da guerra na republica, e mais tarde occupou o mesmo alto posto no imperio, sendo já brigadeiro.

Logo que o Sr. Mattos tomou assento junto á mesa, disse eu ao auditorio que me constava se pretendia levar á presidencia da provincia uma representação pedindo a deportação de alguns inimigos da revolução; que, se assim era, estavamos em tempo de ser ella presente ao ajuntamento, como convinha, para sobre ella deliberar-se.

O Sr. Pedro José de Almeida, já mencionado, obtida então a palavra, passou a ler uma extensa representação, que era uma virulenta declamação contra os brasileiros adoptivos, os quaes a esse tempo serviam ainda, por todo o imperio, de pretexto aos exaltados para muitos desacatos contra a ordem publica. Depois dessa leitura, que foi ouvida em profundo silencio, disse o orador: — “Segue-se uma lista de 400 e tantos deportados, que lerei si

quizerem, para se fazerem as alterações que forem do agrado dos senhores." — Disse e sentou-se.

Não demorei-me a ponderar que uma discussão sobre pessoas que naquella ajuntamento de cidadãos, podiam ter amigos ou parentes, me parecia muito inconveniente; que a hesitação do Sr. que lera a representação, deixando de ler ao mesmo tempo a lista dos nomes dos deportados, vinha em abono do meu pensar, e, antes de mais consultas, fui reflectindo ser mais acertado nomear-se uma commissão, a quem se incumbisse a apuração da lista, ficando a seu cargo guardal-a depois de apurada, para apresental-a com a representação ao chefe da revolução, que, para levar a effeito as deportações, me parecia mais idoneo que o muito pacifico Dr. Marciano, vice-presidente em exercicio.

Quando vi acceita a minha indicação pela reunião dos deportadores, senti o meu coração alliviado do grande peso que o opprimia; a responsabilidade de tão anarchico quanto cruel feito era assim tirada de cima de centos de cabeças e collocada desde logo sobre tres e mais tarde sobre uma só cabeça, o que o tornava tanto mais tremenda quanto menos dividida. Por outra parte o chefe da revolução não se achava na cidade e, até que regressasse, teriam-se acalmado as paixões e poderia elle, que era dotado de grande animo ou muita valentia moral (segundo uma sua expressão favorita) por algum modo obstar ás intenções dos exaltados, tanto mais facilmente que acharia dispersa a força armada que aterrava a cidade, a qual dizia-se acampada nas circumvisinhanças da mesma cidade.

Por escrutinio foram nomeados membros da commissão proposta os Srs. coronel José Mariano, Andrade da typographia (como o chamavam), que não era muito do meu conhecimento, posto que nessa epoca muito nomeado, e um terceiro que não me recordo quem fosse.

Entregues a essa commissão a representação e a lista dos deportados, dissolveu-se o ajuntamento.

Este desfecho tranquilisou um pouco o animo dos cidadãos pacificos, que mais se foram reanimando, porque depois e com dias de intervallo, em proporção que recrudesca o terror pelos continuados espancamentos de pessoas honestas, o Sr. capitão José Gomes de Vasconcellos Jardim, abastado fazendeiro, que foi mais tarde vice-presidente da republica, fazia percorrer a cidade por uma pequena força de cavallaria composta de homens escolhidos.

Não tenho na minha vida muitos factos de que tanto me ufano como da parte que poderia cabar-me nesse desfecho da sessão dos exaltados deportadores, pelo que nelle havia de humanitario.

— Quando fordes chamados á presença dos governadores (preceituára Jesus aos seus discipulos) não estudeis o que haveis de dizer, porque, quando for occasião, o Espirito Santo vos inspirará o que haveis de responder.

Nunca esse divino preceito foi mais plenamente satisfeito e bem succedido que no ajuntamento que deixo descripto.

Nervoso, abstracto, naturalmente acanhado, de fraca voz e de expressão difficil, titubiante e duvidosa, emfim *tardo de lingua*, a não dar-se assignalado favor da Providencia, como poderia eu com taes dotes encaminhar por modo tão feliz o tenebroso projecto de deportações, que tanto havia assombrado a população da capital da provincia?

Foi nada, mas poderia ter occasionado muitas desgraças. Ha momentos em que o povo, ou aquillo a que de ordinario se dá esse nome, se torna peor que uma besta feroz, e nesses momentos só aproveitam meios indirectos, porque elle, em sua allucinação, em seu furor, tudo vence e põe por terra. Então as boas razões aggravam a vertigem, fazem exasperar-se o espirito demagogico e assim acceleram a explosão, em vez de frustal-a: isto ensina-nos a historia das revoluções, que, como os facciosos, mostram em toda a parte e em todos os tempos as mesmas feições.

O Sr. Bento Gonçalves, com todo o seu prestigio, se estivesse na cidade no momento em que os exaltados julgaram amadurecidas as idéas de deportações e pretenderam traduzil-as em factos, não poderia, pela força ou algum outro meio directo, obstar ás suas malevolas intenções. Teria tido talvez, se quizesse empregar taes meios, a sorte de tantos infelizes chefes de commoções, que, depois de terem posto em movimento a onda popular, não a tem sabido fazer parar e, pelo contrario, hão sido levados de rojo por ella.

Rendo graças a Deus do que succedeu; assim houvera eu sido tão feliz que pudesse ter concorrido para tambem obstar a tanto espancamento de pacificos cidadãos, ás mutilações de orelhas, aos casamentos forçados, aos assassinatos e mil outros excessos que se deram por essa occasião e ainda por muito tempo depois, não só no centro da capital e seus arredores, como por toda a provincia.

Havia tres dias que estava a commissão em posse da representação e lista dos deportados, quando encontrando casualmente um de seus membros e perguntando-lhe como ia a sua commissão, obtive em resposta que se tinham visto tão apurados por supplicas e empenhos que tiveram de reduzir o numero de 400 e tantos deportados a 140; e mais dois dias depois, feita a mesma pergunta, houve a resposta de estarem reduzidos a 40. Com igual ou pouco mais demora, achou-se o Sr. Bento Gonçalves na capital. Constou-me então que elle, depois de ler a representação, que a commissão fora apresentar-lhe, a arremessara para baixo da mesa, dizendo: — “Isto não tem logar.”

Não se falou mais em deportações em Porto Alegre. Assim é o povo, ou antes o bando de sclerados que nas revoluções, em nome de bons principios, encarrega-se da destruição da sociedade, dominando pelo terror: ás vezes uma besta feroz e momentos depois manso cordeiro.

Mas o Sr. Bento Gonçalves não pôde com esse povo, quando se tratou da posse do presidente nomeado para a provincia pelo governo central, parecendo então coagido pelos facciosos. Não houve ahí meios directos nem indirectos para conter os agitadores, como veremos.

Não pareça extranha a confiança que em mim pareciam depositar homens de principios tão oppostos aos meus. Nasceu essa confiança da falta de conhecimento de meu intimo pensar, o que não admira, porque com esses individuos nunca privei. Elles diziam em um dos seus pasquins: — “Quem é dotado de bom espirito? O Sá Brito. Quem só de dinheiro e casa não tem raiva? José de Paiva.”

Atroz mas desprezível calúnnia contra o muito honesto meu saudoso amigo o Sr. Calvet, que elles diziam ter recebido 11:000\$000 e um grande sobrado que designavam, para oppor-se ás pretendidas deportações. A mim, elogio que eu de bom grado dispensaria, como indecoroso pela origem de onde vinha. Tal é o acerto do juizo dos demagogos, que se julgam com direito exclusivo de falar a bem do povo! Sabiam que eu pertencia ao partido liberal e nada mais a meu respeito: pretenderam em vão lisongear-me para que com elles me precipitasse.

Fica assim igualmente explicado o motivo por que o Sr. Calvet, quando com o Sr. Macedo Brum guiaram-me á porta da casa onde houve o ajuntamento para deliberar sobre as deportações, não se animou a parar ali um momento ao menos, comquanto estivesse ainda quasi deserta a casa.

OPPOSIÇÃO À POSSE DO NOVO PRESIDENTE

A nomeação do Sr. Dr. José de Araujo Ribeiro para presidir a provincia em tão criticas circumstancias foi motivo de extrema satisfação para todos que não tinham secretos projectos de república, que amavam o socego sob o imperio da lei e não desejavam ver anarchisado o seu paiz. A alguns do partido liberal, regosijando-se com essa nomeação, ouvi dizer que com ella havia o governo central posto mordança á bocca ainda aos mais exigentes revolucionarios.

Certamente não podia o governo do Sr. regente padre Feijó fazer mais acertada escolha de presidente para a provincia em tão melindrosa situação.

O Sr. Araujo Ribeiro, que depois passou a ser senador e é hoje tambem Barão do Rio Grande, pertence a uma das mais numerosas e respeitaveis familias da provincia e era já conhecido em todo o imperio pelo tino e summa prudencia com que se houvera em outras não menos importantes commissões que lhe haviam sido confiadas, dentro e fora do paiz.

Tive por dever procurar a S. Exa. logo depois de sua chegada, e com tanta maior satisfação o fui comprimentar quanto que minha familia visinhava com a sua em Porto Alegre, e demais com meu saudoso irmão Antonio havíamos mantido muito intimas relações de amizade em nossa juventude com seus manos Amaro, a muito fallecido, e Raphael, hoje doutor em leis, estabelecido em S. Paulo, onde foi casado e fomos companheiros quando estudantes, como já o havíamos sido em Coimbra todo o tempo que estivemos naquella universidade, tornando-se assim cada vez mais intima nossa amizade. Devia, alem disso, ao Sr. José de Araujo o parecer, que me havia dado, de seguir estudos, na occasião em que regressara formado á casa paterna em 1825.

Ao tempo da nossa visita, achando-se tambem o Sr. Calvet em casa do Sr. José de Araujo, ouvi S. Exa. dizer-lhe: — “Minha missão não tem por fim perseguir ou fazer violencia a pessoa alguma e sim harmonisar os partidos; não exijo mudanças; quereirei antes presidir a provincia de accordo com os mais cordatos chefes do partido que promoveu a revolução.”

De conformidade com essas declarações, convidou ao mesmo Sr. Calvet para continuar a dirigir a secretaria da presidencia e, como elle não acceitasse o convite, dizendo que já ao Sr. Dr. Marciano asseverava que só serviria emquanto o mesmo Sr. estivesse em exercicio da vice-presidencia, passou logo a convidar-me a mim,

que, posto reconhecia a minha insufficiencia, não devia ao mesmo modo excusar-me, porque, alem da inteira confiança que depositava no Sr. Araujo Ribeiro, era muito affecto á sua familia, por quem concebera desde a minha infancia muito respeito e veneração.

Como se deprehende do que acima fica dito, conformavam-se os revolucionarios moderados com a posse do novo presidente, mas não assim os exaltados, que começaram a tramar contra elle. Restava ver quaes delles venceriam.

Devo dizel-o em abono da verdade, entre os ultimos notava-se não pequeno numero de naturaes de outras provincias, que como desordeiros tinham sido para cá mandados ou se naviam expontaneamente refugiado nesta provincia, que então tinha creditos da mais pacifica do Brazil, em consequencia de desordens que haviam promovido na corte e outros pontos do imperio. Eram desse numero alguns a quem ouvi dizer ousadamente que não se havia de dar a posse ao novo presidente, porque a provincia não o queria. Se igual ou mesmo maior numero de naturaes, como era possivel, do mesmo parecer, esses dissimulavam suas aspirações. Refiro-me a certa classe de pessoas com quem me achava mais em contacto, porque aquelles rio-grandenses que haviam exigido deportações tambem provavelmente, em sua generalidade, quereriam que se negasse a posse.

Já estava então reunida a Assembléa Provincial, que o vice-presidente, logo que entrara em exercicio, havia convocado extraordinariamente, e a ella competia a decisão do pleito.

Como me parecia haver acquiescencia á posse na generalidade das pessoas com quem mantinha relações, das quaes algumas, como eu, eram membros da Assembléa Provincial, sinceramente que ditava que o actó se passaria pacificamente, tanto mais quanto me parecia descobrir mesmo com certa satisfação em alguns que, confiando na politica conciliadora do presidente nomeado, viam ali um meio muito feliz de tornarem as cousas a seu estado normal, sem vexame para alguém, o que não era pequena fortuna, depois de tão criminosa facção, que os desprezos injustos que a provincia até então soffrera não podiam de modo algum justificar. O Sr. Araujo Ribeiro estava competentemente habilitado para seguir a politica que annunciara.

Achando-se assim tranquillo na firme crença de que não haveria opposição á posse de que se trata, no dia anterior ao que havia sido designado para esse actó, recebi um convite do Sr. coronel Bento Manoel Ribeiro, que fora nomeado commandante das

armas pelo Sr. vice-presidente e era também membro da Assembléa, para que lhe fosse falar, sendo o mesmo Sr. que em sua casa o hospedava quem esse convite transmittiu-me pessoalmente.

Era distante da minha a casa desse Sr. e, não tendo-me apressado a ir saber o que de mim pretendia o Sr. coronel, nesse mesmo dia a tarde, passando o coronel Oliverio José Ortiz, hoje brigadeiro, pela minha residencia, disse: — “Estive com Bento Manoel, que está enfermo e pediu-me para dizer-lhe que deseja muito falar-lhe.”

Um pouco antes que entrasse o sol desse dia do mez de Dezembro, que então corria, dirigi-me á casa onde se hospedava do Sr. Bento Manoel, á rua da Igreja e antes que ali entrasse, vendo ajuntamento em outra proxima, onde se achavam membros da Assembléa, entrei para saber o que occorria e, percorrendo a casa, observei que um individuo sentado em uma cadeira, em attitude arrogante, como se tivera entre as mãos os destinos do mundo, dizia, como já referi: — Não se ha de dar posse ao novo presidente, a provincia não quer.”

Não era esse individuo membro da Assembléa; os que o eram estavam na opinião, segundo pareceu-me, que devia dar-se a posse, sendo esta também a que manifestava o Sr. Bento Gonçalves, que ali se achava e que, não manifestando essa opinião, era coherente com os principnos que se lhe conheciam.

Devo aqui fazer justiça mais uma vez ao nobre caracter desse illustre rio-grandense, referindo um facto que, comquanto passado em sociedade secreta que nunca frequentei, foi comtudo muito notorio em Porto Alegre. Presidindo a provincia o Exmo Sr. conselheiro de muito honrosa memoria Manoel Antonio Galvão, houve naquella cidade um partido que aspirava a separação e independencia da provincia. Era esse partido composto de individuos amantes do despotismo antigo, que desgostavam dos progressos que fazia o civismo no Brasil, e de liberaes assaz levianos para não penetrarem as vistas desses corypheus.. Coube ao Sr. Bento Gonçalves a gloria de pulverisar esse partido em uma sessão secreta, por um discurso que desmoronou-lhe os planos e impoz-lhe silencio, despertando ao mesmo tempo nos bons cidadãos o nacionalismo e o amor á liberdade, cujos principios medravam no imperio.

Abominando, como sempre abominei, conventiculos que podessem occasionar serios compromissos contra a ordem publica, sahi daquella casa, sem poder formar juizo seguro respeito ao que ali se dizia sobre a posse do novo presidente, que parecia ser o

assumpto da reunião e passei á do Sr. Brochado, que era o hospede do Sr. Bento Manoel, em cujo aposento fui introduzido pelo mesmo Sr. Brochado, que immediatamente retirou-se.

O Sr. coronel estava na cama, junto á qual havia uma mesa, com diversos vasos de vidros, contendo medicamentos; elle tinha á cabeça um lenço e estava debaixo dos lençoes; havia tambem sobre a meza papeis, que me pareciam receitas de medico.

Logo que ficamos sós, pediu-me que cerrasse a porta da alcova e, lançando de si as cobertas, sentou-se á beira da cama, arrancando o lenço que tinha á cabeça. Perguntando-lhe então se não poderia causar-lhe damno tão prompta mudança, respondeu-me: — Não estou doente; tenho ahí esses remedios que o doutor receitou-me e elle proprio ha pouco daqui saiu, tendo vindo para ver como me achava; mas todo esse apparato tem por fim não comprometter-me amanhã na Assembléa, onde á força se ha de deliberar que não se dê posse ao presidente nomeado. O povo ha de ir ás galerias, armado com estoques, punhaes e pistolas para que assim se decida; e, quando isso não baste, têm os opposicionistas mais de 400 homens em armas proximo a cidade e promptos a entrar e cooperar para que a posse seja denegada."

Disse mais que convinha que eu tambem deixasse de comparecer, se não queria comprometter-me. A isto tive de responder-lhe que, ao contrario, entendia que, faltando, á sessão, quando era o unico secretario da Assembléa, é que poderia comprometter-me, e não só a mim como ao Sr. coronel, porque seríamos então dois do mesmo logar (Alegrete) a não comparecer, o que poderia causar suspeitas, trazer-nos as iras dos anarchistas e dar pretexto a tomarem elles medidas violentas contra o mesmo Sr. coronel, commandante interino das armas, principalmente porque era de quem mais deviam temer-se. Ponderei mais que não comprometteria e sim votaria contra a posse, visto como, tendo de ser de punhaes e outras armas a argumentação dos opposicionistas, tornar-se-ia irresistivel, e tanto menos iria eu disposto a comprometer-me, quanto que estava já pelo Sr. coronel prevenido desses preparativos bellicos que me noticiava.

Passou depois a dizer-me que, como amigo do Sr. Araujo Ribeiro, procurasse entender-me com elle e lhe assegurasse que elle coronel sairia para a campanha e em pouco tempo estaria á testa de uma força capaz de conter os anarchistas da capital e sustentar a posse do presidente nomeado pelo governo geral; que entretanto S. Exa. se retirasse para algum logar, onde podesse estar ao abrigo de insultos dos mesmos anarchistas.

A REACÇÃO

Difficilmente se poderá separar da opposição á posse do Sr. Araujo Ribeiro a contra-revolução, de que foi consequencia a reacção operada em Porto Alegre aos 14 de Junho de 1836.

Tendo por costume accomodar-me cedo, pareceu-me tarde para procurar o Sr. Araujo Ribeiro o momento em que me separei do Sr. commandante interino das armas; passei tranquillamente a noite, preparando-me assim para o trabalho que teria no seguinte dia. Moroso por character, ou por temor das consequencias de actos precipitados, ainda nesse aziago dia, em vez de apressar-me a communicar ao novo presidente as intenções do Sr. Bento Manoel, fui para a Assembléa mais cedo que de costume e, como seu secretario, dispuz as cousas de modo que nenhum atrazo podesse obstar ao trabalho que esperava.

Não se entenda que esse morosidade nascia de aferro aquella prudencia que os livros sagrados attribuem a S. Thomé; não duvidava do quanto tinha ouvido ao Sr. Bento Manoel; ella era propria de meus habitos e provinha principalmente da segurança de que nenhum damno podia haver em demorar a revellação que tinha a fazer ao Sr. Araujo Ribeiro, e antes temor de me deixar dominar pelo prurido de fazer-lhe essa revellação, que tanto o interessava.

Desde que começou a sessão, no dia designado para a posse do novo presidente os espectadores repletaram as galerias. Foram apresentados pelos juizes de paz da capital, (*) cada um pelos moradores de seu districto, representações em que se pedia que a Assembléa houvesse de sobrestar na posse do novo presidente nomeado pelo governo central, até que os animos, assaltados do receio de perseguições, melhor esclarecidos, se tornassem mais calmos do que então se achavam. Isto mais ou menos era o que se exigia, se me não falta a memoria, quando nenhum documento tenho presente.

Para mim, como para muitos, esse espaçamento da posse valia por uma denegação formal della, á vista das intenções generosamente manifestadas pelo Sr. Araujo Ribeiro, garantidas pela candura e sisudeza de seu character e, o que mais era, pelas proprias conveniencias do governo de quem elle era delegado. Quizeram os revolucionarios impor condições que S. Exa. não podia acceitar; pretenderam que proclamasse publicamente a moderação que

(*) Vicente Ferreira Gomes, juiz municipal e chefe de policia interino, Vicente José da Silva França, capitão Luiz Ignacio Pereira de Abreu e sargento mór Ignacio José de Abreu, juizes de paz dos 3 districtos da capital.

guardaria em seus actos como presidente, o que todavia consta promettera fazer depois de investido da autoridade, e não antes da posse como pedinte.

Depois de estar eu já em minha invernada neste municipio, a Assembléa mandou convidar o novo presidente para ir á capital ratificar a posse que tomara na camara municipal do Rio Grande, mas ella não tinha direito a esperar que seu convite fosse acceito, porque já uma vez mostrara a sua impotencia ante os demagogos de Porto Alegre. A esse tempo a posse do Sr. presidente Araujo Ribeiro estava garantida por uma contra-revolução que ia produzindo seus effeitos.

A denegação da posse parecia assentada de antemão; as representações apresentadas pelos juizes de paz não soffreram a menor discussão e foram deferidas por unanimidade de votos, não sendo eu dos ultimos a votar tambem nesse sentido, porque os punhaes e mais armas de que me haviam falado o Sr. Bento Manoel estavam emfrente a mim, mais ou menos patentes, e a existencia de uma força, de que tambem elle me havia dado noticia, para apoiar aos que faziam opposição á posse, era uma realidade.

Cabe aqui notar que nossos valentes e generosos cavalleiros, se illudidos approximavam-se á cidade, não a entravam ostentando suas forças, para não atemorisar sem necessidade aos pacificos habitantes; só os vimos ali entrar, quando foram mandados para conter os anarchistas como temos referido, e sua presença então inspirava confiança e desvanecia o terror.

Coube á secretaria da Assembléa o maior trabalho nesse dia, que fora designado para a posse do novo presidente. Fechada a sessão, fui para a secretaria a 1 hora da tarde e apenas pude pelas 2 horas chegar a minha casa, que não distava muito, para tomar algum alimento, regressando logo, para não sahir senão depois de concluido o expediente do dia, que não era pequeno, nem deixava de ser urgente.

Depois das 5 horas desse mesma tarde não sendo mais precisa a presença do secretario na casa da Assembléa, segui incontinenti para a do Sr. Araujo Ribeiro, a quem não suppunha ir achar, como achei, ainda sem a menor noticia do que se havia passado na Assembléa. Estava S. Ex. só e, quando me viu, dirigiu-se a mim e com bastante anelo perguntou-me, depois de um ligeiro cumprimento:—"Então o que houve?"—"Opposição á posse" respondi-lhe.

Mostrou-se bastante surprehendido e commovido com minha resposta e perguntou-me mais se Calvet havia tambem votado

contra a posse. Disse-lhe que sim e, observando que esta ainda mais o consternava, accrescentei que não se admirasse do voto do Sr. Calvet, porque tambem eu havia votado no mesmo sentido. Contei-lhe então o que se havia passado na Assembléa.

Havia-lhe eu dado uma noticia bem desagradavel; convinha não deixal-o por muito tempo sem allivio sobre tão má impressão. Passei a referir-lhe o que me havia dito e incumbido de communicar-lhe o Sr. Bento Manoel, cujo projecto pereceu-me desanviar-lhe um pouco o semblante, e retirei-me para minha casa.

Vim depois a saber que o Sr. presidente nomeado, essa mesma noite que se seguiu ao momento que com elle estive e que para mim fora de muito soffrimento por diversas causas, se entendera com o Sr. Bento Manoel e no seguinte dia não amanhecera na cidade, tendo ido pernoitar no lugar denominado Barra, a algumas leguas da capital, onde seu pae possuia um importante estabelecimento rural e de xarqueada, e já a caminho para o sul da provincia.

O Sr. Bento Manoel, poucos dias depois da retirada do Sr. Araujo Ribeiro, a pretexto de tomar medidas de segurança contra os inimigos da revolução, obteve licença da Assembléa para seguir a reunir forças na campanha e ausentou-se tambem de Porto Alegre. Talvez houvesse mesmo ordem do vice-presidente para isso, porque o Sr. marechal Barreto e outros que se achavam emigrados no Estado Oriental ameaçavam invadir a provincia.

Constou-me que, em sua marcha, fora dizendo que eu ficara ainda em Porto Alegre por ser muito republicano. Entretanto apressou-se a fazer chegar ao seu destino as cartas de que se havia incumbido e que deviam proporcionar-me conducção para regressar a Alegrete, como logo em Janeiro seguinte regressei.

Desvaneco-me pelo interesse que por mais de uma vez tomou por mim esse homem prestante, cujo merito o governo imperial soube afinal reconhecer e remunerar. Parecia temer que, ficando eu entre os anarchistas, pudesse ser perseguido como cumplice na contra revolução, que elle foi promovendo desde que se moveu da capital, e por isso emprestava-me a opinião de republicanismo.

Havia elle feito algum esforço para que eu seguisse com elle. Não deixava com effeito de ser cordata sua exigencia de um individuo com alguma instrucção em sciencias sociaes a seu lado; e, suppondo, pela deferencia com que me distinguia, haver em mim essa instrucção, insistiu commigo de tal modo para o acompanhar que apenas pude disso eximir-me com os fundamentos que eu não deixaria minha mulher, então mui joven, sem primeiro

collocal-a em minha invernada, junto a seus paes, e sobre tudo de estar a chegar, como certamente não demorou, quem melhor podia servir-o, seu filho, meu saudoso amigo o Sr. Dr. Sebastião Ribeiro, cujos talentos e superiores qualidades, que eu conhecia desde a cidade de S. Paulo, onde havíamos sido companheiros, tornaram depois tão sentido por muitos litteratos e por estadistas da corte seu prematuro passamento.

O Sr. commandante interino das armas teve de seguir só, despendendo commigo o obsequio, que muito aproveitou-me, de dar tal presteza ás cartas relativas ao meu transporte que a conducção não se fez esperar, como se deduz da presteza com que para aqui viemos, apezar da distancia de cem leguas proximamente e más estradas, se estradas podem chamar-se caminhos sem o menor beneficio da arte, com ainda quasi em sua totalidade acham-se as chamadas estradas da provincia.

Entretanto, recebi ainda em Porto Alegre uma carta do Sr. Araujo Ribeiro, escripta da cidade do Rio Grande, onde havia tomado posse da presidencia, dizendo-me que se fazia necessaria a minha presença naquella cidade para aquillo sobre que me havia falado. Respondi-lhe immediatamente, mas com bastante pezar, que não me esperasse. Alem de outros motivos que me impediam de acudir a esse chamado, quem como eu conhecia a ousadia de muitos revolucionarios e o estado de exaltação dos animos de Porto Alegre, não necessitava ser propheta para prever que S. Ex. não entraria ali senão por uma estrada salpicada de sangue brasileiro; e tendo, havia pouco abandonado a carreira da magistratura, quasi antes de exercital-a, não estrearia então, por esse modo, uma nova ordem de cargos publicos, condição que, por felicidade minha, muito cedo conhecera não quadrar á minha precaria saude. Se, depois da pacificação, tentei exercer um cargo, por condescender com amigos meus de Alegrete, não puz nisso grande empenho, e porque o Sr. ministro da justiça, a pretexto de se haverem extraviado os papeis relativos á minha pretensão, me não despachasse, mil louvores lhe dirigi por haver attendido melhor que eu proprio ás minhas conveniencias.

Conheço que, no estado em que ainda se acham as sociedades humanas, não deixa infelizmente de ser necessario muitas vezes fazer correr sangue de membros dellas, mas Deus não me conferiu a necessaria coragem para derramal-o, nem mesmo para vel-o correr.

Entregue, portanto, á sorte das armas como estava o porvir da provincia, regressei a este rincão, onde dediquei-me a alguns

trabalhos a bem de meu estabelecimento, indo á então villa de Alegrete uma ou duas vezes cada mez, para ter noticias do que se passava.

A primeira vez que ali fui esforcei-me em vão para que alguns de meus amigos deixassem de seguir a causa da revolução, que se transviara, e sustentassem com o Sr. Bento Manoel a posse do presidente nomeado pelo governo central. Esses meus amigos puzeram-se em campo a favor da revolução, com o Sr. tenente David Canabarro, que falleceu de molestia, com honras de brigadeiro, pouco depois de haver encurralado os paraguayos na Uruguayana, como habil general, ultimo de seus bons serviços prestados ao Brazil.

PROGRESSOS DA CONTRA-REVOLUÇÃO

Os factos que vamos aqui memorar perfunctoriamente serão um dia historiados como convem por quem tenha presentes os documentos que lhes dizem respeito e que não possuímos, nem jamais desejamos possuir, por não sermos susceptível de assíduos trabalhos de gabinete, nem termos o necessario cabedal de conhecimentos para empregar uma historia.

Logo que o coronel Bento Manoel, interino commandante das armas, achou-se na campanha, proclamou á provincia em S. Gabriel, officiou ás camaras para que cooperassem para facilitar a reunião da guarda nacional de seus municipios, e escreveu aos seus muitos amigos, convidando-os a ajudal-o a sustentar a posse e administração do novo presidente, defendendo assim a integridade do imperio, ameaçada pelos revolucionarios. Nesse ensejo tambem o presidente Araujo Ribeiro não ficou ocioso, segundo numerosas cartas suas que pela campanha foram vistas.

Não era exageração temer-se pela integridade do imperio. Com um pouco menos de sentimento de nacionalidade e mais um tanto de allucinação, teriam sido realisados os desejos manifestados na sentença mui lembrada então pelos revolucionarios, isto é, que mais vale ser cidadão de um pequeno estado que escravo de uma grande nação.

Temia-se certamente a força naval do imperio, mas não assim seu exercito, que, ao tempo de rebentar a revolução, era quasi nullo; mas essa força maritima pouco serveria, se, dadas aquellas hypotheses, houvera sido levado a effeito o nefando plano, por alguém lembrado, de entulhar com barcos carregados de

pedras nossa unica barra, já por natureza de tão precario e perigoso trajecto. Tambem nesse caso, allianças, que tanto teriam de desairosa como de funestas para o futuro da provincia ,não faltariam para complemento da nossa ruina.

Não foi baldado o appello do coronel Bento Manoel, reforçado pelas cartas do presidente. Mais de um benemerito cidadão, tomando a proclamação, a beijaram muitas vezes, derramando lagrimas de satisfação sobre o papel. Moveu-se o patriotismo rio-grandense.

Bibiano José Carneiro da Fontoura, que foi depois coronel commandante superior da guarda nacional, mandou logo a Bento Manoel 5.000 patações, alguns homens de armas, 200 cavallos, e poz á sua disposição todos os recursos que precisasse da fazenda do Carmo, propriedade do mesmo Bibiano. O capitão Charão foi dos primeiros que se apresentaram com gente de armas, sacrificando seus bens á defeza da integridade do imperio. Vidal José do Pilar, compadre e particular amigo do coronel interino commandante das armas, com generosos dispendios, contribuiu para que se apresentasse com 600 homens o tenente-coronel Joaquim Thomaz, commandante do corpo de Cima da Serra. Accudiram igualmente com gente e cavallos ao convite de Bento Manoel seu irmão o coronel José Ribeiro de Almeida, o capitão Athanasio e o coronel Manoel dos Santos Loureiro, com 300 homens de Missões.

Antes que esses e outros recursos, que de varios pontos da provincia o procuravam estivessem reunidos, achando-se junto ao arroio Capané com 200 homens, foi Bento Manoel perseguido pelo general revolucionario João Manoel de Lima e Silva, á frente de 1.200 homens. Pôde apressadamente effectuar a sua retirada, por ter conseguido seu constante amigo Demetrio Ribeiro, hoje coronel, fazer demorar com astucioso parlamento a marcha do coronel Affonso José de Almeida Corte Real, que com 400 homens fazia a vanguarda da força revolucionaria, até que, chegando o general Lima, reprovou a demora e fez continuar a perseguição ao chefe legalista, mas já sem resultado. Achando-se depois reduzida a 800 homens essa força revolucionaria e sob o commando do chefe Corte Real, conseguiu Bento Manoel derrotal-a completamente, ficando prisioneiro o mesmo Corte Real, no ataque do Passo do Rosario.

Apezar dessa victoria, não pode ainda approximar-se da capital, por se lhe oppor Bento Gonçalves com forças superiores; teve ao contrario de retirar-se para Caçapava. Já então lhe havia

vindo da corte a nomeação de commandante das armas com o posto de brigadeiro.

Nas immedições daquella villa recebeu noticia da reacção da capital e, como Bento Gonçalves passasse a sitiar Porto Alegre, o seguiu e da margem direita do Guahyba fez o signal combinado com uma bandeira branca com uma lista encarnada no centro e tres tiros, que, como devia ser ignorado do povo occasionou por 10 minutos profundo silencio, que foi seguido de immenso alarido, fogos de ar, salvas de artilharia e repiques de sinos das igrejas.

Fez logo passar 200 homens e gado do municipio para a cidade, que estava em penuria e não poderia por mais tempo resistir ao sitio apertado em que os revolucionarios a tinham posto, impedindo assim de succumbir a heroica reacção. Depois passou elle brigadeiro com 800 homens e cavallos competentes.

Achando-se já na capital, obrigou a levantar o sitio, retirando-se os revolucionarios para Viamão, onde Bento Gonçalves estabeleceu o seu quartel general, dispondo de 18 bocas de fogo, não tendo Bento Manoel mais de 2. Em continuas guerrilhas e quasi incessante fogo, realizou o commandante das armas as junções que esperava; porem á noite, vespera do dia em que se pretendia atacar os revolucionarios, tomaram estes a estrada da capital para S. Leopoldo, por onde pretendiam retirar-se para a campanha. Então Bento Manoel, com o favor da esquadra que havia já no porto da cidade, embarcou suas forças e as conduziu á margem esquerda do Jacuhy, tomando deste modo a dianteira aos revolucionarios.

Bento Gonçalves, vendo-se cercado, tentou transportar-se com sua gente para a margem direita do mesmo Jacuhy, afim de reunir-se ás forças revolucionarias que existiam na campanha com os chefes Lima, Crescencio, Netto e outros, e teve o desacerto de passar á ilha do Fanfa, de onde não podia seguir alem, por dominarem os legalistas o rio com embarcações sufficientes para vedarem-lhe a passagem. Ali o atacou e aprisionou com sua gente, depois de renhido combate, o brigadeiro commandante das armas, que, depois desse successo, achou-se com 1.500 homens, pela maior parte infantaria, para fazer face a mais de 3.000 que existiam pela campanha sob o mando de diversos chefes revolucionarios.

Com a junção do coronel Bonifacio Issás Calderon tornou-se a força legal superior a 2.000 homens, com que pôde Bento Manoel investir os revolucionarios da campanha e leval-os de vencida em diversos recontros.

No dia 4 de Janeiro de 1837, tres mezes depois do combate da ilha do Fanfa, os atacou nas Pedras Altas e os destroçou, obrigando-os a emigrar em numero de mil homens para o Estado Oriental, passando o rio Jaguarão.

Desde o começo da revolução, os legalistas denominavam *farrapos* aos revolucionarios, com a mesma impropriedade com que estes os appellidavam *camellos*. Diremos ainda neste parenthesis que esses appellidos eram tantas vezes repetidos pela campanha no decurso da guerra civil que os papagaios nas estancias aprenderam a annunciar a approximação dos *camellos* ou dos *farrapos*, facto que perde muito de sua insignificancia e puerilidade quando nos recorda os sustos e padecimentos da gente pacifica das estancias com as incessantes visitas e intoleraveis exigencias das partidas legalistas ou revolucionarias, durante aquelle longo periodo.

Ainda aqui incluiremos a noticia que temos de João Manoel de Lima e Silva, cujo posto anterior á revolução ignoramos. De bizzarra presença e de disposições esperançosas para a guerra, fora elle nomeado commandante das armas pelos revolucionarios, logo que Bento Manoel proclamou a defeza da posse do presidente Araujo Ribeiro. Ferido gravemente em Pelotas, por metralha de uma canhoneira, que deformara seu rosto, retirou-se para Montevideo, onde foi tratado de seu grave ferimento. Pôde regressar depois da prisão de Antero, posto que não de todo restabelecido, e achando-se o general Neto no commando das armas da já então Republica Rio-Grandense, seguiu a fazer proclamar o novo systema em Missões, e sendo ahi, indo a um baptisado no povo de S. Luiz, foi tomado e assassinado pelo indio capitão Roque Faustino. Este indio, sendo a seu turno aprisionado pelos revolucionarios, na occasião de ser fuzilado, pediu que queria falar e disse em seu discurso, entre outras causas, que, assim como havia sido bom legalista, podia ainda vir a ser tambem bom republicano; entretanto trazia seu cavallo ajaezado com os arreios e pratas do general assassinado, e em seu corpo o ponche e mais roupas de uso do mesmo general, alem de que, sendo da força legal do coronel Loureiro, era altaneiro para com seu chefe.

Depois que o general Bento Manoel destroçou e fez emigrar a força dos revolucionarios, regressando por Bagé, recebeu ali officio do novo presidente e commandante das armas, o brigadeiro Antero, que lhe estranhava o não ter elle já concluido com os rebeldes e o chamava a uma entrevista em Rio Pardo.

Entretanto o maior grupo de revolucionarios que inda existia em campo era o de Agostinho de Mello, coronel e chefe delles que Bento Manoel fez dispersar junto a um passo (do Cordeiro?) em Camaquã. Dali, seguindo na direcção de Rio Pardo, sabendo que ainda Antero lá não estava, dirigiu-se a Caçapava, onde entregou o mando ao coronel João Chrisostomo e, com parte de doente, regressava a seu domicilio, quando na fazenda de S. Luiz, tendo certeza da ordem de prisão contra elle dada por Antero, ordem que merecera interceptar e ler, passou a prendel-o, como diremos no seguinte artigo.

Em todo o caso parecia inevitavel alguma estrondosa manifestação contra esse presidente, quando é certo que muitos dos principaes chefes legalistas haviam entre si tomado o occordo de não reconhecer sua autoridade.

PRISÃO DO SR. PRESIDENTE ANTERO

No começo do anno de 1837, como temos visto, por esforços dos Srs. Bento Manoel e Araujo Ribeiro, estava quasi completamente anniquilada a revolução principiada em Setembro de 1835, quando teve logar a que vamos relatar.

O partido ultra-legal, não menos anarchico que revolucionario que se oppozera á posse do Sr. presidente Araujo Ribeiro, começara a praticar, e em nome da legalidade, excessos repugnantes e revestidos de tanta e mais crueldade que os commettidos pelos revolucionarios na embriaguez da revolução.

As deportações que os revolucionarios tentaram, mas não effectuaram, eram agora postas em acção e em tal profusão que chegaram mesmo a ser deportados bons legalistas só porque não pactuavam com os excessos dos ultra-legaes.

O governo da corte, por fatalidade que não nos é dado explicar, deixou de dar força moral ao presidente que occasionara a contra-revolução e assim mantel-o no posto em que tão bons serviços prestara á integridade do imperio, e do mesmo modo ao bravo militar que o auxiliara em tão meritoria empreza com tanta exontaneidade, quanto a que se depreheende do que a respeito dissemos, ao menos até que a ordem estivesse mais bem consolidada na provincia.

O Sr. José de Araujo Ribeiro começara a merecer a aversão dos anarchistas intitulados legaes por excellencia, por não apoiar

seus furores, e foi substituído na presidência pelo Sr. brigadeiro Antero José Ferreira de Brito.

Ao receber a administração, este novo presidente achou a lei e integridade do imperio mantida desde a barra da provincia até a capital e desta até o interior e mesmo até as fronteiras, com excepção de raros pontos onde vagavam alguns dispersos revolucionarios.

Tomadas na capital as medidas que lhe pareceu convirem para a consolidação das vantagens alcançadas pelos defensores da legalidade, a seu modo, entre outras a demissão do commando das armas do Sr. brigadeiro Bento Manoel, internou-se pela campanha, seguindo a rastilho deste senhor, pela estrada que conduz a Alegrete e em demanda d'elle para prendel-o e talvez deportal-o, como ao Sr. Oliveira Ortiz e provavelmente a mim tambem, por termos pertencido á assembléa dos revolucionarios.

Relativamente ao Sr. Bento Manoel, a ordem de prisão precedia ao Sr. Antero e vinha incumbida ao Sr. coronel Gama, commandante então desta fronteira e hoje brigadeiro e Barão de Saycan.

O Sr. presidente Antero havia sido tão expedito em suas determinações que, pode-se dizer, elle proprio chegou a Tapevy e ali foi preso, primeiro que a noticia de seus feitos no Rio Grande e na capital chegassem a esta fronteira. Constatou que de Alegrete lhe haviam dito que contasse ali com 3.000 homens para sustentar as suas disposições.

Estava eu em minha casa quando, correndo o mez de Março daquelle anno, o Sr. coronel José Ribeiro de Almeida, que já mencionamos e que foi depois assassinado por uma partida republicana, appareceu-me e me disse que seu illustre irmão estava na fazenda de S. Luiz e mandava-me convidar a comparecer ali, offerecendo-me o mesmo coronel sua companhia até aquella fazenda, para onde regressaria, ao que conformei-me.

Ao seguinte dia desse convite partimos e ao segundo de marcha estavamos em S. Luiz.

Chegamos pouco depois de meio dia, a muito boa hora para a nossa economia vivente, mas muito má para o que mais convinha nessa occasião.

O Sr. ex-commandante das armas tinha á mão, quando entramos, a cadeira em que devia sentar-se á mesa para jantar, com muitos senhores officiaes que o rodeavam. As laconicas palavras por elle proferidas: — “O que prometti, fil-o” — quasi se confundiram nos cumprimentos com que reciprocamente nos saudamos.

Compreendi essas palavras, mas não o fundamento com que eram proferidas: sabia eu o muito que tinha elle feito em prol da integridade do imperio, que a presidencia do Sr. Araujo Ribeiro representava, mas ignorava inteiramente o que pensava agora fazer.

Concluindo o jantar, o Sr. Bento Manoel resonava sentado á cadeira em que se achava, como costumava fazer em marcha a cavallo.

Convidamo-nos com seu filho Sr. Dr. Sebastião, e fomos sentar-nos á sombra do cercado e arvoredado da estancia, a menos de cem passos da casa em bella relva, mas não para dormirmos e sim para conversarmos, esperando que seu illustre pae despertasse.

Nada se sabia em Alegrete, de onde fora eu áquelle logar, sobre o que occorria no resto da provincia, senão que o Sr. José de Araujo Ribeiro havia sido substituido na presidencia pelo Sr. brigadeiro Antero. Apreciando muito a discreção e reserva de meu saudoso amigo, que por demais lhe era aconselhada pelo respeito que devia ao seu progenitor não lhe dirigi pergunta alguma sobre o que poderia haver de novo em nosso pequeno mundo official, assumpto em que nem de leve tocou todo o tempo que ali repousamos.

Todavia, como era natural, estava eu ancioso por saber o que se passava na provincia. Parecendo-nos pois que o Sr. Bento Manoel teria já despertado, tornamos á casa, á cuja porta com effeito acabava de sentar-se o Sr. brigadeiro em uma cadeira, e mandou vir logo outra para mim, havendo seu filho, ao chegarmos tomado outro destino.

Apenas me havia sentado e antes que se houvesse dito uma palavra, um cavalleiro a toda a brida veio suspender junto e emfrente a nós a veloz carreira de seu cavallo e, sem apeiar, disse: —“Os homens ahí vêm.”

Incontinente levanta-se o brigadeiro, por sua ordem soa a corneta de seu piquete e ensilham-se os cavallos, mandando eu fazer o mesmo no meu.

As ordens para montar e marchar não se fizeram esperar por muitos minutos e mesmo antes de dal-as já o Sr. Bento Manoel havia começado a expedir ora proprios, ora pequenas partidas a differentes destinos.

Era quasi posto o sol, quando com o restante do piquete poz-se em marcha na direcção do passo de um galho do Tapevy, que distará menos de uma legua da estancia, acompanhando-o seu

filho e eu; mas, durante essa marcha, eram tantos os cavalleiros que vinham falar-lhe e ordens que expedia que S. Exa. foi ficando muito atraz de nós, que seguíamos o piquete. Depois de achar-se a certa distancia e já só, apressou-se a nos vir alcançar, collocando-se entre os dois.

O Sr. Dr. Sebastião havia sido discreto com respeito aos projectos de seu pae todo esse tempo que marchamos sós, quando eu escripto em minhas palavras, para não parecer provocar uma explicação que elle não podia dar-me sem demonstração de leviandade. Nossa conversa havia sido inteiramente alheia aos negocios politicos da provincia.

Collocado porem, o Sr. brigadeiro entre nós, volta-se ao lado em que eu ia, sem interromper a marcha em que iam quasi ao descer do passo, e com modo jovial, como quem conta certa a presa, diz-me: — “Sabe que estou resolvido a prender o Antero?”

Não com a mesma jovialidade, porem com alguma frieza respondi-lhe: — “Se elle nos ha de prender a nós, antes o prendamos nós a elle”.

Quando isto disse, ainda não estava eu informado, como depois fui, do rigorismo que desenvolvera a administração do Sr. presidente Antero, mas desde muito tempo algum conhecimento tinha de seus principios politicos, comquanto possuido de mui louvaveis intenções.

Porem que diria eu de mais acertado ao Sr. ex-commandante das armas, quando elle não me pedia um parecer e sim annunciava-me o que já tinha resolvido e disposto fazer? Tive por ineptia em tal ensejo moralisar ridicula e improficuamente.

Se o Sr. Antero, não apressando tanto a sua marcha, tivesse dado lugar a que o Sr. Bento Manoel me expozesse a sua intenção antes de começal-a a pôr por obra resolutamente, a teria eu reprovado com a mesma franqueza com que me havia opposto ao projecto de revolução do Sr. Bento Gonçalves.

Ferrenho legalista como eu era então, teria lembrado á sua Exa. o honroso nome que de muito tempo já tinha na historia patria; invocaria em meu auxilio o nome do Sr. Araujo Ribeiro, que para elle era como um semi-deus; invocaria ainda seus proprios interesses, a exaltação de sua gloria, porque tinha por certo que, entregando-se á prisão e consentindo na sua deportação, que era seguramente o intuito do Sr. Antero, um dia talvez não distante regressaria á provincia coberto de honras e investido de poderes para uma vez sustentar a integridade do imperio com sua valente espada. A revolução havia soffrido quebranto, mas não estava de

tudo extinta e com a ausencia do Sr. Bento Manoel indubitavelmente alçaria de novo altiva fronte. Nem me deteria a presumpção de que tivesse já rejeitado iguaes considerações, que tenho, como veremos, motivos para crer lhe houvessem sido feitas por seu talentoso filho; difficilmente pode um filho contrariar a seu pae.

Não direi que minha opposição seria absolutamente baldada e menos pretendo inculcar que meus esforços teriam feito mudar o proposito do Sr. Bento Manoel, cujo character não ficou menos conhecido no Brazil que sua capacidade militar; certo é, porem, que nesse caso nenhum peso incommodo ficaria pairando sobre a minha consciencia, como não ficou relativamente á revolução.

Transpondo o pequeno arroio, fomos passar tambem o Tapevi e nos campos da fazenda do Sr. Feliciano Pereira Fortes, cunhado do Sr. Bento Manoel, onde nos apeamos depois das 8 horas da noite, para pernhoitar emfrente ao posto dessa fazenda, collocado a pouca distancia do passo do arroio.

Feitas as camas com os arreios ao ar livre, nos deitamos e conversamos, quando o Sr. Bento Manoel, que era um tanto obeso, resomnou estrondosamente. O Sr. Dr. Sebastião sustentou a conversação por mais meia hora e tambem dormiu. Velava porem eu, como por fraqueza de minha constituição succede-me sempre que sou privado das commodidades do costume, ou quando algum assumpto de gravidade preocupa-me o espirito.

Vi, portanto, quando, pelas 11 da noite, chegou do passo um cavalleiro a galope, com a parte de estar já preso o Sr. brigadeiro Antero, e se ouviram ao mesmo tempo para aquelle lado aclamações, que depois me disseram serem vivas que o Sr. Demetrio Ribeiro já mencionado havia dado á união dos brasileiros, estando já effectuada a prisão.

O Sr. major Marques, hoje tenente-general e Conde de Porto Alegre, vinha com o Sr. presidente e, logo que este foi arrestado, seguiu para a capital com rapidez a dar a noticia do acontecido. Só o Sr. Antero foi detido com a voz de prisão, que, pondo-lhe ao peito uma pistola engatilhada, lhe dera o mesmo Sr. Demetrio Ribeiro, o qual, interrogado para declarar que official era, respondeu ao Sr. presidente: — “Saberá depois.”

O Sr. Bento Manoel, que acordou ao chegar o cavalleiro com a parte e ao ruido dos vivas dados sobre o passo, mandou logo montar e contramarchando, fomos ainda áquella hora tomar novo pousa a outro posto junto ao Saycan, ficando o Sr. Antero guardado a 60 ou 70 passos da ramada sob a qual abrigou-se o Sr. Bento Manoel, e sob outra ramada.

Pela manhã ainda cedo, mandou o Sr. ex-commandante das armas ler a todos que com elle se achavam algumas cartas de pessoas das principaes do Rio Grande e Pelotas, a elle dirigidas, referindo-lhe que o Sr. presidente Antero, em cuja comitiva viera o portador dessas cartas, havia feito prender e deportar a muitos legalistas, cidadãos respeitaveis, daquellas cidades, os quaes valiosos serviços haviam prestado á causa da integridade do imperio, e que o mesmo ex-presidente o Sr. Araujo Ribeiro tivera ordem de embarcar para a corte, sendo acompanhado por um capitão até o momento de embarque a pretexto de defendel-o de algum desacato, por se dizer que estava o povo conspirado contra elle, devendo partir logo, sem tomar-se em conta a pequena embarcação em que o obrigavam a seguir tinha ou não sufficiente commodo para o receber.

Uma dessas cartas, de pessoa muito notavel, expremia-se nestes termos: — “Não nos seria tão pesada a dictadura de Bento Gonçalves como a presidencia de Antero.”

Notei que o Sr. Bento Manoel, ao ler o que dizia respeito ao Sr. Araujo Ribeiro, deixava entrever em seu semblante os sentimentos de ira e de pezar que em seu peito se agitavam e com aspecto ameaçador volvera os olhos incendidos, posto que humidos, ao lado onde pernoitara e ainda se achava o Sr. Antero, ao ar livre, como nós, mas com a guarda a que havia sido confiado.

Nesse mesmo dia separei-me do Sr. Bento Manoel e regresssei para o Alegrete, dando por concluida uma jornada que por certo ninguem invejará, porque foi como preludio da vida automatica que devia viver na Republica Rio Grandense.

Entretanto essa jornada valeu a meu saudoso irmão Antonio sua deportação para o Rio de Janeiro, pelo crime de ter eu assistido á prisão de Sr. Antero; tal era o furor de perseguir de que se achavam possuidos os que em Porto Alegre se intitulavam legalistas por excellencia !

O SR. GENERAL BENTO MANOEL

Quanto á ira e pezar de que vimos possuido o Sr. Bento Manoel, cumpre-me dizel-o: é a partilha dos homens superiores verem muitas vezes neutralizados pela ingratição dos que governam, pela inveja de muitos e pela cegueira de todos ou quasi todos, principalmente do povo a quem servem, os mais aturados, afanosos e bem dirigidos esforços em prol da causa publica.

Sem coragem para dizer tudo quanto se observou e ainda o que se ficou entendendo dessas observações, para dizer-se emfim toda a verdade, affrontando a malignidade e o escarneo dos homens discolos ou levianos, não se escreverá verdadeira memoria.

Cada qual tem o direito de julgar como entender os factos que interessam á sociedade, assim como o dever de reconhecer nos outros esse mesmo direito. Demais, a historia em sua severidade não se submeterá ao juizo de memorias contemporaneas dos successos narrados, que bem podem não ser insentas das paixões do momento, que só os seculos podem extinguir, ficando assim permanentes as fraquezas humanas e o espirito de partido.

Possuido desses principios, narrarei um facto que tem aqui lugar. Não duvido fazel-o, apezar de passado na effusão da intima amizade, porque o juizo que vou referir, sem desdourar o pae, manifesta o quanto era estremecido e zeloso o filho pela gloria de seu progenitor, fosse esse juizo definitivo ou, como pode parecer mais provavel, um modo de ouvir a respeito a minha opinião.

O Sr. Dr. Sebastião Ribeiro, já depois de ter estado, como secretario de legação, junto ao ministro o Sr. Araujo Ribeiro, nas primeiras cortes da Europa, para onde regressou, finalizando algum tempo depois ahi seus dias, de passeio commigo em Alegrete, conversando sobre politica, disse-me tristemente: — “A nodoa que meu pae lançou sobre sua familia, ligando-se segunda vez aos revolucionarios, não se lavará com toda a agua do Ibirapuitan.” Continuei a ouvi-lo em silencio, até que acabou de expor todas as suas razões.

Então lhe reflecti com calma: — “Não será o meu amigo nem mesmo a geração presente, quem ha de julgar imparcialmente o procedimento de seu pae, e sim a historia abrilhantada pelos futuros progressos da moral e da sociabilidade, quando valerem menos os nomes das cousas que a sua realidade. Se é possível conjecturar sobre os juizos dos vindouros, que poderá fazer um dia a historia desapaixonada e imparcial sobre esse procedimento senão que seu pae, como homem superior, posto que não litterato, o que mais abona seu natural talento, sua sã moral e sãos principios, combateu desinteressadamente os excessos damnosos á sociedade, ou se manifestassem elles entre os revolucionarios exaltados, ou entre os anarchistas ferozes, que por ludibrio se denominavam legalistas. Meu amigo julga o general Bento Manoel como legalista ferrenho, como outrora o julgava eu, saído apenas das escolas; mas para julgar os homens, é preciso elevar nosso espirito acima das opiniões vulgares”

Com o tempo cada vez me hei firmado mais no juizo que expendi perante meu saudoso amigo, o qual com bondade me foi attento e não mais estigmatizou o procedimento do general Bento Manoel.

Alguns legalistas me disseram certamente que bem podera Bento Manoel ter prendido a Antero, que não era isso o que reprovavam, mas sim o fer-se ligado de novo aos revolucionarios.

Não extranhava esse pensar, porque tambem eu teria feito assim como entendiam esses legalistas, e até teria feito mais; porem o Sr. Bento Manoel não era um estudante de direito, posuido em demasia das maximas da humildade do Evangelho; era sim um brioso guerreiro, que, pela destituição do Sr. Araujo Ribeiro e mystificação de tanto afan por ambos empregado a bem da integridade do imperio, ficou entendendo que no Brazil, ou em seu governo, não havia menos desordens e contra-senso que na provincia. Talvez sobeja razão se lhe figuraram as cousas no imperio como um cahos, ou sob um cataclismo universal, de que a maioridade do imperador seria luz ou iris da ordem e da paz.

Vê-se, pelo que a respeito disse o Sr. Visconde de S. Leopoldo, em seus *Annaes da Provincia*, que esse pensamento não seria só do Sr. Bento Manoel, porque muitos legalistas de boa fé, segundo attestou o mesmo Sr. Visconde, pareciam ver a salvação publica nessa maioridade, ficando a provincia independente, até que ella se realisasse.

Se o Sr. Bento Manoel sómente prendesse o Sr. presidente, ficando como dantes legalista, não seria menor a confusão e desordem na provincia: teria feito as cousas por metade e disso sentiria as consequencias no estado de exaltação desse partido, que era então o verdadeiro representante da anarchia em S. Pedro do Sul.

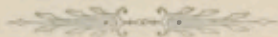
Tinham alta importancia neste partido os individuos que haviam pretendido que se proclamasse a independencia da provincia, quando o Sr. conselheiro Galvão era presidente, e que entre tanto foram dos principaes agentes da reacção de Porto Alegre, excessivos perseguidores e até assassinos de pessoas pacificas que tiveram a infelicidade de ficar ao alcance de suas garras sedentas de sangue e de ouro.

A ser crucificado como Christo, degollado com Baptista ou apedrejado como Estevam, preferiu o Sr. Bento Manoel passar o Rubicon, não para sua salvação pessoal; não acclamado por bandos de famintos e brutaes soldados; não para opprimir os bons cidadãos, porem a par de poucos pensadores amantes de seu paiz, para correção de iniquidade e exaltação de sua patria.

Se houver alguém que nos queira jogar pedradas por causa da temeridade destes nossos juízos, lhe diremos que atire as primeiras pedras ao governo imperial, que não só, sendo já maior o imperador, empregou o velho general Sr. Bento Manoel em comissões que tanto tinham de importantes como de honrosas, mas também o considerou e galardoou até o momento de sua morte em 1855, quando era marechal do exercito do imperio; atire-as ao Sr. Duque de Caxias, que, quando, sendo ainda barão, veio em fins de 1842 pacificar a provincia, o trouxe a seu lado e tanto o considerava, que, por respeito, como foi notorio, desprezou duas espadas meritorias e por alguém proclamadas como primeiras da legalidade, as quaes tiveram de retirar-se do exercito a quem coube a gloria dessa pacificação; e, ainda quando S. Exa. veio de novo á provincia para derrotar o poder de Rosas no Rio da Prata, o teve junto a si e o considerou como dantes. Como homem superior, não podia deixar de ter em muito apreço o merito de outrem, que também o era de algum modo.

Guiam-nos em taes juízos, temerarios ou não, o mais puro sentimento de justiça e o amor da verdade. Não nos cegam nossas sympathias, quaesquer que sejam, por uma familia que estimamos sim, mas a que também fizemos, não a muito tempo, a mais franca e dicidida opposição em politica, como é sabido neste municipio e provavelmente em outros logares da provincia. Também não nos pode cegar o provincialismo, porque o general, a quem muito prezamos e de que temos tratado, era natural da provincia de S. Paulo, onde não contamos parente algum e só ali estivemos durante 4 annos, em que completamos nossa carreira escolarica começada em Coimbra e la interrompida por fechar-se aquella universidade, por ordem do intruso rei Sr. D. Miguel de Bragança.

Dr. Francisco de Sá Brito (Alegrete — Rio Grande do Sul).





REVOLUÇÃO DE 1835



Apontamentos sobre a Revolução do Rio Grande até o deploravel ataque do Rio Pardo

Depois da infausta abdicação de D. Pedro I, desenvolveu-se uma exaltação extraordinaria de idéas que, *degenerando* em licença rompeu o dique da subordinação, e deixou largo campo aos utopistas niveladores e a plêbe, para sem reboço expenderem suas idéas e vingarem-se de todos os que se oppunham á torrente revolucionaria.

Tão somente a provincia do Rio Grande do Sul conservou-se por bastante tempo isenta de semelhante incendio, mostrando seus habitantes grande circumspecção nessa tão melindrosa crise, e com inexplicavel tolerancia acolhera hospitaleiramente a todos os individuos que, perseguidos por suas opiniões, se tinham refugiado em tão ameno paiz. A fortuna de *se conservar* tal socego deve-se muito ao marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto.

Este official, posto que nomeado commandante das armas por D. Pedro I, reunia varias qualidades que o punham em attitude de muito influir na marcha dos negocios do continente.

Filho da Provincia, a patente mais graduada em exercito, valente, honrado, amante da boa ordem, respeitador de seus subordinados, e em fraternal harmonia com todos os principaes chefes militares rio-grandenses, não tinha aspirantes a seu emprego, nem

necessidade de adquirir essa ephemera popularidade que os revolucionarios alcançam por meios ignobeis, e que muitas vezes os arrasta na torrente dos partidos, já suffocando as suas consciencias para se conservarem, já affectando idéas exaltadas para melhor empolgarem os primeiros empregos. O marechal Barreto, pode-se dizer, achava-se em attitude de não commetter baixesas para com o governo, nem para com os entusiastas da revolução.

As tropas que estavam debaixo do seu commando não tinham sido desmoralisadas, como na côrte e demais provincias do imperio, aonde a desconfiança de sua fidelidade ao imperador tornava necessaria a intriga e a insubordinação militar, cujos resultados tão funestos foram ao Brazil, ás tropas, e até mesmo os revolucionarios, como se demonstrou depois pelas repetidas rusgas, que tiveram lugar na côrte e em todas as outras provincias do imperio.

Alem disto, tendo-se coaregado todas as attribuições dos commandantes de armas, a ponto de serem quasi meros ajudantes de ordens dos presidentes, o marechal Barreto conservou sempre a melhor intelligencia com todos os que governavam a provincia depois da abdicação, suffocando assim o estimulo marcial que os militares tanto presam e que por sua incuria, loucura e perjurio, perderam talvez para sempre.

Não tendo pois soffrido abalo algum a subordinação militar, para maior fortuna desta provincia, estava á testa de sua administração o sisudo e digno administrador Antonio Manoel Galvão, a quem o governo nomeára presidente logo depois do luctuoso Sete de Abril.

Parecia que o combustivel revolucionario se não inflamaria aqui com facilidade, pois excepto alguns poucos rio-grandenses de posição mediana, de genio exaltado, só proletarios innovadores almejam a desordem, estabelecendo como preceito liberal a guerra aos palacios e paz ás cabanas, á semelhança dos *sans-cullotes* francezes.

Faltos porem, uns e outros, de influencia e de força physica e moral, viam com dor e raiva que nada podiam pescar senão em aguas turvas, por mais que inculcassem seu patriotismo e liberalismo, sempre desmentidos com suas acções, logo que são investidos do poder, por mais circumscripto que este seja.

Comtudo, uma intriga, extranha á causa da revolução de Abril, veio incender o facho da discordia no Rio Grande, e passando depois á massa do povo, o levou aos ultimos excessos e desgraças, como passamos a narrar.

Em parte alguma do imperio se sentiram mais os preliminares vergonhosos da paz de 1828, com o estado visinho, do que no Rio Grande do Sul, visto que só por falta de chefe *não se* triumphou da Cisplatina, depois de ter esta provincia soffrido grandes perdas de gente e sido seus campos talados pelo inimigo; alem disso recordando-se os seus habitantes das brilhantes victorias que até 1820 alcançaram sobre os seus visinhos, não podiam resignar-se a soffrer tão dura e custosa accommodação, e por isso só desejavam propicia occasião de voltar a occupar um territorio, que sendo possuido pelas armas brazileiras 11 annos, fora constituido independente, e, segundo a presumpção dos mesmos, sem os precisos elementos.

O padre José Antonio Caldas, natural de Pernambuco, tendo sido partidista do chefe da Federação do Equador em 1824, appareceu em Buenos Aires na occasião da insurreição da Cisplatina, e na qualidade de capellão dos exercitos da Republica Argentina, passou a servir no quartel-general de Lavalleja, proclamando aos rio-grandenses para que se revoltassem e promovendo a deserção das tropas brazileiras, por intermedio de seu amigos em Montevideo.

Concluida a guerra, foi o mesmo padre, por influencia de Lavalleja, nomeado cura da villa de Serro Largo, aonde se fez notavel por suas abjectas intrigas, entre os moradores daquella povoação.

Este desinquietao sacerdote, tendo talvez vontade de voltar á sua patria, ou tornar-se prestadio ao gabinete do Rio de Janeiro, offereceu-se em 1829 para trammar uma revolução na Banda Oriental a favor de sua incorporação ao imperio do Brazil, por meio de uma federação, assegurando ao ministro (formaes palavras) "que os povos orientaes, lamentando a perda do paternal governo de S. M. Imperial, e conhecendo essa chimerica independencia, só desejavam occasião de patentear seus livres sentimentos."

Para isso propunha que se lançasse mão de um dos principaes chefes orientaes, Lavalleja ou Fructo Rivera, sendo a sua opinião que fosse antes o primeiro, como militar mais atrevido, de mais prestigio e ambicioso.

Para o plano ir avante, aconselhava houvesse uma força prompta na fronteira, afim de proteger a revolução, assim como se lhe proporcionasse fundo para as despesas desta empresa.

Ultimamente, implorava em paga de tão relevante serviço, perdão de todos os desvarios que tinha commettido durante a revolução de 1824 e da guerra oriental.

Esta proposição parece que agradou ao governo imperial, que, corrido de desdouro, não deixava de lamentar a perda de um territorio, que era a primitiva barreira das suas vulneraveis fronteiras. Para isso conservou tanto no Rio Grande como em Santa Catharina uma força militar respeitavel, talvez para auxiliar semelhante projecto, affectando porem a maior indifferença sobre a marcha dos negocios do novo estado, e recommendando aos seus occultos agentes em Montevideo que observassem bem de perto quanto alli se passasse. (1)

As desintelligencias entre Fructo e Lavalleja, em 1830, movidas ou não pelo dito padre Caldas, lhe deram logar para blasonar que era o seu autor e que sua empresa ia em grande progresso.

Immediatamente pediu dinheiro, queixando-se que as sommas que lhe tinham sido subministradas por um commerciante de S. Francisco de Paula (2) (não sei se por ordem do governo, ou por generosidade do mesmo) eram mesquinhas, e que só nas eleições daquelle districto do Cerro Largo tinha despendido 37 onças.

Enviára os originaes das cartas que lhe dirigia Fructo, Lavalleja, Giró e Manoel Oribe, assim como as listas impressas das eleições, e juntava por fim reflexões muito jocosas sobre as pretenções de todos os quatro e concluia que, mudando de seu primeiro plano, influira muito na eleição de Rivera para presidente, supposto se inculcar officioso amigo de Lavalleja.

A razão que dava era que, sendo Fructo mais despota, mais depressa desgostaria os povos, e Lavalleja, offendido nesta preterição, se veria na urgente precisão de implorar socorro das armas brasileiras e em agradecimento concederia maiores vantagens na pretendida federação.

Estas noticias eram, como já dissemos, em uma nota, escripta em um papel avulso em forma de periodico, com o titulo *Telegrapho*.

No fim deste numero, nos lembra que dizia o seu escripto:

"A empresa é grande; precisa-se actividade, circumspecção e dinheiro; aquellas não faltam, mas se este se não subministrar, acaba-se a correspondencia, pois os fundos do empresario são muito poucos."

(1) Estamos bem ao facto desta intriga, pois toda a correspondencia do padre Caldas, com o *Telegrapho* passou por nossas mãos, assim como outras de varios individuos de Montevideo.

(2) Diz no original: «subministrados por F... commandante de S. Francisco de Paula». — A. P.

Posto que não soubessemos positivamente a face que este negocio tomou depois da mudança do ministerio de 1829, nem qual o seu progresso até a abdicação, sabemos comtudo que continuaram os trabalhos do padre Caldas até Outubro de 1830, em que vimos o ultimo numero de seu *Telegrapho*, e por consequencia parece que este negocio era agradavel ao governo, se não animado por elle mesmo.

O marechal Barreto, achando-se no Rio de Janeiro, entrára no segredo, se é que delle não sabia em seu principio, e consta-nos, que, sendo nomeado commandante das armas do Rio Grande, recebera instrucções a respeito, pois, para bem dizer-se, o negocio como interessante mais a esta provincia, se tinha tornado particular á mesma, e bem poucos na côrte sabiam de semelhante plano.

Taes eram as circumstancias da revolução oriental quando Lavalleya, accessado por Fructo Rivera, refugiou-se com os seus partidistas na provincia do Rio Grande, visita esta que, sendo acolhida por todos os que desejavam tirar partido das desordens orientaes, veio lançar a sisania entre os rio-grandenses, produzindo uma série de males, como passamos a demonstrar.

O padre Caldas, que já tinha sido lançado fora do curato do Cerro Largo, dirigiu-se a Porto Alegre e ali fez acreditar ao marechal Barreto que a premeditada revolução oriental estava começada e que só faltava proteger a empreza para se realizar o plano.

Este general achava-se filiado a uma sociedade secreta, que denominavam *Continentista*, e nella introduzindo o padre Caldas, trataram de dar toda a protecção a Lavalleya; e, para melhor promoverem os interesses deste, fizeram apparecer dois periodicos intitulados *Continentista* e *Recopilador*, exaltando o character de Lavalleya e deprimindo a Fructo Rivera.

O presidente Galvão, extranho a esta intriga ou desapprovando-a, temendo comprometter a provincia em uma nova guerra, não só ordenou que se não dessem auxilios a Lavalleya, mas até que fossem os seus partidarios dispersos e retirados da fronteira.

O general Barreto, ou pela influencia que tivesse sobre elle o presidente ou porque da côrte recebesse outras instrucções, attentos os solavancos que a anarchia dava, tanto na capital do imperio, como em algumas provincias do norte, o certo é que secundou aquellas ordens e declarou-se implacavel inimigo de Lavalleya e seus amigos.

O coronel Bento Gonçalves, porem, commandante da fronteira de Jaguarão, contraindo intima amizade com o padre Caldas, que passou a residir na villa do Cerrito, illudiu semelhantes ordens,

protegendo descaradamente os emigrados, apesar das continuas recommendações do presidente e afinal cortou toda a sua correspondencia com o marechal Barreto, que, extranhando-lhe sua conducta não perdia a occasião de o criminar ante o governo do Rio de Janeiro, que, em consequencia de suas representações e do presidente, chamou em Maio de 1833 o dito coronel á côrte, para onde partiu em fim do mesmo anno.

Tendo apparecido em Porto Alegre os estatutos da *Sociedade Militar* do Rio de Janeiro, alguns officiaes entusiastas principiaram a convocar seus camaradas para que o mesmo fizessem, e os ditos estatutos foram instantaneamente reimpressos.

O marechal Barreto, sem que se alistasse logo, tinha-lhes promettido a sua protecção e mesmo acceitar o cargo de presidente, quando fosse installada.

Devemos, porem, confessar que os que voluntariamente se encarregaram de promover tal associação não gosavam da opinião liberal ou de adhesão á nova ordem de cousas de 7 de Abril; o coronel Manoel da Silva Freire, o homem summamente honrado e de character de *antes quebrar do que torcer*, era o maior entusiasta, porem tinha em seu desabono o ser muito affecto a D. Pedro I. a ponto de dar como certa a sua volta ao Brazil, por elle muito desejada.

Os outros promotores não eram muito aptos para figurar em semelhante projecto, pois que, sendo suspeitos e faltos de prestigio, compromettiam as melhores intenções de seus camaradas.

Os maiores João Manoel de Lima e Silva e José Mariano de Mattos, ambos filhos do Rio de Janeiro, tão depressa souberam de semelhante projecto, o buscaram logo desacreditar, o primeiro em consequencia de cartas que recebeu de seus irmãos do Rio de Janeiro, e o segundo querendo fazer-se popular na provincia para que fora mandado, julgou que esta intriga aproveitaria aos de seu bando, composto de toda a vil canalha de Porto Alegre, a quem elle desmoralisava com suas palestras republicanas e federaes, sendo alem disto um grande partidista de Lavalleja, que, segundo se dizia, lhe tinha promettido elevados postos e uma estancia, se triumphasse no Estado Oriental.

Os ditos maiores, por varias vezes, se desavieram em opiniões, porem nessa occasião se ligaram na mais fraternal amizade, para se opporem á installação da referida sociedade.

Lima, que tantas demonstrações de jubilo patenteava na volta do marechal Barreto, a ponto de influir para que seus officiaes lhe dessem um divertimento theatral, em que pela primeira



JOSÉ DE PAIVA DE MAGALHÃES CALVET

vez se poria em scena a farça *O politico liberal por especulação*, em cujo original elle mesmo tinha feito alterações dos personagens, para publicamente ridicularisar alguns exaltados, rompeu toda a sua communicação com o dito general, por presumir que elle approvasse a dita sociedade, a qual já tinha mais de cem socios de todas as graduações, incluindo muitos officiaes do 8.º batalhão de caçadores.

O Dr. José Mariani não tendo sido accedido no Pará, foi nomeado presidente desta provincia e, chegando a Porto Alegre, no dia 22 de Outubro de 1833, tomou posse em 23.

A camara municipal achava-se nesse dia apurando a lista dos jurados e o commandante do batalhão de guardas nacionaes Silvano José Monteiro apresentou ali um papel com 120 e tantas assignaturas, aonde, confundidas algumas poucas pessoas de representação com alfaiates e proletarios, pediam que o presidente pelos meios legais a seu alcance prohibisse a installação da dita sociedade.

O presidente da camara, José de Paiva Magalhães Calvet, que já estava disso prevenido, immediatamente a dirigiu ao presidente da provincia, o qual no dia 24 indeferiu semelhante representação, reprehendendo a camara por ter arrogado a si a intervenção em um negocio incompetente em suas attribuições.

Grande numero de mais rasteira população se achava, desde a manhã desse dia, á porta da camara, vociferando contra os militares e esperando com impaciencia a volta do presidente e immediatamente se começou a ajuntar mais canalha; aquelle, assim que do palacio observou o motim, mandou chamar os juizes de paz; porem, mal estes entraram no palacio, o major Mattos, pondo-se á frente dos amotinadores, se dirigiu ali o que sabido pelo presidente, baixou á porta do palacio e, tendo seus arrazoados com o dito major, o entreteve, enquanto o marechal Barreto fazia reunir nos quarteis a pouca tropa de linha que havia na cidade.

Neste entretanto chegou um ajudante de ordens a participar ao presidente que a tropa estava prompta, o que sendo ouvido pelos amotinadores, debandaram e alguns gritaram: — As armas!

Um celebre alfaiate, chamado Marques, filho de Santa Catharina, muito turbulento, foi o que então mais se distinguio.

Todo este dia e os seguintes se passaram em sobresaltos, e o marechal Barreto se comportou com a maior coragem, pondo-se á frente de alguns poucos officiaes e soldados.

O major Lima esteve no quartel com o seu batalhão; porem succumbido e temendo-se dos seus proprios officiaes.

A' proporção que o presidente se negava a prohibir a instalação da Sociedade Militar, os influentes da mesma proseguiram em seu intento com mais calor e enthusiasmo, parecendo que um rompimento ia haver entre os dois partidos.

Afinal o marechal Barreto, sendo convidado para uma reunião dos cabeças do motim, se accommodaram as desavenças e cessaram os alarmes: O presidente Mariani suspendeu do commando do corpo de artilharia ao major Mattos nos primeiros dias de Novembro e pouco depois os dois commandantes de permanentes, os quaes faziam parte dos subscriptores da representação, e que deram todos os motivos de suspeita durante os alarmes referidos.

Sabendo Lima que seu patricio Mattos estava suspenso daquelle commando, immediatamente pediu igual dispensa, a qual sendo-lhe concedida, arrependido, assumiu, no seguinte dia, o mesmo commando do 8.º batalhão de caçadores.

Nesse entretanto occorreu ter sido remettido preso um corneta desertor desse corpo, a quem o dito major estava dando effectivo no respectivo mappa, fazendo entrar seu indevido soldo na caixa da musica; alguns officiaes do corpo pretenderam dar ao prelo este procedimento e a falsificação da firma de um juiz de paz, cujo crime o dito major, para se encobrir, perpetrava.

Por todos esses motivos e tendo antes desafiado a varios officiaes, pediu licença para ir á côrte, affirmando a seus amigos que em caso de recusa, desertaria; porem sendo-lhe concedida, para lá partiu a todo o galope pela estrada de Santa Catharina, nos fins de Novembro, prometendo dar uma volta a toda a administração provincial.

O partido da Sociedade Militar, intitulado-se—da ordem, principiou a ser advogado pelos periodicos *Idade de Ouro*, *Inflexivel* e *Sentinella* e ultimamente pelo *Belona*, e o contrario pelo *Recopilador*, *Inexoravel* e ultimamente pelo *Echo*, apparecendo de vez em quando alguns numeros da *Idade de Pau*, redigida pelo boticario Pedro José de Almeida, de quem teremos tambem muito que dizer no decurso desta historia.

Os influentes da Sociedade Militar não desesperavam da sua instalação; porem os acontecimentos de Porto Alegre tinham desanimado nas differentes povoações da campanha o seu alistamento, visto que os papeis da opposição buscavam tornar odiosa a sua instituição; porem esperava-se que logo que o marechal Barreto se declarasse, concorreriam muitos officiaes a subcreverem-se nessa associação.

Nos ultimos dias de Novembro, houve duas sessões preparatorias em casa do coronel Manoel da Silva Freire, ás quaes concorreram muitos socios, e o mesmo marechal Barreto se achou na 1.^a, promettendo acceitar o cargo de presidente, creado no acto de se installar, o que devia ter logar no dia 2 de Dezembro; e na 2.^a, mandou dizer, por um seu ajudante de ordens que lhe parecia mais acertado transferir-se a mesma installação para o dia 1.^o de Janeiro seguinte, renovando as suas promessas de tomar a seu cargo a direcção dos trabalhos da dita sociedade.

Tendo, pois, todos os socios ficado de accordo com o dito general sobre a celebração de semelhante acto no dia 1.^o de Janeiro de que assombro se não possuiram, quando o presidente Mariani na abertura do conselho provincial, que teve logar no dia 1.^o de Dezembro, depois de ter mostrado que era infundada a justiça dos peticionarios de Outubro, concluiu que os officiaes, depondo seus caprichos, tinham, para evitar desintelligencias, cedido de sua pretensão e que a *Sociedade Militar jamais se installaria*.

Tão inesperada sentença, proferida pela primeira authoridade da Provincia, em presença dos deputados do conselho geral, produziu um sensação extraordinaria nos militares da projectada sociedade, não porque temessem que o presidente podesse legalmente cumprir a sua promessa, mas sim porque logo todos se persuadiram de que o marechal Barreto, atraçoando os seus camaradas, é que tinha affiançado áquelle a não installação da sociedade, como audazmente lhe disse o coronel Manoel da Silva Freire, no seu quartel-general:— A sociedade não está installada por culpa de V. Exa.; porem conte V. Exa. que se ha de installar, dê por onde der.— Ao que o marechal, abaixando o rosto nada respondeu.

O presidente José Mariani de tudo deu conta ao ministerio, o qual approvou as disposições que havia tomado e determinou que o major José Mariano de Mattos partisse logo para Santa Catharina, cuja ordem sendo-lhe intimada, deu parte de doente e o presidente, attribuindo-lhe tal desculpa á sua malicia, o mandou recolher preso ao quartel do estado maior do 8.^o batalhão de caçadores até que d'ali seguisse a seu destino.

A chegada do major Lima ao Rio de Janeiro mostrou logo qual era a marcha desse infame governo.

Dentro de um mez, expediram-se tres avisos (e pelo mesmo ministro) a respeito do major Mattos; o 1.^o mandando-o partir para Santa Catharina; o 2.^o revogando semelhante ordem em attenção a carregar com muita familia, ficando porem avulso; e o 3.^o emfim,

reintegrando por um decreto o mesmo major no commando effectivo do corpo de artilharia, de que até então era commandante interino.

O brigadeiro Carneiro, velho rio-grandense que tantos serviços prestou nas differentes guerras do sul, foi demittido de commandante superior das guardas nacionaes.

O almoxarife do arsenal, Victorino José Ribeiro, foi esbulhado de seu emprego e substituído (contra a lei) por um amigo de Lima.

E o cidadão oriental Manoel Roedas, que, por ser turbulento e partidista de Lavalleja, fora mandado sahir barra fora, mereceu tambem um especial aviso do ministro da justiça para regressar. (1)

Todas estas noticias erão communicadas pelo Lima ao alfaiate Marques e a outros de igual relé e festejadas com foguetes.

A mais rasteira intriga promovida pelo astuto e covarde Governo contra a Sociedade Militar do Rio de Janeiro não só conseguiu nos primeiros dias de Dezembro dispersal-a mas até homens assalariados pelo mesmo governo se valerão d'esse atroz golpe de estado para destruir as impressas em cujo prelo se publicavão os periodicos que fazião opposição aos desvarios de uma administração revolucionaria, inepta e venal. Esta noticia chegando a Porto Alegre alegrou summamente os farroupilhas e abateo de uma vez os animos dos militares que pretendião associar-se e afinal dissipou-se semelhante projecto. Nesta occasião o Ministro Antero escrevia ao Marechal Barreto, não só recommendando-lhe, que não permittisse a installação da dita Sociedade, mas tambem noticiando-lhe a bulha que Lima tinha feito no Rio de Janeiro, exprimindo-se aquelle d'esta sorte — já principiou a intriga contra Mariani — é tratando do 8.º Batalhão — Mande V. Ex. passar para a Cavallaria a todos os Guaranis: pois será bom extinguir politicamente esse corpo attenta a intriga em que se acha —

O governo satisfazendo todas as propostas de Lima até lhe deo o Ministro da Guerra Avizos de procuração não sabemos que outro nome dar-lhes, para elle poder passar a avulsos aquelles officiaes de quem se queixava: e elle estulto chegou a convocar alguns, exigindo seo arrependimento á vista de taes ordens; porem não faltou um Tenente de nome Antonio Maria de Souza, que lhe respondesse que fizesse de taes Avizos o devido uzo, pois que não

(1) Esta memoria foi publicada até o periodo acima, no *Almanach* de Alfredo F. Rodrigues, para o anno de 1905. — A. P.

devia ter pena d'elle, porque elle tambem a não teria quando a elle Lima acontecesse alguma desgraça.

Havendo pois Lima saciado todo o seo rancor e com Bento Gonçalves influindo para a nomeação do Doutor Braga, destituindo a Mariani, entra triumphantemente a Porto Alegre em principios de Abril de 1834; e Gonçalves pouco tempo depois aportou ao Rio Grande com a Carta Imperial de 14 de Fevereiro do mesmo anno, que nomeava Antonio Rodrigues Fernandes Braga Presidente desta Provincia: cuja noticia foi pelos farroupilhas celebrada com a mais viva alegria.

Demorando porem o Presidente nomeado até 3 de Maio a sua posse, occorreo ainda na administração de Mariani outra sublevação contra Frutuoso Rivera. Lavalleya tendo desembarcado proximo do Porto das Vaccas (Provincia Oriental) pôde conseguir reunir alguma gente e levantar o estandarte da rebellião: porem Rivera perseguindo-o rapidamente, aquelle vinha outra vez buscar asilo em nossa fronteira dirigindo-se a Alegrete; e em marcha escreveu a Bento Manoel commandante d'aquella fronteira pedindo-lhe auxilio, visto que seu grande amigo Bento Gonçalves e outros de Porto Alegre assim lhe havião aconselhado. Bento Manoel remettendo a carta original ao Marechal Barreto, o conjurava a que fosse ali quanto antes, pois só com a sua presença se poderia evitar algum compromettimento; asseverando que elle nada sabendo de taes convenções, estava só disposto a fornecer-lhe gado, para evitar que o roubassem: e a fazer respeitar o territorio brasileiro.

Apresentada esta carta com outras reflexões do Marechal ao Conselho administrativo, resolverem que este partisse quanto antes a dar as necessarias providencias. Mariani deo parte para a Côrte, e o Ministro aproveitou a occasião de mandar para o Povo de S. Borja, em Missões, o 8.º Batalhão, para ali ficar estacionado, e o corpo de Artilheria para o Rio Pardo, seo primitivo quartel: este partio logo; porem aquelle só o verificou a muito custo passados mezes.

Assim expirou a presidencia de José Mariani, a que os anarchistas tratavão de *engeitado!*

A posse do Dr. Braga foi a mais festejada talvez que tem havido n'esta Provincia, pelos exaltados liberaes: foguetes, luminarias, e applausos immensos lhe tributarão: e como não houvesse já authorisação para as Camaras fazerem as despesas do — Te-Deum — o Presidente da d'esta capital José de Paiva Magalhães

Calvet a fez com profusão á sua custa (quanto depois se não arrependeria!) O celebre Pedro Boticario, que buscava desde 7 de Abril sobresahir em patriotismo e provincialismo lhe dirigio uma eloquente felicitação, e na — Idade de Pau — o elogiou sobremaneira, descarregando toda a sua iracunda bilis sobre os adoptivos, a quem tratava de — gallegos —

Na sessão do Conselho Administrativo se tratou da substituição dos Commandantes de Permanentes: o Presidente e um vogal erão de opinião, que se ellegessem dous officiaes de confiança e não se reintegrassem os demittidos; porem os outros membros do Conselho insistiram pela reintegração; e assim se venceo.

Entre as satisfações que a tripeça governativa deo a Lima, foi uma a deportação do Major Visconde de Camamú para S. Catharina: José Mariani não instou na execução, em razão d'elle haver dado parte de doente. Os papeis farroupilhas pedião seu cumprimento, e Braga mandou intimar-lhe a ordem: porem como aquelle não quizesse partir nem por mar nem por terra, ordenou ao Commandante da guarnição ou que o fizesse seguir para seu destino, ou recolher ao quartel do 8.º enquanto se curava. Camamú então abstando-se de sair á rua representou, que não podia ser curado com commodidade naquelle quartel do 8.º, accrescendendo, que temia que o Commandante do Batalhão sendo seu fidal inimigo lhe proporcionasse o beneficio.

O Presidente insistio, e aquelle depois de ter feito grande espalhafato, já com contestações, já com ameaças de suicidio, cedeo: sendo depois condemnado pelo Juiz de Paz a trez mezes de prisão, por motivo d'aquellas expressões a respeito de Lima: os farroupilhas exigirão que fosse transferido para a cadeia aonde entrou, porem voltou, visto seu estado de saude, para a do quartel. Pedro Boticario então Juiz de Paz, quase reprehendeo ao Presidente por esta sua contemplação, aproveitando o seu costumado palavreado, burlesco — empolado, em que ninguem jamais o desbancou. Posto que Braga lhe respondesse em termos algum tanto asperos, seu irmão o Dr. Rodrigues Fernandes Chaves, Juiz de Direito da Comarca, estando na Villa S. Antonio, se incomodou com as tolices e ouzadia do Boticario, que enthusiasmado de si si mesmo, estava insultando todos os homens de bem, e com grande preponderancia entre a canalha, que o chegou a tratar de primeiro Rio-Grandense (1).

(1) Nas obras poeticas do author, se acha o retrato d'este Marath, e bem assim algumas das suas façanhas em verso burlesco |

O partido Caramurú (assim se chamavão os da Sociedade Militar) mostrou-se totalmente frio na posse do novo Presidente, e até diremos que o deixou de todo entregue aos seus contrários, não fazendo o menor cortejo, posto que elle por sua afabilidade merecesse todas as attensões—Pedro Chaves, irmão do Presidente, moço que não contava ainda 25 annos, porem de uma vivacidade, energia extraordinaria e genio perverso, ou porque lhe parecesse mal o desmarcado atrevimento dos farroupilhas, ou por querer figurar desenvolvendo seus talentos, ou finalmente para balançar aos dous partidos, se erigio em chefe de um 3.º, a que concorressem os homens de bem de um e outro, rompendo repentinamente com o audaz e treloucado boticario. Tendo este Juiz de Paz concedido fiança a uns arguidos de introductores de moeda de cobre, aquelle, como Juiz de Direito, lhe intimou o cumprimento da lei, e o boticario d'isto estimulado lhe respondeu, segundo o seu estilo, atrevida e grosseiramente: e disto resultou polemica tão forte e renhida entre os dous, que não houve já maneira de os acomodar. Tão depressa soou tal desharmonia, que o partido cahido se unio a Chaves, e os influentes do contrario, depois de ter tocado todos os esforços para trazerem Chaves a uma reconciliação, não só o abandonarão, mas até lhe fizerão a mais crua guerra.

Lima apesar das representações que os Juizes de Paz fizeram para não marchar o seu Batalhão para Rio Pardo, teve afinal que seguir: porem demorando-se ali a pretexto de transporte, teve tempo bastante para, com seu collega José Mariano de Mattos, desmoralisar os habitantes d'esta Villa, que até ali não sabião o que era a intriga de partidos, afinal proseguio seu caminho para Missões, já murmurando da administração de Braga.

O marechal Barreto, queixando-se amargamente do apoio que Bento Gonçalves dava aos emigrados de Lavalleja, convidava o Presidente a uma conferencia no Jaguarão; e este para ali partio em 30 de Agosto d'este anno; porem não achando lá aquelle General o foi encontrar nas Pedras Altas; ficando ambos satisfeitos um do outro: volta Braga ao Rio Grande, e aquelle para sua estancia.

Notaremos mais, que achando-se Bento Gonçalves, que commandava o 4.º Corpo de Cavallaria, escandalisado do Marechal, obteve do Ministerio Antero, alem da pensão de 1:200\$000 annuaes, o ficar fóra das ordens do mesmo General, a pretexto de comprar — tóros de anduvaí para o arsenal de guerra ! !

Como pois teremos de falar d'este Ministro, que depois da revolução figurou tambem de Presidente, cuja missão muito mal

cumpriu seguindo avesso comportamento, apontaremos de passo a sua política ministerial.

Bento Gonçalves foi chamado á Côrte á rogo de Galvão e Barreto (1) e o Ministro alem da grandiosa mercê que lhe impetrou, despachou um Sargento que comsigo levava de maneira mais escandalosa possível: estavam pois as promoções prohibidas, e só havia permissão para conferir os postos de 2.^{as} tenentes de artilharia, áquelles que tivessem os precisos estudos: que fez Antero, despachou este afilhado de Bento, e outro de Lima, 2.^{as} tenentes de artilharia: e como estes logo declarassem que nada sabião d'aquella arma, elle os mandou regressar a seus corpos no posto de Alferes: vindo assim a serem baptisados em outra freguezia ! Ainda mais: para se desfazer do Brigadeiro Soares de Andréa, o mandou para esta Provincia, a titulo de formar um archivo militar promettendo-lhe as gratificações que na qualidade de engenheiro lhe competião: n'isto fiado deixou este á sua familia o soldo da patente, reservando só taes vantagens: porem com que pasmo elle d'ahi a dias recebeo participação do Presidente Mariani, dizendo-lhe que nem sua commissão tinha effeito, nem tal abono se lhe faria, visto as ultimas ordens da Côrte. O Brigadeiro partiu para S. José do Norte, sitio pelo Ministro designado, e ali viveu dos prestimos dos seus amigos, até que Braga o encarregou de uma commissão, dando-lhe a consideração que merecia. Passados tempos se recolheu á Côrte escandalizado do logro soffrido. Que admirados ficarão nossos leitores, quando adiante tratarmos do procedimento de Antero como Presidente e muito mais quando Camamú foi o apologista d'esse mesmo que ordenou a sua deportação, e que elle insultou em 1835 no seu — Barbeiro — quando aquelle destituido do ministerio a que voltou !

Braga estando contractado para se casar no Rio Grande, aproveitou, como dissemos, a occasião de ali ir; e se demorou talvez mais do que devia, pois só a 4 de Novembro regressou a Porto Alegre.

Todos os papeis de um e outro partido tinhão, com a perseguição da Sociedade Militar, desaparecido e só existião o — Recopilador — e o — Eco — no sentido da revolta, e a — Sentinella — no da ordem: é facil ajuizar que estarião sempre em continua descompustura, muito principalmente depois que Chaves se valeu do (...2) para bater no Boticario. Nessa occasião appareceu

(1) Consta que Bento Gonçalves dissera ao Governo que jamais trasigiria com os revolucionarios, e se havia duvida, desde logo se offerecia para ir servir na guerra de — Pancillas — em Pernambuco.

(2) ...Falta no original o nome do jornal. — A. P.

tambem o — Federal — redigido por um tal Alencastro, que nenhum conceito mereceu, attenta a crassa estupidez do seu redactor; porem assim mesmo foi o primeiro que atirou as suas rajadas ao Presidente, tratando-o de Marica que quer cazar—, e a Pedro Chaves tambem não poupava com seus insultos. Nos principios de Outubro achando-se já muito adiantada a indisposição entre os dous partidos, occorreu que Silvano Monteiro, Tenente Coronel commandante do Batalhão de guardas nacionaes de Porto Alegre, mandasse prender quatro guardas por uma pequena falta, em uma das sallas do quartel do 8.º Batalhão que servia de prisão, com a denominação de — Xadrez —; os presos recusarão entrar, e Silvano para obrigar a guarda dos mesmos que era composta de individuos do dito corpo, foi em pessoa e uniformado fazer verificar o cumprimento de tal ordem. Mal que chegou ao corredor em que estes se achavão foi cruelmente esbofetado, ficando com a cara toda esmurrada. O 2.º commandante de Permanentes, Tenente Fagundes, como partidista do tenente-coronel gritou a seus soldados — mata guardas nacionaes — porem não foi obedecido dos seus, que immoveis deixarão perpetrar á vontade semelhante attentado. Pedro Chaves, como chefe de policia, foi ali affectando não gostar d'aquelle desacato; porem não faltou quem dissesse que elle é que o promovera. O certo é que na — Sentinella — se annunciou este acontecimento, principiando por estas palavras — um caso mais de rizo do que de consequencia acaba de ter lugar n'esta cidade...

Os farroupilhas levarão muito a mal este ultrage; e almejando vingança, vociferando cada vez mais contra Chaves, e denunciando-se que na Capella de Viamão se preparavão homens, para, de accôrdo com os guardas nacionaes partidistas de Silvano, esparem os contrarios do Batalhão do seu commando, em acto de revista, na varzea proxima á cidade, foi vedado o exercicio e reunião d'esse corpo, que nunca mais se formou durante a administração de Braga: organisando-se porem uma companhia de cavallaria de todos os individuos de confiança e para cujo commando foi eleito capitão José Thomaz de Lima.

Recebendo Braga o acto adicional, mandou que a Camara de Porto Alegre o fizesse publico: e como os Vereadores fossem quaze todos farroupilhas, assentarão solemnisar a promulgação d'esta lei em 24 de Outubro, dia anniversario do motim contra a Sociedade Militar. O chefe de policia Peçanha representou contra isto, porem a Camara insistio. Nas vespervas se espalhou, que gente de Viamão pretendia vir attacar a cidade, e uma tarde houve

um alarme, suppondo-a já na Varzea. Assim sobresaltados os do partido da ordem, se reunirão em numero de quatrocentos a quinhentos homens no Arsenal de guerra com a noite d'aquelle dia, temendo algum desacato; até que os farroupilhas com uma muzica de curiosos, sahirão com archotes pelas ruas principaes da cidade dando vivas á liberdade: e encontrando-se com o Visconde de Castro e Brigadeiro Manoel Carneiro, que estavam a cavallo conversando a uma janella na rua da Igreja, dispararão se dous tiros (dizem que pelo façanhudo Marques alfaiate) que não offenderão a nenhum do dous. O primeiro deu de esporas e se retirou, e o segundo cahio do cavallo, porem não foi maltratado. Como o sequito não soubesse quem erão os aggressores, se dispersou na maior desordem e alarido, deixando alguns até os instrumentos de muzica. Conta-se que um topando no rabecão, persuadido que era morto, exclamara — este já aqui ficou, eu não tardo. — Varias outras anedoctas poderíamos contar, que muito divertirião a quem presenciou tão jocosa farça: porem desejamos poupar a nossos leitores o tempo, que ao escrever esta historia tambem não nos sobra. As denuncias de revoltas continuavão: e Pedro Chaves como mais compromettido teve que estar prevenido de armas e acompanhado de gente de confiança para rebater qualquer assalto que pretendessem fazer á sua casa; e poucos dias depois serenado este estado de ameaças partio para Villa de S. Antonio a presidir ao Jury — o presidente Braga apesar das instancias com que este seu irmão lhe pedia que voltasse, ainda estava no Rio Grande, e então na melhor intelligencia com Bento Gonçalves o mandou á Capital, persuadido que com a sua influencia tudo pacificaria; e tal foi a sua confiança, que dizem lhe dera algumas cartas brancas, para em caso de necessidade, usar dellas convenientemente. Chegou pois este Coronel nos ultimos dias de Outubro, e tanto fiado em si que elle se julgou com a capacidade de neutralizar a influencia dos dous partidos: porem ambos delle desconfiados analizarão suas expressões, buscando-o ter de seu lado. Pedro Chaves voou logo a conferenciar com elle, e derão de parte as maiores demonstraões de amizade. Os intitulados patriotas festejarão a Bento Gonçalves com muito jubilo, e entre outros applausos derão o de — viva o pai dos farroupilhas.

A 4 de Novembro chegou Braga sem produzir a menor sensação entre os farroupilhas, que suppondo que elle tomaria parte por seu irmão Chaves estavam na expectativa a seu respeito. Bento Gonçalves com seu amphibologico comportamento capacitou ao Presidente de que tudo estava concluido, ao mesmo passo que

contava aos do partido opposto tudo quanto se passava entre elle e a primeira authoridade; finalmente notando-se que quem estava auzente, segundo a condição de quem de com elle tratava. Braga nos primeiros dias não deu disposição alguma, por onde se soubesse o rumo que pretendia seguir: porem assentado que se devião mudar os commandantes de Permanentes, communicou a Bento Gonçalves esta intenção; este então lhe indicou seu cunhado o Capitão de milicias Antunes, assegurando que elle seria o primeiro e mais restricto observador das ordens do Presidente, que apesar de não gostar de tal proposta, por fim annuoio em nomeal-o. Bento Gonçalves partio de Porto Alegre satisfeito de Braga, para a sua estancia de Camaquam: porem constando a este que Antunes se achava na mais intima relação com os revoltosos, que mais tinha sobresahido nas passadas convulsões, e que este lhes tinha prometido não os atraiçoar no emprego a que aspirava : revogou a ordem logo que aquelle Coronel se auzentou, elegendo o Capitão, tambem de milicias, Azevedo e Souza, para commandante de Permanentes.

Este ensejo foi muito favoravel aos farroupilhas, para soprarem a discordia entre Braga e Gonçalves; e logo no — Recopilador — gritarão ás armas, tratando de traição a falta da promessa feita a Bento Gonçalves.

O padre Caldas sacerdote, como já dissemos, desinquieta e turbulento, que segundo é fama, tinha promovido dissensões entre varias familias do Jaguarão, para onde se tinha refugiado em consequencia da aversão que lhe tinham os povos da fronteira do Estado visinho, e a quem se attribue o assassinato de José Theodoro, homem de grande nomeada por seu valor nas guerras passadas: este Padre continuando a proteger a facção Lavallejista, foi mandado por Braga sair barra fóra, porem esta ordem foi illudida pela competente authoridde, vindo elle a seguir para o Rio de Janeiro occultamente de ali a muitos dias — Tambem suspendeo Braga ao Tenente Coronel do Batalhão de Guardas Nacionaes de Porto Alegre, dando por motivo as occurrencias que citamos: sendo pois estas talvez as unicas medidas de vulto que tomou Braga e tendo-se já a opposição desmascarado pela imprensa, tentou Pedro Chaves de rebater as vociferações que soltavão contra seu irmão: e um novo periodico intitulado — Correio Official — sahio á luz em 19 de Dezembro, continuando tambem a Sentinella em polemica com os dos anarchistas — vendo-se annuciado a publicação d'aquelle, e suppondo os oppostos quaes seus fins, mesmo antes de apparecer a primeira folha dezacreditavão seus redactores. E o mais é que em seu começo tiverão logo

opportuna occasião para lhe darem a primeira investida, e vem a ser : Pedro Chaves, e Manuel Felizardo, Inspector da Thezouraria, é que o redigirão: porem outro era seu editor. Pedro Chaves no 1.º Numero quiz inserir um artigo muito virulento contra Bento Gonçalves, porem o edictor temendo a responsabilidade, e que quanto tinha de pacato, aquelle tinha de atrevido, modificou as suas expressões, e lembrando-se que era bom attrahir o Marechal Barreto, concluia com elogios a este. No outro dia lendo Chaves aquella folha ficou muito enfadado: posto que já estivesse distribuida a seguinte correecção, que vio a luz em 20 do dito mez, supprimio o elogio do Marechal, o que deu motivo a que os contrários glozassem isto como arrependimento n'este ponto, e buscassem tomar formar assim a intriga com o dito General, posto que fosse infructifera semelhante tentativa. O—Correio—batendo sempre em Bento Gonçalves, aconselhava a Barreto a que o demittisse de commandante da fronteira, e este assim o praticou nos primeiros de Março; e este obedecendo, se recolheu á sua estancia, partindo logo depois para Porto Alegre, a titulo de eleitor para votar na eleição do Regente, e nos primeiros dias de Abril ali chegou.

No Rio Pardo tinha havido em principios de Janeiro um motim a pretexto do procedimento do Tenente Silva Barbosa commandante da policia: Havendo o Juiz de Direito Pontes deixado n'aquella occasião de qualificar como sedição aquelle desaguisado, poucos dias depois o tratou por tal, e dando parte ao Presidente este lhe mandou proceder como fosse de lei. Forão pois processados os principaes authores d'este attentado, em que os façanhudos Mattos e os Amaraes erão os principaes — Já nesse tempo na campanha se commettião as maiores atrocidades, por falta de policia e o mais é que os Juizes de paz temendo por sua segurança as deixavão perpetrar; pois mais de quatro que pretenderão fazer executar a lei forão aleivosamente assassinados em suas proprias casas ou fazendas. Não havendo ali quem se atrevesse a fazer o processo dos ditos amotinadores, achando-se com a vara de Juiz de paz o cidadão Vasconcellos Cirne, foi por tres mascarados assaltada de noite a sua casa, e elle morto, sendo pai de onze filhos, que presencião tão horrivel scena; um d'estes tirou a mascara a um, e conheceu ser dos Amaraes e como tal se escapar para a casa do Tenente Coronel d'este nome. Novo processo se intentou contra estes homicidas, porém como só havião conjecturas, se lhe deu tempo a poderem escapar-se os seus authores. Pedro Chaves tinha feito uma chapa para as eleições dos deputados Provinciaes

antes do rompimento com Bento Gonçalves, na qual este Coronel era também incluído; porem como apparecesse no — Annunciador — do Rio Grande — a mesma chapa com differentes observações, em consequencia de a haver communicado Gonçalves ao redactor d'aquelle papel de autonomasia o Chico da botica (1) (Xavier Ferreira) teve aquelle de a reformar; e posto que andasse tarde a cabala dos farroupilhas não foi muito bem succedida; comtudo seus mais exaltados corypheos tomarão assento na Assembléa Provincial, que teve sua primeira sessão em 20 de Abril de 1835.

Nos primeiros dias de Janeiro chegou a Porto Alegre a noticia da morte do Duque de Bragança que os intitutados patriotas *livres e natos* muito celebrarão. Miseraveis! Quanto se enganarão. As scenas do Pará já não podião impunemente repetir a pretexto de evitar a restauração: e esse partido donominado Caramurú, em que havia bem poucos que trabalhavão para semelhante mudança politica, ia tomar maior ascendente, dezacreditando os modernos innovadores, ou pescadores de aguas turvas—

Esta noticia dizemos engrossou o partido da Ordem, e sustentou a Braga na Presidencia; pois o malevolo Governo não tinha um pretexto plausivel para o destituir, nem os intrigantes para o tratar de chefe do partido anti-nacional, o que lhes seria facil não havendo aquella occurrencia.

O Marechal Barreto pouco antes de se abrir a Assembléa informou a Braga dos tramas que se urdião para a separação da Provincia da associação brasileira, e por outros soube aquelle Presidente de semelhante plano. Na campanha, principalmente na fronteira do Rio Grande, se espalhava que uma revolução deveria ter lugar no dia da installação; e até se disse que, o Tenente Coronel Silva Tavares, a quem nomeou para substituir no commando a Bento Gonçalves, deveria ser assassinado em Camaquã, quando viesse na qualidade de Deputado tomar o respectivo assento. Porem fosse qual fosse o transtorno este plano não se realisou; talvez porque aquelle Tenente Coronel informado d'isto não concorresse á Capital. Conta-se também, que contra o Marechal Barreto se intentara por duas vezes o assassinato.

(1) O Presidente Galvão no officio de 23 de Abril de 1835, se explicava a respeito d'este homem assim ao Ministro do Imperio: — «Pelo que respitta á opinião que de mim forma Xavier Ferreira, deixo a honra e juizo de V. Ex. dar-lhe o valor que merece: e só me cumpre dizer a V. Ex. que o dito individuo é um desses miseraveis que dezeja vêr a Independencia da Provincia verificada por qualquer título que seja. Está muito velho, e sendo naturalmente fraco de intelligencia e de alma, não teve tempo para mudar de opinião; esta paixão deve ser a ultima de sua vida.»

Na occasião da abertura da Assembléa pronunciou Braga a sua falla, e nella disse, que constava ao Governo que uma facção desorganizadora pretendia constituir a Provincia Independente.

Este topico produziu as mais fortes altercações entre os deputados dos dous partidos; affectando os dos farroupilhas o maior espanto, pedirão ao Presidente que denunciasse quem erão esses aturridos, para se darem as necessarias providencias — O Deputado Joaquim Vieira da Cunha, amigo e parente de Bento Gonçalves e de Braga, posto que este contasse com o seu apoio, bandeou-se por esta occasião para os farroupilhas, e o mesmo praticou em todas as discussões sobre este objecto; semelhante procedimento se attribuiu a aversão que tinha ao Marechal Barreto, originada por uma reprehensão que lhe deu Braga, quando elle Vieira teve conflictos de jurisdição com aquelle General; e por haver tido parte no assalto que os emigrados fizeram á povoação de S. Servando, na raia do Estado Oriental; e ha quem diga que elle era decidido protector da causa de Lavalleja. Em todos os mais assumptos abonou a administração pertencendo a maioria que se compunha de 16 e a minoria de 11: observando-se porem, que esta era mais ardente e compacta em suas opiniões: as mesmo tempo que aquella por vezes se discordava, apesar de ter de sua parte alguns oradores bons.

Depois de contestações entre o Presidente e a Assembléa, resolveo esta chamal-o para, em sessão secreta, expor as suas razões d'aquella denuncia; e elle convidado ali concorreo.

Com a imparcildade que nos é propria, diremos, que este passo que alem de desconheitar muito Braga na opinião de ambos os partidos, foi infructifero e leviano. Nós censuramos que elle se explicasse d'aquella maneira; podia tocar a materia, com mais circumspecção, isto é, annunciar como boato a conspiração, fingindo não acreditar, e mesmo ter força para a suffocar; porem as phrases de que mal a proposito se servio, derão motivo a um litigio tão funesto, e de que muito mal se sahio —

Por este tempo appareceo um novo papel em pequeno formato e estilo burlesco, sob o titulo de — Mestre Barbeiro —; seus primeiros numeros erão summamente jocosos, pois seu fim era metter a ridiculo os façanhudos liberaes. Foi primeiramente escripto pelo Visconde de Camamú, e por fim por um tal Monteiro, mais conhecido pelo —Prosodia— (a primeira victima que morreu na occasião da sedição).

Como seu preço fosse 20 reis, e todos seus artigos continuada achincalhão, fácil é saber a sofreguidão com que tal periodico seria procurado.

Como dissemos aquella sessão reservada produziu o peor effeito: os deputados corypheos dos dous partidos buscarão illudir a seus contrarios, por meio do osculo fraternal, dando mil satisfações uns aos outros; notando-se porem que os farroupilhas se quizerão mostrar generosos, e os da ordem muito submissos: as particularidades mais salientes forão — Bento Gonçalves requerer que não tivesse effeito uma representação....., que a seu favor pretendião os da opposição levar ao Governo Imperial, em acinte ao Marechal Barreto e Presidente: Calvet offereceu-se para redigir um manifesto aos povos da Provincia, desvanecendo as idéas pouco favoraveis que houvessem ácerca da administração de Braga: e Pedro Chaves prometteu sair por alguns mezes para fóra da provincia e mudar de phrase no Correio Official.

As tres primeiras condições desta mutua capitulação parlamentar tiverão effeito: pois não se fez a representação premeditada, appareceu o manifesto dito, e Chaves passados quase dous mezes partio com Manoel Felizardo para a corte com licença. Só a ultima não teve lugar: pois deptro em poucos dias voltou o Correio a seguir o seu ordinario estilo, quero dizer, batendo os da opposição contraria, até o embarque do mesmo Chaves.

Esta conferencia, com affectação reconciliatoria, sobresaltou aos dous partidos: e tanto o Presidente, como os Deputados de um e outro lado, quando se lhes inquiria do resultado misterioso, se inculcavão de serem os vencedores de seus antagonistas. Não tardarão muitos dias que a Assembléa se tornasse ainda mais tormentosa, e os periodicos mais insultantes; até que nos ultimos dias de seu encerramento passarão por maioria a lei das Guardas Policiaes e a do Orçamento, em que se augmentavão varios tributos provinciaes, quaes os de 10\$000 por legoa quadrada, sobre casas de molhados, carreiras de cavallos, e até chapeados de prata. Sendo pois esta ultima uma contribuição que tocava a todos, e mesmo feria os costumes dos habitantes da campanha, nos ultimos artigos os farroupilhas se servirão de sua gloza para mecha da revolução prompta a inflamar-se.

A sessão fechou-se em 20 de Junho, e Pedro Chaves no principio de Agosto sahio da Capital para o Rio de Janeiro, proseguindo Braga em sua marcha firme de não transigir com os farroupilhas, desvanecendo assim a idéa de que era seu irmão quem o dirigia, mas sim a sua consciencia e as leis; porem estas tão fracas

que lhe não permittião atalhar os males imminentes de uma revolução que a todos os momentos se vaticinava.

O Governo do Rio de Janeiro tendo approvado a medida que adoptara o Marechal Barreto de destituir a Bento Gonçalves do commando da fronteira do Rio Grande, e attendendo as reclamações que aquelle fez contra Lima e Mattos, expedio um avizo reprehendendo a estes dous e ordenando a suspensão dos respectivos commandos, se não obedecessem pontualmente ao Commandante das Armas, e ao mesmo passo publicava no Jornal Official um decreto, nomeando a Bento Gonçalves Commandante Superior das Guardas Nacionaes; e por outro avizo removia para S. Catharina a Mattos, substituindo-lhe no commando o Tenente Coronel Henrique Marques Lisboa. Estas duas disposições jamais se realisarão, porque não forão enviadas officialmente como cumpria.

Bento Gonçalves no fim da sessão pedio licença para ir á Provincia de Entre-Rios, e seu cunhado Antunes a Montevideo: que tambem não se verificou.

O processo dos presos do Rio Pardo estava paralisado: e Mattos achando-se ali preso foi reconduzido para esta cidade.

Pontes, Juiz de direito d'aquella Comarca, achava-se licenciado, redigindo o Correio Official em Porto Alegre; e tal susto infundio a tragica scena de Vasconcellos Cirne que ninguem queria acceitar a vara de Juiz municipal para prezidir ao Jury —

Nos primeiros dias de Setembro se espalhou estar Braga substituido pelo Dezembargador Cesario, e os farroupilhas annunciarão esta mudança com maior alegria: parecia pois que não havendo até então rebentado a mina, se esperaria especioso motivo depois da posse do novo presidente; e por isso os homens de boa fé supposerão desfazer-se por emquanto a tormenta imminente. Apesar disso declamações houverão da parte d'aquelles contra esta nomeação, por não ser filho da provincia. Quando se julgava tudo acabado, eis que Braga recebe nos principios de Setembro participações de Barreto sobre uma conspiração que se tramava, e pedindo as mais energicas providencias: porem aquelle na supposição, de que em consequencia d'aquella noticia não haveria já que recuar, se contentou só em expedir ordem ao commandante da Escuna estacionada no Jaguarão, para receber a seu bordo e conservar com segurança qualquer individuo que o Marechal lhe remettesse preso !

Nas vespas de 7 de Setembro se divulgou que era este o dia apazado para a revolução; no seguinte houve alarme pela

mesma razão; porem sendo infundadas as precauções, o — Recopilador — metteo á bulha semelhantes temores, attribuindo-os a remorços do Presidente que delles perseguido, não conhecia a legalidade que seus contrarios professavão.

Por este tempo tinha sahido para a campanha Bento Gonçalves; e Bento Manoel que tinha vindo por alguns dias a Porto Alegre, a pretexto de doença depois de viver na maior harmonia com este, se retirou tambem para Alegrete, tendo sido mui cortejado dos mais exaltados farroupilhas, e não recebido com grande distincção por Braga. Tal era o estado da Provincia do Rio Grande do Sul, quando em Porto Alegre no dia 19 de Setembro de manhã se denunciou ao Presidente que existião grupos de cavalleiros armados, tanto do outro lado do Guahyba, como nas imediações da capital. Elle então, posto que ainda lhe não desse grande pezo, deo assim mesmo algumas providencias, e passou grande parte do dia no Arsenal de Guerra dando suas disposições; porem que fracas disposições erão estas! Vinte homens de cavallaria de linha apeados, oitenta e tantos de infantaria Permanentes, gente venal e sem disciplina alguma; alguns officiaes avulsos, a companhia de cavallaria de Guardas Nacionaes, composta de gente escolhida, porem bisonha; e duas Escunas de Guerra no porto. Eis ahi toda a força de que podia dispor em uma cidade, quanto extensa, e nada fortificada. Ao chegar a noite mais redobrarão os annuncios e temores, até que elle se deliberou a proclamar: porem um geral terror panico foi fructo de suas exortações. Chegou a noite, e um permanente mandado a expiar as reuniões annunciadas, voltando quazi ao escurecer, contou que no sitio da Azenha (meia legoa da cidade) estava com alguma gente o septuagenario Gomes Jardim, farroupilha fanatico, e de influencia entre seus socios. Mandou então Braga reunir a pouca gente que dissemos no palacio, exceptuando os permanentes, que ficarão em seu quartel á entrada da cidade. O visconde de Camamú, que tinha sido, depois de absolvido no Conselho de Guerra, nomeado Major de Legião do municipio da capital, concorrendo no Palacio se offereceo a ir fazer um reconhecimento, e á testa de vinte e tantos homens de cavallaria de Guardas Nacionaes, e serião 9 horas, se dirigio a pequena ponte da Azenha, aonde estavam os primeiros vedetas dos sediciosos. Este official pouco pratico na arte militar, não calculando quanto é preciso de noite marchar com tento, e principalmente com gente pouco adestrada, se havia de aproveitar-se do terreno plano da varzea, levando todo aquelle piquete em linha, marchou de trez de frente; e indo elle com mais dous

adiantados em vez de fazer alto o primeiro grito que lhe derão as vedetas dos farroupilhas, disparou as pistollas contra ellas; e voltando a toda a brida a procurar os seus, estes persuadidos que vinhão carregados debandarão na maior desordem; e o piquete farroupilha só de 7 homens vendo-os fugir assim espavoridos, os perseguio ferindo quatro, em cujo numero entrou Camamú, e matando o de nome Monteiro (de que já fallamos) que dizem não se querer render depois de ter cahido, e achar-se ferido. Tendo Braga nomeado ao Brigadeiro Gaspar Menna Barreto para commandante da guarnição, e convocando os officiaes superiores ali presentes sobre os meios de repellir os sediciosos, entrou o commandante de Permanentes a communicar os tiros que se ouvirão, e não tardou o Visconde e outros que fugirão a apresentar-se estando aquelle ferido de lança em uma perna e perdido a espada e até o bonet na retirada.

Foi tal o sobresalto que houve no palacio, que não é aonde se encontra melhores recursos —. Cunha e Camamú lhe aconselhavam sustentar a capital, e por fim n'isto se concordou, embarcando-se Braga e sua familia. Sahio pois este do palacio para o Arsenal com uma guarda de vinte homens; e immediatamente tudo se dispersou; e tendo ali a noticia de que os Permanentes tinham se bandeado todos para os sediciosos, excepto os seus officiaes, se passou para uma das Escunas de guerra: porem depois de muito instigado pelo Vice-consul portuguez Victorino José Ribeiro, que se offerecia a convocar os subditos d'aquella nação para defenderem a authoridade legal, volta ao mesmo arsenal, e de novo proclamou, porem sem nada conseguir; pois que não pôde reunir mais de onze officiaes avulsos. N'estas circumstancias forçoso lhe foi reembargar, e seguir no mesmo dia 20 para o Rio Grande.

Os farroupilhas que até o seu embarque mui pouca gente tinham, para incutir susto, propagavão que a sedição fôra geral; que o Marechal Barreto devia ser assassinado, e que de todas as partes descia gente para accometter Porto-Alegre em caso de resistencia.

Bento Gonçalves estava do outro lado do rio; e só no dia 21 é que compareceu na cidade, aonde tambem entrou Jardim affectando maior moderação.

Tanto no primeiro dia como nos seguintes se despovoou a capital com uma espantosa emigração; e apezar das promessas que fazião os chefes farroupilhas, ninguem do partido opposto se julgava seguro.

Emquanto Bento Gonçalves tendo exigido da Camara Municipal a inauguração do vice-presidente Marciano Pereira Ribeiro, tratava com este sobre a maneira de restabelecer a ordem e de concluir a revolução, Braga de ali a mui poucos dias em S. Francisco de Paula buscava enthusiasmar o povo na defesa da ordem, e de ali partindo para o Rio Grande, tomou como pôde disposições para se fazer forte n'aquelles pontos.

No Rio Pardo as poucas praças de artilharia e mais alguns comprometidos e interessados na conservação da legalidade, se intrincheirarão; porem tão depressa souberão do abandono de Porto Alegre, e que Bento Gonçalves ali chegava com alguma força, renderão as armas a 9 de Outubro.

Silva Tavares sabendo que o pretendião assassinar em sua casa no mesmo dia 20 de Setembro, reuniu alguns homens de confiança, emboscando-se nas immediações da mesma cahio de golpe nos assassinos que em numero de 18 perderão 7 a vida, incluindo n'estes ultimos um tal Verdun emigrado oriental: e tão depressa soube dos acontecimentos da capital, buscou logo reunir gente e seguiu para S. Francisco de Paula, aonde o Major Manuel Marques de Souza, por ordem de Braga tinha tambem uma diminuta força.

O Marechal Barreto tambem fez alguma reunião de gente nas immediações de S. Gabriel, em cuja povoação algumas praças de um contingente de infantaria de Pernambuco e Bahia, com o casco do 3.º corpo de cavallaria de linha, se fizeram fortes por alguns dias, porem vendo que aquelle as não soccorria de prompto, tambem se renderão.

E finalmente este General, ou por falta de meios para tomar a offensiva, ou porque não tivesse confiança na sua gente a mandou dispersar, retirando-se elle com alguns officiaes para o Estado Oriental. Silva Tavares contando com os esforços que faria o Marechal, bateu em 17 de Outubro conjunctamente com o Major Marques, no Arroio Grande (8 legoas de S. Francisco de Paula) com uma força de menos de 300 homens outra maior de anarchistas commandada por Antunes, porem constando-lhe que Netto vinha com outra maior a procural-o disperso seus valentes companheiros, e emigrou para o referido Estado. Não havendo já força alguma legal na campanha, teve emfim Braga de sahir a Barra do Rio Grande, a 22 do dito mez, salvando tão somente trez escunas de guerra e o dinheiro dos cofres que encontrou n'aquella cidade; e desta sorte em 32 dias ficou a Provincia toda á disposição dos farroupilhas, e estes principiaram a praticar mil desacatos.

Já dissemos que a revolução na Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul devia ser mais desastrosa do que as que antes tinham rebentado nas differentes Províncias do Imperio. Hum paiz rico, aonde todos se mantem a pouco custo, inexperiente em revoltas, sem guarnição militar, e para maior desgraça proximo aos vulcões revolucionarios quaes as limitrophes provincias hispano-americanas; tudo isto junto á particularidade de serem seus habitantes bons cavalleiros, offerecia aos modernos utopistas ou desordeiros, os melhores elementos para formarem gigantescos planos, illudirem os incautos e empolgarem os primeiros empregos, fosse qual fosse a sorte d'estes povos. A canalha foi sobremaneira exaltada pelos corypheos da revolta, e estes sempre duvidozos de sua segurança, ou temendo perder a sua popularidade, com vontade ou sem ella a deixavão correr á redea solta; daqui provierão os assassinios, os roubos e os desacatos; e a dezordem estava em ordem do dia. Bento Gonçalves e João Manoel de Lima tentarão reprimil-a, porem só tarde o poderão conseguir.

Assim se achava a provincia, quando do Rio de Janeiro chegou José de Araujo Ribeiro nomeado presidente, e sem mais comitiva que o deputado Paranhos. Quaes as instrucções que aquelle teve vocalmente do Governo ignoramos; porem pelas peças officiaes só vemos, que foi um homem mandado á ventura, mais para observar os passos dos anarchistas, que para os chamar a ordem. A pessima politica do governo do Rio de Janeiro, foi a causa de todos os desastres d'esta rica porção do Imperio: os apuros em que se via a respeito do Pará lhe não permittião tomar um caracter hostil, e sim contemporizar. José de Araujo se exprimia para a Côrte d'esta sorte: — Bento Gonçalves é hoje o heroe a quem cantão hymnos, e na entrevista que tivemos em Pelotas, não deixou de soltar algumas bravaças, posto me assegurou que se me daria posse. —

Chegou pois o Presidente nomeado a Porto-Alegre, e ao mesmo tempo ordem do governo para processar o vice-consul de Hamburgo por partilhar a causa rebelde; os animos dos exaltados anarchistas já se tinham demascarado pela imprensa, e o — Continentista — vehiculo dos aturdidos republicanos, aconselhava a desmembração e o regimen republicano. Foi então que os homens mais sisudos conhecerão até que ponto sua indifferença os tinha levado, e o partido decahido principiou a arrepender-se da sua pouca constancia, antevendo comtudo uma reacção. A posição do Presidente foi de certo a mais critica, sem força que o apoiasse: ou tinha que subscrever a quanto os anarchistas quizessem, ou

tentar uma contra revolução, em que os descontentes lhe dessem auxilio e fizessem valer as suas ordens.

N'este tempo a Assembléa provincial, composta quaze toda de supplentes facciosos, ou conniventes na revolução, se mostrava audaz e imperiôsa; e depois de ventilar-se se deveria dar ou não posse a José de Araujo, á vista de um assignado da gentilha mais ordinaria de Porto Alegre, resolveo negar-lh'a a 9 de Dezembro de 1835, espaçando-a para tempo opportuno. D'este acto impolitico data a decadencia dos anarchistas.

Bento Manoel, que por uma vingança, como dissemos, se tinha unido aos farrroupilhas, mas que conservava sempre seu desmarcado orgulho, ou por sympathia que tivesse com o Presidente nomeado, ou porque receasse a rivalidade com Bento Gonçalves, de quem jamais foi sincero amigo, votou pela posse de Araujo Ribeiro, porem não vencendo a votação, retirou-se immediatamente para a campanha, a pretexto de a pacificar, na qualidade de Commandante das Armas nomeado pelo Presidente intruzo. E tão depressa sahio da capital, começou a desacreditar a Assembléa e os agentes da revolta, em que elle tambem tinha tido parte. Depois de algumas contestações pediu José de Araujo seo passaporte para a Côrte, o qual lhe foi concedido: ficando ainda a Assembléa reunida e tratando de varios projectos de lei.

Mal chegou este ao Rio Grande, manifestou-se ali o maior descontentamento; e pessoas houve que lhe aconselharão permanecer na provincia e tomar posse da Presidencia. Então dirigio elle cartas aos primeiros proprietarios da campanha, perguntando-lhes seo parecer, e de certa maneira se deteve a espera do despacho d'este negocio.

As Camaras do Rio Grande, Pelotas e S. José do Norte, o conjurarão a tomar posse; e cedendo ás suas instancias, assim o fez na cidade do Rio Grande. E como a esse tempo recebesse a proclamação que annistiava os rebeldes, remetteo-a para Porto Alegre, participando a resolução que tomara.

Os anarchistas, achando-se já mui adiantados na audacia e descaramento temendo que o Presidente tomasse d'elles vingança, começarão a desacreditar seus passos; ao mesmo tempo que a Assembléa reprovava aquelle acto e o convidava a voltar á capital para ali renovar seu juramento. O vice-Presidente intruso, Mariano José Ribeiro, deo sua demissão. Uma commissão de tres individuos, sendo um d'elles o Major Lima e dous deputados, foi mandada ao Rio Grande, para que voltasse, e a conhecer de perto as suas intenções; e quando regressou, affectou estar satisfeita das

respostas que este lhe deu nos paços da Camara da Villa do Norte, distincto baluarte da legalidade.

N'este interim, uma conjuração, composta quaze toda de officiaes militares, pretendia fazer uma reacção na capital: porem sendo descoberta em razão da philaucia do Brigadeiro Manuel Carneiro da Fontoura, deu motivo a um novo alarma entre os rebeldes, resultando o assassinato do Coronel Vicente Ferrer Freire, seu filho e o Tenente José Maria Lobo; e a dispersão e perseguição, que na Colonia de S. Leopoldo soffreo, a 21 do dito mez de Janeiro, o Brigadeiro Gaspar Francisco Menna Barreto, que se tinha anticipado em fazer ali uma reunião de gente para o fim indicado. Alem disso, Bento Manoel, não soccorrendo como dizem que promettera, aos authores da projectada reacção, concorreo indirectamente para um compromettimento tão serio e tão desastroso. A pilhagem ainda não tinha apparecido; e começou então destruindo as fazendas do Coronel Freire e a chacara do Brigadeiro Menna, para bem dizer, pela raiz. D'esta sorte a desmoralisação se ia enthronizando, e o sangue dos continentistas começou a correr a jorros —

José de Araujo, em tão criticas circumstancias, buscava contemporisar, conservando-se no Rio Grande e affectando voltar á capital; e n'este mesmo tempo a Assembléa, sempre exaltada, o accusava de se ter desmandado da lei. Era pois inevitavel um rompimento, visto não haver maneiras de acalmar os animos e a rebellião se achava muito adiantada. As Torres e Itapoan estavam fortificadas, os rebeldes senhores da capital, e só os districtos de Missões, Rio Grande, e Pelotas se mostravão em estado de proteger a legalidade. N'estes apuros fez o Presidente a sua primeira proclamação, e o estandarte da legalidade tremulou n'aquelles lugares. Sejamos justos: Araujo e Bento Manoel forão os audazes capeões da legalidade e á sua politica e denodo se deve a salvação da Provincia, apesar dos flagellos, que a discordia acarretou em temeraria empreza. Nem se nos diga, que outros alguns serião capazes de o mesmo fazer: em nossa opinião julgamos isso impossivel.

A particularidade do Presidente ser estranho aos dous partidos, e o prestigio militar de Bento Manoel, forão as unicas alavancas que segurarão a união da Provincia, já de facto separada da comunhão brasileira.

Muitos increparão ao Presidente de dar preponderancia a algumas poucas notabilidades, que tomarão parte nos movimentos de 20 de Setembro, ou que facilmente as approvarão: assim lhe foi preciso: pois só fraccionando-se o partido revolucionario, é que

se poderia dar outra face aos negócios; e nem todo o poder do Brasil poderia fazer voltar estes povos á anterior obediência; visto a preponderancia que sobre elles tinhão tomado os sediciosos e as doutrinas que continuadamente lhes proclamavão.

Logo que José de Araujo tomou posse da presidencia fez as participações do costume a todas as Camaras, porem só as dos departamentos de Alegrete e as de Caçapava, Rio Grande, Pelotas, e Villa do Norte lhe prestarão submissão: todas as outras se negarão, distinguindo-se a do Jaguarão e Rio Pardo nas expressões com que reprovavão semelhante acto. Não havendo pois maneira alguma de accommodação, os dous partidos reccorrerão ás armas: differentes hiates se armarão em guerra, o Brigadeiro Menna se encarregou do commando da guarnição da Villa do Norte, que foi fortificada a toda a pressa á vista de 400 rebeldes, começando a sua defensiva com 14 homens, porem que prompto se augmentou o seu numero. Bento Manuel reunia nas proximidades da Cachoeira os habitantes de Alegrete e Missões. Se Araujo Ribeiro se dispunha para a defensiva com poucos recursos que tinha, Bento Gonçalves e os do seu partido se preparavão para o expellir da provincia, levantando forças e proclamando a lei marcial nas suas tropas: então se viu fuzilar, sem processo, ao dezerter das bandeiras anarchistas, não dar quartel a prizioneiros, saquear descaradamente e outros flagellos até esse tempo desconhecidos n'esta outrora feliz e pacifica provincia.

Affonso Côrte Real, rapaz fogoso e a quem seu cunhado João Manoel de Lima tinha desvairado por occasião da installação da Sociedade militar, foi nomeado pelo Doutor Marciano Coronel chefe de legião do Departamento do Rio Pardo, e reunindo algumas forças seguia sobre Bento Manoel, pelo caminho de Caçapava. Este não tendo como resistir-lhe se retirou sobre a fronteira. Silva Tavares, um dos poucos que se pozerão em campo quando appareceu a revolução de 20 de Setembro e que em 17 de Outubro de 1835 bateo os anarchistas no Arroio Grande; depois de se ver perseguido por forças superiores, emigrou com seus valentes companheiros para o Estado Oriental; e vendo que a face dos negócios lhe permittião voltar á sua patria e ser-lhe prestadio, offereceu ao Presidente seus serviços; e este acceitando-o, proclamou aos povos de Jaguarão, annunciando-lhes sua volta, porem prevenindo-os que vinha a favor do novo partido da legalidade, e não do que tinha sido acossado em 20 de Setembro. Talvez pareça culpavel semelhante expressão; porem nós que escrevemos a

sangue frio, fazemos a respeito algumas observações sobre este procedimento.

O Governo do Brasil, inerte e occupado com a expedição do Pará tinha quaze desculpado a revolta; esta com grande rapidez e enthusiasmo alcançou muitos proselitos, e parecia sancionada por toda a Província: pois que incautos e indifferentes lhe davão seu assenso.

Era pois preciso prevenir o povo de que não era a vingança que se tomava dos acontecimentos de 20 de Setembro, mas sim de 9 de Dezembro: n'aquella havia tacito consentimento dos melhores cidadãos, e n'esta estes mesmos se julgavão escandalizados dos turbulentos de Porto Alegre; finalmente a defesa da legalidade, principiava, a bem dizer, n'esta segunda crise, e não na primeira, em que a electricidade revolucionaria abrangeo toda a Província.

Muitos clamavão contra a annistia que o Regente prometeo; porem razão nenhuma tinham. Em nosso pensar, só os mesmos implicados na sedição de Setembro é que poderião fazer uma reacção, e não os emigrados fanfarrões, que sequito algum encontrarão que os protegesse.

Quem pois disser que José de Araujo e Bento Manoel não forão os heroes da restauração, negará verdades puras, ou fallão contra a sua propria consciencia. A sisudez e politicas reflexões que José de Araujo dirigio ao Ministerio a este respeito, são de homem de estado, e que lia no futuro o desfeixo de seus bem combinados planos; embora quatro tarellos então o desacreditem, a posteridade lhe fará justiça. Enquanto no Rio Grande tudo se preparava para rebater alguns ataques dos rebeldes, Silva Tavares se reunia no Passo do Rozario a Bento Manoel, que em 17 de Março bateu e aprizionou n'este mesmo lugar ao rebelde Affonso Corte Real, que sem esperar as forças de Bento Gonçalves se aventurou a soffrer semelhante ataque.

Foi tal o terror que este azar cauzou aos anarchistas, que ha quem diga, que á apathia de Bento Manoel em não perseguir o chefe dos revolucionarios se deve a prolongação da guerra. Nós a este respeito nada diremos, pois não tendo informações exactas, não sabemos se aquelle estaria em termos de progredir em semelhante operação: mas o certo é que Bento Gonçalves se retirou precipitadamente sobre a capital. Do Rio de Janeiro, foi mandada em Março, uma força expedicionaria de 400 infantes, quaze todos recrutas, e 100 artilheiros com competente parque, sendo o commandante d'aquelles o Coronel João Chrisostomo, e o d'estes o Capitão

Lopo de Almeida, e todos debaixo das ordens do Brigadeiro Antonio Elziario de Miranda e Brito, que desembarcarão na Villa do Norte em 24 do dito mez; porem como chegassem adiante algumas praças, e porque o Presidente tivesse tenção de defender Pelotas, para ali fôrão mandados 80 com seus competentes officiaes, commandados pelo Major Marques. Quem conhecer a situação de Pelotas, não duvidará em reprovar semelhante destacamento: posto que estivesse protegido pelo valoroso Coronel Albano, que da Cisplatina tinha sido convidado pelo Presidente para vir servir á sua patria. O Brigadeiro Elziario logo que chegou ao Rio Grande foi nomeado commandante geral das forças em operações d'aquella comarca; e dias depois da sua chegada vizitou Pelotas; outro qualquer, que tivesse pratica da guerra, faria reflexões sobre a violação d'aquella tropa; porem este official, posto que passasse por bom engenheiro, pouco ou nada entendia da arte militar, cuja pratica é talvez mais precisa que a theoria. Por este lado não tinha havido hostilidades, a não ser a tomada de um cuter rebelde, que desobedecendo ás ordens do Presidente, foi mettido a pique pelo hiate do commando do 2.^o Tenente Junqueira; e bem assim o assassinio que no Estreito aquelles a sangue frio praticarão na pessoa do Tenente Silva Barbosa.

O Coronel Albano, tendo noticia de que os rebeldes havião soffrido derrota, e constando-lhe que João Manoel de Lima se achava nas immedições de Piratinim, sahio de Pelotas nos primeiros dias de Abril, com tenção de surprehender aquelle caudilho; porem, segundo dizem, foi atraído pelos seus bombeiros, que assim mal o informarão. Achando-se pois este auzente em Pelotas com perto de 200 homens de cavallaria, o Major Manoel Marques, que em sua auzencia ficou commandando a infantaria, na cidade se vio á meia noite de 6 de Abril cercado por uma força rebelde de 500 homens, commandados por Lima e Netto, os quaes a marchas forçadas tinham partido de Bagé, depois da derrota de Côte Real, e de propozito a fazer esta empreza; não tendo aquelle como resistir-lhes, e mesmo pouca confiança n'aquelles officiaes e praças, capitulou immediatamente: o valeroso Coronel Albano sabendo que uma força se dirigia á cidade, porem ignorando seu numero, regressou na manhã de 7 com tenções de salvar a infantaria, e nos suburbios foi vigorosamente atacado, ficando sua gente derrotada, e elle prisioneiro junto ao Passo dos Negros, quando pretendia salvar-se a nado; este campeão da legalidade de ali a dias, foi atrozmente assassinado por ordem de Bento Gonçalves!

Na capital e nas Torres também se fizeram n'este mez tentativas a favor da legalidade. José Ourives tendo reunido nos contornos da Villa de Santo Antonio e Vaccaria quatrocentos homens, se dirigio a Porto Alegre; e uma patrulha sua de trinta homens até ao Arsenal de guerra, porem perseguida se retirou perdendo dous mortos e um ferido; esta temeridade deu causa para que os rebeldes tratassem de fortificar a capital. O Capitão Pinto Bandeira com varios habitantes de Maquiné e da Serra surprehendeo também toda a guarnição das Torres, e artilharia, uzando de toda a generosidade com o Tenente Coronel Pedro Pinto que a commandava, e com os mais officiaes e praças rebeldes; porem enthusiasnado de tal empresa se dirigio sobre a Villa do Norte, e foi poucos dias depois desbaratado pela força de Onofre, para cujo dezastré muito concorreu a perfidia do malevolo Pedro Pinto, que fingindo ter tomado partido da legalidade, se passou ao inimigo. Onofre mandou então fuzilar depois do ataque a grande parte dos prizioneiros, incluindo o intrepido e infeliz Pinto Bandeira: contão pessoas que assistirão a tão atroz execução, que um dos padecentes se lançara aos pés do verdugo Onofre, pedindo-lhe a vida, visto ser casado e ter 11 filhos, e elle com coração gelado, respondêra — Morra ao menos como Brasileiro, não seja tão covarde — Expressões dignas de um monstro qual Robespierre e Marat.

O Brigadeiro Elziario sendo avizado do apuro em que se achava a infantaria ali destacada, pretendeo logo soccorrel-a, e com o primeiro Batalhão de Caçadores chegou na manhã de 7 ao Rio de S. Gonçalo; porem nada pode fazer, por se achar aquella já rendida, e a força do Coronel Albano desbaratada; por isso voltou outra vez para a Villa do Norte, sem que tal movimento resultasse vantagem alguma. O desalento do Rio Grande foi extremo. Os Passos de S. Gonçalo se achavão guarnecidos com 12 homens do commando do Major Calderon, e por mais que se buscasse reunir gente, se não conseguia: finalmente em um rebatê que houve n'aquella cidade, sem o menor entrincheiramento, não concorrerão oitenta pessoas, e podemos quaze assegurar que se os rebeldes passão logo aquelle rio, tomavão sem difficuldade aquelle porto. Foi então que o Presidente desenvolveo sua energia, mandou organizar ali um Batalhão Provisorio, encarregando o commando ao Tenente Coronel Jacintho Pinto, que dentro em pouco tempo o levou a uma regular disciplina. Novos barcos se armarão em guerra, e todas as providencias se tomavão para a defensiva d'aquella cidade, e do Norte. Onofre deixando uma pequena

partida, se retirou sobre Mostardas, porem logo que derrotou Pinto Bandeira, apertou o sitio da Villa do Norte.

N'esta occasião entrou no Rio Grande o Capitão Mazarredo conduzindo o rebelde Côte Real, e de ali a poucos dias os intrepidos Calderon e Silva Tavares; com a chegada de tão dignos chefes, se reunirão aos defensores da legalidade; porem posto se espalhasse, que elles vinhão á testa de grandes forças, se veio depois a conhecer, que todas reunidas não chegavão a 300 homens. Assim mesmo se organisou uma Brigada, ao commando do Coronel Calderon, que em pouco tempo chegou a 400 homens, bem pagos, fardados e municiados —

Lima depois da surpresa de Pelotas, partiu para Porto Alegre a reunir forças e conduzir artilharia para proteger a passagem de S. Gonçalo, e nos ultimos dias de Maio estava de volta no Arroio Grande, aonde reunindo a Netto contavão 800 homens de cavallaria, 200 allemães de infantaria e 5 bocas de fogo—

Como a estação invernosa ainda não tivesse começado, o infatigavel Calderon propoz a Elziario manobrar nos suburbios de Pelotas; e este tambem em fins de Maio foi ter com aquelle no seu acampamento de Torutama, e ali combinarão a protecção da passagem de S. Gonçalo pela infantaria da guarnição do Norte. Posto já ali se dicesse que os rebeldes em grande numero se achavão no Arroio Grande, não se deu pezo algum a tal noticia, e no dia 3 de Junho o mais tardar devia começar a manobra concertada entre os dous chefes da legalidade. O Brigadeiro Elziario recolhendo-se ao Rio Grande no ultimo dia de Maio, expedio ordem ao 1.º Batalhão de caçadores e bateria de artilharia ligeira para estarem promptos a marchar; mandando que fossem fornecidos para vinte dias. Mas qual foi o assombro, quando na manhã de 2 de Junho se sentiu uma grande canhonada nas margens de S. Gonçalo! Os rebeldes tinhão assestado sua artilharia do outro lado, e acorbertada com paredes de cazas principiarão a bater o hiate S. Pedro Duarte, do commando do valeroso Junqueira, que depois de soffrer o mais vivo fogo abandonou a guarnição com perda de trez homens. A barca de vapor commandada pelo Tenente Raymundo de Lamare soffreu tambem estrago, e a passagem do rio lhes ficou franca. N'esta occasião partio do Norte o 1.º Batalhão de caçadores para aquelle rio, porem julgado desnecessario, e até arriscado seu desembarque foi logo mandado recolher á cidade do Rio Grande: que apesar de se estar fortificando com intrincheiramento fraco e passageiro de madeira, não tinha uma só boca de fogo montada.

Calderon, este habil militar, conhecendo a sua situação, chamava a atenção dos rebeldes, retirando-se sobre a fronteira, sem os perder de vista; e a esta bem combinada manobra, deu tempo a fortificação da cidade, que dentro de breves dias se achou em termos de rezistir.

Ao incansavel zelo do Brigadeiro Elziario, e ao decidido entusiasmo d'aquella guarnição, se deve o não cair a cidade em poder dos rebeldes, porem sobretudo Calderon é que foi o salvador, pela maneira com que os entreteve. O Presidente Araujo não deixou tambem de animar os defensores da legalidade com a sua presença em todas as occasiões de alarme; mostrando que posto não fosse militar tinha bastante coragem.

Calderon não podendo resistir a força superior que perseguia, passou a fronteira e repassou o Jaguarão; movimento de que o Governo Oriental pretendeu tomar satisfação; e daqui o pretexto com que descaradamente principiou a proteger os anarchistas, com cuja causa sempre sympathisou a administração sinistra e cavilosa do Presidente Oribe.

A comunicação com Bento Manoel estava cortada, de Porto Alegre nada se sabia; o Norte estava bombeado por Onofre, e o Rio Grande em apertado sitio, ignorando-se o destino do mesmo Calderon, e apenas corria por certo o assassinato do Coronel Albano. N'esta crise tão arriscada, uma intriga entre os legalistas os veio dividir, e vem a ser: O Deputado Santa Barbara, tinha desacreditado na Côrte a Araujo Ribeiro, a ponto de dizer que nenhum partido tinha n'elle confiança, e o Governo sempre precipitado em suas providencias, nomeou para o substituir na presidencia o Brigadeiro Elziario, bom engenheiro, como já dissemos, porem militar sem pratica e prestigio, mau politico e alem d'isso com poucas relações no paiz. Este mesmo homem tinha sido o primeiro a analizar os actos da administração e até em ordem do dia soltou mofas contra a primeira authoridade; dando de mais a mais certa preponderancia a individuos indignos d'ella, quaes o celebre Camamú e outros de igual estofa: alem d'isto nunca se entendeu, nem buscou entender-se com Bento Manoel commandante das armas.

A noticia da nova nomeação se preparou mais de vinte dias antes de chegarem os diplomas, que dizem tambem José de Araujo retirara, e n'este tempo o vice-presidente Joaquim Vieira da Cunha solicitava um Nós abaixo assignado, pedindo a reintegração de Araujo.

Este papel achando-se no Norte com mais de 400 assignaturas, foi abafado por gentes do Elziario, que n'este conflicto não se portou com a devida generosidade, pretendendo até que se não desse passaporte ao dito vice-presidente para ir á Côrte, a pretexto de ser capitão do Batalhão Provisorio — Não devemos esquecer uma occurrencia que a respeito houve, que na verdade confirma o que acabamos de dizer: Joaquim Vieira estava prompto a partir; houve um alarme nas trincheiras, e Elziario dirigindo-se ao commandante do respectivo Batalhão, lhe perguntou só por aquelle: e como se lhe respondesse que ali não estava, foi o bastante para o arguir em uma ordem do dia !. No meio d'esta desordem uma noticia favoravel encheu de jubilo as guarnições do Rio Grande e Norte; a Capital por uma milagrosa e temeraria reacção foi subtrahida ao jugo rebelde em 15 de Junho; e o Marechal de Exército João de Deus Menna Barreto, que na occasião do movimento se poz á testa da guarnição, participava tão fausto acontecimento, pedindo auxilios: os quaes não passarão de uma expedição maritima que nada fez pela incuria ou pouca energia do seu commandante Medella. Sete barcos de pouca agua, com duas escunas e um patacho de grande força, se apresentarão, apesar dos ventos contrarios, em frente ao Itapuam; e tendo cinco delles passado um cavallete a distancia das baterias, se não atreverão a seguir em soccorro da capital: se Grenffell ou Parker ali estivessem, de certo que a passagem seria franca, e os mesmos barcos rebeldes tomados, porem estes dous habeis nautas vierão depois.

A nomeação do Elziario chegou a 2 de Julho, posta que datada de 26 de Maio; a Camara pedio-lhe espacasse a posse, porem elle a tomou no dia 4 sem menor applauso da comitiva. José de Araujo conservou-se no Rio Grande por petição da Camara, e a 22 do mesmo mez recebeu a carta de sua reintegração. Notaremos de passo que o Governo tão precipitado andou na demissão de Araujo como na sua reintegração: mas eramos de voto que Elziario não deveria se mostrar tão sofrego de semelhante poder, e auguravamos muito mal de sua administração, não só pelas razões que dissemos a respeito de suas qualidades, mas tambem, porque no pequeno circulo das pessoas que o rodeavão, havião alguns intrigantes despreziveis, que o havião de comprometter. Se Elziario se quizesse generosamente vingar de Araujo, com quem andava indifferente, não tinha mais do que fazer-lhe ver que tinha força para ser investido da administração, porem conhecendo a opposição que se lhe fazia, e julgando que a prudencia se deve preferir ao capricho, elle não só espacava a posse, mas até desejava

n'este espaço prestar seus serviços como militar, e segundo o caracter que até ali desempenhava. Porem o — cognosce te ipsum — é mui raro, e acções tão dignas não se casam com a pequenez de espirito d'aquelle Brigadeiro, que por fortuna foi removido logo da Presidencia, e não experimentou os amargores, que em Porto Alegre soffreria escravo, ou em opposição de uma aristocracia militar, que olhava para elle como uma notabilidade que lhe era muito inferior; e para prova do que dizemos, adiante se verá, quanto teve com ella de lutar José de Araujo e Bento Manoel e quem sabe o que succederia com o tempo ao mesmo Antero, posto que buscasse captar as suas vontades. Mas voltando ao fio da nossa analyse, dissemos, que se o Governo não achava Elziario com capacidade de dar boa conta de si, deveria nomear um terceiro, e não Araujo Ribeiro pois havia partido de um e outro e o vencido ficava sujeito e ser mal visto ou perseguido.. Araujo Ribeiro logo que recebeu a nomeação, de que foi conductor Vieira da Cunha, que em vinte dias foi e voltou da Côte, se dirigio a Elziario, pedindo-lhe que demorasse a entrega da Presidencia até entrarem em Porto Alegre; porem este, suppondo que era prestar a outro e não a Nação, o serviço que fizesse, se negou a tal proposição, e no dia 24, com cazaca ordinaria côr de pinhão, e sem insignia alguma militar, excepto chapeo armado, lhe entregou as redeas do Governo. Como já referimos, o acto da posse de Elziario foi muito funebre; e o da reintegração de José de Araujo com todas as demonstrações de jubilo, e acompanhado de um concurso immenso e brilhante: este contraste chocou bastante aquelle, e como tinha em Camamú, rapaz de genio para tudo, o encarregou de fazer um alarme na occasião do Te-Deum. O Quixote Visconde na occasião de ambas as posses mandou ir sempre o seu cavallo arreado para paragem perto; a primeira vez porque temia a opposição, e a segunda para fazer a bregeirice que vamos contar: os rebeldes achavão-se a tres legoas do entrincheiramento, e as vigias avizavão que força alguma apparecia. O cortejo demorou-se algum tempo na Igreja e só passada meia hora é que se começou a solemnidade do Te-Deum: Observou-se n'esta occasião que o Coronel Sebastião, um sobrinho d'este, e o Camamú não tinham acompanhado Elziario, que aquelle ultimo já tarde se apresentou na Igreja, e com summa inquietação mudava de lugar: finalmente uma voz: — *Ahi vem os farrapos* — com toque de alarme, produziu tão grande alvoroço, que tudo correu ás trincheiras, incluzive Elziario e Araujo. Ali perguntarão ao Coronel João Chrisostomo commandante do 1.º batalhão de caçadores, o motivo porque

mandou tocar o rebate, este respondeo, que por ordem do Snr. Brigadeiro Elziario: o qual confuzo, negou, arguindo a sua ordenança (sobrinho do Coronel Sebastião) de ter invocado seu nome para semelhante patifaria. Porem, como o caso já fosse tomando um caracter serio e vergonhoso, o Presidente Araujo cortou as contestações a este respeito, como quem desentendido se fazia. Elziario n'este mesmo dia se passou para a Villa do Norte com seu estado maior; porem á noite outra desordem se principiou na cidade, promovida por acinte a Elziario.

O Tenenté Coronel Jacintho Pinto achando-se malquistado com este, foi quem mais promoveu o — *Nós abaixo assignado* — de que acima tratamos; e querendo solemnizar a posse de Araujo, mandou uma guarda de honra para casa d'este; e no alojamento do corpo de seu commando, proximo ás trincheiras, havião fogos artificiaes para arderem n'esta noite. Galvão commandante da companhia de marinheiros, representou que não devia acender-se semelhante fogo n'aquelle lugar, e Pinto instou, respondendo-lhe com aspereza.

Então aquelle toma a resolução de abandonar o seu posto e dirigir-se ao Presidente; que a muito custo accomodou os marinheiros, vedando comtudo a festividade que Pinto pretendia fazer. Aborrecidos, como estamos, de tratar por miudo estas bandalheiras, passaremos a narrar os acontecimentos posteriores á administração dos vinte dias —

A guarnição de Porto Alegre achava-se entregue a seus proprios recursos: no dia 18 de Junho soffreo um ataque pelo lado do Rio de um patacho, e dos rebeldes, e pelo lado de terra se achava sitiada desde o mesmo dia da reacção — Bento Gonçalves se apresentou com força de mil e tantos homens em frente da cidade, e a 26 intimou sua rendição á descripção; e como não tivesse resposta atacou vigorosamente na manhã de 30 do dito mez, por dous pontos, sendo heroicamente e valorosamente rechassado com grande perda: a 20 de Julho repetio seus ataques, com maior força, porem foi igualmente repellido.

A guerra foi sempre um mal, pois é flagello e destruição da humanidade porem a anarchia o é sobretudo; pois até cantar a victoria de qualquer partido horroriza! O sangue de irmãos e de amigos outr'ora unidos pelos mais estreitos laços de confiança e sympathia, é o que se verte em tão infausta lucta, que destruindo o paiz, acaba de desmoralisar os povos cobrindo-os de oprobrio e de desgraça; por isso não nos animamos a contar semelhantes victorias; e só nos contentaremos em dizer, que a guarnição da

capital no primenro ataque não contava quatrocentos homens disponiveis, e no de 20 talvez não chegasse a 600; vindo assim a bater-se com triplicadas ou mais forças, com um enthusiasmo indisivel de parte a parte. Alem d'isto as prizões estavam cheias de anarquistas, contando-se entre elles os principaes coripheos da revolta; quaes o vice-Presidente intruso Doutor Marciano, Cabrito, Carona, Chico da Botica, Marques Alfaiate e Pedro Boticario; e por isso havia de mais a mais de prestar attenção á sua segurança. A Providencia, pois, é que n'esta occasião deo extremado animo aos defensores da capital evitando assim as scenas mais cruéis, de que seria theatro, caso os rebeldes ali entrassem, pois o saque e a carniceria tinha sido decretados pelo mesmo Bento Gonçalves. O Major Marques foi incansavel.

Afinal em 24 de Julho apresentou-se Bento Manoel na boca do Rio Pardo, a uma legoa da capital, e fazendo logo passar 400 dos seus engrossou a sua guarnição, que desde então se julgou fóra de perigo. Alguns dos presos de mais circumstancia lhe forão remettidos, e elle os fez seguir por terra para o districto da Barra a entregal-os ao Commandante da esquadrilla em Itapuan.

Nas vespervas da reintegração de José de Araujo, tinha chegado do Rio Grande noticia da victoria de 30 de Junho, ignorando-se comtudo os seguidos apuros em que a Capital se achava. O Capitão-Tenente Pareker, commandante da esquadrilla enfrente de Itapuan, não podendo passar os barcos para cima, foi sosinho em um escaler a Porto Alegre, e tão depressa ali chegou, metten-se em um hiate, e tomou outro aos rebeldes á vista da mesma cidade. Greenfeld, mal chegou ao Rio Grande nos principios de Junho, começou a desenvolver sua costumada energia e intrepidez; subio pelo Rio de S. Gonçalo, e por entre o fogo das baterias rebeldes fez descer as canhoneiras, que se achavão para cima de Pelotas; operação arriscada e que custou a vida a alguns poucos marinhheiros. Na sua volta convencionou com Elziario o ataque de Itapuan, e para isso se preparava uma expedição de 100 homens de infantaria.

Araujo Ribeiro julgando acertada esta empreza, promoveo a sua brevidade; e sem que alguem o soubesse, metteo-se elle mesmo a bordo do vapor Liberal com Greenfeld, e seguiu para a barra do S. Gonçalo, ponto de reunião da expedição que se preparava. Ali chegou a 27 do mesmo mez e ao segundo dia de demora seguirão sete canhoneiras com a tropa de desembarque para o referido destino, aonde chegarão no 1.º de Agosto ás duas horas da tarde. Tudo estava prestes a saltar em terra, quando o commandante

Parcker communicou achar-se a fortaleza reforçada e bem entrincheirada, correndo por isso risco de ser malograda a tentativa. Esta informação mais se verificava pelo numero de gente que se via a postos e com disposição de repellir-nos. N'estes termos resolveo o commandante das forças navaes seguir com os hiaes de pouca agua pelo camalote dando á vela para ali. As baterias inimigas fizeram sobre estas embarcações trinta e tantos tiros de canhão, que nenhum damno causarão, posto que algumas ballas jogassem por cima d'ellas. No dia seguinte entrou de tarde a pequena esquadilha na Capital. Uma alegria extraordinaria patenteou-se da parte de seus habitantes e dos da expedição; e o entusiasmo chegou ao ultimo excesso, quando se soube que o Presidente desembarcava. Toda a noite retumbarão vivas, e estrondos de foguetes e salvas de artilharia, finalmente não havia demonstração de jubilo que se não fizesse. Nós que presenciámos tudo isto, bem longe estavamos então de prever as rivalidades e intrigas, que poucos dias depois se originarão, e que por fim tiverão o mais desastroso desfecho, como adiante se verá !

Nos primeiros tres dias tudo fôrão obsequios ao Presidente, o qual no segundo passou revista ao entrincheiramento, no meio dos maiores applausos, sendo acompanhado pelo Tenente General Chagas, que desde 20 de Junho tomara o commando da guarnição, e bem assim de grande comitiva de officaes militares, e cidadãos das classes mais distinctas. Poucos dias depois principiou o commandante das armas a passar suas forças para o lado da cidade, o que feito seguiu com parte d'ellas sobre a colonia de S. Leopoldo, reduzindo o Coronel Jardim (que ali commandava uma força de 200 a 300 rebeldes) a entregar-se com duas bocas de fogo. De volta preparava-se o mesmo Commandante das Armas para atacar a Bento Gonçalves, o qual reunido com Onofre, estava entrincheirado a uma legoa da cidade. N'este entretanto partio o Coronel Cunha com 300 homens de infantaria para Itapuan, e combinando com o Capitão Tenente Parcker um desembarque, o effectuou junto do Saco do Farias, tomando de assalto a insignificantissima bateria rebelde, enfrente da Ilha do Junco; empreza de que tanto se falou e que em verdade não valia a pena de taes encomios; que em paizes civilisados nem ao menos era digna de ser notada, por nimamente futil, como depois o reconhecerão o Brigadeiro e Greenfeld.

Bento Manoel convidou a Bento Gonçalves a uma conferencia, remetendo-lhe uma carta de Regente, dirigida a elle Commandante das Armas, em que lhe pedia que fizesse esforços

para extinguir a anarchia com a menor effusão de sangue. Aceitando este convite, concorrerão os dous Bentos, e encontrarão-se na Varzea, a tiro de canhão da cidade, e ali tiverão uma entrevista de mais de meia hora.

No outro dia o Coronel Cunha, com o Bacharel Sebastião Ribeiro (filho do Commandante das Armas e Secretario da Presidencia) apresentarão ao chefe rebelde as condições, que dizem ser; entregarem os rebeldes de seu immediato commando as armas em 24 horas, Itapuan em tres dias, e todas as mais forças em 20; devendo os chefes mais compromettidos evacuar a Provincia. Bento Gonçalves regeitando taes proposições a que tratou de intimação, blasphemou sobretudo contra os adoptivos e portuguezes, extranhando muito, que o Coronel Cunha, sendo dos primeiros, fosse agente de tal commissão.

A conferencia de Bento Manoel deo principio a novas intrigas. O capricho, e não o bem dos povos, foi sempre o author das desgraças que sobre estes pesão; e muitas vezes a menor leviandade em bagatella inflama os espiritos turbulentos, accarretando grandes males, e muito principalmente em paizes revolucionarios. Francisco Luiz da Costa Guimarães, o mesmo que antes da da revolução de 20 de Setembro, se entretinha por divertimento em espalhar a sizania entre os dous portidos, fornecendo ao — Recopilador — os artigos mais virulentos contra Pedro Chaves, Felizardo e Rocha Faria; e ao — Barbeiro — e — Sentinella — outros não menos atacantes contra Calvet, Bento Gonçalves e mais socios: este homem, ficando na capital e havendo sido maltratado pelos rebeldes, endereçou de Porto Alegre noticias mui interessantes a Araujo Ribeiro; e quando este veio, foi ter com o Capitão Chichorro e disse-lhe, que fencionava visital-o porem que temia que elle o não conhecesse, ao que este contestou; diga Vm.^o ao Presidente quem é, e verá o quanto ha-de estimar conhecê-lo. Acontece, pois, que Guimarães se apresentou a Araujo Ribeiro, e este o recebeo com frieza, ou porque se não lembrasse de semelhantes serviços, ou porque, dotado de um genio secco que seus proprios amigos mesmo lhe notão, não fez o devido reparo no pansudo redactor do — Legalista —

Esta falta de acolhimento, que logo foi taxada de grosseria, bastou para que Guimarães principiasse na sua folha a analisar os actos do governo; e como Bento Manoel estava unido com Araujo Ribeiro, foi aquelle com que primeiro esbarrou, reprovando a entrevista com Bento Gonçalves, e analisando a illegalidade da carta do Regente. N'isto o Dr. Sebastião Ribeiro, secretario

nomeado por Araujo, deu tambem ao prelo o seo — Justiceiro — repellindo com a maior aspereza as censuras feitas ao Presidente e ao Commandante das Armas. D'ahi proveio uma polemica grosseira e exaltada, segundo o estylo de alguns escriptores publicos de presente epocha, que, não podendo rebater com a razão a seus contrarios, valem-se do insulto e das feccias que divertindo o publico, o vão cada vez mais desmoralizando.

Os dous atletas, entretanto, nenhum cuidado causavão. Mas a analyse gratuita que o — Justiceiro — fez a um officio do Major Marques em que desconhecia a authoridade de um Juiz de paz deu causa a que este official(que então gosava de grande popularidade e conceito pelos relevantes serviços prestados á reacção e defeza da cidade) fizesse coro com o Legalista, e entrasse tambem em semelhante opposição; sendo ainda motivo o haverem aquellas authoridades reprovado uma representação, que se lhe apresentou para demittir os empregados suspeitos.

O Commandante das Armas, reunindo forças sufficientes, apresentou-se á vista de Bento Gonçalves; este concentrando-se sobre a capella de Viamão, começou a entrincherar-se tendo 13 bocas de fogo.

O Coronel Cunha, voltando de Itapuan, marchou tambem com toda a infantaria a reunir-se á columna de operações, que, tendo já os rebeldes em apertado sitio, se entretinha com algumas guerrilhas, em que houve pequena perda de parte a parte.

Uma força rebelde, commandada pelo *Menino Diabo* tinha então entrado em Rio Pardo e saqueado esta desgraçada Villa: foi preciso que o Tenente Coronel Medeiros corresse a seu encontro, o qual verificou-se no dia 13 de Setembro, em que foi aquella completamente derrotada por esta.

Lima, não podendo mais sustentar do outro lado de S. Gonzalo, nem se atrevendo a atacar o Rio Grande, retirou-se para Pelotas com a sua artilharia e alguma infantaria. Silva Tavares se achava de observação a Netto, o qual, depois de ter emigrado para o Estado Oriental, voltou, e nas immedições de Candiota derrotou as forças leaes ao mando do mesmo Silva Tavares, por haver este desprezado os conselhos do seu commandante de Brigada o Coronel Calderon, aproveitando-se de sua ausencia e arriscando-se a dar um combate, do qual tão mal se sahio. — Loureiro, vindo em marcha a reunir-se a Calderon, sabendo que o rebelde João Antonio se achava em Alegrete, seguiu para ali, e foi batido e dispersado pelo referido anarquista. Rio Grande e S. José do Norte estavam livres de sitio, e no districto do Estreito se tinha

feito reacção a favor da legalidade. A navegação do Rio estava franca; a segunda fortaleza de Itapuan foi abandonada e os brigues rebeldes — 20 de Setembro — e — Bento Gonçalves — por elles mettidos a pique; e finalmente os lanchões do *Menino Diabo* tinham sido perseguidos e tomados —

Taes erão as circumstancias dos legalistas e anarquistas em Setembro de 1836. Bento Gonçalves conhecendo que sua situação peiorava de dia em dia, e que a deserção ia desfalcando suas fileiras, por uma rapida e bem combinada manobra, levantou campo, a atravessou por entre as forças leaes a 19 de Setembro, dirigindo-se sobre a colonia de S. Leopoldo. As tropas do Commandante das Armas occupavam grande circulo; e fosse incuria ou falta de vigilancia dos sitiantes, o certo é que aquelle seguiu sua marcha, conduzindo toda sua artilharia; e a gente quasi a pé. Tão depressa se soube na capital semelhante movimento começaram as vociferações da gentilha contra o Commandante das Armas, que assim mesmo acossava os rebeldes com a sua artilharia: mas não os podendo chamar a um ataque serio, tratou logo de lhes tomar a frente, embarcando rapidamente para Villa do Triumpho todas as forças da sua columna. E tão desgotoso para ali seguiu, que recusou entrar em Porto Alegre.

Esta evolução foi feita com a maior rapidez e acerto, e muito se deve ao incansavel Greenfeld, chefe das forças navaes, que por fortuna, havia no dia anterior á fuga de Bento Gonçalves, chegado á capital, trazendo a noticia da derrota de Silva Tavares, e da aclamação da republica de Piratiny.

Todos os esforços de Bento Gonçalves erão passar o Guahyba para o outro lado, onde se achava Crescencio com perto de 400 homens; e n'este intuito se dirigio sobre a ilha do Fanfa. Ali cercado pelas forças de terra e extorvado pelo fogo das canhoneiras, foi batido em 4 de Outubro depois de renhido combate, perdendo toda artilharia e bagagens; porem d'esta victoria não resultou o interesse que se esperava; e d'ahi data a prolongação da guerra, e os receios que tiverão da conducta de Bento Manoel.

N'este ataque tornou-se sobre todos distincto o Coronel Gabriel Gomes que pondo pé em terra com sua brigada, desbaratou uma força rebelde de 400 homens na terra firme, e tomou-lhe algumas peças de artilharia. A força do Tenente Coronel Carlos da Costa que o Coronel Cunha como voluntario dizem que dirigia, portou-se com grande firmeza e enthusiasmo; e a não ser a astucia de Bento Gonçalves, toda a guerra civil terminaria n'este dia

Aconteceu, pois, que o chefe rebelde, vendo-se de todo perdido, pediu suspensão de fogo, e se offereceu para ordenar a dispersão dos anarquistas, uma vez que lhe garantisse a vida e aos dos mais chefes, e se dispersasse aquella gente. O Commandante das Armas sem ouvir o Presidente, a tudo annuo, e o mais é que trazendo o mesmo Bento Gonçalves, Onofre e outras notabilidades anarquistas, para o seu acampamento, nem os poz em segurança, nem fez desarmar a sua gente.

A noticia d'este triumpho chegou a Porto Alegre e causou o maior prazer. Porem quando ao outro dia se soube do mal aproveitado que foi, um frio torpor se apossou de todos os animos; e todos antevião um resultado funesto. O Presidente na mesma noite de 4 para ali se dirigio; e posto que não louvasse as disposições de Bento Manoel, não se animou a reproval-as.

Bento Gonçalves pediu mandar ao outro lado seu cunhado Antunes para intimar a Crescencio a sua rendição. Porem exigio ter primeiro uma conferencia secreta com este mensageiro, o que Bento Manoel tambem permittio. Enquanto se tratava da execução das condições propostas, o commandante das armas foi concedendo portarias de annistia aos mais façanhudos rebeldes, quaes o Tenente Coelho, Amaraes, e outros e a Zambecari, secretario de Bento Gonçalves, que já se ia tambem escapando, se não fosse a vigilancia do chefe das forças navaes que o descobrio.

A final revistando-se a correspondencia, que levava Antunes descobrio-se, que o chefe rebelde lhe assegurava estar em breve com Crescencio, a quem recommendava enthusiasmo mais e mais a sua gente. Foi então que Bento Manoel, deixando precipitadamente a sua barraca, ordenou a prizão de Bento Gonçalves e Onofre e mais trez (unicos rebeldes de consideração que já ali restavão) e os mandou seguros para Porto Alegre.

Não se pode duvidar de que o comportamento do commandante das armas com os rebeldes, na occasião da sua rendição, foi revoltante, senão machiavelico; e bem assim que o systema de indulgencia, que adoptou José de Araujo, soltando muitos cabeças de rebellião já pronunciados, e a muitos malfeitores, accarretou-lhe grande descredito, nada aproveitando tal generosidade; pois vio-se anarquista solto duas e trez vezes, e tenaz em seo partido, sempre encontrado com armas nas mãos.

Para engrossar mais o partido da opposição, o Coronel Cunha retirou-se a Porto Alegre, scandalisado do commandante das armas; e como d'este acontecimento tambem se originou grande mal, o referiremos com imparcialidade que merece. Cunha,

habil official de cacadores, porem dotado de um amor proprio desmedido, achou-se em 20 de Setembro em palacio em favor da legalidade. Mas retirando-se o Presidente Braga para o Rio Grande, recolheu-se elle tambem para a sua estancia a dez legoas da capital; e ali se conservou em pleno socego, e até exerceo o cargo de juiz de paz d'aquelle districto. Houve a reacção e ali se deixou ficar (seus inimigos dizem que elle reprovara tal temeridade, e se offerecera a Bento Gonçalves para retomar a cidade: mas fazendo justiça, não o acreditamos). Passou Bento Manoel e o convidou para servir, ao que elle promptamente annuo, e com um enthusiasmo decidido —

Tendo tomado a bateria de Itaquan de que fallamos, e dando grande vulto a esta empreza, bem insignificante para um militar, que tivesse, como elle, assistido a combates serios e renhidos, encorporou-se á columna de Bento Manoel, na qualidade de commandante da brigada de infantaria; e, ou por zelo de serviços, ou por mostrar sua perspicacia e sagacidade, não deixava de o aconselhar, offerecendo-lhe já planos de ataque e já evoluções aproveitaveis.

Bento Manoel, que nada lhe ficava devendo em orgulho, por vezes despresava os seus projectos e até com suas mofas á mistura.

Outro qualquer que não fosse Cunha, conhecendo que nada com isto alcançava, e presando seu melindre, deixava operar a responsabilidade, contentando-se com bem desempenhar o que se lhe ordenasse: porem, ao contrario, continuou, quasi por acinte, a fazer iguaes observações. Chega pois a columna ás approximações da ilha do Fanfa, e o commandante das armas ordena-lhe que passe para ali com 200 homens. Cunha representa, que é pouca gente; aquelle manda-lhe mais com o recado — que se ainda era pouca, elle viria commandal-a —

Esta intimação é na verdade aspera, e Cunha com razão se scandalizou, dando logo demissão do serviço, e respondendo — que não queria roubar a gloria á S. Ex. — N'este conflicto desculpa merece Cunha, posto que recusar atacar com pouca gente nada acredita um militar subordinado e de valor, como elle o era, e por todos reconhecido. Não se tendo ainda realisado a passagem da tropa para a ilha, e retirado Cunha ao acampamento, foi ali instigado pelo Coronel Gabriel Gomes e outros officiaes para se encarregar da empreza, que se lhe tinha incumbido; ao que, depois de muito rogado, dirigio-se ao commandante das armas, expondo-lhe, que, attendendo a instancia d'aquelles officiaes se deliberava

a tomar o commando d'aquella força, ao que este respondeo: — pena tenho de não ter a mão cortada, quando o convidei para o serviço da legalidade —

Esta contestação poz a Cunha em confusão, e veio d'ahi resolvido a retirar-se. Acontece porem achar-se junto da indicada tropa, quando esta se preparava a marchar; e n'esta occasião o Tenente Coronel Carlos, competente commandante, pede-lhe, que o instrua sobre os movimentos e disposição da mesma força e elle, como voluntario, accede, comportando-se bem durante o ataque; retirando-se logo para a capital, apenas concluido este. Ali faz uma participação ao Commandante das Armas, dando parte do acontecido, intitulado-se de chefe que reassumio aquelle commando, e publicando-a pela imprensa, antes de a remetter. Os militares e os que tem conhecimento do que é tropa disciplinada, ajuizem sobre um tal procedimento, e se o commandante das armas devia consideral-o como commandante d'aquella força. Dispensamo-nos de fazer reflexões a este respeito. O partido anti-Ribeirista (assim denominaremos de ora em diante aos adversarios da administração de Araujo Ribeiro e de Bento Manoel) tendo á frente Francisco Luiz Guimarães, já a esse tempo contava alguns proselitos na capital, unindo-se a elles todos os descontentes. E' facil de ver que o Coronel Cunha, apezar das poucas relações que tivesse com estes, se lhes deveria unir, como escandalizado de Bento Manoel. Porem o que admira, é o proceder de um tresloucado rabula Menezes, que tambem começou a fornecer seus artigos para o — Legalista —, depois para a Gazeta. Em tão boa occasião voltou Camamú do exercito, a titulo de doente; e esquecido já dos temores que tinha soffrido na reintegração de José de Araujo, que o tratou com toda a generosidade, a ponto de permittir que elle se arvorasse em commandante do contingente do 1.º Batalhão de caçadores destinado a Itapuan, posto que a empresa não se verificou a primeira vez, nem por isso deixou de conservar tal commando sem titulo algum que o garantisse. Chegado, pois, este individuo, odiado e despresado pelos homens de bem pelo seu character insultante e impostor, teve o club da opposição de entregar-lhe o malhete e elle o ensejo de mostrar para quanto era capaz. Mas o que não será capaz de fazer a convivência de um partido !

Camamú havia seis annos que se não fallava com Cunha, havendo-se ambos descomposto cynicamente pela imprensa. Araujo Franco (juiz do civil da capital, suspenso por Araujo Ribeiro por sua conhecida venalidade) tambem se tinha correspondido com

Camamú por intermedio de negros (isto é na sua linguagem insultante). Um dos dois escrevia:—o criado de F. responde ao Snr. F.— Finalmente via-se estes homens unirem-se indecorosamente; sem se lembrarem que o publico era testemunha d'esses insultos, com que se tinham antes mimoseado.

Na occasião de desembarcar um preso estrangeiro debaixo das proprias janellas da residencia do Presidente, alguns da plebe insultarão aquelle; e vindo um ajudante de ordens d'este accommodar o motim, foi apupado a ponto de levar uma pedrada na cabeça.

O Redactor do — Justiceiro — pretendeo criminar na sua folha semelhante excesso: porem o impressor (o francez Gerad) sendo um dos do grupo negou-se a imprimir; e forão supprimidos tanto o Justiceiro, como o Legalista, sendo porem o ultimo substituido pela Gazeta, e com os mesmos collaboradores —

José de Araujo, desgostoso com esses acontecimentos, partio para o Rio Grande no dia 12 de Outubro, incumbindo ao General Chagas de algumas attribuições do Presidente durante sua ausencia. Esta viagem foi muito prejudicial á causa da legalidade e muito mais quando se espalhou que elle não voltava e entregaria a Presidencia ao vice-Presidente Joaquim Vieira da Cunha. Alguns d'aquelles seos desaffectedos começarão a denunciar reacções e clubs rebeldes na capital; e com este pretexto se promoveo uma nova perseguição contra os que o Presidente soltára, e que, dentro em poucos dias forão quasi todos recolhidos á cadeia.

O Presidente logo que chegou ao Rio Grande fez embarcar para Pelotas uma força de 900 a 1.000 homens, debaixo do commando do Coronel João Chrisostomo e ordenou-lhe que perseguisse as forças do rebelde Lima, que tinham sahido d'esta cidade com grande bagagem e espolio do que ali roubarão; comtudo depois de dois dias de marcha e a tres legoas dos rebeldes, aquelle Coronel retrogradou, sem os atacar, dando por motivo que não tinha sufficiente cavallaria que protegesse a sua manobra. Bento Manoel se achava em Caçapava reunindo forças para marchar sobre a fronteira; de ali officiava ao Presidente para que lhe mandasse infantaria; e este annuindo, fez seguir para o Rio Pardo o Batalhão de caçadores e artilharia ligeira, evacuando-se de novo a cidade de Pelotas.

Como João Chrisostomo tivesse que tocar com esta força em Porto Alegre, alguns influentes do partido anti-Ribeirista solicitarão do General Chagas um destacamento da força de infantaria, e este, posto que perplexo sobre semelhante deliberação, lhe aconselharão

que convidasse a todos os Generaes para em conselho o decidirem (note-se que os mesmos influentes se gabavão depois da sua aventura).

O decrepito General accedeo a fazer-se o convite, e ali comparecendo o Marechal do Exército João de Deus Menna Barreto, Tenente General Camara, Marechal José Ignacio, Brigadeiros Thomaz, Menna Barreto e Carneiro, com os Coroneis Visconde de Castro e Cunha, se lhe apresentou uma acta, de antemão redigida sob a influencia do Major Camamú a qual lida que foi na presença do Coronel João Chrisostomo, se exigio d'elle o seo cumprimento, que vinha a ser, deixar na capital um destacamento de duzentos homens para engrossar a sua guarnição. Aquelle commandante pedindo copia da acta, para sua resalva, ordenou ao Major Prates que desembarcasse 180 homens e fosse tomar quartel na cidade; e depois de satisfazer algumas requisições, seguiu a expedição para seo destino. Segundo depois sabemos, não foi a fraqueza da guarnição que a isto obrigou o Magno Conselho, mas sim a vingancasinha do Camamú em desfalcas o batalhão de João Chrisostomo, e mesmo ver se este commandante tinha algum rompimento n'este conflicto; desejando ensejo, que pelos cabecinhas previsto, tinham dado ordem a uma canhoneira para se postar na boca do Rio Pardo, afim de embaraçar o seguimento da referida expedição, e mesmo fazer-lhe fogo se o commandante não annuisse á citada requisição. Nós não quizemos acreditar tão louca provocação, mas o certo é que os Clubs assim o apregoarão.

José de Araujo, não conseguindo que Joaquim Vieira tomasse conta da Presidencia, reclamou sua demissão para a Côrte; mas informado da desordem que se achava Porto Alegre, partio por terra com onze pessoas de comitiva, e em a noite de 19 de Novembro entrou na capital. Esta inesperada chegada poz em confusão a toda a pandilha da opposição; e o remorço e temor os obrigou a desmascararem-se, analisando seos erros mesmo em sua presença. No dia 20 o forão visitar varias authoridades, sendo a primeira o Tenente General commandante da guarnição; logo n'esta entrevista, aquelle reprovou a compra de armamento que este fizera; e logo depois que se despidirão mandou directamente ordem ao Major Prates, para que n'este mesmo dia embarcasse a reunir-se ao seu respectivo corpo.

Deliberação na verdade chocante, e que hia ferir a representação d'aquelle Conselho, que apesar da manobra clandestina que o convocou, era credor a toda a consideração. O General Chagas chocou-se, com razão, do desprezo com que o Presidente

o tratou; e dando logo sua demissão, tratou a este de grosseiro e atacante, em um officio; de que o mesmo Araujo fingio não acreditar a firma, e isto lhe fez constar; porem Chagas, sustentando ser verdadeira, aquelle lhe respondeu, que tudo lhe desculpava em attenção a sua avançada idade e serviços, recommendando-lhe porem que fosse mais comedido em suas expressões. Então Marques que servia de Major da Praça, deu parte de doente; e a indisposição contra Ribeiro chegou a tanto, que, tendo a officialidade da guarnição deliberado dar um baile no dia 2 de Dezembro, anniversario natalício do Imperador, por influencia dos Clubistas não se effectuou, amalgamando estouvadamente os obsequios ao chefe da Nação, com a indisposição pessoal contra Araujo Ribeiro. A Cunha se lhe offereceu o commando da guarnição, que não aceitou; e occorrendo apparecer a parte do ataque do Fanfa, dirigida pelo commandante das armas ao Ministro da guerra, sem d'aquelle Coronel fazer menção, pedio tambem ser dispensado do commando do 3.º Batalhão Provisorio, de cuja organização tinha sido encarregado pelo Presidente. Enquanto isto se passava, secretamente preparavão os membros do citado Conselho para dirigir ao Governo Imperial uma representação contra o comportamento de José de Araujo; a qual não chegou a ter o devido destino, em consequencia da demissão d'este. N'este papel se criminava a escandalosa condescendencia que tinha havido com anarquistas; mas, o mais gracioso, é que alguns dos assignantes erão os que mais se empenhavão para obter semelhantes graças. Notaremos tambem, que os juizes Municipal e de Paz d'esta cidade, forão tambem representar contra o partido do mencionado destacamento, e dando-lhe o Presidente razões sufficientes para assim obrar, se accomodarão; fazendo depois parte da representação, que disse-mos, que vinha fechada com a assignatura de Camamú. Não sabemos a razão porque este figurãozinho ali appareceu, pois achando-se com parte de doente e desempregado, nada devia influir, mesmo por sua patente, em um acto tão serio: porem, elle queria fazer-se celebre, e era preciso dar-lhe importancia. O Presidente, em vista das demissões referidas, encarregou do commando do 3.º Batalhão Provisorio ao Tenente Coronel Salustiano Severino dos Reis, que então se achava commandante da Policia de S. Leopoldo; e por algum tempo esteve a guarnição da capital sem respectivo chefe. N'isto lembrou-se do Brigadeiro Gaspar Mena para semelhante commando, e este gostando de tal eleição, apesar de ter fallado muito mal da conducta do Presidente, e achava-se a bem dizermos prezo pela representação acima dita,

tratou logo de tudo pacificar, e andando de porta em porta, pedia que relevassem aquella deliberação do Presidente, dando mil satisfações e seus assignatarios comparsas, e até chegou a pedir a Araujo Ribeiro uma retratação por escripto: o que não pode obter.

Depois de muito espalhafato, tomou o tal Brigadeiro o commando da guarnição; e seus socios da opposição lhe cascarão sem piedade, increpando a volubilidade de seu compromettido character, e elle, respondendo-lhe no mesmo tom, desempenhava com toda a energia o emprego que lhe fôra encarregado.

O Presidente quando voltou do Rio Grande, já tinha em seu poder a Lei 11 de Outubro de 1836, que suspende algumas garantias n'esta Província por espaço de um anno; e informado de que um tal Escrivão Luiz Antonio, posto que tivesse feito bons serviços na reacção de 15 de Junho tinha sido o executor das prizoões que em sua auzencia se fizerão, lhe intimou ordem para sahir da Província, o que elle executou em poucos dias. Apesar de que todos soubessem que este Escrivão n'aquella commissão tinha posto a justiça em hasta publica, comtudo, os inimigos do Presidente blasfemarão contra esta arbitrariedade; e o deportado era então a mais brilhante joia dos extremos legalistas —

Mepezes tambem foi pelo mesmo motivo prezo; e depois de muitas choradeiras solto.

Silva Tavares sendo mandado para o Districto de Jaguarão, foi prizioneiro dos rebeldes em 17 de Dezembro: este acontecimento deu causa a se censurar do Commandante das Armas; porem nós diremos o que houve: Silva levou as instrucções mais restrictas, dadas por Bento Manoel para se conservar alerta e com cautella; por um descuido ou traição, foi surprehendido: porem aquelle culpa alguma teve; comtudo observaremos que o Commandante das Armas não deu pezo algum a este successo; o que parece provar que lhe não foi muito sensível; pois nem ao menos o participou ao Presidente.

N'este tempo (meados de Dezembro) se espalhou a noticia de ter sido mudado o Presidente Araujo, dando-se-lhe por successor o Brigadeiro Antero José Ferreira de Brito; e recebendo aquelle as Cartas Imperiaes nos ultimos dias do mesmo anno de 1836, se lhe facultava, por Aviso de 21 de Novembro do mesmo anno, entregar ou não a presidencia: porem elle se deliberou a fazel-o logo que Antero voltasse á cidade, visto achar-se em uma Fazenda na Vaccaria.

Os maganãos, de quem acima fallamos, mostrarão grande jubilo com semelhante novidade; e temendo que Antero não

acceitasse, ou mesmo que Araujo não quizesse dar-lhe posse, negarão a existencia de tal Aviso, gritando que havia de ser mesmo por via de uma rusga Araujo demettido. Pobres myopes! Não sabem que a Provincia não é só Porto Alegre, e que esta cidade é mui pequena para ser capital a quem obedecem 200.000 almas.

A final no dia 2 de Janeiro á noite, chegou o Brigadeiro Antero, cuja entrada foi annunciada por foguetes deitados pelos anti-Ribeiristas. Este, ao outro dia, foi visitar Araujo, e n'esta entrevista affectou de muito moderado; e afinal tomou posse em 5 do dito mez, acompanhado de todos os militares da nova e antiga era, dos empregados publicos das differentes repartições, e pessoas mais distinctas da capital. Findo este acto que foi precedido de todas as formalidades, o novo Presidente ficou em palacio, e José de Araujo se retirou com o Dr. Ribeiro, que na vespera tinha dado demissão do emprego de Secretario e não sei que mais dous individuos. N'isto que atraz d'elle seguirão a passo ligeiro, dous ou trez dos seus adversarios mais influentes, e um d'elles tomando a palavra, lhe disse, que vinha ter a honra de o acompanhar: ao que José de Araujo nada respondeu, e bruscamente se despedio de tão levianos comprimenteiros. Na verdade, é até aonde podia chegar o descoco desses patetas. Não sabião elles que Araujo os conhecia? Que sua presença lhe havia de ser odiosa, pois tinha d'elles sido maltratado em suas diatribes impressas ou vocaes? Ou estes impostores julgarião que n'isto o honravão! Que representação tinhão para tanto julgarem de si: o mesmo Camamú é titular Cham-cham; e por isso ignoramos em que estribavão a sua insultante filaucia.

ADMINISTRAÇÃO DE ANTERO

Na occasião de tomar posse e nos seguintes dous dias proferio o novo Presidente algumas expressões, que demonstravão que elle abominava partidos, e só justiça faria: porem pouco depois começou a justificar que estava disposto a seguir um rumo diametralmente opposto ao do seu antecessor. Como dissemos, este tinha tocado á meta da generosidade e condescendencia com os mais criminosos rebeldes: o que de certo desgostou aos Legalistas, temendo a cada instante uma reacção na capital. Antero, pelo contrario desenvolveu uma perseguição geral e energica contra os anarquistas, e este seu excesso se attribuiu á camarilha anti-Ribeirista, que só almejava vinganças.

Tomando pois as redeas do governo principiou por desfazer tudo quanto Araujo tinha praticado. As cadeas forão atulhadas de prezos, differentes Empregados conservados ou promovidos por aquelle, forão suspensos ou demittidos. Varias deportações houvera na capital e Rio Grande. O Commandante da guarnição foi outra vez entregue ao General Chagas; nomeando-se porem para Commandante Geral das forças dos municipios do Rio Grande, Pelotas e Norte ao Brigadeiro Menna Barreto, que, ou escandalizado da remoção, ou tratando de especular interesses, entrou n'uma regateação de vencimentos, que afinal foi dispensado da commissão e nomeado em seu lugar o Coronel Silverio Prates, official sem prestigio, nem energia, unindo á sua decrepitude a pecha de se ter conservado entre os rebeldes até o fim do sitio do Rio Grande. O Coronel Bernabé Soares que interinamente commandava o Rio Grande, foi chamado á capital, a pretexto de ser convenientemente empregado, porem, passados tempos, se lhe declarou que estava avulso desde o dia em que deixou de commandar aquella guarnição.

Além de tudo isto principiou logo o novo Presidente a incitar ao Commandante das Armas em seus officios e informando mui mal para a Côrte a seu respeito. Politica na verdade perigosa e dezassisada, que deu cauza á medonha crise que logo descreveremos. Como o systema adoptado era reprovar toda a administração de José de Araujo, se fez uma escandalosa promoção, em que, com mui pequena excepção, se premiarão os Clubistas anti-Ribeiristas, a qual, sendo approvada, se publicou nos primeiros dias de Março. N'ella se vio o Tenente Coronel reformado na graduação de Coronel, Francisco Xavier da Cunha, de quem tantas vezes temos fallado, promovido a Coronel effectivo com a graduação de Brigadeiro. Quatro ou cinco pensões tambem forão obtidas, e na verdade bem applicadas; porem a mesquinhez d'este rasgo compensativo, em que não foi ouvido o Commandante das Armas, ganhou muitos desaprovadores de tal administração. Os serviços do Major João Nepomuceno da Silva, o primeiro que organisou um batalhão no Norte, e com infatigável zelo defendeu aquellas trincheiras, os do Tenente Coronel Medeiros, Carlos e Loureiro, e bem assim do Coronel João Chrisostomo, Tenentes Coroneis Jacintho Pinto e Marques Lisboa, erão muito superiores aos agraciados na proposta e clamavão por uma recompensa.

Da Marinha nada censuraremos, por ter sido uma promoção geral, e os n'ella comprehendidos merecerem o accesso concedido; porem d'aquella sempre murmuraremos, e sobre tudo do despacho

do Cunha, posto que elle assim não fosse proposto, mas sim recommendado com muito interesse ao Ministro. Tanto prova que o plano era chocar o Presidente e Commandante das Armas, que, havendo quem desaprovasse aquelle extraordinario despacho ante um dos mais famigerados Clubistas; este deu a razão que era necessario desfeitear José Araujo e Bento Manoel, e que este despacho só tem esse fim: o que deixa a pensar que não forão na realidade os serviços do Cunha que a recompensa lhe grangearão, mas sim que se servirão d'ella só para esse fim.

No Rio Grande tambem houverão perseguidores, e consta que os Ribeiristas, a que derão o nome de Camarilha, pretendião representar ao Governo sobre a reintegração de Araujo Ribeiro, que ainda ali se conservava como particular. He certo que tentou-se fazer a representação, porem não havendo sufficientes assignaturas, desabafarão os taes partidistas por um voto de graça, em que se patenteavão os bons serviços que fez, porem com bastante exageração e mesmo adulação, segundo o estilo ordinario de semelhantes papeis, quasi sempre feitos para abater antagonistas.

Por esta occasião diremos ainda, que José de Araujo era apto para encetar a contra-revolução n'esta Provincia, e a politica que a principio adoptou foi a mais proveitosa; alem d'isto foi grande fiscal da Fazenda, e a sua vinda a Porto Alegre reduziu as despesas enormes que ali se estavam fazendo. A guarnição, que até a vinda de Bento Manoel não chegou a setecentos homens estava commandada por um Tenente General, com titulo de Commandante Geral das Forças, um Brigadeiro, com o de Commandante da guarnição; e dividida em tres Brigadas, commandadas pelos Brigadeiros Menna Barreto e Thomaz José da Silva, e pelo Coronel Visconde de Castro; havendo tambem um commandante geral de artilharia, que era o Coronel Francisco de Paula. Todos estes Generaes tinham o competente Estado Maior, havendo alem d'isto o da praça. Tudo vencia gratificações e mais vantagens, como em campanha; e bem assim as competentes rações de etapa, que estavam attribuidas a 400 rs. cada uma, e houve tanta prodigalidade que se concederão até ás mulheres e filhos de todos os defensores da cidade: o então Presidente fez reduzir as gratificações ás do serviço da praça, posto que não fizesse repôr as já recebidas: e o mesmo praticou a respeito das etapas, poupando assim alguns contos de reis, de que produziu o esfriamento de alguns legalistas dos mais entusiastas.

Finalmente, teve, como já dissemos, defeitos porem prestou muito bons serviços, e houve-se com muito sangue-frio nas crises mais arriscadas.

Voltemos porem á administração de Antero.

Continuando as suas perseguições, e não dando a devida importancia ao Commandante das Armas, antes não perdendo occasião de o incitar em seus escriptos, tentou ir ao Rio Grande. Antes porem que fallemos d'este assumpto, mencionaremos, que uma força de rebeldes achando-se nas approximações da Encruzilhada, baixou partida até a margam esquerda do Jacuhy, e em 6 de Janeiro passou para o lado de Santo Amaro, e surprehendendo a pouca gente que ali tinha o Tenente Coronel Azambuja, que foi tambem prizioneiro, e depois solto; em seguida se dirigio ao Rio Pardo, e apesar do Major Andrade Neves ter ali reunidos mais de 250 homens, incluidos 80 de linha, com duas peças de artilharia, ali entrarão a 10 do mesmo mez, dispersando toda a guarnição e matando 17 homens, incluindo 2 officiaes, e ficando senhores das duas bocas de fogo. Comtudo por pouco tempo gozarão d'este triumpho, pois o Commandante das Armas mandou Gabriel Gomes sahir-lhes ao encontro, e os bateu, retomando-lhes a artilharia causando-lhe bastantes estragos. Em Mostardas tambem houve uma sedição, que foi immediatamente suffocada por uma força que partio do Rio Grande, commandada pelo Major Annibal; e para ali tambem tinha partido José Ourives com alguma força: tudo se fez n'esta Povoação sem sangue, porem as prizões e deportações forão muitas. Assim serenadas as cousas do lado esquerdo do Guahyba, e achando-se alguma gente na Villa do Triumpho, ao mando do Brigadeiro Carneiro (que nada operou, por mais que lhe recommendou vocalmente o Presidente quando ali foi, e depois repetio em seus officios) embarcou o mesmo Presidente a bordo de uma canhoneira, com o Chefe das forças navaes para a cidade de Pelotas, em 11 de Fevereiro levando 100 homens de infantaria, parte dos quaes erão de outra expedição que havia pouco tempo tinha vindo do Rio Grande em soccorro da capital: visto o que tudo o que era gente disponível tinha hido d'esta para a Villa do Triumpho, de observação, como acima dissemos, aos rebeldes que estavam em Rio Pardo. Sua comitiva se compunha do 1.º Official da Secretaria do Governo Lobo Barreto, Capitão Patricio Camara, Major Marques, e 6 ordenanças de cavallaria. Os ventos sendo contrarios teve de fundear a canhoneira no Saco do Farias, muito proximo do reducto que os rebeldes tinham em frente da Ilha do Junco; e como se demorasse ali dous dias, foi o Presidente, com o

chefe das forças navaes e mais officiaes ver a citada fortaleza; e quando chegou, nada admirou; n'isto um dos da comitiva, que não podia soffrer a impostura com que se contou esta victoria analysou a posição e sua fraqueza, a ponto que o mesmo Presidente, disse, como desgostoso do logro em que cahira — Persuadi-me que era outra cousa. —

Esta expressão fez corar ao Tenente Thompson de artilharia, que a bordo tinha recontado a grande victoria e perigos occorridos.

Com ventos quazi sempre contrarios, pode a canhoneira ganhar a barra de S. Gonçalo em 17 do mesmo mez. Na vespera chegou a noticia ao Presidente, que Silva Tavares, depois de estar destinado a ser fusilado no dia 6 de Janeiro, obteve comprar o commandante da guarda, e se escapou com seus companheiros em a noite de 5 do mesmo mez: chegando ao Rio Grande havia poucos dias. Esta noticia alegrou summamente ao Presidente, e na mesma tarde que aportou a S. Gonçalo lhe escreveu, felicitando-o e convidando-o a uma entrevista; o que se verificou no seguinte dia no Passo Moysés. Antero expedio n'esta mesma occasião ordem, para que as forças que voltarão de Mostardas, para ali seguissem, e bem assim 100 praças tiradas do 1.º e 2.º Batalhões Provisorios: mandando que toda a gente de infantaria fosse commandada pelo Major João Nepomuceno.

No dia 19 nomeou a Silva Tavares Commandante Geral do Districto do Rio Grande e Pelotas, dando-lhe amplos poderes para manter a sua segurança; expedio ordem para que em Mostardas e Estreito se recrutasse o maior numero de cavallos, e que estes fossem postos á disposição d'aquelle Commandante, authorisando-o tambem para comprar mais; e mandando passar a infantaria e cavallaria para o lado de Pelotas, e occupado o Trapiche do Ribas: seguiu o Presidente para o Rio Grande em 20. Tanto em o Norte como n'esta cidade recebeu demonstrações de alegria. Ao outro dia de sua chegada, aconselhou a José de Araujo que se retirasse da Provincia, e mandou pôr á sua disposição o Patacho Leopoldina; e este se conformou com semelhante proposta. Durante a estada do Presidente n'esta cidade, houve uma reforma geral na Alfandega; varios empregados forão demettidos e outros providos em seu lugar: Suspendirão-se alguns dos civis, incluindo o Secretario da Camara. Esta corporação toda votada a José de Araujo, e que tão bons serviços prestou na reaccão que aquelle incetou na dita cidade, não compareceu a cortejar o novo Presidente, e tendo pois attrahido já seu rancor por seus membros serem Ribeiristas, buscava-se fôrma de castigar e acabar com ella: 1.º se

lhe ordenou que fizesse desalojar para mais duas legoas da cidade as charqueadas; pois que seu fetido e immundicie dava força ao desenvolvimento da febre escarlatina: ao que ella respondeu em termos energicos e subordinados, que, alem dos prejuizos que causaria aos respectivos proprietarios a execução de semelhante ordem; e mesmo da utilidade d'aqueles estabelecimentos, que se tinha experimentado no ultimo assedio, a Camara bem informada por professores habéis, ali residentes, sabia que em vez de auxiliarem a dita febre, ao contrario, era antidoto efficaz a vertente do sangue do gado, como os mesmos facultativos affirmarão, e por isso pedião a revogação de semelhante ordem. N'este mesmo tempo lhe officiou o Presidente, extranhando-lhe que estando ali havia seis dias, nenhum só membro da Camara se lhe tinha apresentado a pedir alguma providencia a favor do seu Municipio; que se os povos d'elle estivessem contentes, nada importava, porem ao contrario tudo lhes faltava, e por isso lhe ordenava que immediatamente se convocasse aquella Camara, e que em nome d'ella viesse um membro, não a fazer-lhe cumprimentos, mas sim ás necessarias representações. Esta peça official, é com ingenuidade a mais dezarrasoadá que se tem visto, e bem mostra que se queria provocar de todo o modo aquella corporação — Perguntaremos agora, com a imparcialidade com que escrevemos, tinha alguém representado contra a Camara? Porquem foi o Presidente informado do seu desleixo? Nada d'isto aconteceu; a sua adhesão a José de Araujo era todo o seu fim.

A Camara n'esta occasião mostrou um caracter qual o dos antigos Romanos; e depois de ter patenteado que não era digna das arguições que se lhe fazião, e que o seu regimento lhe ordenava, que se correspondesse com as authoridades só por escripto, que não mandava membro algum á presença de S. Ex.ª

Esta contestação (a nosso ver) faz muita honra aquelles cidadãos, almas grandes corarião com sua leiturá, cessando a polemica suscitada. Mas assim não aconteceu: reputou-se a corporação renitente, e as suas respostas se remetterão ao Promotor Publico para processar seus membros como desobedientes, ficando suspensos e substituidos até á decisão da competente sentença. Acompanhou tambem aquelle corpo de delicto, outro officio da Camara que se negava a demittir o seu Secretario, visto ser a nomeação d'este cargo de sua particular jurisdicção. Parece-nos que só n'isto se desmandou; por quanto o Presidente suspendia a titulo de anarquista aquelle empregado e não nomeava outro; e por isto elle tinha a lei a seu favor, sem offender as attribuições

da Camara, que o mais que devia fazer era justificar a conducta do demittido, representando em seu abono; mas não negar-se á execução da ordem, pois aquelle exercicio não tornava privilegeado ao cidadão d'elle encarregado.

Para cumulo da arbitrariedade o ex-Presidente José de Araujo, foi violentamente deportado. O Presidente da Camara Gualarte e Major de Guardas Nacionaes do municipio de Pelotas Matheus Gomes Vianna, presos remettidos a capital, e ali encerrados promiscuamente com os rebeldes. Ambos tinham prestado serviços relevantes á causa da legalidade, e o segundo redigia o periodico — Liberal —, cujas doutrinas muito aproveitavão a mesma causa; porem erão no estilo da maioria provincial, queremos dizer, desculpavão e até exaltavão o movimento de 20 de Setembro, e reprovavão o procedimento da Assembléa Provincial em 9 de Dezembro.

Repetiremos, os senhores emigrados querião extremar-se d'este grande partido, como invariaveis legalistas, tratando aquelles de renegados, sem se lembrarem que Bento Manoel era seu chefe, vingativo e tinha força e prestigio.

O Presidente Antero desenvolveu no Rio Grande uma energia extraordinaria; e de ali representou vivamente para a Côrte contra a apathia de Bento Manoel, tendo a impolitica de mandar inserir em um dos jornaes da capital um officio, que sobre este objecto dirigio ao Ministro. Ali recebeu tambem um officio do dito commandante das armas, pedindo sua demissão, a que bruscammente contestou — que a entregasse ao official a quem por sua graduação competisse —.

A salvação de Silva Tavares causou grande contentamento em Porto Alegre e Rio Grande; e Antero deixando esta cidade depois de mandar desarmar tres canhoneiras e o barco de vapôr, voltou á Pelotas no dia 4 de Março, ali passando revista ás forças de infantaria e cavallaria e dar a Silva Tavares as competentes instruccões, seguiu para Porto Alegre, aonde chegou em 11 do dito mez. Exporemos agora os acontecimentos relativos ao attentado contra elle praticado por Bento Manoel.

As conveniencias politicas do continente, e do Estado Oriental, desde que foi evacuado pelas forças brasileiras, tem estado sempre em mutuo contacto, encontrando os partidos mais ou menos sympathias ou antipathias no Estado observador (sic) Isto aconteceu quando Lavaleja por vezes conspirou contra Fructuoso Rivera, em que parecia que a Província de S. Pedro, dividida tambem em duas facções, advogava cada uma a causa do

contendor affeiçãoado com um interesse inexplicavel. Daqui data a intriga entre varios chefes brasileiros da fronteira: desintelligencia que muito concorreo para a revolução de 20 de Setembro. Tendo sido Fructuoso o substituido por Oribe na presidencia d'aquelle Estado, este e seus delegados protegião occultamente os farroupilhas depois da sahida do Presidente Braga, affectando porem que muito sentião as desgraças d'estes povos. Rivera, pelo contrario, mostrou-se affeiçãoado ao partido cahido, e até se offerencia para tomar parte activa em semelhante protecção: o que sabido por Oribe, o demittio do commando geral da campanha, suprimindo este emprego, de cuja deliberação aquelle, em lugar de se mostrar escandalizado, affectou de agradecido. Occorre, pois, ter Calderon, como deixamos dito, transitado pelo territorio Oriental.

Oribe julga uma violação, e faz reclamações: Fructuoso aproveita o ensejo, e levanta forças na campanha para derrotar Oribe, proclamado a causa da legalidade brasileira. Esta revolta teve lugar em fins de Junho de 1836, e parecia que Fructuoso seria o vencedor. Porem depois de um renhido combate, no Passo da Carpintaria, em que acossou as forças d'aquelle, foi atraído pelo Coronel Ranna, que se passou com oitocentos homens para a gente de Oribe: e por isso tanto Rivera como os que lhe forão leaes, se refugiarão em Alegrete no mez de Agosto do dito anno.

Chegando a noticia a Araujo Ribeiro, em occasião de estar no Rio Grande, e achando-se em litigio com as authoridades Orientaes em consequencia das reclamações dos barcos e mais despojos que os rebeldes tinhão levado de Pelotas e abrigado na fronteira oriental; expedio logo ordem ao Commandante das Armas para fazer retirar todos os emigrados para o interior da fronteira. E voltando a Porto Alegre, enviou o Tenente Francisco Barreto á convidar Fructuoso á vir á capital: porem este official ficou prisioneiro dos rebeldes logo depois de o haver sido Silva Tavares. O Coronel Calderon official de grande conceito entre os orientaes e reconhecido por sua sagacidade e prudencia no Continente, engajou a maior parte da gente de Fructuoso, e com ella se incorporou ao Commandante das Armas, á cujo Quartel General seguiu o mesmo Fructuoso, que até se achou no ataque de 4 de (Janeiro ?).

Com a prisão do dito Tenente perdeu-se o officio em que Araujo Ribeiro mandava vir todos os emigrados para Caçapava ou Cachoeira; e por isso aquelles forão assim empregados. Oribe, sabendo d'isto, auxiliou descaradamente aos emigrados rebeldes

brasileiros. Na execução d'esta deliberação se distinguirão os Generaes Brito e Servando Gomes, aquelle na fronteira do Quarahy, e este na de Jaguarão, a ponto que n'esta até tinha Netto uma fabrica de polvora.

Bento Manoel, tendo nova recommendação de Araujo Ribeiro para fazer vir Fructuoso á capital, o fez, mandando prisioneiro o General Lavalleja, vindo este a chegar nas vespervas da partida de Antero para o Rio Grande, e aquelle no outro dia.

Bento Manoel não gostou da mudança de Araujo Ribeiro. Seu filho, Sebastião Ribeiro, pesquisava sobre o conceito que fazia de seu Pai (Bento Manoel) o novo Presidente. Este, menos discretamente soltou expressões contra a pouca energia do Commandante das Armas; a intriga até contou, que pisava alguns officios aos pés, o que não sabemos. Alem d'isto Bento Manoel avisou a Araujo (suppondo-o ainda na Presidencia) de que vinha ao Rio Pardo, e requeria uma conferencia. Antero recebeu esta participação, e seguiu para o Rio Grande recommendando ao General Chagas, que tivesse todo o cuidado em entreter Rivera até sua volta; e que em ultimo recurso lhe negasse passaporte. No Rio Grande se apresentou ao Presidente o Coronel Aguirre, mandado por Oribe, porem sem credencial para formar tratado algum, mas sim para dar explicações sobre a lealdade d'aquelle Governo para com este, fazendo ao mesmo tempo reclamações a respeito dos emigrados orientaes serem retirados da fronteira e prohibio Rivera e Lavalleja de ali voltarem.

Antero, depois de buscar justificar-se e prometter satisfazer aquella representação, queixou-se amargamente dos Generaes Servando e Brittos; pedindo tambem que fossem retirados da fronteira e substituidos por officiaes, que nenhum auxilio mais prestassem aos rebeldes —

E, dando d'isto parte á Còrte e ao Agente de Negocios em Montevidéo, despedio ao dito Coronel com esta simile concordata.

Assim estavam estes negocios relativos a Fructuoso, quando Antero se recolheu a Porto-Alegre, com deliberação de seguir para o Rio Pardo.

Fructuoso, convidado por seus amigos, espera ancioso a volta do Presidente e alcançando logo uma conferencia particular, lhe pediu passaporte para se reunir aos seus: este buscou dissuadil-o, porem aquelle, renitente, prorompeu = que se lhe negasse tal permissão, iria sem ella =. Esta resposta desagradou a Antero; e antes de sahir, recommendou ao General Chagas toda vigilancia sobre Rivera.

O Commandante das Armas encontrou no Rio Pardo a seu filho, o qual dotado de igual temperamento, fogoso e escandalizado, não só o resolveu a pedir, como já dissemos, a demissão, mas o obrigou a promover a deposição de Antero, por via de uma acta Militar, assignada por seus affeicoados e pelos de Araujo Ribeiro; excepto um dos chefes que assignou os mais se negarão.

Então, tratando de vingar-se fosse como fosse, Bento Manoel licenciou quazi todo o exercito; e dirigindo-se a Caçapava, entregou o Commando das Armas ao Coronel João Chrisostomo, reservando para si o do departamento de Alegrete.

Antero, chegando (como disemos) em 11 á capital, seguiu na tarde de 14 para o Rio Pardo em uma galeota com o chefe das forças navaes e os mesmos officiaes que o acompanharão ao Rio Grande, indo tambem um lanchão armado.

No dia seguinte entrou no Triumpho entre grandes applausos; e continuando sem menor demora a sua viagem, revistou de passagem todas as guardas postadas nos Passos de Jacuhy.

Ao escurecer do dia 17,aportou á villa do Rio Pardo, onde recebeu dós habitantes iguaes manifestações de alegria. Ali foi cabalmente informado da grande indisposição que lhe tinha Bento Manoel, e do quanto tramou para o depôr; havendo quem o aconselhasse que não passasse d'aquelle ponto, e quando muito de Caçapava.

Tanto em a noite de 17, como ao amanhecer de 19 até ás 3 horas, expedio differentes ordens, suspendeo o promotor e o juiz de paz da Villa da Cruz Alta, e mandou prender alguns individuos, e remetter como anarquistas á capital. Deo parte á Côrte do comportamento do Commandante das Armas, pedindo medidas a respeito do mesmo; e quanto a sua digressão dizia mais ou menos o seguinte: — Em semelhante crise me vou approximar da fronteira, quanto ser possa, e observar os movimentos do Estado visinho, entretanto que se busca reunir gente a ver se se dá um golpe decisivo sobre os rebeldes antes que expire o verão.

Dava tambem conta de ter mandado sahir barra a fóra a Rivera e Lavalleja, e bem assim que Bento Manoel protegia os planos d'estes Generaes Orientaes, e ultimamente se reportava ás informações circunstanciadas, que o Tenente Coronel Freitas, portador do officio, déra sobre o estado da provincia e operações militares. No sentido do que assim communicava ao Ministro da Guerra, tinha convidado com todo o empenho ao Coronel Gabriel Gomes, Tenentes Coroneis Medeiros e Carlos, e ao Presidente da Camara da Cruz Alta, para reunirem quanto antes o maior numero

de gente de confiança. Ao General Chagas determinou, que fizesse, logo e logo, embarcar a bordo do patacho de guerra aos dois Generaes Orientaes, e que fizesse activar a deportação de varios individuos que se achavão presos.

Serião 4 horas da tarde do mesmo dia 19, quando, seguido de um luzido acompanhamento, atravessou o Presidente a ponte do Rio Pardo. Dirigindo-se então ao acampamento da força de Gabriel Gomes, seguiu ao escurecer pela estrada da Cachoeira, com os officiaes já mencionados e um piquete de cavallaria de 20 homens, commandado pelo Alferes Hilario Fortes, e mais alguns, peñens. Pernoitou a 6 leguas da Cachoeira, e no dia seguinte, ás 11 $\frac{1}{2}$ horas, acompanhado por toda a officialidade e pessoas mais distinctas que o tinham vindo esperar a $\frac{3}{4}$ de legua, entrou na Villa, onde, a convite do vigário, se dirigio á Igreja, assistindo ali a cerimonia da benção dos Ramos. Seguindo-se depois a Missa, ou porque estivesse em jejum, ou por outra alguma indisposição phisica, soffreo um accidente, que o obrigou a retirar-se á sachristia, e d'ali á casa do Commandante da Policia: porem assim mesmo, sem tomar algum descanso, recebeu differentes cumprimentos até as duas horas, em que se recolheu a um aposento. As 3 $\frac{1}{2}$ jantou, e logo seguiu viagem, acompanhado por espaço de meia legua por alguns habitantes, tomando a estrada de Alegrete.

Passando esta mesma tarde o Passo de S. Lourenço, nenhuma novidade occorreo em sua jornada até a dia 21, em que recebeu officios de Calderon, e fez partir com participações para a capital ao Alferes Leiria, que tambem o acompanhava. No dia 22, á tarde, entregarão-lhe cartas do Marechal Barreto e do Coronel João Chrisostomo: as d'aquelle prevenindo-o da indisposição de Bento Manoel e as d'este, participando-lhe a entrega, que o mesmo lhe fizera, do Commando das Armas e pedindo providencias a respeito, e expondo, em nome dos habitantes da Villa de Caçapava o sentimento que ali houve de S. Ex. por lá não passar; e que tanto elle Coronel, como os benemeritos legalistas Tenentes Coroneis Medeiros e Carlos, e mais authoridades e cidadãos tinham sahido a caminho á distancia de $\frac{1}{2}$ legua a esperal-o, pois todos contavão que ali tocara. O presidente, agradecendo taes attensões, respondeu-lhes, que, a respeito do Commando das Armas, lhe transmittiria breve as convenientes ordens, recommendando-lhe, porem, que aquella força estivesse prompta a marchar. Officiou tambem a Calderon dando-lhe os parabens do seu despacho, e participando-lhe, que seguia para Alegrete; e ao Coronel Gama ordenava, que, logo, logo, tomasse o commando do districto de Missões, para

o qual tinha sido nomeado. Também escreveo ao Marechal Barreto de seu proprio punho, de cuja carta ignoramos o conteúdo.

Os officios para Calderon e o Coronel Gama cahirão em poder de Bento Manoel, que logo os abrio. N'esta tarde tambem se apresentou ao Presidente o Capitão Gabriel, ajudante de ordens de Bento Manoel, e que tinha ficado em Porto Alegre á sahida d'aquelle: o qual expondo não poder atinar com o rumo que tomára Bento Manoel, vinha unir-se á comitiva do mesmo Presidente, afim de que d'elle dispozesse.

Bento Manoel depois de deixar Caçapava, foi a Alegrete, e ali muito vociferou contra o Presidente, espalhando elle e seus agentes, que este vinha a prendel-o, a seu irmão José Ribeiro, Calderon, Tenente Coronel Loureiro, e a todos implicados nos movimentos de 20 de Setembro; e alem d'isto, que pretendia desarmar os emigrados orientaes, e conservar Rivera prezo em Porto Alegre. A excepção do Tenente Coronel Mingote que o acompanhou, não derão grande pezo á esta intriga os povos d'aquelles lugares; e por isso com seu irmão e filho, com o mesmo Mingote, e mais alguns capitaneados pelo seu capataz Demetrio, sahio de Alegrete para S. Gabriel, e ali chamou o Tenente Coronel Loureiro, e communicou-lhe, que em consequencia das arbitrariedades de Antero, estava resolvido a fazer uma concordata com os chefes rebeldes, afim de salvar a Provincia do precipicio em que se hia a despenhar; o Tenente Coronel horrorisado de semelhante trama, desaprovou tal proposta e logo escreveu ao Presidente da Camara da Cruz Alta o benemerito Pillar, dando-lhe conta d'esta traição que Bento Manoel tentára fazer, e que enfim verificou-se fazendo liga offensiva com Canavarro, João Antonio e Netto. Os tratados nos disserão ser por elles assignados em S. Gabriel a 20 de Março; porem nós ainda os não vimos, e por isso não sabemos o sentido verdadeiro em que estão concebidos; logo que tenhamos informações exactas a este respeito, faremos d'ellas a devida menção. Assim dispostas as cousas, sahio em 21 Bento Manoel com a guarnição do S. Gabriel, composta de algumas praças do 3.º corpo de cavallaria de 1.ª linha, e mais alguns paisanos, tomando a estrada de Alegrete; e a 22 se achava na Estancia da viuva do Machado em S. Luiz. Ali foi que ás duas horas descobrio á pouca gente o seu projecto de prender Antero; o que produziu alguma sensação, principalmente nas praças do 3.º corpo de 1.ª linha. Este (Antero) sem que de nada fosse informado, pois por fatalidade á pessoa alguma d'aquella força occorreu avisal-o, passou o Rio de S.ª Maria no dia 23 ás 12 horas do dia no Passo de S. Simão,

e descansou ali até quasi á noite; mettendo-se então a caminho, consta que fôra avisado de achar-se Bento Manoel com o seu piquete no Saican, e receiando talvez aquelle seu encontro, se apartou da estrada, fazendo um rodeio para buscar o Passo de Taperi (Tapevi) Posto que a noite fosse de luar, teve de marchar mui lentamente, pois que, sendo este caminho de atalho e mau, precisou por vezes esperar a reunião da comitiva; que finalmente chegou á meia noite, ao mencionado passo d'aquelle pequeno arroio, a distancia de 12 leguas de Alegrete. Já se dispunha a buscar acampamento, quando foi avisado que uma força se avistava á distancia de pouco mais de tres quadras. Então parou (e quiçá se arrependeo da sua temeridade) e se conservou a cavallo junto do Passo, emquanto o commandante do piquete e o sargento forão ver quem era. Estes, mal se approximarão ficarão prezos; e como não voltavão, tihão em sobresalto a comitiva. Não tardou porem a ouvir-se uma voz que dizia = E' o Snr. Commandante das Armas com o seu piquete = e ao mesmo tempo a dita força em linha de batalha vinha mui devagar avançando sobre o passo: o Presidente, então, levando junto a si o Capitão Camara e o 1.º official da Secretaria, foi ao seu encontro; indo a meia quadra, o Major Marques com seis soldados, a passo muito perto, com já desconfiando do resultado d'esse encontro.

Achando-se pois o Presidente cara a cara com elles, lhe perguntarão quem era, e respondeo = O Presidente da Provincia =, em grande alarido lhe derão voz de prezo, e vozes se ouvirão de = mata camellos =. N'este desgraçado ensejo Antero exclamou = Não venho a fazer mal a pessoa alguma. Snr. Commandante, quem quer que é, não offendão pessoa alguma das que me acompanhão; se eu sou delinquente dirijão a mim = Então, depois de desarmarem os que seguião, o Commandante exclamou = Viva a união das Provincias do Imperio =. N'este tempo ouvirão-se tiros de pistola do outro lado do arroio; e o Presidente de novo instou que não houvessem victimas, que todos erão brasileiros que elle se offerecia a ir chamar os fugitivos, e desarmal-os. Poucos minutos depois tudo estava serenado; a comitiva do Presidente e elle forão mettidos entre aquella força, servindo de escolta, e tudo retrogradou para o Saican; pondo-se Bento Manoel, seu filho, seu irmão Mingote e Dr. Sá Brito a seu lado, os quaes todos estiverão no matto do arroio em observação; sendo o encarregado d'essa prisão o Capitão Demetrio outr'ora capataz de Bento Manoel. Chegados que forão ao referido arroio, forão acampar junto de um pequeno rancho de palha, e para debaixo de um telheiro do

mesmo, conduzirão o Presidente e official da Secretaria com uma forte escolta para os guardar. Ao Capitão Patricio o separão, levando-o para o lugar em que pernitoou Bento Manoel, que era junto a um cercado a distancia de cento e vinte passos pouco mais ou menos, do sitio em que estava o Presidente, e ao Commandante do piquete e praças, depois de serem revistados, tirando-lhes até as facas de seu uso, poserão juntos e cercados tambem com sentinellas.

Tanto a marcha, como as disposições d'este alojamento absorverão toda a noite, e não tardou logo a amanhecer. Antero, tendo-se comportado com muito sangue frio, tão depressa o seu criado lhe arranhou com que se encostasse, se deitou e dormiu a somno solto até mais das oito horas; outrotanto porem não aconteceu ao official da Secretaria, que apesar de lhe terem assegurado que nada tinham com elle; velou sempre, temendo que algum tragico desfecho decidisse da vida do Presidente. Serião 7 horas, e já Bento Manoel e sua, estavam levantados, e seu filho escrevendo junto d'elle. O Coronel Gama estando ao facto das intrigas propagadas, e antevendo o risco que corria o Presidente, sahio de Alegrete a avisal-o, porem, alem da demora que teve ao mudar cavallos, desencontrou-se d'elle no dia 23, pois por fatalidade tinha, como dissemos, sahido da estrada. Informado então do desencontro correu ao acampamento a toda a brida na manhã de 24 a ver se o alcançava; e chegando ao acampamento se dirigio a Bento Manoel, que lhe communicou o que tinha praticado; e aquelle teve bastante coragem para reprovar seu procedimento, obtendo por fim a resposta = Elle tinha feito muita asneira, era preciso que eu tambem fizesse esta =, e n'isto o mandou apromptar, para, com o capitão Camara ir á capital com officios para o General Chagas e mais Generaes ali residentes; cuja commissão os dois aceitarão, partindo ás 10 horas da manhã, sem fallarem ao Presidente, posto que instantemente o requeressem.

Nós, como testemunha que fomos d'este acontecimento, nem exageramos os factos, nem tão pouco os passamos de salto; e por isso fallando ora do tratamento que teve o Presidente, diremos: nenhum insulto lhe fizerão, nada lhe roubarão, e nenhuma consideração lhe derão. Bento Manoel, nem official algum dos seus o visitou ou interrogou, e esteve como incommunicavel. O Presidente levou quatro contos de reis em prata para as despesas do exercito; e Bento Manoel mandou tomar conta d'esta somma: que destino lhe daria, não sabemos. As bagagens todas forão entregues aos respectivos donos, sem se registrarem; não houve o menor saque;

só sim perderão dous ou tres da comitiva as suas malas; e quem as encontrou, não as devolveu. Finalmente o grande escrupulo foi no desarmamento das pessoas que acompanharão Antero, e assim mesmo a elle e ao Capitão Camara lhes deixarão as suas espadas.

As tres e meia da tarde mandou Bento Manoel soltar o o 1.º official da Secretaria, e Commandante e mais praças do piquete; permittindo-lhes regressar, o primeiro a Porto Alegre, e aquelles a Cachoeira; para isso lhes deu uma portaria de salvaguarda. Tanto o Commandante do piquete, como o 1.º official dito, reclamarão as suas espadas, e exposarão o risco de cahir nas mãos dos anarquistas, pois constava terem entrado a 22 em S. Gabriel e interceptado a estrada; porem não obtiverão as armas requeridas e sim a resposta = Se encontrarem Netto, João Antonio, ou Canavarro, apresentem-lhe a portaria, que nada lhe hão de fazer = e replicando-lhe um = Então já todos somos republicanos =, lhe tornarão = Estão já por tudo o que o Commandante das Armas quizer =.

Quatro horas serião e Bento Manoel com sua pequena força levantou campo, tomando a estrada de Alegrete, levando só escoltado o Presidente. A desarmada (?) comitiva tambem se dirigiu logo ao Passo de S. Simão, temendo encontrar-se com os anarquistas, que todos os momentos ali se esperavão; e ao terceiro dia (26) se reuniu incolume com o Major Marques nas approximações da Bocca do Monte.

Este official cuja presa elles tanto almejavão, escapou-se felizmente por entre elles: posto que se procedesse ás mais escrupulosas buscas, tanto nos mattos do arroio Tapevi, como pelas estradas; e estamos certos que se o apanhassem talvez lhe tivessem tirado a vida, visto a indisposição que tinham contra elle o Commandante das Armas e o Dr. Sebastião Ribeiro. Marques, a salvo do perigo, escreveu logo a João Chrisostomo contando-lhe o acontecimento, e aconselhando-o que tomasse providencias para salvar a força de seu commando: a qual carta aquelle recebeu a 27 do mesmo. No dia 30 chegou o Major Marques ao acampamento do Tenente Coronel Gomes a 10 leguas do Rio Pardo, o qual ficou sorprendido quando ouvia semelhante nova, e n'esse mesmo dia entrou n'esta villa, ao pôr do sol. Ali dirigindo-se á casa do Chefe de Legião Gabriel Gomes, lhe participou tudo o que tinha occorrido: e logo espalhada a noticia não se ouvia mais que maldições da guarnição e habitantes do Rio Pardo contra Bento Manoel.. Gabriel Gomes instigado por Marques e Mazarredo,

officiou n'este mesmo dia a João Chrisosotomo, ao Presidente da Camara da Cruz Alta, e a differentes chefes; aquelle repetindo o que Marques lhe disse, e a estes convidando-os a reunir gente, e ao outro dia publicou uma proclamação energica sobre tal objecto. Marques e o Official maior da Secretaria seguirão a 30 para a Villa do Triumpho, onde entrando na manhã de 1.º de Abril, se encontrarão com o Visconde de Camamú, commandante da força d'aquelle Municipio, e demais a mais com Pedro Chaves que tendo feito grande papel antes da revolução de 20 de Setembro, se conservou no Rio de Janeiro escrevendo contra o Regente Feijó e havia voltado a Provincia. N'este dia seguirão para Porto Alegre, onde nada ainda se sabia, e tendo fallado a bordo com o chefe Greenfeld, chegarão a referida capital quasi as duas horas da manhã do dia, e a estas mesmas horas já essa noticia se propalava com assombro por toda a população. Ora o vice-Presidente mais votado era o Dr. Joaquim Vieira da Cunha; achava-se no Rio Grande, e alem dos precedentes que havia e seu respeito antes da revolução, occorria tambem o ser affeiçãoado á Bento Manoel, e ter este dito que entregando-se-lhe a administração da Provincia, e o commando da guarnição da capital ao Brigadeiro Menna Barreto, se poderia tratar de uma accommodação, e parece que n'esse sentido escreveu para Porto Alegre. Então o General Chagas convocou um Conselho de todos os Generaes, Commandantes Militares, Empregados civis; e atraz d'estes vierão os que quizerão, enchendo-se a casa até a escaleira. O Official maior teve então de expor minuciosamente quanto se passou n'aquella infausta viagem, e o mesmo General lhe ordenou que reduzisse essa narração a officio, para levar ao conhecimento do Governo Imperial; o que elle cumpriu.

Na congregação das ditas authoridades dicitu-se por fim que a Camara desse posse ao 2.º Vice-Presidente Dr. Americo Cabral de Mello, que se achava na Capital, e assim se effectuou.

Parece que este foi o unico motivo de semelhante reunião, visto que havia perplexidade da parte de alguns poucos sobre chamar-se este ou o dito Vieira da Cunha, que segundo insinuações particulares dirigidas para o Rio Grande, foi deportado.

Americo logo que tomou posse ordenou que se formasse processo contra Bento Manoel, a quem demittiu do commando das Armas.

A posição d'este vice-Presidente era na verdade muito precaria; ao que Chagas pedia, elle obedecia. Um commissario de viveres Passos Figuerôa de expediente mui mediocre, porem que

juntava a mais refinada hypocrisia á mais astuta velhacaria, tendo sido antes convidado por Antero para coadjuvar os trabalhos da Secretaria do Governo, e como tal pouco fazendo, pois só algum officio mal redigido e atacante é que minutou, sem ingerencia alguma na Secretaria, principiou a tomar vulto na nova administração, e até arranjando-se o melhor que pôde. Quando do Rio Grande se deportou o Vice-Presidente Vieira da Cunha, de Porto Alegre se tramava a intriga contra o Brigadeiro Gaspar Menna, que tendo prestado relevantes serviços á legalidade, não deixou de ser suspeito por se haver tornado Ribeirista, como acima dissemos: e afinal se lhe intimou ordem do Dr. Americo para partir para o Rio de Janeiro, o que se verificou depois de contestações de parte a parte. As perseguições, as denúncias de reacção, e as prisões erão continuadas. Cento e tantos prezos forão mandados embarcar para levarem o destino que Antero tinha designado, que era remettel-os á Ilha de Fernando com officio ao Presidente de Pernambuco. O official commandante do barco que os conduzisse deveria só no mar abrir o prégo, que a este respeito se lhe dirigia: e a commissão de proporcionar transporte se encarregou ao commandante das forças navaes; o qual duvidando depois executar aquella ordem, pediu explicações ao Dr. Americo, quazi dando a entender que se deveria mitigar tanto rigor, porem Chagas em officio de 23 de Maio, sendo já Presidente, lhe ordenou de novo que os fizesse sahír, como estava determinado, apesar de haver Greenfeld exposto que não havendo barco de guerra que os conduzisse, tinhão de ser enviados em mercantes, e para se evitar algum levantamento a bordo, seria preciso deitar machos a todos elles, o que de certo era barbaro, attendendo haverem muitos que por sua idade, e mesmo educação ou posição social, não deverião ser confundidos com outros de baixa esfera, e mesmo mais criminosos. A' philanthropia deste chefe se deve ou não se verificar aquella deportação, pois que buscou ir ganhando tempo, até que substituido Chagas por Feliciano Nunes Pires, quazi todos aquelles miseraveis forão postos em liberdade, posto que sempre seguirão até S. Catharina alguns amotinando-se no mar, e outros não corresponderão áquella generosidade, porque tão depressa se julgarão senhores de si, se passarão para as fileiras dos rebeldes. João Chrisostomo da Silva Coronel Commandante do 1.º batalhão de caçadores, de quem já tratamos, recebeu o officio de Marques de 26 (?) de Março no dia seguinte á tarde, e se havia de pôr-se logo em marcha para o Rio Pardo, arruinando ou conduzindo a artilharia e mais munições de guerra; segundo consta, formou um conselho dos officiaes mais

graduados, aonde se assentou a retirada; porem logo depois os Commandantes dos Corpos de Guardas Nacionais e praças do Municipio de Caçapava e suas visinhanças, insistirão pela defeza d'este ponto, aonde tinham seus lares. Gabriel Gomes, do Rio Pardo lhe escreveu, como já dissemos, offerecendo-se para proteger a retirada d'aquella força, e o Coronel João Chrisostomo, que não devia perder tempo, se demorou até 8 de Abril em que pretendendo mover-se furtivamente sobre o Passo de S. Lourenço, teve por falta de guia de retroceder para Caçapava, aonde se entregou á discreção com toda a infantaria e artilharia de seu mando.

Nossos leitores não extranharão que nos demoremos sobre este acontecimento, dando os detalhes mais exactos que podemos colher; pois muito se tem fallado em semelhante materia, porem com espirito de partido.

Havendo Canavarro communicado logo a Netto a traição de Bento Manoel, que decerto não tinha deixado aquella força isolada; e lhe aconselhava seu ataque. Netto achava-se então em frente do Rio Pardo de observação á Gabriel Gomes, e ameaçando, investir esta villa, aonde o 8.º (?) batalhão de caçadores em força de 200 homens com duas peças de artilharia se tinha entrincheirado na defensiva: tão depressa o General rebelde teve aquella noticia buscou reunir todas as suas forças que se achavão divididas, afim de seguir para Caçapava; porem só no dia 30 é que se pôde pôr em marcha a reunir-se com Canavarro e outros que para ali tinham concorrido. João Chrisostomo não era connivente com a traição, mas tendo levado a mal ver-se sem razão preterido na escandalosa promoção de que fallamos, dizia a Gabriel Gomes fallando do Presidente Antero, que por causa de um homem se não devia metter a Provincia em novo conflicto, e mesmo teve a debilidade de se queixar tão extemporaneamente de sua preterição: este resentimento talvez concorresse para semelhante perda, ou fosse causa da frouxidão que mostrou.

Achando-se pois, já sitiado e sem esperanza de soccorro, posto que o tivesse pedido a Silva Tavares (que se achava em Pelotas com alguma cavallaria e duzentos e tantos infantes que o Brigadeiro Cunha tinha conduzido do Rio de Janeiro) recebeu proposições dos rebeldes para entregar as armas e a artilharia, dando-lhes aos officiaes e soldados que quizessem, passagem livre para o Estado Oriental. Então é que elle se dícidio, posto que tarde, a inutilisar a artilharia, e todo o transe buscar o Passo de S. Lourenço.

Para verificar esta marcha se entendeu com o Tenente Coronel Carlos José Ribeiro, o qual prometteu salvá-los só com corpo e armas por atalhos pouco conhecidos. Isto assentado e debaixo do maior segredo, marcharão em a noite de 8 de Abril, com pouco mais de trinta praças de cavallaria, unico resto que a desmoralisação em que se achava aquella força, quasi em amigavel contacto com os rebeldes, ainda persistia fiel; porem a poucas quadras fóra da villa, estes mesmos cavalleiros desaparecerão, e o Tenente Coronel Ribeiro, ainda que tinha compromettido a sua cabeça, o enganou que não podia cumprir sua palavra, visto acharem-se abandonados por toda a cavallaria. João Chrisostomo lhe lançou em rosto sua falta de fé, e quiçá que n'esta occasião se arrependeu da pouca energia com que se tinha havido. Não precisava qualquer commandante e nas suas circumstancias, que tivesse grande perspicacia para antever que a impressão que devia fazer n'aquellas tropas a defeccão d'aquelle que a pouco era o seu General, que os agentes d'estes e dos antigos rebeldes havião desmoralisar aquelles corpos, que erão compostos de filhos da Provincia, e por isso nada mais cumpria do que retirar-se sobre o Rio Pardo logo e logo.

Nem se diga que elle encontraria opposição na cavallaria, ou sua marcha era nos primeiros dias arriscada; a força de infantaria era regular, e em tres dias de uma marcha, encostando-se ao arroio de Santa Barbara ganharia o Passo de S. Lourenço, mesmo sem precisão de fornecimento de viveres, pois que bastantes vezes tem acontecido levarem os soldados comsigo ração para cinco ou mais dias.

A final no dia 9 se entregou toda a força á discripção, e os rebeldes encorporando á sua as praças de pret, derão salvo-conducto para o Estado Oriental a todos os officiaes do Batalhão d'aquelle Coronel; os quaes assim atraçoados, voltando á Côte de novo vierão servir nas fileiras da legalidade.

O Capitão Lopo commandante da artilharia, foi encarregado de inutilisar os canhões e munições, porem tão mal o fez, que ao outro dia derão os rebeldes uma salva com as mesmas peças que depois lhes servirão para atacar Porto-Alegre, como logo diremos. Este official parece mereceria responder em Conselho de Guerra, ou ao menos estranhar-se-lhe sua conducta; porem tal não aconteceu, e foi o unico que mereceu do Governo Provisorio do Padre Feijó um posto de accesso. A causa da legalidade com a perda d'esta força tocou os ultimos apuros; se se houvesse verificado a sua junção a margem do Jacuhy do lado do Rio Pardo, ou se não

evacuaria de prompto, ou seria disputada palmo a palmo, porem tal desastre infundiu inconcebivel confusão e desalento. As guar-nições de Rio Pardo e Triumpho baixarão logo para Porto-Alegre, dispersando-se quasi toda a cavallaria d'este municipio; e na mesma capital da provincia, só se tratou de fortificação.

N'este ponto diremos que não se pôde negar a grande energia do General Chagas, que não deixou de se preparar o melhor possivel para receber um sitio, e ainda qualquer ataque.

Os rebeldes não tardarão a enviar seus emissarios para este lado, os quaes tratarão logo de recrutar e estreitar o sitio, até que Netto com forza de mil homens e sete boccas de fogo se apromptou a 8 de Maio em frente da cidade no sitio (?) denominado = As Capororocas =, intimando-se sua rendição, de que não obteve resposta.

Não tardou muito a sentir-se a falta de mantimentos, e preciso foi embargar a sahida de carnes seccas de que havia abundancia; os especuladores fizeram pouco depois o mais sordido monopolio.

Netto, passados poucos dias, atirou as primeiras granadas e balas razas, sem que produzisse effeito digno de notar-se, mas sim grande terror; pois que era a primeira vez que este Povo soube o que são granadas. Como porem seu estrago não fosse de importancia, pouco abalo causou, com mais oito bombardeamentos que houvera, em oito mezes que durou o sitio.

A chegada de Marques ao Rio de Janeiro causou tambem grande espanto, e o Governo, sempre precipitado em suas disposições, nomeou logo Presidente ao General Chagas, que em 16 de Maio tomou posse, e a 5 de Julho entregou as redeas do governo provincial a Feliciano Nunes Pires. Notaremos de passagem que Chagas foi nomeado para substituir provisoriamente a Antero, accumulando o commando das armas, e a Carta Imperial era concebida em termos os mais honrozos e acompanhada de um Aviso em que se lhe pedia encarecidamente que aceitasse tão ardua tarefa. Nós somos de opinião de que, attentas ás suas forças phisicas, não tinha sido a eleição d'este General a proposito; e mesmo porque quatro hypocritas, captando-lhe a vontade, dispu-nhão de seus actos; como se viu no intruso secretario, que admirando o decrepito Presidente e tolerando suas rabujens fazia d'elle o que querião; d'esta sorte exceptuando ser um militar de honrados precedentes nas guerras passadas, que tinha valorosa-mente defendido a Capital depois da reacção, pouco ou nada lucrou a causa com a demissão de Americo, a quem se não podia negar

proibidade, porem que por duas vezes foi n'esta luta Presidente, já dos rebeldes, já dos legalistas, deixando seu governo tão pequeno rasto, que apesar de ser em epochas as mais melidrosas, se perdeu de vista no catalogo de tantas amiudadas administrações; pois se o mais notavel que apparece é ter como primeira authoridade rebelde demittido a Bento Manoel do commando das armas por ser legalista, e como authoridade legal o ter tambem dispensado daquelle commando como anarquista !

Desanimada se achava a guarnição de Porto-Alegre quando Cunha chegou do Rio de Janeiro com cento e tantas praças de infantaria, que comsigo trouxe da Côte; este pequeno reforço muito animou aquella guarnição; e a imigração se diminuiu bastante, pois era tal que se chegarão a negar passaporte mesmo aos estrangeiros.

A desmoralisação tambem se introduziu nas forças de Silva Tavares, e no batalhão provisorio do digno Major João Nepomuceno da Silva, contra quem se tratou de uma conspiração, que elle abafou, entrando de espada na mão no Quartel, e acutilando e prendendo as cabeças, que tinham justo assassinal-o; devendo assim a sua existencia a seu temerario desembaraço: da cavallaria de Silva Tavares tambem houverão descripções, e muito lhe custou a conservar trezentos a quatrocentos homens com que repassando o S. Gonçalo, ali permaneceu de observação ás força de José Netto.

O Marechal Sebastião Barreto desde que se retirou para a Banda Oriental, apesar de haver offerecido os seus serviços a José de Araujo, conservou-se na sua estancia de Taquarembó junto da fronteira; e apesar de estar indisposto com Bento Manoel, apesar de ter mandado seus filhos servir na legalidade, e até sendo um d'elles Ajudante de Campo d'aquelle ex-commandante de armas; mas não se resolvia, nem a apresentar-se-lhe, nem a voltar a Porto-Alegre: não perdendo, porem, occasião de lhe noticiar o sinistro comportamento das authoridades do Estado visinho, que até tiverão a ousadia de o fazerem recolher debaixo de prisão á Montevideo. Tão depressa foi sabedor do attentado de Bento Manoel, tratou de se apresentar em campo, e para isso convocou varios officiaes, porem como publicasse sua resolução antes de tempo e recebesse convite do assaz benemerito Vidal e dos officiaes legalistas que se achavão refugiados na Cruz Alta, proclamou e apressadamente se lhes foi reunir. A esse tempo já o Presidente Americo o tinha nomeado Commandante das Armas: esta deliberação merece que se faça menção particular.

O Coronel Manoel da Silva Freire, sendo um dos influentes mais exaltados da Sociedade Militar, tinha se posto indifferente com este General, na occasião da intentada installação; este homem, em que reconhecemos muita honradez e idéas sans, não deixava comtudo de ser bastante pachola; e nos primeiros dias da administração de Americo tambem quiz ser carta de trunfo. Na occasião de sahir o General Chagas á Missa, se enoentrou com elle, e por casualidade passava tambem o Dr. Americo: Freire querendo mostrar generosidade propoz a nomeação que os dous approvarão; porem convindo muito que isto não respirasse, aquelle foi logo escrever uma carta conciliatoria ao Marechal, e andou mostrando quasi que pelas portas, de sorte que o conductor que havia de levar a nomeação demorou-se quatro dias, e não havia pessoa na cidade que não soubesse d'isto, e do portador.

Fructuoso Rivera, devendo, segundo a ordem de Antero, sahir com o General Lavalleja barra fóra, foi avisado por Victorino José Ribeiro, que lhe proporcionou transporte para o outro lado, e a todos os officaes emigrados que o acompanharão; indo tambem o Tenente Fagundes, cunhado do mesmo Victorino, e por quem este tinha ficado fiador. Este procedimento devido á influencia de Pedro Chaves e de outros a quem não agradou o modo aspero com que Antero tratou aquelle General Oriental (1); posto que algum tanto desconceituasse a Victorino, buscou-se encobrir, porem, escrevendo-lhe depois o mesmo Rivera no sentido do partido de Bento Manoel, esteve aquelle em apuros de soffrer perseguição. O comportamento que Rivera teve com Antero foi proprio de homem vingativo; e a ingerencia que elle tomou nos negocios da Provincia lhe acarretou o maior descredito entre os legalistas, que tinham sympathisado mais com elle do que com Oribe.

Poucos dias depois de chegar o Brigadeiro Cunha, fez este uma sortida, para reconhecer o acampamento rebelde; na qual se houve com toda a circunspecção e acerto; e depois se repetirão outros, que não passarão de pequenas escaramuças, porem que muito adestravão nossos soldados.

Nova desintelligencia veio mais impeiorar a causa da legadade, cujos estandartes apenas tremularão nas trincheiras da Capital, Rio Grande e Norte. O incansavel e distincto nauta Greenfeld, não sabemos com que bullas, ou por que motivo, propoz e aceitou

(1) Antero do Rio Pardo mandou reservadamente metter a bordo do patacho de guerra a Rivera; e Chagas recebendo a ordem a metteu no bolso do cazaco; esperarão que o despisse e tirarão o officio, prevenindo a Rivera; e ha quem diga que se lhe entregou este papel. Parece que o intruzo secretario é quem fez esta caridade.

tratados de armistício com Crescencio, commandante da força rebelde em Pelotas, e com dous emissarios d'aquelles veio a Porto Alegre para se ultimar com Netto uma reconciliação. O General Chagas reprovou semelhante passo, e Greenfeld voltando soube da chegada ao Rio Grande do Presidente Nunes que ali tinha aportado no vapor *Urania*, acompanhado tão somente do Dr. Vieira da Cunha e de dois officiaes que haviam sido deportados, um por suspeito, e outro por insubordinado; julgando pois aquelle chefe de marinha, que a proposta ainda poderia ser tomada em seria consideração, deixou o rumo de S. Gonçalo, e foi encontrar-se com o novo Presidente, que passando para o vapor *Liberal* seguiu com elle e dita pequena comitiva para Porto-Alegre.

A noticia da nomeação do Presidente Nunes causou o maior desalento aos Legalistas; porem o circulo que o cercava, incluindo Matheus Gomes Vianna, que havia poucos dias tinha sido solto, ficou no ultimo desespero.

O novo Presidente, chegando a 5 de Junho de manhã, a pretexto de jantar a bordo do patacho do commando do Capitão de Fragata Parcker, não desembarcou n'este dia, e só á noite foi visitar o General Chagas, recolhendo-se logo a bordo, aonde pernitoou verificando a sua posse no dia 6 no paço da Camara Municipal.

Fossem quaes fossem as suas intenções ou instrucções que trazia, elle aparentou a maior circunspecção e moderação; porem o receio era grande, e boatos aterradores se espalharão a seu respeito.

O seu primeiro acto foi demittir o Secretario do Governo Germano Francisco de Oliveira, o que na realidade não produziu sensação; posto que os legalistas exaltados desejavão o menor motivo de rompimento. Desculpa merecia a deliberação de Nunes a respeito de Oliveira. Este homem, sendo na verdade honrado e desempenhando menos mal o seu emprego, malquistou-se com o Presidente Braga; e apesar de ter perdido a sua confiança, o acompanhou para o Rio de Janeiro: voltando no tempo de Araujo Ribeiro, se lhe apresentou no Rio Grande, e elle o não empregou, dando como razão não organizar ainda ali a sua Secretaria; tomou Elziario posse, e o chamou a seu emprego; é reintegrado Araujo, e Germano se retira com licença para a Côrte. Araujo chega a Porto Alegre e nomeia seu Secretario o Dr. Ribeiro; dá parte ao Governo, que o approva: Germano requer ser reintegrado, vem sua petição a informar a Antero, e este diz, que apesar dos seus bons serviços e capacidade, por sua idade devia ser aposentado,

pois elle estava procurando pessoa idonea para tal cargo. Então Germano fiado nesta informação, regressou á Província, aonde chegou a 4 de Abril; apresentando-se ao Americo, este recusou reintegrar-o e pagar-lhe o ordenado, porem poucos dias depois lhe mandou satisfazer seus vencimentos, não o reconduzindo no emprego; succedendo Chagas na Presidencia, tambem lhe não deferio, posto que por vezes o promettera, devendo-se este procedimento dos dous áquelle commissario, que aspirava tal emprego, porem que não podia ser n'elle encartado, enquanto não fosse absolvido da sentença a que foi condemnado em 1834, por abuso de liberdade de imprensa. Em vista pois de quanto deixamos expellido, parece que Nunes fez o que outro qualquer praticaria: attenta a maneira por que tinha sido tratado tal negocio. Outro tanto não diremos sobre a nomeação de Matheus Gomes Vianna para o dito cargo, que tendo, como já dissemos, sido solto havia poucos dias, sendo um dos que tomou parte mais activa na sedição de 20 de Setembro, tinha bandeado-se para a legalidade só depois de se haver negado a posse de José de Araujo, a cujo Presidente era muito affeiçãoado; não devendo-se comtudo negar que depois prestou bons serviços á legalidade, com sua pessoa e como Redactor do Liberal Rio Grandense.

Agora trataremos das pessoas da comitiva de Nunes, visto o muito que este cortejo o desacreditava. E como Joaquim Vieira, posto homem de talento e legalista, mas que tinha sido deportado e voltado como por acinte a apparecer na Província, como author da eleição do novo Presidente. O Tenente Coronel Jacintho Pinto de genio escaldado e impostor, que deportado pelo Coronel Prates Commandante do Rio Grande, vinha respirando vingança. Meirelles, genro do Marechal Barreto, que tinha servido com os anarquistas, prezo na reacção como delegado do Lima, e que jamais prestou serviços á legalidade, de cuja causa e defensores se mofava: Sá Brito paisano que temendo na occasião da noticia da prisão de Antero, ser apprehendido e deportado, se retirou para o Rio de Janeiro, e ultimamente o Catharinense Bittencourt, Alferes de Caçapava, unica pessoa não suspeita ou compromettida que o acompanhava.

Alem da falta de prestigio do novo Presidente esta roda que trazia era bastante para o desacreditar; e muito mais quando elles tinham a indiscrição de se inculcarem de validos e vingativos.

Tudo pois estava á espreita para rebater a aggressão que se dizia ter ordem da Côrte, para perpetrar em alguns legalistas.

Pedro Chaves, a quem o Governo havia removido de Juiz de Direito da Comarca de Porto Alegre para a de Missões, e cuja ordem Chagas não executou em consequencia de uma representação que a Camara em nome dos habitantes de Porto-Alegre dirigio ao Governo, pedindo a revogação de semelhante Decreto, era quem mais se tinha doído com a mudança de Presidente (é preciso notar que elle já não estava corrente com o General Chagas) logo que soube da nomeação de Nunes, principiou no Campeão a insultar descaradamente o novo Presidente. Camamú tambem se achava indifferente com Chagas por não querer ser assignatario da mencionada representação; porem fazendo logo causa commum, porque o risco do partido estava imminente, lhe fazia côro com outra folha a = Voz da Verdade =, havendo mais outro papel com o título de = Artilheiro =, que ao certo não sabemos quem o dirigia, o qual do mesmo modo achincalhava os actos da Presidencia.

Logo nos primeiros dias mandou Nunes soltar alguns prezos pronunciados, incluindo os rebeldes Tenente Coronel Amaral e Coronel Jardim: divulgada a noticia, o Juiz de Paz respectivo foi representar contra isso ao Presidente, e a censura chegando ao seu auge, fez com que este revogasse a ordem, requerendo isto mesmos os agraciados, que julgando em risco de vida, se recolherão outra vez á prizão.

A desconfiança antecipada de que Nunes perseguiria os partidistas de Antero, pintara com taes cores este segundo acto de Nunes, que correo o boato de que em um club se decidio assassinar ou espancar bem a elle e os da sua comitiva; havendo quem se lembrasse de conduzir o Presidente fóra da trincheira com parlamento a Netto, para que d'elle tomasse conta; e tão certo é isto, que, havendo um cirurgião de nome Moraes algum tanto parecido com Joaquim Vieira, foi avisado de que não sabisse de casa á noite. Comtudo só um tal Alvarenga, que demittido por Antero de um lugar da alfandega foi reintegrado, é que zurzirão ao lusco-fusco com um laço em uma das ruas principaes de Porto-Alegre. N'este entretanto tinhão ido Joaquim Vieira e Coronel Gama com os emissarios de Crescencio a Netto e voltando os dois primeiros, os segundos pouco tardarão, sem nada se obter de reconciliação. Greenfeld n'esta occasião attrahio grande aversão dos legalistas, e principalmente do club que tinha encetado a opposição; sendo logo achincalhado no Campeão. Até houve um projecto de o ir prender a bordo, pois tal era o descredito em que tinha cahido: passados dias se retirou para o Rio Grande com Joaquim Vieira, e ali, por insinuação dos opposicionistas da Capital, houve um

tumulto em que derão=fóras=a elle chefe de marinha e a Vieira; e se não fosse o commandante superior Silva Tavares e o coronel Pitta que tinha substituido a Prates, esta scena seria ensanguentada. Alcançando-se intimidar o Presidente, que não era dos mais animozos, buscarão os agentes do club ultra-legalista predominar em seus actos, muito forcejando para que demittisse o Secretario; e elle nos primeiros dias parecia acceder a essa exigencia. Comtudo sua força moral não existia, e tanto que no anniversario da reacção, dando elle á porta do palacio varios vivas, um official da guarnição deu tambem frente a frente d'elle o de = ao Presidente que não ha de pactuar com os farrapos = !

O Marechal Barreto achando-se com força de 600 homens mal armados junto da Cruz-Alta, e constando-lhe que Bento Manoel com o rebelde João Antonio da Silveira, buscava subir a serra para os bater, se antecipou a esperal-o. Aconteceo pois que chegando em 7 de Julho aos campos do Athanagildo, os seus bombeiros quando já era noite escura, virão apear em uma casa proxima ao ex-commandante das armas com uma pequena escolta, e immediatamente forão dar parte ao seu General: este mandou trinta homens, que cercando a casa, o prenderão; porem como se dessem alguns tiros, e escapassem alguns tiros da escolta rebelde, soube-se isto na força d'aquelles, que achando-se a meia legua pouco mais ou menos carregarão sem demora a do Marechal, que mal teve tempo de entrar em forma, a qual, sendo pela maior parte composta de gente bisonha e mal armada, foi ao amanhecer derrotada, escapando-se milagrosamente o Marechal, e ficando no campo varios mortos, inclusive o Tenente Coronel Eduardo Gomes. O Tenente Coronel Carlos José Ribeiro, que tambem ali se achava, officiou da Cachoeira, dando parte d'este acontecimento ao Presidente e asseverando-lhe que se julgava morto Bento Manoel, o qual tinha sido gravemente ferido; concluiu que elle e outros denodados legalistas não desanimavão com este revez, antes mais se esforçavão em reunir gente em defeza da legalidade, convindo, porem, que o chefe de legião Gabriel Gomes fosse para aquelles lugares, por ser ahi a sua influencia mui grande.

O Presidente lhe remetteo munições, que felizmente chegarão a seu destino, e de concerto com o Brigadeiro Cunha, a quem havia nomeado commandante da guarnição de Porto Alegre, tratou de mandar uma pequena expedição á villa de Triumpho, cujo desastre logo contaremos.

Os sitiantes ao quarto dia depois de se haverem recolhido os taes de emissarios de Crescencio vierão bombardear a cidade

com granadas e balas ardentes, de que não tirarão grande proveito: e como muito conviesse fazer-se um reconhecimento, sahio uma sortida com perto de mil homens com quatro bocas de fogo commandados por Cunha. Chamando isto a attenção dos rebeldes, travou-se um forte tiroteio a tiro de canhão da cidade não resultando de nossa parte perda notavel, a não ser a morte do valeroso Major Mazarredo, que á testa do 8.º batalhão acabou heroicamente. A falta d'este official sendo muito sensivel, produziu alguma censura contra o Brigadeiro; e seos inimigos o pretenderão desacreditar. Nós ao contrario, segundo nossa costumada imparcialidade, diremos que apesar de lamentarmos a perda de tão valente official, a sortida foi muito proveitosa, não só porque nossos soldados se familiarisavão com o sibilo das balas, mas tambem porque a rivalidade que havia entre o 8.º Batalhão e o 3.º provisório (que pouca ou nenhuma confiança até então merecia) desapareceo n'esta occasião.

Acrescentaremos mais: Cunha não tinha feito serviços antes do seo despacho, que o tornasse digno d'este,mas depois praticou os mais relevantes, enthusiasmando a guarnição, e dando as mais energicas providencias da defeza da cidade e sua policia: alem d'isto seos proprios inimigos não podem negar ser elle um habil official de caçadores, valente e infatigavel; nem outro havia que o podesse substituir em tão importante emprego.

Matheus Gomes Vianna principiou a redigir um papel sob o titulo = *Correio de Porto-Alegre* = no qual aconselhava moderação ao partido legalista, emittindo doutrinas n'este sentido e apregoando a conciliação dos animos. Mas era tal a indisposição que contra elle havia, que os agentes de Pedro Chaves abrirão com gazua a porta da typographia, e deitando a mão ao primeiro numero, apparecerão suas folhas rasgadas pelas ruas. Não desistindo entretanto da sua empreza, continuou aquelle sua tarefa, coberto de injurias do = *Campeão* = cujos redactores, não satisfeitos com isso, mandarão dar-lhe ás 9 horas do dia, na occasião de ir para a Secretaria e em uma das ruas mais publicas, umas poucas de pranchadas. Maltratado por esse modo, refugiou-se a bordo do patacho de guerra, de onde transferio-se para o Rio Grande. Os autores d'este attentado incorrerão na execração de todos os homens de bem e conhecendo isso, não se atreverão a gabar-se do feito: posto que depois perpetrassem outro igual, quebrando a typographia e maltratando o impressor, que continuára a publicar o = *Correio* =. D'este papel declarou-se

responsavel Antonio de Sá Brito, o qual temendo a sorte do redactor e do impressor refugiou-se em Santa Catharina.

No mesmo dia do espancamento do Secretario, o Presidente Nunes, chamando a Cunha, pretendeo recolher-se á noite para bordo do patacho, e muito custou a este dissuadil-o de seo intento; e para affiançar-lhe toda a segurança mandou por em palacio uma guarda commandada por official.

Um novo desastre veio produzir grande sensação. Gabriel Gomes com quinhentos homens de infantaria e cavallaria e uma peça de artilharia, fez seu desembarque a 6 legoas da villa do Triumpho na manhã de 6 de Agosto. O fim d'esta expedição era cortar a communicação dos rebeldes com as suas partidas, que por ali vagavão, e batidas estas, proteger o embarque de charque, cuja falta já se experimentava, e mesmo obter noticias da campanha.

Esta força sahio debaixo de todo silencio na barca de vapor = Commercio =, e desembarcando sem resistencia, reunio-se com uma forte partida, commandada pelo legalista Simas que de accordo forneceo bons cavalos para montar boa cavallaria; teve de mais a fortuna de um bombeiro rebelde vir esbarrar-se com ella e declarar que o rebelde Joaquim Pedro se achava acampado d'ali a legua e meia.

Gomes era um soldado valente, mais muito dado a bebidas, e de genio pachorrento e orgulhoso; mais do que devia, demorou-se; e dando assim tempo a que os rebeldes se retirassem, fez alto no Triumpho, fiando-se nos seus bombeiros e na sua bravura.

Sabendo de semelhante sortida, marchou Netto a toda a brida, com seiscentos homens escolhidos, a sorprendel-o. Na manhã de 12, recolherão os exploradores de Gabriel Gomes, dando parte de nada haverem encontrado; e em vez de mandar outros bombeiros, deo largas a seo genio, e nada mais lhe importou. Não tardou a força rebelde a apparecer; e então dividindo elle a infantaria em differentes grupos e sem a conveniente disposição (pois que seo commandante, o Visconde de Camamú, se achava doente a bordo), recebeo o ataque nos arrabaldes do Triumpho, e foi completamente derrotado depois de renhido combate, perdendo a vida barbaramente depois de prisioneiro. Nossa perda foi de 23 mortos, e varios prisioneiros e extraviados, ficando o canhão tambem em poder do inimigo. Os lanchões de guerra portarão-se cobardemente, deixando na praia a muitos soldados, que procuravão refugio; e até resultou morrerem alguns afogados. O valente José Ourives fez prodigios de valor, e ao Coronel Gama se deve a

salvação de muitos dos nossos. Este Coronel tinha poucos instantes chegado de ordem do Presidente, e avisou a Gabriel Gomes da desconfiança, que havia, de ser batido: porem este não lhe dando ouvidos, nem mesmo depois do ataque perdido, se quiz retirar, preferindo ali morrer a voltar para a cidade com ignominia. O Major Simas tambem foi ferido, e prestou bons serviços. Os inimigos de Nunes apregoarão pela imprensa, que fôra elle o culpado do mau exito d'esta expedição. Mas essas censuras não tinham fundamento, pois se aquelle Coronel houvesse executado as instrucções que lhe deu o brigadeiro Cunha, ter-se-hia retirado, prehenhendo seos fins: embarcando-se rapidamente na barca de vapor; fazendo transferir os cavalloos para o outro lado do Guahyba, podia-se aproveitar a occasião e bater os sitianteos que ficarão em pequeno numero em razão da força, que Netto tinha levado. Pagando o devido tributo de homenagem á memoria d'este esforçado campeão da legalidade, resta-nos declarar que á sua pouca cautela e falta de boa disposição de suas forças deveo a morte heroica e temeraria, que teve.

Este revez lançou no maior desespero a guarnição de Porto-Alegre.

A fome começava a sentir-se, tanto em carnes frescas como em cereaes, a ponto de ficar aquella a 200 rs. a libra, e n'estes subio a farinha a 12\$000 o sacco, e o mais em proporção. Grande numero de familias na campanha se haviam refugiado na capital, e uma epidemia devastava a população. Nunes mandou por philantropia abonar rações ás pessoas necessitadas, cujo numero foi crescendo de modo que, arbitrando a assembléa provincial seis contos de reis para este soccorro, e mandando depois seo successor Elziario dar-lhes essa applicação, foi essa quota absorvida em mez e meio, pois o total das pessoas assim soccorridas montavão já a mil e quatrocentas.

Alem do soffrimento de tantas privações, as noticias da Côrte nenhuma esperanza davão de prompto soccorro. O ministro da guerra chegou a confessar em assembléa geral, que não tinha mais do que quarenta homens disponiveis na occasião. Tudo isto, e a fuga de Bento Gonçalves, Onofre e Corte Real cada vez rebusteção mais a desconfiança de que o execravel governo do Padre Feijó era connivente com os rebeldes, e buscava por todos os modos fazer succumbir a legalidade.

A assembléa provincial, reunindo-se tambem desacreditou quanto pôde ao Presidente Nunes, o qual, sempre assustado com

denuncias que lhe davão de reacção, sem força moral nem phisica, esperava a toda o momento sua demissão.

Quazi nòs ultimos paroxismos d'esta administração, chegou a noticia da grande promoção de 12 de Setembro: ultimo remate do sinistro e malevolo governo Feijó. Toda a officialidade offendeo-se de se ver assim preterida injusta e escandalosamente. O commandante da guarnição, com os commandantes dos corpos, dirigirão-se ao Presidente, pedindo providencias, e elle se comprometteo a fazer logo a proposta; o que não teve andamento pela nomeação de Elziario para o substituir.

No turbado horizonte da legalidade brilhou por fim a mais risonha aurora. A 19 de Setembro baqueou o Regente Feijó; e um governo energico, composto das notabilidades mais distinctas do Brasil, tomou a direcção suprema dos negocios do paiz.

Esta noticia produziu nos legalistas unanime contentamento; esperando ver logo triumphante a sua causa, aguardavão anciosos saber quem os viria presidir. Os primeiros apontados erão Elziario, Almeida Torres, e houve quem se lembrasse do Brigadeiro Maciel. Afinal foi o primeiro nomeado, contra toda a expectativa publica, que tinha bem a lembrança o que lhe acontecêra e praticara na sua administração dos 20 dias: como judiciosamente observou, significando sua admiração, o redactor da = Chronica =.

Não só se contava com a mudança de Nunes, como com a do celebre Machadinho, que em S. Catharina não só acolhia os mais compromettidos farroupilhas que para ali se refugiavão, mas até permittia que d'ali tirassem todos os recursos, embora as munições viessem a aproveitar-lhes para bombardearem a capital de S. Pedro do Sul. O Brigadeiro Pardal veio afinal substituir a este administrador que tanto aticou a discordia no malfadado Pará.

O Marechal graduado Antonio Elziario de Miranda e Brito aportou ao Rio Grande com algumas tropas nos primeiros dias de Novembro; e logo ao chegar passou revista as tropas, e não sabemos se expedio algumas ordens. Poucos repararão n'esta illegalidade: mas nós, constantes propugnadores da lei e da boa ordem, diremos que o novo Presidente intrometteo-se fóra de tempo na administração. Muito louvaríamos, que sem apparato visitasse as fortificações, e ouvisse todas as representações, porem que não desse jamais passo algum no character de Presidente, antes de prestar o competente juramento: o qual se verificou na capital a 5 do mesmo mez.

Em nossa opinião os governos, antes de deliberarem a nomeação de funcionarios tão elevados como os Presidentes de

provincias, devem fazer muito maduras reflexões para o fim de acertarem na escolha, sustentando-a depois com a sua confiança e dando-lhe toda a força moral; e ainda diremos, que mesmo não correspondendo plenamente á sua expectativa, devem antes ser relevadas algumas faltas, do que occorrer-se com prompta destituição; pois amiudadas mudanças paralysão os negocios, e alem de desconceituarem o governo em razão de sua volubildade, é sempre um mal publico a marcha, até aqui adoptada, de se mudarem os presidentes de um para outro dia.

A Presidencia do Rio Grande era aquella, que pelo estado melindroso de seus negocios maior e mais esclarecida attenção merecia; e devendo sempre a reintegração de qualquer authoridade ser feita com a maior criterio, muito mais se fazia sentir essa necessidade no presente caso, attenta a opposição que já havia soffrido o marechal Elziario. Os que bem conhecem o coração humano, sabem que o seu movel principal são as affeições particulares, as quaes quando favoraveis, disfarção os erros e incapacidade, e quando contrarias, desconhecem o merecimento e até os melhores serviços. A unica vingança digna das almas nobres, a generosidade, constituindo tambem o meio mais proficuo para apagar ressentimentos, aproveita sempre aos governantes, embora as tachem de almas pequenas.

De ordinario os offendidos e censores de uma administração, aproveiçam o fim d'ella para desabafarem; ao mesmo tempo que se constituem seus defensores os que d'ella receberão beneficios, ou tem razão de ser-lhe reconhecidos. Abre-se assim a polemica, que excita sempre a attenção da authoridade substituida. Quando se dá o caso da reintegração de authoridade, sobre a qual, por occasião de sua demissão, houve já essas manifestações os accusadores d'esta ou movidos de remorso ou resignados, ficão em continua desconfiança e sobresalto bastando a menor indifferencia para os molestar e lançal-os na opposição: os segundos, pelo contrario, confiados nas boas ausencias que lhe fizerão, contão desde logo serem os mais attendidos, julgando-se sempre com direito ao deferimento de suas pretensões e ao papel de conselheiros particulares da administração. E são estes por via de regra os que por nimia-mente exigentes, vem romper a opposição, á qual se aggregão logo os antigos descontentes, ou por aversão, ou por segurança. D'este modo a nomeação de Elziario não foi das mais acertadas: embora houvesse elle, quanto pôde, reprimir sua vingança, e não houvesse dado mui franca entrada aos de seo sequito, como logo se verá.

O gabinete de 19 de Setembro asseverou, que dentro de um mez entrariam a barra do Rio Grande mais de mil soldados, promessa essa que foi fielmente cumprida. Principiou-se pois a organizar e exercitar-se o 1.º e 2.º Batalhão de Caçadores: aquelle debaixo do commando do Coronel Cabral Freire em Porto-Alegre, e este do Coronel Guilherme Lisboa na villa do Norte.

O General Elzario accumulando os cargos de Presidente e de commandante das armas, encetou a sua administração com grande apparatus marcial, instituindo differentes repartições, commissões, e dando ao mesmo tempo providencias para começarem as operações.

Em meados de Novembro o Marechal Barreto com o Brigadeiro Calderon, deixando as brechas das missões aonde se havia refugiado depois da derrota que soffreu na estancia do Athanagildo, atravessou a campanha com quatrocentos homens, e apresentou-se do outro lado do Guahyba em frente de Porto Alegre. Este inesperado movimento causou a maior alegria na praça e muito mais quando d'aqui resultou grande abundancia de carnes frescas, cuja falta muito se sentia. Este soccorro augurava que em pouco tempo o novo Presidente se habilitaria para bater os sitiante: porem tão depressa se soube, que elle queria começar seus movimentos pelo lado do rio S. Gonçalo, um continuo murmurio se manifestou de prompto contra taes planos.

Tendo já algumas forças e esperando outras, dispondo de fundos para as sustentar, Elzario adoptando a politica de moderação seguida por Araujo Ribeiro e Nunes Pires, julgou-se sobranceiro a tudo, suppondo sufocar todos os partidos e deliberar espontaneamente. N'estes termos tratou de formar seu plano de campanha; e assentou que duas Divisões deverião operar: 1.ª intitulada = da direita = sobre o Rio Pardo, e a 2.ª, a da esquerda, sobre Piratiny. Para commandante d'aquella nomeou o Marechal Barreto, compondo-se a mesma dos batalhões 1.º e 8.º de Caçadores, dous corpos de cavallaria, e um parque de oito bocas de fogo. Dando então ordem para o mesmo Marechal a organizar devidamente, partio para o Rio Grande, ficando os Caçadores na Capital, e a cavallaria, commandada pelo Brigadeiro Calderon, do outro * lado do Rio, no sitio da Picada.

Chegando ao Rio Grande com seo Estado Maior, não tardou o Presidente em ir visitar a força de Silva Tavares, a qual com perto de 600 praças bem montadas e equipadas se achava a quem do rio S. Gonçalo.

Poucos dias depois chegarão os contingentes de Caçadores da Bahia e Pernambuco, os quaes quanto tinham de bem armados, fardados e equipados, tinham de bisonhos no exercicio das armas. D'estes contingentes formou um batalhão provisorio, nomeando seo commandante ao major João Nepomuceno da Silva, official de muita intelligencia e desembaraço, como já dissemos.

Mal havia este corpo e o 2.º batalhão feito os primeiros manejos, fel-o sahir em fins de Dezembro com o 2.º corpo de artilharia, porem servindo de infante, a reunir-se a Silva Tavares, com quatro peças de artilharia. Nos primeiros dias de Janeiro acampon toda esta força junto ao passo dos Canudos; e achando-se ali o Presidente fez em pessoa com o 2.º corpo de artilharia e alguns cavalleiros um reconhecimento sobre a cidade de Pelotas, do que pouco ou nada resultou, a não ser o alarme dos rebeldes em Piratiny que immediatamente marcharão ao encontro, na supposição de que toda a força atravessara o rio S. Gonçalo.

Achando-se ali o Presidente teve noticia de que o intrepido Capitão José Ourives tinha reunido grande força na Serra, e que o mesmo fazia Manoel Joaquim, de igual patente, e varios outros legalistas; e alem d'isto varias desintelligencias entre authoridades militares e civis se originarão na capital; e por isso se tornava preciso a sua volta; portanto, e porque o Coronel José Rodrigues, com uma força de mais de quatrocentos homens, não tinha buscado formar junção pelo Jaguarão com a Divisão da esquerda, como tinha annuciado, e cujo manobra Elziario estava deliberado a proteger a todo o transe, resolveo este recolher-se á capital; o que verificou em 23 de Janeiro, deixando o commando d'aquella Divisão ao Brigadeiro Calderon, com ordem de organizar as forças de Silva Tavares em dous corpos de cavallaria.

O comportamento de Elziario no Rio Grande foi na realidade louvavel; elle não perseguiu ali a pessoa alguma sua desaffecteda; e nem fez alteração alguma nas Repartições, como o Brigadeiro Antero, que d'ali sahio praguejado por bons e máos.

Notaremos que este Brigadeiro impetrou de Bento Gonçalves acompanhal-o desde Piratiny até Porto Alegre e tratando de sua troca, o General Barreto submetteo este negocio á deliberação do Presidente; porem na sua chegada a Porto Alegre, sem este ainda ter decidido, já encontrou o ex-Presidente na cidade, em troca do Tenente Coronel Amaral.

Apoz o Presidente, foi transportado para a capital o 2.º Batalhão de Caçadores; e começou-se a tratar do movimento, até que em 29 de Janeiro seguirão embarcados os tres batalhões,

pelo rio acima, e a cavallaria por terra do outro lado, e todos fizerão sua junção na Ponta Raza, entre a villa do Triumpho e a capital; e d'ali marchando com bastante morosidade, se dirigirão a bater os sitiante.

Estes, ao cabo de cinco dias que souberão de semelhante manobra, dezampararão seus intrincheiramentos e pretenderão sahir-lhe ao encontro: porem foi tal a desmoralisação na cavallaria, que se vio a infantaria, e alguns poucos cavalleiros, com cinco bocas de fogo, obrigado a subir a serra, queimando todo o seu carretame, e inutilizando a artilharia, cujas peças e munições deixarão enterradas.

A nossa columna se tinha reforçado muito na marcha com differentes reuniões, porem ficando José Ourives sotoposto a sua marcha e a sua gente mal armada, não pôde por isso estorvar a retirada dos rebeldes, mesmo porque só depois d'elles passarem, é que soube que aquella Divisão os perseguia.

O chefe de legião Loureiro depois de ser por vezes batido, e até emigrado para o Estado Oriental, conseguiu reunir quatrocentos e mais homens no Municipio da Cruz Alta; mas sendo logo perseguido pela força de Canabarro, se postou no passo das Antas (em cima da serra) e temendo então ficar entre dous fogos, deixou livre passagem aos sitiante, que se dirigirão a villa de Lages (provincia de S. Catharina) e se contentou de lhes picar a retaguarda.

Levantado o sitio se conservou a dita Divisão na varzea de Gravatahy, preparando-se para manobrar sobre Rio Pardo; até que em tres de Marco principiou a marchar sobre aquelle ponto, passando o Rio Taquary em 11 do dito (1) e Bento Manoel que lhe fazia a frente com quinhentos homens, se tanto, se retirava lentamente á sua vista; afinal aparentou de se fazer forte no Barro Vermelho (tres quartos de legoa da Villa do Rio Pardo), onde entrou a Divisão no dia 18 na referida villa; tanto a parte que dá Elziario d'esta entrada, como os seus boletins de marcha promovem curiosidade; pois deixa ver que sem querer legar alguma á fama alardeou de si mesmo triumphos immortaes. Quem for militar, e souber que o inimigo só tinha cavallaria, e fôra carregado á baioneta, de certo soltará gargalhadas. Elziario pretendeo seguir logo sobre os rebeldes, afim de os obrigar a evacuar a Cachoeira e refugiarem-se alem do Jacuhy, porem como lhe disserão que havia Generaes que isto reprovavão, convocou um conselho d'estes

(1) Mencionamos esta circumstancia por motivo de uma proclamação que Elziario fez neste dia, por ser anniversario natalicio da Princesa D. Januaria.

e commandantes de corpos, e ali se assentou não passar por emquanto alem do Rio Pardo, visto o máo estado das cavalladas. Em consequencia d'isto voltou a Porto Alegre em fins de Março, e querendo dar logo providencias a respeito da policia dos lugares subtrahidos ao dominio rebelde, nomecou differentes officiaes para commandantes de taes Districtos.

Poucos dias antes do Presidente chegar á capital da Provincia, tinha ali se apresentado o chefe de legião Loureiro; que não podendo oppôr-se como já dissemos á retirada dos rebeldes sobre a serra, baixou d'ali com sua gente, que muito precisava refazer-se tanto de armamento como vestuario; estacionando-se junto a villa de S. Antonio, para onde tambem descerão outras partidas da legalidade, e que depois se reunirão proximo do Gravatahy.

Elziario partio para a dita villa afim de regular as policias e visitar os mencionados pontos: e emquanto n'isso se entretinha, a columna do Marechal Barreto se conservava no Rio Pardo; tendo o Brigadeiro Calderon atravessado o S. Gonçalo, manobrando com a Divisão da Esquerda sobre o Jaguarão.

Desde esta época em diante, em consequencia de nossos afazeres, deixamos de colligir os apontamentos necessarios para continuar a contar os acontecimentos importantes até a pacificação da Provincia; e hoje nos causa pena semelhante incuria, porquanto, segundo parece, não consta que houvesse quem se desse a tão importante trabalho. Huma das razões que tambem nos desanimou, foi, que sendo o General Elziario Presidente e Commandante das Armas, muitas ordens se expedirão pelas Repartições do Ajudante e Quartel Mestre General, e noticias se recebião e respondião, sem que tivessemos d'isto exacto conhecimento, e nós tudo quanto narramos, é com toda a pontualidade, e até revestido das circumstancias mais importantes. E é por isso que não referimos os acontecimentos do infausto 30 de Abril, e a retirada da Divisão do commando do Brigadeiro Calderon, que tambem foi assaz lamentavel.





BREVES CONSIDERAÇÕES
SOBRE A
REVOLUÇÃO DE 20 DE SETEMBRO DE 1835

Acontecida na Provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul

— OU —

Analyse critica imparcial da Carta Official e Itinerario Militar do ex-ministro da Guerra dos dissidentes Manoel Lucas de Oliveira, datados de 3 de Maio de 1844, dirigidos ao Ex.^{mo} Conselheiro Manoel A. Galvão.

Não é nosso fim escrever a historia da revolução de 20 de Setembro de 1835, que teve logar na provincia do Rio Grande do Sul, não só porque para tão ardua e difficil tarefa nos faltam os necessarios e indispensaveis conhecimentos; como mesmo porque ainda não é chegada a epoca em que esses acontecimentos devem ser escripto; agora fôra impolitico, senão imprudencia, pôr no dominio do publico os actos que ali forão praticados no correr da revolução e debaixo da effervescencia dos partidos, muitos dos quaes são ainda ignorados e outros se acham como encobertos: este drama saguinolento só deve ser revelado ao publico, quando seus autores deixarem de pertencer a este theatro em que forão representantes; porque só então, calmos os animos e mortas as paixões, podem ser seus actos encarados, e vistos pelo prisma da imparcialidade, o que na actualidade humanamente falando, é quasi que impossivel tal fazer-se.

E' pois nosso unico fim nestas resumidas observações restabelecer a verdade de alguns factos, que foram adrede e de proposito alterados nos documentos originaes que offerecemos, para serem archivados, ao *Instituto Historico e Geografico Brasileiro*, afim de que os futuros historiadores não façam uso delles em absoluto e sim com toda a circumspecção e criterio, porque o seu autor as escreveu impressionado das paixões exaltadas que então o dominavam.

São estes documentos, uma *Carta Official* dirigida pelo intitulado ministro da guerra dos dissidentes do Rio Grande do Sul, Manoel Lucas de Oliveira, em nome dos seus correligionarios, ao fallecido conselheiro Manoel Antonio Galvão, que nessa epoca servia o logar de ministro do imperio e a esta carta acompanhada um *Itinerario* das operações do exercito imperial ao mando do Ex.^{mo} general Marquez de Caxias, então Barão do mesmo titulo, cujo *Itinerario* comprehende o espaço de dezoito mezes; ambos estes documentos são de grande valor historico, não só porque são os proprios originaes, como porque descrevem por suas verdadeiras datas os diversos recontros havidos entre as forças belligerantes naquella provincia. Passemos portanto a annalysal-os com a mais severa e escrupulosa imparcialidade, afim de que se não nos possa fazer a mesma censura que agora lhes fazemos.

A *Carta Official* do ex-intitulado ministro da guerra dos dissidentes do Rio Grande do Sul é datada de 3 de Maio de 1844, e não é mais que uma parodia ou recapitulação do celebre manifesto que fez publicar o chefe dos commotores daquella provincia, o coronel de cavallaria de linha Bento Gonçalves da Silva, quando proclamou a sua independencia do Brazil, e tem por fim o seu autor persuadir ao conselheiro Galvão que os dissidentes do Rio Grande foram como que forçados e compellidos pelas continuadas oppressões, que diziam soffrer, a recorrer á decisão das armas para reivindicarem as suas liberdades perdidas e evitarem a continuação do despotismo, que naquella provincia era exercido pelos diversos presidentes mandados pelo supremo governo para dirigil-a.

Nessa carta se colloca como ponto principal da commoção havida em 20 de Setembro de 1835, o ter o Ex.^{mo} presidente Dr. José Marianni indeferido uma representação, que lhe foi apresentada pelos liberaes da provincia, pedindo-lhe que prohibisse a instalação de uma sociedade militar, que se pretendia crear na capital, dizendo que esta petição fora desattendida e acremente censurados e reprehendidos os peticionarios.



MANUEL LUCAS DE OLIVEIRA

Ainda que facil nos fôra demonstrar que esta não foi a causa, porem sim o thema de que se serviram os exaltados liberaes do Rio Grande, para darem começo ao seu drama e se desviarem da linha de seu deveres e da do respeito devido ás nossas sábias e justas instituições juradas, não o faremos; porque tornamos a repetir, não nos propomos a escrever a historia de 20 de Setembro de 1835, mas tão somente restabelecer a verdade dos factos occorridos, de que trata o documento que analysamos sem comtudo desvendar as causas intimas e patentes que os promoveram.

Os primeiros projectos da premeditada revolução e separação do Brazil daquella provincia, tiveram começo na villa de Jaguarão no anno de 1833, quando ali chegou emigrado do Estado Oriental o general Lavalleja, com os restos de seus companheiros de armas, que naquelle estado se tinham rebellado contra o presidente legal da republica o general D. Fructuoso Rivera, o qual os tinha completamente batido e derrotado.

O general Lavalleja, tendo sido acolhido por nós com lealdade e soccorrido e acobertado por nossa bandeira, em vez de pagar com gratidão a hospedagem que lhe prestava o solo brasileiro, tratou de levar a effeito seus planos revolucionarios, repassando por diversas vezes o rio Jaguarão para aggreir as forças do Estado Oriental, desta arte compromettendo a nossa neutralidade. Alem destes desvios do general Lavalleja, outros mais inqualificaveis actos praticou contra a nossa paz interna, organisando com seus assecclas uma propaganda revolucionaria na provincia do Rio Grande, a qual começou a pregar a federação daquella provincia no Estado Oriental.

O espirito de novidade que tem sempre admiradores e proseytos, achou echo em alguns aventureiros e mesmo em alguns cidadãos inexperientes, que sem exame algum esposaram essa nova idéa.

O coronel Bento Gonçalves da Silva, commandante do do 4.^o regimento de cavallaria de linha, que fazia a guarnição da villa e da fronteira de Jaguarão, não foi extranho a esses planos do general oriental; e se bem que haja quem negue que elle pactuasse com essas idéas, é comtudo incontestavel que elle sabia desses tramas e que na qualidade de commandante daquella fronteira, nunca cuidou de por obstaculos ao seu progresso.

Um celebre padre que então se achava na villa de Jaguarão era um dos maiores propugnadores da federação; e sem medo de errar podemos asseverar que, com seus sophisticos argumentos,

conseguiu fazer com que todos os officiaes do 4.º regimento de cavallaria de linha se declarassem apostolos e defensores da federação do Rio Grande ao Estado Oriental.

A classe militar da provincia se considerava aviltada e decahida de seus direitos, desde a revolução de 7 de Abril de 1831, e por isso foi facil aos agitadores fazer acreditar aos incautos nas vantagens que deviam resultar á provincia do novo systema que fantasiavam.

Parece que estas calamitosas machinações não foram de todo occultas ao governo geral, tanto que, em 1834, foi chamado á côrte o coronel Bento Gonçalves, para aqui responder pelo seu procedimento na fronteira que commandava, mas este astuto official, com tal habilitade se houve nesta côrte que chegou a persuadir ao governo que elle era extranho a taes planos, e tão bem demonstrou os seus serviços naquella fronteira, que obteve não só voltar para o seu commando, como até uma pensão, como compensação ou remuneração de seus bons serviços.

Que o coronel Bento Gonçalves não foi extranho á propaganda da federação do Rio Grande, os factos ao depois occorridos bem claramente o demonstram: se escrevessemos a historia da revolução de 20 de Setembro de 1835, nós o poderíamos demonstrar por documentos irrecusaveis, porem não se trata de provar factos tão sabidos.

A volta do coronel Bento Gonçalves para o seu commando da fronteira do Jaguarão, e a remuneração por elle obtida, de tal forma exaltou o espirito dos federalistas, que sem reboço falavam por toda a parte nas vantagens e conveniencias, que asseveravam resultar á provincia de tal alliança ao Estado Oriental, e da separação de seus irmãos brazileiros; e mais audaciosos se tornaram, creando, para adquirirem proselytos, diversas sociedades secretas em toda as povoações da provincia, nas quaes eram iniciados os moços incautos; e nas suas sessões, se tratavam e discutiam com grande applauso as reformas projectadas na provincia do Rio Grande do Sul.

Tendo sido desta arte fanatisados os inexperientes rio-grandenses, em tudo e em todos os actos do governo geral só viam offensas aos seus direitos; quando a illimitada liberdade de que gosavam e a inercia do mesmo governo em reprimil-os, é que os tinha levado ao ponto de exaltamento em que se achavam.

O facto occorrido com o procedimento do Dr. José Marianni foi o seguinte: No dia da posse deste delegado do governo, lhe dirigiram os exaltados liberaes de Porto Alegre uma representação,

na qual pediam ao presidente da provincia que prohibisse a installação da Sociedade Militar, que se projectava organisar na mesma provincia, com o nobre e louvavel fim de crearem um cofre geral, no qual as familias daquelles militares que fallecessem encontrassem um arrimo contra a indigencia, de que se achavam ameaçados os fieis sustentadores do estado; nenhuma vista politica tinha essa associação: foi porem redigida essa representação em phrases tão descommedidas e desrespeitosas da autoridade, que aquelle presidente, sem grave quebra do elevado logar, em que acabava de ser empossado, não poderia deferil-a, porque mais parecia um *firman*, que se impunha ao presidente, que uma petição; por estas razões o Ex.^{mo} Dr. José Marianni a indeferiu, observando que não se lhe devia dirigir uma petição em taes termos e em tumulto.

Não tendo surtido os projectados effeitos deste meio empregado pelos commotores, os quaes eram dominar o presidente pelo terror e coagil-o a sancionar tacitamente todos os seus actos, começaram a proclamar pela imprensa quanto lhes approuve contra este administrador da provincia; e até fizeram com que a Camara Municipal da capital, cujos vereadores eram todos de sua parcialidade, representasse ao governo geral, pedindo a destituição daquelle presidente, o que obtiveram; sendo nomeado para substituil-o o Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, filho do Rio Grande e muito conceituado na provincia, e dizem que esta nomeação fora feita por indicação do coronel Bento Gonçalves da Silva, quando veio á côrte.

Este acto do governo que era todo conciliador, em vez de acalmar os animos dos dissidentes, mais os firmou nos seus projectos; porque, lá para si, suppuzeram que esta condescendencia procedia de fraqueza, e que por isso deviam quanto antes attingir ao fim de seus desejos, pondo em acção seus planos de ha muito combinados. Começaram pois desde logo a censurarem todos os actos do Ex.^{mo} Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga; e a imprensa dessa epoca semelhava um vulcão em chamas, cujas lavas tudo abrazavam; as mais bem constituídas reputações foram posta em duvida e até, o horror! o sagrado sigillo das familias foi lançado na praça publica.

Esta magica invenção do espirito humano, foi desvirtuada até o ultimo ponto de abjecção e deu em resultado a revolução de 20 de Setembro de 1835, a qual reduziu a provincia do Rio Grande do Sul a um theatro de dilacerações e morticínios; mas ainda assim o genio cavalheiroso dos rio-grandenses se conservou intacto no meio desse quadro de destruição.

Diz, porem, a *Carta Official* que analysamos, que o procedimento do presidente Braga, que no seu começo muito agradou aos amigos da liberdade, passou a desgostal-os; porque aquelle presidente, no decurso de sua administração, praticou actos reprovados, em monoscabo da constituição e das leis; e diz mais que esses actos foram comprovados por documentos, os quaes não apresentou.

Cumpre-nos, restabelecendo este facto em toda a sua verdade, declarar que o Ex.^{mo} Dr. Braga, se algum acto praticou contrario á boa administração da provincia, durante a sua permanencia, seria o de ser nimiamente condescendente com as exigencias dos exaltados liberaes, e não os ter pelo meio da força e pelo respeito devido ás leis, feito entrar na senda de seus deveres, dos quaes tanto se tinham transviado; sendo pois seu unico erro a falta de energia, porque se o Ex.^{mo} Dr. Braga tivesse sido mais energico, a revolução do Rio Grande teria abortado em seu começo, e não se teria visto elle forçado a abandonar a capital logo em seguida á commoção de 20 de Setembro, e ao depois a provincia; do que resultou o progresso da guerra tenaz e fratricida, que quasi dez annos assolou aquella bella parte do Brazil, fazendo a desgraça de opulentas familias.

Uma muito ponderosa consideração vem porem em apoio do Ex.^{mo} Dr. Braga, e é não ter força nessa epoca de que pudesse dispor; porque a força de linha que havia na provincia era toda commandada por chefes dissidentes; isto é, o 4.^o regimento de cavallaria, e o 8.^o batalhão de caçadores, de cujos corpos eram commandantes do 4.^o o coronel Bento Gonçalves da Silva, e do 8.^o o major João Manoel de Lima e Silva; e mesmo a guarda nacional, com rarissimas excepções, era commandada por exaltados liberaes; de sorte que o Ex.^{mo} Dr. Braga, ainda mesmo querendo, não poderia de prompto reprimir a revolução que se achava propinqua a desabar sobre a provincia: fica pois justificado o procedimento pouco energico deste presidente, porque é evidente que sem meios não se podem conseguir os fins.

Tendo apparecido o primeiro choque dos partidos na capital da provincia e tendo o presidente embarcado, collocaram os commotores ao vice-presidente legal na cadeira presidencial; e deste facto se serve o autor da *Carta Official*, para dizer que, se assim praticaram os liberaes, foi para provarem que não queriam a separação e independencia da provincia, naquella epoca; esta declaração porem nenhum peso merece, porque os factos posteriores

provam o contrario. Os commotores dissidentes, collocaram o vice-presidente legal na administração do Rio Grande, porque esse vice-presidente era o Dr. Marciano Pereira Ribeiro, um dos chefes mais influentes dos partidarios das liberdades illimitadas; porquanto, a não ser assim, elles desde logo escolheriam um chefe para os dirigir, não se importando com o vice-presidente legalmente nomeado; e se isto não é exacto, porque se recusaram os commotores em dar posse ao presidente nomeado pelo governo geral para substituir ao Ex.^{mo} Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

Prosegue o signatario da *Carta Official*, dizendo que, para substituir o Dr. Braga, foi pelo governo nomeado o Dr. José de Araujo Ribeiro, o qual, em vez de seguir e tomar posse no seio da assembléa provincial, que se achava reunida na capital, se deixou ficar na villa do Norte, e que dali cruzando ao Rio Grande e Pelotas, começou a semear a discordia, armando irmãos contra irmãos e conflagrando a provincia.

Este periodo da carta que analysamos não tem nenhum vislumbre de verdade, e para o demonstrarmos narraremos, o que realmente succedeu.

O Ex.^{mo} conselheiro José de Araujo Ribeiro, tendo sido nomeado para presidir a provincia do Rio Grande do Sul, para ali seguiu no brigue-barca 7 de Setembro, sem levar consigo força alguma que o auxiliasse na difficil missão de que fora incumbido: é mesmo para admirar-se que, para pacificar uma provincia que tinha lançado fóra de seu governo um presidente, se mandasse um outro presidente, sem outros meios mais que os seus bons desejos e patriotismo! Porem isto assim succedeu.

Chegado que foi á provincia do Rio Grande, o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro teve noticia de que o coronel Bento Gonçalves da Silva se achava em a villa de Jaguarão, e como sabia que elle era o chefe dos dissidentes, o mandou chamar para com elle conferenciar sobre o estado da provincia. Tendo vindo Bento Gonçalves ao chamado, o conselheiro Araujo Ribeiro tentou convencel-o e dissuadil-o de sua errada missão, e tendo-lhe Bento Gonçalves asseverado que era extranho inteiramente a tudo quanto tinha occorrido na provincia, tratou o Ex.^{mo} presidente nomeado de seguir para Porto Alegre a tomar posse, e ordenou ao coronel Bento Gonçalves que para aquella cidade marchasse.

Seguiu o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro por mar; o coronel Bento Gonçalves marchou por terra; sendo incumbido pelo presidente de, no seu transito, fazer todo o possivel por aquietar os animos dos exaltados liberaes da campanha. Chegados que foram

á capital, ali se reuniu ao coronel Bento Gonçalves um seu cunhado e intimo amigo, o qual desde logo reuniu alguns homens dos suburbios da capital, e começou a fazer assuadas pelas ruas da cidade; em vista do que a assembléa pretextou frivolos motivos para retardar a posse do presidente nomeado; e tendo o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro exigido ser empossado do governo da provincia, aquelle cunhado e intimo amigo do coronel Bento Gonçalves se dirigiu com seus sequazes até ás portas da assembléa, reclamando contra a posse e até mesmo usando de ameaças. Todos estes embustes eram planos concertados entre os dissidentes e o coronel Bento Gonçalves, com dois fins; primeiro comprometter com esta repulsa os envolvidos na commoção de 20 de Setembro, e assim forçal-os a adherirem aos seus planos; e em segundo tomar tempo para reunir suas forças dispersas pela campanha e ao depois com ellas fortificar a Barra da provincia e as Torres, para afinal consumir seus planos já começados.

Sendo de todo este trama bem informado o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro, e assim como de que sua pessoa corria risco na capital, julgou mais prudente regressar para a cidade do Rio Grande, e ali em segurança, a bordo do brigue-barca *7 de Setembro*, esperar que o coronel Bento Manoel Ribeiro fizesse as reuniões que lhe tinha ordenado, e com essa força marchasse sobre Porto Alegre, para fazer restabelecer a ordem; e então, com o apoio da força armada, poder assumir as redeas do governo da provincia. Regressou pois o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro para a villa de S. José do Norte, e tornou a embarcar para bordo do brigue-barca, donde dirigiu uma circular ás camaras municipaes das cidades do Rio Grande e Pelotas e á villa de S. José do Norte, ordenando-lhes que chamassem seus municipes á ordem e obdiencia do governo legal, emquanto elle não podia tomar posse, por falta de apoio de uma força que fizesse entrar nos seus deveres os dissidentes, que lhe tinham recusado entregar a presidencia na capital.

Tendo a camara municipal do Rio Grande recebido esta circular, se reuniu em sessão extraordinaria para deliberar sobre esta emergencia, e estando ainda reunidos os camaristas, se lhes apresentou o capitão Procopio Gomes de Mello e lhes disse que, constando-lhe que ao Ex.^o presidente nomeado tinham negado a posse em Porto Alegre e que, por falta de forças que o sustentassem no seu governo, S. Ex.^a não tomava as redeas da presidencia; que em vista disto elle se vinha offerecer á camara para sustentar o presidente nomeado, para cujo fim já tinha alguns homens reunidos á sua custa; e que se o Ex.^{mo} presidente nomeado o quizesse

autorisar para elle reunir gente, que em poucos dias elle se obrigava a apresentar uma força sufficiente para fazer respeitar as ordens do mesmo presidente; por tanto pedia aos Srs. vereadores que fizessem chegar ao conhecimento do Ex.^{mo} presidente este seu offerecimento e resolução.

Resolveu immediatamente a camara que uma commissão de seu seio fosse levar ao conhecimento do Ex.^{mo} presidente nomeado esta disposição do capitão Procopio e que, da parte da mesma camara, se pedisse a S. Ex.^a para que viesse tomar posse na cidade do Rio Grande. Marchou esta commissão logo a communicar ao Ex.^{mo} presidente o occorrido e a convidal-o a tomar a posse que lhe tinha sido negada na capital.

O Ex.^{mo} conselheiro Araujo Aibeiro, tendo ouvido a commissão da camara municipal, mandou chamar o capitão Procopio Gomes de Mello e, ao depois de o questionar sobre as probabilidades que elle tinha para fazer as reuniões que projectava, o despediu, ordenando-lhe que reduzisse a escripto o que de viva voz lhe tinha dito e que fizesse todos os esforços para reunir o mais breve possivel toda a gente que podesse pegar em armas no districto e municipio da cidade do Rio Grande. Cauteloso, porem, o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro tratou de informar-se das principaes pessoas da cidade do Rio Grande sobre a conducta e valor do capitão Procopio, e tendo ouvido geralmente dizer que era um valente e honrado official e que era o unico que no 4.^o regimento do commando de Bento Gonçalves não tinha adherido á revolução, e que por isso tinha opinião entre os legalistas, sendo-lhe por tanto facil juntar todos os que andavam dispersos; e ao depois de ter recebido uma petição das camaras de Pelotas e Norte, pedindo a S. Ex.^a que tomasse quanto antes posse da presidencia, se resolveu a tomar a dita posse na camara do Rio Grande, o que effectuou, sem que alguém perturbasse essa solemnidade da lei.

O capitão Procopio Gomes de Mello, seguindo as ordens do Ex.^{mo} presidente, em poucos dias reuniu uma força de mais de 500 homens, e com elles bateu e completamente destroçou as forças dissidentes ao mando do major José Jeronymo do Amaral, que commandava o municipio da cidade do Rio Grande, pondo desde logo sob o dominio da lei e na obediencia da presidencia, todo o espaço comprehendido desde a cidade do Rio Grande até Chuy, e desde a costa do mar até á margem direita do rio de S. Gonçalo; desta arte dando cumprimento á sua palavra, fazendo desassombrar aquella cidade dessas forças que ameaçavam a sua tranquillidade.

Em quanto este brioso capitão assim desempenhava a sua promessa de sustentar o governo legal, o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro não menores serviços prestava á causa da ordem e da monarchia brasileira, pois que tratava de fortificar a cidade do Rio Grande e villa de S. José do Norte, indo pessoalmente muitas vezes dirigir esses trabalhos, que constavam de trincheiras de taboas e torrão; estas duas praças, assim fortificadas, se tornaram dois inexpugnaveis baluartes da legalidade contra os dissidentes. Para defender estas praças, o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro organizou de todos os cidadãos uma milicia urbana, que grandes serviços prestou na defesa destes pontos.

O Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro, tratando dos meios de defeza, não se descuidou um só momento de empregar os meios da conciliação. Para esse fim proclamou aos dissidentes, concitando-os á ordem; e aos legalistas, para que se reunissem para sustentarem as leis e a ordem, e mesmo tentou, por todos os meios a seu alcance e compatíveis com a dignidade do lugar que occupava, de attrahir a si os dissidentes, afim de que deixassem de seguir a errada vereda que trilhavam.

Installado que foi o governo legal na cidade do Rio Grande, para alli começaram a convergir todos os legalistas da cidade de Pelotas e os que andavam foragidos por diversos logares da provincia. Entre os legalistas que se uniram ao governo nessa cidade, mais avultam os seguintes officiaes superiores: o tenente-coronel Jacinto Pinto de Araujo Correia, que se achava em Montevidéo com licença para seguir para os Estados Unidos da America, e o major João Nepomuceno; aquelle valente official, vendo que a patria reclamava seus serviços, deixou de fruir sua licença para vir defender a lei, que na patria baqueava aos golpes dos dissidentes, e tendo chegado ao Rio Grande, foi incumbido de organizar o 1.^o batalhão provisório de guardas nacionaes; e este foi incumbido da organização do 2.^o batalhão, tambem provisório; sendo estes dois corpos os primeiros que regulares houve na provincia e que grandes serviços prestaram na defesa desta praça do Rio Grande e Norte, quando atacadas; e mesmo em diversas sortidas até a cidade de Pelotas; foram estes batalhões o nucleo do exercito legal na provincia.

Não devemos deixar no olvido o valente e brioso coronel Albano de Oliveira Bueno, que, sendo rico e abastado fazendeiro no Estado Oriental só pelo amor da patria abandonou seus muitos interesses e veio offerecer os seus serviços ao Ex.^{mo} presidente, que, tendo-os acceitado, lhe deu o commando de cento e tantos valentes

e denodados legalistas, á frente dos quaes, o brioso Albano se bateu, com coragem inaudita, nas margens do rio S. Gonçalo, contra setecentos e tantos dissidentes commandados pelo major João Manoel de Lima, tendo o esforçado coronel Albano de ceder ao numero, quando já lhe faltavam as munições, e ordenando a retirada, se lançou a nado com os seus bravos ao rio S. Gonçalo, de onde, quasi afogado, foi aprisionado, e barbaramente assassinado na passagem do rio Camaquã pela escolta que o conduzia preso para Porto Alegre; acto esse movido pelo terror que inspiravam os chefes dissidentes seu esforçado braço e conhecimentos praticos das guerras do sul. O valor deste martyr da patria se acha bem caracterisado nestes versos, de um poeta rio-grandense:

Teu nome, Albano, os monstros apavora;
treme a mão do assassino ao dar-te a morte;
recebe a patria o teu final suspiro,
fez a traição o que não fez Mavorte.

E será por ventura este procedimento do Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro conflagrar a provincia do Rio Grande do Sul? Que devia fazer o presidente da provincia? Cruzar os braços e receber a lei da vontade dos commotores dissidentes? Sim, isto é que queriam que fizesse o distincto rio-grandense, porem tal não conseguiram, porque o seu esclarecido entendimento lhe impunha a lei do dever. O Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro soube ser superior a todos os obstaculos que lhe antepunham, até mesmo com risco de sua vida e das pessoas mais caras de sua familia; porque para aterrar seu animo e fazel-o fraquear no cumprimento de seus deveres, os commotores em Porto Alegre prenderam seu octogenario pae, insultando desta arte um veneravel ancião, que tinha gosado do respeito e estima publica, não só na qualidade de honradissimo negociante, como de rico fazendeiro e proprietario. Cabe aqui narrar-se, para que seja consignado na historia, que, sendo preso o Sr. José Antonio de Araujo, os commotores tiveram a fraqueza de fazer propalar que este inerme velho seria assassinado, se seu filho não abandonasse a presidencia e a provincia; e até isto foi proposto em troca da liberdade, mas o Sr. José Antonio de Araujo, em vez de escrever a seu filho pedindo-lhe que se retirasse da provincia, lhe ordenava que proseguisse fiel ao soberano, fazendo respeitar a lei, e que não lhe importasse o sacrificio da sua já cançada vida, com tanto que suffocasse a

anarchia na provincia. Actos taes de valor e lealdade, que não são raros no Rio Grande do Sul, só podem ser expressados por aquelles bellissimos versos de Camões:

E julgareis, senhor, qual é mais excellente,
se ser do mundo rei, se de tal gente.

Quando chegou á provincia do Rio Grande o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro, nem um só legalista havia armado em defeza da lei e da monarchia; mas, logo que elle tomou posse da presidencia e que principiou a despregar uma sabia politica, começaram a convergir para as fileiras dos defensores das leis aquelles que se achavam dispersos, dos quaes para deante se organisou um regular exercito na provincia. Não será pois exagerado se dissermos que o Ex.^{mo} conselheiro José de Araujo Ribeiro salvou da certa perda a provincia que o viu nascer; porque, se quando lhe negaram a posse da presidencia em Porto Alegre, elle, por falta de forças para obrigar a dar-lha, tivesse abandonado a provincia, os commotores teriam fortificado a Barra e as Torres, e então quem sabe o que hoje seria feito daquella bella estrella da coroa brazileira, e quem sabe o que teria resultado para o Brazil desse pessimo exemplo?

E foi a este procedimento firme e leal do Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro que o ex intitulado ministro da improvisada republi- ca de Piratiny qualificou de facho de discordia e de conflagração da provincia! Mas afinal o proprio ministro dissidente não pode negar os grandes serviços prestados á causa da ordem e da monarchia por este distincto presidente, pois que mais para deante assim se expressa: "E' verdade que o presidente José de Araujo Ribeiro julgou afinal que, só mesmo pelo meio da moderação e politica, poderia desarmar os commotores, mas este seu procedimento, do qual começava a colher optimos resultados, passou a ser censurado e a não agradar aos reactores, que por tal forma procederam que conseguiram da côrte a sua mudança."

E' isto uma dolorosa verdade, assim como é tambem verdadeiro que, desde o começo da administração deste illustre presidente, a sua politica sempre foi moderada e conciliadora. Lamentamos tambem que, na melhor occasião e quando a provincia estava quasi que conciliada, fosse o Ex.^{mo} conselheiro Araujo Ribeiro destituído da presidencia, e ainda mais lamentamos, por ter isso dado causa a celeuma que alguns exagerados e sequiosos de vingança contra a sua administração levantaram, ao depois do

ataque da ilha do Fanfa, onde houve uma capitulação das tropas dissidentes; porem essa celeuma não achava echo senão no coração daquelles que só tem por principio e lei o ouro vil, os quaes, em todas as luctas por que tem atravessado o Brazil, têm lucrado com as nossas desgraças; porquanto, não sendo seguidores de nenhuma idéa politica, só se occupam em traficar e intrigar, com o fim de nos enfraquecerem para dominar.

No Rio Grande do Sul, nós e muitos outros brasileiros observamos que os maiores contrabandistas e os que forneciam os punhaes, a pólvora e as ballas aos dissidentes, não eram nascidos no Brazil; assim como que os que mais perseguidos se mostravam dos miseros que a sorte das armas nos entregava prisioneiros, também não eram brasileiros, mas sim do numero daquelles que, ás nossas plagas aportando, nós os acolhemos como irmãos e amigos, e alguns dos quaes nesta terra de prodigios hoje figuram tanto. Os brasileiros em geral se desculpavam em suas opiniões politicas, e raro foi o acto de barbaridade praticado durante um combate e rarissimo fora d'elle. Alguns malvados que appareceram no decorrer da revolução do Rio Grande (e que para não lhes darmos o premio almejado por Erostratos, seus nomes não nomeamos) eram do numero daquelles de que falla o poeta:

Negam o rei e a patria; e se convem,
negarão, como Pedro, o Deus que têm.

Sabemos que, assim falando, não podemos agradar, porem somos brasileiros e jámais prostituimos nossa consciencia. A febre aurea inda não nos contaminou, e em Deus esperamos que nunca nos infeccione.

Prosegue o autor da *Carta Official* que analysamos, dizendo que diversos presidentes se succederam ao depois da administração do presidente José de Araujo Ribeiro, e alguns desses com o commando em chefe do exercito; e pergunta porque tiveram elles tão pouca duração. E conclue por não terem dirigido a S. M. I. uma exposição succinta e verdadeira do estado da provincia, ou por se quererem tornar miraculosos, dando por facil a conclusão da guerra.

Não analysaremos como convinha este topico, porque, já o dissemos, não queremos desvendar todos os factos occorridos durante a revolução do Rio Grande do Sul, porque isso compete á historia, e alem disso porque vagamente se fala nessas administrações.

Temos porem o indeclinavel dever de declarar que, no numero desses presidentes, se acha incluído o fallecido conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, o qual por duas vezes presidiu a provincia do Rio Grande, e em ambas desenvolveu uma sabia e conciliadora politica, da qual muitos bens resultaram para a provincia e para causa legal; fôra de nossa parte injustiça deixar passar despercebido o nome deste illustre brasileiro, cuja memoria sempre será grata e lembrada com saudade na provincia do Rio Grande do Sul, porque, mesmo a braços com essa tenaz lucta, este sabio administrador legou á provincia varias obras uteis, taes como a doca e praça do mercado da capital e a praça do mercado da cidade do Rio Grande, e muito concorreu para o andamento da magestosa casa de caridade do Porto Alegre, da qual, durante a sua presidencia, foi provedor.

Este administrador do Rio Grande do Sul, quando regressou para esta côrte, expoz em vero quadro o estado da provincia ao nosso augusto soberano, e elle a teria pacificado, se não fossem as grandes contrariedades com que teve de luctar durante a sua primeira e segunda presidencia; causas estas que a prudencia e a politica mandam por emquanto calar.

Somos finalmente chegado ao ponto em que o ex-ministro da intitulada republica de Piratiny trata do generalato do distincto Ex.^{mo} Marquez de Caxias, e sobre o qual assim se expressa: "Assim se foi passando o tempo e gastando-se centenaes de contos, até que foi enviado para pacificar a provincia o Barão de Caxias, trazendo junto de si o brigadeiro que prendeu o ex-presidente Antero, os quaes se persuadiram levar a effeito a promessa feita por elle na côrte, que em poucos dias (segundo dizem) concluiriam a guerra e restabeleceriam a desejada paz."

Prosegue mais adiante, dizendo que o resultado de 18 mezes consecutivos de operações do exercito do sul, ao mando do primeiro general do imperio, em que o Brazil tem consumido milhões, são o que junta em documentos authenticos, extrahidos dos annaes historicos da revolução, exposição que assevera ser verdadeira e despida de enganos e atavios.

Antes de entrarmos na analyse desses documentos, devemos fazer algumas considerações geraes sobre as causas que moveram os dissidentes a quererem entrar em explicações com o governo imperial afim de que quem tiver algum dia de escrever a historia desta epoca, possa apreciar todas as peças relativas á revolução do Rio Grande do Sul. Entraremos, pois, nessas considerações.

Ao depois de terem sido os dissidentes presos ou dispersos na capital da provincia, pela reacção, havida em Porto Alegre no dia 15 de Junho de 1836, que foi sustentada com heroico valor pelo veterano general Francisco das Chagas Santos, que fez recordar seus briosos feitos das passadas campanhas das margens do Uruguay; mudaram os commotores o simulacro de seu governo para a villa de Piratiny, e quando afinal proclamaram a independencia da provincia, nomearam para presidir a republica ao virtuoso velho capitão José Gomes Jardim, o qual tinha adherido á commoção de 20 de Setembro de 1835, a instancia de seus filhos e genros. Assim procedendo tinham por fim os dissidentes attrahir para si, com o prestigioso nome deste veneravel ancão, aquelles rio-grandenses que ainda se conservavam indecisos no centro dos dois partidos, em que se achava dividida a provincia, tambem dominarem o velho capitão, a quem conferiam o titulo de presidente.

Mais para deante quizeram organisar uma forma de governo baseado em lei, e com esse fim installaram uma assembléa constituinte, onde fossem discutidas as bases da nova constituição, que queriam adoptar.

A installação de uma assembléa constituinte, no centro de um paiz dominado por uma força militar armada, ou para melhor nos exprimirmos, sujeito a uma dictadura de espada, devia sem duvida produzir os effeitos que dentro em pouco tempo appareceram; a desunião entre os chefes influentes e o funcionamento desses que a elles se tinham ligado por unidade de idéas, se é que alguma idéa fixa tinham os commotores de 20 de Setembro de 1835, porque, no geral, não se seguiam opiniões, porem sim a homens; conforme estes procediam, assim praticavam. Algumas vezes tivemos occasião de perguntar a alguns dissidentes porque preferiam a republica á monarchia, e não foi raro o responder-se-nos que não brigavam por essas cousas, porem sim para defenderem a fuão ou beltrão !

Tendo sido apresentados na assembléa constituinte alguns curiosos e extravagantes projectos de constituição, e entre outros, um que se conferiam ás mulheres os mesmos direitos aos votos e cargos publicos que a qualquer cidadão, appareceram no correr das discussões as divergencias, das quaes resultou o assassinato do influente dissidente Paulino Fontoura, a cuja morte se seguiram muitos disturbios. Pode-se dizer, sem medo de errar, que em poucos dias de sessão, esse corpo desorganizado fez mais males aos

dissidentes do Rio Grande do que até então as armas legaes. A assembléa constituinte rio-grandense foi uma nova boceta de Pandora que se derramou entre os dissidentes.

Esses novos adeptos de João Jacques Rousseau queriam plantar no Rio Grande os chimericos sonhos de Bernardin de Saint-Pierre, mas as armas do valente coronel João da Silva Tavares, que se aproximavam da villa de Piratiny, os aterravam e punham vacillantes; e para se porem a coberto da nova forma de discutir, que naquella assembléa queria estabelecer o coronel Silva Tavares, resolveram mudar o seu simulacro de governo para a villa de Caçapava; tendo porem antes dessa mudança pedido sua demissão o venerando José Gomes Jardim do logar de presidente da fantastica republica, envergonhado (como depois lhe ouvimos dizer) de, no fim dos seus dias, ter representado em tão extravagante farça. O coronel Bento Gonçalves da Silva foi o escolhido para substituir o capitão Jardim: Cumpre aqui declarar que os intitulados ministros da republica eram postos e depostos com a mesma facilidade com que improvisavam seus irrisorios decretos e leis.

Removidos os governantes dissidentes para a villa de Caçapava, ali tornou a funcionar a constituinte, mas nada concluíram a não ser a verdade pratica que adquiriram na enxiquibilidade de seus sonhados planos de engrandecimentos provenientes da independencia da provincia.

Desde então a maior parte dos dissidentes começaram a almejar a conclusão da guerra, e só um mal entendido capricho os retinha em se virem lançar aos pés do augusto throno do nosso magnanimo imperador e pedir perdão de seus erros.

A tudo isso accresciam as privações que, com resignação, soffriam as tropas dissidentes, as quaes, com coragem heroica e digna de melhor causa, crusavam as inhospitas campinas do Rio Grande em rigorosos invernos, quasi que nuas. A tudo isto vieram juntar-se para dar-lhes o ultimo golpe, as seguintes occorrencias.

Durante a presidencia do fallecido conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, é batida a villa de Caçapava, pelo brigadeiro Bonifacio Calderon, que apprehende alguns dissidentes e quasi que surprehende o intitulado governo da republica, o qual em fuga se transfere para a villa de S. Gabriel; e desde então o archivo dos intitulados ministros começou a andar dentro de uma carreta;

e sempre em continuas marchas de uns para outros logares, o que mereceu ser mesmo censurado em uma satyra de um poeta republicano, da qual é parte a seguinte quadra:

Que é do progresso este seculo
quem mais se atreve a negar ? !
O governo rio-grandense
marcha em carreta a rodar !

O Ex.^{mo} general Andréa faz bater na villa da Laguna as forças dissidentes ao mando do ex-intitulado general David Canabarro e o obriga a evacuar a provincia de Santa Catharina.

Segue-se o ataque de Taquary, no qual o general Barão de Taquary faz praticamente lembrar os feitos de bravura da Colonia do Sacramento; batendo-se como brioso soldado, perde dois cavallos e continua a pé a bater-se á frente de seus companheiros de armas. Nesta refrega o inimigo leva uma lição, perdendo muita gente; é verdade que tambem a nossa perda foi grande, porem desmoralisamos as tropas inimigas.

Bento Gonçalves, querendo recuperar os brios de seus valentes soldados, marcha sobre a villa de S. José do Norte, e completa nesse ataque a perda de suas melhores infantarias, e se vê forçado a levantar o sitio da capital, retirando-se para a campanha.

Pela bem combinada politica do fallecido conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro abandona a causa dos dissidentes e se retira para Montevidéo, do que resultou grande perda para os commotores, pois que seguem a Bento Manoel todos aquelles de sua parcialidade, e que não se batiam por principios políticos, mas sim por Bento Manoel.

O Ex.^{mo} general João Paulo dos Santos Barreto chega ao Rio Grande, toma posse do commando do exercito imperial, e desde logo, mesmo no coração do inverno, marcha para a campanha e a cruza em diversas direcções, desta arte desmentindo os boatos de que a legalidade não tinha força para sahir a campo; anima assim os legalistas do centro da campanha e habitua nossas tropas a longas marchas; e mesmo demonstra a toda evidencia que, para o general valente e perito, não ha obstaculos; e finalmente teria terminado a guerra na provincia, se isso pela providencia lhe estivesse destinado.

Estes continuados revezes, a nenhuma estabilidade do intitulado governo de carretas, e sobre tudo a desunião e discordia em que se achavam os chefes dissidentes, as quaes tinhar chegado ao

ponto de fazer com que o coronel Bento Gonçalves se tivesse visto obrigado a se bater pessoalmente á espada e matar o sanguinario Onofre Pires da Silveira Canto, fizeram com que, desde os soldados até os chefes, todos clamassem pela desejada paz; mas, desejando-a, queriam comtudo que esta fosse feita de forma que não demonstrasse ser com quebra do que chamavam sua dignidade; isto é, não queriam depor as armas, porem sim dispersarem-se e pacificamente se recolherem ás suas casas, na obediencia do governo legal.

Estavam os negocios da revolução do Rio Grande neste estado, quando o governo imperial nomeou para presidir aquella provincia e para commandar o exercito do sul o Ex.^{mo} Marquez de Caxias; este illustre general, a quem já o Brazil devia a pacificação do Maranhão, S. Paulo e Minas, estava destinado pela Divina Providencia para plantar a desejada paz nas desoladas campinas do Rio Grande do Sul e assim o fez.

A gloria do general Marquez de Caxias nesta pacificação foi coroada de immarcesciveis louros, porque conseguiu firmar a paz sem maior effusão de sangue; sem duvida que, quanto a nós, o Ex.^{mo} Marquez conseguiu, pelo meio da politica, aquillo que só talvez com grande custo, conseguiria sua valente espada, e só ao depois de ter feito da provincia um monte de cadaveres e ruinas, porque os dissidentes entendiam que não deviam depor as armas pelo meio da força.

Todo o brasileiro que de coração amar o seu paiz reconhecerá comnosco, neste procedimento do exímio general, o grande merito de sua administração; porque será gloria vencer destruindo, nunca porem assim o pensará o philosopho humanitario, e muito mais quando essa guerra, como aquella, ateada for entre irmãos, porque taes victorias são sempre acompanhadas de lagrimas.

O resultado das operações militares do Ex.^{mo} general Marquez de Caxias está escripto, desde o anno de 1846, e por isso seria ocioso aqui reproduzir o que alli se disse; e portanto com o *Generalato do Ex.^{mo} Marquez de Caxias* fica respondido o *Itinerario* do ex-intitulado ministro dos dissidentes do Rio Grande do Sul. Comtudo, para que não passem despercebido alguns factos importantes desse *Itinerario*, em que se trata do comportamento e valor de bravos officiaes do nosso exercito, faremos uma resumida analyse desses acontecimentos, afim de ficar patente a verdade de taes occorrencias.

O *Itinerario*, a que nos referimos, é uma peça apreciavel pela precisão das datas com que são descriptos os acontecimentos, e

pena é que o seu autor somente lançasse nesse *Itinerario*, aquelles recontros em que as armas dissidentes tiveram a melhoria, ainda mesmo de forma a exagerar os acontecimentos.

Não precisa grande esforço de raciocínio para conhecer-se que, a ser exacto tudo quanto se contem nesse *Itinerario*, as forças dissidentes teriam levado de vencida o exercito imperial, e não teriam evitado uma batalha decisiva, como sempre o fizeram, e com tal pericia, que muita honra faz aos seus directores.

O Barão de Jacuhy, conhecido no *Itinerario* pelo nome de Francisco Pedro de Abreu, então tenente-coronel, é descripto nessa peça que analysamos, sempre soffrendo derrotas, quando é facto publico e notorio que este valente rio-grandense, por muitas vezes, fez morder o pó da terra aos inimigos da ordem e do throno brasileiro. O valor, coragem e brios deste benemerito official são immareaveis e não podem soffrer quebra em tempo algum, e ainda mesmo a despeito da inveja e da calumnia: seu nome pertence á historia, que o transmittirá á posteridade, como um dos mais briosos e leaes sustentadores da ordem e da monarchia constitucional.

O coronel José Joaquim de Andrade Neves é representado nesse *Itinerario* como um militar desleixado, que, por incuria, se deixou surprehender do inimigo, fugindo nesse acto. Isto é inteiramente inexacto. Que culpa pode ter um commandante de forças de que um seu subalterno relaxasse suas ordens, estando commandando um piquete avançado que cobria o seu acampamento, e que disto resultasse ser surprehendida a força que commandava?

O official que assim procedeu teve a justa punição de sua incapacidade; foi julgado em um conselho de guerra e foi-lhe despida a farda. Emquanto ao dizer-se que o coronel Neves, quando surpresa a força do seu commando, fugira, isso é falso, porque quando este valente official viu seu acampamento invadido pelo inimigo, com a espada em punho se lançou no meio dos aggressores e com os soldados que logo reuniu, bem caro fez pagar ao inimigo esse atrevido intento, e em vez de ser batido, poz em fuga os aggressores. Nem de outra sorte procederia o brioso coronel Andrade Neves, o qual em Rio Pardo foi um daquelles que mais se distinguiram na batalha de 30 de Abril de 1838; e no ataque de Taquary em 3 de Maio de 1840, em que fez prodigios de valor, que foram reconhecidos pelo exercito, e especialmente mencionados na ordem do dia do general Barão de Taquary.

Quanto ao ataque do Ponche Verde, alguma cousa poderiamos dizer a respeito, porem ainda não é chegado o tempo; e

somente inda que de leve diremos que as nossas tropas se portaram com a maior ordem e bravura possível, porem ainda assim, se não fora a desharmonia que a esse tempo lavrava entre os dissidentes, e mesmo divergencias desse dia entre David Canabarro, Bento Gonçalves, Netto e Lucas, bem dolorosa teria sido para nós essa acção, porque o general que commandava esta divisão das forças leaes, vendo o inimigo, nada que mais fez (segundo dizem) que dizer estas memoraveis palavras: — Queriam brigar, ahí estão os homens. Briguem !

Por conclusão, declaramos, a bem da verdade e da imparcialidade com que temos traçado estas toscas linhas, que os dissidentes quando em numero igual ás nossas tropas, em cousa alguma lhes eram inferiores, nem na coragem, nem na disciplina, e nem mesmo quanto á forma de atacar e defender; do que resultava que algumas vezes foram vencidos e outras vencedores. Aquelles pois, que se apartaram deste modo de encarar os diversos recontros havidos entre as forças belligerantes durante a revolução do Rio Grande do Sul, forcem as suas consciencias.

Honra, pois, ao benemerito Ex.^{mo} Marquez de Caxias, que soube compenetrar-se destas verdades e que aos louros já colhidos em Maranhão, S. Paulo e Minas reuniu os de pacificador do Rio Grande do Sul, onde uma guerra pertinaz e fraticida a passos agigantados conduzia aquella provincia para um monte de ruinas.

Os rio-grandenses victoriam o heroe pacificador, em prova de sua estima, e por gratidão nelle votaram para representar aquella provincia no senado brasileiro, cujos votos foram acolhidos benignamente por nosso augusto imperador, assim premiando o merito do Ex.^{mo} Marquez de Caxias.

Temos sido talvez prolixos e mesmo quem sabe se passado a meta precripta pela prudencia; por isso aqui terminamos esse breve bosquejo da revolução do Rio Grande do Sul, que teve começo no dia 20 de Setembro de 1835, e terminou em 28 de Fevereiro de 1845, cedendo os dissidentes e acceitando o perdão que lhes foi outorgado por nosso augusto soberano, que deu desta arte ao mundo mais um exemplo de sua magnanimidade.

Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1854.

Sebastião Ferreira Soares.

II

REPRESENTAÇÃO

DA

Assembléa Provincial contra os actos

DO

PRESIDENTE FERNANDES BRAGA

—>>>><<<<—

(DOCUMENTOS)

REPRESENTAÇÃO DA ASSEMBLÉA PROVINCIAL

Em 11 de Fevereiro de 1836 a Assembléa Provincial do Rio Grande do Sul dirigiu ao Imperador uma Representação contra os actos do Presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga, assignada pelo presidente Francisco Xavier Ferreira, 1.º secretario Antonio Alvares Pereira Coruja e 2.º secretario Juliano de Faria Lobato. Essa representação, que foi distribuida largamente em impresso apulso, está tambem publicada nos documentos colligidos pelo dr. Tristão de Alencar Araripe, em seu trabalho Guerra Civil do Rio Grande do Sul, Parte Documental I, 85, motivo porque deixá-mos de enserir neste volume.

Os documentos que instruem essa Representação são, porem, completamente ineditos, e os encontrámos na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, fazendo parte do cod. mss. II-32, 3, 1. Preciosos, como elementos para o estudo das causas aparentes que fizeram deflagrar o movimento de 20 de Setembro, elles tambem completam, em parte, citações das Memorias reunidas neste volume.

Entre outros aspectos não menos interessantes encontram-se nesses documentos dados seguros para apreciar o movimento financeiro dos ultimos dias da administração de Fernandes Braga no Rio Grande e Norte.

Cremos, com esta publicação, prestar um bom serviço aos estudiosos desse periodo da historia das revoluções brasileiras.

A. P.

DOCUMENTOS QUE ACOMPANHAM A ACCUSAÇÃO
AO EX-PRESIDENTE ANTONIO RODRIGUES BRAGA

COPIA N.º 1

Cumprindo com o que dispoem o artigo setenta e nove, no titulo da Carta de Lei do primeiro de Outubro de mil oito centos e vinte e oito, em vista do expellido no Officio de Excellentissimo Vice-Presidente da Provincia de vinte e nove do corrente — Certifico que o Doutor Antonio Rodrigues Fernandes Braga houve posse do cargo de Presidente desta Provincia aos dois de Maio do anno de mil oito centos e trinta e quatro, segundo consta da Acta respectiva, que se acha á folhas trese do Livro, que actualmente serve de semelhantes — E por me ser pedida fiz passar a presente Certidão. Porto Alegre, trinta de Dezembro de mil oito centos e trinta e cinco annos — Fiz escrever e assignar — Libanio Pereira da Silva — Reconheço verdadeira assignatura supra ser do proprio de que dou fé — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme

Antonio Alvares Per.ª Coruja.

1.º Secretr.º

COPIA N. 2.

Durante a minha auzencia Vm^{ta}, continuará a fazer o expediente ordinario que não depender de pozetiva deliberação da

Presidencia, como é o despacho das Embarcações e Hiates para seguirem aos seus destinos uma vez que estejam legalmente habilitadas: remetterá a Thezouraria todas as ordens do Ministerio da Fazenda que vierem dirigidas ao Inspector bem como enviará a este as ferias das obras já comessadas com andamento para serem satisfeitas e igualmente a conta de todas as mais despesas já estabelecidas como de condução de prezos não esquecendo as das despesas feitas com a Barca Vigilante que ainda se não pagarão e o mesmo fará com as Relações dos Empregados e Operarios do Arcenal de Guerra ao Thezoureiro Pagador: remetterá os Officios do Ministro da Guerra que tiverem de ser executados sobre objectos Militares ao Coronel Commandante da Guarnição para os dirigir ao Marechal Commandante das Armas enviando-me todos os mais Officios e papeis que não estiverem nas circumstancias de ser por Vm". expedidos bem como uma relação de todo o expediente que houver semanalmente dando parte de quanto occorrer — Deus Guarde a Vm". Porto Alegre 29 de Agosto de 1834 — Antonio Rodrigues Fernandes Braga — Snr. Germano Francisco de Oliveira — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo — José Luiz Vicente da Costa — Reconheço Verdadeira a assignatura supra ser do proprio que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1835 — Em testemunho da verdade — O Tabellião — Bento José de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 3.

N. 16. Illm.º e Exm.º Snr. — Tendo a vinte do mez passado chegado a esta cidade, de onde me havia retirado para dar fim a questão que desgraçadamente se hia travando — entre o Brazil e o Estado do Uruguay por occasião do asilo que tem encontrado na Provincia as Emigrações Orientaes, e auxilios que se diz prestados aos mesmos, achei a Capital em sucego, ressentida porém ainda dos movimentos que tiveram durante a minha ausencia — Para V. Excia. formar idéia exacta do estado da Provincia que o Governo houve por bem confiar a minha administração, julgo dever communicar a V. Excia. não só desagradaveis acontecimentos occorridos no mez de Outubro findo, mas tão bem aventurar algu-

mas reflexões sobre suas causas—No 1.º de Outubro, o Tenente Coronel Commandante do Batalhão de Guardas Nacionaes desta Cidade, mandou prender tres Guardas, estes conduzidos até a porta da prisão numa das sallas do Quartel do Batalhão 8.º / recusarão entrar sob pretexto de ser ella feixada com xadrez, e como tal impropria para correcção de simples faltas cometidas em serviço — O Tenente Coronel sabendo que os presos resistirão as suas ordens, e que grande parte da Guarda se havia reunido a elles, bem longe de usar dos meios legaes ao seu alcance, se apresentou em pessoa para compellil-os, ou lançasse mãos violentas sobre um dos Guardas, ou os injuriasse, estando já indisposto com parte do Batalhão por causa de suas maneiras altivas, e pouco comedidas, deu motivo a ser insultado com bofetões, e talvez perdesse a vida, a não acudir-lhe a Companhia de Municipaes Permanentes — Este desaguisado produziu grande comoção na Cidade, e desde então se manifestou claramente a grande divisão existente na Guarda Nacional, e as duas partes tentarão bater-se mas felizmente poderão as autoridades policiaes contel-as em seus deveres. — O dia cinco era marcado para exercicio no Campo da Varzea: e boatos aterrorizadores havendo-se espalhado, o Juiz de Direito Chefe de Policia o prohibio. Esta salutar medida salvou muitas vidas, por que os homens havião aliciado alguma gente incauta do campo, fazendo-lhe acreditar que a Cidade estava entregue ao partido Caramurú, e desta arte conseguirão apresentar no dia supra indicado 60 homens pouco mais ou menos, armados, e bem montados para cahir de improviso sobre o partido opposto ao Tenente Coronel, e conseguindo derrotal-o continuar na Cidade a cometer semelhantes attentados. — Estes successos puzerão a Capital em grandes terrores que erão mantidos continuadamente por denuncias, mais ou menos dignas de fé: e o dia 24 designado para a publicação da Lei das Reformas á Constituição se dizia ser indicado para o rompimento. Apesar da expressa ordem do Chefe de Policia na noite deste dia, hum forte grupo seguido de musica correu as ruas de dous Districtos da Cidade, e encontrando-se com o Brigadeiro Manoel da Silva e Fontoura, e Coronel Visconde de Castro, dispararão contra este cinco tiros, lançarão o primeiro do cavallo abaixo e muito o maltratarão. O segundo conseguiu escapar-se livremente ferido em uma perna. — Nada mais houve nesta noite de então em diante nenhum acontecimento funesto teve lugar, e muitas familias que se tinhão retirado já regressarão. — O partido intitulado Farroupilha agregado de ambiciosos, e gente da infima classe sempre prompto a lançar mão de qualquer pretexto, tem não só

dado existencia a alguns factos que deixo referidos, mas intenta aproveitando-se delles, e pintando-os com as côres que lhe são mais favoraveis perturbar a paz de que felizmente goza esta Provincia, e no meio de convulsões a que dá causa levar a effeito seus intentos. A pronuncia de um Juiz de Paz, chefe aparente deste partido e os acontecimentos do 1.º e 20 de Outubro, tem sido apresentados pelos anarchistas como victorias alcançadas pelo partido Restaurador contra os Brasileiros amigos da ordem — Espalhão com impudencia por toda a parte ímaginarios factos para corroborarem tal asserção, e por este modo tem conseguido illudir a alguma gente simples. Passo a confiar a V. Excia. que nesta Provincia não existe partido Caramurú: ha sim poucos homens Caramurús, mas em tão pequeno numero, e tão desconhecidos, que nem se quer ousão apresentar seus dezejões, e muito menos tentão satisfazel-os — Talvez que sem receio de errar podesse eu tão bem asseverar a V. Excia. que todas as comições havidas são promovidas pelos partidistas de Lavalleja, homens, que vendo seus planos aniquilados pelas efficazes providencias do Governo e execução que a ellas tenho dado desesperados lanção mão dos ultimos recursos. Passo a tomar com energia e prudencia as medidas que me parecem proficuas e brevemente participarei a V. Excia. o resultado dellas. Deus Guarde a V. Excia. — Porto Alegre 6 de Dezembro de 1834. Illm.º e Exm.º Snr. Antonio Pinto Chichorro da Gama — Antonio Rodrigues Fernandes Braga — Está conforme — Na ausencia do Secretario do Governo — José Luiz Vicente da Costa — Reconheço verdadeira a assignatura supra ser do proprio de que dou fé — Porto Alegre, 12 de Fevereiro de 1836 — Em testemunho de verdade — Tabellião Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 4.

Cumprindo com o que dispoem o artigo setenta e nove, no Titulo quinto da Carta de Lei do 1.º de Outubro de mil oitocentos e vinte e oito em vista do expendido no officio do Excellentissimo Vive-Presidente da Provincia de vinte e nove do corrente. Certifico que hum dos documentos indicados no dito officio, e relação que o acompanhou na mesma data he do theor seguinte: — Officio —

Illm.^o Snr. — Por diversas representações, que me tem sido dirigidas, conhecendo quanto a mor parte dos habitantes desta Cidade* está prevenida contra quaes quer reuniões, e seja qual fôr o pretexto que se possão formar no dia vinte e quatro do corrente mez, e sem entrar na razão e fundamento de taes desconfianças, bastando-me simplesmente, para occorrer a ellas indicarem se como influindo sobre a ordem, e socego publico, sendo melhor precaver o crime, do que esperar que elle se perpetre, para ao depois punil-o; julgo portanto do meu restricto dever communicar a Vossa Senhoria para que com urgencia haja de o fazer presente a Camara Municipal, a qual igualmente interessada na tranquillidade dos Cidadãos, não duvidará transferir para outro qualquer dia, que não sêja o vinte e quatro do corrente mez, a solemnidade da publicação da Lei das Reformas Constitucionaes, e as justas demonstrações de jubilo por tão fausto motivo. — Deus Guarde a Vossa Senhoria. Porto Alegre vinte dois de Outubro de mil oitocentos e trinta e quatro — Illustrissimo Senhor Marcos Alves Pereira Salgado — Presidente da Camara Municipal Jozé Maria de Salles Gameiro de Mendonça Peçanha — E por me ser pedido fiz passar a presente certidão. — Porto Alegre trinta de Dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco annos. Fiz escrever e assignei — Libanio Pereira da Silva — Reconheço verdadeira a assignatura supra — ser do proprio de que dou fé — Porto Alegre — 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunha de verdade. — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 5.

Cumprindo com o que dispoem o artigo setenta e nove, no Titulo quinto da Carta da Lei do primeiro de Outubro de mil oitocentos e vinte e oito, em vista do expellido no Officio do Excellentissimo Vice-Presidente da Provincia de vinte e nove do corrente — Certifico que hum dos documentos, indicados no dito Officio, e relação, que o acompanhou na mesma dacta, he do theor seguinte: — Officio — Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor — Sendo esta Camara Municipal expectadora dos males, que ao

presente soffrem os moradores da Cidade, e Municipios com a introdução de não pequena quantidade de cedulas, que se tem reconhecido falças entre as que girão, e fazem hoje o meio circulante na Provincia; e dezejando, como lhe incumbe a Lei, promover por todos os meios ao seu alcance a tranquillidade, segurança, e commodidade, dos habitantes n'administração economica, e policial de que tem cargo; rezolveu em sessão extraordinario de hoje que este negocio se levasse ao conhecimento de Vossa Excellencia em Conselho; representando a Camara o receio, em que está de que taes inconvenientes apresentem um resultado bem funesto, se medidas energicas tomadas a tempo de parte do Governo da mesma Provincia, e executadas com todo vigor, e efficacia não obviarem; e afim de que o mesmo Excellentissimo Conselho possa resolver com a promptidão, que o caso pede, e expedir as providencias, que em sua sabedoria julgar capazes de remover inconvenientes, que de certo acarretarão immenços damnos ao Municipio e a Provincia; como a Camara confia no patriotismo e zelo, que caracteriza cada hum de seus Membros a prol do bem estar da mesma Provincia; e anciosamente o espera. — Deus Guarde a Vossa Excellencia. — Porto Alegre em Sessão extraordinaria de nove de Outubro de mil oitocentos e trinta e quatro — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Doutor Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Presidente da Provincia. — Marcos Alves Pereira Salgado — João Baptista da Silva Pereira — João Pedro de Medeiros — Francisco Jozé da Rosa — Jozé Antonio Machado Ourique. — Bernardo Jozé Rodrigues Filho. — Francisco Pinto de Souza. — E por me ser pedido fiz passar a presente Certidão. Porto Alegre trinta de Dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco annos. — Fiz escrever, e assignei. — Libanio Pereira da Silva. — Certifico outrosim que no Archivo da Camara não existe Officio de resposta em Contestação ao transcripto por motivo de não ter sido apresentado té o presente. Porto Alegre trinta de Dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco annos. — Libanio Pereira da Silva. — Reconheço verdadeira a assignatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho da verdade. — O Tabelião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 6.

Cumprindo com que dispõem o artigo setenta e nove, no Título quinto de Lei do primeiro de Outubro de mil oitocentos e vinte e oito, em vista do expendido no Officio do Excellentissimo Vice-Presidente da Província de vinte e nove do corrente. — Certifico que hum dos documentos, indicados no dito officio, e relação, que o acompanhou na mesma, dacta, he do theor seguinte: — Esta Camara Municipal em resposta ao officio, que Vossa Excellencia dactou a sete do corrente com remessa de hum exemplar da Constituição do Imperio, acompanhado de outro da Carta de Lei de doze de Agosto deste anno, contem as mudanças, e addições que a ella fizera a Camara dos Senhores Deputados para isso competentemente autorizada, para que a mesma Camara fizesse ler, e publicar em Sessão pela maneira mais solemne as referidas mudanças, e addições, e outrosim lhes desse o devido cumprimento, rezolveo se significasse a Vossa Excellencia que a dita publicação teve lugar em acta da Sessão extraordinaria de hoje com assistencia das Autoridades, e mais Cidadãos que a ella assistirão na forma do Edital publicado á respeito; e bem assim para ordenar o cumprimento, digo, e bem assim a necessidade que occorre de que Vossa Excellencia quanto antes se recolha a esta Cidade, não só para ordenar o cumprimento do artigo quarto da dita Lei publicada se não para occorrer com a precisa urgencia aos males, que hora soffreo o Municipio com a introdução das Sedulas falsas; e mais que tendo para fazer cessar com a sua Prezença alguma agitação menos agradável, que existe nesta mesma Cidade e tem com effeito perturbado a quietação de seos habitantes, como a Camara tanto anhele, e confia nas sabias providencias, que Vossa Excellencia dará com promptidão e rogará para effeito de conservar-se tranquillidade, e segurança do mesmo Municipio — Deus Guarde a Vossa Excellencia.—Porto Alegre, em Sessão de vinte e quatro de Outubro de mil oitocentos e trinta e cinco annos—Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Antonio Rodrigues Fernandes Braga. —Presidente da Província.—Marcos Alves Pereira Salgado.—João Baptista da Silva Pereira. — Francisco Modesto Franco. — Pedro de Medeiros. — Francisco Jozé da Roza. — José Antonio Machado Ourique. — E por me ser pedida fiz passar a seguinte Certidão. Porto Alegre trinta de Dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco annos. — Fiz escrever, e assignei. — Libanio Pereira da Silva. — Certifico outrosim que no Archivo da Camara não existe officio de resposta em contestação ao transcripto, por motivo de não ter sido

apresentado té a presente. — Porto Alegre trinta de Dezembro de mil oitocentos trinta e cinco annos. — Libanio Pereira da Silva. — Reconheço verdadeira a assignatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho da verdade. — O Tabellião Bento Jozé de Farias.

Está confirme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 7.

Em obediencia da Portaria do Reverendissimo Vigario da Vara desta Cidade, revendo o Livro, que actualmente serve para os assentos dos casamentos, nelle á folha seis se acha o requisitado pelo Excellentissimo Vice-Presidente desta Provincia, a qual é do theor seguinte: — No primeiro dia do mez de Novembro do anno de mil e oitocentos e trinta e quatro, nesta Freguezia de S. Pedro do Rio Grande, no Oratorio das Cazas da residencia do Capitão Mór Antonio Jozé Affonso Guimaraens, feitas as denunciações Canonicas, sem impedimento algum, em presença do Reverendo Coadjutor João Rodrigues Gualberto, e das testemunhas João Francisco Vieira Braga, e Antonio Rafael dos Anjos, sendo pelas oito horas e meia da noite, se receberam em matrimonio por palavras do presente o Senhor Antonio Rodrigues Fernandes Braga, filho legitimo de Antonio Rodrigues Fernandes Braga, e de Dona Anna Joaquina da Silva Chaves, e Dona Maria Angelica Affonso Braga, filha legitima do Capitão Mór Antonio Jozé Affonso Guimarães e de Dona Antonia Joaquina Affonso Braga, ambos naturaes, e baptizados nesta Freguezia: E logo receberam as Benções matrimoniaes. E para constar mandei fazer este assento, que asigno. — O Vigario Francisco Ignacio da Silveira. E não se continha mais cousa alguma em dito assento a que me reporto; e com o seu theor mandei passar a presente, que vae por mim sómente assignada. Cidade do Rio Grande, 29 de Dezembro de 1835 — O Vigario Francisco Ignacio da Silveira. — Nós abaixo assignados reconhecemos serem verdadeiras duas digo a assignatura supra. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836.—Firmino Maria de Vasconcellos. — Joaquim Gomes dos Santos. — Reconheço verdadeira as

duas assignaturas supra, do que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em fé de verdade. — A Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja.

1.º Secretario

COPIA N.º 8.º

N.º 2. Illustrissimo e Excellentissimo Snr. — Depois do meu officio sob o N.º 20 em que communiquei a V. Excia. os acontecimentos do mez de Outubro nenhum successo desagradavel tem alterado a tranquillidade publica da Capital. Mas o partido desorganizador, apezar de ser óra de pequenas forças, he dotado de extrema actividade, e não escolhendo meios para chegar aos fins que intenta, trata com todas as forças segundo tenho collegido, e apregôa a voz publica de separar esta provincia do resto do Brazil, constituindo-a Republica semelhante a do Estado do Uruguay, com a qual a pertendem federar, caso Lavaleja consiga derribar o Governo Legal, e dominar em seu lugar. — Conhecendo perfeitamente tanto os Chefes como os Agentes desse partido tenho assentado que é summamente impolitico conserval-os como Commandantes da força armada, e por esse motivo, e por não merecerem a minha confiança demetti os dous Commandantes dos Perma-nentes desta Cidade, substituindo-os por dous Capitães um de Melicias outro de tropa de Linha pessoas extranhas á todo o partido, e affectas a actual ordem de cousas. — O Tenente Coronel Commandante do Batalhão de Guardas Nacionaes não deve igualmente ser conservado no Commando, não só por suas opiniões politicas como por ser odiado pela maioria da Guarda, a qual trata com desprezo, e insolencia, e por esse motivo, e por huma representação que contra elle me dirigio cento e vinte Guardas Nacionaes o vou suspender. — Para tranquillisar inteiramente os animos dos pacificos habitantes de Porto Alegre e ao mesmo tempo conter os perturbadores, mandei vir da Fronteira cincoenta praças de Linha e organizei huma Companhia de Cavallaria de Guardas Nacionaes, composta da melhor gente do Batalhão de Infantaria. — Já forão nomeados os officiaes que são pessoas de toda a confiança. A Fronteira de Jaguarão não gosa de socego em consequencia de ser ali a residencia do celebre Padre Caldas. — Este homem depois

de ter feito causa commum com os inimigos do Brazil na Guerra passada acceitando até delles emprego, sem licença do nosso Imperante, estabeleceu-se na Villa do Serrito aonde tem sido agente de Lavaleja, e com suas intrigas tem compromettido, e illudido a muitos brasileiros. — Hum dos homens que mais serviços tem prestado a esta Provincia o Cidadão Jozé Theodoro da S.^a Braga foi assassinado no meio de seu campo, nesse mesmo dia, segundo me consta o Major Silva Commandante das Guardas Nacionaes do Jaguarão foi assaltado em casa. — Estes dous individuos erão tidos como inimigos do Padre Caldas, e do seu partido, e por estas e outras antecedencias, se lhe attribuem taes attentados. As Villas do Rio Grande, S. Francisco de Paula, e mesmo a maior parte dos habitantes do Jaguarão, e suas imediações clamão altamente contra o Padre, e para tranquillidade geral tenho expedido terminantes ordens para que elle seja conduzido a Villa do Rio Grande e dahi transportado para fóra da Provincia. — Se energicas providencias não forem tomadas o partido desorganisador augmentará de audacia, e mesmo de força numerica, pois que o baixo povo segue ordinariamente os desvarios dos que com promessas lisongeiras o sabem illudir. Do que occorrer, bem como das providencias que for tomando irei dando parte a V. Excia. — Deos Guarde a V. Excia. — Porto Alegre 10 de Janeiro de 1835. — Illm.^o e Exm.^o Snr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Está conforme. — Na auzencia do Secretario do Governo. — Jozé Luiz Vicente. — Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. — Em testemunho da verdade. — O Tabellião. — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 9.

Representando os colonos Protestantes residentes na margem esquerda do rio dos Sinos que em razão de não haver ahi uma casa propria para se celebrar os Officios Divinos se acham vivendo sem apparencia alguma de Religião, posto que tenham Capelão, e pedindo-me hum subsidio a favor da Construcção de huma casa para esse effeito, lhes deferi mandando pôr a disposição do Doutor João Daniel Hillebrand procurador dos supplicantes a quantia de

hum conto de reis por conta da consignação marcada na Lei de Orçamento para Obras publicas. O que communico a V. S.^a afim de que expeça as suas ordens para que esta determinação tenha o seu devido effeito. Deos Guarde a V. S.^a — Porto Alegre 24 de Dezembro de 1834. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Snr. Manoel Felizardo de Souza e Mello. — Pague-se. — Porto Alegre 24 de Dezembro de 1834. — Mello. — Está conforme. — Jozé Feliciano França. — Reconheço Verdadeira a signatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de verdade. — O Tabellião. — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 10.

Em cumprimento do officio do Excellentissimo Vice-Presidente da Provincia de vinte nove do corrente, e despacho da Thezouraria da mesma dacta, Certifico que em virtude do officio do ex-Presidente da Provincia, Doutor Antonio Roiz Fernandes Braga se fez por esta Thezouraria a despeza que se vê á folha quarenta e quatro do Livro Primeiro Caixa Provincial. — Em dezenove de Janeiro de mil oitocentos e trinta e cinco, pagos por ordem de vinte e quatro de Dezembro passado ao Doutor João Daniel Hillebrand por seu Procurador Jozé Thomaz de Lima para Construcção de huma Capella na margem esquerda do Rio dos Sinos, hum conto de reis. — Antonio Maria Calvet. — Jozé Thomaz de Lima. Nada mais se continha em dito Livro ao qual me reporto. Para Constar passo o presente em virtude das ordens já mencionados. Contadoria em Porto Alegre trinta de Dezembro de mil oitocentos, e trinta e cinco. — O Contador Interino. — Antonio de Azambuja Cidade. — Reconheço verdadeira a signatura supra ser da proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de verdade. — O Tabellião. — Bento Jozé de Farias. —

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.º 11

Cópia. — Illm.º Snr. — Envio á V. S. o incluso requerimento dos officiaes, e empregados da Secretaria desta Presidencia, em que pedem, que da quota destinada para diaria dos Membros do ex-dito Conselho Administrativo, lhes conceda huma gratificação afim de que V. S. mande satisfazer a cada hum dos Supplicantes a quantia de 71\$111 reis como consta do despacho proferido no dito requerimento. — Deos Guarde a V. S. Porto Alegre 28 de Fevereiro de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Snr. Manoel Felizardo de Souza Mello — Está conforme. Na auzencia do Secretario do Governo. — Jozé Luiz Vicente da Costa. Reconheço verdadeira a assignatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em testemunho de verdade. O Tabellião Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 12.

Em cumprimento do officio do Excellentissimo Vice-Presidente da Provincia de vinte e nove do corrente, e despacho da Thezouraria da mesma datta, Certifico que revendo a conta do Thezoureiro dos ordenados do mez de Março deste anno, nella achei a quitação de que trata o dito officio, cujo theor, he o seguinte:— Pagou o Thezoureiro de ordenados Pedro de Azevedo e Souza, a Francisco Olinto de Carvalho, Francisco Coelho Barreto, Jozé Antonio Telles e Camara, Candido Jozé de Souza, Jozé de Miranda e Castro, Jozé Luiz Vicente da Costa, Prudencio Jozé do Camara, Gustavo Cesar Vianna, e João da Cunha Lobo Officiaes da Secretaria da Presidencia desta Provincia a quantia de seis centos trinta, e nove mil e novecentos, e noventa e nove reis a razão de setenta e hum mil cento, e onze reis a cada hum, conforme o Officio junto de Excellentissimo Presidente de vinte oito do passado, e despacho do Illustrissimo Inspector de hoje. — Porto Alegre dois de Março de 1835. Assignado. — O Escripturario — Apollinario Jozé Gomes e os officiaes acima mencionados. Nada mais se continha em dita quitação a que me reorto. Contadoria em Porto

Alegre trinta de Dezembro de mil oitocentos e trinta e cinco. — O Contador interino. — Antonio de Azambuja Cidade. — Reconheço verdadeira a assignatura retro ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de verdade. — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 13.

Illm.º e Exm.º Snr. — Tendo-me apresentado o Capitão Commandante da Companhia dos Permanentes, não se ter realisado o recebimento dos vencimentos das respectivas praças pelo prejuizo que vem a soffrer no cambio do cobre, sobre o papel em que tem de receber-se aquelles vencimentos; convem que V. Sa. lhe mande abonar o agio de quatro por cento na quantia do pret das ditas praças em quanto não houverem as competentes sedulas com que se fação taes pagamentos. Deos Guarde V. S. Porto Alegre 16 de Fevereiro de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Snr. Manoel Felizardo de Souza e Mello. — Está conforme. — Jozé Luiz Vicente da Costa. — Reconheço verdadeira a assignatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1835. — Em testemunha de verdade. — A Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 14.

Illm.º Snr. — Mande V. S. abonar nas ferias dos operarios do Arsenal de Guerra, o agio de quatro por cento que tem soffrido no rebate de papel á cobre para se poder saptisfazer aquelles trabalhadores os seus jornaes, afim de não serem prejudicados; o que deverá continuar até que hajão sedulas com que se fação os seus pagamentos conforme V. S. indica no seu officio de 12 do corrente. a respeito da representação do Director do referido Arsenal. Deos

Guarde V. S. — Porto Alegre 13 de Fevereiro de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Snr. Manoel Felizardo de Souza e Mello. — Está conforme. — Na auzencia do Secretario do Governo. — Jozé Luiz Vicente da Costa. — Reconheço verdadeira a signatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de verdade. — O Tabellião Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 15.

Copia. — Ilm.º e Exm.º — O Vice-Consul de Hamburgo na Cidade de Porto Alegre, Antonio Gonçalves Pereira Duarte, fez publicar em hum periodico anarchico, daquella Cidade, intitulado o *Recopilador* huma Proclamação sem dacta dirigida aos subditos Hamburguezes afim de lhes persuadir, que não dêem acêssos aos convites que da parte do Governo Legal se lhes possão fazer para ajudar a sustentar o mesmo Governo contra os sediciosos que se apoderarão da Cidade de Porto Alegre; como tudo V. Excia. verá da folha inclusa. E porque semelhante procedimento do mencionado Vice-Consul pode ser de grave prejuizo a causa da legalidade, por ser a Collonia de S. Leopoldo hum viveiro, donde se pode tirar muitos braços fortes, e de confiança para a manutenção da ordem, rogo a V. Excia. que se digne levar isto mesmo ao conhecimento da Regencia em Nome de Sua Magestade o Imperador, afim de que se retire o — Exequatur — ao sobredito Vice-Consul. — Deos Guarde — 12 de Outubro de 1835. — Ilm.º e Exm.º Snr. Manoel Alves Branco — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Está conforme. — Na auzencia do Secretario do Governo Jozé Luiz Vicente da Costa. — Reconheço verdadeira a assignatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em testemunha de verdade. — O Tabellião Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 16.

Copia do primeiro Topico da falla do ex-Presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga na abertura da Sessão Ordinaria da Assembléa Legislativa Provincial no anno de 1835 sobre o estado da Provincia — Topico — Tomando sobre meos hombros a administração desta Provincia, eu a achei ameaçada de uma guerra. Os emigrados Orientaes, companheiros do General Lavalleja, protegidos por alguns Brasileiros imprudentes, fazendo differentes incursões no Estado Oriental do Uruguay, e comettendo immensas atrocidades, acolhião-se quando derrotados pela força legal, sob a protecção do Brazil, e reforçados com soccorros, que daqui lhes prestavão alguns dos nossos, partião a consumir novos crimes, e novos attentados no Estado Visinho. Chegou a tanto o escandalo, que sendo Lavalleja batido junto as margens do Quarahim, e desperados completamente alguns bandidos a seu soldo, foi a Villa de São Servando dias depois assaltada e saqueada; attribuindo o Governo do Uruguay tal procedimento á soccorros ministrados por algumas autoridades da Fronteira do Jaguarão. A protecção escandalosa, que encontrarão em certo circulo os Emigrados Orientaes, apesar das muitas, e reiteradas ordens, que havia eu expedido, afim de serem elles removidos da Fronteira, e expulsos da Provincia, levou o Governo do Uruguay a persuadir-se das obrigações, que contrahira pela Convenção de 27 de Agosto de 1828, perfidamente se comportava animando um bando de anarquistas, para perturbar aquelle Estado, e desta arte firmar no escudo das nossas armas a Estrella, que a tranzacta Administração do Imperio fizera eclipsar talvez para sempre.

A minha viagem ao Jaguarão, e as medidas energicas, e francas, adoptadas tanto pelo Governo Central, e Provincial, como pelo actual Commandante das Armas, o Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, convencerão ao Presidente Rivera, e ao Governo Oriental, que a Nação Brasileira, fiel aos seus ajustes e tratados, não era conivente com os malvados, que ensanguentavão o solo do Uruguay, e que o Governo do Brazil, longe de obrar por intermedio de desvairados Brasileiros (que, deslembados do que devem á sua Patria, atearão a guerra entre os dous Estados, que só pela Paz podem crescer e prosperar) se empenhava em deportar os aventureiros, que tão mal uzarão da hospitalidade, que lhes concedia.

A firmeza do Governo, e a sua lealdade aos tratados, poupou-nos aos horrores de uma guerra, que qualquer, que fosse,

aliás o seu resultado não poderia deixar de acarretar sobre esta Província, e o Brazil inteiro, milhares de males. Lavalleya derrotado completamente, sem partido algum em sua patria, de quem he o maior verdugo, não obstante haver-lhe prestado serviços em outro tempo, consta-me que ainda não deixou o nosso territorio, e que juntamente com o seu Mentor, o indigno Padre Caldas, trabalham de mãos dadas com differentes ambiciosos, para perturbar o socego da Província, e levar avante seus planos de separação do Imperio, e Federação com a Cisplatina. Providencias tenho tomado ao meu alcance para que tão negros tramas sejam frustados, e os Brasileiros em geral advertidos da traição, que se lhes arma, estão alerta, e promptos para esmagar os temerarios, que ousarem pertender trocar a paz e a felicidade que disfructamos sob a actual ordem de couzas, pelo Governo da Espada.

Durante a minha auzencia na Capital um pequeno partido, fracções dos protectores de Lavalleya, e gente da infima classe, perturbou o socego de Porto Alegre, e espalhou o susto, e o terror por quasi toda a Província.

Com a minha chegada, e algumas providencias então tomadas, renasceu a tranquillidade, e com afouteza pode affirmar-se, que nunca houve na Capital tanta segurança e socego. No Rio Pardo pequeno movimento se manifestou em fins de Janeiro, mas o bom senso de seus habitantes, coadjuvado pelas autoridades, fez desaparecer todos os receios.

Está conforme.

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 17.

Copia — Sessão Secreta de 13. e 14 de Maio de 1835.—Entrou em discussão o requerimento do Snr. Souza Mello, pedindo uma Sessão Secreta para nella se tratar ácerca do Requerimento do Snr. Magalhães Calvet, e do Parecer da Commissão sobre a falla do Exmo. Presidente da Província. Fallarão varios Snrs. Deputados pró e contra.

O Snr. Mascarenhas mandou á Mesa o requerim.^{to} seg.^{to}: Requeiro que se nomeie uma Commissão p.^a apresentar um arbitrio

pelo qual se tome uma resolução q.^a salve a dignidade da Camara, e do Exm.^o Presidente, e qual a resolução que deve tomar para esse fim. — Foi approved e entrou em discussão.

Depois de haverem fallado varios Snr.^{es} Deputados a favor, e contra o requerim.^{to} do Snr. Mascarenhas, o Snr. Glz. Chaves, mandou á Mesa outro nos seg.^{tos} termos: visto estar a hora adiantada, requeiro q.^a se suspenda a Sessão actual, e que amanhã se abra em segredo. — Apoiado e discutido foi approved. Interrompeo-se a Sessão depois das duas horas da tarde.

Continuando pelas dez horas do dia 14 do m.^{to} mez e anno, presentes 22 Snr.^{es} Deputados, faltando com cauza os Snr.^{es} Fidencia, Cabral de Mello, e Oliveira Ortiz.. O Snr. Presid.^e depois de algum debate pôz a votação o requerim.^{to} do Snr. Mascarenhas, o qual foi approved. Passou a nomear a Commissão, e sairão eleitos os Snr.^{es} Mascarenhas, com 12 votos, Glz. Chaves com 11, e Mag.^{os} Calvet com 10. Como sahisses os Snr.^{es} Membros da Commissão, ficou a Sessão interrompida. Voltando pouco tempo depois, o Snr. Mag.^{os} Calvet como Relator da Commissão leo o seguinte. — Parecer — A Commissão é de parecer que haja Sessão Secreta, debaixo das seg.^{tas} bases.

1.^o Que aberta a Sessão Secreta se convide ao Presid.^e para dar a Assembléa todos os esclarecim.^{tos} possiveis á cêrca da parte de sua Falla, que diz respeito a existencia de uma conspiração.

2.^o Que se por esses esclarecim.^{tos} se convencer a Assembléa que de facto existe a conspiração continuará a trabalhar em Sessão Secreta na pesquisa dos meios de abafar essa conspiração.

3.^o Se porem se convencer a Assembléa á vista dos esclarecim.^{tos}, que a conspiração não existe, e que essa declaração foi arrancada á boa fé do Presid.^e por informações infundadas, se declarará a Sessão publica, e a Assembléa concordará nos meios de fazer saber á Provincia, e aos Poderes Politicos do Imperio que tal conspiração não existe, e que só o zêlo do Presid.^e pela manutenção da tranquillidade do Imperio fez com que elle dêsse pezo a taes informações, o que a Assembléa reconhece, e faz por isso justiça as boas intenções do Exm.^o Presidente.

Entrou o Parecer em discussão, e posto a votos seus diferentes artigos passarão o 1.^o e 3.^o, cahindo o segundo.

O Presid.^e em observancia do vencido declarou aberta a Sessão Secreta pedida pelo Snr. Souza e Mello, e nomeou os Snr.^{es} Figueiredo Moreira, Vieira Braga, Rodrigues Mascarenhas, e Vieira da Cunha para irem em Deputação convidar o Exm.^o Presid.^e da Provincia, a dar esclarecim.^{tos} de que trata o primeiro artigo do

Parecer. Como sahisse a Deputação ficou a Sessão interrompida. Vindo o m.^{mo} Exm.^o Presid.^o da Prov.^a em pessoa, acompanhado da Deputação, foi recebido com todas as formalidades do estillo, e tomou assento no lugar que lhe compete.

O Snr. Presid.^o fez vêr á S. Ex.^a, a resolução que acabára de tomar a Assembléa, pedindo que houvesse dar os possiveis esclarecimentos ácêrca da parte de sua Falla, que diz respeito a existencia de uma conspiração.

Tomou a palavra o Exm.^o Presid.^o da Prov.^a, e declarou que a existencia da conspiração de que fizera menção na sua Falla, lhe constatára por cartas, e noticias particulares,, e nunca por peças officiaes, mas que á vista do que tem occorrido se persuade não existir sem.^a conspiração. Pedio a palavra o Snr. Vieira da Cunha, e leu um officio do Com.^a das Armas o Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, dirigido a S. Ex.^a o Snr. Pres.^o da Prov.^a dactado de 27 de Janr.^o do corrente anno, em o qual affirmava aquelle Marechal a existencia da Conspiração para separar a Prov.^a do Imperio, dizendo que sendo o Major Jozé Marianno de Mattos, um dos conspiradores se tornava muito perigosa a sua existencia na Provincia. Declarou S. Ex.^a que não acreditava que aquelle Major fosse conspirador, mas que entretanto julgava de seu dever dar direcção ao officio do Com.^a das Armas.

Fallarão varios Snr.^{es} Deputados em favor da harmonia dos Poderes Politicos da Prov.^a, e como parecessem satisfeitos com os esclarecimentos dados pelo primr.^o Adminstrador della, retirou-se S. Ex.^a com as m.^{mas} formalidades com que foi recebido.

O Snr. Presid.^o consultou á Assembléa se á vista dos esclarecimentos dados pelo Exm.^o Presid.^o da Prov.^a se achava convencida da existencia da conspiração de que se tratava, e unanimemente se decidio pela negativa.

Pedio a Palavra o Snr. Souza e Mello, e disse que a Commissão só se havia lembrado de uma parte de seu requerim.^{to}, deixando em esquecim.^{to} a outra que diz respeito a felicitação pedida pelo Snr. Magalhães Calvet.

Consultando o Snr. Presid.^o a Assembléa se se devia tratar em Sessão Secreta do requerim.^{to} a que se refere o Snr. Souza e Mello, decidio-se pela afirmativa, e por consequente entrou em discussão aquelle requerim.^{to}

O Snr. Glz da S.^a, mandou á Meza o requerim.^{to} seguinte — Requeiro que se não dê andamento a felicitação requerida pelo Snr. Mag.^{es} Calvet.—Foi apoiado, e entrando em dicussão passou.

O Snr. Almeida mandou á Meza a seg.^{ta} declaração, assignada tambem pelos Snr.^{es} Mag.^{es} Calvet, Mattos, Xavier Fer.^a, Sá Brito, Chagas, e Conego Thomé: — Declaramos que votamos contra o requerimento do Snr. Glz. da S.^a, pedindo que se não dê andamento á felicitação ao Governo Central por havel-o nomeado Com.^o Superior da Guarda Nacional desta Provincia.

O Snr. Mag.^{es} Calvet, indicou que se publicasse a presente Acta pela Imprensa e assim se venceo.

Levantou-se a Sessão pelas 3 horas e meia da tarde, depois de haver dado o Snr. Presid.^a p.^a a Ordem do Dia 15 em Sessão Publica, indicação dos meios de se dar cumprim.^{to} as que dispõe o 3.^o artigo do Parecer da Commissão, e o que já se havia dado na anterior.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 18.

Illm.^o Snr. — Havendo resolvido a Assembléa Legislativa em Sessão de hoje, que se officie ao Exm.^o Snr. Presidente da Provincia para que haja de mandar quanto antes installar o Jury da Villa do Rio Pardo, á vista da Representação que á mesma dirigirão varios Cidadãos ali prezos pelo crime de sedicção, e de assassinatos; assim o communico á V. S.^a para que faça presente a S. Ex.^a esta resolução da Assembléa. Deos Guarde a V. S.^a — Porto Alegre 16 de Junho de 1835 — Illm.^o Snr. Germano Francisco de Oliveira. Francisco de Sá Brito Junior.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 19.

Resolvendo a Assembléa Legislativa Provincial que mande quanto antes instalar o Juri nessa Villa para se decidirem os processos de varios Cidadãos ali prezos pelos crimes de sedicção e assassinato, conforme o officio, por copia incluso, cumpre que Vm. assim o execute fazendo dar andamento aos sobreditos processos.

Deos Guarde Vm. Porto Alegre 20 de Junho de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Snr. Jozé Joaquim de Andrade Neves. — Está conforme. — Na auzencia do Secretario do Governo. — Jozé Luiz Vicente da Costa.—Reconheço verdadeira a signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de verdade. — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 20.

Nesta data consedi tres mezes de licença na forma da Lei ao Bacharel Juiz de Direito da Comarca do Rio Pardo Rodrigo de Souza da Silva Pontes para tratar de sua saude o que communico a V. S.^a para seu conhecimento. Deus Guarde a V. S.^a. Porto Alegre 30 de Junho de 1835 — Antonio Rodrigues Fernandes Braga — Snr. Manoel Felizardo de Souza Mello — Está conforme. Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luiz Vicente da Costa — Reconheço verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836 — Em testemunho de verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 21.

O Escrivão João Jozé Correia Vasques, revendo o Protocollo das Sessões do Jury desta Villa passe por Certidão ao pé desta quantas vezes se installou o Jury no anno p. p. de 1835 com declaração do dia de abertura e qual o Presidente que prezidio, o que cumpra. Rio Pardo 2 de Janeiro de 1836 — Silveira — Certifico eu Escrivão abaixo assignado que revendo o Protocollo onde se lanção as Actas da Sessão do Jury, do mesmo consta se ter aberto o Jury em vinte e tres de Janeiro de mil oitocentos e trinta e cinco de que foi Presidente do mesmo o Doutor Juiz de Direito Rodrigo

de Souza da Silva Pontes, revendo mais o Livro que serve de Actas da Sessão do Jury do mesmo consta se ter aberto a segunda Sessão a dez de Novembro do dito anno de mil oitocentos e trinta e cinco de que foi Presidente o Juiz Municipal e de Direito do Termo Joaquim José da Silveira; o referido é verdade e ao Livro me reporto. Rio Pardo 2 de Janeiro de 1836, eu João José Correia Vasques Escrivão escrevi, e assignei — O Escrivão João José Correia Vasques — Reconheço verdadeira a rubrica e assignatura retro serem dos proprios de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em testemunho de verdade — O Tabellião Bento José de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 22.

Certifico que nesta Secretaria não consta q' o Ex Presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga mandasse processar ao Juiz de Direito de Rio Pardo por não haver convocado o Jury na mesma Villa. Secretaria da Presidencia em Porto Alegre 7 de Janeiro de 1836. — Na auzencia do Secretario. — Jozé Luiz Vicente da Costa — Reconheço verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836 — Em testemunho de verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 23.

Cumprindo com o que dispoem o artigo setenta nove, no Titulo quinto da Carta de Lei de primeiro de Outubro de mil oitocentos e vinte e oito, em virtude do expedido no officio do Excellentissimo Vice Presidente da Provincia de vinte e nove do corrente — Certifico que hum dos documentos indicados no dito officio, e relação, que o acompanhou na mesma dacta, he do theor seguinte. — Quinta Sessão da Acta da Eleição Parochial — Anno

do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e trinta e tres ao primeiro dia do mez de Março do dito anno, nesta Cidade de Porto Alegre, Capital da Provincia do Rio Grande de São Pedro do Sul na Caza da Camara Municipal da m.^{ma} onde se achava reunida a Assembléa Parochial composta dos abaixo assignados para effeito de se continuarem os trabalhos das Eleições desta Freguezia, e sendo ahi compareceo o Cidadão Manoel Vaz Pinto requerendo á Meza a observancia do paragrafo segundo do Capitulo segundo das Instruções de vinte e seis de Março de mil oito centos e vinte e quatro, que determina deverem ser feitas as Eleições Parochiaes no Córpo da Igreja e depois de discussão rezolvêo a Meza, que á vista da disposição do artigo quinto das Instrucções de primeiro de Dezembro de mil oito centos e vinte oito, que manda que as Camaras nunca designem o Córpo das Igrejas para o lugar, em que devem fazer-se as Eleições; rezolvêo a mesma Meza se indeferisse seu requerimento, continuando as suas Sessões na Caza da Camara Municipal onde as havia começado. Apresentou-se Francisco Jozé de Andrade Pinto, que havia requerido á Meza na Sessão anterior o que consta da respectiva Acta, e apresentando huma justificação, depois de algumas discussões rezolveo a Meza que na conformidade da Constituição deste Imperio, titulo segundo, artigo sexto, paragrafo quarto, e de ter conhecido pela sua confição e documentos, que apresentou, haver elle vindo para o Brazil em mil oito centos e vinte tres, tendo-se proclamado a sua Independencia em mil oito centos e vinte e hum, não o considerava Cidadão Brasileiro, e por isso inhabilitado para dirigir-lhe requerimento relativo aos seus auctos. Procedendo-se as recessões de Listas apresentadas pelos Cidadãos que concorrerão, e contadas ellas acharão-se o numero de treze que exestião na Urna para onde se recolherão, e assim se terminou a presente Sessão. E para constar se lavrou este termo, em que assignarão o Presidente, Paroco, Escrutadores, e Secretario, e Eu Jozé Rodrigues de Oliveira, Secretario que o escrevy—O Presidente Vicente Jozé da Silva França — O Paroco Thomé Luis de Souza — O Secretario—Silvano Jozé Monteiro de Araujo e Paula—O Secretario — Jozé Rodrigues de Oliveira — Jozé Luis de Azevedo — O Escrutador Gabriel Martins Bastos — e por me ser pedida fiz passar a presente Certidão. Porto Alegre trinta de Dezembro de

mil oitocentos trinta e cinco annos. — Fiz escrever, e assignei — Libanio Pereira da Silva — Reconheço verdadeira a assignatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunha de Verdade — O Tabellião Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 24.

Copia do Artigo da Acta da Sessão do extincto Conselho Administrativo desta Provincia de vinte sete de Novembro de mil oito centos e trinta, e tres, relativo ao requerimento que ao mesmo Conselho fez Francisco Jozé de Andrade Pinto.

Artigo — Requerimento de Francisco Jozé de Andrade Pinto. Ao Poder Legislativo compete decidir se o Supplicante está ou não no gozo dos direitos de Cidadão Brasileiro. — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luis Vicente da Costa. — Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunha de Verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 25.

Tendo nomeado a Vm. segundo Escripturario encarregado de coadjuvar os trabalhos da Escripturação da Receita e Despeza Provincial, o partecipo a Vm. afim de que compareça na Secretaria desta Prezidencia para receber o seu diploma. Deus Guarde a Vm. Porto Alegre 1.º de Julho de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga — Snr. Francisco Jozé de Andrade Pinto — Está conforme — auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luis Vicente da Costa

— Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de Verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 26.

Em cumprimento ao Officio do Exm.^o Snr. Vice-Prezidente da Provincia, e despacho da Thezouraria da mesma data Certifico que o Officio por que foi nomeado Francisco Jozé de Andrade Pinto para o emprego de 2.^o Escripturario da Thezouraria Provincial não existe no Archivo desta Secretaria. Outro sim Certifico que o dito Andrade principiou a servir na Contadoria da Thesouraria em 2 de Julho do corrente anno. Secretaria da Thezouraria em Porto Alegre 30 de Dezembro de 1835. — Na auzencia do Official Maior — Jozé Feliciano França — Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836.—Em testemunho de verdade.—O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 27.

Tendo-me ordenado o Exm.^o Sur. Prezidente desta Provincia que reuna no Arcenal de Guerra todos os subditos de Sua Magestade Fidelicima, eu previno os mesmos para que em continente se apresente no referido arcenal. Porto Alegre vinte de Setembro de mil oitocentos e trinte e cinco — Victorino Jozé Ribeiro. — Vice-Consul. — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luiz Vicente da Costa. — Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836.— Em testemunho de Verdade. —O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.º 28.

Illm.º e Exm.º Snr. — Neste momento acabo de receber um Officio de V. Ex.ª dactado do dia de hontem, e em contestação ao mesmo tenho a responder a V. Ex.ª que no dia Domingo que se contavão 20 do corrente, pelas onze horas do dia, chegou a esta Capella, o Cirurgião Mór Antonio Jozé Ramos, enviado pelo Ex-Prezidente desta Provincia o D.ºr Antonio Rodrigues Fernandes Braga, com um Officio ao Doutor João Daniel Hillebrand, para que este de commum accordo, com o Ten.º Coronel Salustiano Severino dos Reis, reunissem todos sem excepção, os habitantes deste lugar que estivessem em circumstancia de pegarem em armas para se dirigirem sem perda de tempo a Capital, para se opporem aos anarchistas expressões do Officio do ex-Prezidente que querião derribar a Autoridade legalmente constituida ao que se exforçou o quanto lhe foi possivel o dito D.ºr em alliciar Collonos, e com igual exforço e actividade o Ten.º Coronel Salustiano; Cirurgião Mór Ramos, e Diogo filho do Coronel Vicente, prestando este Cavallos para transporte aos mesmos Collonos, para se reunirem na Fazenda de seu Pay com outra gente que lá se achava. Ora nesta confusão de cousas Officiô-me o Cirurgião Mór Ramos para q' eu lançasse mão dos Guardas Nacionaes, e mais Povo que podesse reunir responsabilizando-me perante o ex-Prezidente por qual quer omissão minha; porem eu conhecendo seu Plano, dei todas as providencias com maxavelhismo, de maneira q' erão quatro oras da tarde do dia 21 ainda se não achava Guarda Nacional nenhum, e apenas meia duzia de Collonos illudidos pelo D.ºr, porem estes mesmos já estavam desistindo á minha vista, por terem sido exortados por outros Collonos que pensavão com madureza, dizendo que em nada se devião entrometter com negocios politicos, de maneira que quando forão quatro horas da tarde do dia 21, chegou a noticia a esta Capella que os Patriotas tinhão entrado na Cidade, e que o ex-Presidente se tinha retirado; logo immediatam.º sessarão os exforços dos agentes do ex-Presidente, e sumio-se não sei para onde o Cirurgião Ramos, que até agora ignoro seu destino. Na madrugada do dia de hontem 22 do corrente apresentou-se na minha residencia o Coronel Vicente Ferrer da Silva Freire, fazendo-me ver que em seu poder existia uma porção de armamento que lhe tinha enviado da Capital, o ex-Presidente, e que me queria fazer entrega delle, o que logo sem vacillar apossei-me do dito que vem a ser: cincoenta e sete armas com baionetas, de Infantaria, e quarenta e oito cinturoens da mesma, quarenta e tres clavinas de

Cavallaria, e cincoenta cartuxeiras de dita, e um cunhete com munição q' tudo se acha em meu poder, a determinação de V. Ex.^a Devo fazer a V. Ex.^a que os G. N. deste Curato, não tem armamento sufficiente, e se fôr da approvação de V. Ex.^a he occasião esta de se poder fornecer ao Commandante das mesmas o armamento que julgar mister p.^a seus Camaradas. Em quanto a recommendação que V. Ex.^a me faz sobre os alliciadores, tenho a significar a V. Ex.^a que me exforçarei o quanto incumbe o meu Patriotismo, e amor a Liberdade para fazer com que não appareçam neste lugar, taes entes desprezíveis, e unido ao Patriota Commandante dos G. N. deste lugar faremos o quanto podermos para sustentarmos a nossa Liberdade, a Constituição Reformada, e o Jovem Imperador D. Pedro 2.^o, e sempre estaremos prontos a unir-nos ás fileiras dos honrados Brasileiros defensores da nossa causa, e oppositores de tudo quanto fôr despotismo tanto Nacional como Extrangeiro. Deus Guarde á V. Ex.^a Porto Alegre, digo São Leopoldo 23 de Setembro de 1835. — Illm.^o e Exm.^o Snr. Doutor Marciano Pereira Ribeiro, Presidente da Provincia. — O Juiz de Paz Ignacio Antonio de Moraes. — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luis Vicente da Costa. — Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em testemunho de Verdade. — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 29.

Illm.^o e Exm.^o Snr. — Pelos Correios do Rio Grande e Norte chegados a esta Capital em... do corrente recebi nove Mallas vindas da Corte fechadas directamente para esta que no Norte estavam embargadas por ordem do ex-Presidente Braga, e por mandado deste forão abertas trez para extrahir não só os Officios como muitas cartas particulares, sendo enviado o resto desta para a Administração do Rio Grande onde estavam expostas em lista para quem as quizesse. Os Officios que se extrahirão são todos para esta Presidencia a excepção de hum para o Juiz Municipal desta Cidade com melhor verá V. Ex.^a pela relação que incluso envio, e como se retirasse o administrador do Correio da Villa do



ANTONIO ALVARES PEREIRA CORUJA

Norte com o referido ex-Prezidente nenhuma participação circunstanciada tive de taes acontecimentos, e logo que do Rio Grande eu as tenha (como espero) tão bem as levarei ao conhecimento de V. Ex.^a Deos Guarde a V. Ex.^a Porto Alegre 5 de Novembro de 1835. — Illm.^o e Exm.^o Snr. Doutor Marciano Pereira Ribeiro — Vice-Presidente desta Provincia — João Evangelista França, Administrador do Correio Geral — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luis Vicente da Costa — Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevebreiro de 1836.—Em testemunho de Verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.^o 30.

Relação dos Officios que da Corte, vierão em Mallas fechadas para esta Cidade, cujas Mallas forão abertas na Villa do Norte por ordem de ex Presidente Braga, para extrahir os mencionados Officios.

Em Factura de 12 de Setembro enviado pelo Brigue ENCANTADOR

2 Officios do Ministro da Marinha.....	} Ao Exm. ^o Snr. Presidente desta Prov. ^a
2 " do " da Guerra.....	
1 Officio do " do Imperio.....	
3 Officios da Secr. ^a do Thezr. ^o Nacional.....	
1 Officio do Off. ^{al} M. ^r da Secr. ^a da Mar. ^a	

Em Factura de 17 do mesmo pelo PATACHO MINEIRO

1 Officio do Ministro da Justiça.....	} Ao mesmo Snr.
1 " do " da Guerra.....	
1 " do Cons. ^o Supremo Militar.....	
3 Officios da Secr. ^a do Thezr. ^o Nacional.....	

Em Factura de 10 de Outubro pelo Berg.^m PRINCIPE IMPERIAL

2 Officios da Secr. ^a do Thezr. ^o Nacional.....	} Ao mesmo Snr.
1 Officio do Monsenhor Vigario Capitular do Bispado.....	
1 Officio do Ministro da Justiça.....	} Ao Juiz Municipal desta Cidade
19	

Porto Alegre 2 de Novembro de 1835 — O Administrador do Correio Geral — João Evangelista França — Está conforme — Na

auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luiz Vicente da Costa — Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836 — Em testemunho de Verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.ª Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 31.

Illm.º e Exm.º Snr. — Auzentando-se desta Provincia o Administrador do Correio do Norte Jozé Joaquim de Castro Amarante sem que esta Administração Geral tivesse participação alguma, deixou seu logar, servindo de Ajud.º hum sujeito que nem na m.ªa Villa he conhecido cuja nomeação foi approvada pelo Prezidente Braga na referida Villa sem que precedesse aquellas informações, e habilitações exigidas pela Lei, e como em tal Repartição exista hoje somente este empregado por ser achar vago outro emprego que nella ha não pode de certo continuar seu expediente por semelhante forma, e por isso sendo a pratica exigir-se da Camara Municipal respectiva a nomeação de pessoa idonea, e que goze de opinião publica para occupar o lugar de Administrador do Correio a quem pertence a proposta dos mais empregados subalternos, rogo p. tt.º a V. Ex.ª se digne a este respeito tomar as medidas que julgar necessarias, pois que tal Administração sendo uma das mais pequenas da Provincia torna-se com tudo huma das mais importantes por ser o transito da Correspondencia entre esta Provincia com as mais do Imperio — Deos Guarde á V. Ex.ª Porto Alegre 6 de Novembro de 1835 — Illm.º e Exm.º Snr. D.ºr Marciano Pereira Ribeiro — Vice-Prezidente desta Provincia — João Evangelista França — Administrador do Correio Geral — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luiz Vicente da Costa. — Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de Verdade. — O Tabellião Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.ª Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 32.

Illm.º e Exm.º Snr. — Incluzo levo a prezença de V. Ex.ª por copia as ordens do exPrezidente Braga dirigidas ao Administrador do Correio da Villa do Norte pelas quaes se interrompeo a communição entre esta Capital e a mesma Villa, e em conformidade dellas tão bem forão praticados os factos que em um meo officio datado de hontem levei ao conhecimento de V. Ex.ª, cujas ordens me forão enviadas por copia pelo Empregado que o Administrador deixou fazendo as suas vezes com approvação do mesmo ex-Prezidente. — Deos Guarde a V. Ex.ª Porto Alegre 6 de Novembro de 1835. — Illm.º e Exm.º Snr. Doutor Marciano Pereira Ribeiro — Vice-Prezidente desta Provincia — João Evangelista França. — Administrador do Correio Geral. Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo—Jozé Luis Vicente da Costa—Reconheço Verdadeira a Signatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de Verdade — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.ª Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 33.

Ordena o Presidente desta Provincia ao Snr. Administrador do Correio da Villa de S. Jozé do Norte remetta para a Cidade do Rio Grande, a entregar ao mesmo Presidente a Malla vinda de Porto Alegre por este ultimo Correio, fazendo sustar toda a communição com a Capital da Provincia té nova ordem. — Bordo da Barca de Vapor Liberal 28 de Setembro de 1836. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Está conforme — Antonio Jozé da Silva — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luis Vicente da Costa. — Reconheço Verdadeira a signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de Verdade. — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.ª Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 34.

Copia. — Achando-se na Cidade muitos habitantes de Porto Alegre a quem se tornará penoso mandar a essa Villa arrecadar as suas correspondencias convem que Vm. remetta a Malla vinda ultimamente do Rio de Janeiro para a Administração do Correio desta Cidade afim de serem destrebuídas as cartas pelas pessoas que as procurarem, devendo praticar o mesmo com as mais que vierem dos Portos do Imperio. Deos Guarde a Vm. Rio Grande 30 de Setembro de 1835. — Antonio Roiz. Fernandes Braga. — Snr. Administrador do Correio de S. Jozé do Norte—Está conforme — Antonio Jozé da Silva — Está conforme — Joaquim de Souza França — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luis Vicente da Costa — Reconheço Verdadeira assignatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de Verdade. — O Tabellião — Bento —Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 35

Ilm.º e Exm.º Snr. — Junto remetto a V. Ex.ª o auto de Vestoria da Escuna Nacional Vigilante; pelo qual verá V. Ex.ª o estado de abandono e desmantelamento em que a deixou o ex-Presidente o Doutor Antonio Rodrigues Fernandes Braga V. Ex.ª providenciará a semelhante respeito o que convier tendo a prevenir a V. Ex.ª que a referida Embarcação se acha muito mal segura e para eu a fazer segurar melhor será preciso pedir emprestado algum ferro e amarra porem com tudo esta medida não pode ser se não provisoriamente. Dcos Guarde a V. Ex.ª. Norte 27 de Outubro de 1835. Ilm.º e Exm.º Snr. Doutor Marciano Pereira Ribeiro, Vice-Prezidente desta Provincia — Manoel de Sá Araujo — Juiz Municipal, e de Direito Interino. — Nós abaixo assignados reconhecemos ser verdadeira a assignatura supra. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Firmino M.ª de Vasconcellos. — Antonio

Bernardino dos Santos — Reconheço verdadeira as duas assignaturas retro do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé de verdade — O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 36.

Juizo Municipal da Villa de São Jozé do Norte—Escrivão — Oliveira—Autos de Vestoria da Escuna Nacional Vigilante — Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e trinta e cinco aos vinte e sete dias do mez de Outubro do dito anno nesta Villa de São Jozé do Norte na rezidencia do Juiz Municipal e de Direito Interino Manoel de Sá Araujo por elle Juiz me foi entregue huma portaria p.ª bem de se proceder nos termos da Vestoria nella indicada a qual Portaria aceita, e autoei e he a que ao diante se segue de que para constar faço esta autoação. Eu Sebastião Borges de Oliveira que a assignei. — Sebastião Borges de Oliveira.— O Tabellião Sebastião Borges de Oliveira notifique Peritos para hoje as dez horas do dia com minha assistencia proceder a vestoria do estado em que se acha a Escuna Nacional Vigilante que se acha em abandono surta neste Porto — Norte 27 de Outubro de 1835 — Sá — Certifico eu Tabellião abaixo assignado que em cumprimento da Portaria supra em suas proprias pessoas notifiquei aos Peritos maritimos Jozé Silveira Villa Lobo, e Jozé Joaquim da Crus para todo o contido na mesma Portaria de que se derão por bem entendidos de que dou fé. Norte 27 de Outubro de 1835. — Sebastião Borges de Oliveira. — Auto de Vestoria da Escuna Nacional denominada Vigilante — Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e cinco aos vinte e sete dias do mez de Outubro do dito anno nesta Villa de São Jozé do Norte a bordo da Escuna Nacional Vigilante surta neste Porto aonde foi vindo o Juiz Municipal e de Direito Interino Manoel de Sá Araujo commigo Escrivão do seu cargo ao diante nomeado e os Peritos notificados Jozé Silveira Villa Lobo, e Jozé Joaq.º da Crus; a estes o dito Juiz deferio o juramento dos Santos Evangelhos em hum Livro delles em que puzerão suas mãos direitas cada hum de persi sob cargo do qual lhes encarregou que bem e na verdade sem dolo nem malicia vissem examinassem e

declarassem o estado em que se achava a Escuna Nacional Vigilante relativamente ao casco e aparelho. E recebido por elles dito juramento de baixo d'elle assim o prometerão fazer e cumprir e logo passarão a examinar todo o referido, e depois ambos em comum declararão que a referida Escuna Nacional Vigilante se achava em total abandono contendo somente o casco com os mastros, e gurupé limpos faltando-lhe o Leme, as portas da Camara, e do rancho, pano ferros, e amarras; pois que a deixarão fundeada com hum ancorote e hum pedacinho de corrente e pé de gallo, e por isso foi necessario abuçar-se uma espia, e esta emprestada. A referida Embarcação tão bem se acha sem pano algum com uma bomba, que tem, desguarnecida com bastante agua no porão, e com lastro de pedra e nada mais. E por esta forma disserão os Peritos que havião sua declaração por feita, e ouve elle Juiz esta Vestoria por feita de que para constar mandou fazer este auto que assignou com elles e Eu Sebastião Borges de Oliveira Escr.^{am} que o escrevy — Jozé Joaquim da Cruz — Jozé Silveira Villa Lobo — Sá — E logo no mesmo dia mez e anno no auto retro declarado nesta Villa de São José do Norte em meo Escripatorio faço estes autos com cluzos ao Juiz Municipal e de Direito Interino Manoel de Sá Araujo de que para constar faço este termo — E eu Sebastião Borges de Oliveira Escrivão que o escrevy. — Conclusão. — Julgo por sentença a Vestoria L. 2 e remetão-se estes autos ao Exm.^o Vice-Prezidente desta Porvincia. — Norte 27 de Outubro de 1835. — Manoel de Sá Araujo. — De dacta. — E logo no mesmo dia mez e anno nesta Villa de São Jozé do Norte na rezidência do Juiz Municipal e de Direito Interino Manoel de Sá Araujo por elle me forão dados estes autos com a sentença supra de que para constar faço este termo. E eu Sebastião Borges de Oliveira Escrivão que o escrevy. — Nós abaixo reconhecemos ser verdadeira a assignatura supra de Manoel de Sá Araujo. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Firmino M.^a de Vasconcellos. — Antonio Bernardino dos Santos — Reconheço verdadeiras as assignaturas retro de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé de verdade. — O Tab.^m — Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

L.^o Secret.^o

COPIA N.º 37.

Viva o triumpho dos principios Liberaes, vivão os Restauradores das Leis. — Illm.º e Exm.º Senhor — Com data de 10 do corrente participei a V. Ex.ª, que marchava para a Cidade de Pellotas, aonde se achavão reunidos os restos da facção retrograda, consequentemente occupei o Passo de Aramada em Camaquam, e naquelle ponto procurei combinar-me com as forças, que devião avançar pela parte do Jagoarão., e com as de São Lourenço commandadas pelo Capitão Antunes umas, e outras já consideravelmente reforçadas; e quando, acabado de organizar o plano, me dispunha a emprehender a marcha para reunir-me ás forças da esquerda, Commandadas pelo dito Capitão, recebo participação de ter este soffrido um pequeno revez na margem esquerda do Arroio Grande, pela força capitaneada pelo sanguinario e feroz Silva Tavares, que nesta occasião se tem comportado, não como um amigo da boa ordem, de que alardêa, mas sim como um aleivoso assassino, e traidor, pois é preciso declarar a V. Ex.ª que o golpe foi dado por elle com a mais refinada má fé sendo q' existia uma suspensão de armas, que devia durar até minha chegada. O resultado desse contraste, foi o abandono da posição que occupava a força do Cap.º Antunes, e a perda de onze dos nossos que ficarão no campo, e quinze feridos. Em consequencia das referidas noticias, precipitei minha marcha, e ontem verifiquei minha junção com as forças de Antunes, e acampados neste ponto, e desde logo lhe dirigi uma proclamação, cuja copia junto lhe remeto, a qual, com a vista do reforço que commigo trazia e a minha prezença, fez renascer a confiança, e restabelecer a força moral. Os Capitães Crescencio, e Netto, que segundo minhas ordens, já avançavão daquella parte, não me deixavão duvida de que prontamente seria vingado o pequeno revez do Capitão Antunes: e no entanto que me appressava, e neste ponto a repôz a força que tinha achado por algũa forma desordenada, fiz marchar para a frente a vanguarda, 150 bravos, que com migo trazia, esperando, para emprehender a minha marcha, participações do Comm.º das forças da direita; é pois neste momento que as recebo, cujos originaes

remeto a V. Ex.^a podendo por elles ter um exato conhecimento do brilhante estado dos negocios de nossa cara Patria. E posso desde já assigurar a V. Ex.^a que o triumpho ahí está conseguido, e neste momento avango com 450 e tantas praças, sem esperar outras que devião reunir-se-me de hoje a amanhã.* A preça não me dá lugar a ser mais extenço e logo que chegue a Cidade de Pelotas, officiarei a V. Ex.^a de que occorrer. Deos Guarde a V. Ex.^a—Campo em marcha no Passo do Evaristo 17 de Outubro de 1835, ás 10 horas da manhã — Illm.^o Snr. Doutor Marciano Pereira Ribeiro, Vice-Presidente da Provincia — O Coronel Bento Gonçalves da Silva — P. S. — No momento de fechar este recebo o Officio de V. Ex.^a de 10 do corrente congratulando-se pelo feliz successo de S. Gabriel, e participando-me a nomeação do Coronel Bento Manoel Ribeiro p.^a o Commando das Armas; cumpre-me assegurar a V. Ex.^a que tão acertada nomeação tem satisfeito os votos de todos os bons patriotas. O dito coronel se acha em São Diogo emfrente da estancia do Coronel Jozé Roiz. no Estado Oriental, para onde emigrou o Marechal Barreto, e o mesmo Jozé Rodrigues — Silva — Está conforme — Jozé Luis Vicente da Costa — Reconheço Verdadeira a signatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de Verdade. — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secret.^o

COPIA N.^o 38.

Proclamação — Concidadãos amigos da ordem, o Céu não desampara a causa da razão, e da justiça. As armas da Legalidade acabão de ganhar a mais completa victoria sobre as hordas da anarchia. Lêde os officios abaixo transcritos, e delles vereis como a espada do Tenente Coronel João da Silva Tavares e do valente Major Manoel Marques de Souza, brilhão a frente de bravos Rio

grandenses verdadeiramente dignos desse honroso titulo. Eia! Concidadãos. Merecemos todos o nome de filhos do Rio Grande. As armas, Concidadãos! Acabemos de um golpe com essa raça degenerada que deturpa o belo solo desta Provincia. Viva a Nação Brasileira, Viva a Constituição, Viva o nosso Joven Imperador e Senhor Dom Pedro Segundo. Viva a Regencia! Viva a Integridade do Imperio! Viva o Bravo Silva! Viva o Bravo Marques! e Vivão os Bravos que o seguem! Cidade do Rio Grande 17 de Outubro de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga — Illm.^o e Exm.^o Snr. — Cumprindo as ordens de V. Ex.^a, fiz marchar ás occultas até reunir-me com o Major Manoel Marques de Souza, a tarde de hontem decidio a sorte das armas da Legalidade hum triumpho consideravel, e pelo dito Major ficará V. Ex.^a informado circunstanciadamente de quanto occorreo de mortes, e feridos, etc. Deos Guarde a V. Ex.^a Feitoria 15 de Outubro de 1835. — Illm.^o e Exm.^o Snr. Preziðente da Provincia. — João da Silva Tavares — Tenente Coronel Commandante do Departamento do Rio Grande — Illm.^o e Exm.^o Snr. — A causa da legalidade acaba de obter hum triumpho, cujas consequencias devem sêr infalivelmente o breve aniquilamento dos faciozos. Hontem as duas horas da tarde, passamos com forças do commando do bravo patriota Tenente Coronel João da Silva Tavares, e as forças do meu commando, e as quatro horas procuramos descobrir os faciozos, os quaes encontramos em numero de quatro centos e mais homens, junto ao Arroio de São Lourenço, na proximidade da fazenda do Cidadão Francisco Vieira Braga. Não obstante ser superior a força dos faciozos em numero, a justiça da sagrada cauza, que sustentamos, e a prezença dos inimigos de nossa cara Patria fez duplicar a firme disposição em que estão estes Brasileiros Patriotas, de sustentar a Lei a todo o transe. — A injustiça da causa dos faciozos os desanimou inteiramente com a nossa prezença; e a victoria se declarava para nós, porem éra preciso lançar mão dos meios de os enganar, e dár mais huma prova, de não ambicionar-mos outro triumpho senão o da Lei. — De combinação com o Tenente Coronel Silva Tavares, eu fui a falla propôr ao Commandante dos faciosos Capitão Manoel Antunes da Porciuncula, que

não empregaria-mos a força se elles e seus officiaes dêssem suas palavras de abandonarem as armas dos faciosos; deixassem retirar as suas casas os homens que á força a maior parte, e outros illudidos, havião feito pegarem em armas, e que nos fosse entregue o Piquete, que existia em Porto Alegre composto de praças do segundo Corpo de Cavallaria; porem desgraçadamente a ambição lhes havia serrado os ouvidos á vós da razão: elles não annuirão. Sendo então cinco horas e meia, esgotados os meios de brandura, foi preciso entrar em acção. O Commandante dos faciosos deo signal do combate, ressoarão os vivas á legalidade nas nossas fileiras, avançamos, os faciosos fugirão, e a victoria foi completa em cinco minutos, custando ás nossas forças a lamentavel perda de dois bravos da legalidade, que morrerão, e dez feridos levem.* e dos faciosos contamos no campo quarenta, e tantos mortos, fizemos oito prisioneiros, passarão dois e tomamos muito armamento. — Ao bravo Tenente Coronel Silva e a seus officiaes, e Soldados irrizistiveis se deve o triumpho, que teve neste dia a cauza da legalidade. Seria impossivel descrever a coragem, e decidido animo de tão bravo Patriota na carga, que fizerão de espada na mão: os seus feitos excedem a qual quer elogio que lhes queira tecer. — Deos Guarde a V. Ex.^a Acampamento volante na Feitoria 14 de Outubro de 1835. — Illm.^o e Exm.^o Snr. Prezidente da Provincia — Manoel Marques de Souza, Major Commandante das forças Legaes estacionadas no Arroio Grande — Está conforme — Jozé Luis Vicente da Costa. , Reconheço Verdadeira a Signatura retro sêr do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em testemunho de Verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secret.^o

COPIA N.º 39.

2.ª Via. — Illm.º Snr. Constando-me por communicação do Tenente Coronel João da Silva Tavares que V. S.ª generosamente lhe havia offerecido os soccorros que estivessem ao seo alcance a favor da cauza do Governo Legitimo deste paiz cumpre-me levar ao conhecimento de V. S.ª que nesta data auctorizei ao mencionado Tenente Coronel a receber todo e q.'quer auxilio de que precisasse, e que V. S.ª podesse, e quizesse menistrar-lhe. Posso alem disso affirmar a V. S.ª que lhe serão abonadas as despesas que fizer com a prestação do auxilio. Resta pois somente agradecer a V. S.ª a generosidade e lealdade com que se mostra bom e fiel amigo da Nação Brasileira; e apresentar-lhe os mais sinceros protesto de respeito consideração e estima pela pessoa de V. S.ª Deos Guarde a V. S.ª. Rio Grande 14 de Outubro de 1835. — Illm.º Snr. Coronel D. Servando Gomes — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luis Vicente da Costa. — Reconheço Verdadeira a signatura supra ser do proprio de que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1835. — Em testemunho de Verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 40

2.ª Via. — Participo a Vm. que o estado de cousas nesta Cidade é tranquillo Jozé Jeronimo do Amaral tem sido desamparado da gente que congregara, e procura acoitar-se na fazenda de hum irmão. Tenho noticia de que hum tal Onofre marcha sobre Mostardas com algũa força. Acabo de expedir as ordens convenientes, e creio que o Major de Guardas Nacionaes Domingos Gonsalves Chaves terá meios de repelir essa tentativa dos faciozos.

No entanto espero, e estou certo e seguro de que Vm. não deixará escapar a occasião de debellar a força dos rebeldes que se acha na sua frente. Se julgar necessario aproveitar-se dos soccorros offerecidos pelo Coronel D. Servando Gomes eu o autorizo para isso podendo Vm. participar ao dito Coronel que pelos Cófres Publicos lhe será satisfeita toda a despeza com apresentação sobre dito auxilio. Nesta datta nomeio o benemerito Cidadão Bazilio Ferreira Bica para commandar toda a força encarregada da defeza da Cidade de Pelotas, durante a auzencia de Vm. de cujo exforço, valor e patriotismo se espera na maior parte o bom exito da causa da legalidade. Seria conveniente que Vm. me communicasse logo todas as noticias que tivesse do Marechal Commandante das Armas afim de destruir os boatos atterradores espalhados pelos inimigos da ordem, posto que as noticias ultimamente chegadas da Cidade de Porto Alegre são que ali havião aparecido fixadas pelas esquinas Proclamaçoens do Marechal em que elle prometia achar-se em pouco tempo naquella Cidade para a qual marchava com uma força respeitavel. Deos Guarde a Vm. R.º Grande 14 de Outubro de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Snr. Tenente Coronel João da Silva Tavares — Está conforme — Na auzencia do Secretario do Governo. — Jozé Luis Vicente da Costa. — Reconheço Verdadeira assignatura supra ser do proprio de que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836 — Em testemunho de Verdade — O Tabellião — Bento Jozé de Farias.

Está conforme.

Antonio Alvares Per^a. Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 41.

Ontem respondendo ao seo Officio de 17 do corrente pelo Alferes Maximiano Antonio Pereira lhe dizia que se dirigisse a Domingos Faustino Correa para delle receber o dinheiro necessario para o pagamento da gente que o acompanha; como tão bem para engajar todo e qual quer numero de pessoas que precisar

para debatendo os anarchistas e faciozos salvar a nossa chara Patria dos malles que a amiação o que tudo confirmo agora mesmo, tendo a acrescencar que me acho embarcado a Bordo do Brigue Escuna Parobé por terem os habitantes da Cidade do Rio Grande e Villa de S. Jozé do Norte adherido a cauza dos rebeldes mais por medo do que por seguirem suas idéias e mesmo por constar que forças mui numerosas marchão a estes dous pontos: porem aqui mesmo me conservarei dando todas as providencias necessarias e só sahirei barra fora quando de todo não houver outro remedio, e assim espero fassa todos os exforços de bater com suas forças ao inimigo te que cheguem os recursos q., exigí para o Rio de Janeiro que não podem demorar-se; e tudo quanto fizer para salvar a Provincia terá a minha aprovação. Deos Guarde a Vm. Bordo do Brigue Escuna Parobé 20 de Outubro de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga — Snr. João da Silva Tavares. — Está conforme. — Na auzencia do Secretario do Governo — Jozé Luis Vicente da Costa. — Reconheço Verdadeira a assignatura retro do que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1835. Em testemunho de Verdade. — O Tabellião — Antonio Candido de Campos.

Está conforme

Antonio Alvares Pereira Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 42

Ilm.º e Exm.º Snr. — Apresento a V. Ex.ª por copia todos os esclarecim.ºs que pode colher a Commissão encarregada de examinar o estado das Repartições Publicas da Cidade do Rio Grande, e Villa do Norte; e p.º elles ficará V. Ex.ª ao facto de quanto occorreo nas mesmas Repartições, segundo os dados facilitados a m.ª Commissão. Deos Guarde a V. Ex.ª Porto Alegre 16 de Dezembro de 1835. — Ilm.º e Exm.º Snr. D.ºr Marciano Per.ª

Ribeiro, Vice-Presidente desta Provincia. — Antonio Maria Calvet.
— Reconheço verdadeira assignatura supra, do que dou fé. Porto
Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé da verdade — O Tabellião
Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 43.

A Commissão encarregada de examinar o estado actual das Repartiçoens de Fazenda Publica da Cidade do Rio Grande e Villa de S. Jozé do Norte como lhe foi incumbido p.º V. S. em officio de nove do corrente mez não pode sem magoa deixar de prezenciar a situação melindroza em que se achavão algũas de suas Repartiçoens tanto pelo abandono de alguns Empregados como pela falta de Escripturação nos Livros respectivos inerentes aos seus cargos e para se conhecer com evidencia quanto a Commissão com verdade avança ella passa a apresentar ao conhecimento de V. S. tarefa de tamanha transcendencia. A imparcialidade e franqueza serão as suas guias, e se as forças lhe faltarem na vereda de suas obrigaçoens suprão os sinceros dezejões que nutre de acertar, de satisfazer as ordens de seus superiores e servir bem a sua Patria. Neste sentido a Commissão leva ao conhecimento de V. S. as informaçõens que colheu principiando pela Alfandega da Villa de S. Jozé do Norte que seguram.º era a que existia envolvida em maior desordem pois encontrando-se todos os livros parte delles se achavão em branco e o que mais excitou o reparo da Commissão foi ver que desde o 1.º de Julho não estivesse lançada uma só carga no Livro de Receita existindo semelhante Escripturação (ou exprimindo melhor) os apontam.ºs della em um insufficiente quaderno de papel sem que ao menos o Ajd.º Inspector Jozé Joaquim de Freitas a cargo de quem se achava

a direcção assignasse ou rubricasse as cargas ali lançadas: pela conta annexa alcançará V. S. quanto se pode obter de sua desforme Administração desde o 1.º de Julho ate 18 de 8br.º do prez.º anno, tempo em que se auzentou p.ª o Rio de Janeiro levando o saldo de sua Conta. De 19 de 8br.º ate 20 de Novembro continuou a Escripção em quadernos de papel e a conta demonstra seu infeliz estado. Na Meza de diversas Rendas da referida Villa existem todos os Livros escripturados nelles algũas assignaturas do responsavel Jozé da Costa Vianna que tão bem desapareceu conduzindo o saldo da conta te o dia 12 de 8br.º e affianção alguns Empregados da m.ª repartição que tão bem levava a importancia de dous despaxos que fez em data de 19 de 8br.º deste anno Jozé da Costa Torres de generos exportados no Brigue Escuna Parobé os quaes não existem lançados em sua Receita. De 19 de Outubro até 20 do corrente a Escrepção está feita como já disse em quadernos e a conta testefica o estado de sua arrecadação. Na Alfandega desta Cidade existem todos os Livros e alteração que nella se manifesta tem origem nas despesas feitas p.ª ordem do exPrezidente as quaes se juntão por copia. Passando a Commissão no dia 20 do corr.º a examinar a Meza de diversas Rendas desta Cidade nella appareceo o Empregado João Francisco de Oliveira que se havia auzentado da m.ª Estação com o saldo e documentos de sua despesa; observando-se todos os Livros escripturados, com alguns documentos para serem lançados, e os que apresentou o dito Empregado se achão junto á conta que demonstra o estado desta Repartição te o dia 19 de 8br.º, e desde o dia 20 do mencionado mez te 20 de Novbr.º acha-se a escripturação feita como referido fica em quadernos de papel e a conta mostra sua posição, e della se conhece ficar alcançado o responsavel Antonio Izidoro da Costa Ramos na q.ª de quinhentos e cinco mil cento e cincoenta reis de Ordenado que adiantou a diversos Empregados da mesma Repartição cujos docum.ºs existem em seu poder. Os saldos que se verificarão pelos respectivos Livros e quadernos das Mezas de diversas Rendas forão entregues ao seu intirino Administrador Deziderio Antonio de Olivr.ª

A Commissão apresenta a demonstração em N.º A da Receita e Despesa das ditas Estaçoens a vista dos docum.ºs existen-

tes e das contas que lhe forão dadas sem que se responsabilize pela sua exactidão que só se pode verificar com a liquidação das m.^{mas} Contas parecendo de absoluta necessidade que sejam recolhidas a Thezouraria rezultando a facelidade de se poder colher com exacção os necessarios esclarecimentos a vista da confuzão e illegalidade que se notão nas despezas feitas p.^r ordem do exPrezidente.

Das Relações verá V. S. as faltas que se sofre de Empregados e a Commissão julga indispensavel que sejam providos sem delonga os lugares que dependem de escripturação e que existem occupados em algũas das Repartiçoens p.^r Guardas de Numero e avulças.

A Commissão tendo p.^r fim relatado quanto deixa expendido em satisfação a seus deveres julga occasião como opportuna para certificar a V. S. que na execução da prezente tarefa procurou p.^r todos os meios ao seu alcance prehencher quanto lhe foi ordenado.

Deos Guarde a V. S. Rio Grande 23 de 9br.^o de 1835. — Illm.^o Snr Joaquim Manoel de Azevedo, Inspector intirino da Thezouraria Provincial. — Americo Jozé Ferreira Camboim. — Deziderio Antonio de Oliveira. — Antonio Maria Calvet. — Está conforme — Antonio Maria Calvet. — Reconheço Verdadeira a assignatura supra do que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé de Verdade. O Tabellião — Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^o Coruja

1.^o Secret.^o

Demonstração de estado da Receita e Despezas das Alfandegas da Cidade do Rio Grande e Villa do Norte e das Mezas de Diversas Rendas da m.^m Cidade, e dita Villa pela qual se verifica o rendm.^{to} de cada uma e p.^r quem arrecadadas assim como as ordens por que forão feitas as Despezas e existencias e inexistencias dos Saldos. N.º A

RECEITA		DESPEZAS					
		Pelas ordens estabelecidas pela Thezr. ^a	Por ordem do ex-Presidente	Saldo existente nas Repartições	Saldos que não existem	TOTAL	
A importancia do rendim. ^{to} arrecadado pelo Thezr. ^o da Alfandega desta Cidade Francisco Vieira de Castro do 1. ^o de Julho a 19 de Outubro de 1835.....	76:827\$746						
Idem do rendim. ^{to} da Meza Fiscal da Villa do Norte arrecadado pelo Ajud. ^e Inspector Jozé Joaq. ^m de Freitas de 1. ^o de Julho a 18 de Outubro.....	11:756\$197	A importancia q. despendeo o Thezr. ^o emfr. ^e como se vê da c/c docum. ^{to} N. ^o 1					
Idem id. arrecadado pelo 2. ^o Escriur. ^o que serve de Ajud. ^e Inspector Jozé Joaq. ^m Leite de Castro de 19 de Outubro te 20 de Novembro id.....	857\$024	34:986:479	15:846:140	25:545:127		76:827:746	
Idem do rendim. ^{to} da Meza de Diversas Rendas da Villa do Norte arrecad. ^o pelo Adm. ^{or} e Thezour. ^o intr. ^o Jozé da Costa Vianna do 1. ^o de Julho te 13 de 8br. ^o	82:035\$557	Idem idem N. ^o 2	2:899:306		8:856:891	2:899:306	
Idem id. arrecadado pelo Guarda que interinam. ^e serve de Adm. ^{or} João Candido da Silva Peixoto de 21 de 8br. ^o te 20 de Novembro id.....	3:887\$320	Idem id. N. ^o 3	201:098		555:926		857:024
Idem id. do rendim. ^{to} da Meza de diversas Rendas da Cid. ^e do Rio Grande arrecad. ^o pelo Escrivão que interinam. ^e servio de Adm. ^{or} João Ignacio de Oliveira e pelo Escr. ^{am} Ajud. ^e do N. q. ultim. ^e servio João Francisco de Oliveira do 1. ^o de Julho te 19 de 9br. ^o id.	153:996\$251	Idem id. N. ^o 4	13:690:230		68:345:327	13:690:230	
Idem id. do rendim. ^{to} da Meza de diversas Rendas da Cid. ^e do Rio Grande arrecad. ^o pelo Escrivão que interinam. ^e servio de Adm. ^{or} Antonio Izidoro da Costa Ramos de 20 de Outubro ate 20 de Novembro id.....	8:831\$321	Idem id. N. ^o 5	165:483		3:721:837		3:887:320
	338:191\$416	Idem despendido em frente como da conta corr. ^e N. ^o 6	52:937:517	49:664:039	51:394:695		153:996:251
		Idem despendido pelo em frente como da c/c N. ^o 7	2:516:429		5:809:742	503:150	8:326:171
			107:397:542	65:510:179	87:127:327	77:707:368	260:434:048
		Falta por saldo as import. ^{as} q. carregarão das Repartições p. ^r responsáveis os Empregados Jozé Joaq. ^m de Freitas, e Jozé da Costa Vianna; e a p. ^r q. deve responder Antonio Izidoro da Costa Ramos.....					77:707:368
							338:191:416

Rio Grande 21 de Novembro de 1835 — AMERICO JOZÉ FERREIRA CAMBUIM — DEZIDERIO ANTONIO DE OLIVEIRA — ANTONIO MARIA CALVET.

Está conforme — Antonio Maria Calvet — Reconheço verdadeira a assignatura retro do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé de Verdade — O Tabellião Antonio Candido de Campos. Está conforme — Antonio Alvares Per.^a Coruja — 1.^o Secretr.^o.

COPIA N.º 46.

N.º 1.º—E

Mande Vm. paçar ao Segundo Tenente Commandante da Barca Rio Grandense os vencim.^{tos} e comedorias do mez de Setembro proximo findo, importando em quatro centos, e vinte cinco mil e vinte reis, conforme a relação inclusa. Deos Guarde a Vm. Rio Grande 3 de Outubro de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — S.º Jozé Joaquim de Freitas. — Cumpra-se e Registe-se. — Rio Grande 6 de Outubro de 1835. — Freitas. Está conforme. O 1.º Escripturario servindo de Escrivão Jacinto Ignac.º Godinho. — Recebi do Snr. Francisco Vieira de Castro Thezoureiro d'Alfandega desta Cidade, a quantia quatro centos vinte e cinco mil e vinte reis procedidos do imposto da Relação dos saldos e mais vencim.^{tos} que a Guarnição da Barca Rio Grandense venceu no mez de Setembro proximo passado, do que passei o prezente e outro do mesmo theor na referida relação, ambos por mim feitos e assignados. Rio Grande 3 de Outubro de 1835.—Antonio Caetano Ferras, Segundo Tenente Commandante — Está conforme. O 1.º Escripturario servindo de Escrivão — Jacinto Ign.º Godinho. —Está conforme Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé de verdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 47.

N.º 2 — F.

Mande Vm.^{sa} satisfazer aos Empregados da Secretaria da Presidencia os Vencimentos constantes da Relação incluza, e despeza respectiva tudo por conta da quantia marcada na Lei de Orçamento Provincial do Corr.^o anno financeiro para taes despesas. Deos Guarde a Vm.^{sa} Porto Alegre alias Rio Grande 5 de Outubro de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Snr. Jozé Joaquim de Freitas —Cumpra-se e Registe-se — Rio Grande 6 de Outubro de 1835—Freitas. Está conforme—O 1.^o Escripturario servindo de Escrivão Jacintho Ignacio Godinho—Recebi do Snr. Francisco Vieira de Castro, Thesoureiro da Alfandega desta Cidade a quantia de sete centos, e cinco mil cento e vinte reis importancia do meu Ordenado, e do de dous officiaes da Secretaria da Presidencia Gustavo Cezar Vianna, e Francisco Olinto de Carvalho, vencidos em o ultimo de Setembro proximo findo, bem como o importe da despeza com o expediente da m.^{ma} Secretaria, e para o prez.^o e outro na relação respectiva. Rio Grande 5 de Outubro de 1835. — Germano Francisco de Oliveira Secretario da Presidencia—Rs. sete centos setenta, e cinco mil cento e vinte.

Está conforme — O 1.^o Escripturario servindo de Escrivão — Jacinto Ignacio Godinho. Está conforme — Antonio Maria Calvet. Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fev.^o de 1836/. Em fé de Verdade — O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secret.^o

COPIA — Balanco demonstrativo do Cofre da Alfandega do Rio Grande desde o 1.º de Julho te 18 de 9br.º do corrente anno financeiro.

RECEITA

Saldo que ficou existindo do anno financeiro p. p. . . .	49:245\$376
Pelo que se arrecadou em todo o mez de Julho conforme os respectivos Livros de Receita. . .	8:035\$321
Idem idem de Agosto.	1:733\$789
Idem idem de Setembro.	6:403\$312
Idem idem de Outubro.	6:566\$840
Idem idem te o dia 19 de Novembro.	4:843\$100
	76:827\$746

DESPEZA

Pelo que se despendeu conformê as Ord.ª da Thezouraria e com o expediente desde o 1.º de Julho te 30 de Setembro.		28:900\$920
Idem id. p.ª ordem do exPrezidente D.ª Braga no mez de Outubro conforme os respectivos documentos juntos por copia de Nsa. C. Rs.	15:846\$140	
Idem id. p.ª ordem da Thesouraria desde o 1.º do ditto mez de Outubro te 18 de Novembro	6:085\$552	21:931\$699
Saldos existentes a saber:		
Em bilhetes sobre os assignantes desta Alfd.ª.	18:402\$989	
Em conhecim.ªs.	7:000\$000	
Em Sedulas.	140\$000	
Em cobre.	2\$138	25:545\$127
		76:827\$746

Alfandega do Rio Grande 19 de Novembro de 1835 — O Thezoureiro intirino Fran.º Vieira de Castro — O 1.º Escripturnario Jacintho Ignacio Godinho. Está conforme — Antonio Maria Calvet

— Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fev.^o de 1836. Em fé de Verdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

L.^o Secret.^o

COPIA N.^o 48.

N.^o 3 — G

Remetto a Vm. o requerimento incluzo do Baxarel Rodrigo de Souza da S.^a Pontes Juiz de Direito da Comarca do Rio Pardo para que lhe mande satisfazer na forma do despacho dado no mesmo requerimento. Deos Guarde Vm. Rio Grande 5 de Outubro de 1835 — Antonio Rodrigues Frz. Braga — Snr. Jozé Joaquim de Freitas — Cumpra-se e Registe-se. Rio Grande 6 de Outubro de 1835. — Freitas — Illm.^o e Exm.^o Snr — Diz o Baxarel Rodrigo de Souza da S.^a Pontes Juiz de Direito da Comarca do Rio Pardo que lhe estão devendo seos ordenados do ultimo tremestre vencido e por isso roga a V. Ex.^a que se digne m.^{as} lhes pagar por algũa repartição desta Cidade do Rio Grande ou Villa do Norte, por tanto. Pede a V. Ex.^a se digne deferir-lhe na forma requerida E. R. M.^{as} — Rodrigo de Sz.^a da S.^a Pontes — O Senhor Inspector intirino da Alfandega desta Cidade mande satisfazer ao supplicante a quantia de seis centos mil reis do primeiro quartel vencido no ultimo de 7br.^o, findo por conta da quantia marcada na Lei do Orçamento Provincial no corr.^o anno financeiro para taes despezas. Porto Alegre 5 de 8br.^o de 1835 — Braga — Está conforme. O 1.^o Escripturaro servindo de Escrivão Jacintho Ignacio Godinho. Está conforme Antonio Maria Calvet. — Recebi do Illm.^o Snr. Fran.^{co} Vieira de Castro a quantia de seis centos mil reis de ordenado do lugar de Juiz de Direito do Rio Pardo do trimestre que decorreu do 1.^o de Julho ao ultimo de Setembro do corr.^o anno. E para constar passei dois recibos dos quaes só um terá vigor. Cidade do Rio Grande 5 de Outubro de 1835. Rodrigo de Souza da S.^a Pontes. — Rs. 600\$000 — Está conforme — Calvet — Reconheço Verdadeira a assignatura retro do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em fé de Verdade — A Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme

Antonio Alvares Per.^a Coruja

L.^o Secret.^o

COPIA N.º 49.

N.º 4 — G

Mande Vm. satisfazer por conta da Repartição da Fazenda a Martiniano Peixoto de Miranda Guarda da Alfandega de Porto Alegre vinte e cinco mil reis de seu ordenado vencido em o mez de Setembro findo participando-me se será preciso no serviço dessa Alfandega este Empregado para o mandar apresentar a Vm. o quando não lhe darei outro destino em q. utilize o seu serviço em quanto estiver nesta Cidade. Deos Guarde a V. Ex.ª digo a Vm. Rio Grande 6 de Outubro de 1835. — Antonio Roiz" Fernandes Braga — Snr. Jozé Joaquim de Freitas — Cumpra-se e registre-se Rio Grande — 13 de Outubro de 1835 — Freitas — Recebi do Illm.º Snr. Thezoureiro Fran.º Vieira de Castro a quantia de vinte e cinco mil reis proveniente do meu ordenado vencido no mez de Setembro proximo passado como Guarda avulso da Alfandega de Porto Alegre — Rio Grande 7 de Outubro de 1835 — Martiniano Peixoto de Miranda — Está conforme O 1.º Escripturnario servindo de Escrivão — Jacintho Ignacio Godinho — Está conforme Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em fé De verdade — O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.ª Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 50.

N.º 5 — I

Remetto a Vm.ª a relação incluza dos vencimentos que serve em o mez de Agosto proximo o 2.º Tenente Jozé Maria da Rocha q.ª commandou o Cuter Minuano destinado para Guarda e vigia dos ancoradores afim de que lhe mande satisfazer por conta da Repartição da Fazenda. Deos Guarde a Vm.ª Rio Grande 14 de Outubro de 1835 — Antonio Roiz" Fernandes Braga — Sr. Jozé Joaquim de Freitas — Cumpra-se e Registre-se. Rio Grande 16 de Outubro de 1835. — Freitas — Recebi do Snr. Fran.º Vieira de Castro Thezoureiro desta Alfandega a quantia re dezeses mil reis importancia da Relação comedorias e mais vantagens como Commandante do Cuter Minuano vencido no mez de Agosto do corrente anno. E para constar passei o presente e outro na referida Relação. Rio Grande 14 de 8br.º de 1835 — Jozé Maria

Calvet. — Está conforme — Reconheço verdadeira a assignatura supra, do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé Deverdade. — A Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.ª Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 51.

N.º 5 — J

Ordenando nesta datta ao exThezoureiro Pagador das Tropas Jacome da S.ª Arêas para organizar uma Thezouraria provisoria pelo tempo em que existir a Prezidencia nesta Cidade afim de proceder com methodo e formalidade no pagam.º dos Empregados e mais despezas necessarias convem que Vm.ª lhe proporcione na Alfandega desta Cidade uma sala ou então qualquer lugar sufficiente para a estabelecer mandando por a disposição do m.º encarreg.º a quantia de vinte contos de reis logo que esteja estabelecida a dita Thezouraria afim de dar começo aos pagamentos que lhes forem determinados continuando com tudo as despezas até agora feitas p.ª essa Alfandega da mesma forma p.ª que se praticão. Deos Grande a Vm.ª” Rio Grande 5 de Outubro de 1835. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga. — Snr. Jozé Joaq.º de Freitas — Cumpra-se e registre-se — Rio Grande 6 de Outubro de 1835 — Freitas — Está conforme O 1.º Escripturnario servindo de Escrivão—Jacintho Ign.º Godinho—Recebi de Illm.º Snr. Fran.º Vieira de Castro Thezoureiro da Alfandega desta Cidade a quantia de quatorze contos e cinco mil reis q. p.ª ordem do Exm.º Snr. Presidente desta Provincia de cinco do corr.º se me mandou entregar para despezas da Thezouraria Provincial digo Provisoria de que sou encarregado. Rio Grande do Sul 12 de Outubro de 1835 — Declaro que passei dous recibos do mesmo theor dos quaes só um terá validade — Jacome da S.ª Arêas — Rs. 14\$005\$000 — Está conforme. O 1.º Escripturnario servindo de Escrivão Jacintho Ignacio Godinho — Está conforme Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura retro do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836 — Em fé Deverdade O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.ª Coruja

1.º Secretario

COPIA N.º 52.

N.º 2 — K

O Ajudante do Inspector e Thezoureiro da Alfd.^a da Villa de S. Jozé do Norte Jozé
Joaquim Leite de Castro.

DEVE

Pela importancia de sua Receita desde o 1.º de Julho até 18 de Outubro do corrente anno como se vê de respectivo Quaderno que servia de Livro de Receita de f.º 1 a f.º 13 verso.....	11:750\$197
	11:750\$197

HAVER

Importancia despendida no mez de Julho como conta de sete Docum. ^{tos} Archivados.....	764\$490
Idem id. do mez de Agosto como conta de nove Documentos idem.....	881\$856
Idem id. no mez de Setembro como conta de dez Docum. ^{tos} p.º 1.º e 2.º V.º idem.....	407\$940
Idem id. no mez de Outubro como conta de dous Documentos p.º 1.º e 2.º V.º idem.....	845\$020
	2:899\$306
Saldo em que si acha alcançado o respectivo Ajudante do Inspector.....	8:856\$891
	11:756\$197

Alfandega da Villa de S. Jozé do Norte 20 de Novembro
de 1835 — O 2.º Escripturario Servindo de Ajudante do Inspector
Jozé Joaquim Leite de Castro — Reconheço verdadeira a assigna-
tura supra. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836 — Em fé
de verdade o Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 53.

N.º 4— M.

Jozé da Costa Vianna Administrador Ajudante das Meza de Diversas Rendas da Cidade do Rio Grande e Villa de S. Jozé do Norte em c/c com a Fazenda Nacional, pelo que pertence a arrecadação das Rendas Nacionaes na Administração do Norte.

A importancia dos direitos arrecadados do 1.º de	
Julho a 13 de Outubro de 1835, como se vê do	
Livro respectivo de fs. 1 a fs. 12.	82:035\$557
	82:035\$320

A importancia que dispendeu do 1.º de Julho a 22 de	
Setembro, na conformidade das ordens da	
Thesouraria	13:690\$230
Saldo em q" ficou alcançado com a Nação o respec-	
tivo Administrador.....	68:345\$327
	82:035\$557

N. B. Não existem nesta Repartição dois despachos feitos por Jozé de Costa Torres na importancia de hum conto nove centos cessenta e oito mil sete sentos e oitento e sinco reis, de generos que despachou para o Rio de Janeiro, no Brigue Escuna Parobé, no dia 19 de Outubro, os quaes não forão lançados nos Livros respectivos, por haver levado o mesmo Administrador, quando se auzentou desta Villa Norte 20 de Novembro de 1835. — O Administrador Ajudante interino—O Guarda—João Candido da Silva Peixoto — O Escrivão Ajudante interino — Antonio da Silva Rasteiro. Nós abaixo assignados reconhecemos verdadeira as duas assignaturas retro, e juraremos se necessário for pelo conhecim.^{to} que dellas temos. Porto Alegre 12 de Fevr.º de 1836. — João Antonio de Mag.^{as} Calvet. — Antonio Bernardino dos Santos. — Reconheço Verdadeira as duas assignaturas supras do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé de Verdade — O Tabellião — Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 54.

N.º 5 — N.

COPIA — João Candido da S.^a Peixoto, Guarda da Meza de Diversas Rendas da Cidade do Rio Grande, que interimam.^e serve de Adm.^{or} Ajudante da Meza do Norte em C/C com a Fazenda Nacional, pelo q^o. arrecadou de 21 de Outubro a 20 de Novembro de 1835.

DEVE

A importancia, que arrecadou, como do Quaderno da Receita Geral.....	3:887\$320
	3:887\$320

HAVER

A importancia que despendeu de 25 de Outubro a 20 de Novembro, como do Quaderno de Despeza a fs. 1.....	165\$483
Saldo da em cima que passa a conta nova.....	3:721\$837
	3:887\$320

Neste 20 de Novembro de 1835. — O Administrador Ajudante intirino O Guarda João Candido da S.^a Peixoto. — O Escrivão Ajudante Antonio da S.^a Rasteiro — Nós abaixo assignados reconhecemos serem verdadeiras as duas assignaturas retro serem dos proprios assignados pelo conhecimento que dellas temos, e juraremos se necessario for. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836 — João Antonio de Mag.^{as} Calvet.—Antonio Bernardino dos Santos. Reconheço verdadeira as assignaturas retro, digo supra, do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevr.^o 1836. — Em fé Deverdade O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secretario

COPIA N.º 55.

N.º 6 — O.

COPIA. — O Escrivão Ajudante da Meza de diversas Rendas da Villa de S. José do Norte, e encarregado interinam.^c da Administração desta Cidade em c/e com a Fazenda Nacional desde o dia 5 te 19 de Outubro de 1835.

DEVE

A importancia do mez de Julho.....	112:714\$060
Idem de Agosto.....	20:872\$491
Idem de Setembro.....	15:671\$761
Idem do 1.º te 19 de Outubro.....	4:737\$939
	153:996\$251

HAYER

A importancia despendida pelo Adm. ^{or} João Ignacio de Oli- veira de Julho a 7br.º deste anno como se vê do L.º de Despeza respectiva, e das 2. ^{as} Vias que se acham archi- vadas na Repartição.....	51:980\$667
Idem id. pelo m. ^{mo} Adm. ^{or} do 1.º a 5 de Outubro deste anno, cujos docum. ^{tos} tão bem existem archivados mas se não acham lançados no d.º L.º e se vê na relação N. 1.....	956\$850
Idem da Despeza feita pelo Adm. ^{or} interino João Francisco de Oliveira e consta dos docum. ^{tos} junto a relação N. 2	4:996\$039
Idem do saldo que entrega ao Admi- nistrador interino Deziderio Antonio de Oliveira.	

A saber:

Em moeda corrente.....	12:243\$000	
Em letras a vencer.....	39:151\$695	51:394\$695
		153:996\$251

Rio Grande 21 de Novembro de 1835. — O Escrivão interino Antonio Izidoro da Costa Ramos — O Admi.^{or} interino João Francisco de Oliveira. — Está conforme — Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura retro do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé de Verdade — O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secret.^o

COPIA N.^o 56.

N.^o 1 — P.

Relação dos docum.^{tos} de despeza feita pelo Escrivão da Meza de diversas Rendas desta Cidade João Ignacio de Oliveira do 1.^o a 5 de Outubro deste anno resto do tempo que servio de Administrador da mesma Meza os quaes estão tomados no livro de despeza respectivo mas existem archivados nesta Repartição: a saber:

Pret pago ao Com. ^a dos Permanentes do soldo vencido no mez de 7br. ^a	80\$000
Relação paga aos soldados do mesmo Corpo como a cima.....	274\$800
Feria da despeza feita com a marcação e fiscalisação dos couros.....	29\$650
Dita da despeza feita com o expediente desta Repartição	122\$400
Recibo do ordenado pago a mestra de 1. ^{aa} Letras desta Cidade 1. ^o quartel deste anno.....	150\$000
Idem do dito Mestre de 1. ^{aa} Letras desta Cidade idem	150\$000
Idem ao profeçor de Latim desta Cidade.....	150\$000
	956\$850

Rio Grande 21 de Novembro de 1835. — O Administrador interino João Fran.^{co} de Oliveira — Está conforme. Antonio Maria

Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevr.º de 1836. — Em fé de Verdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 57.

N.º 2 — Q.

Relação dos Documentos originaes da despeza feita pelo Escrivão Ajudante da Meza de diversas Rendas da Villa do Norte João Francisco de Oliveira que intirinamente Administrava a Meza de diversas Rendas desta Cidade de 5 até 19 de Outubro deste anno. a saber:

Documento N.º 1.....	16:500\$000
Dito N.º 2.....	750\$000
Dito N.º 3.....	2:000\$000
Dito N.º 4.....	7:000\$000
Dito N.º 5.....	7:000\$000
Dito N.º 6.....	200\$000
Dito N.º 7.....	20\$000
Dito N.º 8.....	20\$000
Dito N.º 9.....	781\$385
Dito N.º 10.....	68\$420
Dito N.º 11.....	7:730\$000
Dito N.º 12.....	7:594\$228
	49:664\$033

Rio Grande 21 de Novembro de 1835 — O Administrador intirino João Francisco de Oliveira. — Está conforme. Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em fé Deverdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 58.

N.º 1 — R.

Recebi do Snr. João Francisco de Oliveira encarregado de Administ.^{er} Ajudante e Thezoureiro das Mezas de diversas Rendas do Rio Grande a quantia de dezesseis contos e quinhentos mil reis em conhecimentos por conta do que tem arrecadado sobre dita Meza e para sua descarga lhe passo o presente que será apresentado no ajuste de suas contas Rio Grande 16 de Outubro de 1836. — O Adm.^{er} e Thezoureiro intirino, Jozé da Costa Vianna — Rs. 16:500\$000. — Está conforme Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra, do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé Deverdade. O Tabellião — Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.º Secret.^o

COPIA N.º 59.

N.º 2 — S.

Marcando a Lei de Orçamento Provincial para o corrente anno financeiro a gratificação de dous contos e quatro centos mil reis para o encarregado da Secretaria da Provincia seis centos mil reis para as despesas do seo expediente cumpre que Vm.^{es} lhe mande pagar o quartel vencido no ultimo de Setembro proximo findo. Deos Guarde a V. M.^{es} Rio Grande 5 de Outubro de 1835. — Antonio Roiz. Fernandes Braga. — Snr. Adm.^{er} da Meza de diversas Rendas desta Cidade. — Cumpra-se e registre-se. Rio Grande 5 de Outubro de 1835. — Oliveira — Recebi do Snr. João Francisco de Oliveira Adm.^{er} e Thezoureiro Ajudante da Meza de diversas Rendas desta Cidade por ordem da Prezidencia da Provincia a quantia de sete contos e cincoenta mil reis em pagamento do primeiro quartel vencido das quantias que me forão consignadas no anno corrente financeiro na qualidade de encarregado da Statistica da mesma Provincia e para que conste passo este por mim assignado e outro do m.^{mo} theor dos quaes um só valerá. Rio Grande 8 de Outubro de 1835. — Jozé Marcilino da Rocha Cabral. — Está conforme. Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em fé Deverdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^o Coruja

1.º Secret.^o

COPIA N.º 60.

N.º 3 — T.

Tendo encarregado a Jozé dos Santos Magano do fornecimento dos objectos precizos ás Forças de Mar e Terra cumpre que para o fim indicado mande Vm.^{ca} por a disposição do dito Magano a quantia de dous contos de reis. Deos Guarde a Vm.^{ca} Rio Grande 14 de Outubro de 1835. Antonio Roiz. Fernandes Braga. — Snr. Adm.^{or} das diversas Rendas desta Cidade. Recebi do Snr. João Francisco de Oliveira Adm.^{or} Ajudante intirino da Meza de diversas Rendas a quantia de dous contos de reis em moeda corr.^a que por ordem do Exm.^a Prezidente desta Provincia me são entregues para fornecim.^{to} da força armada e Embarcações de que estou encarregado pelo mesmo Exm.^a Snr. e por verdade mandei passar dous de um theor que só um terá valor. Rio Grande 14 de Outubro de 1835.—Jozé dos Santos Magano. Rs. 2:000\$000—Está conforme — Antonio Maria Calvet. Reconheço verdadeira a assignatura supra, do que dou fé Porto Alegre 12 Fevereiro de 1836. — Em fé Deverdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.º Secret.^o

COPIA N.º 61.

N.º 4 — U.

Ordena o Prezidente da Provincia ao Snr. Administrador da Meza de diversas Rendas deste Cidade ponha a disposição de Jozé dos Santos Magano encarregado do fornecim.^{to} da força armada e Embarcações Nacionaes a quantia de sete contos de reis para as despesas respectivas. Rio Grande 6 de Outubro de 1835.—Antonio Roiz Fernandes Braga. — Recebi do Snr. João Franc.^{co} de Oliveira Adm.^{or} e Thezoureiro Ajudante interino da Meza de diversas Rendas desta Cidade a quantia de sete contos de reis que por ordem do Exm.^a Prezidente desta Provincia me são entregues para o fornecimento das Embarcações de Guerra e força armada de terra de que estou encarregado pelo mesmo Exm.^a Snr.; para clareza mandei fazer o presente por duplicado. Rio Grande 6 de Outubro de 1835. — Jozé dos Santos Magano. R. 7:000\$000 — Está conforme Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé Deverdade. O Tabellião — Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.º Secret.^o

COPIA N.º 62.

N.º 5 — V.

Mande Vm.^{ca} entregar a Jozé dos Santos Magano a quantia de sete contos de reis que despendeo conforme as ordens desta Presidência. Rio Grande 12 de Outubro de 1835. — Snr. Adm.^{or} da Meza de diversas Rendas desta Cidade. — Recebi do Snr. João Francisco de Oliveira Administrador e Thezoureiro Ajudante intirino da Meza de diversas Rendas desta Cidade a quantia de sete contos de reis em moeda corr.^a os quaes me são entregues por ordem do Exm.^o Snr. Presidente desta Provincia para o fornecimento da força armada de Mar e terra de que sou encarregado pelo m.^{mo} Exm.^o Snr. Por verdade passei o presente por duplicado. Rio Grande 13 de Outubro de 1835. — Jozé dos Santos Magano. Rs. 7:000\$000. — Está conforme. Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé Deverdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secret.^o

COPIA N.º 63.

N.º 6 — X.

Mande Vm.^{ca} por a disposição do Juiz Municipal de Direito intirino desta Cidade Joaquim digo Jozé Vieira Braga a quantia de duzentos mil reis para pagam.^{to} dos individuos engajados para o serviço da Policia afim de manter-se o socego Publico. Deos Guarde a Vm.^{ca} Rio Grande 6 de Outubro de 1835. — Antonio Roiz. Fernandes Braga. — Snr. Administrador da Meza de diversas Rendas desta Cidade. — Recebi do Snr. Administrador intirino das diversas Rendas a quantia de duzentos mil reis por ordem do Exm.^o Snr. Presidente desta Provincia para pagam.^{to} de individuos que engajei para o serviço de Policia para certeza do que passei dous de um theor que só um terá valor. Rio Grande 7 de Outubro de 1835. Jozé Vieira Braga, Juiz de Direito intirino — Rs. 200\$000. — Está conforme. Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé Deverdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secret.^o

COPIA N.º 64.

N.º 7 — Z.

Feria para pagamento dos Empregados na Visita da Saude no Porto desta Villa —

O Inspector e Secretario Thomaz Vieira do Couto venceo pela visita que fez no dia 28 do passado á Polaca Franceza Patale vinda de Marseille.....	8\$000
O Guarda Jozé Francisco Quinta venceo pela mesma...	2\$000
O dito Satiro Jozé da Silva.....	2\$000
O Escaler pela condução da visita venceo.....	8\$000
	20\$000

Rio Grande 12 de Outubro de 1835 — Thomaz Vieira do Couto Inspector e Secretario — Manoel Gomes da Silva Provedor da Saude. — Recebi do actual Adm.^{or} intirino da Meza de diversas Rendas desta Cidade o Snr. João Fran.^{co} de Oliveira a quantia acima mencionada. Rio Grande 12 de Outubro de 1835. — Thomaz Vieira do Couto. Está conforme Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em fé de verdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 65

N.º 8 — Y.

A Meza das diversas Rendas á Tipografia do Mercantil deve — Pela impreção de duzentas pautas vinte mil reis — Recebi a conta acima. Rio Grande 17 de Outubro de 1835 — Sabino Antonio de Souza Niteroy — Reconheço verdadeira a letra supra. ser do punho de Antonio Maria Calvet: do que dou fé. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em fé Deverdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 66.

N.º 3 — L.

O 2.º Escripturario Servindo de Ajudante do Inspector e Thezoureiro da Alfandega da Villa de S. Jozé do Norte Jozé Joaquim Leite de Castro, em conta corrente com a Fazenda Nacional.

Pelo importe de sua Receita desde 19 de Outubro até esta data como consta e se vê do respectivo Quaderno, que servia de Livro de Receita de folhas 1 a fs. 5.....

857\$024

857\$024

Importancia que despendeo no mez de Novembro como consta de seis Documentos Archivados.....

201\$098

Em Letras a vencer em 31 de Janr.º p. futuro 179\$715 e em 30 de Abril 182\$370.....

362\$085

Dinheiro em Cofre.....

293\$841

857\$024

Alfandega da V.ª de S. Jozé do Norte 20 de Novembro de 1835 — O 2.º Escripturario Servindo de Ajudante do Inspector e Thezoureiro — Jozé Joaquim Leite de Castro — Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836 — Em fé Deverdade o Tabellio Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.ª Cornuja

1.º Secret.º

COPIA N.º 67.

N.º 9 — A. A.

Folha de pagamento dos Empregados da Meza de diversas Rendas da Cidade do Rio Grande do 1.º Quartel de seus Ordenados no corrente anno financeiro de 1835 a 1836

O Escrivão João Ignacio de Oliveira..... 150\$000

Recebi aq.^{ta} de cento e cincoenta mil r.^s do meu ordenado do 1.º Quartel do corrente anno financeiro. Rio Grande 1.º de Outubro de 1835. — João Ignacio de Oliveira.

O Escripturario Jacinto Ignacio Godinho e Costa vence de 5 de Julho..... 5\$555

Recebi a quantia de cinco mil quinhentos e cincoenta e cinco r.^s que venci no 1.º Quartel do Corr.^o anno financeiro. Jacinto Ignacio Godinho e Costa.

O Escripturario Antonio Izidoro da Costa		
vence como Guarda te 24de Agosto	45\$500	
Como Escriptr. ^o de 25 em diante.....	40\$000	
Gratificação de Calculista id.....	10\$000	95\$000

Recebi do Adm.^{or} Thezoureiro intr.^o a q.^{ta} de 95\$000 r.^s do meu ordenado do 1.º Quartel do corr.^o anno financeiro. Rio Grande 1.º de 8br.^o de 1835. Antonio Izidoro da Costa Ramos.

O Conferente Jozé Francisco de Siqueira...	100\$000	
Gratificação	25\$000	125\$000

Recebi a q.^{ta} de cento e vinte e cinco mil reis do meu ordenado do 1.º Quartel do corr.^o anno financeiro. Rio Grande 1.º de Outubro de 1835. — Jozé Francisco de Siqueira.

O Amanuence Felisberto Jozé de Castro		
desconto de desesete dias.....	60\$833	
Gratificação de Calculista 27 dias.....	7\$500	68\$333
		443\$888

Recebi aq.^{ta} acima de 68\$335 r.^s do meu ordenado do corr.^o anno financeiro, Rio Grande 1.^o de Outubro de 1835. — Felisberto Jozé de Castro.

O Amanuence Francisco Jozé Ferreira Tamoio desconto de 13 dias.....	64\$166	
Gratificação de Calculista 27 dias.....	7\$500	71\$666

Recebi aq.^{ta} de 71\$666 r.^s do 1.^o Quartel do meu ordenado do corr.^o anno financeiro. Rio Grande 1.^o de Outubro de 1835. — Francisco Jozé Ferreira Tamoio. O Guarda Cipriano Jozé Ferreira Barata...

75\$000

Recebi aq.^{ta} de 75\$ r.^s de ordenado do 1.^o Quartel do corr.^o anno financeiro. Rio Grande 1.^o de Outubro de 1835. — Cipriano Jozé Ferreira Barata.

O Guarda Antonio Rodrigues Pontes venceo té 1.^o de Agosto.....

36\$666

Recebi aq.^{ta} de trinta e seis mil seis centos e sessenta e seis r.^s do meu ordenado vencido té 17 de Agosto do corr.^o anno financeiro. Rio Grande 1.^o de 8br.^o de 1835. — Antonio Roiz.^o Pontes.

O Guarda Francisco Ignacio de Souza....

75\$000

Gratificação de Agente nos mezes de Agosto e 7br.^o dos lamsam.^{tas} do Banco da Provincia

40\$000

115\$000

Recebi aq.^{ta} de cento e quinze mil r.^s do 1.^o Quartel do meu ordenado no corr.^o anno financeiro. Rio Grande 1.^o de 8br.^o de 1835. — Francisco Ignacio de Souza.

O Guarda Jozé Candido da Silva Peixoto vence de 22 de Setembro... ..

7\$500

Recebi da Adm.^{ta} Ajud.^a intr.^a aq.^{ta} de sete mil e quinhentos r.^s do meu ordenado do 1.^o quartel do corrente anno financeiro. — Jozé Candido da Silva Peixoto.

O Guarda Tristão Joaquim da Silva vence de 22 de Setembro.....

7\$500

Recebi do Adm.^{or} Ajud.^o inter.^o aq.¹¹
de sete mil e quinhentos r.^s do meu orde-
nado do 1.^o quartel do corrente anno finan-
ceiro. Rio Grande 1.^o de Outubro de 1835.
— Tristão Joaquim da Silva.

O Guarda João Teixeira Mag.^{as} vence de
23 de 7br.^o..... 6\$666

Recebi aq.^{11a} de 6\$666 r.^s do meu orde-
nado do 1.^o quartel do corr.^o anno finan-
ceiro. Rio Grande 1.^o de 8br.^o de 1835.
— João Teixeira de Mag.^{as} Almeida.

O Guarda Francisco de Paula Freitas vence
de 23 de 7br.^o..... 6\$666

Recebi aq.^{11a} de 6\$666 r.^s do meu orde-
nado vencido do 1.^o quartel do corr.^o anno
financeiro. Rio Grande 1.^o de 8br.^o de 1835
— Francisco de Paula Freire.

O Guarda Rafael Ignacio de Azevedo vence
de 25 de 7br.^o..... 5\$000

Recebi do Adm.^{or} Ajud.^o a quantia de
cinco mil r.^s do meu ordenado do 1.^o quartel
do corr.^o anno financeiro. Rio Grande 1.^o de
8br.^o de 1835. — Rafael Ignacio de Azevedo.

O Guarda João Baptista Gomes vence de
24 de 7br.^o..... 5\$833

781\$385

Recebi aq.^{11a} de cinco mil oito centos
e trinta e tres r.^s do meu ordenado do 1.^o
quartel do corr.^o anno financeiro. Rio
Grande 1.^o de 8br.^o de 1835. — João Baptista
Gomes.

Certifico haver pago o Snr. Adm.^{or} e Thezoureiro a quantia
de sete centos e oitenta e um mil trezentos e oitenta e cinco reis.
importancia desta Folha. — Rio Grande 21 de Novembro de 1835.
— O Escrivão interino Antonio Izidoro da Costa Ramos. — Está
conforme — Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a
assignatura supra, do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro
de 1836. — Em fé de Verdade. — A Tabellião Antonio Candido
de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secret.^o

COPIA N.º 68.

N.º 10 — B. B.

Folha para pagamento do 1.º quartel do anno financeiro de 1835 a 1836 dos ordenados do Vigario e Coadjutor desta Cidade pelo Ministerio da Justiça.

O Vigario Francisco Ignacio da Silveira..... 55\$920

Recebi do Snr. Thezoureiro da Meza de diversas Rendas a quantia de cincoenta e cinco mil novecentos vinte r.º da minha congrua e guizamentos de Parocho collado na Matriz desta Cidade vencidos de 1.º de Julho te ultimo de 7br.º deste anno; e por haver recebido a referida quantia mandei passar o presente que vae p.º mim som.º assignado. Rio Grande 12 de Outubro de 1835. — O Vigario Fran.º Ign.º da Silveira.

O Coadjutor João Roiz. Gualberto..... 12\$500

68\$420

Recebi do Snr. Thezoureiro da Meza de diversas Rendas a quantia de doze mil e quinhentos r.º proveniente da minha congrua de Coadjutor da Matriz desta Cidade vencido desde 1.º de Julho te o ultimo de 7br.º deste anno de qº passo o prez.º Rio Grande 12 de Outubro de 1835. — O Coadjutor João Roiz. Gualberto

Certifico que pela prezente Folha do Ministerio da Justiça forão pagos os Empregados acima mencionados de seus quarteis pelo Adm.º e Thezoureiro João Fran.º de Oliveira.—Está conforme Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura retro, do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé Deverdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.º Coruja

1.º Secret.º

COPIA N.º 69.

N.º 11 — C. C.

Recebemos do Adm.^{or} intirino das Mezas de diversas Rendas desta Cidade do Norte Snr. Jozé da Costa Vianna a quantia de sete contos sete centos e trinta mil reis a conta de maior quantia em virtude da ordem da Thezouraria desta Provincia de 8 de Agosto provimo passado sobre outra do Thezouro Publico de 16 de Junho do corr.^o anno. E para constar passamos tres de um theor que só um terá vigor. Rio Grande 11 de Outubro de 1835. Laus Irmãos e Companhia. — Rs. 7:730\$000. — Está conforme. Antonio Maria Calvet. Reconheço verdadeira a assignatura supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. Em fé Deverdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secreto

COPIA N.º 70.

N.º 12 — D. D.

Recebemos do Ad.^{or} interino da Meza de diversas Rendas desta Cidade Snr. Jozé da Costa Vianna a quantia de sete contos quinhentos e noventa e quatro mil duzentos e vinte e oito reis a conta de maior quantia em virtude da ordem do Thezoureiro desta Provincia de oito de Agosto sobre outra do Thezoureiro Publico de 16 de Julho do corr.^o anno e para constar passamos trez de um theor que só um terá vigor. Rio Grande 16 de Outubro de 1835. — Laus Irmãos e Companhia Rs. 7:594\$228—Está conforme. Antonio Maria Calvet. — Reconheço verdadeira a assignatura retro aliás supra, do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé Deverdade. O Tabellião Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.^a Coruja

1.^o Secreto

COPIA N.º 71.

N.º 7 — E. E.

O Escripturario da Meza de Diversas Rendas da Cidade do Rio Grande encarregado interinamente da Administração da mesma Meza desde 20 de Outubro até 20 de Novembro deste anno em C/Corr.ª com a Fazenda Nacional pelo que arrecadou no dito tempo.

DEVE

Importancia dos direitos do Dizimo que arrecadou como se vê do Quaderno Auxiliar da Receita	1:109\$720
Idem dos direitos de 20 p. % idem.....	4:237\$901
Idem das de 2 p. % de sahida.....	383\$847
Idem das da Junta do Comercio.....	46\$800
Idem dos Despachos Maritimos.....	103\$608
Idem do Imposto da Carne verde.....	642\$300
Idem da Siza e meia Sizas.....	323\$600
Idem dos direitos de 15 p. % das Embarc.ªª.....	50\$000
Idem dos 40 p. % na Agoardente.....	1:922\$863
Idem do rendimento do Sello.....	11\$610
	8:831\$321

HAYER

A importancia da despeza feita no tempo assima mencionado como se vê do Quaderno e documento de despeza.....	2:516\$429
Saldo que entrega ao Administrador Deziderio Antonio de Oliveira para saldo da emcima....	5:809\$742
Saldo em que se acha alcançado.....	505\$150
	8:831\$321

Rio Grande 21 de Novenmbro de 1835. — O Administrador Antonio Izidoro da Costa Ramos. — O Escrivão interino Felisberto Jozé de Castro. — Nós abaixo assignados reconhecemos as duas assignaturas retro,e juraremos se necessario for pelo conhecimento que temos dellas. — Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — João Antonio de Magalhães Calvet. — Antonio Bernardino dos Santos. — Reconheço verdadeiras as duas assignaturas supra do que dou fé. Porto Alegre 12 de Fevereiro de 1836. — Em fé de Verdade. — O Tabellião. — Antonio Candido de Campos.

Está conforme.

Antonio Alvares Per.ª Coruja

1.º Secret.º

AURELIO PORTO

NOTAS

AO

PROCESSO DOS FARRAPOS

Officinas graficas do ARQUIVO NACIONAL

1934

Exmo. Sr. Dr. João Alcides Bexeria Cavalcanti

M. D. Director do Archivo Nacional

Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. as notas referentes ao 3.º vol. dos Documentos Historicos relativos á Revolução Farroupilha e XXXI das Publicações do Archivo Nacional.

E' com prazer que consigno aqui, ao terminar a commissão de que fui incumbido pelo Governo do meu Estado, de acompanhar essas Publicações, a grande somma de gratidão de que lhe são devedores não só o Rio Grande do Sul, como o paiz inteiro, por haver V. Exa. possibilitado melhor conhecimento dos factos que determinaram a Revolução de 1835 e a consequente Republica Riograndense.

Até então, por deficiencia de divulgação dos preciosos documentos que vimos publicando, o movimento insurrecional que ha um seculo estalou no extremo sul, era visto através de um estreito criterio regional e separatista. Bordavam-se em torno das causas predisponentes desse surto revolucionario verdadeiras lendas, envolvendo supposta falta de brasileirismo com que foram combatidos, injustamente, os proceres da grande revolução. Entretanto, mercê a documentação copiosa que opulenta os tres volumes publicados, modifica-se completamente essa mentalidade, chegando-se á conclusão insophismavel de que a Revolução de 35 foi um elo dessa corrente inquebravel do revolucionarismo brasileiro, tendente a estabelecer no paiz normas mais consentaneas com a democracia inata em nossas populações, cuja precípua aspiração

seria vincular a nacionalidade por laços federativos, como reflexo das grandes reformas sociaes e politicas que abalaram o mundo no ultimo quartel do seculo XVIII.

A' frente do movimento liberal do Rio Grande do Sul, que vinha sendo preparado pelo escol de seus homens, quer na imprensa, quer nos fogões gaúchos, viam-se destacados elementos que no convivio do grande mundo haviam bebido salutares lições de democracia, e cuja predica engrossava as correntes da opinião publica. Outros influindo directamente sobre a consciencia civica do riograndense, vinham, como o padre Caldas, formidavel desseminador de ideias, da malograda Confederação do Equador, trazendo ainda, quente e vivo, o echo dos gritos heroicos desses audazes plasmadores de novos ideaes.

A Revolução de 35, vista agora através de novos elementos para julgal-a, enquadra-se, perfeitamente, no panorama da formação civica brasileira. Foi feita por brasileiros de todas as Provincias, e aceita, com enthusiasmo, pelas classes mais desprotegidas do povo, pelos humildes gaúchos de todas as condições sociaes, em cujos corações, forte e elevado, palpitava o sentimento de um grande patriotismo.

Agora podemos nós, os brasileiros que, do sul ao norte, nos estreitamos no mesmo amplexo de solidariedade nacional, bemdizer e exaltar a cruzada farroupilha. Ella foi, como todos os gestos heroicos do Rio Grande, na defesa secular das lindes meridionaes do paiz, mais um laço a nos unir, mais uma manifestação de nacionalismo viril, aspirando para a Patria indivisivel melhor organização politica, dentro dos moldes democraticos que presidiam á formação das nacionalidades americanas.

Ficam ainda, no Archivo Nacional, documentos preciosos que, juntamente com os do Itamaraty e Bibliotheca Nacional, constituiriam mais alguns volumes e cuja divulgação seria obra de patriotismo. Infelizmente, não nos será dado o prazer de publical-os.

Permitta, sr. Director, ao terminar a minha tarefa, fazer a referencia devida aos funcionarios das Officinas Graphicas do

Arquivo Nacional, pela dedicação, pela intelligencia, pelo operosidade com que sempre attenderam aos trabalhos concernentes a estas Publicações. Efficientes collaboradores do meu modesto esforço, tendo á frente o competente technico sr. Olympio Francisco Heitor, Inspector das Officinas Graphicas, merecem a justa homenagem que lhes presto, e a gratidão de todos nós.

Receba V. Ex. os meus protestos de alta estima e admiração.

Rio — Março — Maio — 1935

Aurelio Porta

Do Arquivo Historico do Rio Grande do Sul,
em commissão junto ao Arquivo Nacional.

O "PROCESSO DOS FARRAPOS"

(3.^o Volume)

NOTAS de Aurelio Porto

Neste volume, 3.^o dos Documentos relativos á Revolução de 35, e XXXI da serie de *Publicações do Archivo Nacional*, inserimos o 3.^o volume do "Processo dos Farrapos", codice manuscripto inedito do Archivo e ultimo da respectiva collecção. No mesmo iniciamos a publicação de valiosos documentos que se referem ás causas determinantes da Grande Revolução. Não nos foi possível reunir ao mesmo volume documentos dos Archivos do Itamaraty e da Bibliotheca Nacional, em nosso poder, o que daria grande amplitude ao tomo, muito embora parte consideravel desse material, se refira a antecedentes historicos do farroupilhismo.

Divide-se este volume em tres partes:

I — 3.^o e ultimo volume do "Processo dos Farrapos".

II — Memorias Historicas sobre a Revolução de 1835.

III — Documentos que acompanham a Representação da Assembléa Provincial contra o Presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga, codice inedito da Bibliotheca Nacional.

O "PROCESSO DOS FARRAPOS" (3.^o volume). Abrange esse código que occupa 172 paginas da presente *Publicação*, documentos dos annos de 1837 a 1843. Nelle encontraremos varias cartas particulares de proceres republicanos, interessantissimas para o conhecimento de alguns acontecimentos da epoca e outras de caracter intimo que demonstram as convicções arraigadas porque se batiam esses homens valorosos. Reproduzem-se dois

jornaes da actualidade: *Gazeta Mercantil e Campeão da Legalidade*, a que nos referiremos em *nota* especial. Alem da Formação da Culpa de novos rebeldes, encontram-se, tambem ahi, nomes de republicanos denunciados pelo crime de rebellião, ainda não comprehendidos nos volumes anteriores do "Processo", e a sentença do respectivo Juiz de Paz, que os condemnou em 31 de Agosto de 1837. Constam do mesmo volume documentos referentes á amnistia de varios réos, em sua maior parte presos no Rio de Janeiro, sendo elles: O padre Juliano de Faria Lobato, Manoel Esteves de Rezende, João Antonio da Silveira Barulho, João Ferreira Alves, Firmino Telles de Menezes, Manoel Antonio de Aranda, Maximiano Gonçalves de Saibro, Antonio Maria Calvet, tenente Luiz José dos Reis Alpoim, Januario José Fernandes, Antonio Fernandes Chaves, Laurentino Antonio da Silva, Alexandre Bueno de Camargo Borba Tibiriçá, Antonio Alvares Pereira Coruja, Francisco Estacio Borges, Pedro Pereira de Carvalho, José Feliciano França e Antonio Candido de Campos. — Mas, a parte mais interessante consiste no Processo crime intentado contra o brigadeiro Bento Manoel Ribeiro e outros, (pag. 81) a que nos temos referido nos volumes anteriores, em consequencia da prisão, feita por este, do brigadeiro Antero José Ferreira de Brito, presidente da Provincia, no Itapevy. Termina o volume com a sentença do Juiz de Paz condemnando, em 12 de Dezembro de 1837, os primeiros cabeças da Revolução. Como se deprehende dessa ligeira summula, precioso pela materia nova que encerra, é esse 3.º volume do "Processo dos Farrapos" com que se termina a respectiva série.

Pag. 6 — FARROUPILHAS. A palavra *Farroupilha*, designando *pessoa esfarrapada*, tem fóros de grande antiguidade na lingua. Antigos dictionarios a consignam, como veremos, e, segundo Constancio, é formada de *farrapo* e do desusado *ilha*. Mas, cabe a Antonio Moraes e Silva a prioridade do registo, na 1.ª edição de seu Dictionario impresso em Lisboa em 1789, e que não é mais do que uma nova edição do de d. Rafael Bluteau, reformado e accrescentado pelo nosso primeiro lexicographo. Dahi em diante apparece em quasi todos os dictionarios da lingua, como substantivo masculino. Mas Domingos Vieira, na edição de 1873, já o dá como "s. de 2 gen."

Com a accepção de "faccioso, revoltoso" é um brasileirismo. Existe no Archivo Nacional um documento de principios do seculo XVIII, cuja indicação, infelizmente, perdemos, e em que um capitão-mór, das proximidades do Rio de Janeiro, communica

às autoridades que um "partido de farroupilhas", ou grupo, se dirigia á capital, afim de fazer um protesto contra determinada imposição da edilidade. Teschauer, restringindo a sua significação ao caso riograndense, consigna em seu *Novo Diccionario Nacional*: "*Farroupilhas*, adj. diminutivo de farrapo — glorioso titulo dos republicanos riograndenses." Não é, como veremos, um *adjectivo diminutivo* de farrapo e, sim, como registam os vocabularios da lingua um *substantivo commum*. E, no caso do Rio Grande, será interessante constatar que *Farrapo* é designação posterior á *Farroupilha*, e, por consequencia, um appellativo por analogia. Designando partidistas, ou membros de uma agremiação politica, é sempre usado como substantivo. E' o caso dos dois pequenos jornaes, publicados em 1831, no Rio de Janeiro: — *Jurujuba dos Farroupilhas* e *Matraca dos Farroupilhas*. E veremos mais adeante que não só no Rio, como no Rio Grande, Farroupilha toma acceção ainda mais restricta e se torna, emfim, synonymo de *Federalista*.

A Confederação do Equador, em que ecoavam ainda os gritos de liberdade dos pernambucanos de 1817, deixara profundas raizes, que iam solapando os alicerces monarchicos. No Rio de Janeiro, onde agira o padre José Antonio de Caldas, singular figura de agitador e de revolucionario, como agente de ligação dos ideaes federalistas de 24, fizera largo proselitismo o heroico protesto pernambucano.

E' quando surge na capital do paiz essa ala *exaltada* do liberalismo nacional, que se intitula *Farroupilha*, e que promove os disturbios de março, precursorês do 7 de abril de 1831. Della fazem parte os maiores agitadores do momento, contando-se entre elles o proprio padre Feijó que, feito o 7 de abril, deserta das fileiras ultra-liberaes e federalistas para se tornar "moderado"; Miguel de Frias e Vasconcellos, que mais tarde promove a rebellião de 1832; Reis Alpoim, que, deportado para o Rio Grande, como veremos, arvora ali, em 32, o estandante da grei nacional dos *Farroupilhas*; João Baptista de Queiroz, o paulista valente e tenaz, jornalista de acção, que enfrenta Evaristo, exalta Paes de Andrade, e eleva ás alturas de martyr nacional, essa figura altamente suggestiva de Cipriano Barata.

O ideal desse partido politico que promoveu a quêda do primeiro imperio é o regime federativo, sob a fórmula republicana. Realizada a aspiração popular com o 7 de abril, surgem na arena da imprensa da capital varios pequenos jornaes que são portavôzes dessas

ideias. Tres, principalmente, advogam esses principios, preconizando a organização da mallograda Confederação do Equador. São elles *O Clarim da Liberdade*, *O Jurujuba dos Farrroupilhas* e *A Matraca dos Farrroupilhas*. *O Clarim* é francamente federalista e seus artigos de uma vehemencia extraordinaria atacam os farrroupilhas trahidores, que, chegando ao governo, esquecem os principios pelos quaes se bateu o povo nessa memoravel cruzada que derribou o primeiro imperio, e proclama "que os farrroupilhas eram os que nas noites de março se bateram pela Liberdade."

Não menos interessante é o *Jurujuba dos Farrroupilhas*, que appareceu a 7 de setembro de 1831. Seu redactor, pelo que se deprehende da leitura do periodico, foi o proprio João Baptista de Queiroz, que teve papel predominante desde a proclamação da Independencia e que rejeitou cargos de alta relevancia para continuar a ser o defensor do federalismo, e dos ideaes que consubstanciaram a rebellião pernambucana de 24. Esse pequeno jornal se publicava na Typ. de Torres, e delle existe na Bibliotheca Nacional uma colleccão desde o n.º 2 ao n.º 14. (I-3, 13). Trazia no cabeçalho o seguinte distico: "Nem todos os que são de Israel, são israelitas. — S. Paulo aos Romanos, C. 9. v. 16." A linguagem desse valente propugnador do liberalismo exaltado, é violenta e vibrante. Ataca os actos do governo, as perseguições que se fazem contra os farrroupilhas, e exalta o patriotismo de Paes de Andrade, o chefe da Confederação do Equador, e de Cipriano Barata, o martyr das liberdades brasileiras. Illustrativos alguns periodos, destacados ao acaso, de seus numeros: "Este Farrroupilha que tens diante de ti, Hypocrita de Matta Porcos, tem dado na pista dos velhacos, e já descobriu remedio para tudo, sem bixas, nem de Roi, nem tonicos de ferro do padre Feijó, e petas de Januario e Evaristo." E em outro: "Os Farrroupilhas patriotas não tem guerra com portuguez, nem com inglez, e francez, e não querem Republicano Despotismo Militar, como o de nossos visinhos *era ha um anno*, desde muitos annos. Queremos seguir o exemplo de Washington, e Francklin, servites, servandis." Havia um intenso brasileirismo em todas as suas manifestações: "O Brasil mesmo, a despeito dos vendidos, ainda será dos Americanos Brasileiros livres". E' a mesma frase que mais tarde encontraremos na boca dos proceres da Revolução de 35. Diz adeante que a revolução havia sido feita pelo "Povo que não era então composto pela *mor parte senão de Farrroupilhas*, que se não vendem, como os capitalistas de Chichelo, vendidos á Santa Alliança, para atraioarem o Povo Brasileiro e suas Liberdades."

A Matraca dos Farroupilhas, contemporanea do *Jurujuba*, pois veiu á luz em 27-XI-1831, publicou-se até o numero 5 na Typographia de Torres, e do 6 ao 13, de que consta a collecção da Bibliotheca Nacional, (I-3, 13) na Typ. de T. B. Hunt & Comp. Trazia no cabeçalho o seguinte verso:

“Em sendo por mão dextra manejada
“Vence mais a matraca do que a espada.”

Sua linguagem como de todas as folhas de combate da época é de uma violencia inacreditavel. Mas traz algumas noticias interessantes. A ideia federativa já se propaga pelo Paiz, quebrando as fronteiras da Côrte. São Paulo instalara já cinco *Sociedades Federaes*, que estavam em franco florescimento, e nas “Provincias do Sul ha grande numero de amigos sinceros dos liberaes da Federação do Norte”, e isto, não obstante, a guerra movida “aos Farroupilhas da Federação democratica sem fisga, chichelo e reboque.”

Em um dos numeros, diz *A Matraca* que “o Governo soube converter o 7 de abril em victoria dos festeiros de março e ignominia dos chamados *Farroupilhas* de 6 de abril.” E mais adeante: “Desejamos para o Povo Brasileiro a Republicana Federação do Equador que não he para matar, nem tirar o seu ao seu dono, federação da qual he chefe o exmo. sr. Manuel de Carvalho Paes de Andrade.” E referindo-se á instituição do Jury: “Como existe entre nós o amor do Juri, e o espirito de Liberdade Americana, ou da Federação do Equador, he chegado o tempo de se fazerem instituições conformes a esse espirito de Liberdade.” E ainda: “Se tivéssemos proclamado a Federação do Equador, em 15 de abril, não estaríamos pisados por chumbos e moderados ladrões, e assassinos, nem estaríamos sujeitos a dar vinte milhões de cruzados a inglezes, por ordem de 27 votos nullos desses introductores de Clemente Pereira.” Ataca o padré Feijó, ex-farroupilha traidor, indigno e ladrão. E além reaffirma os principios de brasilidade americanista: “Debalde querem uns lograr aos outros, exceptuando os Farroupilhas que só querem não soffrer a tyrania com a escravidão da Patria: todos sabem que nossos males vem da Europa e do principio monarchico com suas diplomacias.”

Mas, se tem de subsistir esses principios então, diz a folha, que o “Sr. Menino” (D. Pedro II) seja mandado para os Estados Unidos a se educar ali e aprender, na sabia escola de suas instituições democraticas e federaes, como se deve governar um povo,

sob os moldes da Federação e da Democracia. E assim discorre em todos os numeros de que sem muito escolher respigámos esses periodos.

Tem-se a impressão nitida dessa rapida leitura de que *Farroupilha* é um synonymo de *Federalista* e é com esse caracter que ultrapassa as fronteiras provincianas e vae gloriosamente se fixar no Rio Grande do Sul, symbolizando os mesmos ideaes da malograda Confederação do Equador. E a proposito, note-se que os jornaes farroupilhas não a designam por *Confederação* e sim por *Federação*, que eram os principios que a consubstanciavam.

Mas, é interessante seguir a marcha ininterrupta desses ideaes avançados do liberalismo nacional, genuinamente brasileiro, sem interferencias de elementos estrangeiros, até o surto do *Partido Farroupilha* que, na sua transplantação para terreno adequado, no Rio Grande do Sul, ali concretisa os seus principios basicos.

Sigamos a marcha dos *Farroupilhas* para o sul, na mais sensacional das revelações.

Entre os Farroupilhas do Rio de Janeiro tornou-se notavel o tenente Luiz José dos Reis Alpoim. Era um agitador terrivel, sendo um dos promotores do 6 e 7 de abril. Federalista intransigente, republicano entre os que mais o eram, logo depois de falseados os principios da revolução de que fora um dos principaes fautores, Reis Alpoim, tentou nova masorca, sendo recolhido á cadeia com mais quatro farroupilhas, tentando um dos guardas avançar na prisão para assassinal-os. Dá noticia do facto o *Jurujuba* (fls. 77), fazendo a apologia do patriota que deveria ser sacrificado á sanha das autoridades.

Logo depois é o tenente Alpoim transferido para o Regimento de Artilharia sediado no Rio Pardo, (Rio Grande do Sul). Verberando esse acto do Governo temeroso das attitudes do moço farroupilha, *O Clarim da Liberdade*, em seu numero de 18 de novembro de 1831, em artigo de fundo, commenta: "Perguntamos mais qual a vantagem que resulta á Nação Brasileira da hida do sr. Luiz José dos Reis Alpoim para a Provincia do Rio Grande do Sul". E adeante: "O Governo transacto, marchando por essa vereda tortuosa e querendo obrigar os brasileiros a pensarem uniformemente, vio por terra o colosso supposto de sua grandesa. Lembre-se pois o Governo do que disse o Marquez de Lafayet em os Estados Unidos da America do Norte — que he applicavel ao nosso caso — tratamos da revolução de 7 de abril. Para esse grande monumento elevado á Liberdade servio de lição ao oppressor e de exemplo ao opprimido: nós quando se trata das reformas

da Constituição, quando se proclama a justa Federação, consentiremos que vão servir fora de suas Províncias os militares de 7 de abril.”

Em 20 de dezembro o tenente Alpoim se despede de seus amigos do Rio de Janeiro e publica no *Clarim* a seguinte declaração: “Luiz José dos Reis Alpoim faz suas despedidas a todos os seus amigos e agradece ao sr. Redactor do *Clarim da Liberdade* o empenho que tomou em fazer ver ao publico que a passagem para o Corpo de Artilharia Montada, sem ser pedida, e muito menos proveitosa, he alem de impolitica, alguma cousa mais. ... aproveita igualmente a occasião de reíterar seus protestos e afincó á CAUSA DO BRASIL, A' LIBERDADE E A' PATRIA, em qualquer parte em que achar-se, sejam quaes forem as circumstancias. Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1831.”

Mal sabia o governo que com esse simples tenente farroupilha, nesse momento, ia para o sul a faísca que prenderia o rastilho de um grande incendio. Era a ideia federativa em marcha para seus destinos inescrutaveis nas verdes campinas gaúchas. Era o nascimento de um *Partido Farroupilha* que não teria a vida ephemera do proselitismo das cidades, mas que se immortalisaria, cristalizando as aspirações nacionalistas e federativas, genuinamente brasileiras, dos heroicos campeadores do Norte, de todos os sonhadores de um Brasil republicano, vinculado pelos laços da Federação.

O tenente Luis José dos Reis Alpoim chega ao Rio Grande do Sul. Em sua *Memoria*, publicada neste volume, o dr. Rodrigo Pontes, contemporaneo dos acontecimentos, já nos dá noticia das actividades sediciosas do moço farroupilha. “Entretanto pelas causas acima ponderadas, diz, cada vez se animavão e se tornavão mais audazes os pretendidos patriotas, cujo partido conquanto ostensivamente composto ainda de um diminuto numero de individuos de nenhuma importancia, pareceo ao mesmo Presidente da Provincia *haver tomado huma tal ou qual organização na Capital depois de ter ali chegado o Tenente Luiz José dos Reis Alpoim* que talvez representava naquella cidade os Clubs revolucionarios do Rio de Janeiro.” Accrescenta Pontes que “o partido deu mais visiveis signaes de existencia nas noites de 6 e 7 de abril de 1832”. Sairam á rua grupos de que faziam parte demittidos dos batalhões 10 e 13 de Caçadores e, tendo á frente, um certo José Paulo da Silva, dava vivas á Constituição, á sua Magestade o Imperador, á Federação, ao Barata, e ao “segundo Barata” que,

no entender de Pontes, era título a que parecia arrogar-se José Paulo. Na segunda noite houve disturbios.

Organizada a *Sociedade do Continetino*, que nada mais era do que uma Loja Maçonica, a ella affluíam, juntamente com Alpoim, os majores João Manoel e Mattos, antigos farroupilhas do Rio de Janeiro. Ahi se encontraram o padre Caldas que vem secundar as ideias federalistas de Alpoim, Bento Gonçalves e outros que mais tarde são os proceres da Grande Revolução. O partido que se organiza para defender esses principios "a si mesmo deu o nome de Farroupilha". (Vol. XXXI, 222). Adopta, assim, com as directrizes do federalismo, o mesmo designativo de seu congenero do Rio de Janeiro.

Póde-se affirmar que data da chegada de Reis Alpoim a organização partidaria desse grupo de liberaes que recebeu a denominação de *Farroupilhas*, isto é, no anno de 32. Já em 33 elles são conhecidos sob esse rotulo agremiativo. Fazem parte de suas fileiras os homens mais representativos do Rio Grande. Seus principios basicos são a Federação, o Nacionalismo, a Monarchia, representada no Jovem Imperador, isto é, as aspirações do 7 de abril. Em 24 de outubro de 33 promovem um levante em Porto Alegre, como protesto á installação da *Sociedade Militar*. Nessa occasião, pelos documentos da época já são designados por *Farroupilhas*. E' o mesmo partido de que mais tarde se queixa Fernandes Braga, em officio de 6-XII-34: "O Partido intitulado Farroupilha, agregado de ambiciosos, e gente de infima classe, sempre prompto a lançar mão de qualquer pretexto, tem não só dado existencia a alguns factos que deixo referidos, mas intenta aproveitando-se delles e pintando-os com as cores que lhe são mais favoraveis perturbar a paz de que felizmente gosa esta Provincia e no meio das convulsões a que dá causa, levar a effeito seus intentos." (Vol. Public. XXXI, 381).

A denominação de *Farrapos* não é conhecida nos documentos da época, provindo da phase revolucionaria. Constatase, assim, que nada mais é do que uma designação por analogia a *Farroupilha*, nome do partido que fez o 20 de setembro e, mais tarde, a Republica Riograndense.

Pag. 7 — AZAMBUJA CIDADE, Familia... Antonio de Azambuja Cidade, Patricio de Azambuja Cidade (Pag. 47) e outros desse nome referidos neste volume do "Processo", e que, como farroupilhas, tiveram actuação revolucionaria, descendem do vetusto tronco Fontoura, uma das maiores familias riograndenses.

Uma das filhas de João Carneiro da Fontoura e Izabel Silva, povoadores do Continente, foi Angelica Velloso da Fontoura que casou com o tenente de Dragões Francisco Pinto de Souza e foram paes do brigadeiro Antonio Pinto da Fontoura, de Joaquina Leocadia, primeira Viscondessa de Pelotas, de Francisca Velloso da Fontoura, e de outros. Francisca Velloso casou-se com o capitão Francisco Xavier de Azambuja, ramo inicial da familia, no Rio Grande do Sul. Teve esse casal treze filhos, entre os quaes Angelica Fontoura de Azambuja que contraiu matrimonio com José de Bittencourt Cidade, natural da Ilha de Santa Catharina, e filho legitimo de José da Costa Cidade e sua mulher Joanna Rosa de Bittencourt naturaes, tambem, de Santa Catharina. Bittencourt Cidade teve, nascidos no Rio Pardo, os filhos: José de Bittencourt Cidade, Francisca, casada com Porfirio José Monteiro, irmão de Silvano José Monteiro de Araujo e Paula. (Publ. XXIX, 352—XXX,338); Francisco de Azambuja Cidade que foi casado em 1.^a nupcias com Maria Arouche de Moraes Lara, filha do tenente-coronel Diogo Arouche, nobre paulista, morto na Guerra das Missões, e autor de uma interessante *Memoria da Campanha de 1816* e de sua mulher Maria Angelica de Sampaio, natural de Porto Alegre, tendo tido Francisco, desse consorcio, um filho—Diogo, e casando em segundas nupcias com Helena de Azambuja, sua prima, teve mais quatro filhos; João de Azambuja Cidade, Manoel de Azambuja Cidade, Marcos de Azambuja Cidade, Rita Candida Cidade, Antonio de Azambuja Cidade, que nasceu em 1805, e Patricio de Azambuja Cidade. Este a que se refere a nota á pag. 47, nasceu em 1804, e foi casado com Francisca Leonarda de Almeida, deixando os filhos: Virginia, casada com Eneas de Azambuja Cidade e Graciano de Almeida Cidade.

Pag. 8 — SIMAS. A familia Simas teve grande influencia nos acontecimentos de 1835, na região de Montenegro, de que era oriunda. Tem por tronco no Rio Grande do Sul a Estevão José de Simas natural da ilha de São Miguel, Açores, filho de Manoel de Simas e Barbara Corrêa, da mesma ilha. Em Santo Antonio da Patrulha casou-se com Leonarda Maria de Araujo, filha de José de Araujo Villela e de Anna Garcez, naturaes de Triumpho e neta paterna de Antonio de Araujo Villela, portuguez que, casado com Joanna Corrêa, da Laguna, foram primitivos povoadores do Rio Grande do Sul. Desde 1785 Estevão residia em Montenegro, nas proximidades da Fazenda, em Faxinaes que houvera por herança do sogro. Ahi nasceram-lhe os filhos Estevão, Hypolito, Manoel e

outros. Ao deflagrar a Revolução de 1835 Manoel José de Simas, que chegou ao posto de major, tomou logo partido pela legalidade, sendo um dos chefes de forças que se reuniram no Faxinal. Até 1840, data em que foi assassinado em casa da viuva Custodio Machado, por Juca Custodio chefe farroupilha com quem sempre andava em lucta, o major Simas desenvolveu notável actividade, estando presente em quasi todos os combates que houveram nessa região. Juca Custodio, o seu terrivel antagonista foi morto no Herval em Agosto de 1844 (Campos Neto, *Montenegro*, 166).

Estevão José de Simas, irmão mais velho do major Manoel José de Simas, era francamente republicano e sobre a sua actuação, em officio reservado, mandando noticias para o Presidente do Rio Grande, em 19 de Julho de 1840, o Encarregado de Negocios no Uruguay, Manoel de Almeida Vasconcellos assim se externava (Arch. do Itamaraty): "Hum dos individuos que mais nocivo é á causa da Legalidade pr. conservar sempre huma companhia de vinte homens praticos de todos os logares, a q̃ na Provincia dão o nome de vaqueanos e pelos importantes serviços q̃ faz aos rebeldes he hum velho de sessenta annos pouco mais ou menos, morador huma legua fora do Faxinal, onde com muita facilidade pode ser capturado; chama-se Simas e é irmão do capitão Simas, bom legalista, a quem o dito velho tem atraído algumas vezes bem q̃ inutilmente, afim de q̃ os rebeldes o fação prisioneiro."

Pag. 11 — GAZETA MERCANTIL. Quer a *Gazeta Mercantil* quer o *Campeão da Legalidade* (pag. 23), que reproduzimos, foram editados pelo francez J. Girard. A essas folhas e a seu editor fazemos referencias no Vol. XXX, pag 359 destas *Publicações*. Foi a linguagem desbragada deste ultimo jornal, que surgiu em 1837, na presidencia de Antero, de que era acerrimo defensor, e as accusações dirigidas a José de Araujo Ribeiro, que determinaram o assassinio de seu editor, conforme fica referido no volume anterior, acima citado.

Pag. 11 — FRANCISCO XAVIER DA CUNHA. O coronel, depois brigadeiro, Francisco Xavier da Cunha, foi, em 1816, para o Rio Grande do Sul, como tenente do 3.º batalhão de Caçadores da Divisão de Voluntarios Reaes que aportou ao Rio de Janeiro em 30 de março de 1816. Juntamente com Francisco Xavier foi seu irmão Diogo Faro e Cunha. Eram filhos de Francisco Xavier Nunes da Cunha e sua mulher Mariana de Padua Cezar de Faro e Vasconcellos, residentes e fallecidos em Torres Vedras, Lisboa.

Ambos casaram-se no Rio Grande do Sul. Diogo Faro casou-se com Izabel Delfina de Alencastro, filha do capitão Manoel José de Alencastro, natural de São Paulo, e de sua mulher Maria da Luz de Azambuja, neta paterna do sargento-mór João de Castro Guimarães, de São Paulo, e Izabel da Rosa de Oliveira, e neta materna do capitão Francisco Xavier de Azambuja e de sua mulher Rita de Menezes. (V. *Publ.* XXIX, 359, 386). Falleceu Diogo Faro, com testamento, em 25-XII-1831, em Porto Alegre, sem deixar descendência.

Francisco Xavier da Cunha casou-se, em Porto Alegre, com Maria Quiteria de Castro, ali nascida a 9-X-808 e filha do brigadeiro Felix José de Mattos Pereira e Castro, natural da Villa de Monção, Portugal, e de sua mulher Anna Esmeria Centeno, sendo pelo lado paterno neta de José de Mattos Pereira e Maria Quiteria Pereira da Costa e pelo materno do capitão Victoriano José Centeno, natural de Lisboa, e de sua mulher Faustina Maria Pureza. Bisneta por Victoriano Centeno do capitão José Rodrigues Centeno e Anna Josefa de Macedo, portuguezes, e por Faustina, do casal do capitão Francisco Xavier de Azambuja e Ritta de Menezes, atraz referido. Teve o casal de Francisco Xavier da Cunha quatro filhos: a) Mariana, que falleceu solteira; b) dr. Felix Xavier da Cunha, poeta, jornalista, orador e politico de alto valor e prestigio, casado com Josefina Bandeira, filha de Vasco Pinto Bandeira e Carolina Bandeira, e neta de Felisberto Pinto Bandeira, irmão do brigadeiro Rafael Pinto Bandeira (*Public.* XXIX, 330); c) Diogo Xavier da Cunha e d) Francisco Xavier da Cunha, que foi ministro do Supremo Tribunal, pae do ministro Godofredo X. da Cunha. (1)

Teve o brigadeiro F. X. da Cunha uma brilhante folha de serviços prestados ao Brasil depois de ter servido a Portugal. Sentou praça na brigada real de marinha em 1.^o-IX-1800, nella servindo até 1.^o de junho de 1809, obtendo transferencia para o regimento n.^o 19, onde foi reconhecido cadete. Fez a campanha da Peninsula até 1814, tendo sido promovido a alferes a 6-VI-1810. Em combate, a 30-VI-1813, recebeu um ferimento que lhe valeu a medalha de distincção. Promovido a tenente-ajudante em 23-VI-1815, incorporou-se á Divisão de Voluntarios Reaes del Rei pertencente ao Exercito invasor que entrou em Montevideo em 20-I-1817. Tomou parte em varios combates durante a Campanha Cisplatina, que terminou com a batalha de Taquembó, em 22-I-1820. No anno seguinte, por dec. de 26 de março foi promovido a capitão do 1.^o batalhão de caçadores da Divisão. Prestando

(1) Aurelio Porto — *Hist. Geneal. do R. G. do Sul*, em preparo.

relevantes serviços á causa do Brasil, por occasião da Independencia, e fazendo parte das forças brasileiras que sitiavam Montevideo onde se achava d. Alvaro da Costa, foi elevado, por dec. de 5-VI-1823, ao posto de sargento-mór. Na guerra da independencia da Cisplatina, que se seguiu, o major Xavier da Cunha teve oportunidade de prestar valiosos serviços. Terminada a guerra, foi promovido a tenente-coronel, em 6-IV-1829, e classificado em Porto Alegre, no 9.º batalhão de caçadores. E por dec. de 15-VI-1831 obteve a promoção a coronel, reformando-se, então.

A revolução de 35 foi encontral-o em Porto Alegre, onde fixou residencia. Com a chegada de Araujo Ribeiro foram aproveitados seus serviços pela legalidade e, em attenção aos mesmos o dec. de 18-II-1837, annulou a reforma, concedendo-lhe a graduação de brigadeiro. Sua actuação foi assáz proveitosa ás armas do Imperio. Esteve no combate do Rio Pardo, sendo por motivo desse desastre para as forças legaes preso com outros officiaes generaes e processado, mas foi absolvido pelo Conselho de Guerra que o julgou. Incumbido de organizar forças em São Paulo, afim de descerem para a Laguna, o brigadeiro X. da Cunha só depois da restauração dessa villa poudé conseguir seu objectivo, marchando em seguida para o Rio Grande do Sul. Na passo de Victoria, sobre o Rio Pelotas, encontrou-se com as forças republicanas ao mando do coronel Joaquim Teixeira que, forte de 400 homens, depois de violenta refrega, poz em debandada a tropa do brigadeiro F. X. da Cunha, que ahi, no dia 14 de dezembro de 1839, perdeu a vida, juntamente com trinta companheiros. (1)

Pag. 11 — JOÃO PASCOE GRENFELL. Este illustre marinheiro que tantos serviços prestou, por duas vezes, á Legalidade, no Rio Grande, nasceu no Condado de Surrey, em 30 de setembro de 1800, sendo filho legitimo de João Grenfell e Sofia Grenfell. (2) Tinha 11 annos de idade quando iniciou a sua vida maritima, fazendo varias viagens á India, como guarda-marinha e mais tarde como official, até 1819. Acompanhando Lord Cochrane, convidado pelo Chile para chefe de sua marinha de guerra, Grenfell passou a servir nella com o posto de 1.º tenente, distinguindo-se em varias accasões, notadamente no ataque ao porto de Valdivia, reducto da esquadra espanhola.

(1) Pretextato Maciel — *Os Generaes do Exército Brasileiro* II, 152

(2) Extractamos os dados deste esboço biographico, do magnifico trabalho do almirante Henrique Boitoux, *Os nossos almirantes*, vol. I, 193, onde encontrarão os estudiosos elementos de alto valor historico para mais detido conhecimento dos serviços navaes de João Pascoe Grenfell no que se refere, principalmente, á guerra dos farrapos.

Em 1823, convidado pelo governo brasileiro, lord Cochrane passou a ser o chefe da esquadra imperial, na campanha naval da Independencia, trazendo consigo o 1.º tenente Grenfell que, com o mesmo posto, foi aproveitado em nossa marinha, nella ingressando a 21 de março, designando-se-lhe para embarque o Pedro I, capitanea da esquadra. Inicia-se, então, para o valente official, uma serie de lutas contra a esquadra portugueza, que dominava os mares do norte. É promovido por esses serviços a capitão-tenente. Designado para actuar no Maranhão e no Pará, onde ainda predominavam forças portuguezas, de tal fórma se houve o valoroso marinheiro que, dentro em pouco, podia noticiar ter contribuido para a reintegração daquellas provincias á communhão brasileira. Naturalmente tornou-se, com sua decisiva acção, alvo do odio dos portuguezes, sendo victima de um attentado em 21 de agosto, de que lhe resultou um ferimento, de golpe que lhe foi vibrado pelas costas, por um marinheiro portuguez. Teve oportunidade de suffocar, no Pará, um principio de insurreição, agindo com decisão e energia. Sendo accusado de ter commettido excessos, Grenfell, temendo ser preso, ao chegar ao Rio de Janeiro, em 1824, asyloou-se a bordo da fragata *Spartiale*, da marinha britannica, e, depois de uma larga serie de entendimentos, apresentou-se ás autoridades brasileiras, para ser julgado por um Conselho de Guerra. Entrementes, seguindo a esquadra para o Norte, sob as ordens de Lord Cochrane, marquez do Maranhão, solicitou Grenfell, sem prejuizo de seu julgamento, acompanhá-lo nessa expedição, embarcando na nau *Pedro I*. Julgado em 1826, pelo Conselho de Guerra, foi absolvido da imputação que lhe pesava de ter sido autor da tragedia do *Palhaço*, em cujos porões foram mortos á sede e á fome varios tripulantes de embarcações que se haviam sublevado no Pará. Em 8 de maio de 1826 teve sua promoção a capitão de fragata.

Seguiu-se, logo após a campanha naval do Prata e Grenfell nella singularizou-se por notaveis feitos, principalmente, na acção da corveta *Nichteroy* que, sob as ordens de Norton, teve de lutar contra a esquadra do almirante Brown, commandante em chefe da marinha de guerra argentina. Longa é a folha de serviços desse valente marinheiro, que soube largamente honrar o pavilhão sob que servia. Em um dos successivos ataques do inimigo foi gravemente ferido quando, no commando do *Caboclo*, batia-se contra vasos de guerra argentinos. Resultou-lhe desse ferimento a amputação do braço direito, procedida em Montevideo. Por seus feitos foi agraciado com a Dignataria do Cruzeiro e mais uma

pensão de 600\$000 annuaes, e lhe concedida licença para ir á Inglaterra. Voltou em 1828, sendo nomeado commandante da corveta *Maria Izabel*, tendo promoção a capitão de mar-e-guerra, em 18 de outubro do anno seguinte. A bordo dessa corveta fez longa viagem á Europa.

Foi a esse brilhante official que coube dirigir as operações navaes de guerra contra os rebeldes que, na provincia do Rio Grande, se batiam com as forças imperiaes. Estava Grenfell em Montevidéo, no gozo de licença, quando, por dec. de 21 de maio de 1836, foi nomeado pela Regencia commandante das forças navaes estacionadas no Rio Grande do Sul. Seguiu a 5 de junho, na *Leopoldina*, do commando de Guilherme Parker, outro prestimoso marinheiro que ali prestou serviços á legalidade.

Não obstante as magnificas informações que a cerca da actuação de Grenfell, nessa campanha, nos fornece o almirante H. Boiteux, no estudo que seguimos, não é nosso intuito detalhar-a nesta nota ligeira, pois constam circumstanciadamente esses serviços da documentação que vimos publicando, das *Memorias* atraz insertas e de outras notas que deste volume constam.

O chefe Grenfell conservou-se no Rio Grande até 20 de setembro de 1838, sendo dispensado, a pedido, do commando das forças navaes em operações na provincia e substituido pelo capitão de mar e guerra Frederico Mariath. Nesse periodo entrou em entendimentos com Crescencio e outros chefes farroupilhas no sentido de conseguir uma pacificação, o que, por motivos varios, não se realizou, servindo, sómente, para indispor-o com os poderosos politicos da época. Compreendia Grenfell que os farrapos não seriam vencidos pelas armas e que a conciliação só se faria por meios mais diplomaticos e persuasivos. Attendendo a seus bons serviços, embora ainda envolto nas intrigas de uma insidiosa politicagem, Grenfell recebeu a nomeação de commandante em chefe das forças navaes que estacionavam em Montevidéo, em 22 de outubro. Em 23 de março de 1839, novamente, é nomeado para commandar as forças navaes do Rio Grande do Sul, em substituição de Mariath, cuja actuação não foi apreciada pelo governo imperial. Em sua nova commissão teve o valoroso marinheiro oportunidade de prestar novos e relevantes serviços á causa legal. Reorganizou a esquadilha da Provincia, dando-lhe maior efficiencia, tendo, então, occasião de se medir com Garibaldi, commandante em chefe das forças navaes republicanas. Bloqueou no arroio Capivary o *Seival* e o *Farroupilha* e tal foi a sua vigilancia e acerto que em

breve limpou as lagoas dos Patos e Mirim e o rio Jaguarão de elementos contrarios, não só apresando os lanchões *Rio Pardo*, *Independente* e *Setembrina*, como cortando toda a acção de Garibaldi, de sorte que este, forçado pelas circumstancias, teve de transportar por terra até o Tramandahy dois de seus lanchões, com os quaes dali velejou para Laguna.

Foi promovido a chefe de esquadra graduado por dec. de 25 de março de 1841, sendo effectivado nesse posto em 2 de dezembro do mesmo anno. Regressando ao Rio de Janeiro em 19 de agosto de 1843, teve nova commissão no commando das forças navaes do Rio da Prata. Em 1844 sendo um marinheiro brasileiro desfeitoado por um italiano, que commandava navio uruguayo, do que não foi dada satisfação ao encarregado de negocios do Brasil, Grenfell agiu com energia e já se dispunha a atacar um navio do commando de Garibaldi, então ao soldo do Estado Oriental, quando o governo desse paiz deu todas as satisfações impostas pela energia do chefe da esquadra brasileira. Por aviso de 18 de janeiro de 1845, foi nomeado commandante da estação naval do sul, que abrangia o littoral desde o Rio de Janeiro até o Chuy. Em 1846, designado Consul do Brasil no Reino da Gran-Bretanha e Irlanda, para ali seguiu, aproveitando a oportunidade de fiscalizar a construcção da fragata a vapor *D. Affonso*, que ali se construia para a marinha brasileira.

Organizada a esquadra imperial, que tinha de agir no Rio da Prata, quando da campanha contra Rosas, foi Grenfell chamado da Inglaterra, e, tomando o commando de uma divisão da esquadra, prestou serviços relevantes que culminaram na memoravel acção de Tonelero.

Regressando ao Rio de Janeiro, em 1852, tornou á Inglaterra, reassumindo o posto de Consul geral do Brasil, em Liverpool. Em 12 de setembro de 1862, foi promovido ao posto de almirante graduado, e em 9 de março de 1864, foi transferido para a segunda classe da marinha. Faleceu em 20 de março de 1869.

O almirante João Pascoe Grenfell deixou um nome digno como servidor do Brasil e é justo que se o commemore e consagre, pois foi, na lucta farroupilha, cujo centenario passa, um dos maiores esteios da defesa legal, no Rio Grande do Sul.

Pag. 24 — JOÃO ANTONIO DA SILVEIRA. Varios individuos com este nome existiam na mesma época, tornando, assim, difficil a sua identificação. Entre elles encontram-se dois militares

com a mesma graduação, o que possibilita attribuir-se a um feitos praticados pelo outro. Augmentando ainda a confusão estabelecida por esse facto, varias testemunhas neste "Processo" dão ao coronel depois general, João Antonio da Silveira, o designativo de *Filho*, que absolutamente não tinha (Pags. 46, 49, etc.). Valendo-nos de apontamentos genealogicos hauridos em archivos ecclesiasticos, das fés de officio dos dois João Antonios, militares, e de outros documentos, encontrados na Bibliotheca Nacional, procuraremos identificar os individuos desse nome, que coexistiram na primeira metade do seculo XIX, evitando assim equivocos naturaes.

a) *João Antonio da Silveira* foi negociante matriculado em P. Alegre, sendo a Carta Regia de matricula datada de 9 de abril de 1812. Commerciava em larga escala com as praças do norte, tendo com seus capitaes e actividade muito contribuido para o augmento do commercio do Continente, e por esse motivo, em 1815, solicitava de el-rei um habito de Christo. Faltam-nos elementos positivos para identifical-o, mas temos como provavel que seja filho de Manuel Antonio da Silveira e de sua mulher Maria Jacinta de Bittencourt, filha de Jacinto de Mattos Bittencourt e sua mulher Izabel Josefa de Bittencourt, fallecida em Porto Alegre em 11-V-1810, cujo inventario ali se processou em 1817 (Arch. Pub. do Est.). Uma das irmãs, Anna Maria, casou-se com Leocadio Maximo de Souza, pae de Diogo Maximo de Souza e de Militão Maximo, do alto commercio do Rio de Janeiro, e futuro barão de Andarahy. (Publ. XXIX-432). Teve o casal de Manuel Antonio mais os filhos: Manuel, Dorothea, Patricio, Vicente, Alexandre e Fernando.

b) *João Antonio da Silveira*, cirurgião aprovado que exerceu a medicina, por alguns annos, nas freguezias de Santo Amaro, Triumpho e Taquary e que, em 1810, se estabeleceu em Porto Alegre, ali continuando a tratar de varios enfermos, com real proveito, segundo attestação dos vereadores da época. (B. N. Verb. biog. C. 873, 14). Era filho de Manuel Mathias Frio, e natural de N. S. da Purificação, termo de Lisboa. Foi aprovado em cirurgia em 8-V-810 — (Arch. Nac. Col. 145, 20).

c) *João Antonio da Silveira*, alferes, natural de Aljubarrota, Portugal, filho legitimo de Manuel Antonio da Silveira e de Rita Maria, de Aljubarrota, e residia no Rio Pardo em principios de 1800, sendo casado com Joaquina Leocadia, filha leg. de Antonio de Azevedo Saldanha, do Pico, e Josefa Maria, do Fayal, casal de ilheus povoador do Rio Pardo. Encontrámos dois filhos desse João

Antonio: Joaquim, nascido no Rio Pardo em 4-VIII-1805, e Francisco Antonio da Silveira, que foi casado com Carolina Delfina de Azevedo, filha de Domingos Mathias de Azevedo. (*Cam. Eccl. Ass. Rio Pardo*). Este Francisco Antonio é o *Chico Cachoeira*, celebre capitão farroupilha que, com *Chico Xavi* (Francisco Xavier de Almeida), e mais 2 companheiros, dominaram a tripulação e força conduzida pelo navio francez *Beranger*, desembarcando em Maldonado, conforme historiaremos em nota especial.

d) *João Antonio da Silveira*, filho de Francisco Antonio da Silveira, o *Chico da Azenha*, e de sua mulher Antonia Maria de Jesus, descendentes dos Ornellas e Vasconcellos. (Publ. XXIX, 413).

e) *João Antonio da Silveira*, nascido na povoação do Rio Grande em 18-VI-1758, filho do casal de açorianos Antonio da Silveira e Avila, que falleceu no Rio Pardo, em 1766, e de sua mulher Angelica Rosa, ambos naturaes do Fayal, sendo neto paterno de Antonio D'Avila e Paula de Santo Antonio, daquela ilha, e materno de Francisco da Costa Mattos e Rosa Maria. Teve o casal, além de João Antonio mais quatro filhos. Casou-se João Antonio com Rosa Angelica do Nascimento, do Rio Pardo, e teve um filho, Severino Antonio da Silveira, que casou-se com Felisberta, Ferdinanda da Costa Prates, filha de João Nepomuceno de Carvalho e Leocadia da Costa Prates, e irmã do bispo d. Feliciano. João Antonio assentou praça na 1.^a Companhia dos Dragões em 6-X-1773, sendo promovido a cabo da 8.^a companhia em 6-VIII-1780, a Porta Estandarte da 7.^a Comp. em 23-III-1785, a furriel em 1.^a-II-1791 e a alferes em 22 de outubro de 1801. A proposito de sua promoção a esse posto encontrámos no *Archivo Nacional* uma carta desse official que registramos por serem interessantes as noticias que encerra. (*Corresp. Gov. R. G. Sul. Coll. 104 Vol. 12.^o fls. 144*).

"Sr. Tenente Coronel Patricio José Correa da Camara muito meu respeitadissimo Snr. a quem estimo: Lembrando que V. M. terá reparado não ter eu cumprido com o meu dever passo na prez.^{te} ocaziaó naó só dizerlhe ou a renderlhe graças por havarme V. M. promovido a Alferes no seu Regim.^{to} senaó taó bem a darlhe as noticias da suposta falta que tenho tido. Saó tantos os que fazeres; e saó taó repetidas as novidades dos nossos Inimigos que naó permitem hua hora de sossego no espirito, mas faltando este pequeno intervalo direi a V. M. q.^{to} me lembra e q.^{to} devo fazer eno q' penso será do agrado de V. M. a qem fasso certo q' no dia 23 do prez.^{te} mez fez o Ruivo Doce hum dezembarque com

185 homens de armas, de 25 ou 30 Indios e avançando por humas xacaras dos Naturaes deste Povo mata-rao hum e prendeu outros varios de cujo exterior derao 8 ou 9 tiros sendo estes ouvidos pelas Patrulhas e ainda mesmo dentro do Collegio; foi este rumor a meia noite em ponto: immediatamente nos puzemos a cavallo. O Cap.^m Canto com o Raymundo acodira-o ao Passo de S. Borja, e eu com os nossos Dragões e alguns Auxiliares fiquei em roda do Povo e ficou no Porta-o o Commd.^{te} o Ten.^{te} Franc.^o Carv.^o com 15 homens entre estes os Artilheiros, e tinhamos de Partida 50 homens para as partes da Cruz commandados pelo Ten.^{te} Joao Machado. Amanhecemos com effeito sem novidade; e logo caminhei com 25 ou 30 homens commandados pelo Ten.^{te} Felipe Carv.^o e aos trez quartos de legoa do Povo, p.^a fora pela costa do Uruguay esbarramos com a Partida Espanhola com o numero que deixo dito: recebera-o-nos muito bonito, e de cujo recebimento logo nos mata-rao Joao Manuel o serurgia-o e delles fora-o mortos 7 e dous baleados: Aos tiros deste encontro acudio o Canto e sua gente, e quiz a Divina Providencia que chegasse Joao Machado com a sua Partida: Poze-monos a vista do Inimigo 110 homens e alli fizemos as nossas dispo-ziçoens: tendose os Inimigos apoderadose de hum grande Matto na Costa do Rio que parecia ficava-o invenciveis, mas foi o Ten.^{te} Gabriel Ribeiro com 40 homens entrar a riba, cousa de hum quarto de legoa e caminhando Matto abaixo lhes deu pela retaguarda: por outra parte o Cap.^m Canto e Raymundo apé; pela frente Felipe Carv.^o e eu e Joao Machado e foi tanta a bulha, tantos os mortos e tantos os tiros e os gemidos que causava horror: Durou este combate seis oras a forza delle que o fim foi com a noute. Tendo-se aprisio-nado 75 e mortos delles 60 os vistos, fora os que morrer-a-o afogados que fora-o Rio abaixo: Dos nossos morrer-a-o mais dous mortos pelos mesmos nossos entendendo no matto que era-o Castelhanos e fora-o da Partida do Canto. Todo o armamento se agarrou e algũa porça-o de cartuchos the aqui foi esta empreza. Agora direi a V. M. que suspiramos pelo seu soccorro porq.^{ta} 900 homens tem S.^{ta} Thomé e 1.200 em Conceiça-o; chegara-o a S.^{ta} Thomé 600 armas. Tem em S.^{ta} Thomé 18 pessas 14 de campanha e 4 de calibre 8 e em Conceiça-o havia 13 pessas, tomou o Maneco 3 ficou 10 essa funcão na-o a conto a V. M. por na-o estar bem intelligenciado della.

Tem Belmudes ordens fortissimas para reconquistar os Povos perdidos por elle; as Caixas de S.^{ta} Fé abertas para os salarios dos combatentes, soldos dobrados e ha quatro dias chegoulhes quinhentos, digo cincoenta e cinco mil pezos: estão acodindo a todas as partes gentes a servir nos seus cavalos; e se V. M. nos acode por

estes doze dias certifico seremos felizes e que cheguemos até o Paraná e terá S. A. Real nisso grandissimas vantagens, etc.

Os officiaes que aqui se achão todos se comportaó muito bem como V. M. terá noticia algum dia. D.^a Gd.^a a V. M. m.^a an.^a

Povo de S. Borja, 28 de 1801. — De V. M. reverente subdito
— *Joaó Antonio da Silveira.*”

Por dec. de 14-XI-1802 foi promovido a tenente da 2.^a Comp. do Regimento de Dragões, e a capitão da 1.^a Comp. por dec. de 25-VII-1808. Promovido a sargento-mór por dec. de 5-VII-1812, foi João Antonio reformado por dec. de 20-I-1813. A Revolução Farroupilha veio encontral-o ainda reformado, cuidando de suas propriedades sitas no município do Rio Pardo. Apesar de avançada idade tinha ainda seis filhos menores. Legalista extremado offereceu os seus serviços ao governo, os quaes não foram aproveitados. Os farroupilhas invadiram-lhe o estabelecimento que tinha e depredaram, dando-lhe vultosos prejuizos. Reduzido á pobreza, em 4-IX-1836 dirige ao ministro da Justiça do Imperio uma petição solicitando uma tença ou pensão pelos serviços prestados. Obtem em 1843 sua promoção ao posto de tenente-coronel, melhorando, assim, a respectiva reforma. (B. N. *Verb. biog.* C. 845, 3 e C. 935, 20).

f) *João Antonio da Silveira*, general da Republica Riograndense, era filho de José Antonio da Silveira, do Fayal, e de Maria Ignacia, de São Jorge, conforme noticia genealogica inserta no vol. XXIX, pag. 337 destas *Publicações*. Não sendo filho de outro de igual nome, como se evidencia, não ha razão para se lhe dar o designativo de *filho*. Encontrámos na Bibliot. Nac. a sua fé de officio (*Verb. biog.* C. 717, 25) que vem enriquecer a biographia desse valoroso soldado riograndense. E' a seguinte: “Francisco de Paula Monteverde, Cavalleiro na Ordem de Christo, Escrivão da Intendencia de Marinha, Vedoria das Tropas desta Provincia de S. Pedro do Sul etc. CERTIFICO que revendo a lista numero segundo da Primeira Companhia do Batalhão de Infantaria e Artilharia desta Provincia nella a folhas oitenta e quatro se encontra o assentamento do supplicante o qual he do theor seguinte: João Antonio da Silveira, filho de José Antonio da Silveira, natural de São José do Norte, idade dezesete annos ao sentar praça, que foi em 20 de Abril de 1797, consta ter sido demittido do serviço por Portaria do Exm. Tenente-General ex-Governador então desta Provincia Sebastião Xavier da Veiga Cabral com a data de 27 de Agosto de 1799 e Cumpra-se do Intendente interino da Marinha, no mesmo dia passou a alferes da Companhia de Milicias do

Estreito, por patente Regia de 30 de Setembro de 1809; passou a tenente da mesma Companhia por Patente Regia de 19 de Maio de 1813, tendo sido promovido a este Posto em Commissão de 11 de Julho de 1811. Passou ao Posto de Capitão por Patente Regia de 19 de Maio de 1815, passou a major graduado por Decreto de S. M. o Imperador, de 17 de julho de 1823. Consta outrosim ter feito as Campanhas de 1801, 1811, 1812, 1818 té a de 1820. Não se encontra nos assentamentos do supplicante nota alguma que seja prejudicial. E para que conste aonde convenha mandei passar a presente em observancia do despacho retro do coronel Vedor das Tropas Vicente Ferrer da Silva Freire, e vae por mim somente assignada. Porto Alegre, 30 de Julho de 1825. Subscrivi e assigno. Fran.^{co} de Paula Monteverde. “Estava a firma reconhecida)” Em 1827 por dec. de 3 de junho, era-lhe concedido o Habito de Christo, por serviços relevantes prestados. Ao estalar a Revolução Farroupilha João Antonio era tenente-coronel e estava á frente de um Regimento de Cavallaria de Milicias estacionado em Caçapava.

Pag. 27 — VISCONDE DE CASTRO. A Revolução veio achar, residindo em Porto Alegre, o Visconde de Castro, 2.^o do titulo, que era coronel de Estado Maior do Exercito de 1.^a linha. (*Publ.* XXIX, 339). João de Castro de Canto e Mello, filho do 1.^o visconde de Castro, de igual nome e de sua mulher, D. Escolastica Bonifacia de Toledo Ribas, era neto paterno de João Baptista de Castro de Canto e Mello e de Maria Benedita de Castro, naturaes da ilha Terceira, e materno de José Bonifacio Ribas e Anna Toledo Ribas, naturaes de São Paulo. Indo para o Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, casou-se o visconde de Castro com D. Innocencia Laura Vieira de Azambuja, filha legitima de Manuel Vieira Rodrigues, e de Patricia Maria da Purificação Vieira, por aquelle neta paterna de Domingos Rodrigues Vieira e de sua mulher Custodia Vieira, naturaes de Guimarães, Port., e por esta neta de Antonio Alves Guimarães, portuguez, e de sua mulher Mariana de Jesus, filha do capitão Francisco Xavier de Azambuja e Rita de Menezes, do tronco Ornellas e Vasconcellos, já varias vezes citado. Teve o visconde de Castro, que falleceu no posto de brigadeiro em 11 de setembro de 1853, cinco filhos, que foram: a) Maria do Carmo, casada com o veador da Casa Imperial Ernesto Frederico de Werna e Bilstein, que foram paes de Miguel de Werna, jornalista, redactor do *O Seculo*, semanario critico que fez época em Porto Alegre; b) Maria Benedita, que casou com o depois marechal Augusto Frederico Pacheco, paes de José Narciso



CORONEL DEMETRIO RIBEIRO

e de D. Maria Augusta Pacheco; e) João de Castro de Canto e Mello, que falleceu como coronel do Exército em 3-V-1882, e foi casado com Joaquina Amalia da Camara, filha do major Patricio Corrêa da Camara e sua mulher Anna Canndida Vieira, e neta paterna do marechal Patricio, 1.º visconde de Pelotas. Teve este casal Maria do Carmo, que casou com o Dr. Eduardo Pereira de Campos; d) Maria Leopoldina; e) Manuel de Castro; f) Francisco, que falleceu menor.

Pag. 27 — ANTONIO MARIA, tenente. E' Antonio Maria de Sousa que, em 1837, commandava o forte do Caminho Novo. Era portuguez, natural da villa de Chaves, Guimarães, filho de Antonio Manuel Carneiro da Fontoura e de sua mulher Sebastiana Maria da Costa, naturaes daquella villa. Veiu para o sul com o Exército de Lecor e, em Montevidéo, casou-se com Venancia Barredo, natural de Buenos Aires, filha de Balthazar Barredo, das Asturias, e de Maria Rosario Gastullomendes, natural de Buenos Aires. Em setembro de 1836 baptizou em Porto Alegre uma filha: Leopoldina, de que foram padrinhos o visconde de Castro e sua mulher.

Pag. 40 — SERAFIM DOS ANJOS FRANÇA. Ha evidente engano em que tambem incorremos (*Public.* XXIX, 374) relativamente ás actividades revolucionarias de Serafim dos Anjos França. Todas as referencias constantes deste e do volume citado são á actuação do capitão Serafim, que tambem foi advogado, e não á do filho do mesmo nome, bacharel pela Faculdade de Direito de S. Paulo.

O capitão Serafim dos Anjos França, pae do Dr. Serafim, era natural de São Paulo, onde nascera em 1782 e filho legitimo do capitão de auxiliares daquella cidade, José da Silva França, e de sua mulher Maria Joaquina da Silva França, neto paterno do capitão de auxiliares Manuel da Silva França e de d. Izabel Maria de Toledo, da cidade de São Paulo, e por esta bisneto de d. Simão de Toledo, capitão-general de São Paulo. Pela parte materna era neto do capitão-mór Luiz Borges Pinto Barreto e de d. Izabel de Azevedo Rangel, aquelle da villa de São João del Rey e esta das familias Azevedo e Rangel, das principaes do Rio de Janeiro, descendentes de Vasco Fernandes Coutinho, donatario da capitania

do Espirito Santo. Era o pae do capitão Serafim dos Anjos França, primo carnal do desembargador Antonio de Mattos Barbosa Coutinho e do Dr. Francisco Leandro de Toledo Rondon.

Indo para o Rio Grande do Sul, muito joven ainda, sentou praça na 4.^a Companhia do Regimento de Dragões, fazendo a campanha de 1797. Promovido a alferes de 2.^a linha, onde serviu até o posto de capitão, fez a campanha das Missões, sendo encarregado em 1802 de importante commissão junto ao Governador do Continente. Foi mais tarde escrivão do sello do Rio Grande e professor em Porto Alegre. Em 1819, de sua Fazenda dos Morretes, forneceu gratuitamente toda a pedra empregada no edificio da Alfandega de Porto Alegre, caes e ponte respectiva, na praça da Alfandega. (B. N. *Verb. Biog.* — C. 186, 15).

Não é necessario historiar a acção infatigavel de Serafim França, que resalta de inumeras paginas deste volume e do anterior citado. Commandante de forças, bravo, resoluto, á frente de seus farrapos, despresando a vida, tomou parte em varios combates. Preso na reacção de Porto Alegre, em 15 de junho de 1836, conseguiu voltar para o meio de seus valentes companheiros, integrando-se, novamente á revolução. Em 1843, enquanto o filho impetava remuneração de serviços prestados á legalidade, em São Paulo, Serafim França, eleito constituinte riograndense, demonstrando a sua cultura e suas ideias avançadas, foi um dos relatores da Constituição republicana, cujo projecto assignou juntamente com José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Francisco de Sá Brito, José Mariano de Mattos e Domingos José de Almeida, pleiade illustre em que figuram, como afirmação de brasileiroismo, dois mineiros, um fluminense, um paulista e um riograndense.

Falleceu o capitão Serafim França, em Porto Alegre em 1.^o de fevereiro de 1864. Casara-se, nessa cidade, com Francisca Maria da Encarnação, sendo pae do dr. Serafim dos Anjos França.

Este bacharelou-se em São Paulo em 24 de outubro de 1836, e parece ter ali fixado residencia, pois, sendo, em 1841, juiz municipal e de orphãos da villa de Jacarehy, quando irrompeu o movimento revolucionario que se alastrou pela provincia, o dr. Anjos França agiu, efficazmente, no sentido de pacificar os espiritos, conseguindo debelar a rebelião. Da mesma forma actuou em Lorena. Em 1844 era juiz em Pindamonhangaba, aonde, ainda, em 1865, exercia a sua advocacia.

Como remuneração dos serviços prestados ao Imperio e á legalidade requereu o dr. Serafim França, em 1844, uma insignia honorifica. Só depois de muitas solicitações, e por intercessão de Almeida Torres, que fora presidente da Provincia de São Paulo, na ocasião do surto revolucionario e que, na Camara dos Deputados, já assignalara esses serviços, e que então fazia parte do ministerio, conseguiu o dr. França o deferimento de sua pretensão. Por dec. de 7-IX-1847 e por dec. de 25-III-1849 foram-lhe, por serviços relevantes prestados á legalidade, conferidas, respectivamente, as insignias de cavalleiro das Ordens da Rosa e de Christo. (*Bibl. Nac. Verb. biog. cit.*)

Pag. 40 — JOSE' CARLOS PINTO. Resalta destes documentos a acção que, nos negocios da Republica de Piratini, teve o illustre cirurgião Dr. José Carlos Pinto, uma das figuras mais interessantes dessa cruzada libertadora. Já militando activamente no exercito, onde teve o posto de coronel, já assumindo funções diplomaticas junto ao governo de Montevideó, já intervindo directamente nos negocios publicos, o Dr. José Carlos Pinto é um dos proceres do revolucionarismo brasileiro, ainda não estudado devidamente. Vindo dos bancos academicos da capital do paiz, onde nascera, e trazendo os germens do liberalismo e as luzes que haurira no conhecimento das novas formulas politicas que se estavam processando para a reforma das instituições, ao chegar ao Rio Grande do Sul, encontrando um vasto campo para a disseminação das ideias avançadas da época, filiou-se ao partido que fez a revolução e a Republica. Nasceu o Dr. José Carlos Pinto no Rio de Janeiro, sendo filho legitimo de Antonio Carlos Pinto, natural do Conselho de Lemos, Portugal, e de sua mulher Laura Joaquina de Jesus, natural do Rio de Janeiro. Formou-se em cirurgião pela escola do Rio de Janeiro, seguindo logo depois para o Rio Grande do Sul. Ali casou-se com Marinha Estelita de Azevedo, descendente do primeiro povoador do Continente, João de Magalhães, pois era filha de Domingos Mathias de Azevedo e de Delfina Claudina dos Santos, sendo pelo lado paterno, neta de Benedicto Mathias de Azevedo e sua mulher Delfina Maria de Jesus, bisneta, por Benedicto, de Maria de Brito, e seu primeiro marido João de Azevedo, a qual Maria de Brito era filha de João de Magalhães, o velho, e sua primeira mulher Anna de Brito, filha do capitão mór da Laguna Francisco de Brito Peixoto, e de uma india, natural da terra. Teve o Dr. José Carlos Pinto os seguintes filhos, naturaes de Alegrete: Laura, nascida em 7-X-1845; Delfino,

n. 20-XII-1847; José, n. 7-IV-1850; e José Carlos Pinto, n. 13-IV-1853, que falleceu marechal do exercito, reformado, ha poucos mezes, nesta capital. O Dr. José Carlos Pinto falleceu no Alegrete em 15 de junho de 1887.

A embaixada do Dr. José Carlos Pinto a Montevidéo, a que se refere a testemunha á pag. citada, teve lugar em outubro de 1835, sendo este juntamente com o capitão Manuel Joaquim de Oliveira encarregados de, naquella capital, levar ao conhecimento do governo do Uruguay e do Encarregado de Negocios do Brasil os acontecimentos de 20 de setembro. O coronel Manoel de Almeida Vasconcellos, que ali exercia esse cargo, em officio datado de 19 de novembro, capeando communicação que lhe dirigira Bento Gonçalves, assim dá noticia dessa embaixada ao ministro das Relações Exteriores do Brasil: (*Arch. do Itamaraty, Corresp. de Montevidéo — 1835-1837*).

COPIA N.º 25

Ilm.º e Exm.º Snr. — Tendo partido dessa Côrte na noite de 27 de Outubro, cheguei a esta Cidade no dia 6 do corrente sumamente encommoado de saude pelo muito que sofri na viagem, o que deu motivo a não ter feito logo entrega da minha Credencial ao Ministro das Relações Exteriores desta Republica. Hontem porém fiz a entrega referida, e solicitei dia e hora para apresentar ao Presidente deste Estado a Carta do Exm.º Regente do Imperio, em que lhe participa a sua eleição.

Nessa mesma occasião tratei de saber do sobredito Ministro, se o Governo Oriental se prestaria a celebrar huma convenção com o do Imperio, a fim de obstar o escandaloso trafico de escravos qualquer que seja o titulo ou denominação com que se pretenda fazer: Respondeu-me o mesmo Ministro, que não haveria por parte de seu Governo, difficuldade alguma em celebrar a dita Convenção, em *conformidade com os principios do mesmo Governo*; mas que determinando a Constituição desta Republica, artigo 81 que nenhum Tratado seja iniciado sem conhecimento do Senado elle Ministro solicitaria a precisa autorização na proxima Sessão, que deve principiar a 15 de Fevereiro do anno futuro.

As ultimas embarcações chegadas aqui do Rio Grande trazem noticias até o dia 4 do corrente. O Coronel Bento Gonçalves da Silva, funesta origem de todos os males que presentemente sofre aquella interessante Provincia do Imperio, e que talvez (segundo geralmente aqui se diz) medita planos mais tenebrosos que podem comprometter gravemente a tranquillidade e integridade do Imperio, achava-se á frente dos Sediciosos dominando toda a Provincia, tendo partido para essa Côrte o Presidente Braga.

O Marechal Sebastião Barreto emigrou para este Estado (e acha-se presentemente na Villa de Curzno com D. Fructuozo Rivera, Commandante Geral desta Campanha), bem como o Tenente Coronel Silva Tavares. Acabão de partir desta Cidade para a Provincia do Rio Grande o Capitão Manoel Joaquim de Oliveira, e José Carlos Pinto, portadores dos Officios do Coronel Bento Gonçalves da Silva para este Governo, assim como de outro para esta Legação constante da inclusa copia, cuja resposta não procurarão haver.

Pertendo passar huma nota ao Ministro das Relações Exteriores pedindo explicações a semelhante respeito, e do seu resultado informarei a V. Exa. (1)

O Presidente deste Estado, logo que aqui constarão as noticias da Sedição na Provincia do Rio Grande, partio para a fronteira do Jaguarão, acompanhado pelo Ministro de Relações Exteriores; mas já se acha de volta nesta Capital, tendo dado terminantes ordens aos Commandantes da fronteira, afim de observarem inteira e stricta neutralidade a respeito dos acontecimentos daquelle Provincia. Devo porem participar a V. Ex. que este Governo parece acreditar, que a Provincia do Rio Grande tende a separar-se do Imperio, e que esse he o espirito da facção que actualmente a domina.

Hé quanto tenho a honra de participar a V. Exa. afim de que se digne levar ao conhecimento do Regente em Nome do Imperador.

Deus Guarde a V. Exa. — Legação do Brasil em Montevideo 19 de Novembro de 1835. — Ilm.^o e Exm.^o Snr. Manoel Alves Branco. — (Assignado) *Manoel de Almeida Vasconcellos*. — Conforme. *Antonio Pedro de Carvalho Borges*.

(1) Em officio de 19 de Dezembro, Vasconcellos informou ao governo brasileiro "que em vista de satisfatoria explicação," do presidente do Uruguay, recebida verbalmente, não dirigiu a esse governo a nota referida. E que nessa conferencia que tivera dissera-lhe o presidente que "tendo recebido officios do Coronel Bento Gonçalves da Silva, por via de commissarios que, para esse effeito, e encarregados ao mesmo tempo de dar explicações sobre os movimentos sediciosos da Provincia de S. Pedro, tinham vindo a esta Capital, apenas lhe respondera em carta particular." — (*Arch. Hamaraty - Corresp. de Montevideo - 1835-1837 - Of. n.º 29*).

(Acompanha o Officio n.º 25) — COPIA

QUARTEL. CIDADE DO RIO GRANDE, 25 de Outubro de 1835

Illm.º Snr. — O Coronel que subscreeve Commandante das forças de operações encarregado pelo Exm.º Snr. Vice Presidente o Dr. Marciano Pereira Ribeiro da manutenção da tranquillidade publica n'esta Provincia, se dirige a V. Sa. communicando-lhe a total pacificação com a fuga, Barra fora, do Dr. Antonio Rodriguez Fnr. Braga, total dispersão das forças que o sustentavão desde o dia 21 do p.ºp.º, e emigração do Marechal Barreto para esse Estado.

Depois d'estes felises acontecimentos, todos os meus cuidados, se tem dirigido a afastar qualquer receio ou temor que a commução d'esta Provincia tivesse incutido no Governo d'essa Republica, e assegurar a nossa Fronteira de qualquer invasão que o espirito de partido intentasse apoiado pelas Forças que lhe submenistrasse a Politica ou amizade.

Me dirijo portanto com esta data ao Exm.º Snr. Presidente desse Estado, e serão portadores dos meus officios os Cidadões José Carlos Pinto e Capitão Manoel Joaquim de Oliveira, aquelle particularmente encarregado de dar os esclarecimentos que fossem precisos sobre os movimentos effectuados n'esta Provincia; muito recommendo-os a V. Sa. a fim de que o resultado de sua missão seja favoravel ao bem estar e tranquillidade desta Provincia. Estou certo que V. Sa. contribuirá por sua parte não só para que não seja turbada a boa intelligencia e harmonia que devem conservar dois Estados vizinhos mas tambem para dar maior lustro á dignidade da nossa Provincia e ao Throno Constitucional do Snr. D. Pedro 2.º

Deus Guarde a V. Sa. — Illm.º Snr. Encarregado de Negocios do Brasil em Montevideo. — (Assignado) Coronel *Bento Glz. da S.º*
— Conforme. *Antonio Pedro de Carvalho Borges.*

Pag. 40 — CAMPOS DE D. RITA. Varias são as citações neste "Processo" aos Campos de D. Rita, onde estagiavam tropas quer rebeldes, quer leaes. Bento Manuel, ao se approximar de Porto Alegre, escreve varios officios desse local. Esses campos que estavam no antigo municipio do Triumpho, faziam parte da sesmaria do capitão-mór José Francisco da Silveira Casado, cabendo por herança a seu filho, sargento-mór Manoel José Pires da Silveira

Casado, de quem então era viúva D. Rita de Mello de Azeredo Coutinho. (V. "Public." vol. XXIX, 498).

Pag. 42 — MANUEL LOBO FERREIRA BARRETO. Fôra cadete do 8.º batalhão de Caçadores de 1.ª Linha e, deixando o exercito, foi mais tarde nomeado capitão da G. N. do Rio Pardo, onde serviu sob as ordens de Andrade Neves. No ataque do Rio Pardo combateu com grande coragem, sendo morto nesse dia (10-I-1839). Era casado com Mathilde Fausta de Macedo, deixando uma filha, Amelia. (*Verb. biog.* B. N. — C. 342, 2).

Pag. 43 — LUIZ GAMBARRA, italiano, que apparece como republicano neste "Processo", foi casado com Rita Fausta Tavares de quem, em Cachoeira, teve tres filhos: a) Antonio, nascido em 3-II-1840; b) America, n. 17-III-1842; c) Franklin, n. 11-X-1843. Era Rita Fausta irmã das testemunhas deste "Processo", Luiz Manuel Gomes Tavares e João Antunes Tavares, referidos a pags. 52 e 54, sendo filhos de Manuel Gomes Tavares, 2.º marido de Aurelia Pereira Pinto, fallecida em 21-VII-1821, e netos maternos do tenente Isidoro Antunes Pinto e de sua mulher Joana Pereira de Souza. (*Public.* XXIX, 421).

Pag. 47 — ALBERTO JOSE' CENTENO. Era natural de Triumpho, onde nascera em 8-XII-1772 e filho legítimo do capitão Victoriano José Centeno e de sua mulher Faustina Maria da Pureza. (*Nota* pag. 461). Era cunhado do coronel Rafael Fortunato, grande procer republicano, (XXIX, 359), e casado com Febronia Emerenciana de Almeida, natural da Colonia do Sacramento, filha do capitão Francisco Machado Coelho e de sua mulher Maria Teotonia de Almeida e neta pela parte materna do capitão João de Almeida, morto pelos castelhanos na tomada da Colonia, em 1762, e de Maria Pereira de Mesquita. Teve o casal de Alberto Centeno, naturaes do Triumpho, os filhos: Laura, Faustina, Cesar

Pag. 50 — AUGUSTO CEZAR MUZZI. Nasceu em 1800, no Rio de Janeiro, sendo filho legítimo do Dr. Físico-mór Julio Cezar Muzzi e de Rosa Alexandrina de Azevedo. Era o Dr. Cezar Muzzi filho do tambem fisico Dr. Gonçalo José Muzzi e de mãe incognita. Foi para o Rio Grande do Sul em princípios de 1818, e como fisico-mór das Tropas da Capitania ali exerceu a clinica, sendo o primeiro instituidor da vaccina anti-variolica, que se experimentava, escrevendo sobre o assunto interessante trabalho inedito, existente entre os verbetes da B. Nac. Perdendo a primeira mulher, casou-se o

Dr. Cezar Muzzi com Narcisa Bonifacia de Azevedo, de quem teve os filhos: Margarida Cezar Muzzi e Julia Cezar Muzzi, esta ultima casada depois com Vicente Ferrer dos Santos Soares, nat. de Porto Alegre, e filho de José dos Santos Soares e Leonor Leme de Silva, que, neste "Processo", a pag. 50, apparece tambem como republicano, ao lado de seu cunhado Augusto Cezar Muzzi. Teve o Fisico-mór mais um filho natural, João Cezar Muzzi. Augusto foi escripturario da Junta de Fazenda Nacional, de Porto Alegre, e foi casado naquella cidade com Eufrasia dos Santos Soares.

Pag. 61 — MANUEL JOSE' DE ALENCASTRO. E' o tronco desta familia que tanto se tem distinguido em todos os departamentos da actividade riograndense, depois de se ter illustrado grandemente na guerra, dando largo numero de officiaes generaes. Nasceu o capitão Manuel José de Alencastro em São Paulo, sendo filho do sargento-mór Jeronymo de Castro Guimarães, natural de Santa Eulalia, bispado de Guimarães, Port., e de sua mulher Izabel Rosa de Oliveira, natural de São Paulo. Jeronymo de Castro Guimarães foi um dos povoadores primitivos do Rio Grande do Sul, pois tinha no antigo municipio do Triumpho uma sesmaria de terras e estava em 1783 ainda vivo em São Paulo. Por sua morte, passaram essas terras ao capitão Manuel José de Alencastro. Casou-se este, no Triumpho, com Maria da Luz de Azambuja, filha do capitão Francisco Xavier de Azambuja e de sua mulher Rita de Menezes, já referidos neste e nos volumes anteriores. Teve o casal de Manuel José de Alencastro quinze filhos cujos baptismos constam dos livros respectivos de Santo Amaro e Triumpho. Entre elles se destacam: a) o coronel Jeronymo Baptista de Alencastro, que fez todas as guerras platinas; b) Antonio José de Alencastro, que foi pae do brigadeiro Joaquim M. de Alencastro; c) José Joaquim de Alencastro, que foi pae do marechal Antonio Pedro de Alencastro; d) Manoel José de Alencastro, coronel, que morreu na Guerra do Paraguay em 12-XI-1867; e) Elias de Alencastro; f) Ignacio de Alencastro; g) João Baptista de Alencastro, e outros, constando entre as mulheres Rita Emilia e Izabel Delfina, a que já nos referimos anteriormente.

Pag. 84 — DEMETRIO JOSE' RIBEIRO, coronel. Affirmou um dos chronistas da Revolução que o coronel Demetrio José Ribeiro era filho natural do marechal Bento Manuel Ribeiro. E isso tomou fóros de verdade, pelo desconhecimento das origens do valente guerrilheiro, cuja identidade de nome e profundas

ligações de amizade com Bento Manuel eram indícios para a afirmação. O mesmo se dava com o Dr. José de Araujo Ribeiro, que diziam ser parente muito proximo, e até irmão de Bento Manuel, quando descendiam de familias completamente diversas, sem traços de parentesco algum. As pesquisas que fizemos no archivo ecclesiastico de Uruguayana, onde estão os assentos de Alegrete, vem destruir completamente essa asserção. Demetrio José Ribeiro nasceu no Triumpho, sendo filho legitimo de Antonio José Machado e Mathilde Maria Nunes, e era seu nome, anteriormente, Demetrio José Machado. Muito moço ainda, em uma reunião, atacado por um desafecto que tentava feril-o, defendeu-se, ferindo-o gravemente, do que resultou a morte do adversario. Esse facto determinou a sua retirada do Triumpho, onde as autoridades tentavam prendel-o. Internou-se Demetrio pelas campanhas do Rio Grande, indo apresentar-se a Bento Manuel, em cuja força sentou praça, já com o nome de Ribeiro, que adoptou em attenção a seu chefe. Reconheceu Bento Manuel, em Demetrio, um homem de valor que se illustraria nas armas, pela bravura indomavel com que combatia. E o tomou como capataz de seu estabelecimento de criação, na fronteira de Alegrete, sendo, dahi, em diante, Demetrio Ribeiro o homem de sua maior confiança e a espada mais leal e valente de suas tropas. Quando estalou a Revolução de 35, na organização das forças que saíram com Bento Manuel para a campanha para a defesa do Dr. Araujo Ribeiro e dos principios que a rebellião desvirtuara, Demetrio foi um dos primeiros soldados que acudiram ao chamamento do chefe. E dahi em diante, quer ao lado da legalidade, quer ao lado dos farrapos, a sua espada, manejada com heroicidade e firmeza, estava sempre ao lado de Bento Manuel, com uma dessas dedicações raramente registadas. A *nota* a que fazemos referencia e, ainda mais, as *Memorias* atraz insertas, historiam detalhadamente a sua acção na prisão do brigadeiro Antero. Ao lado dos farrapos, commandando forças, ou ao lado dos legalistas, junto de Bento Manuel, Demetrio Ribeiro deixou seu nome assignalado por feitos verdadeiramente notaveis. Terminada a revolução, foi confirmado no posto de coronel, recebendo, em 1847, do Governo imperial, as insignias de cavalleiro da Ordem do Cruzeiro e Official da Ordem da Rosa. Nas campanhas do Prata, que se seguiram, distinguio-se notavelmente, merecendo ser condecorado com a commenda da Ordem da Rosa, em 1857.

Demetrio Ribeiro casou-se no Alegrete, em 28-X-1848, com Carlota Tertuliana Nunes, natural daquela cidade e filha legitima

de Gaspar Nunes de Miranda e Isabel Custodia de Lima, tendo desse matrimonio os filhos: a) Mathilde, n. Alegrete, em 21-VIII-1849; b) Dr. Adriano Nunes Ribeiro, engenheiro civil, jornalista notavel e destacado procer do partido liberal riograndense, chefiado por Silveira Martins. Foi o Dr. Adriano redactor chefe da *Reforma*, orgão desse partido, em Porto Alegre, occupando tambem altos cargos na administração do Rio Grande do Sul. Nasceu o Dr. Adriano, em Alegrete, em 5-II-1850; c) Dr. Demetrio Nunes Ribeiro, nascido no Alegrete, em 5-XII-1853, que foi um dos mais notaveis propagandistas da Republica e um dos seus primeiros ministros, em 1889.

Pag. 86 — JOSE' MARIA DA GAMA LOBO D'EÇA. Prestou prestimosos serviços á Legalidade no periodo revolucionario, merecendo justo destaque. Attingiu no exercito brasileiro ao posto de tenente-general, sendo agraciado com o titulo de barão de Saycan.

Pelo casamento ligou-se Gama Lobo a uma das mais antigas familias do Rio Grande do Sul, pois foi marido de Maria Trilha, nascida no Rio Pardo em 1803 e filha legitima de José Alves Trilha e sua mulher, Maria da Costa Pavão, filha de Antonio da Costa Pavão e Francisca Antonia da Pureza. Era José Alves Trilha filho legitimo de Diogo Trilha, natural de Antiquera, reino de Granada, que foi casado com Suzana do Rosario, natural da Ilha de São Jorge, filha de João Alves da Cunha e Maria do Espirito Santo, fallecida no Rio Pardo em 9-12-812. Foi Diogo Trilha um dos fundadores do Rio Pardo, onde teve campos de criação. Teve o tenente-general barão de Saycan uma filha, Maria Balbina da Gama, que foi a primeira mulher do tenente-general Manuel Marques de Souza, depois Conde de Porto Alegre, largamente citado neste volume.

Pag. 86 — JOAQUIM FARIA CORRÊA. Attingiu ao posto de tenente-coronel da Republica, sendo um dos seus mais bravos officiaes. Era filho de Francisco de Faria Corrêa, natural da Ilha do Fayal, que falleceu em Montevidéo, a 8-XI-1840, e de sua mulher Thereza Rosa de Jesus, natural do Rio de Janeiro, e tronco da familia no Rio Grande do Sul. Joaquim Faria Corrêa foi casado em primeiras nupcias com Fortunata Rodrigues Faria, filha de Francisco Rodrigues Fernandes, o *Vaqueiro*, e Clara Maria de Oliveira, e em segundas, com Nympha de Faria Paiva. Teve ainda quatro filhos naturaes, legitimados, de que descendem importantes familias do Rio Grande. São filhos do 1.º matrimonio: a) Casemira

que casou com Manoel Lourenço do Nascimento, de Pelotas, e foram paes do Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento, de alta projecção na politica nacional, como ministro do governo de Floriano Peixoto, e mais tarde senador da Republica; b) Geraldo de Faria Corrêa, um grande poeta riograndense, fallecido em São Gabriel, em 1889. Entre os filhos naturaes legitimados está Acacio de Faria Corrêa, casado com Eugenia Marcondes da Cruz Jobim, filha de Manuel Martins Jobim e Anna Martins. São filhos de Acacio o coronel Dr. Manuel de Faria Corrêa, Octavio Faria, um grande estudioso da historia do Rio Grande e autor de um *Diccionario Geographico*, já fallecido; general Acacio de Faria Corrêa e outros.

Pag. 88 — PRISÃO DE RIVERA. Acossado por Oribe, presidente do Uruguay, contra quem se rebellara em fins de 1836, o general Fructuoso Rivera, á frente de uma força de 400 orientaes, penetra territorio brasileiro, indo pedir protecção ás nossas autoridades. Sciente do occorrido, Bento Manuel o convida a ir até Caçapava, onde estacionava. Encontrando-se com Bento Manuel, Rivera leva ao conhecimento desse brigadeiro um plano concertado entre Rosas e Oribe, cujo conhecimento muito interessa ao presidente da Provincia. Em 1.º de dezembro, nesse sentido, Bento Manuel officia a Araujo Ribeiro, nos seguintes termos:

“Parece-me que em officio de 22 do passado participei a V. Exa. ter emigrado para esta Provincia o General Oriental D. Fructuoso Rivera com 400 homens, ave-lo eu convidado a vir fallar-me na Vila de Cassapava. Elle com effeito aceitou o convite, que mais tinha por fim separa-lo de sua força, e se achando neste Campo, tenho-o indusido a ir a essa Capital avistar-se com V. Exa. ao que procura evadir-se ponderando seu estado de falta de dinheiro. Acredito que seria de utilidade, e ao mesmo tempo proficuo V. Exa. invital-o a chegar até essa e mesmo para saber delle um plano concertado entre Rosas e Oribe que muito interessa a seguransa desta Provincia, no caso que seja verdadeiro. Cumpre-me participar a V. Exa. que da força emigrada com o General Rivera, a metade foi desarmada, e a outra se acha engajada ao nosso serviço e servindo na força existente no Departamento de Alegrete sob as ordens do Coronel Calderon. Deos Guarde a V. Exa. Campos nas pontas do arroio Velhaço. 1.º de Dezembro de 1836. — Illmo. e Exmo. Sr. José de Araujo Ribeiro. — *Bento M.º Ribr.º*

Mas, só em 20 de janeiro, Rivera, em companhia do general Lavalle, outro emigrado oriental, segue para Porto Alegre, tendo acompanhado sempre a Bento Manuel em todas as suas marchas, através da Província. Bento Manuel communica isso ao presidente no seguinte officio:

“Illmo. e Exmo. Sr. — Nesta ocasião sêgue para essa cidade o General Argentino D. Juan Lavalle, um dos que emigrou do Estado Oriental para esta Província, com o General D. Fructuoso Rivera, que já marchou ao mesmo destino. O que julgo do meu dever participar a V. Ex. para seu conhecimento.

Deus Guarde a V. Exa. Campo nas Pontas do Seival 20 de Janeiro de 1837. — Illmo. e Exmo. Sr. Jozé de Araujo Ribeiro. — *Bento M.^{es} Rib.^o*

Antes, porém, de partir para a capital da Província, o astuto caudilho uruguayo convencera ao general legalista que a guerra civil só poderia ser terminada com o auxilio do Uruguay e que para isso se fazia mistér ter na presidencia desse paiz a elle Rivera.

De posse dessas proposições, Bento Manuel as encaminha ao Dr. Araujo Ribeiro, de accordo com os documentos que seguem:

“Illmo. e Exmo. Sr. — Nesta occasião faço seguir a presença de V. Exa. o Capitão Gabriel de Araujo e Silva, Ajudante de Ordens do Commando das Armas da Província, o qual vai encarregado por mim de propôr a V. Exa. algumas medidas, que acredito indispensaveis para se poder concluir a guerra civil que dissola a Prov.^a que de outra forma se eternizará. Ouvindo-o V. Exa. espero que a necessidade e utilidade que resulta ao Imperio me impelem a sugerir a adopção de uma medida que deve infalivelmente ter lugar, por que não será possível obstar-se, e então talvez nenhum proveito possamos tirar, e sim novos males para a Patria. Deus Guarde a V. Exa. Porto Alegre digo Campo em Candiota 27 de Janeiro de 1837. — Illmo. e Exmo. Sr. Josè de Araujo Ribeiro. — *Bento Manoel Ribeiro.*”

NOTA — Entreguei por ordem de S. Exa. o Snr. Presidente os originaes ao Doutor Pedro Roiz Fernandes Chaves, Encarregado de Negocios do Brazil em Montevideò, que os devolverá em tempo opportuno.

Porto Alegre, em 21 de Novembro de 1837.

João da Cunha Lobo Barreto.

COPIA

Apontamentos para servir de guia ao Capitão Gabriel de Araujo e Silva, sobre o que lhe tenho encarregado expôr ao Exmo. Sr. Presidente da Prov.^a e a cujos respeito receberá ordens do m.^{mo} Exmo. Snr.

1.^o — Como não he possível terminar-se a guerra civil na Província no emtanto que o Governo Oriental continue a prestar protecção aos rebeldes; he por isso de absoluta necessidade, que seja removida a actual administração da Republica Oriental. A protecção que tem facultado aos rebeldes não pode ser mais manifesta, e para convencer-se basta recordar-se quantas vezes os rebeldes acossados pela Força Legal se tem abrigado no Territorio da Republica onde se conservavão reunidos, e armados, fazendo dalli correrias nesta Prov.^a sem que as Authoridades Orientaes procedão a fazelos desarmar, e dispersar como cumpria fazer. Afim de acobertar-se de justas arguições que pode fazer o Governo Imperial, fez o da Republica retirar as forças que tinha sobre a linha, facilitando por esse modo a estada dos rebeldes. Estes se refazem ali de gente e cavallos. Algumas pequenas partidas, que girão sobre a Costa desarmão aos Brasileiros Legalistas, que por ali apparecem, remettendo a muitos para o Quartel do Comandante do Departamento, ao tempo que aos rebeldes permittem percorrer livremente, comprar cavallos no interior com gados roubados deste lado, os quaes sem embaraço algum marchão para a Linha ao Lugar que Occupão, e tambem conservão diversas invernadas de Cavallos. A poucos dias passou pelo Serro Largo 600 Cavallos comprados pelos rebeldes, a troco de gados que tirarão da Fazenda de Israel Soares Paiva; e o Comd. do Departamento nenhuma providencia deu a semelhante respeito. Carecendo esta Coluna de Cavallos se mandou a outro lado afim de os comprar, o que não pode ter lugar por que a titulo de não fornecer auxilios os encarregados de policia não permittirão que passassem Cavallos para a força legal, tanto que um Brasileiro ali residente offereceo 400 Cavallos, de sua propriedade, declarando porem ser necessario que se mandassem buscar como roubados, razão por que se despresarão. Não ha muito chegou ao Serro Largo Antonio J. Gonçalves Chaves com uma carreta, carregada de armamento, para os rebeldes comprado em Montevideo. O intitulado Presidente da fantastica Republica Rio Grandense, e o General de Armas, estão no Serro Largo, desde onde dirigem as ordens de seus satelites nesta Prov.^a ou que estão naquelle Estado. Asseverão que o

anarquista Neto também para ali fôra e que o seu irmão Jozè he quem seguiu com a força de Cavallaria destinada a Piratinin, e Jaguarão.

2.^o — He facillimo mudar a actual administração do Estado Oriental, sem que o Governo do Brasil possa ser com fundamento arguido de ter concorrido directa ou indirectamente para tal feito. Existe na Provincia o General D. Fructuoso Rivera com quasi 500 orientaes, e argentinos emigrados, tanto o General como este conservão um grande partido naquelle Estado, e a maior parte estão engajados a soldo do Imperio, servindo contra os rebeldes, sob o Comando do Coronel D. Bonifacio Isas Calderon, com o fim de acobertar o Departamento de Alegrete das correrias dos rebeldes, e para os perseguir, se reunirão com aquelles differentes contingentes de guaranis, que estão em serviço, compondo-se assim uma Divisão de 700 homens. Esta marchando sobre a Linha, com o pretexto ou de a guarnecer, ou de acossar os rebeldes, devia passar, e se considerará rebellada. O General Rivera tomando então o Commando della operará como convier e apossando-se do Departamento de Paysandú, o mais populoso do Estado Oriental seguirá sua carreira até Montevideo.

O Coronel Calderon está disposto a prestar-se a este manejo. Dando-se parte de ter-se sublevado aquella força, quer a operação tenha lugar do outro lado da Linha ou deste, acoberto fica o Governo de qualquer arguição, tanto mais aparentemente real quando se considere, que a força destinada a esta facção he composta dos emigrados, e de guaranis, ao que acresce que jamais pode ser responsavel por um acontecimento de semelhante natureza, e impossivel de prever-se, mormente em circumstancias como as nossas.

3.^o — Apossando-se o General Rivera do mando da Republica, fará cessar a protecção, que presentemente se acorda aos rebeldes, dos quaes he odiado; e como tem absolutamente rompido com o governo de Buenos Aires de necessidade lhe he manter a melhor harmonia com o Brasil, afim de poder-se sustentar. Faltando aos rebeldes a protecção, Oriental, terminada fica a guerra civil desta Prov.^a e ella tranquilla e segura na união Brasileira, e se poupa muito sangue, dispendios, devastação, enraização de odios etc. etc. Para promptificar-se a Divisão necessario he se mande para Alegrete ao menos, 300 jaquetas outras tantas calças, de 600 a 700 ciroulas de algodão, 500 Camizas de Baeta, 700 Camizas, ponxes de pano, ou mesmo de baeta, e sufficiente numero de chiripãs do genero para se distribuir. Deste auxilio tampouco se poderá

increpar ao Governo, por quanto os Emigrados Orientaes forão engajados para servir contra os rebeldes, com a expressa condição de perceber o soldo, e mais vencimentos igual aos que tem a força digo Tropa Nacional, e até ao presente nada se lhes tem fornecido.

5.º — Da forma expressada os subditos do Imperio tampouco ficão compromettidos, pois que os Guaranis, que se destinão a expedição, por sua nullidade politica nada figurão, e como ninguem delles faz caso, nenhum será reputado Cabeça.

6.º — Anuindo o Exmo. Sr. Presidente se me dará algumas mais instruções que se julguem necessarias, regressando com brevidade para obrar em consequencia.

Candiota, 27 de Janeiro de 1837. — *Ribeiro.*" (1)

Quando o official que levava essas suggestões chegou a Porto Alegre já José de Araujo Ribeiro deixara a presidencia, sendo substituido por Antero de Brito, que inaugurava a sua politica de perseguições sob a influencia do partido anti-ribeirista. E os mais visados pela intriga que subseguiu eram justamente Bento Manuel e Rivera, accusado de interferir nos negocios da guerra.

E' nessa occasião que Rivera chega á capital. Os acontecimentos se precipitam com as perseguições do novo presidente. As prisões se enchem de pessoas affectas a Araujo Ribeiro, que é constrangido a sair da Provincia. Um mal estar profundo domina todos os espiritos. Antero, procurando desgostar Bento Manuel, dirige-lhe violento officio, fazendo-o publicar no jornal *A Sentinella*. O velho cabo de guerra, sentindo o golpe que lhe desfere o presidente, a 17 de fevereiro, officia-lhe, pedindo a sua demissão.

Sabê-se, já, na capital, que Antero projecta prender o ex-commandante das Armas. Varios amigos o previnem disso. E' quando, ainda em Porto Alegre, Rivera serve de intermediario de Bento Manuel junto ao brigadeiro Gaspar Francisco, tambem attingido pela má vontade de presidente. Bento Manuel se dirige aos republicanos e concerta-se o plano de derrubar Antero em troca da volta destes ao regimen monarchico, quando se proclamar a maioria de D. Pedro II. Depois desses entendimentos, Rivera consegue sair de Porto Alegre. Mas, em fevereiro, a chamado de Antero, volta de novo á capital. O presidente ali já não se achava e Chagas Santos, que respondia pelo governo, assim o communica áquelle em data de 12 desse mez:

(1) Aurelio Porto — *Influencia do caudillismo uruguayo no Rio Grande do Sul* — P. Alegre — 1825.

“Hontem, pouco antes de anoitecer chegou aqui Fructuoso Rivera, que ainda se não apresentou; porem mandou visitar, e dizer que só a noite o faria, desculpando-se com a falta de roupa decente, mas até agora que são oito horas ainda não o fez.”

Antero determina, então, a prisão do general uruguayo. Conta Lobo Barreto, em sua *Memoria* (pag. 341) que “Antero reservadamente mandou metter a bordo do patacho de guerra a Rivera, e Chagas, recebendo a ordem a metten no bolso do casaco; esperarão que o despisse e tirarão o officio, prevenindo a Rivera.” Foi Victorino José Ribeiro quem o preveniu, facilitando a fuga de Rivera. Esse facto veio exasperar profundamente a Bento Manuel, que resolveu dar o golpe de Itapevy, prendendo o presidente da Provincia e exigindo a liberdade de Rivera, como se evidencia dos documentos publicados neste volume.

Preso Antero, evade-se Rivera, que vae se incorporar a Bento Manuel. Em 5 de abril, de Cacequy, onde se encontra, dirige a Gaspar Francisco e a Andrade Neves as cartas que se seguem, sendo a primeira, traduzida e publicada pelo *Jornal do Commercio*, do Rio, em 24-V-837 e a segunda existente no *Archivo Historico* do Rio Grande do Sul:

“Ilmo. e Exmo. Sr. e amigo Gaspar — Cacequy, 5 de Abril de 1837.

Depois de suppor nas mãos de V. Exa. as participações do Exmo. Sr. general das armas e as explicações que fez a S. Exa. o sr. Coronel Gama tendentes á resolução tomada por S. Exa. respeito á detenção do Sr. general Antero, escuso repetil-o, apesar das recommendações de V. Exa. e dos mais amigos que me incumbiram participar-lhe tudo minuciosamente: eu cumpri ao pé da letra com as recommendações (encargues) de V. Exa. fazendo presente ao Exmo. Sr. general os desejos de Vmces. e S. Exa. nunca duvidou do patriotismo de Vmcês. Assim foi que algumas vezes me disse:

— Nunca tive um tão bom momento, pois a decisão desses amigos me é bastante para poder dar á patria uma nova vida..... etc. — *Fructuoso Ribera.*”

“Ilmo. Sr. Major José Joaquim Andrade. Las extraordinarias ocurrencias a mi respeto, que tubieron lugar en la Capital, y que me pusieron en el caso de evadir-me de los tiros injustos del Presidente Antero, me privaron de relacionarme con V. S. y de hablar le personalmente como deseaba; ha ora que libre ya de

aquelles inconvenientes, no quiero perder ocasion de sinificarle quanto soy amigo de V. S. y que deseo ocacion de mostrarle mi eterna gratitud y reconocimiento. A presente estoy al lado del Senhor Grãl de Armas; el como todos cuenta que V. S. será parte con ellos en nuevo enpenho que se alcanza. S. Exa. muy particularmente cuenta con V. S. y yó se bien que Vs. sabrà corresponder à la bien merecida confianza que se merece; — Se trata de conchuir la Guerra; la detencion del Gral Antèro, será talvez el paso precursor a que todos los Rio Grandenses, se den las manos y olvidando sus pequenas rencillas... hagan à su Patria dichosa, como merece; — Espéro tener el gusto de recibir sus cartas, dirigiendo-las al Tte. Cel. José Antonio Martins, Commandante de la Frontera de Alegrete, yo lo occasion em dar-le mis noticias, sin ter tan su resp.^{to} de VS. atento. —

Serv.^o y amigo — Q. S. M. B. — *Fructuoso Rivera*. — Casiqui 5 de Abril de 1837.”

Pag. 98 — HILARIO PEREIRA FORTES. Coronel e barão de Viamão. Nasceu no Rio Pardo, a 20-IV-1810, sendo filho de José Pereira Fortes e Joaquina Pires Maciel, filha de José Teixeira de Carvalho, da Laguna, e de Antonia Pires Maciel, do Rio Pardo. Era Hilario neto paterno de Antonio Pereira Fortes e de sua primeira mulher Maria Antonia da Encarnação, natural do Rio Pardo, filha de Manuel Tavares e de Maria da Conceição, e bisneto paterno de João Pereira Fortes, e de Eugénia Rosa, naturaes da ilha Terceira, Açores. (Vol. XXIX, 458). Casou-se o coronel Hilario no Rio Pardo, com Francisca Fausta da Fontoura, filha do tenente-coronel Antonio Adolfo da Fontoura Charão e de sua mulher Clara Candida da Fontoura. Prestou o barão de Viamão relevantes serviços na Guerra do Paraguay, onde commandou forças. Quando do assassinio de Antonio Vicente da Fontoura, em 1860, na igreja da Cachoeira, por occasião de eleições que ali se procediam, foi Hilario accusado de ser um dos mandantes do crime, sendo depois absolvido. (Vol. XXIX, 464).

Pag. 121 — MARCOS CRISTINO, de Santo Antonio. O Dr. Marcos Cristino Fioravanti, cirurgião aprovado, que teve sua carta confirmada em exame de 7-XII-809, foi, em 1803, residir na villa de Santo Antonio da Patrulha. Era natural da ilha de Santa Martha, republica de Veneza, e filho legitimo de Angelo

Cristino Fioravanti e Geronima Maria. Na Conceição do Arroio, em 16-VI-804, casou-se com Emerenciana Joaquina, natural daquela povoação, filha de Francisco da Silveira Peixoto e de Anna Joaquina de Jesus, e neta paterna do casal de ilheus, oriundo do Fayal, José da Silveira Peixoto e Maria da Conceição. Em 1826, por ocasião da ida do Imperador Pedro I ao Rio Grande do Sul, foi o Dr. Marcos Cristino encarregado de organizar o transporte da comitiva do monarca, desde Torres, desempenhando-se muito bem dessa incumbencia, recebendo por isso um habito de Christo. (B. Nac. Verb. Biog. C. 529, 10). Exerceu largos annos a clinica em Santo Antonio e ainda, na revolução de 35, ali prestava seus serviços profissionaes. Teve tres filhos que descobrimos: Candida, nascida em Santo Antonio, em 15-III-805; Marcos Cristino Fioravanti Junior, que depois se assignou Marcos Cristino Fioravanti Patruilhano e que, no Rio de Janeiro, era, em 1828, boticario approved, sendo designado para exercer a sua profissão a bordo da fragata *Imperatriz*, que foi á Inglaterra, nesse anno, buscar d. Leopoldina. Marcos Cristino cursou a Faculdade de Medicina do Rio e ficou nesta capital como medico. Em 2-XII-1854, o Dr. Marcos Cristino era agraciado com o officialato da Ordem da Rosa. O terceiro filho do tronco foi o Dr. Antonio Angelo Cristino Fioravanti, que teve destaque no Rio Grande do Sul, quer como advogado, quer como politico, tendo pertencido ás fileiras dos farroupilhas. Bacharelou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 31-X-1836. O dr. Antonio Angelo era casado com Clara Cristina, natural da Patrulha, filha de João Cirino da Silva e de sua mulher Anna Francisca dos Santos, naturaes de São Paulo. No Alegrete, onde se achava em 1845, baptizou uma filha, Zelinda, a 7 de agosto. O Dr. Antonio Angelo recebeu o officialato da Rosa, em 28-XII-1858. (B. N. Verb. Biog. C. 991, 93).

Pag. 121 — CUSTODIO ANTONIO DA SILVA BARRETO. Era natural do Triumpho, filho legitimo de André da Silva Barreto e de sua mulher Anna Gracez, viuva de José de Araujo Villela, e filha de José Gracez de Moraes e Thereza Maria da Conceição, povoadores primitivos do Rio Grande do Sul. Casou-se Custodio com Thereza Ignacia de Oliveira, filha de Manuel Ignacio de Souza Cabral e Severina Angelina de Oliveira. Teve Custodio, naturaes de Montenegro, onde tinha terras e de que foi um dos primeiros povoadores, tres filhos: Maria, que casou com o capitão Feliciano José de Magalhães, José da Silva Barreto e Julio da Silva Barreto.

Pag.^o 122 — CORSARIOS. Um dos primeiros actos do governo da Republica Riograndense, que se installara a 5 de novembro de 1836, na Villa de Piratini, foi estabelecer a guerra de corso, em alto mar. João Manoel que, no Acampamento de Candiota, commandava em chefe o exercito republicano, e que era secretariado pelo Dr. José Carlos Pinto, em 14 desse mesmo mez passa a primeira carta de corso. Mas, segundo o Dr. Varella, que historia com minucia o assumpto, fazendo referencia aos documentos que publicamos na integra, (1) essa carta de corso teria sido antedatada, sendo consequencia de instrucções recebidas por João Manuel de d. José Roso, a quem em 1.^o de fevereiro se dirigira o general republicano, pedindo instrucções, (2) segundo o documento que registramos:

“Documento 1772, actualmente 1525. — Amo. e Snro. D. José Roso. N. V. 1.^o de Fevereiro 1837. Como da America do Norte se me escreve pedindo-me Cartas de Corso pa. alguns navios, e não tendo eu alguma ideia como se passam ellas, vou por meio desta rogar a V. Sa. se sirva mandar-me pelo portador huma copia dos ditos titulos com todas as explicações q. forem mister, devendo-o previnir para sua intelligencia que a Republica Rio-Grandense não tinha nenhum pôrto acreditado para a recepção das presas. Seguro de sua amisade, e do interesse q. toma pela causa dos Republicanos Rio-Grandenses espero que satisfaça a este pedido de Q. S. M. B. — J. M. de Lima e Sa. — P.S. Dispence-me pedir-lhe segredo sobre este objecto, pr. q. melhor que eu conhece da sua importancia. — Snro. D. José Roso. Miguelete.”

E' a seguinte a correspondencia relativa á guerra de corso, trocada pelos nossos agentes no Uruguay, que registramos para estudo mais detido do assumpto, e existente no Archivo do Itamaraty:

COPIA

N.^o 1.^o

Illm.^o Snr. — Cumpre-me participar a V. Sa., ter podido hontem as 7 horas da noite ser informado, que huma Sumaca fundeada neste Porto no dia 28 do proximo passado Abril, he hum

(1) Alfredo Varella — *Hist. da Grande Revolução* — 4.^a, 8.

(2) *Archivo General de la Nacion*, Montevideo. Este e outros documentos que publicaremos, recebidos do Archivo Publico de Montevideo foram gentilmente indicados pelo historiador uruguayo dr. J. Pivel Devoto e ali copiados pelo prestativo auxiliar de nossa embaixada dr. Ramos de Freitas, a cuja gentileza somos gratissimos. Auxiliou tambem, grandemente, para que conseguissemos tão preciosa documentação o dr. Adolfo Alencastro Gaimarães, do gabinete do sr. ministro da Relações Exteriores do Brasil, a cuja interferencia devemos a documentação do Archivo do Itamaraty, em nosso poder.

Corsario Patentizado por hum Lima dos rebeldes da Província do Rio Grande, e com bandeira da suposta Republica Rio Grandense; e consta-me estar carregada com effeitos do Brasil, e que o Capitão partira hontem mesmo por terra para essa Capital, e que o seu segundo, por via da Capitania deste Porto pertendia obter do Governo deste Estado permisso para desembarcar cinco negros e da-los por libertos. Hoje requeri á Autoridade desta Cidade o embargo desta Sumaca e carregamento, de cujo documento envio incluso copia a V. Sa., igualmente copia da contestação que me foi dada, o que tudo tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Sa. para os fins convenientes, e servir-se instruir-me na maneira de proceder, segundo as circumstancias em que se acha este assunto.

Deos Guarde a V. Sa. muitos annos Vice-Consulado do Brasil em Maldonado, 1.º de Junho de 1837.

Illmo.º Snr. Manoel de Almeida Vasconcellos, Encarregado de Negocios e Consul Geral do Imperio do Brasil.

João Manoel da Costa Pereira, Vice-Consul.—Está conforme: *Manoel d'Almeida Vasconcellos.*

COPIA N.º 2.º

Illm.º Snr. — Por abreviar a sahida do conductor por quem tive a honra de dirigir a V. Sa. a minha participação do 1.º do corrente mez relativa ao Corsario dos rebeldes fundeado neste Porto, e as copias das diligencias praticadas perante a autoridade desta Cidade para o embargo do dito Corsario e sua carga, não me foi possivel faze-lo naquelle acto com bastante indagação e extendidade, e passando depois á fixar-me em algumas observações notei huma grande differença no porte desta Sumaca, com a qualidade de embarcação, e porte de que trata o seu despacho, coordenando em consequencia que o dito despacho ou Patente de Corsario com o n.º 6 dada em Candiota na Provincia do Rio Grande em 14 de Novembro do anno findo por hum dos rebeldes João Manoel de Lima e Silva, servia a huma Lancha de Corso de vinte toneladas, guarnecida por quatorze homens, com que indubidavelmente foi aprezada esta Sumaca na Costa do Brasil, passando-se a ella á tripulação da dita Lancha com a Patente della.

Junto a este figurado documento, vi e existe embargado na Capitania deste Porto a meu requesitorio, a Patente do Commandante com graduação de 1.º Tenente para hum Corsario de

farroupilhas de 130 toneladas, com peças (sem declarar o numero dellas) dada pelo mesmo Lima, mas este ficou no Rio de Janeiro por ordem de Bento Gonçalves, segundo declaração se vê em huma Nota á margem da Patente, passando o mando da Lancha ao segundo Commandante Garibaldi.

Á huma vista figura-se-me que a dita Sumaca não está tão carregada como entrou, motivo que dá lugar a capacitar-me tenha trasbordado de noite a carga a huma baleeira Franceza que se acha estacionada neste Porto.

São as 5 da tarde. Acabo de ter a honra de receber o Officio de V. S.^a de 4 do corrente, e sobre o objecto de que trata, occorre-me advertir, que no caso de ser preciso procurar a carga a bordo da embarcação que deixo indicada, será preciso previo conhecimento e por ordem do Consul Francez.

No caso da chegada do Brigue Imperial Pedro, eu advertirei ao Commandante espere a resolução de V. Sa.

Deos Guarde a V. Sa. muitos annos. Vice-Consulado do Brasil em Maldonado 5 de Junho de 1837.

Illm.^o Sr. Manoel d'Almeida Vasconcellos, Encarregado de Negocios e Consul Geral do Imperio do Brasil em Montevideo.

João Manoel da Costa Pereira, Vice-Consul.—Está conforme.
Manoel d'Almeida Vasconcellos.

VICE-CONSULADO DEL BRASIL EN MALDONADO JUDIO 6 de 1837.

El abajo firmado Vice-Consul del Gobierno del Imperio del Brasil en esta Ciudad, sedirige al Sor. Gefe Politico y de Policia interino del Departamento, reprecentando que envirtud de estar en execucion el acordado entre el Superior Governo de esta Republica Oriental, con el Illm.^o Sor. Encarregado de Negocios, e Consul del Imperio en Montevideo, sobre el acontecido de la Zumaca Mazzine de los Rebeldes de la Provincia del Rio Grande, que ayer noche existia fundeada en este Puerto, de donde esta mañana se nota haver desaparecido. El infrascripto, exige del Sor. Gefe Politico, se lo tiene a bien, se serva darle vista de todos los documentos de dita Zumaca que seallavan retenidos en la Capitania de este Puerto, los que oy supone en su Juggedo, y permitirle el sacar Copia de todos ellos para los fines que le convengan, con la prebia responsabilidad de debolverlos luego emediatemente que tenga concluido esta deligencia.

Con este motivo, el infrascripto Vice-Consul aprovecha la oportunidad, y saluta al Sor. Gefe Politico y de Policia interino a quien se dirige.

Juan M.^{al} da Costa Per.^a. V. C. — Al Sor. Gefe Politico y de Policia Interino del Departamento. Dn. José Machado.

COPIA.

DEPARTAMENTO DE POLICIA Maldonado Julio 6 de 1837.

El abajo firmado Gefe Politico Ynterino y de Policia deste Departam.^{to}, a consecuencia de la nota official del 1.^o del corriente, que dirigi al Superior Gobierno transmitindo a conocimiento la sulecitud que el Sr.^o Vice-Consul del Brasil a quien abla, le pasó en igual fecha alque susbscribe, referente al Embargo de la Zumaca denominada Mazzine, y retencion desu Patente en la Capitania del Puerto; ayer alas cinco de la tard, recebio orden del Superior Gobierno datado en 3 del que gira, para poner emedeatamete Embargo en el Exprezado Buque y Carga, previa el Inventario de ella con las formalidades del Sello de Papeles y Escutillas, dejando solo a su bordo un oficial, tripulado y Marinado por fuerza del Gobierno, y condusido emediatamente al Puerto de Montevideo, para harcer-se en el, las indagaciones necesarias sobre la procedencia y propiedad de los efectos delho Buque, e al mismo tiempo remetindo--se por tierra ala Capital todos los individuos de la tripulacion. A merito delha Superior Resolucion, el abajo firmado procedio emediatamente en procuracion del Capitan de lho Buque que supo existir en tierra por el dia, y fue enformado de Sn. Domingo Gorlero, en cuya casa tenia su aposentamento, de haver pasado abordo.

Al amanecer este dia hacido instruhido de que el Buque ha desaparecido del Puerto, y en este estado, el Infrascripto ha resuelto dar cuenta al Superior Gobierno de este acontecimiento, con remicion de la Patente mandada retener en la Capitania del Puerto por el Sr.^o Vice-Consul del Brasil. Todo lo que, el Infrascripto, a contemplado justo dar--le este conocimiento a quien abla al S.^{or}. Vice-Consul para su inteligencia y efectos que le convengam. Saludandole con las consideraciones de aprecio que le merece.

Firmado — José Machado. — en esta Ciudad. — S.^{or}. Dn. Juan Manoel A Costa Pereyra Vice-Consul del Brasil

COPIA

Vice-Consulado del Brasil em Maldonado Junio 6 de 1837.

El abajo firmado Vice-Consul del Gobierno del Imperio del Brasil en esta Ciudad, ha recibido la nota del S^r. Gefe Politico y de Policia Ynterino deesta Ciudad fecha de este dia, haciendo-le saber la resolucion del superior Gobierno sobre el objecto Zumaca Mazzine, y que havido sido instruido de haver desaparecido el Buque, del Puerto, dava cuenta de este acontecimiento al mismo Superior Gobierno conla remicion dela Patente que existia embargada en la Capitania deste Puerto; lo que ponía en conocimiento del S^r. Vice-Consul a quien ablava para su inteligencia. El infrascripto Vice-Consul queda enterado de todo su contenido y devuelve al S^r. Gefe Político y de Policia, los dos Papeles del mismo Buque, de que hoy le havia pedido vista, para extraher de ellos las copias.

Deos Guarde ms. años al S^r. Gefe Politico y de Policia a quien se dirige.—Juan Mel. A Costa Per.^a—Vice-Consul.—Al s^r. Gefe Politico y de Policia Ynterino del Departamento.

Dr. José Machado.

Illmo. Sr.—Referindo-me ao contheudo do meu officio datado em 5 do corrente, que tive a honra dirigir a V. S.^a com as occurencias que se me offereciam rellativas a Sumaca dos Rebeldes que se achava fondiada neste Porto, em que accusava recebida a communicação de V. S.^a de 4 deste mesmo Mez; cumpreme levar a seu conhecimento, que no mesmo momento fui pessoalmente indicar ao Chefe Politico desta Cidade, as determinações dispostas pelo Superior Governo desta Republica, e fazer que o mesmo procedesse sem perca de tempo asegurar o Cap.^m da citada Sumaca que era notorio paseava libremente nesta Cidade, em virtude de cuja investigação, e a tempo que tambem recebeo a communicação do seu Governo constame haver procedido a tomar algumas providencias, mas tão infelixmente que o Capitão pode salvarse para bordo, e á Sumaca anoiteceo, e não amanheceo no Porto.

Emmediatamente exegi vista dos Documentos que a meu pedido estavaõ embargados na Capitania deste Porto, e não houve duvida em franquiar-mos, dos quaes extrahi as copias que tenho

a honra remeter incluso a V. Sa., egualmente a correspondencia havida de parte, a parte. Hontem as 4 da tarde chegou a este Porto o Brigue Imperial Pedro, e depoes da entrevista que tive com o Capitão delle, lhe officiei para que demore tres, ou quatro dias, em q.^{to} não chega a resolução de V. Sa. sobre a proposta da Balieira Francesa indicada no meu Officio de 5 do Corr.^{to}, e logo emediatemente sahirá para essa, por que supponho tenha logo que ir mais adiante.

Deos Guarde a V. Sa. M.^a An.^a

Vice-Consulado Brasileiro em Maldonado 8 de Junho de 1837.

Illm.^o Snr. Manoel d'Almeida Vasconcellos. Encarregado de Negocios e Consul Geral do Brasil.

João Manoel da Costa Pereira

João Manoel de Lima e Silva General e Commandante em Chefe do Exercito de Operações da Republica Rio Grandense & &

Attendendo a aptidão e mais circumstancias que concorrem na pessoa de João Gabarrão, confiro-lhe o imprego de Segundo Commandante do Corsario Faropiglia, numero 6, com canhões, e praças, de porte de 130 toneladas: concedendo-lhe todas as izenções e privilegios que por este titulo lhe correspondem.

Portanto ordeno, seja reconhecido por tal e possa fazer a Guerra ao Pavilhão Brasileiro Imperial, para o que se lhe passa o presente titulo, que fica registado na Secretaria Militar, o qual vai firmado por mim, passado por José Carlos Pinto Secretario do Exercito, e sellado com o Sêllo das Armas da Republica.

Acampamento em Candióta 14 de Nobr.^o de 1836.

Assignado — *João Manoel de Lima e Silva*, General e Comandante em Chefe.

Patente pêla qual S. E. confere a João Gabarrão o Emprego de Segundo Commandante do Corsario numero 6, denominado Faropiglia.

Assignado — *José Carlos Pinto*. Nada mais continha o original do qual extrahí a presente copia.

Maldonado 6 de Junho de 1837.

João M.^o da Costa Per.^o



RELAÇÃO DA TRIPULAÇÃO

João Gabarron Capitão
José Garibaldi 1.º Tenente
Luís Garniglia Contra Mestre
Luís Cália Segundo dito
Pasquale Lodola Armourior
João Batista Capitão das Armas
Alexandre Petrina despenceiro
Antonio Chiama
João Sigorra
Batista Elena
Manoel Francisco das Neves
José Maria
Luís Rossett
Mauricio Garribalde

N. B. Por ordem do Sor.
General Bento Gonçalves o dito
Capitão João Gabarron ficou
no Rio de Janeiro.

Em virtude da autorização do Governo da Republica Rio Grandense instalada na Villa do Piratinim no dia 5 de Novembro de 1836 para rechassar aforça com aforça e fazer valer seus mais sagrados direitos as arbitrariedades do Governo do Brasil, o qual depois de haver desatendido as mais justas reclamações do Povo Rio Grandense, garantidas pelo direito Constitucional estabelecido nas Provincias do Brasil, e o que hé mais abusando do poder que lhe outorgou a Const.ção haver-nos declarado fóra da Ley.

Por tanto e em consequencia da authorização do Governo desta Republica ordeno e mando passar apresente Patente de Corso para que á Lancha Mazzine de vinte toneledas e com a rellação amargem da tripulação possa cruzar livremente por todos e quaesquer mares e Rios e onde trafiquem Barcos de Guerra e commercio

do Governo do Brasil e seus Subditos podendo prendelos e tomar por força de suas Armas, os quaes serão tidos por boa preza como emanada de Authoridade ligítima e competente.

Fica encarregado o Capitão João Gabarron Commandante do dito Corsario e a todos os seus Subditos de respeitar, e fazer respeitar os Pavilhões Subditos e interesses das outras Nações que os tratará com a maior urbanidade e delicadeza, e esperamos em retribuição igual reciprocidade dos Chefes e Subditos das demais Nações aquem suplico dispensem ao dito Corsario toda aprotecção nos casos de perigo comum por naufragio, insendio, fome e peste. O mesmo Capitão em seu lugar qualquer dos Tenentes nos dará avizo de qualquer acto officioso remarcavel recebido seja por mar ou por terra para tributar a seus respeitaveis Governos aomenagem devida atão digna philanthropia. En consequencia ordeno a todos os Chefes e Subditos da Republica R. G. que habilitem os portos e Prayas do seu territorio, preste e deem a todos os Navios Corsarios e ás prezas delle dependentes amais precisa e decidida proteção em caso necessario debaixo da mais seria responsabilidade em caso contrario. Em fé de que assim o cumprirá

afim de dar aesta Carta Patente todo o valor e força que pelo direito das gentes se exige para navegar francamente em Corso, ou marcancia, mando registar apresente na Secretaria militar do Exercito aqual vai firmada por mim e passada pelo Secretario do mesmo, e Sellada com o Sello das Armas da Republica. Eu José Carlos Pinto Secretario do Exercito o escrevi. Acampamento no Candiôta 14 de Novembro de 1836. — assignado. — João Manoel de Lima e Silva.

E nada mais continha o dito docum.^{to} ou Carta Patente aecção dos quinze individuos que vão notados amargem. Maldonado 6 de Junho de 1837.

N. B. Aliás quatorce individuos.

João M. da Costa Pereira.

Vice-Consul

A guerra de Corso só foi officialmente estabelecida por dec. de 1.º de Setembro de 1838, do governo da Republica. (*Povo*, ed. 1930, pag. 35). Mas, segundo o nosso Encarregado de Negocios em Montevideo, Manuel de Almeida Vasconcellos, antes dessa data, já havia o governo riograndense expedido seis cartas de corso.

De uma missão nesse sentido foi encarregado o 2.º tenente Luiz Rosseti que, como vimos, fazia parte da tripulação da *Mazzini*, depois *Farroupilha*. E' outro documento do *Arquivo General de la Nacion*, que nos dá disso noticia:

"Documento 1836, actualmente 1689. — Encarregado pelo Governo da Republica passa ao Estado Oriental o 2.º Tenente de Marinha Luiz Rossetti a engajar a necessaria maruja para os vazos de guerra novamente armados. Este official fará o ingaje, offerecendo, aos que se quizerem alistar a terceira parte dos productos das prezas que será dividido entre as apprehensões. Para um orçamento da despeza de viagem para este Estado, que será considerado como ajuda de custo que se dá aos engajados; e no mais

procederá segundo as instrucções que particularmente se lhe dão. Secretaria dos Negocios do Interior, e encarregado do Expediente do Governo em Piratinin 19 de Dezembro de 1837. Affonso José de Almeida Corte Real.”

Em Março do anno seguinte, talvez resultado da commissão de Rossetti, apparecem quatro ou cinco inglezes, idos de Buenos Aires para Montevidéo, que se destinavam á Bahia afim de entrar aos serviço dos rebeldes daquella provincia. São Henrique Sinclair, Thomaz Hendersson, Carlos K. Vise, Moses Hughes que serviram na marinha de Buenos Aires contra o Imperio, tendo sido Sinclair o commandante da *Sarandy*. (1)

Só no anno seguinte é que apparece o corsario Bisley, que, com a bandeira riograndense arvorada “num casco velho comprado por 800 pesos” em Montevideo, captura o patacho brasileiro *Tentador*, que fazia viagem da Bahia para aquelle porto. Esse “casco velho”, segundo Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, então encarregado de negocios em Montevideo, em officio datado de 22-V-1839, “depois de despachado em lastro com bandeira oriental, foi esperar cerca da ilha das Flores pelo capitão Bisley (americano que foi corsarista de Buenos Aires na guerra passada) o qual se embarcou em uma balieira com 12 homens engajados á meia onça, e foi ter ao seu encontro no ponto designado.” (Arch. Itamaraty).

São interessantes as declarações de Bisley, prestadas em Maldonado e transmittidas pelo vice-consul brasileiro daquella localidade, quando da prisão ali daquelle corsario pela commissario de policia uruguayo e que constam do documento que se segue:

COPIA

ANNEXO. (Acompanha o officio n.º 14 de 1839).

Habiendo sido presos em San Carlos el 18 del corriente por el Capitan D. Francisco Mamente, Commissario de Policia de aquella Villa, y remettidos al commandante militar de Maldonado los individuos Roberto Bisley y Juan Friller Capitan el primero y marinero el segundo del Corsario patentado por los insurgentes del Rio Grande que naufrago en la Costa de José Ignacio, el commandante Militar del Departamento mando levantar la correspondiente informacion indagatoria en la cual el referido Bisley dijo: — que

(1) Haviam sido contratados para fazer a guerra de corso, por conta dos revolucionarios da Bahia, por Manoel Gomes Pereira, um dos revolucionarios da *Sabinada*, e depois coronel ajudante de Ordens de Bento Gonçalves. (Arch. Itamaraty).

era natural de N. America y avecindado em Buenos Ayres: que mandaba el Bergantin Goleta naufragado en José Ignacio, el cual tenia el pabillon de la Republica Rio Grandense, y salio de Montevideo el dia 12 del mismo mes en patente de este Estado nombrando-se Anita, con destino a Rio Janeiro en lastre, pero luego de hallar-se fuera del Puerto rompio la referida patente y bandera Oriental, quedando con patente de la Repa. Rio Grandense, en que se le llamaba el Patriota, siendo su objeto hacer el corso contra los Imperiaes del Brasil, para cujo efecto el Presidente de la mencionada Republica, Bentos Gonzalves da Silva, le facilito la patente de corso y le expedió titulo de Capitan de Fragata, dirigiendo se acto continuo á Montevideo, recorriendo la Costa por tierra y tambien la del Rio Chuy; que en este Puerto se embarcaron con el 11 hombres sin armas, però despues de haber salido de el, recibió una ballanera con 8 hombres, 12 fusiles, 12 sables, 6 pistollas uno cunete de polvora y una arroba de balas, todo lo que le remitia una fragata mercante Inglesa que se hallaba en franquea para hacer viage a Liverpool cuyo nombre no recuerda, pero su Capitan se llamaba Achilles; — que el día 15 apreso el Buergantin, Golleta Brasileiro *Tentador* que hacia viage de la Bahia á Montevideo con cargamento de caña sal y leña, habiendo enarbolado primero el navillon argentino, hasta luego de abordado el brigue, que iso la bandera Rio Grandense; que la presa fue remetida al Rio Grande á cargo del Oficial del Corsario Juan Roberto, llevando consigo cuatro marineros y dos negros del Brigue apresado; que los prisioneros se transbordaron al Corsario y habiendo naufragado este, corrieron la misma sorte que el declarante. Que la gente que la tripulaba el corsario fue contratada en Montevideo por Bisley, y el Oficial Juan Roberto, ofreciendo-le en pago una parte de presa. Que dho oficial fué nombrado por el en virtud de autorisation que tenia para el efecto; y pedidos que le fueron la patente del Brigue y demas documentos que deben probar esta declaracion., dijo que todo se habia perdido en el naufragio. — Oido el marinero Juan Friller dijo ser natural de Inglaterra, de estado soltero y marinero; que llevo á Montev. en el Bergantin de guerra Francez *Bordelaise*, desde S. Pedro — puerto de la Provincia de Buenos Ayres — donde se embarco, y que un N. Americano llamado Tomas le habló pa. que se embarcase en la clase de marinero, e lo conduusso con otros y algun armamento á la Isla de Flores: que Tomas volvió a Montev. desando-los á las ordines de un Juan Roberto, hasta donde los embarcaron con las armas que se han mencionado: entonces el Capitan Roberto Bisley les declaró que iban al corso contra los Brasileños,

ofreciendo-les una parte de presa y continua sus declaraciones sobre el apresionamiento del Tentador, en todo conformes con las que ha dado el Capitan del Corsario. Con fhs 19 del mismo mes el Comt. militar de Maldonado, acompañando estas informaciones dise al Gobierno que ha ordeñado la conduccion á aquella ciudad de todos los individuos naufragados, asi como de todo lo que pueda extraer-se del mar, que dando entretanto los remittidos va bajo su custodia, hasta la resolucion del Gobierno. Está conforme: por ausencia del Ofs. mayor Assignado Adolfo Rodrigues. — Ofs. 1.º de Rel. Ext.

Conforme:

Antonio Pedro de Carvalho Borges

(Arch. Itamaraty — *Corresp. de Montevideo* 1837-1839)

Em junho de 1840, segundo informa o proprio Bisley, em Castillos estão se aprestando algumas embarcações (americanas) para fazerem o corso, sob bandeira riograndense. Mais tarde explica-se melhor o informe de Bisley: este corsario havia vendido a um capitão americano Braum, a patente de corso, que recebera dos farroupilhas. A noticia fora transmittida pelo consul dos Estados Unidos ao seu collega do Brasil, em Montevideo, Manuel Vieira Braga, que assim a communica a Almeida Vasconcellos:

Ilm.º Snr. Sou informado pelo Consul dos Estados Unidos que hum pequena Embarcação de fundo branco tripulada com 20 ou 25 homens sahia deste Porto no dia Domingo 25 do corrente com o fim de piratear, levando por Capitão hum tal Braum que era Piloto de hum Barca Americana consignada ao dito Consul: assim como que o mencionado Braun comprou a Bisley a Patente que os Farrapos havião concedido a este. Pude saber mais que estes Piratas pretendem conduzir todas as Embarcações Brasileiras que tomarem á Bahia Blanca ou Rio Negro, Costa da Patagonia, onde já se acha hum outra embarcação de maior lotação para receber as mercadorias roubadas, e leval-as para Valparaiso ou outro Porto do Pacifico. Portanto V. Sa. á vista do que lhe refiro tomará as medidas que julgar mister

Deos Guarde a V. Sa. Consulado Geral do Brazil em Montevideo. 31 de Outubro de 1840. — Ilm.º Snr. Manoel d'Almeida Vasconcellos. *Manoel Vieira Braga.*

Em setembro do anno seguinte Garibaldi inicia as negociações para abandonar a marinha de guerra da Republica. Um amigo do "condottiere" José Rivera Indarte vae á Legação do Brasil e solicita do Governo Imperial e em nome deste, o indulto de José Garibaldi. Já se acha em Montevideo "dizem ser mui perigoso á Legalidade, e que seria um serviço afastal-o assim daquelle partido", informa ainda Vasconcellos ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, em officio reservado de 11 de setembro de 1841. Promette Garibaldi levar á Legação uma declaração por escripto e como tem de embarcar em um navio "para fazer o seu negocio" no Rio da Prata, da-lhe Vasconcellos uma cautela provisoria. Em officio de 22 de setembro noticia Vasconcellos que Garibaldi insiste em ter a sua carta de amnistia, mas que emquanto esta não lhe for concedida "julguei que melhor seria que elle assignasse um termo na Legação, e que uma copia desse termo lhe servisse de cautella. Assim conveio" diz, remetendo copia desse termo que submette á apreciação de s. m. o Imperador.

Com data de 11 de outubro, ainda sobre o assumpto, transmitta Vasconcellos ao ministro interessantes informes que lhe foram dados pelo presidente Rivera; "Ainda me disse o presidente, escreve, de que uma das provas de que o Governo Imperial tem estado sempre mal informado, he que era tão injusto para com elle. Que Bento Gonçalves lhe tem mandado cartas de corso, não menos de seis vezes, para consentir o armamento de corsarios neste Estado, vindo até as tripulações do Rio de Janeiro, commandantes, etc. e que o governo sabe se haveria ou não meio de fazer com descumulação, porem elle se negou sempre. Que ha mezes Ulhoa Cintra lhe pediu licença para sahir com algumas sumacas ou patachos para os hir metter a pique na barra do Rio Grande, e assim inutilizal-a, e elle se oppoz."

São essas sobre a guerra de corso da Republica Riograndense as noticias mais interessantes respigadas dos documentos em nosso poder, copiados dos archivos do *Hamaraty* e *General de la Nacion*, de Montevideo.

Pag. 128 — MANUEL JOSÉ FLORES, o MOÇO — Como outros varios membros dessa grande familia do Rio dos Sinos, Manuel José Flores, o Moço, exerceu larga acção revolucionaria em 1835. Era filho legitimo de João José de Oliveira Flores e Anna Joaquina de Araujo, filha do casal de açorianos, da Ilha Graciosa, Manuel Gonçalves de Souza e Maria Joséfa. Pela parte paterna era neto de Francisco José Flores, natural da ilha das Flores e

Luzia de Jesus, natural de São Jorge, filhos esse de Francisco Valladão e Maria Furtado, e Luzia de Matheus de Oliveira, e Luiza de Quadros, também casal açoriano. Foi Flores o Moço, irmão de Bernardino José Flores, pae de um caixeiro de Affonso Sarrazin, de São Leopoldo, Francisco Flores de Oliveira, tronco da familia e avô paterno do general José Antonio Flores da Cunha, governador do Rio Grande do Sul e do coronel Francisco Flores da Cunha, senador da Republica.

Manuel José Flores, o Moço, casou-se com Maria Angelica, natural do Viamão, filha legítima de Cristovão Ferreira, do Porto, e de Izabel Maria, da Ilha Terceira, Açores. Teve o casal, nascidos no Cahy, onde tinha propriedade pastoril, os seguintes filhos: Onofre, Manuel, João, Ludovico e Prudencio.

Pag. 143 — JOSÉ CUSTODIO MACHADO, ou *Juca Custodio*, como se celebrizou nos annaes da revolução, era natural do Cahy, neto paterno de Antonio Machado de Souza, natural de Santo Amaro, e de Anna Joaquina de Oliveira, irmã de João José de Oliveira Flores, da *nota* atraz, e filho de Custodio José Machado, de Santana do Rio dos Sinos. Revolucionario terrivel, Juca Custodio, nos primeiros dias da lucta farroupilha, reuniu uma partida e começou a agir nas immediações do Cahy. Valente e ousado, não dava quartel ás partidas legaes que encontrava, empenhando-se em varios recontros sangrentos. Era, principalmente, inimigo acerrimo do major Simas, seu conterraneo e chefe legalista de valor. Esteve Juca Custodio no combate da Fortaleza (Montenegro) contra as forças de Chico Pedro, fazendo ahí prodigios de bravura. Foi esse farrapo, como vimos quem, commandando uma partida, assassinou, em casa de sua mãe, viuva de Custodio Machado, o major Manuel José de Simas que ali pernoitava. Pela sua crueza era José Custodio odiado pelos seus adversarios e, segundo Fernando Osorio, *Hist. Gen. Osorio II*, 339, foi esse republicano morto em 11 de agosto de 1844 pelo legalista Antonio Ribeiro. "Conta-se que Juca Custodio (Montenegro, Campos Neto, 167) derrotado, fugiu a pé, a correr, descalço, por uma picada, tendo ainda a infelicidade de estrepár-se em um toco ponteagudo, que entrando pela planta sahiu no peito do pé e que, caindo, foi alcançado por Antonio Ribeiro que o matou, sem dó nem piedade. E assim findou esse caudilho geralmente temido pela sua inclemencia e valentia."

Pag. 177 — MEMORIA HISTORICA, de Silva Pontes. Consta essa *Memoria* do Catalogo da *Exposição de Historia*, onde tem o



JOSÉ GARIBALDI

n.º 7592, com a seguinte indicação: "Original (?). Não traz nome de auctor, nem data. In-folio. 66 ff. num. / / *Exp.: S. M. o Imperador.*" (*Ann. Bibl.* IX, 633). Não era, porem, o original e sim uma copia da epoca, identica ás que existem no *Archivo Nacional* e no *Archivo do Itamaraty*. O original, que se encontra tambem na *Bibliotheca* é o proprio rascunho da *Memoria*, em 84 tiras de papel almasso, escriptas de ambos os lados e que verificámos, pelo confronto com outros documentos de autoria de Silva Pontes, ser de sua propria letra. Tem a indicação: I-31-23, 4. Foi por noticia do barão de Santo Angelo, Araujo Porto Alegre, que disse ter visto em poder de Silva Pontes essa peça historica, bem como outros trabalhos seus, que Innocencio F. da Silva, em seu *Diccionario Bibliographico*, constatou a autoria da *Memoria*. S. Backle, em seu *Diccionario*, reproduz a indicação de Innocencio.

Tendo sido parte saliente nos acontecimentos da época, pois era juiz de Direito de Rio Pardo, quando da Revolução de 35, mas eivado da natural paixão oriunda do momento, Silva Pontes, não obstante, fez uma obra notavel. Escreveu o seu trabalho, no Rio, onde se achava em abril de 1844, por ordem do proprio Imperador, que lhe mandou fornecessem todos os documentos necessarios para isso. Esses documentos, segundo indicação do dr. Varella, estão no *Archivo do Itamaraty*, mas, não os encontrámos ainda ali, apezar das pesquisas demoradas que estamos fazendo nesse precioso acervo documental do ministerio das Relações Exteriores.

Publicando-a na *Rev do Inst. Hist.* do Rio Grande do Sul, (III-IV trim. An. III-1923, pag. 399) o illustre historiador patricio Souza Docca diz de seu valor: "Aproveitou o autor a occasião para desabafar resentimentos causados pelo mallogro de alguns de seus desejos politicos e para isso embebeu sua penna na tinta do despeito, ao transcrever e reforçar os desprestigiados conceitos sobre os riograndenses, firmados pelo marquez de Barbacena, isto, porem, não tira o valor de seu depoimento, que é, em muitos pontos, illustrativo e curioso." O provecto dr. Varella, em nota á sua inequalavel *Hist. da Grande Rep.*, VI, 355, expende o seguinte juizo critico: "Rodrigo de Souza da Silva Pontes foi actor no drama revolucionario: consequentemente, seus depoimentos, contra os do campo adverso seu, devem receber-se com as precisas reservas. No que nos legou, entretanto, sobre as causas geraes do successo, merece attenta leitura de juizes imparciaes; o que d'elle consta no processo historico da rebellião sobreleva de muito em valor ao que tem produzido os que tentaram aprofundar o assumpto. Infelizmente, muito se desviou da verdade, mas, não

creio, que, assim mesmo, possa o leitor fugir a um certo sentimento de admiração por essa lucida cabeça, que naquella hora da nossa atrasada espiritualidade, já cultivava a historia com um tão superior discernimento. Ha trechos em seu trabalho que permittem colligir bem o monumento que seria, se o não maculara visivel proposito diffamatorio."

Rodrigo de Souza da Silva Pontes nasceu na Bahia, em 27 de outubro de 1799, sendo filho do capitão de fragata Antonio Pires da Silva Pontes Leme e de d. Caetana Herculina Malheiros. O pae foi um intellectual de valor, versando não só assumptos de historia como de literatura, segundo Innocencio e Bakle. Destinando-se á carreira juridica, formou-se Silva Pontes, em Coimbra, em 1821. Retornando ao Brasil entrou para a magistratura, cecupando varios cargos de judicatura até ser despachado juiz de direito da villa do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. Ahi se encontrava por occasião dos successos referidos neste volume, que deram causa á morte do juiz Vasconcellos Cirne e consequente processo de José Mariano de Mattos, Alpoim, Amaraes e outros, indigitados autores do acontecimento. Nessa occasião, não querendo presidir o jury do Rio Pardo, (Vol. XXXI, 398) em junho de 1835, solicitou licença por tres mezes, indo para Porto Alegre, onde assumiu a redacção do "Correio Official", dirigido por Pedro Chaves, irmão do presidente. Sua franca attitudo contra o partido farroupilha, suscitou verdadeira tempestade de odios. Os periodicos liberaes, segundo Varela, (op. cit.) davam-lhe as "alcunhas de *Ganymedes* e *Madama Pontes*, o que parece ter lhe ulcerado a alma, pois se percebe que o rancor que nelle brotara contra os injuriadores, attingiu o maximo paroxismo, acabando por abraçar a toda a collectividade riograndense."

O dr. Silva Pontes, saindo do Rio Grande, occupou depois cargos de alto destaque na magistratura e na politica do Imperio. Foi desembargador da Relação do Maranhão, presidente das provincias do Pará e de Alagoas; deputado provincial e geral, representando as provincias de Alagoas e a do Pará. Falleceu em Buenos Aires, onde se achava, em 30 de janeiro de 1855, como ministro plenipotenciario do Brasil junto ao governo da Confederação Argentina.

Deixou varios trabalhos de valor, entre os quaes: "Semanario Historico do Brasil", "Onde aprenderam e quem foram os artistas que fizeram levantar os templos dos Jesuitas em Missões", etc. "Rev. Inst. Hist. IV-1842. 65. "Memoria da vida e escriptos de Antonio José da Silva. B. N. aut. s/n. de autor "Memoria

historica" e muitos outros, além de bons versos, referidos por Araujo Porto Alegre, feitos em Coimbra. Pertenceu ao Consellho do Imperio, foi socio do Instituto Historico Brasileiro e era condecorado com varias ordens honorificas.

Pag. 179 — CARTAS DE BARBACENA — São as que abaixo inserimos as cartas trocadas entre o marquez de Barbacena e a Camara da Cachoeira, cujos originaes existem no archivo municipal dessa cidade, de onde extrahimos cópias autenticas.

Em fevereiro de 1827, depois da batalha do Passo do Rosario, o marquez acampa em São Lourenço, proximidades de Cachoeira, passo no rio Jacuhy. A Camara da Villa officia a Barbacena, dando-lhe as boas vindas e dizendo-lhe que o povo estava atemorizado em virtude de boatos que circulavam, quanto á perseguição que se suppunha intentar Alvear. A resposta do marquez é a seguinte carta, referida por Silva Pontes:

"Accuso recepção do officio que V. Mces. me dirigirão em data de hontem, e sinto profundamente a consternação que experimentão os habitantes dessa Villa. O exercito veio occupar os Passos de São Sepé e São Lourenço para receber com brevidade os soccorros de que ha mister, e logo que os tenha recebido pertendo avançar. A minha perda no campo de batalha não excedeu a duzentos e vinte homens entre mortos e prisioneiros, sendo a do inimigo incomparavelmente maior por sua propria confissão. O que porem não aconteceu ao inimigo nem se acha exemplo na historia foi desertarem do meu exercito para cima de 1500 homens desta Provincia no principio da Acção, sem darem hum tiro ou tirarem pela Espada, dirigindo-se a maior parte desses infames sobre nossas bagagens que roubarão completamente, bem como as estancias, casas e pessoas de seus compatriotas que encontravão em sua fugida. Não cuidem V. Mces. que o mal parou porque a dezerção dos filhos da Provincia continua. E' preciso, portanto, que todas as Autoridades, que todos os homens de bem não admittão semelhantes homens em sua companhia, e que por dobrados esforços se reunão ao Bravo Exercito que commando para salvar a Provincia e reparar a gloria perdida. A' vista do exposto creio que a honra e a razam ditão que, pondo os archivos em segurança, todo o individuo que puder sustentar huma espingarda ou espada deve reunir-se ao Exercito. Deus Guarde a V. Mces. Quartel General de São Lourenço, 2 de Março de 1827. *Marquez de Barbacena.*" (*Arch. Municipal de Cachoeira — Messo 1827*).

A' vista do exposto, a Camara, preconcebidamente, publicou editaes, nos lugares mais publicos da Villa, transcrevendo nelles topicos da carta de Barbacena, deprimentes ao soldado riograndense, remettendo copia do edital ao commandante do Exercito brasileiro. Compreendendo o alcance da divulgação de sua carta, Barbacena, novamente se dirige á Camara, nesta nova missiva, constante do mesmo archivo municipal:

"Tive a honra de receber o officio que V. Mces. me dirigirão em data de hoje, e fazendo completa justiça á pureza dos sentimentos que dirigirão a Camara desta Villa para publicar o edital de 2 de Março não occultarei que se pudesse ter a mais leve ideia de um tal procedimento teria pedido mui encarecidamente de exhortarem ás armas nossos compatriotas sem contudo publicar a cobardia de seu procedimento no dia 20 de Fevereiro. Minha primeira intenção, depois daquelle infausto procedimento, foi proclamar aos habitantes desta Provincia, annunciando, pouco mais ou menos, o que disse a V. Mces., porque he pura verdade, mas lembrando-me que publicações desta natureza poderião chegar ao conhecimento do inimigo e desacreditar os filhos da Provincia, preferi antes soffrer em silencio, e deixar a calúnnia livremente correr contra mim, do que assoalhar crimes que deshonram a mais de dois mil compatriotas, bem como a todos os que os recebem, ou que podendo pegar em armas se reúnem ao Exercito. Tres dias de descanso bastão para restabelecer a minha Infantaria e pela reunião dos doentes já restabelecidos que deixara em Sant'Anna e Porto Alegre, tenho hoje mais força do que tinha no dia 20 de Fevereiro. Não posso porem dizer a V. Mces. que tenha cessado o terror panico dos filhos da Provincia pois que a deserção entre elles continúa. Se todas as Camaras, se todas as Autoridades quizessem concorrer commigo facil será reparar a perda. Deus Guarde a V. Mces. Quartel do Passo de São Lourenço, 5 de Março de 1827. *Marquez de Barbacena.*"

Pag. 180 — OFFICIO DO MARECHAL BARRETO — Esse officio, ou Memorial, que o Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, em data de 5 de setembro de 1834, dirigiu ao Ministro da Guerra, é um dos mais preciosos repositórios de notas relativas ás causas que precederam a revolução farroupilha. Serviu grandemente ao desembargador Pontes para escrever a sua Memoria, na qual se reproduzem paginas inteiras desse documento. O original se conserva no *Archivo Historico*, do Rio Grande do Sul e d'elle extrahimos a copia que reproduzimos a seguir:

ARCHIVO HISTORICO DO
RIO GRANDE DO SUL —
COPIADOR DE OFFICIOS
1834

MEMORIAL DO MARECHAL SEBASTIÃO BARRETO,
COMMANDANTE DAS ARMAS, AO MINISTRO DA
GUERRA, SOBRE PRECEDENTES DE QUESTÕES COM
A REPUBLICA DO URUGUAY

Ilmo. e Exmo. Sr.—Em cumprimento da Ordem da Regencia em Nome do Imperador o Snr. D. Pedro II, que me foi comunicada em Avizo de 10 de Junho findo, expedido pelo Ministerio da Guerra, a cargo de VEx.^a, passo a expôr a VEx.^a ao actos hostis, e insultos mais salientes praticâdos nos limites com o Estado Oriental, tanto da parte dele, como da nôssa desde que findou a guerra, cujos são de toda a notoriedade, e repetidas vezes tem dado assumpto a reclamações do Governo desta Provincia. — Nos anos de 1829, 1830, e 1831 repetidas vezes passarão o Jagoarão na Fronteira do Rio Grande, diferentes partidas de Brasileiros, comandados por os conhecidos Juca Tigre, Barbacena e Teodoro de Avila. Estas partidas asasinarão, e roubarão aos moradores do Departamento do Serro-Largo proximos a Linha, a ponto tal, que quazi todos virão-se forçados a abandonarem suas moradias, para salvar as vidas, retirando as fazendas que poderão conduzir. Os roubos que fazião estas partidas êrão transferidos para esta Provincia, onde despendião em saciâr seus vicios, o producto que tiravão das correrias, que só deixavão de praticar, em quanto lhes durava o lucro produzido. Chegou a tanto, a audacia destes Salteadores, que uma partida deles, comandada por Juca Tigre, repassando o Jagoarão acossada por fôrça Oriental, fez fogo deste lado a uma escolta do 4.^o Regimento de Cavalaria de 1.^a Linha, ferindo ao Sargento que a comandava, e a um soldado. Estes atentados apezar das reclamações do Governo Oriental, e representações de Auctoridades da Provincia ficárão impunes, sem embargo de serem notoriamente designados, e conhecidos os cumplices. Pelo mesmo periodo os Indios de uma nova Povoação denominada Bella União — estabelecida por D. Fructuoso Rivera, entre o Quarahim e Arapey, passando o primeiro destes rios talarão o territorio desta Provincia, e roubarão as Fazendas Brasileiras da Fronteira de Alegrete, a ponto tambem de quazi deixarem dezertos os Campos mais proximos ao Quarahim. Em rezulta de representações, que derigi ao Exmo. Prezidente da Provincia, e reclamações do noso

Encarregado de Negocios em Montevideo, a quem se transmitirão, para exigir as reparasoens convenientes, conveio o Governo Oriental em fazer suprimir o novo estabelecimento da Bella União, que tantos danos cauzava naquella parte da nossa Fronteira. Os continuos roubos destes Indios dêrão cauza a que uma Guarda nossa postada em Quarahim, comandada pelo Tenente do 2.^o Corpo de Cavalaria de 1.^a Linha, Manoel Luiz Osorio, pasando o rio fosse por seu turno levar o estrago ao Estado Oriental, matando todas as Pessoas, que estavam trabalhando em uma encerra de égoas, sem perdóar as mulheres. Chegando ao meu conhecimento, e do Exm.^o Prezidente da Provincias pelas participasoens vindas da Fronteira, e reclamasoens das Autoridades Orientaes, este facto criminozo, se mandou prender o Tenente. E como para ser julgádo se tornase indispensavel proceder-se a devasa, ordenou o Exm.^o Prezidente ao Juis Ordinario da Vila da Cachoeira, a cujo julgado pertencia a Fronteira de Alegrete, que se dirigise a ditas immediasoens a fim de devassar, sobre feito tão escandalozo. Nem um dos Juizes porem, a despeito das reiteradas ordens da Provincia se rezolveo a marchar para aquele destino, e com frivolos pretextos iludirão, e desobedecerão os mandados da primeira Autoridade da Provincia, dando afim cauza a que se mandase relaxar o Tenente por não ser conforme a justisa conseva-lo prezo, por mais longo tempo sem culpa formada, ainda que o seu crime éra demaziado publico, e existião testemunhas que o comprovarão. Uma guarda Oriental colocada no Paso do Valente, no Rio Negro, quatro legoas distantes desta Povoasão insultôu, e mesmo, dizem, asasinou a alguns Brasileiros, que transitavão por aquele Paso. Entre os insultados foi um o Tenente da 2.^a Linha Antonio de Souza Neto, o qual segundo a vós publica reúnio uma partida, e surpreendendo a mencionada guarda, matou desapiadadamente os individuos que a compunhão escapando somente um que ficára morto. O Exm.^o Prezidente ao conhecimento de quem levei este acontecimento de que avia recebido participasão, ordenou ao Ouvidor da Comarca, o Doutor Antonio Rodrigues Fernandes Braga, (oje Prezidente da Provincia,) que viesse a este lugar devasar sobre o occorrido. Na devasa que tirou dito Ouvidor ninguem ficou pronunciado, e foi uma fortuna encobrir com as formulas da legalidade o conhecimento do autor, e perpretadores de um acto atrocissimo, e de tanta transcendencia, quando a vós publica em ambos os Paizes os apontava. — Entrarei agóra na narração dos factos, que tem tido lugar do ano de 1832 em diante, cujos me parecem da maior importancia, e que podem conduzir

a um declarado rompimento entre o Imperio, e o Estado Oriental. — Uma revolução a testa da qual se achava o General D. João Antonio Lavalleja, com o fim de despojar da Presidencia ao General D. Fructuoso Rivera, se declarou no Estado Oriental; e se bem ao principio tudo parecia proteger semelhante empresa, em breve se lhe voltou contraria a opinião, e os Orientaes sustentando a sua Constituição, correrão alistar-se nas fileiras do Governo legal. — Forsado o General Lavalleja a remeter a sorte das armas, a decizão de uma empresa imprudentemente comessada, tendo contra si a pluralidade dos Orientaes, e conhecendo o debil, e critico da sua posição, marchou com decisão á Fronteira do Rio Grande, onde dizem contava com forte apoio de Brasileiros. Uma correspondencia insérta na Sentinella da Liberdade, periodico impresso em Porto Alegre noticiou ao Publico, que na Vila do Serrito se armavão Brasileiros, entre elles o celebre Juca Tigre cujos passarão a Linha a unir-se a Lavalleja, para o ajudarem. Acosado porem pelas foras Orientaes, teve de procurar azilo no territorio do Imperio. O Governo apenas informado da revolução, repetio a ordem á muito expedida, que se fizesse respeitar o dominio Brasileiro, e no caso que alguma pessoa viesse abrigar-se nele, se-lhe concedesse azilo, como he proprio da Dignidade Nacional, devendo porem ser desarmada immediatamente que pasase a Linha. Foi com esta condisão, que o Comandante da Fronteira do Rio Grande, o Coronel Bento Gonsalves da Silva, permitio que o General Lavalleja, com pouco mais de 400 omens do seu partido, pasase o Jagoarão no Paso do Salto, e entráse para esta Provincia. Este azilo foi concedido em prezensa do Exercito Oriental, que commandava o Presidente General Rivera, quem de sua parte annui certo que se respeitaria religiozamente o direito internacional, e que a forsa emigrada seria de tal sorte desarmada, e deselvada, que não poderia jamais tentar novamente contra a tranquillidade do Estado Oriental. O contrario porem aconteceu, pois na mesma ocazião em que acabarão de pasar o Jagoarão, um Tenente conhecido por suas atrocidades, e pelo nome de Indio Lourenso Vaqueano — se apartou da forsa emigrada com uma escola de 16, ou 18 omens, e voltando para o Estado Oriental principiou a roubar, e asasinar pelo interior da Campanha. O sobre dito Comandante da Fronteira participou ao General Rivera, esta violação da Ospitalidade, sigurando-lhe que o Indio Lourenso seria prezo immediatamente que apparecese no seu Departamento o quenão cumprio, pois o Indio Lourenso regresou a esta Provincia, e foi visto na mesma Vila do Serrito, de onde por diferentes

vezes marchou a fazer outras incursoens no Estado Oriental, voltando sempre para as immediasoens do Jagoarão, sendo empregado até em conduzir communicasoens a Lavalleja, quando se achava em Buenos Aires. Diversas reclamaçoens forão feitas pelo Governo Oriental a este respeito, as quaes se contestou declarando-se-lhe averem-se expedido ordens para ser prezo o Indio Lorenzo, e individuos da sua partida em qualquer ponto da Provincia que apparecesse: esta ordem jamais foi executada. Desarmados os Orientaes que emigrarão, marcharão para a Vila do Serrito, e aí o Comandante da Fronteira os fez acampar na margem do Jagoarão, linha divizoria do Imperio com o Estado Oriental, mesmo em frente da Guarda do dito Estado, — Lavalleja com poucos Officiaes seguiu para Porto Alegre, de onde embarcou para Buenos Ayres. Os emigrados longe de conterem-se com suas animosidades insultarão a Guarda Oriental, e ameaçarão prometendo vingarem-se. O Governo da Provincia a cujo conhecimento chegou a noticia de taes procedimentos, e pelas reclamasoens dos Chefes Orientaes ordenou que os emigrados fosem retirados da proximidade da linha, e divididos pelo interior da Provincia. O Comandante da Fronteira a quem particularmente competia executar esta ordem, procurou todos os meios de espasar o seu cumprimento, pedindo providencias que dizia necessarias, e alegando inconvenientes. — A este tempo vindo a Vila do Serrito um official Oriental mandado pelo Comandante do Departamento do Serro-Largo com officios para o Comandante da Fronteira, um dos taes emigrados publicamente, em pleno dia, e junto a moradia deste mesmo Comandante, disparou naquele um tiro de pistola, que felismente não sortio effeito. O agresor foi prezo, e entregue a Autoridade judiciaria. Tal era a morosidade, e taes os embarasos frivolos com que se intentára não cumprir as determinasoens do Governo, relativas a dividir, e internar os emigrados, que o Exmo. Presidente ordenou-me chamasse a Porto Alegre o Comandante da Fronteira, o que assim cumprí. Demorando-se em chegar a Porto Alegre este Comandante, e dezejando o Exmo. Presidente quanto antes ver executadas as suas ordens, me significou em officio dos primeiros dias de Janeiro de 1833 que tinha tomado a rezolução de marchar ao Jagoarão e fazer por si mesmo dar cumprimento as suas determinasoens. A chegada do referido Comandante, fes não realizar-se a viagem do Exmo. Presidente; e sendo por ele removidos quantos embarasos, e inconvenientes parecião obstar o retirar-se os emigrados da Linha; regresou o Comandante da Fronteira prometendo breve, e exactamente prehencher as ordens do Governo. —

Fatigado o Governo Oriental de receber protestos de sincera amizade da parte do desta — Provincia, quando conservava sobre a linha uma reunião de inimigos seus, que se bem se collocava com dizer-se, estavam desarmados, diariamente insultavam e ameaçavam as guardas orientaes, dirigio pelo Tenente Coronel D. André Lápido, uma nota ao Exmo. Presidente, em cuja inumerando todo o praticado com respeito a protesão escandalosa e ofensiva, (prestando os emigrados apoio decidido as correrias do Indio Lourenso), dizignava como principal protector ao Comandante da Fronteira, a quem fazia recriminasoens, exigindo reparasoens, e declarasoens a semelhante respeito. Hé bastante difficil, por não dizer impossível, encobrir, e desculpar procedimentos tão salientes, e opostos a boa harmonia, que se deseja manter; e sem embargo o Exmo. Presidente satisfês ao Enviado Oriental, de maneira que o Governo do Estado se mostrou contente da conducta das primeiras Autoridades da Provincia. — O Comandante da Fronteira do Rio Grande cumprio em parte, ou para melhor dizer, iludio as ordens que avia recebido. Dividio os emigrados, porem em lugar de mandarlos para o interior da Provincia, destinou os para as Povoasoens do Herval, Arroio-Grande, que não distão da linha mais de oito leguas, deixando ficar outros na mesma Vila do Serrito. Em 18 de Marso de 1833 um acontecimento, na verdade atentatorio a Soberania, e Dignidade do Imperio, fes desenvolver os mais serios compromettimentos para o Governo, realizando-se planos de a muito preparados. O indio Lourenso cansado talvez de ser o instrumento das vingansas dos emigrados, e de seus protectores, e ferido em seu orgulho, por não lhe prestarem a consideração, que ele julgava por seus feitos merecer, rezolveo suplicar ao Governo Oriental, o perdão de seus crimes, e pasar de novo a servir no Exercito empregando-se contra o mesmo Partido, que até então avia seguido. — Com este fim marchou das imediasoens do Jagoarão, sua guarida ordinaria, com uma partida de 36, ou 38 dos mesmos emigrados, e tomando o caminho da coxilha tocou nesta Povoasão, onde pôs em alarme o pequeno Destacamento de 1.^a Linha, que aqui existia, e a todos os abitantes, que se armarão, e reunirão para repelir qualquer insulto, que intentase fazer. Sem duvida intimidado o Indio, que veio dentro desta Povoasão, e na Casa esteve desculpando-se para com o Comandante do Destacamento, dizendo que pertencia a gente de Lavalleja, e que andava em comisão, seguiu a sua marcha utilizando-se pela forsa, dos cavalos dos Fazendeiros, extorquindo de alguns, como forão os Cidadoens Joaquim Pereira Fagundes, Anibal Antunes Maciel, Manoel Alonso, e outros dinheiro, e joias,

pasou para o Estado Oriental. Ali convencionando-se com o Coronel Jozé Augusto Posolo, Comandante do Departamento do Serro-Largo, pasou o Jagoarão no citado dia 18 de Março e indo as immedias oens do Arroio-grande prendeo a varios officiaes dos emigrados, cujos éráo os principaes, ou mais temiveis chefes, e os conduzio a entregar aquele Coronel, quem o avia protegido para esta empreza, mandando-o suportar por um Esquadrão, que constou pasar o Jagoarão, em cuja costa ficára estacionado destacando vigiadores. Alguns brazileiros encontrados pelo Indio em seu tranzito forão retidos por ele, roubados e maltratados com pancadas.

Os officiaes prezos conseguirão evadir-se do poder do traidor Indio que os conduzia, talvez para victimar, e autentico testemunho do seu arrependimento, e do odio que votara aos anarquistas, que o avião seduzido para esquecer-se de seus deveres.—O Comandante da Fronteira do Rio Grande com o pretexto de a cobrir de uma invazão marchou, com as Prusas do 4.^o Corpo de Cavalaria de 1.^a Linha, que comanda, a ocupar um ponto medio. Convidou os Cidadões para o ajudarem, deprecando aos Juizes de Pás a sua coadjuvasão. Os emigrantes tambem se reunirão, se não no mesmo campo, proximo a ele. Reunidos, armados, e equipados, uma partida deles comandada pelos officiaes escapados ao Indio Lourenso, que já então indultado comandava as Guardas Orientaes, da Linha, pasou o Jagoarão, e sorprendendo ao dito Indio o fuzilárão. — Dias antes avia desembarcado no Rio Grande, chegado de Buenos Ayres o Coronel D. Manoel Olasabál apregoando, que vinha a tomar o Comando das forsas de Lavalleja existentes nesta Provincia, e marchou para o Jagoarão annunciando isto mesmo, e que assim que ali chegasse daria principio as operasoens offensivas, o que se fes tão publico, que chegou ao conhecimento do Exmo. Prezidente em Porto Alegre, quem ordenou que immediatamente se fisese sair da Fronteira, e da Provincia ao dito Coronel. Rezultando da morte do Indio Lourenso ficar desguarnecida parte da Linha do Jagoarão, os emigrados reunidos deste lado, que não tinham marchado para aquella empreza, pasarão o Rio e marcharão sobre o Serro-Largo. — Muitos Brazileiros os auxiliarão com armas, e cavalos: muitos os acompanharão; uns seduzidos pelo interesse; outros por acreditarem ser a empreza protegida pelo Governo Imperial com o fim de unir ao Brasil o Estado Oriental; outros por vingár a onra Nacional ofendida pelo atentado de 18 de Marso; e outros finalmente por julgarem ter tido principio a guerra. Sentindo estes em que os protectores de Lavalleja; e os dezejos

da anarquia fazião encarar a empreza dos emigrados. Se a noticia do insulto feito com a prizão dos officiaes protegidos pelo seu Pavilhão, e da passagem dos emigrados, me causou serios cuidados pelas suas consequencias, mais ainda me foi dolorosa, e de maior pezo o da ingerencia, e cooperasão activa, e directa dos Brasileiros, e de Autoridades Brasileiras. — Avansando os emigrados ao Serro-Largo pozerão sitio ao Quartel, onde se tinha recolhido a forsa que ali existia. Os sitiados rezistirão por alguns dias, mas a falta de provizoens os obrigou a renderem-se. He vergonhozo, e repugnante confesár, que praças do 4.^o Corpo de Cavalaria de 1.^a Linha, coadjuvarão os emigrados neste sitio. O Tenente da 2.^a Linha, e das Guardas Nacionais, Jozé Teodoro da Silva Braga, que comandava uma Companhia destas, e fora encarregado de guardar parte da linha de Jagoarão abandonando o seu posto marchou para o sitio do Quartel do Serro-Largo, e teve o desacordo de escrever ao Major Vinhas, um dos sitiados intimando-lhe que se rendesse, pois que ali se achava ele com os seus bravos Brasileiros, a vingar os insultos, e direitos da sua Nasão, oferecendo condisoens, e prometendo garantir ao Coronel Posolo a inviolabilidade de sua pessoa, e conduzi-lo para São Francisco de Paula, ou qualquer outro ponto desta Provincia a sua escolha, suprimdo-o do que necesitáse. Em meu poder existe o originál desta intimasão escrita toda, e asinada pelo dito Jozé Teodoro.

Poucos dias estiverão de posse do Serro-Largo os emigrados, pois deminuindo-se a forsa numerica com a retirada dos Brasileiros, que fazião grande parte dela, tiverão de abandonar a preza pela aproximassão do Exercito Oriental comandado pelo General Rivera. Perseguidos por este se retirarão sobre o Jagoarão; para novamente abrigar-se do Pavilhão Brasileiro. Eu cheguei as immediasoens do Jagoarão no dia 22 de Abril, e no seguinte ou no mesmo forão os emigrados obrigados com perda de alguns omens, munisoens, armamentos, roupas, e cavalos, a pasarem precipitadamente o Jagoarão, cujas agoas forão respeitadas pelo Exercito Oriental. — O General Rivera se postou sobre o Jagoarão, e eu fui ao seu campo cumprimenta-lo. — Nada me reclamou que não fose justo, e decorozo a Nasão Brasileira, e justamente o mesmo que o Exmo. Prezidente da Provincia ordenava se praticáse.

Mandei desarmar os emigrados, e entregár ao General Rivera o armamento que deles se tinha recebido quando no ano anterior a primeira vez vierão abrigar-se no territorio do Imperio, cujo se achava depositado a bordo de uma Escuna de Guerra; entrega ésta a muito ordenada pelo Exmo. Prezidente. Da forsa rendida

em Serro-Lerga tinham os emigrados incorporado asi trinta Prasaes, cujas sendo-me reclamadas como prezoneiros, julguei se dever mandar entregar-lhes, bem como trinta armamentos de diferentes qualidades, como a ela pertencentes. Durante que o Departamento do Serro-Largo esteve em poder dos emigrados, passarão para esta Provincia porsoens de animaes Vacuns, e Cavalares. O General Rivera reclamou a restituicao; e apezar de eu saber onde paravão alguns de taes animaes, e mesmo ter visto parte deles, procurei iludir o devolvimento ponderando a difficuldade, que oferecia o exacto conhecimento dos animaes asim introduzidos, pelas compras que diariamente fazião os Brasileiros naquele Estado, remetendo a decizão ao Exmo. Prezidente da Provincia.

Conforme as determinações do Exmo. Prezidente ordenei a retirada immediata do Coronel Olasabal intitulado Comandante do 2.º Corpo do Exercito Restaurador, de que era General em Chêfe D. João Antonio Lavalleya, e tendo dado Portarias a muitos dos emigrados, que as exigirão para seguirem a Entre-Rios, a São Francisco de Paula, e Rio Grande, recomendei ao Comandante da Fronteira executase a respeito dos que restarão as ordens anteriormente expedidas, e retirei-me para este ponto a participar ao Exmo. Prezidente a maneira porque cumprindo as ordens do Governo avia terminado este negocio, restabelecendo a harmonia, e boa entelligencia, que pela imprudencia de Autoridades, e Cidadaons Brasileiros, esteve a ponto de romper-se. Não devo occultar a V. Exa. um facto que patenteia, quanto desagradava, aos interessados na desintelligencia de ambos Paizes, e dezejosos de um rompimento de guerra, ou da continuasão das correrias criminozas, a execusão das salutaes ordens do Governo, foi que no mesmo tempo em que eu procurava arranjar amigavelmente com o General Rivera as melhores relasoens, passarão de noute o Jagoarão alguns emigrados derigidos por João Francisco Mena, official deles, bem conhecido entre nós por suas crueldades, e malvadêz, e forão roubar as cavalhadas do Exercito Oriental, com o fim de irritar o dito General, e ver se este comesáva em reprezalia a ostilizar-nos. O mesmo Mena me confesou ter sido compelido a dar este páso pelas insinuasões de certos Brasileiros influentes. Esquecia-me dizer a V. Exa. que em Dezembro de 1832, uma partida de vinte emigrados comandada por Tomas Borges, official deles, e dos que se achavão no Departamento do Serrito, fes uma incursão no Departamento do Serro-Largo, onde cometerão bastantes roubos, insultos, e asasinios, Asim como que em fins de Janeiro de 1833 outra partida de quinze, comandada pelo official emigrado

Idelfonso Bazualdo penetrou pela costa do Rio Negro até a Capitania, cometendo iguaes atentados, sendo victimas destes salteadores muitos Brasileiros dos rezidentes no Estado Oriental; e consta-me que ambos regresarão para o lugar de onde tinham saído. Em Marso do prezente ano apresentou-se Lavalleya sobre o Quaraim diviza do Imperio na Fronteira de Alegrete, e escreveo ao Coronel Bento Manoel Ribeiro, comandante dela pedindo-lhe auxilios, e a sua cooperasão, carta que sendo-me remetida, a pasei as maons do Exm.^a Prezidente, e desde ali dirigia convites aos Cidadaons Brasileiros, que tinham que perder, para que o ajudassem na Guerra que fazia ao tirano Rivera, prometendo remunerar seus servisos distribuindo-lhes campos, ou gados, chegando a tanto a sua ouzadia, que recomendava a Autoridades Brasileiras fizessem publico estas suas determinasoes.

Hum destes convites enderesado ao Tenente Coronel Jozé Antonio Martins, Fazendeiro do Districto de Alegrete, foi por mim enviado ao mesmo Exmo. Prezidente, Logo que se soube no Jagoarão a chegada de Lavalleya a Fronteira de Alegrete, os seus protectores existentes naquellas imediasoes, fizeram reunir os emigrados em o noso territorio, e os apromptarão. Na Capital da Provincia constava fazer-se esta reunião, e as Autoridades da Fronteira nenhuma medida adoptarão para a impedir, e por seu silencio manifestarão a sua conivencia, e protesão. Reunidos eles pasarão o Jagoarão em numero de mais de oitenta, entre eles alguns Brasileiros, e roubando as cavalladas de João Antonio Martins, e de outros Cidadaons Brasileiros proprietarios no Estado Oriental, e tambem tres escravos, violarão o territorio do Imperio por onde tranzitarão desde o Rio Negro, até o Paso dos Carros no Pirahy, como fiz prezente ao Exmo. Prezidente da Provincia pelo Auto Sumario o que a respeito, e a deprecado meu procedeu o Juis de Pás do Districto. Esta forsa estrangeira marchou quazi sempre pelo territorio desta Provincia até em frente a Jaráo na costa do Quaraim, lugar onde se achava Lavalleya, sendo estes os que formarão o total da sua forsa, que segundo me constou, jamais excedera a 120 omens. Creio oportuno lembrar, que quando Lavalleya chegou a costa do Quaraim, não trazia consigo mais de vinte omens, com os quaes se escapára do Rio Negro, onde foi batido pelo Coronel Medina.

Batido Lavalleya no dia 15 de Maio pelo Exercito Orientál, com a maior parte da sua forsa pasou o Quaraim e novamente abrigou-se nesta Provincia. O Comandante da Fronteira de Alegrete tão pouco dezejo tinha de dar cumprimento ás ordens de desarmar.

e internar os emigrados, que destacando foras ao efeito, lhes dava divisão oposta a que seguíam estes: assim foi que não poderão elas terem excusão antes de 19 de Junho, dia em que forão desarmados 48 de taes emigrados, que restavão, tendo no tempo decorrido do dia em que passarão o Quaraim, até este, retirando-se para o Jaguarão o Chefe dos Anarquistas, um Irmão, e varios outros officiaes com metade das Prasas. Talvês fosem aqueles desarmados por não se poder por mais tempo occultar o lugar em que se achavão, e minha prezença em Santa-Ana tornar indispensavel aparentar, que as ordens do Governo éráo extrictamente obedecidas, o certo he, que medidas se avião tomado para que elas seguissem para o Jagoarão como logo se verificou. Tendo anteriormente ordenado, que todos os Orientaes que viessem abrigar-se do Pavilhão do Imperio, sendo logo desarmados na Fronteira se remettessem para a Vila de Alegrete, e dizendo-me o Comandante da Fronteira em officio, que assim praticava com ditos 48; immediatamente que recebi esta participasão, determinei-lhe que os fizesse transferir para São Gabriel sem perda de tempo. Este Comandante deixou de executar esta minha ordem pozitiva. (talves por ser contraria as suas vistas) e os acampou sem guardas, legoas distante da Vila de Alegrete. Para desculpar a sua desobediencia, pertendeo acóbertar-se com um officio de um dos Juizes de Paz, que expunha o mizero estado de nudês em que estavão os emigrados, falta de cavalos, e armas a ponto de não uzarem redeas, e que seria praticar-se contra a humanidade, faze-los marchar assim para São Gabriel. O rezultado foi, que estes emigrados, que estavão nus, desarmados, e a pé destacarão uma partida completamente armada, e equipada, que foi ao outro lado do Quaraim atacar uma Guarda Oriental postada em Juquery (?) Por certo forão os Brasileiros os que lhes fornecerão vestuario, armamentos, munisoens, arreios, e cavalos para esta fação, e manifesta claramente a conivencia do Comandante da Fronteira.

Finalmente todos os emigrados desarmados, equipados, e promptificados de tudo retirarão-se para o Jagoarão cometendo insultos em seu tranzito roubando as cavalladas do Cidadão Brasileiro Pereira de Souza, de quem dizem matarão um escravo. Tão clara, e indesculpavel foi a protesão acordada a estes emigrados, desarmados, e a todos os mais, pelo Coronel Bento Manoel Ribeiro, que obrigarão-me a suspendê-lo do Comando da Fronteira de Alegrete, para responder por sua conducta a similhante respeito. Cumpre-me declarar a V. Ex.^a que fabricando um Ferreiro em Alegrete cem lansas para serem remetidas a Lavalleja, quando se

achava em frente a Jaráo na costa do Quaraim, foi por isso denunciado, e prezo: dias depois porem saio solto, e as lansas seguirão o seu destino. A derrota de Lavallega no Quaraim produzio novos comprometimentos da nosa parte. — Manoel Lavallega, irmão do Chefe, foi dos primeiros, que acompanhado de um só omen, se apartou da força batida, e atravesou por esta Provincia até as immedias do Jagoarão, onde existindo o fóco do partido dos Brasileiros, que protegem a sua cauza, contava com o seu apoio. — Poucos dias depois da sua chegada ao Herval, onde se ospedou em caza do Cidadão João da Silva Tavares, ex-Juiz de Pas, e actual Major da Guarda Nacional daquele Districto, um dos principaes protetores, e agentes da orda Lavalleguista, he constante fora vizitado pelo Juis de Direito da Comarca de Piratiny, Joaquim Vieira da Cunha, e pelo Comandante da Fronteira do Rio-Grande e pelo Coronel Bento Gonsalves da Silva, que a este fim vierão da Vila do Serrito, e nos dias 6, e 7 de Junho ainda se achavão em dito logar com o referido Lavallega: — Não se pode duvidar, que com a protesão destas, e de outras Autoridades Brasileiras, he que Manoel Lavallega poude reunir alguns poucos orientaes, e he constante que esta reunião fora feita no lugar denominado Capão do Tigre, e consistindo a maior parte da sua forsa de Brasileiros interessados, ou seduzidos, pasou o Jagoarão, e no dia 10 de Junho atacou o Destacamento Oriental comandado pelo Coronel Servando Gomes, e saqueou a nova Vila de São Servando.

A vós publica anuncia que o Capitão das Guardas Nacionaes, Jozé Teodoro da Silva Braga, e os Alferes Jeronimo Vieira Nunes, e João Teixeira comandavão trosos de Brasileiros no ataque de São Servando. He incontestavel que Manoel Lavallega veio de Quaraim acompanhado de um omen, e que não foi com este que ele pasou o Jagoarão.

Que a forsa com que Manoel Lavallega atacou ao Coronel Servando fora compósta de Brasileiros organizáda no territorio desta Provincia e arranjada pela influencia de Autoridades da Fronteira do Rio Grande, bastará para convencer ao mais incredulo considerar: 1.º que não existia reúnida forsa alguma de Lavallega nem do outro lado do Jagoarão, nem deste, como éra indispensavel que estivesse prompto, visto que sendo ele batido no dia 15 de maio em Quaraim, não veio dali forsa alguma para esta empresa: 2.º que o Juis de Direito da Comarca de Piratiny participou ao Exm.º Prezidente da Provincia a noticia de ter sido batida completamente em Quaraim a forsa de Lavallega, pelo General Rivera,

isto em officio de 19 de Junho, e em outro de 4 do mesmo declara ser falsa esta noticia, pois lhe constava, que Lavalleya tinha destacado a seu irmão Manoel que vinha em marcha com uma grossa partida, com destino de bater ao Coronel Servando, que isto ignorava, quando o era notorio ao dito Juis, que se achava em frente na Villa do Serrito: 3.º) em data de 11 participou o mesmo Juis de Direito ao Exm.º Presidente ter sido batido o Coronel Servando por uma forsa de 250 omens comandados por Manoel Lavalleya, anexando a communicação, que este lhe dirigia. Nestes dous officios requizita o Juis ao Exm.º Presidente a remesa de armamentos, e autorização para conservar reunidos os Guardas Nacionaes para segurança, e respeito da Fronteira, e assigna ter reunidos em poucos dias 450 omens, para este fim: 4.º em data de 19 não podendo por mais tempo occultar o que notoriamente se sabia; participa o mesmo Juis, que na forsa que atacou o Coronel Servando forão muitos Brasileiros; que não era posivel obstar a passagem deles pelo desguarnecimento da linha, e falta de gente para guardar; que se tinhão feito as reunioens no territorio da Provincia; que os Guardas Nacionaes legalmente organizados não se prestarão aos chamados, e lamenta o estado de sua saúde. Que se déve concluir de tudo isto da sua viagem ao Herval, de outros actos, que não inuméro, por não fazer mais longa esta narrasão? —

Poucos dias depois Lavalleya acosado pelo Coronel Servando repasou o Jagoarão para este lado, onde esteve estacionado, até que tornou para o Estado Oriental. A poucos dias um dos taes emigrantes, João de Santa Ana com alguns companheiros no districto de Ponxe verde nesta Fronteira tomando cavalos dos Fazendeiros, e obrigando alguns Brasileiros a segui-lo, pasou a linha e foi a atacár a uma guarda Oriental, postada no Paso do Arroio Ospital, que comandava o Majór Rubio Marques, que ficou ferido perdendo dous omens. Dos Brasileiros que forão a esta expedisão, um foi ferido, e outro contúzo; e dito Santa-Ana depois deste feito marchou para a costa do Jagoarão a incorporar-se com o seu chefe. Em 15 de Junho eu fiz ao Exm.º Presidente uma exacta narrasão do estado da Provincia com respeito a questão orientál de Lavalleya com Rivera: fis ver que Autoridades Brasileiras da Fronteira do Rio Grande tem poderosamente socorrido as tentativas daquele Anarquista, e muitos Cidadaons servido activamente debaixo das suas ordens; que nas circumstancias actuaes éra mister adoptar medidas energicas, em conformidade das Leis, para paralizár a rivalidade que infelismente comesava a sentir-se entre os Cidadaons, nos quaes éra indispensavel fazer

constar por uma maneira solene, que o Governo de S. M. O. Imperador não aprovava, nem apoiava a empresa de Lavalleja, e que serão punidos os Brasileiros, que se ingerisem nesta contenda. Em rezulta deste officio, e a vista dos acontecimentos, que patenteão a parte activa, e directa que muitos Brasileiros tem tomado nesta lúta, ordenou o Exm.^o Presidente, que fosem processados quantos a despeito das Leis, Tratados, e Ordens do Governo se tem ingerido em tal questão, comprometendo a Páz, e a Dignidade do Imperio. Esta medida, se bem que tenha o cunho da sabedoria, e moderação, me parece que, e ouzo predize-lo a V. Exa., não produzirá effeito algum, por quanto sendo as Autoridades a quem compete conhecer destes feitos criminozos, talvez as mais cúmplices, e principaes instigadores, como será possível, que descubraão, e punão os culpados ?

Constou-me pela participasão que vi de um Juiz de Páz ao Exm.^o Presidente, que um official do Estado Oriental comandando uma das Guardas da Linha sobre o Jagoarão, fizera por vezes pasar escoltas a este lado a prender dezertores seus, procedimento este atentatorio a Dignidade Nacional, e merecedor de reparasão, por violar-se o territorio do Imperio com fôrça armada. O atentado de 18 de Marso de 1833 praticado pelo Indio Lourenso, que deixo asima relatado, foi uma agresão ostil, e insultante da parte do Estado Orientál, em que por mais, que o Governo queira negar a sua intervensão dizendo que aquelle Indio o cometera de seu motu-proprio, e que o official que o protegeo estava fora do serviso, e dezertara receiozo de ser punido; he inquestionavel que o Comandante do Departamento do Serro-Largo o Coronel Joze Augusto Posolo interveio directamente, ordenou, e protegeo aquella agresão, e por ele foi mandada a fôrça que veio de supôrte; e o Governo; se o não soube antes aprovou tão odiozo procedimento, pois o Indio foi efectivamente indultado, e premiado encarregando-se-lhe o Comando da Linha fronteira ao mesmo Departamento em que cometera a traisão insultante a Nasão Brasileira.

A Camara Municipal da Vila do Serrito annunciou a de Piratiny, que o General Rivera enviou para esta Provincia emisarios a seduzirem a escravatúra a uma sublevasão. Esta arguisão ja feita no ano de 1832, pelo Comandante da Fronteira do Rio Grande, não sei como se compróva, e menos de que condisão, ou qualidade devem ser os enviados a tratár com os escrávos. Constando-me que o Exm.^o Presidente actual, e mesmo os seus antecessores tem transmitido ao Governo de S. M. I. os officios que lhes tenho dirigido, relativos aos acontecimentos da Fronteira, e ao Estado Oriental

sobre a questão que ainda dura, bem como os que tenho recebido e escrito ao General Rivera, eu os envio por iso a V. Exa., e tambem por que obrigado pelas circunstancias a viajar escoteiro não tenho prezente os registros deles, mas estou certo que V. Ex. os achará conformes ao que deixo relatado com minuciosidade. — Tenho exposto a V. Exa. com singela franqueza quanto se tem praticado de reparavel tanto da nossa páte, como da do Estado Oriental para conhecimento do Governo, e já em meu officio datado de ontem contestando o Avizo de V. Exa. de 9 de Julho algumas couzas dise a V. Exa. a este mesmo respeito, e findarei este repetindo a V. Exa., o que tenho dito ao Exm.^o Prezidente da Provincia, e he que, se o Governo não tomar medidas energicas, e rigorozas brevemente apparecerá a anarquia nesta Provincia, e talves a guerra, pois que se mostra o maior empenho em promove-las; e a falta de punição faz diariamente, progredir os males. — Tenho-me esforsado em conservar a esta Provincia em que nasci, a pás e a tranquillidade: mas devo confesar a V. Exa., que estou cansado de lutar incessantemente com os abeis intrigantes, que aqui abundão, os quaes não se fartão de apelar-me — Fructista, Restaurador, Caramurú, Absolutista, Aristocrata, para fazerem abaixár algum conceito, que mereço a pluralidade dos meus comprovincianos; e se eu tivéra menos amor a minha Patria, á muito teria valido-me do recurso, que me outorgou o Governo por Avizo de 6 de Novembro de 1833, do qual tenho temido servir-me encarando os males, que poderião actualmente seguir-se recaindo o Emprego que exerso, em algum sugeito pertencente a qualquer partido. Pasada porém que seja a prezente crize, o Governo me relevará o retirar-me a tratar de minha saúde, que mais se deteriôra com as marchas forsadas, que tenho feito em estação tão critica.

Deos Guarde a V. Exa.

Quartel General de Bagé 5 de Setembro de 1934.

Sebastião Barreto Pereira Pinto.

Illm.^o e Exm.^o Snr. Antéro Jozé Ferreira
de Brito, Ministro e Secretario de Estado dos
Negocios da Guerra.

Está conforme *Gabriel de Araujo e Silva* Cap. Ajd. de Ords."

Pag. 183—JOSÉ ANTONIO DE CALDAS, padre—Consoante demoradas pesquisas documentaes que vimos fazendo em torno da grande figura nacional do padre José Antonio de Caldas, temos, como certo, que sua actuação formidável, no sul, é uma das causas predeterminantes do surto revolucionario de 1835. A acção do padre Caldas não pode ser estudada dentro dos restrictos limites de uma nota ligeira. E reservamos a larga documentação colligida já para trabalho especial, que temos em mão: "Da Confederação do Equador á Republica Riograndense". Quasi desconhecido, vislumbreado apenas pelo illustre dr. Varela, citado pelos memoria-listas, Caldas passa, rapidamente, no conjunto de causas indicadas como fautores da commoção farroupilha, quando não é mais do que um vehiculador de todo o revolucionarismo nacional e o grande dessiminador das aspirações da gloriosa Federação do Norte, que vão refluir e avolumar a onda democratica a que as condições especialissimas do meio riograndense dera origem e forma.

José Antonio de Caldas nasceu, em 1783, na villa das Alagoas, sendo filho de outro José Antonio de Caldas que ali foi vereador e juiz ordinario em fins do seculo XVIII. Familia de liberaes destacados, foram seus irmãos os primeiros que deram o grito de independencia naquellas longinquas paragens brasileiras e, num gesto nacionalista, um delles adopta o nome de Caldas *Xexeo* e outro Caldas *Caninana*. Caldas, é pelos paes, destinado ao sacerdocio. Joven ainda, depois dos estudos primarios, ingressa no Seminario de Olinda, Pernambuco, viveiro extraordinario de grandes espiritos combativos, dos quaes surgem as ideias mais avançadas da época, e o mais extremado liberalismo, que fazem o 1817 e o 1824, grandes protestos nacionalistas que ficam como fonte perene de onde se abeberam os constructores da nacionalidade.

Em 1810 está ordenado "clérigo diacono" e lhe é dada a curazia de Santa Rita do Rio Preto, no bispado de Pernambuco. A commoção de 1817 vem encontral-o ali, contando com as simpatias mais acentuados do cura. Em 1820 é promovido para a vigararia de N. S. dos Prazeres da Villa de Maceió, hoje capital de Alagoas. Activo, intelligente, espirito combativo, de um liberalismo intransigente, Caldas, destaca-se entre seus conterraneos, e forma logo forte corrente partidaria que dirige no sentido nacionalista. Escolhido pelos seus comprovincianos é eleito deputado á Constituinte brasileira e, em 1822, já se encontra no Rio de Janeiro, onde se destaca entre seus pares, fazendo parte da extrema esquerda. E' nessa memoravel assemblea que o padre Caldas,

pelas suas atitudes, se torna alvo dos odios políticos de conservadores e moderados. Em uma das sessões lança a proposição "de que não ha precisão de tantos sacerdotes" e "emquanto não se designa o seu numero julgo conveniente desde já prohibir o seu augmento", pois "cidadãos que podião prestar maiores serviços á sua Patria, cultivando um campo, ou dando subditos á nação, pelos estreitos e encantadores laços do matrimonio, são coactos, por um funesto prejuizo, nascido da acanhada educação, á entrada no estado clerical e no claustro muitas vezes contra a sua vocação." O projecto cahiu como uma bomba naquelle meio, sendo protegida a sua discussão. E o padre Caldas foi, desde então, apontado como espirito revolucionario e pernicioso.

E' quando se esboça a lucta na maçonaria. Medem-se Gonçalves Ledo e José Bonifacio. Scinde-se o Grande Oriente e surge uma organização carbonaria: o *Apostolado*, presidido pelo grande Andrada. Pedro I, afastado do Grande Oriente, que dissolve violentamente, ingressa na nova organização maçônica, onde tem o designativo de *camarada* Romulo Archonte Rey. — Caldas faz parte do *Apostolado* e tem por divisa o nome de *Codros II*, nome que designa o ultimo rei de Athenas, no seculo XI, antes de Christo, e cujo symbolo se pode traduzir por "uma revolução politica, uma victoria da aristocracia sobre o poder real". Era o proprio symbolo da vida inteira de Caldas, de seu revolucionarismo impenitente na destruição do poder imperial. Mas, reconhece que nem ali, no *Apostolado*, encontraria os elementos de acção para a grande transformação social e politica da Patria. Pedro I, tendo denuncia de que seria assassinado na Loja, ali entra, brava e violentamente, apossa-se da urna que encerrava os documentos relativos á conspiração, e dissolve tambem essa organização carbonaria, prendendo e perseguindo varios de seus membros.

Mas, outro era o campo de acção do padre revolucionario. As primeiras faiscas de um grande incendio fagulham da banda do Norte. E' o grito da Confederação do Equador. Muito antes de estalar o movimento, Caldas, do Rio de Janeiro, mantem correspondencia activa com os proceres da revolução pernambucana. Estende além as suas actividades e se torna um "agente de ligação", como diríamos hoje, entre os revolucionarios de Pernambuco e os liberaes das outras provincias, principalmente Minas, S. Paulo, Alagoas e Bahia. Mais positiva a sua actuação na Côrte. Com desespero da policia do brigadeiro Vidigal, apparecem nas

esquinas das ruas, perto dos quartéis, nos lugares mais frequentados: proclamações incendiárias, pregando á revolta, a derrocada das instituições monarchicas, a exemplo dos pernambucanos, que se batem pela liberdade da Patria. Versos patrióticos cantam as glorias dos heroes, e satiras desprestigiativas põem a ridiculo a "sagrada pessoa" da magestade intangivel. Ainda mais, sente Vidigal que um rumor surdo se levante da soldadesca dos quartéis onde chegam os échos desse solapamento subterraneo dos principios absolutistas da politica portuguesa, com a onda das ideias novas do americanismo democratico e republicano. Uma tentativa de suborno é feita junto a Taylor, commandante da expedição naval que se apresta para Pernambuco.

Afinal, uma busca, devido a certas denunciaes, é dada na casa do padre e, em um bahú, encontram-se as peças instrutivas de um corpo de delicto. As proclamações incendiárias, os versos exaltantes ou depreciativos, os planos de revolta, a insidiosa propaganda dos quartéis, a acção revolucionaria, tenaz, persuasiva, destructora, — tudo isso era obra do padre José Antonio de Caldas. E' preso com seu secretario, um certo Tupinambá, e mais dois outros companheiros coniventes no crime. Começa, então para Caldas, uma verdadeira odyssea de soffrimentos e perseguições. Recolhido á fortaleza da ilha das Cobras, é removido para a de São João, Lage, e, mais tarde, para a de Santa Cruz. Ahi recebe cartas de Racticliffe, o martyr da liberdade brasileira. Alguem, porem, ficou, agindo, na cidade. Alguem, poderoso e forte que pode remover obstaculos afim de dar ao padre a liberdade, pois, certa seria a sua condemnação, como foi mais tarde, a dez annos de prisão e degredo. E, numa aventura romantica, Caldas desaparece da fortaleza de Santa Cruz e do Rio de Janeiro, mau grado á vigilancia e acção dos beaguins do Intendente Vidigal.

Reapparece em outro sector de actividade revolucionaria. Evadindo-se, em 28 de Janeiro de 1825, já, em 10 de Novembro desse anno, de Buenos Aires, dá signal de novas iniciativas. Com essa data escreve ao coronel Manuel da Fonseca Lima e Silva, commandante do *Batalhão do Imperador*, destacado em Montevideo, dizendo-lhe que constava-lhe ter o Imperador mandado "vir de Portugal tropas" e "V. S. o que espera? escravisar a sua Patria? Não, pois tenho a fortuna de conhecer o seu character e rogo-lhe encarecidamente que se decida se não quer ser victima da cabala portugueza, que domina hoje sua Patria. Aproveite a quem quer ser seu I.º Amigo"

A missiva não trazia assignatura, mas a letra, o gesto, eram do padre Caldas, e Manuel da Fonseca, constatou a procedencia, transmittindo-o a Lecor. Iniciava o padre as suas novas actividades. Mas, o character dellas se ampliava. Perdera um pouco de seu nacionalismo, quicá, para se embuir do espirito americanista do tempo. Seus vãos aspiravam outras altitudes. Apresentado por d. Pedro Trapani, como uma victima do imperialismo brasileiro, approxima-se o padre Caldas das mais altas individualidades platinas da epoca. Torna-se amigo, confidente e, mais do que isto, mentor de Lavalleja, despertando ciumes entre os corifeus desse illustre chefe dos uruguayos.

Empenha-se a guerra entre o Brasil e as Provincias Unidas do Rio da Prata. Caldas está ao lado dos invasores. Sua actividade poliforme dá-lhe o cognome de "El cometa", por que se torna popular nas republicas do Prata. Alvear, organizando o Exercito argentino, confere-lhe o cargo de "Director de la Imprenta Republicana del Exercito". Caldas escreve proclamações, concita a todos combater não os brasileiros, mas o imperialismo avassalador. Dão-lhe uma espada que, por decreto especial, afivela sobre a batina. Mas, deixa depois essa função e reúne-se ás forças que estão sob o commando de Lavalleja, como capellão do Exercito, com cujo cargo participa da batalha do Passo do Rosario.

Começa, logo após, a grande intriga, que seduz aos sonhadores da hegemonia imperialista da Cisplatina. Lança Caldas o *Telegrapho*. Era o *Telegrapho* uma especie de jornalzinho manuscripto, de um numero unico, destinado a este ou aquelle dos proceres da politica nacional ou estrangeira, conforme o assumpto sobre que versava. O ministro do Imperio, em 1829, recebe varios numeros. "Offerecia-se prestativo, a tramar uma revolução na Banda Oriental, afim de annexar ao Imperio", por meio de uma federação: "que os povos orientaes, lamentando a perda do paternal governo de V. M. Imperial, e conhecendo essa chimerica Independencia, só desejavam occasião de patentear seus livres sentimentos..." Na Côrte, a noticia é recebida sob bons auspicios. E' de Caldas, dizem, mas, sabe-se, que o padre "procurava penitenciar-se de seus erros", "sendo agora muito affeito ao throno de S. M.". Caldas aconselhava lançar mão de Rivera ou de Lavalleja, sendo preferivel o ultimo, "como militar mais atrevido de mais prestigio e ambicioso." "Essa proposição diz Lobo Barreto, (Pub. XXXI, 274) parece que agradou ao governo imperial que, corrido de desdouro, não deixava de lamentar a perda de um

territorio, que era a primitiva barreira de suas vulneraveis fronteiras. Para isso conservou tanto no Rio Grande, como em Santa Catharina, uma força militar respeitavel, talvez para auxiliar semelhante projeto, affectando, porem, a maior indifferença sobre a marcha dos negocios do novo estado, e recommendando aos seus occultos agentes em Montevideo que observassem bem de perto quanto ali passasse.”

Já, então, o padre Caldas, tendo, por portaria do bispo de Buenos Aires, de 18 de março de 1826, autorização de exercer os os misteres do sacerdocio, era cura de Serro Largo, tendo antes sido o primeiro presidente da Junta Economica e Administrativa de Mello. Na fronteira com o Brasil multiplicam-se as suas actividades. Ahí encontra Bento Gonçalves, Alencastro, e uma pleiade de officiaes moços em cujo espirito semeia ideias de liberalismo e democracia. Do 4.^o Regimento de Cavallaria, sediado em Cerrito, só se opõe ás ideias republicanas de Caldas o capitão José Rodrigues Barbosa. Os outros todos inclusive o marechal Sebastião Barreto que, no Rio de Janeiro, recebe instrucções reservadas para agir de accordo com a trama de Caldas, se deixam influenciar e vão ser, mais tarde, os grandes esteios da revolução farroupilha. Mas, depois, a sua intriga se norteia a novos rumos. Já não se trata da annexação da Cisplatina. O Rio Grande é o terreno mais fertil para a germinação da semente republicana. Annexado ao Uruguay, constituirá uma grande nação. E a intriga se desdobra nesse sector, arregimentando proselitos. A chegada de Alpoim á Provincia e a organização do *Partido Farroupilha*, torce a corrente para o lado nacionalista. Coincidem as duas vontades na aspiração do fedéralismo, nos moldes da Confederação do Equador. O padre havia dissiminado essas ideias. Alpoim dá-lhes ainda mais vitalidade. E a revolução estava feita. A loja do *Continentino*, as *Sociedades Defensoras*, a predica dos jornaes derramam pela Provincia as noções idealisticas da revolta. Apercebem-se as autoridades desse incendio latente na alma riograndense. E o padre tem ordem de ser expulso do Continente. Em 28 de outubro de 1834 o presidente da Provincia determina a effectivação dessa ordem, que é desobedecida pela autoridade de Pelotas, e a reitera em 23 de fevereiro de 1835, para Jaguarão. Perseguido, Caldas segue, oclutamente, para o Rio de Janeiro. “Mas, pergunta Silva Pontes (Publ. Vol. XXXI, 222) ainda que a expulsão desse homem fosse levada a effeito, seria capaz uma tal medida sustar o progresso da Revolução? Por certo que não: outros elementos e mais fortes instrumentos ficavão sempre no seio da Provincia.”

Nada mais sustaria a avalanche revolucionaria que o padre desprendera na consciencia civica do gaúcho. Ella inundaria as campanhas dilatadas, treparia ao dorso das coxilhas, subiria, incessantemente, pelas brenhas da serra e se despejaria pelo Rio Grande do Sul inteiro, num decennio glorioso, em suas ondas irremprimiveis, cujo impulso inicial partia das ideias que Caldas, principalmente, semeara nos corações dos grandes proceres da rebelião.

Deixemos o sul envolto na labareda civica de 20 de setembro e sigamos ainda, a traços largos, a grande vida de José Antonio de Caldas.

Havia sido, o sacerdote revolucionario, espoliado, pelo governo, de seus direitos politicos de cidadão brasileiro, muito embora o dec. de 9 de abril de 1831 mandasse passar uma esponja sobre os acontecimentos da guerra platina e insentasse de culpa os brasileiro que, de qualquer forma, estivessem compromettidos nella. Em 1833 a Assembleia Geral Legislativa julgara o padre Caldas, por uma resolução especial, no gozo de seus direitos de cidadania, mas, a Regencia, no anno seguinte, vetava essa resolução denegando-lhe sanção pelas razões de que Caldas havia — 1.º, aceitado sem previa licença do Governo Imperial o emprego de Cura d'almas do Serro Largo; 2.º, servido de Capellão do Exercito Argentino durante a Guerra com o Brasil". A Camara aceitou as razões da Regencia, tornando sem effeito sua anterior resolução.

Não se conforma com isso o padre Caldas. Em todas as legislaturas bate á porta da Assembléa reclamando os seus direitos de cidadania. Quer ser brasileiro. Apezar dos annos sente queimar-lhe o coração o fogo de um civico entusiasmo pelas cousas de sua Patria. Tem o dever de ainda collaborar nos seus destinos. Succedem-se os projectos, mas esbarram em obices intransponiveis: a vontade immutavel de seus velhos inimigos, que não perdoam. Um dia lembra-se da justiça de sua terra. Em 24 de novembro de 1837, o juiz de direito interino da cidade das Alagoas, declara-o "no gozo do grao de seus direitos politicos dos quaes o julgão carecer os seus adversarios". Entre outras razões que justificam a sentença, resalta a de que "o Estado Oriental, onde o justificante fez uso de suas ordens, como ministro da religião

christã, já ajudando os parocos, já finalmente como cura interino de Serro Largo, era numa das dezenove provincias do Imperio, que deixou de o ser em mil oitocentos e trinta e quatro, segundo o artigo dez do Tratado Preliminar da Paz, de vinte e sete de agosto de mil oitocentos e vinte e oito, epoca em que o justificante já se achava no Imperio."

Voltava de novo o padre Caldas á grei brasileira. Muitos amigos encontrara ainda em sua peregrinação pela Assembléa, na defesa de seus direitos de cidadania. Entre estes a seu favor, ali, se levantou a voz do padre-mestre João de Santa Barbara que, mais tarde, desiludido das cousas do Imperio e do servilismo monarchico, levantou tenda nos arraiaes farroupilhas, indo até á Constituinte riograndense.

Mas, só por dec. n.º 82, de 9 de setembro de 1839 é o padre José Antonio de Caldas, restituído aos seus direitos de cidadão brasileiro. Firma esse decreto o regente Pedro de Araujo Lima. Findara a odysséia do grande espirito revolucionario em torno desse esbulhamento de que fora victima. E uma nova phase se abre. Alagoas, sua terra natal, onde ainda conservava um velho prestigio mantido pela familia, elege-o, nesse mesmo anno, para o cargo de vice-presidente. Apresentada a lista respectiva fica escolhido em sexto lugar, cabendo o primeiro a Cassanção de Sinimbú, e o 5.º ao dr. José Tavares Bastos. Irrompe, nessa occasião, devido á mudança da capital da cidade de Alagoas para a de Maceió, precedida pela mudança da Alfandega, uma revolução, sendo sequestrado o presidente Agostinho Neves. Dá-se, então, uma dualidade de governo, assumindo-o, ao mesmo tempo, o dr. Tavares Bastos, revolucionario e Sinimbú, legalista. Nada encontrámos, ainda sobre a actuação de Caldas, sendo de presumir que se conservasse na Côrte. Mas, não obstante sua reabilitação politica, havia motivos de suspeital-o revolucionario ainda. Em sessão da Assembléa geral de 20 de maio de 1840, da tribuna da Camara, o deputado Pontes Visgueiro, representante de Alagoas, assignala que "depois que rebentou a sedição de Alagoas não foi possível chegar mais ao Rio de Janeiro uma carta mandada pela administração dos Correios," estas "ficaram sepultadas na administração do Rio que não as entregou" e cita entre os que não receberam "Silva Pontes e padre Caldas."

O grande batalhador deve ter morrido em fins da década de 1850. Nada encontrámos ainda sobre os seus ultimos dias. Nem mesmo a historia de sua terra lhe regista o nome glorioso. Passou. Mas, o sul guardou-lhe a memoria. Sua voz echoou nas pampas em gritos de liberdade. E o centenario farroupilha vem acordal-o, para rever, nesta apoteose, o velho scenario verde das coxilhas. Semeador de ideias, condutor de homens, eterno rebelado, o padre José Antonio de Caldas cumpriu os imperativos do nome que adoptou no *Apostolado*: Codros II, durante a vida inteira, foi, verdadeiramente, um symbolo de revolucionarismo politico e social. E o Rio Grande dos farrapos, que recebeu os influxos de seu idealismo, deve a José Antonio de Caldas, o maior iconoclasta da monarchia, e o maximo pregoeiro da Liberdade, uma consagração justa e digna.

Pag. 186 — BENTO GONÇALVES NA OPINIÃO DE SILVA PONTES. A documentação que publicámos a pagina 513 do volume XXIX, destas *Publicações*, destróe completamente a accusação de Silva Pontes.

Pag. 190—SOCIEDADES SECRETAS — “CONTINENTINO” — Grande influencia tiveram as sociedades secretas, organizadas sob os auspícios da Maçonaria, na difusão de ideias democraticas e no preparo da revolução farroupilha. Em 1820 foi, pelo Grande Oriente, do Rio de Janeiro, incumbido de organização de lojas maçonicas no Rio Grande do Sul Francisco Xavier Ferreira, que depois vemos figurar com destaque na revolução de 1835. Figuram, mais tarde, no *Apostolado*, quando da seisão do Grande Oriente, o depois marechal Francisco das Chagas Santos, que tinha o nome symbolico de *Pompeo*; o padre Antonio Vieira da Soledade, o brigadeiro Antonio Pinto da Fontura, pae de uma pleiade de republicanos, que adoptou o designativo de *Reynaldo*. Mas, o organizador do *Continentino*, que tanta influencia exerceu mais tarde nos destinos politicos do Rio Grande do Sul, foi o major José Mariano de Mattos, que tinha o nome symbolico de *Bruto*, e era alto grão dessa instituição. Em uma noticia sobre a *Rocha Negra*, loja maçonica de São Gabriel, insere o sr. Celso Schroeder o seguinte documento de iniciação de um maçon, feita pelo major Mattos quando, em 1839, foi a S. Gabriel, juntamente com Bento Gonçalves:

„A' G. . do S. . Arch. . do Univ. .
A TT. . NN. . CC. . II. . espalhados pela
Superfície da Terra S. . F. . U. .

Certifico que, attendendo ás boas qualidades e requisitos necessarios, que concorrem na pessoa do Prof. Thomás Ferreira Valle, natural da Freguezia da Eneruzilhada, Bispado do Rio de Janeiro, idade de 39 annos, Religião Catholica, Apostolica, Romana, e em virtude do meu Subl. . G. . e dos poderes, de que me acho revestido pelo G. . Or. . Bras. . o iniciei Apr. . Maç. . devendo dar a joia d'entrada na L... em que se houver de filiar. Em fé do que lhe dei o presente certificado; e para que este não possa servir senão ao dito I. . Valle fis-lhe assignar seu nome a margem —

= Ne Varietur = Rogo portanto a TT. . os CC. . II. . o reconhecimento por tal, e lhe prestem tudo quanto nos assegura N. . A. . e R. . O. . Dado no remanso da Paz, em lugar vedado as vistas dos PProf. ., em S. Gabriel, Republica Rio Grandense, aos tres dias do 4.º do An. . da V. . L. . de 5839.

José Mariano de Mattos (Bruto)

7. . 18. .

Thomas Ferr.^a Valle"

Pag. 221 — JOAO DE SANTA BARBARA — Padre-mestre. Procede o padre João de Santa Barbara de velha familia ligada a fastos heroicos da vida riograndense, pois, era, alem de outros laços que o prendiam a vultos salientes da nossa vida, primo irmão do capitão José Borges do Canto, soldado desertor que conquistou os Sete Povos de Missões. A familia Canto do Rio Grande do Sul, tem origem em varios filhos do casal de José Caetano Pereira, natural da ilha de São Miguel, Açores, filho legitimo de João Botelho e Josefa do Canto, que foi casado com Maria Eugenia de Figueiredo, natural de Lisboa. Desses filhos encontrámos os seguintes: a) Joaquina Perpetua de Figueiredo que foi casada com Alexandre Manoel da Cunha, filho de Manoel da Cunha, portuguez e Maria Gomes Ferreira, da Colonia do Sacramento, povoadores do Rio Grande: b) Josefa Bernarda, que foi casada com José Bernardo de Meirelles; c) Miguel Ignacio do Canto, casado com

Catharina da Camara Corte Real, paes de José da Camara Canto, casado com Umbelina Ferreira, de cujo ramo procede essa familia, representada pelo filhos do casal, José e Miguel da Camara Canto; d) Francisco Borges do Canto, que foi casado com Eugenia Francisca de Souza, natural da Colonia do Sacramento, filha de José da Costa Luiz e Innocencia Francisca e que foram paes de José Borges do Canto, soldado desertor de dragões e capitão conquistador de Missões e de Francisco Borges do Canto, presidente da Assembléa uruguaya que decretou a independencia do Estado Oriental, alem de mais onze filhos e e) João Ignacio do Canto.

Era este ultimo, como todos os irmãos precedentes, natural da ilha de São Miguel, Açores, e tendo vivido algum tempo na Laguna, ali casou com Francisca Rosa Gomes que, segundo a tradição, procede dos Freire de Andrada. Em 1790 transportou-se o casal para a villa de Cachoeira (Rio Grande do Sul), onde, em 18-III-1796, falleceu João Ignacio do Canto e, em 18-IV-1813, Francisca Rosa Gomes. Deixou o casal seis filhos, de que podemos sómente identificar tres: 1.º José Ignacio Pereira, nascido na Laguna, e casado no Rio Pardo com Maria Angelica da Cunha, filha de José Raymundo da Cunha, do Rio de Janeiro, e de Angelica Freire de Jesus, do Rio Pardo; 2.º, Anna Joaquina Gomes, tambem lagunista, casada no Rio Pardo com Antonio Gonçalves Borges, filho de Antonio Gonçalves Borges e Joanna Rosa Pereira Fortes, neto paterno de Manoel Gonçalves Mancedo e Agueda Maria, açorianos, e materno de João Pereira Fortes e Eugenia Rosa, (*Public. XXIX, 458*). Teve o casal de Antonio G. Borges e Anna Joaquina Gomes, entre outros, um filho, tambem Antonio Gonçalves Borges, que casado com d. Rufina de Lima Borges foram paes de d. Miquelina de Lima Borges, casada com o dr. Augusto Cezar de Medeiros, natural de Pernambuco, e filho de Victorino José de Medeiros e d. Joana da Silva Medeiros. E' filho do casal do dr. Augusto Cezar de Medeiros e de d. Miquelina o dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, que foi presidente do Estado do Rio Grande do Sul, e que nascido em Caçapava em 19-XI-1863, foi baptisado em Cachoeira em 21-II-1866. (*L. 9 — Bapt. Cach. 1863-1867. Fls. 118*). Procedem dos mesmos troncos as familias Borges Fortes, Continentino e Baptista Pereira.

O 3.º filho que descobrimos do casal de João Ignacio do Canto, é o depois padre-mestre João de Santa Barbara, cujo nome antes de ordenar-se era João Ignacio Pereira, como se verifica de documentos existentes no Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, gentilmente communicados pelo seu illustre Prior P. D. Placido de

Oliveira. Nasceu o padre Santa Barbara na Laguna em 1786, tendo com menos de cinco annos se transportado para Cachoeira, com seus paes, que ali fixaram residencia. Por morte de João Ignacio, tendo dez annos, apenas, Santa Barbara foi mandado para o Rio de Janeiro, onde ficou residindo em companhia de uma tia ao tempo em que cursava um collegio particular em que, com applicação e intelligencia, fez seus estudos preliminares. Com 16 annos, em 30 de julho de 1802, procede-se no Mosteiro de São Bento, a uma justificação de identidade do joven João Ignacio Pereira, sendo testemunhas o padre João de Souza Bittencourt, o capitão Roque da Costa Franco, commerciante e Francisco Pinto Porto. Julgada essa justificação, em 11 de agosto do mesmo anno, era admittido o joven João Ignacio a receber o habito do noviciado benedictino.

Revelando invulgar aproveitamento em seus estudos, recebeu as ordens sacerdotaes em 1809, depois de um curso brilhante em que já revelava os dotes de orador e de mestre, que seria mais tarde, adoptando, então, o nome de Santa Barbara.

Em 1810, tendo conseguido a respectiva licença voltou ao Rio Grande do Sul, indo residir em Cachoeira, junto de sua mãe, paralytica e pauperrima, que, tres annos depois, fallecia, com 48 annos de idade.

Desejando dedicar-se ao magisterio, pouco depois, secularizava-se, tomando o habito de São Pedro, de que era presbitero. Foi quando, com modesta aula particular, iniciou a sua carreira de professor de Philosophia e Moral, materias pelas quaes tinha verdadeiro pendor. Fixando residencia em Porto Alegre, ali continuou a exercer o magisterio, em character particular, até que, em 21 de novembro de 1823, (1) conseguiu ser nomeado professor publico de Philosophia Racional e Moral, por cinco annos. Reconduzido, por petição de 12 de setembro de 1828, (*Bib. Nac. — Verb. biog. C. 199, 13.*) ao exercicio dessas disciplinas, com pequenas

(1) A primeira nomeação de Santa Barbara data de 1820, sendo um dos primeiros professores publicos do R. G. do Sul. A instrução publica, na Provincia, teve inicio em 1820, com a nomeação de seus primeiros professores regios. Em 1816 havia sido pelo governo da Capitania dirigido um memorial, pedindo o estabelecimento de aulas, na Capitania, que não teve despacho algum. O primeiro professor nomeado para Porto Alegre foi Francisco Pedro de Miranda e Castro, para o ensino das primeiras letras, em 27-VII-1820. Seguem-se, ainda para Porto Alegre, por ordem chronologica: — João Fernandes Tavares, para a cadeira de latim, em 4-XI-1820; *padre João de Santa Barbara*, para a cadeira de philosophia, em 6-XI-1820; Francisco Alves de Macedo Pereira, para a cadeira de philosophia, em 19-II-1824; Lourenço de Souza Ferreira, para a mesma cadeira, em 16-VII-1824; Luiz Lourenço Anchois Delavallée, para a cadeira de Francez, em 16-VII-1824; Manuel Ferraz Pimenta, primeiras letras, em 16-VII-1824. Para o Rio Pardo foram nomeados: Joaquim Thomaz de Bom Salinas, para primeiras letras, em 25-X-1820; Gaspar Francisco Gonçalves, para a cadeira de latim, em 4-XI-1820; Perseverando José Rodrigues Ferreira, primeiras letras, em 17-XI-1826. Para a villa do Triunpho: Miguel José de Campos, primeiras letras, em 28-XI-1823. Para Santo Antonio: Domingos Pereira Lisboa, primeiras letras, em 16-II-1824, e José Barbosa Telles, primeiras letras, em 16-VII-1824. (*Arch. Nac. Instrução nas Provincias*.)

interrupções, professou-as até poucos dias antes de sua morte, isto é, até 30 de junho de 1868. Inicialmente funcionava na própria Igreja Matriz, onde, em 1831, estabeleceu a primeira aula de geometria que teve a Província.

D. Pedro II, quando foi a Porto Alegre, pela primeira vez, ouviu, em sua própria casa, uma aula de Santa Barbara, que, dias antes, do pulpito, o saudara. Impressionou-se o imperante illustre pela elevação do mestre insigne de varias gerações de riograndenses e, por dec. de 2-XII-1845, conferiu-lhe as insignias de Cavalleiro da Ordem de Christo. (*Verb. biog.* 1026, 23).

A. S. em um "Esboço biographico" de Santa Barbara, publicado em 1874, no *Parthenon Litterario* assim se refere aos dotes intellectuaes do padre-mestre: "Ainda algumas pessoas entre nós existem que ouviram as suas palavras ungidas de sabedoria, e que com saudade recordam-se do grande mestre que tiveram. A eloquencia desprendia-se-lhe dos labios em phrases recumbrentes de verdades, e a convicção calava-se na consciencia daqueles que o admiravam."

Em outros sectores de actividade intellectual distinguir-se-ia, tambem, esse homem notavel, cujo character refulgia no meio da convulsão em que ia se debater a terra continentina. Seus dotes oratorios, suas attitudes desassombradas, e seu fundo justiceiro e nobre, destacal-o-iam nas luctas parlamentares, creando, em torno de seu nome, uma aura de respeito e de admiração de seus pares.

Começa a vida parlamentar de Santa Barbara em 1821. Tendo o Rio Grande de dar dois deputados ás Cortes de Lisboa, elegeu, juntamente com o dr. Saturnino da Costa Pereira, natural da Colonia do Sacramento, mas riograndense adoptivo, ao padre-mestre João de Santa Barbara. Chegando ao Rio de Janeiro, em virtude dos acontecimentos politicos que ali se desenrolaram e que culminaram na proclamação da Independencia do Brasil, Santa Barbara, e José Joaquim Martins Zimblão, deputado substituto, acompanhando o gesto da bancada mineira, sustaram a viagem para a Corte de Lisboa, communicando o occorrido em carta de 23-III-1822, ao Governo Provisorio da Província. (*Rev. Arch. Publ. R. G. Sul* — Vol. 7-279).

Em 10 de julho do mesmo anno ainda estava no Rio, esperando decisão sobre o exercicio do mandato que lhe fora conferido. Mas, "a ideia de uma Assembleia legislativa neste Reino, diz em carta dessa data, vogou instantaneamente entre o Povo desia Cidade, e o Decreto do Principe Regente de 3 de junho, proclamou

definitivamente Côrtes do Brasil." Vendo espaçada sua permanência no Rio, Santa Barbara, solicita do governo do Rio Grande subsídios para sua manutenção, visto ter-lhe sido concedido numerário para se manter unicamente seis mezes. Do Príncipe Real, a quem se dirigira, no mesmo sentido, e pedira supprimento para sua subsistencia, obtivera o seguinte despacho: "Pode o supplicante recolher-se á sua Provincia." Em outubro já se achava em Porto Alegre e no dia 21 desse mez. dirige, por designação do Governo Provisorio" ao Altíssimo, em seu Santo Templo, como Orgão do Povo desta Capital, sollemnes acções de Graça, pela Augusta Acclamação de Sua Magestade o Imperador do Brasil D. Pedro I". (Rev. Arch. R. G. S. cit. 331).

Eleito, em 1834, á 3.^a Legislatura da Camara dos Deputados, juntamente com os drs. Manuel Paranhos da Silva Velloso e José de Araujo Ribeiro, que ali representavam o Rio Grande do Sul, o padre Santa Barbara, que nessa representação permaneceu até 1837, teve occasião de demonstrar seus inequívocos dotes parlamentares, como se evidencia dos *Annaes da Camara dos Deputados*. (1.^a vol. 1836-1837) Designado logo para a *Comissão Ecclesiastica* trabalha activamente, assignando varios pareceres. É nessa qualidade que tem oportunidade de defender o padre José Antonio de Caldas, expulso do Rio Grande, e a quem havia sido cassado o direito de cidadania. Austero, justiceiro, corajoso, Santa Barbara desenvolve cerrada argumentação, mostrando a iniquidade da Regencia ao vetar a resolução legislativa que determinava reabilitar o padre Caldas.

E' um orador sobrio, convincente, "orador consumado, diz testemunha ocular, quer no pulpito, quer na tribuna, seus discursos imponentes prendiam a attenção e impunham respeito aos ouvintes."

Nos debates acalorados que se travam na Camara em torno da Revolução Farroupilha e logo depois sobre o estabelecimento da Republica Riograndense, Santa Barbara, num gesto de coragem, mostra a seus pares, em ponderados discursos, quaes as causas que determinaram a commoção nas campanhas do sul.

Por occasião da discussão de uma representação da Assembleia Provincial do Rio Grande contra o acto do dr. José de Araujo Ribeiro que houvera tomado posse, illegalmente, da presidencia da Provincia, perante a Camara Municipal do Rio Grande, travam-se, na Camara dos Deputados, em 1836, acalorados debates. Discute-se o parecer que approva os actos de Araujo Ribeiro, o qual tem a seu lado a quasi unanimidade da Camara.

Ausentando-se da Camara, Araujo Ribeiro, que, como vimos, fazia parte da representação substituiu-o o dr. Fernandes Braga, accusado de ter promovido o dissidio da familia riograndense.

A sessão de 26 de maio tornou-se notavel pela attitude desassombrada do deputado Santa Barbara. Voz discordante, naquella cenaculo illustre, declara reprovar como acto illegal e digno de toda a censura, a sedição de 20 de setembro, mas, acha que isso nada mais foi do que o exemplo dado por outras provincias que se rebellaram tambem, exemplo que se estendeu até ás campanhas do sul. Mas, a rebellião não passaria de seus strictos limites se não fora a acção anti-politica do dr. Araujo Ribeiro, que deu ensejo a tomarem proporções maiores os acontecimentos da Provincia depois do 20 de setembro. Não deveria esse presidente insistir na posse perante uma assembléa que julgava constituida illegalmente. E borda em torno do assumpto considerações varias que impressionaram a Camara. Tambem o caso do vice-consul hamburguez, castigado por que aconselhara neutralidade a seus subditos, dera motivo aos que se tinham compromettido na revolta temerem severas represalias. Estende-se em outras considerações e accusa Araujo Ribeiro de ter ido acender o facho da discordia entre seus irmãos. E conclue que, reprovando a "sedição de Porto Alegre, não pode desconhecer que mal tomadas foram as medidas do governo e não desconhecendo que o mesmo sr. Araujo Ribeiro dera causa a todos esses terriveis successos, porque quando elle não quiz tomar posse pela segunda vez quando foi convidado, protestando não querer entregar-se nos braços dos sediciosos e rebeldes, tambem devia ter o mesmo pensamento quando foi pela primeira vez tomar essa posse, em tempo que ainda não estavam amnistiados os membros da Assembleia." (*Annaes do Parl. Bras.* I, 93).

Profunda sensação causou o gesto de Santa Barbara, e o governo, pelo órgão de seus ministros, procurou justificar a acção de Araujo Ribeiro, entre elles, Limpo de Abreu, ministro da Justiça. Outros oradores, especialmente o Dr. Paranhos Velloso, seu companheiro de representação, extranharam a manifestação do deputado riograndense. E o proprio ministro da Fazenda confessou-se impressionado com os argumentos de Santa Barbara, o que causou sensação.

Na sessão seguinte, (28 de maio), Santa Barbara enceta a discussão do assumpto. Mostra a exactidão com que se referiu á questão do vice-consul hamburguez, e defende-se das insinuações de simpatizar com os revoltosos, dizendo que não os defendia, mas



PADRE JOÃO DE SANTA BARBARA

falava com franqueza e verdade, apresentando factos que não foram destruídos. Extranha a attitude do dr. Fernandes Braga, ex-presidente, que, em sua fala, á Assembléa Provincial, denunciava uma conspiração inexistente, fazendo-o sem bases seguras, facto que ocasionou fundas dissensões entre os riograndenses. Interpelado pelo deputado Carneiro Leão, que diz ter o proprio Santa Barbara, em 1834, levado para a Camara a noticia dessa conspiração, de caracter separatista, responde que se havia louvado em documento publico do punho do proprio ex-presidente Braga.

Destemeroso, justiceiro, ergue a vóz, em defesa de seus irmãos do sul, acusados de ferocidades inacreditaveis. Se atentados havia, naturaes em uma commoção intestina, corriam elles por conta da exaltação dos espiritos, nos dois bandos que se degladiavam no Rio Grande. E accusava, tambem, actos de selvageria praticados pelos corifeus da Legalidade. "Manifesta seu pezar e horror á guerra civil, mas julga que é de justiça não exagerar os attentados que se hão praticado; e havendo só um facto horroroso não se diga que ha cem; e assim diria que não. Lhe consta que nesse terrível partido dos revoltosos tem apparecido mais de um facto abominavel qual a morte e crueldades exercidas no cadaver de um coronel, pessoa respeitavel, (1) a quem cortaram as orelhas, mas que iguaes actos se praticou no Partido da Legalidade; em prova do que diz que igual ou maior sevicia se praticou em um individuo que levava cartas ou officios dos rebeldes; tristes consequencias da guerra civil, que todos devem lamentar." (*An. cit.* — 102).

Dahi para deante Santa Barbara não intervem mais nas discussões sobre assumptos concernentes á revolução farroupilha. Esses homens brutalmente atacados, que se batiam, no sul por uma idealidade, eram os seus velhos amigos, os seus parentes mais proximos, os seus alumnos dilectos, campeadores intemeratos da liberdade. Ficava com seus principios, com suas opiniões que aquelles homens, cortejadores e palacianos, não saberiam compreender, porque não conheciam o caracter gaúcho, plasmado nas velhas luctas das fronteiras distantes, modelado á tempera de aço inamolgavel.

Decorreu, assim, o resto dessa legislatura. Em 1838, volta ao Rio Grande do Sul e se vaé acolher á sombra amiga de sua cidadezinha, que lhe era quasi natal, — Cachoeira. Dominavam os farrapos. A Republica estendia sobre ella o seu pavilhão tricolor.

(1) Referia-se ao coronel Vicente Ferrer, trucidado em sua estancia, conforme relatado no vol. XXIX destas Public.

E Santa Barbara adheriu francamente á nova ordem de cousas. Conheceu, então, verdadeiros dias de miseria. A conflagração da Provincia, a privação dos emolumentos de seu ministerio, a falta de alumnos, e uma enfermidade que contraira, atiraram-no á penuria. Vivia "da beneficencia de um cunhado" (deve ser Antonio Gonçalves Borges), em cuja casa residia. Em 1840, tendo de fazer declaração de renda, para ser eleitor da Republica, assim se exprimia em "carta official em que expunha não poder comparecer pessoalmente por causa de seus padecimentos e fez á Meza a ponderação seguinte: "Não remetto rol de bens, porque nenhuns possuo, nem mesmo um só escravo, vivendo inteiramente da beneficencia de um cunhado, em cuja casa residio: não tendo eu liquidos nem ainda cem reis annualmente, privado como estou athé dos emolumentos do Ministerio ecclesiastico, já porque vivo na solidão, já porque o meu estado habitual de enfermidade não me permite o movimento necessario para os adquerir."

Mas, a Assembléa das Eleições primarias, reunida em um dos districtos da Cachoeira, em 8 de março de 1840, contravindo formal disposição de Lei, mesmo, assim, aceitou o voto de Santa Barbara. Submettido ao governo da Republica o assumpto, este aprova aquelle acto, em 11 de março, em portaria do ministro Domingos José de Almeida, pois "a deliberação da Assembleia, acerca da mencionada declaração, posto não conforme com a Lei, todavia ha merecido sua approvação, por isso que estabelecido o rendimento exigido não se priva a Nação das luzes daquelle experimentado e digno Cidadão..." (*O Povo* — 11-III-1840).

Por dec. de 18-IX-1838, determinara o governo da Republica que não sendo possivel convocar-se a Constituinte, por motivos da luta em que se empenhavam as suas armas, se convocasse um *Conselho de Procuradores Geraes dos Municipios*. Cachoeira elegeu para o alto cargo ao padre-mestre Joaõ de Santa Barbara. Mas, os motivos atraz expostos, inhibiram-no de tomar parte nesse conclave, sendo substituido pelo tenente José Carvalho Bernardes. O Conselho iniciou os trabalhos em 21 de dezembro de 1839. (Vide *O Povo* pag. 151).

Tendo sido creada a Bibliotheca da Republica, na capital do Estado, o padre Santa Barbara, offereceu para o inicio da mesma todos os seus livros, dadiua que o governo agradece em officio de 9-IX-1839.

Mais alta distinção lhe era reservada pelos seus concidadãos que o elegeram deputado á Constituinte riograndense por 2.481 votos. Inaugurou-se a Assembleia Constituinte a 1.º de dezembro

de 1842 e subsistindo ainda os motivos que o impediam de se locomover, o padre Santa Barbara não compareceu, sendo chamado um dos suplentes mais votados para preencher o seu lugar.

Realizada a paz voltou Santa Barbara para Porto Alegre e ali, até sua morte, além das cadeiras que professou, dedicou-se com afincio ao magisterio. Leccionou no antigo *Lyceu D. Affonso*, no Seminario e em outros muitos collegios particulares.

“Quando vagou o bispado da Provincia, por fallecimento do sempre lembrado bispo d. Feliciano, diz A. S. no estudo citado, foi o padre Santa Barbara consultado se accitaria a mitra riograndense; elle não a accitou, e tendo sido pouco depois instado pelo barão de Uruguayana, que então presidia a Provincia, respondeu que nem um throno accitaria.” Preferia viver no meio dos seus livros, dos seus discipulos dilectos, na pobreza digna da sua vida simples, espalhando em torno de si a grande bondade da sua alma e as luzes admiraveis de sua intelligencia.

Findou essa grande vida a 5 de julho de 1868. Pouco conhecido das gerações actuaes espera o seu biographo a quem offerecemos os dados esparsos que pudemos colligir para, na angustia de uma *nota* ligeira, assignalar o seu nome e as suas acções dignas e bellas.

Pag. 237 — MEMORIA HISTORICA, de Sá Brito. Publicando esse precioso testemunho da epoca, em o *Almanack do Rio Grande do Sul*. XVI, 1904, diz o criterioso historiographo Alfredo Ferreira Rodrigues: “Esta memoria, escripta de 1879, é um dos mais interessantes documentos que existem sobre a revolução de 1835.

Pela sobriedade da linguagem, pela fidelidade da narrativa e sobre tudo pela justeza e imparcialidade dos conceitos, pode-se afoitamente affirmar que é o mais importante delles. Não ha outro que se lhe possa equiparar, nem as minuciosas memorias do major Lobo Barreto, todas ellas eivadas do espirito de partido; nem o *Diario* de Dr. João Fagundes, que é apenas uma resenha de factos; nem o proprio *Diario* de Antonio Vicente da Fontoura, que, apezar de importantissimo por acompanhar dia a dia os movimentos do exercito de Canabarro e as negociações da paz, não tem a mesma agudeza de observação e a mesma elevação e imparcialidade na apreciação dos homens e dos factos.

A quem conhece o pouco escrupulo com que entre nós são tratados os assumptos historicos e a superficialidade que em geral preside ao julgamento dos homens e das cousas, sempre encarados

sob um ponto de vista mais ou menos apaixonado e partidario, não pode deixar de impressionar a sobrançeria e imparcialidade, com que escreve o Dr. Sá Brito. O seu trabalho é mais do que uma simples memoria. Sem que se preocupe de fazer critica historica, formula um juizo profundo sobre os acontecimentos da revolução.

O julgamento de Bento Manoel, afastando-se da opinião geral, é digno de admiração, pela coragem e pela convicção que revela. O papel do famoso cabo de guerra na revolução não está ainda bem estudado, ou melhor, todo o estudo sobre elle está ainda por fazer, pois o que até hoje se tem escripto a respeito não merece esse nome. Apenas o Dr. Sá Brito ousou atacar, embora, de leve o assumpto.

Resumindo as impressões que ficam da leitura da *Memoria*, direi que só um espirito verdadeiramente superior poderia escrever estas paginas, e é como uma homenagem de acatamento que são ellas reproduzidas no *Almanack*.

O dr. Varela, em completo desacordo com A. F. Rodrigues faz, sobre a "Memoria" de Sá Brito um longo estudo critico em notas do 6.º vol. da *Hist. da Grande Revolução*, para onde remettemos quem deseje melhor se orientar sobre o valor dessa peça historica.

O original dessa *Memoria* foi offerecido pela familia Sá Brito ao *Inst. Hist.* do Rio Grande do Sul.

Nasceu Francisco de Sá e Brito Junior, em Porto Alegre, a 18 de junho de 1808, sendo seu pae Francisco de Sá e Brito, natural do Rio de Janeiro, filho legitimo de José de Sá e Brito e Anna Maria de Jesus, e sua mãe Anna Joaquina de Oliveira, filha de Antonio José Martins Bastos e Barbara Ignacia de Oliveira, primeira mulher de Sá e Brito. Teve o casal de Sá Brito, alem de Francisco, mais seis filhos, sendo o mais velho Antonio, nascido em 1800, a quem se refere em sua *Memoria*. Depois de fazer os seus estudos preliminares em Porto Alegre foi mandado para Coimbra afim de cursar a Universidade dali. Tendo sido a mesma fechada, concluiu seus estudos superiores em São Paulo, em cuja Escola de Direito se bacharelou em 16 de outubro de 1832, fazendo parte da turma de riograndenses que ali receberam o gráo de bacharel em leis nesse anno.

Casou-se o dr. Sá Brito, no Alegrete, com Carlota Cambraia de Sá, de importante familia daquella cidade.

Pag. 252 — OLIVERIO JOSÉ ORTIZ, coronel. — Vem este illustre cabo de guerra riograndense de troncos de primitivos

povoadores do Rio Grande do Sul. Agostinho Guterres, natural de Valença, Hespanha, filho de Antonio e Clara Guterres, é um dos hespanhões que, sublevando-se em um barco hespanhól que aportou á Laguna, ali ficou, constituindo familia, e internando-se pelas campanhas riograndense ainda, então, despovoadas. Casou-se Guterres com Maria de Brito Peixoto, india da terra, filha natural de Francisco de Brito Peixoto, capitão-mór e povoador da Laguna. São, como outros membros desta familia, fundadores de Viamão, em cujas proximidades povoaram campos de criação. Teve Agostinho 9 filhos entre os quaes Quiteria Guterres, natural da Laguna, que casou-se, em Viamão, com Domingos Araujo, natural de Vianna, Braga, e filho de Domingos Affonso e Catharina de Araujo. Teve este casal oito filhos sendo a primeira Josefa de Araujo que casou com José Ortiz da Silva, natural de São Paulo, filho de Ignacio Borges da Silva e sua mulher Maria Vaz, sendo pela parte materna descendente de Fernão de Camargo, o Tigre de alcunha, filho de Juseppe de Camargo e Leonor Domingues, povoadores de São Paulo. (V. ascendencia em *Geneal. Paul.* Silva Leme. 1.º 299)

Teve o casal de José Ortiz varios filhos e entre elles a Fidencio José Ortiz da Silva que ordenou-se sacerdote e foi vigario de varias parochias do Rio Grande; Maria Benedicta de Camargo, casada com o sargento-mór José Pedroso de Albuquerque, dos Albuquerques de São Paulo, e tronco dessa familia no Rio Grande; (Public. XXIX, 457) e de Oliverio José Ortiz, a quem se refere esta nota.

Nasceu Oliverio em 30-IX-1789, em Cachoeira, sendo baptizado no Rio Pardo em 27-X do mesmo anno. Casou-se, em Caçapava, com Febronia (Feverona) Candida, filha do capitão Antonio Gonçalves e de sua mulher Joanna Victoria, neta materna de Manoel Alves Coelho e Joana do Sacramento, naturacs de São Jorge, Açores. Teve o casal varios filhos de que se destacam Oliverio José Ortiz Filho que estudou na Universidade de Paris, bacharelando-se ali em 1840, estando já em 1848, casado no Alegrete; Maria Josefa que casou com seu primo, coronel José Pedroso de Albuquerque que foi ministro da Republica Riograndense; e Maria Aldina, que casou com o general Francisco de Arruda Camara, alem de outros.

E' notavel a folha de serviços do coronel Oliverio, que foi depois brigadeiro honorario do Exercito, constante não só de sua brilhante fé de officio como de dezenas de attestados que junto a ella podemos compulsar.

Para estudo biographico mais detido desse valente riograndense registamos aqui esse documento: "Attesto, em virtude do despacho supra, que revendo o livro subsidiario do Regimento, nelle a folha primeira se encontram os assentos do teor seguinte: Coronel Oliverio José Ortiz idade ao sentar praça treze annos, natural da Villa de São João da Cachoeira, sentou praça no primeiro de junho de mil setecentos e noventa e nove. Passou a furriel no primeiro de abril de mil oitocentos e dez. A alferes por commissão a doze de julho de mil oitocentos e onze, confirmado por decreto de vinte e nove de maio de mil oitocentos e doze. Tenente a vinte e quatro de junho de mil oitocentos e doze, por commissão, confirmado por decreto de vinte de janeiro de mil oitocentos e treze, com antiguidade de cinco de julho de mil oitocentos e doze. Capitão graduado por distincção no ataque de Guabebú por decreto de vinte e quatro de junho de mil oitocentos e dezoito. Effectivo por decreto de vinte e seis de novembro de mil oitocentos e dezenove. Major graduado por decreto de vinte e quatro de junho de mil oitocentos e vinte. Tenente-coronel aggregado por decreto de vinte e nove de abril de mil oitocentos e vinte e quatro, effectivo por decreto de nove de maio de mil oitocentos e vinte e seis. Coronel graduado por decreto de vinte e oito de setembro de mil oitocentos e vinte e seis. Fez as campanhas de mil oitocentos e vinte e oito, digo, oitocentos e onze, mil oitocentos e doze, e de mil oitocentos e dezeseis, de mil oitocentos e vinte e dois, de mil oitocentos e vinte e tres, até mil oitocentos e vinte e quatro na Provincia de Montevideo, a de mil oitocentos e vinte e cinco, até mil oitocentos e vinte e oito. Assistiu as acções de tres e quatro de outubro de mil oitocentos e dezeseis em Missões, a Batalha de Catalã, o Ataque de Guabebú, a acção de Perucheverne, Arroio da China, Ataque de Queguay chico, dito de Arroio Grande, Serrilhas de Valentim, ditas de Chapequy e Arroio Rabão, de Gy, da Capela das Mercês, acção de Garaguatá, Guerrilhas do Passo das Pedras, do Passo do Sarandy, do Arroio das Canhas, alem de Jaguarão. Commandou a Fronteira de Missões desde cinco de setembro de mil oitocentos e vinte oito, até a evacuação da força inimiga, ainda depois até trez de junho de mil oitocentos e vinte e nove. E nada mais continha nos referidos assentos a que me reporto, em virtude do que mandei passar a presente Fé de Officio que vae por mim sómente assignada. Caçapava, dez de fevereiro de mil oitocentos e trinta e tres. *Eduardo Gomes Lisboa*, capitão da segunda companhia."

Os attestados dos varios commandantes sob cujas ordens serviu Oliverio detalham as suas acções que demonstram verdadeira bravura em todos os momentos em que entrava em combate.

Era, em 1835, deputado á Assembleia Provincial quando rebentou a Revolução. Tomou logo partido ao lado dos farrapos e foi commandante de forças. Mais tarde, eleito á Assembleia Constituinte da Republica, tomou parte naquella conclave republicano. Em 1843, desiludido, retirou-se á vida privada, recolhendo-se a Alegrete, afim de cuidar de seus interesses. Tendo ainda prestado serviços ao paiz, galarduo-o o governo com o posto de brigadeiro honorario.

Pag. 259. — MANUEL DOS SANTOS LOUREIRO, coronel. O dr. Homero Baptista publicou, no *Almanack do Rio Grande do Sul*, 1902, magnifica biographia desse valente chefe legalista. Para completal-a registamos aqui sómente os dados genealogicos que colligimos sobre a familia Santos Loureiro que, hoje, ainda, no Rio Grande, tem illustres representantes. Teve origem essa familia no casal açoriano de Manoel Francisco Loureiro e Maria Josefa do Espirito Santo que residiam na Laguna. A convite de um filho, José dos Santos Loureiro, que tinha terras em Santo Antonio da Patrulha, transportou-se o casal para essa villa, trazendo consigo um outro filho solteiro, Joaquim dos Santos Loureiro. José foi casado com Izabel Francisca Jardim e falleceu, na Patrulha, em 30 de outubro de 1782, deixando um filho: Felisberto dos Santos Loureiro.

Joaquim dos Santos Loureiro casou-se, em Santo Antonio, com Maria Eufrasia Lopes, filha de Antonio José Lopes e Helena Eufrasia Maria, neta paterna de Antonio Lopes e Maria de Jesus, e neta materna de Manuel Antonio de Bittencourt e Mariana de Bittencourt naturaes da ilha Graciosa, Açores. Teve Joaquim seis filhos entre os quaes José dos Santos Loureiro, que foi coronel de Legião e teve papel saliente na revolução, como legalista, e Manuel dos Santos Loureiro, tambem coronel, nascido, em S. Antonio, a 9-V-803, e a que se refere a nota acima.

Pag. 271. — MEMORIA HISTORICA, de Lobo Barreto. Pela primeira vez é esta importante *Memoria* publicada na sua integra, de accordo com copia do proprio original, existente na *Bibliotheca Nacional*, do Rio de Janeiro, sob a indicação de I-3, 1, 13. O *Annuario* do R. G. do Sul, nos annos de 1887, 88 e 89, inseriu parte que corresponde ao trecho desta *Publicação*, de pag. 296, até 326.

E o *Almanack* do R. G. do Sul, de 1905, inseriu a parte inicial, isto é, de pags 271 a 280, conforme em nota assignalámos. Faltavam dois largos trechos que são substanciaes para o conhecimento desses agitados dias, tão bem descriptos por Lobo Barreto. Ha, entre as publicações já feitas e a integral, que agora fazemos, varias differenças de palavras, o que significa ser a copia de que nos servimos modificada pelo autor, para melhor clareza do assumpto.

Os trechos do manuscripto dessa *Memoria*, publicado nesses dois magnificos repositórios da historia riograndense, não traziam nome de autor, e foi Coruja, tambem parte nos acontecimentos, quem assignalou a origem, dizendo (Ann. 89, 124) que "este contemporaneo (autor), não pode ser outro senão o major João da Cunha Lobo Barreto, official de gabinete que por toda parte acompanhava os presidentes". O trecho inicial, publicado por Alfredo Ferreira Rodrigues, um benemerito das letras historicas do Rio Grande, faz parte de um manuscripto que "pertenceu ao conselheiro dr. Francisco Antunes Maciel, que por duas vezes iniciou a sua publicação, sem concluil-a, em Dezembro de 1886, no *Diario de Pelotas*, e em 1890, no *Nacional*. Desta ultima vez, a publicação, despertando vivo interesse, o manuscripto foi emprestado por alguns dias por um empregado que pouco depois se retirou da empresa, e não mais foi possivel rehavel-o." As annotações de Coruja, acrescenta, foram a unica cousa que não se extraviou do poder do dr. Francisco Maciel e tirei copia dellas do original escripto em uma folha de papel avulso".

Foi o proprio major João da Cunha Lobo Barreto quem, em data de 21 de Maio de 1867, remetteu esse trabalho ao conselheiro Homem de Mello, presidente da Provincia do Rio Grande do Sul, (1866-1868), sendo delle tirada copia pelo dr. J. A. A. de Carvalho, no Rio de Janeiro. Lobo Barreto fez acompanhar a *Memoria* da seguinte carta, que a identifica: "Exmo. Sr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello. Mando por meu filho, (1) os apontamentos historicos relativos á Revolução desta Provincia: prevenindo a V. Exa. de que he a primeira pessoa, a quem mostro: e assim mesmo reservadamente. Como hontem disse estão muito sublinhados, e mal escriptos, pois ainda os pretendia corrigir. Depois que V. Exa. se digne devolver, poderei tambem mostrar-lhe

(1) João da Cunha Lobo Barreto Filho, fallecido em 2-XI-1875 com 22 annos de idade, em Porto Alegre. Poeta de inconfundivel valor, orador e dramaturgo que, estudando os preparatorios em Porto Alegre, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, depois de dois annos de brilhante curso, em 1871, teve de regressar a Porto Alegre, por morte do pae - que deixou a viuva e a filha em condições de reclamar a presença e o auxilio do unico filho varão, que passou a ser o chefe da familia. - M. Teixeira - *Os Gaúchos*, T. II, 244. V. Biog. Lobo Barreto Filho).

outros apontamentos a respeito da occupação do Estado Oriental pelas forças Luso-brasileiras até á sua evacuação. Por muitos titulos estou ás ordens de V. Exa. com Subdito reverente e obrigado *João da Cunha Lobo Barreto*. S. C. 21 de Maio de 1867." (B. N. Cod. mass. I-, 1, 13).

Infelizmente parece desaparecido esse trabalho referido por Lobo Barreto, bem como outros de sua autoria a que Coruja faz allusão na seguinte nota: "O major Lobo, da Secretaria do Governo, apesar de surdo, tinha o habito, a faculdade e mesmo uma tendencia natural para escrever tudo quanto ao redor d'elle se passava. E' assim que pertencendo á Legião de Voluntarios Reaes do Principe (Talavêras) commandados por Lecor, descreveu a sua viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro em 1815, e a sua excursão por terra da Laguna a Montevideo em 1816, não esquecendo muitos factos tendentes ao coronel, depois general e duque, João Carlos de Saldanha, entre os quaes omittiu, sem duvida, ignorando por ser cousa clandestina, o seu casamento de consciencia, celebrado nas aguas do Prata, a bordo de uma canhoneira, pelo frade capellão da mesma, cujo assentamento foi por mim escripto nos livros da matriz de Porto Alegre por mandado do vigario geral Soledade para quem eu então escrevia."

Não é necessario encarecer o valor da *Memoria* de Lobo Barreto que, não obstante certa parcialidade é, a nosso ver, pelas suas minucias e pela exactidão com que foi escripta, superior a qualquer uma das outras que inserimos, vista no conjuncto agora publicado.

Essa peça está copiada num livro in-4.^o onde tambem existem as *Memorias* do Visconde de São Leopoldo, e occupa 132 paginas manuscriptas, tendo no fim da ultima a seguinte indicação: "Acabada esta copia em 29 de julho de 1870. Dr. a.a. de Carvalho."

João da Cunha Lobo Barreto nasceu em Barcellos, Portugal, no anno de 1795. Segundo sua *Fé de Officio*, existente na Bibliotheca Nacional (*Verb. biog.* C. 370, 33) sentou praça de cadete em 1.^o de setembro de 1811, tendo sido promovido a alferes em 9 de dezembro de 1812, a tenente em 22 de junho de 1815; a capitão em 1.^o de dezembro de 1824; a major em 20 de agosto de 1838. Foi reformado em conformidade da lei de 20 de setembro de 1838, por decreto de 18 de novembro de 1839. Fez as campanhas da Peninsula desde 1811 até 1814 e as da Provincia Cisplatina desde 1816 até 1822. Adheriu á causa do Imperio desde que se proclamou a sua Independencia e jurou a Constituição politica do mesmo Imperio. Fez relevantes serviços nos annos de 1822 a 1823.

Assistiu á defesa da Praça da Colonia do Sacramento, quando foi atacada por mar e por terra no dia 26 de fevereiro de 1826 e na noite de 1.º de março do mesmo anno quando o inimigo tentou fazer ali um desembarque. Foi condecorado com a cruz das campanhas da Peninsula e com as das campanhas da Provincia Cisplatina e cavalleiro da Ordem do Cruzeiro (Dec. 2-VIII-1826) pela defesa da referida Praça da Colonia. Teve mais as condecorações de cavalleiro de S. Bento de Aviz, por dec. de 19-XI-1840, e official da Ordem da Rosa, por dec. de 13-I-1846. (*B. N. Verb. biog.* C. 965, 73). Passou do 1.º batalhão de Caçadores da extinta divisão de Voluntarios Reaes em capitão para a 3.ª companhia fixa em 1.º de dezembro de 1827. Foi nomeado secretario do Commando das Armas da Provincia de Santa Catharina por dec. de 26 de setembro de 1829. Por aviso da Secretaria da Guerra de 22 de fevereiro de 1833 foi-lhe concedida licença para residir nesta Provincia (R. G. do Sul) e ser por aqui pagos os seus respectivos soldos. Achando-se empregado na Secretaria da Presidencia quando appareceu a Revolução de 20 de setembro de 1835 ausentou-se para Montevidéo. Apresentou-se depois na cidade do Rio Grande o 30 de março de 1836 e nesta cidade a 2 de agosto dito, continuando a ser empregado na Secretaria da Presidencia.

A fé de officio de que extraímos os dados acima foi passada em Porto Alegre, a 14 de maio de 1840 e está assignada pelo secretario do Com. das Armas Antonio Felix Lobo.

Lobo Barreto casou-se em Porto Alegre, tendo dois filhos, Lobo Barreto Filho (*Barretinho*) citado e uma filha mulher. Falleceu em Porto Alegre, com 76 annos, em 22 de agosto de 1871.

Pag. 275 — SOCIEDADE SECRETA — “CONTINENTISTA”

— Nota de Coruja: “*Continentista* era um jornal particular de Vicente Ferreira de Andrade, que appareceu muito depois defendendo a revolução. A sociedade chamava-se *Continentina* e o seu periodico se denominou *Continentino*. Era um gabinete de leitura encobrendo uma Loja Maçonica, de que era veneravel Victorino José Ribeiro, e depois José Mariano de Mattos; e o general Barreto tambem a ella pertencia, assim como o padre Caldas, que só ahi foi uma vez visital-a. Quanto ao *Compilador* e não *Recopilador* é um aleive que lhe levantam; era tão innocente que até era censurado por só recopilar noticias das provincias e não ter artigos de fundo. O *Recopilador* só appareceu mais tarde com o *Continentista* e o *Echo*, de Silvano José Monteiro, que aliás não era homem que escrevesse.”

Pag. 277 — ALFAIATE MARQUES, de Santa Catharina — Nota de Coruja: "O alfaiate Manuel Marques Pereira Lima era curitybano." Coruja traz outras notas que não reproduzimos por constarem mais ou menos de varias notas já publicadas e documentos que elucidam factos da época.

Pag. 288 — MANUEL FELIZARDO DE SOUZA E MELLO — O dr. Manuel Felizardo foi o primeiro Inspector da Thesouraria da Fazenda da Provincia, deputado á primeira legislatura da Assembléa Provincial mais tarde ministro da guerra e da agricultura, conselheiro da Coroa e senador de Imperio. Casou em Porto Alegre com Francisca Candida das Chagas, nascida, nessa cidade, em 18 de abril de 1800, filha do tenente general Francisco das Chagas Santos, natural do Rio de Janeiro e filho de Antonio Manuel dos Santos, natural de Braga, e de sua mulher Joaquina Maria de Jesus, natural do Rio de Janeiro. Era o general Chagas Santos casado com Joana Mathilde de Figueiredo, natural de Porto Alegre e filha de Thomaz José da Costa e Souza, escudeiro e cavalleiro fidalgo da Casa Real, casado com Anna Joaquina da Costa e Souza, neta paterna de Francisco Manuel da Costa e Souza e Tavora, e de sua mulher Thereza Antonia de Souza, e bisneta por Francisco Manuel, de João da Costa e Tavora, desbravador do Continente do Rio Grande, em 1735, e de sua mulher Maria Clara da Encarnação, e por Thereza, de Antonio de Souza Fernando, e Apolonia de Oliveira, casal primitivo de povoadores do Rio Grande, vindo da Colonia do Sacramento, e oriundo do tronco dos Marques de Souza, povoadores em 1718 daquella praça.

Pag. 296 — DEPUTADO PARANHOS — O deputado Manuel Paranhos da Silva Velloso era natural do Rio Pardo. Bacharelou-se em leis pela Universidade de Coimbra e, em 1830, iniciando sua carreira na magistratura, foi nomeado Juiz de Fôra do Rio Pardo. Em 1834 foi eleito deputado pela provincia do Rio Grande do Sul á Camara, na 4.^a legislatura geral que terminou em 1837. Exercia esse mandato ao deflagrar a revolução de 1835, sendo, quando o padre Santa Barbara accusou o dr. Araujo Ribeiro, um dos mais extrenuos defensores daquelle ex-presidente. Foi juiz de direito da comarca do Rio Grande e, em 1841, era chefe de policia de Porto Alegre. Em 1844 foi despachado presidente da provincia do Pará, pela qual foi eleito deputado geral, em 1847. Havia sido tambem ouvidor e deputado provincial em Santa Catharina e, mais tarde, desembargador na Relação da Côrte. Tinha a commenda

da Ordem de Christo. (B. N. Verb. biog. C. 164, 7 e outros). Falleceu o dr. Paranhos Velloso, no Rio de Janeiro, em 11-IV-1859.

Em 1836, quando da nomeação do dr. José de Araujo Ribeiro para presidente do Rio Grande do Sul, o dr. Paranhos Velloso o acompanhou, nomeado seu secretario particular e chefe de policia de Porto Alegre. Trazia ordens especiaes do Regente Feijó para estudar a situação da provincia e transmittir-lhe as suas observações. Mas, com o denegação da posse do dr. Araujo Ribeiro, entendeu o dr. Paranhos que não podia assumir as suas funções de chefe de policia, em Porto Alegre, pois se o fizesse teria de acatar o governo sedicioso. Por esse motivo, e como Araujo Ribeiro tivesse tambem convidado o dr. Sebastião Ribeiro para seu secretario, obteve licença para passar algum tempo no Rio Pardo, junto de sua familia e para ali se transportou. A carta de sua autoria, dirigida a Feijó, documento inedito que encontrámos na *Biblioteca Nacional* é interessantissima pelas noticias que encerra e pelas suas observações pessoaes. E' o *Cod. mass.* II-32, 3, 5.

"Ilm.^o Exm.^o Snr. Diogo Antonio Feijó — Em consequencia das participações q̃ forão feitas a V. Ex.^a pelo Prezidente nomeado para esta Provincia, Joze d'Araujo Ribeiro, e tambem por persuadir-me que as dezordens terminarião com brevid.^a e a Provincia entraria na ordem, e obediencia ao Governo Central, deixei de dirigir-me ha mais tempo a V. Ex.^a expondo as minhas ideas, e juizo sobre os successos e marcha dos negocios d'esta Provincia; mas como os desvarios tem continuado, cumpre que eu o faça e V. Ex.^a lhes dará no seo esclarecido juizo o pezo de que as julgar dignas. Quando cheguei a esta Provincia, persuadi-me pelas conversações e correspondencia que entretive com alguns dos denominados Farroupilhas, e até dos influentes desse partido, seos protestos & (apezar do antecedente Lavalheguismo de Bento Gl̃z.) que a sedicção de 20 de 7br.^o não tivera por fim a separação da Provincia da Communhão Brazileira e proclamação de huma outra forma de Governo; mas sim que Bento Gl̃z, com seos sequazes pozera as massas em movimento com o fito no prazer de vingar-se na pessoa de Braga, e Sebastião Barreto d'alguns actos praticados contra elle, como a suspensão dos Comandos da Fronteira do Jaguarão, e do 4.^o Corpo de Cavallaria, cassação do celebre Decreto pelo qual fôra nomeado Com.^{do} Superior da Guarda Nacional da Provincia; de algumas injurias, e offensas que lhe prodigalizou Pedro Chaves tanto no Cor.^o Official, como em algũas Sessões d'Assemblea Provincial, e finalm.^a para subtrahir (como subtrahio) ao bem merecido castigo m.^{tos} de seus partidarios q̃ se achavão

pronunciados, e prezos por sediciozos, e assassinos, como succede nesta Villa com os envolvidos na Sedicção de 30 de Jan.^o de 1834, e na morte do infeliz Juiz de Paz Cazemiro Joze de Vasconcellos Cirne. E ainda que se queira fazer acreditar que se teve em vista vingar a Nacionalid.^a offendida, que se não podião tolerar por mais tempo as arbitrariedades e violencias de Braga, e que se tratou de reconquistar a liberd.^a a futilid.^a de taes asserções se manifesta considerando-se q̃ não se passa de generalidades, e se não desce á enumeração de factos, apezar de se não poderem escurecer algũas imprudencias praticadas pelo Braga, como o apreço dado a certos homens geralm.^a mal olhados imprudencias porem q̃ não devião motivar hum tal excesso; mas o orgulho do homem offendido abafou a consideração dos males que necessariam.^a devião apparecer com a Sedicção. Postas no caminho da dezordem as massas compostas em grandissima parte de homens ignorantes, absolutam.^a desconhecedores dos principios mais treviaes das nossas constituições, e gostando de se acharem em estado de perfeita licença, tornando-se communs os bens, bois e cavallos de todos aquelles que denominão Caramurús, e vendo os influentes que as rueniões para a Sedicção tinhão sido m.^{to} numerosas, e alem da sua esperanza, o que devido ao desleixo de Braga, e Barreto, tratarão do plano de separação, dando para isso hum passo saliente a 9 de Dezembro com o espaçamento, verdadeira recuza, da posse do Presidente nomeado. V. Ex.^a terá conhecido perfeitamente da Representação que então fez a Assembleia Provincial ao Governo que os motivos nella allegados, não erão de natureza tal que o obrigassem a semelhante procedimento; e eu como testemunha ocular posso assegurar a V. Ex.^a que os receios de commoção popular forão creados de proposito e que não appareceria esse pequeno numero de homens a porta da Casa d'Assemblea, se não fossem agarrados, e violentados algũs nas ruas, e sem que andassem hum Antunes, e Manoel Calvet alliciando gente na vespera pelas vizinhanças da Cidade. O plano estava traçado, e apezar de todas as seguranças dadas na vespera pelos influentes ao Araujo Ribeiro, que deo tambem as que lhe erão possiveis quanto ás intenções pacificas e conciliadoras do Governo Central, e com que elles fingirão satisfazer-se, a pequena reunião de 30, a 100 pessoas appareceo no dia seguinte, e ninguem se pode persuadir que elles fossem estranhos a ella attendendo a que Antunes he concunhado e creatura de Bento Glz. e Manoel Calvet, de seo irmão Joze de Paiva; á docilidade com q̃ a Assembleia accedeo á representação que se lhe fez, e ao pouco apreço em que

começarão a ser tidos alguns Deputados favoráveis á posse do Presidente. Deve-se também notar a circumstancia q̃ tendo sido convocada para o dia 9 a Camara Municipal a fim de fazer remessa a Assembleia da Carta Imperial, somente comparecerão dois Vereadores. Feito isto tratou-se de empregar os meios necessarios para se conseguir o fim, agentes se espalharão para diversos pontos, e forão alliciadas algũas Camaras Municipaes p.^a felicitarem a Assembleia pelo acertadissimo passo q̃ acabava de dar. Estando as coizas neste estado, appareceu a proclamação do Governo de 4 de Dezembro, promettendo annistia, a qual desconcertou algum tanto os planos. Mandou a Assembleia huma Deputação de tres membros ao Rio Grande a fim de conferenciar com o Prezid.^e e voltando esta, deliberou dar a posse por (dizia ella) estarem d'algũa maneira desvanecidos os receios de processos, e perseguições, quando na dita Proclamação o Governo não avançou mais do q̃ já havia promettido Araujo Ribeiro. O verdadeiro motivo que levou a Assembleia a esta deliberação, forão as declarações solemnes feitas p.^a algũas Camaras Municipaes, e principalm.^{te} por Bento Manoel de sustentarem a posse do Prezid.^e legitimo. Este tendo respondido ao convite d'Assemblea que viria logo q̃ a sua saude lho permittise, tomou posse na Camara do Rio Grande a 15 do mez passado. Se acazo Bento Manoel immediatam.^e á sua Proclamação se apresentasse com força em frente da Capital, certam.^e teria conseguido o triumpho, p.^a q̃ muita gente q̃ se acha hoje nas reunioens Farroupilhas, teria então engrossado as suas fileiras. Mas sua morozd.^e a constante incerteza do lugar, e do numero de que constava a sua reunião, fez com que os anarchistas adquirissem mais força, munindo pelo terror pessoas que por elle esperavão, afugentando outras q̃ expressamente se havião declarado pelo seu partido, e q̃ tratassem de o achincalhar chamando-o M.^o Bento. Recebendo a Assembleia Provincial noticia de que o Preziden.^e se impossara na Camara do Rio Grande, officiou-lhe estranhando o seo procedim.^e como contrario ás Leis do 1.^o de 8br.^e de 1828, e 3 de 8br.^e de 1834, conjurando-o a que viesse verificar a posse na Capital até ao dia 15 do corr.^e sob pena de o não reconhecer mais como Presidente. Até hoje ainda não sei qual será a resolução do Presidente, e apezar de haverem circulado boatos de que elle vem, eu prezumo o contrario, por que então teria annuido ao convite que antes se lhe fizera, e em melhores circumstancias, em segundo lugar p.^a q̃ quando tomou posse no Rio G.^{re} contando com a opposição em Porto Alegre, devia ter força e partido q̃ o apoiasse, e defendesse, e finalmente porque hade conhecer que em Porto

Alegre vem servir de mero e humilde subscriptor da vontade dos Farrroupilhas q̃ estão inteiram.^e senhores do campo; não tendo elle força alguma regular com q̃ se faça respeitar. Os Farrroupilhas cuidão que pensão comigo neste ponto, e por isso tratão de fazer reuniões não pouco consideraveis no Arroio dos Ratos, nas immedições de Porto Alegre, e na Caxoeira em frente a Bento Manoel, commandados a primeira por Bento Glz. e que já marchou para a Costa de Camaquan, a segunda p.^r Onofre Pires, e a terceira por Affonso Corte Real ambos Coronéis Chefes da Legião. Estas reuniões, como notei a V. Ex.^a não serião tão numerosas se Bento Manoel se tivesse posto em marcha q.^{do} proclamou pela primeira vez, e mesmo não chegarião os negocios ao ponto em que se achão, tendo alem disso accrescido agora o poderem os Farrroupilhas allegar que o Presidente hé infractor da Lei anarchista e promotor da reacção que se manifestou em Campo Bom immedições de S. Leopoldo, dizendo que o seu fim era prender, deportar, e assassinar todos os que tomarão parte na Sedicção de 20 de Setembro. Não vindo o Presidente, como suponho, Bento Glz. dirigir-se-ha naturalm.^e ao Rio Gr.^e a fim de o fazer sahir da Prov.^a e se o conseguir, assim como bater a força de Bento Manoel q̃ dizem constar de 800 homens, então será talvez o momento de declarar-se a separação da Prov.^a com o Governo Republicano. Direi a V. Ex.^a e assim certam.^e o pensará, que nos negociantes, fazendeiros, proprietários e capitalistas, com m.^{to} raras excepções, ha hũa total repugnancia a semelhantes procedim.^{tos} mas estão inteiram.^e sucumbidos e aterrados. Existe muitissima gente na Provincia forte, habil em montar a cavallo, no manejo das armas, ignorante, vadia, acostumada a vagar constantem.^e contentando-se simplesm.^e com carne sem pão, ou farinha; e que lucra muito com estas rusgas, a que vai tomando o gosto, e nas quaes conseguem, roubando aos q̃ denominão Caramurús, como estou observando, cavallos, gados, fazendas, e dinheiro. Esta gente agrega-se ao partido anarchista p.^r que os que defendem a legalid.^e não consentem a pratica de semelhantes actos. Observa-se com dor profunda a insubordinação, e dissolução em que se achão todos os laços de obediencia e respeito; a anarchia já começa a manifestar-se horivelmente. Cada qual arvora-se em com.^{to} de hũa pequena partida, insulta e hostiliza. Os Chefes não ás contem não só pelo seu proprio interesse, como mesmo porque não podem. Entra-se nas lojas e tabernas, e dellas se conduz o que se deseja espancando ao mesmo tempo seos proprietarios; são feridos e assassinados diariam.^e m.^{tos} Cidadãos e não se indaga quaes os authores de

semelhantes malefícios, e nem ao menos se forma o competente corpo de delicto p.^o que algũas Authorid.^{es} menos corrompidas receão que lhes caiba a mesma sorte. He-me impossivel, escrevendo, apresentar com as cores exactas o estado em q̃ isto se acha. Creio que a Provincia não se pode sustentar sem hũa força regular vinda de fóra quer Bento Gonçalves seja vencedor, e siga os passos que conjecturo, quer triunfe o partido da legalidade, pois que neste ultimo cazo a Authorid.^e não poderá obrar livremente sem esse apoio, visto que a gente de Bento M.^o não he arregimentada, he habitadora da fronteira, e disseminada, serve som.^o para golpes rapidos, e não pode estacionar nas Povoações, e suas vizinhanças, q̃ são o foco dos dezordeiros. Os bons habitantes da Prov.^a reconhecendo a fraqueza dos recursos de q̃ o Governo pode lançar mão, tem comtudo as esperanças postas na energia de V. Ex.^a e pensão como eu, que sem hũa força regular, e disciplinada a que se unão os numerosos amigos da ordem que aqui existem, nada se consegue. Eis o juizo que formo sobre o estado e marcha dos negocios deste meu bello, rico, e hoje infeliz Paiz, e me parece que dentre os protestos d'adhezão, e obediencia contidos em diversos Docum.^{tos} que pela Assembleia tem sido dirigidos ao Governo, ressumbrão os dezejos e intençoens de separação. Os Periodicos que se considerão de tal partido, tem pregado ás escancaras som.^o doutrina, e não tem sido combatidos, e menos processados. As intrigas no mesmo sentido fervem, e ultimam.^o se tem assoalhado que movim.^{tos} iguaes vão manifestar-se nessa Corte .S. Paulo, e Minas, e para dar mais calor aos seos sectarios, não duvidão affirmar que V. Ex.^a não he estranho a taes planos. Algumas das coizas, e conjecturas que deixo expendidas parecem até contradictorias; os limites de hũa Carta, e q̃ já he bast.^e extensa, não permitem muitas minuciozidades, mas V. Ex.^a poderá facilmente remover os embaraços q̃ encontrar. Cumpre agora que dê a V. Ex.^a conta do meu comportam.^{to} Negada a posse ao Presidente ,entendi que a minha honra, e dever na qualid.^e de empregado nomeado pelo Governo mandavão que não procurasse empossar-me p.^o considerar illegal o Prezid.^e que então existia, e p.^o o haver recusado reconhecer outro empregado do Gov.^o Central, e neste sentido fiz participação a V. Ex.^a pelo Ministerio da Justiça em 14 de Dezembro. Tendo de retirar-se o Presidente perguntei-lhe se julgava necessario, ou mesmo conveniente que o acompanhasse, disse-me q̃ não, e q̃ melhor seria que eu viesse a esta Villa como tencionava. Sabendo dos successos posteriores escrevi-lhe por duas vezes offerecendo-me para o serviço e não tenho recebido resposta alguma. Apesar de



MANUEL CARVALHO DE ARAGÃO E SILVA

que me tenha sido preciso hir a S.^{ta} Catharina assistir a Sessão d'Assemblea Provincial de que sou membro, com tudo tenho-me conservado por aqui esperando o desenleio deste negocio, e ao mesmo tempo procurando firmar alguns nas suas oppiniões legaes, e desviar outros do trilho da dezordem. Este meo comportamento apezar de sizudo, e cautelozo, tem-me atrahido hum odio consideravel; sou Caramurú, retrogado, degenerado, delegado, e espião d'Araujo Ribeiro, e ultimam.^o encarregado de propalar a Regencia de D. Januaria, e o descredito de V. Ex.^a Quão mal me conhecem! Ameação-me com pancada, prizão, e deportação, porem tenho tido constancia para desprezar tudo, e seguir a minha marcha, mas não terei remedio senão retirar-me q.^{do} o estado de negocios estiver desesperado. S.^{ta} Barbara acha-se em hũa Fazenda proxima a S.^{ta} Maria, e nada se tem dito a seo respeito.

Dezejo q̃ V. Ex.^a goze saude a fim de poder promover a nossa paz e prosperid.^o Sou com estima. De V. Ex.^a

N. B. — Dizem que Bento Glz terá nos diversos pontos reunidos 3.000 homens, porem outros a q.^m dou mais credito dizem q̃ montavão em 1.500 a 2.000.

R. Pardo, 19 de Feve.^{ro} 1836.

Manoel Paranhos da S.^a Vellozo".

Pag. 302 — ARAUJOS CORREA — Pedro, Antonio e Jacinto Pinto de Araujo Correa (XXIX, 453). Vêm os Araujos Correa das mais nobres familias de Portugal, illustradas não só no reino como no Brasil por feitos e nobilissimas acções. Tem, por tronco, o brigadeiro Francisco Pinto de Araujo Correa, primo do Conde da Barca, casado com d. Francisca de Sá Souto Maior que são paes do tenente general Sebastião Pinto de Araujo Correa que prestou inegualaveis serviços tambem ao Brasil onde serviu, tendo sido commandante em chefe do exercito na occupação da Cisplatina. (B. N. Verb. biog. C. 131,51 e C. 773,4). Herdara de seus paes como primogenito, o vinculo da casa e quinta de N. S. da Estrella, na freguezia de S. Martha, comarca de Vianna. Pelos seus serviços foi-lhe outorgada a Commenda de Lumiar, na Ordem de Christo. Tinha o tenente general Sebastião Pinto mais cinco irmãs e seis irmãos, e a estes, em 1809, quando da invasão dos francezes, no reino, fez sentar praça para defenderem a sua patria. Foram

esses irmãos: *José Pinto de Araujo Correa*, que foi major e ajudante de ordens do governo de Angola e que substituiu Sebastião Pinto no morgadio da casa; *Francisco Pinto de Araujo Correa*, que foi official superior do exercito portuguez; *João Pinto de Araujo Correa*, que professou, sendo mais tarde abade de um convento, em Vianna; *Jacinto Pinto de Araujo Correa*, nascido em Vianna do Minho, em 1794. Sentou praça em 5-X-810, cadete em 11-X-810, alferes em 9-I-813, tenente em 22-VI-815, capitão graduado em 26-X-817, effectivo em 24-VI-818, major graduado em 28-VII-818, effectivo em 1-XII-824, tenente-coronel em 12-X-825, coronel em 20-VIII-838 e effectivo em 2-XII-862; *Pedro Pinto de Araujo Correa* nasc. em Vianna do Minho. Sentou praça no Batalhão de Caçadores n.º 6, em 12-VIII-808, alferes em 9-I-813, tenente por distinção em 13-XII-813, capitão em 22-VI-815, major em 24-VI-818, tenente-coronel em 12-X-825, coronel graduado em 7-IX-847, effectivo em 2-XII-856, brigadeiro graduado em 20-VIII-866. Fez as campanhas de Portugal desde 1811 a 1814 e as da Cisplatina de 1816 em diante. Recebeu o officialato do Cruzeiro por ter salvo 120 officiaes que se achavam presos no Paraná. *Antonio Pinto de Araujo Correa*, nasceu em Vianna, em 1792, e sentou praça em 20-VI-808, cadete em 1-III-810, alferes em 18-V-810, tenente por distinção em 5-VIII-811, capitão graduado por distinção em 27-II-814, effectivo em 15-XII-814, major em 22-VI-815, tenente-coronel graduado em 22-I-818, effectivo em 1-IX-824, coronel graduado em 12-X-824, effectivo em 1-XII-824, brigadeiro em... (*Arch. Min. Guerra*). Fez as campanhas da Peninsula de 808 a 814, e Cisplatina de 825 a 828. Respondeu a Consello de guerra pela sua actuação na Revolução de 1835, em que tomou parte saliente, bem como Pedro Pinto, atraz referido, enquanto Jacinto Pinto defendia a legalidade, sendo o organizador do 1.º Batalhão Provisorio. Mais tarde, no Paraguay, em 1869, Antonio Pinto fez parte da Junta Militar de Justiça. Descende do brigadeiro Antonio Pinto o dr. Ariosto Pinto de Araujo Correa, que foi deputado pelo Rio Grande do Sul.

Pag. 303 — JERONYMO RAYMUNDO DELAMARE, tenente de Marinha, que prestou á legalidade optimos serviços, na revolução, era natural do Rio de Janeiro e chegou ao posto de almirante. Casou-se Raymundo Delamare, em Porto Alegre, com Rita de Lima, filha de Antonio José Fernandes Lima e sua segunda mulher Anna Pires, natural de Porto Alegre. Era Rita neta paterna de José Antonio Fernandes Lima e sua primeira mulher Joanna Margarida

de Lima, filha do capitão de dragões Domingos Thomaz de Lima e sua mulher Francisca Josefa da Maya, aquella natural de Lisboa e esta do Rio de Janeiro. Pela parte materna era neta do sargento-mór Manoel José Pires da Silveira Casado e de sua mulher Rita de Mello de Azeredo Coutinho. (V. *Public.* XXIX, XXXI). O casal do almirante Delamare não deixou descendencia.

Pag. 305 — GUILHERME PARKER. O nome desse illustre marinheiro está intimamente ligado á defeza naval das armas imperiaes no principio da revolução. Era Guilherme Parker filho de João Parker e Joanna Parker, tendo nascido no Condado de Drunfries, Escossia, em 1-VI-1801. Foi admittido na marinha de guerra do Brasil, com o posto de 2. tenente, em 1.º de abril de 1823. Embarcando na nau capitanea da esquadra, *Pedro I*, seguiu para a Bahia, onde, no combate ali travado contra as forças portuguezas, distinguio-se notadamente. Em seguida seguiu para o Maranhão, muito contribuindo para a expulsão das forças luzas que ali operavam. Na galera apresada, *S. Domingos*, para a qual passou, de regresso do Maranhão, permaneceu até que, em 1824, seguiu para Pernambuco em virtude do movimento revolucionario que ali lavrara. Passando á 1.º tenente, por dec. de 12-X-1825, embarcou na fragata *D. Paula*, e seguiu para o Rio da Prata, onde se iniciara a guerra contra as Provincias Unidas. Não só nessa fragata, como na corveta *Carioca*, onde tambem serviu e, mais tarde no commando da escuna *Bella Maria*, revelou-se Parker um official valente e disciplinado, prestando inestimaveis serviços ao Brasil. Em 12-X-1825 foi promovido a capitão-tenente, promoção confirmada por dec. de 2-XII desse mesmo anno. Em 29 de abril do anno seguinte foi designado para commandar o brigue *Constança*, que fazia parte da divisão bloqueadora do Rio Salado sob a chefia do capitão de mar e guerra João Antonio de Oliveira Bottas. Depois de ter tomado parte em alguns combates, seguiu Parker, no *Constança*, para o Rio de Janeiro, passando ali a commandar a corveta *Carioca*, de onde foi transferido para o commando do brigue *Maranhão*, no qual seguiu de novo para o Rio da Prata.

Casara-se em Montevideo com Maria Engracia Morine de distincta familia daquella cidade, em 26-V-1809.

Na fragata *Izabel*, que foi em comissão a Europa, fazendo parte da divisão que trouxe para o Brasil a imperatriz d. Leopoldina, seguiu Parker, e conservou-se embarcado nessa fragata até 9-VIII-1831. Conseguindo, então um anno de licença, foi residir em Montevideo mas desistindo do resto dessa licença,

apresentou-se ás autoridades da marinha, tendo, então, ordem de embarcar na fragata *Bahiana* em 9-XII-1833. Consequindo nova licença, estava em Montevideo quando foi chamado e, em 4-III-836 apresentou-se, sendo nomeado commandante da escuna *Leopoldina*, na qual, conduzindo o chefe das forças navaes da Provincia, o commandante Grenfell, seguiu para o Rio Grande do Sul.

Ao lado desse outro illustre marinheiro, Parker desenvolveu actividade notavel e de que dão noticias os documentos que publicamos e as *Memórias* atraz insertas.

Em 18-II-1837 foi promovido ao posto de capitão de fragata, obtendo, em 1839, tres mezes de licença para gosar em Montevideo, onde sempre conservou a sua familia, voltando ao Rio Grande em dezembro, quando Grenfell reassumiu o commando da flotilha imperial. Em 23-VI-1842 foi promovido a capitão de mar e guerra, continuando no Rio Grande, já então no commando das forças navaes, indo depois em missão especial, em 1843, ao Rio da Prata. Em 7 de agosto desse mesmo anno, terminada a commissão, apresentou-se novamente no Rio de Janeiro, de onde voltou a Montevideo, e ali observando a situação da praça, sitiada por Oribe, regressou ao Rio, afim de expor ao governo as suas observações. Em 17-XI-1848 regressou a Montevideo, assumindo ali o commando da corveta *D. Francisca*. Em 25-IX-1850 assumiu o commando da divisão naval que exerceu até 10-VI-1851.

Na guerra contra Rosas prestou ao Brasil relevantissimos serviços, tomando parte saliente no combate de Tonelero. Em 3-III-1852, foi promovido a chefe de divisão e nomeado dignatario da Rosa por ter passado o Tonelero e condecorado com a medalha de ouro n.º 2. Regressou ao Rio voltando depois a Montevideo com licença que foi prorrogada até 1855. Em 19-XI desse anno foi nomeado capitão dos portos do Rio de Janeiro e provincias. Coube-lhe em 18-XI-1856 o commando da divisão naval da Bahia, sendo promovido a chefe de esquadra por decreto de 2 de dezembro do mesmo anno. Ficou no commando da divisão da Bahia até abril de 1861 e voltando ao Rio de Janeiro, foi nomeado commandante do 1.º districto naval, de onde passou para o commando da divisão naval de Montevideo. Em 5-V-1865 foi promovido a almirante graduado e a 15-I-1867, foi reformado no posto de almirante effectivo, e, tendo obtido licença foi residir em Montevideo onde falleceu em 28-III-1883. (1)

(1) V. Henrique Boiteux. *Os nossos almirantes*. Vol. IV, de que extractámos esse resumo e onde se poderá conhecer a acção de Parker na revolução farroupilha.

Pag. 313 — PRISIONEIRO DA ILHA DO FANFA. Com officio de Araujo Ribeiro, datado de 19 de outubro de 1836, seguiram os prisioneiros feitos no combate da Ilha do Fanfa, para o Rio de Janeiro, no patacho *Nunes*, nessa mesma data. Acompanhava-os a seguinte relação assignada pelo dr. Sebastião Ribeiro, secretario da presidencia: "Lista dos cabeças de Rebelião da Provincia do Rio Grande do Sul, remettidos á ordem do sr. Ministro da Justiça, no patacho *Nunes*; Bento Gonçalves da Silva, coronel do Estado Maior; Onofre Pires da Silveira Canto, ex-cadete de Cavallaria; Manoel Marques Pereira Lima, alfaiate; Pedro José de Almeida, Boticario e Zambicari, Italiano e soi-disant Conde.

Rio Grande 17 de outubro de 1836. *Sebastião Ribeiro*."
(Arch. Nac. Col. 2583 — *Movimentos Políticos*).

Pag. 313 — A "GENEROSIDADE" DE ARAUJO RIBEIRO. As *Memorias* que publicamos e outros documentos timbram em resaltar a generosidade e magnanimidade de Araujo Ribeiro nos primeiros actos de sua administração. Entretanto documentos preciosos, existentes no Archivo Historico do Rio Grande do Sul e outros, depõe ao contrario. Em março de 1836 foi interceptado pelos revolucionarios um officio do presidente que mandava Bento Manoel agir com severidade, dizendo estar "disposto a reduzir (a Provincia) a um montão de ruínas do que deixar de sustentar o Emprego que me compete", e mandava "acabar de uma vez com os malvados" que enumera. E' um documento precioso para o conhecimento da acção inicial de Araujo Ribeiro, que publicamos sem mais commentarios, juntamente com cartas de José Manoel de Leão ao vice-presidente Americo Cabral de Mello.

São os seguintes esses documentos, cuja autenticidade é indiscutivel, como se verifica do original:

Illm.^o e Exm.^o Senhor — As circumstancias em que me vejo são criticas e desesperadas! Forças mui superiores as minhas, Commandadas pello rebelde Coronel Bento Gonçalves, Cap.^l Crescencio e Netto ameação a segurança dos habitantes desta benemerita Cidade, Pellotas, e Sam José do Norte. Em V. Exa. unicamente confio; e espero que o seu procedimento corresponda em tudo com o que V. Exa. me tem affirmado em seos officios. Por este lado os malvados vão ganhar sem duvida hum Complecto triunfo, pela superioridade de suas forças e distancia de V. Exa. deste ponto; mas espero que outro tanto não aconteça nesta Comarca, aonde se acha V. Exa. a testa dos bravos defensores da legalidade. Estou

disposto a perder antes o ultimo homem da Provincia, e a reduzi-la a hum montão de ruínas, do que deixar de sustentar com dignidade o Emprego que me compete, e para o qual me nomeou o Exmo. Snr. Regente do Imperio.

Seguro que esta minha resolução merecerá a approvação de V. Exa. tenho a honra de indicar-lhe, o que convem fazer, a bem do triunfo da legalidade, e para que desapareça de hũa vez desta Provincia heroica esse infernal Partido Republicão, dirigido por Bento Gonsalves da Silva, e Jozé Marianno de Mattos.

Convem que V. Exa., espidindo do ponto em que está a Campado reforçadas partidas para o interior das povoaçoens de Sm. Gabriel, Alegrete, Missoens, Caçapava, Rio Pardo, Caxoeira, e Triunfo (todas sem força algũa prezenemente), incumba aos Commandantes das mesmas partidas, que devem ser pessoas da sua mais intima confiança, que acabem de hũa vez com os malvados — João Antonio da Silveira, Francisco de Paula de Moraes Sarmento Menna, e os Irmãos deste, de nomes Sebastião Xavier, e Antonio Manuel do Amaral, o Juiz Municipal Felisberto Maxado Ouriques, Juis de Paz Gaspar Francisco Gonçalves, Major Antonio Vicente da Fontoura, Alferes Sebastião Guedes de Azevedo, Noé Antonio Ramos, os Farias, Fermino Maria Martins, o Juis de Pas de Caçapava, Mota, Joaquim Victorião Ourique, os Macedos, Manoel José de Leão, o Padre Januario, os filhos de D. Angelica, o Cap.¹ Antonio Joaquim de Souza, os Cap.¹s Ricardo de Mello, e Agostinho de Mello e o Juis de Pas Felisberto José Fagundes; prendendo mais, e remettendo-me logo da V.^a do Rio Pardo — O Ten.^{te} Coronel Fran.^{co} Xavier do Amaral, o Francez João Maria Paul, Fernando Antonio de Araujo, Orlando Coelho da Silva, Bernardo Gomes Souto, Coronel Francisco Antonio de Borba, Alferes Apolinario Jozé Torres, Francisco Gomes de Souza, Alferes Joaquim Jozé de Santa Anna, o Juis Municipal Joaquim José da Silveira, o Juis de Paz Duarte Silveira Gomes.

Da Villa da Caxoeira o Cap.^o Luis Carvalho, e seo filho Manoel, (1) Captm. Fran.^{co} Guedes de Azevedo, Claudino da Cunha e Souza, Vicente Simoins de Paula Pires, Manoel José Pereira, Joaquim da Figueira, e os filhos do Cap.¹ José Raymundo. De S. Gabriel, Juca Roque, Severino Antonio da Silveira, hum tal Maneca, os Maxados, e Fidelis, Pay e filho. De Caçapava João Raym.^{do}, Francisco Raymundo. Do Triunfo o Sabino, o Boticario

(1) Manoel Carvalho de Aragão e Silva, *Carvalhinho*, uma das espadas mais brilhantes da revolução e heroico protagonista de feitos de bravura, como o combate da Estancia da Caleira e outros. Era filho do Capitão Luiz Carvalho da Silva, um dos soldados mais experimentados das guerras cisplatinas.

Joaq.^m e o Juiz Municipal Jozé Alexandre. De Missoens o Collector Faustino de Carvalho, o Cap.^t Venancio de Azambuja, e o Ten.^o Coronel Domingos. De S.^{to} Antonio o Cap.^t Pedro Paulo, o Alferes Feijó, Cap.^t Maxado, Ten.^o Leite, Felizardo e Fernandes, o Alferes Batalha, e o Cap.^t Sebastião de Azambuja. Lembro a V. Exa. que *quando não seja possível verificar a remessa destes ultimos individuos, pode dar-lhes o mesmo destino dos primeiros.*

Da fiel execução deste plano resultará a felicidade deste Paiz, o restabelecimento da ordem o triunfo da Ley, e o aniquilamento dos perturbadores do socego publico. Parece pois que V. Exa. o deve adoptar com preferencia o outro q.^o quer. Recomendando-lhe muito encarecidamente que depois de tirar a limpo todos os nomes dos individuos mencionados, queira logo rasgar este, pois assim o pede a nossa propria Conservação, e a segurança da causa publica.

D.^a Guarde a V. Exa. p.^r muitos annos como necessita a Cauza da Ley.

Illmo. e Exmo. Sr. Bento Manoel Ribeiro Comm.^{do} das Armas da Provincia.

J.^e de Araujo Ribeiro.

"Illmo. e Exmo. Sr. — Pelo officio que junto remetto a V. Exa. do Exmo. Comm.^{do} inter.^o das Armas ficará V. Exa. inteirado do quanto tem occorrido naquelle ponto.

A mais revoltante e barbara traição é reconhecida pelo officio interceptado pelo m.^{mo} Exmo Comm.^{do} das Armas dirigido p.^r Jozé de Araujo Ribeiro a Bento Manoel, este Néro de nossos dias decreta a sangue frio a morte de mais de setenta distinctos Cidadãos p.^a saciar a sede de sangue que devóra semelhante monstro e seus aseclas. Eu ouzo propor a V. Exa. que em vista de tão traidor procedim.^{to} m.^{to} e m.^{to} precisamos para completo de nosso socego fazer capturar o Pai, Mai, e toda a familia de Araujo bem como de m.^{tos} outros que se conheção serem cúmplices em seus nefandos planos: talvez a V. Exa. pareça exagerada tal proposição toda via não a hé atenta a nossa situação que m.^{to} convem aos bons patriotas dezinvolverem toda a energia, para o

que V. Exa. pode contar com a minha franca cooperação. Rogo a V. Exa. dispence minha ousadia pois intendi devia lembrar a V. Exa. o tenha della privado.

Deos Guarde a V. Exa. Quartel do Com.^{do} da Legião da V.^a do Triunfo, 6 de Março de 1836. Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Americo Cabral De Mello. Vice Presidente da Provincia.

José Manoel de Leão

Coronel da Legião do Município do Triunfo."

Illmo. e Exmo. Snr. — Accuzo a recepção do Officio que V. Exa. me endereçou em 7 do corrente em resposta ao meu do dia antecedente o que acompanhava o officio interceptado de Jozé de Araujo Ribeiro e Bento Manoel, e bem inteirado das razoes que a respeito V. Exa. expende, cumpre expor francamente quaes meus sentimentos a respeito; quando appareceu nesta aquelle officio, havião assignaturas do mesmo Araujo em Officios por elle anteriormente dirigidos que em tudo conferião com aquella, porisso, e pela tenacidade com que pertende sustentar seu louco capricho, inda precipitandonos nos horrores de huma guerra intestina, eu não vejo naquella tiranica pessa, mais que o emblema de sua conducta, assás comprovada pela crize em que nos achamos por cauza delle; por isso q̃ não exito hum momento em crer ser obra sua; quanto á razão da divergencia das letras e tintas, he talvez huma evaziva por elle praticada para que em todo tempo pudesse pretextar a falcidade de semelhante documento para evitar ajusta vendicta da Ley; pois quando qualquer pessoa com sinistra intenção o praticace he fora de duvida quenão o faria com semelhante vicio: firme nestes principios he que propuz a V. Exa. a captura da familia do mesmo Araujo não reputando em tal acção indignidade ao partido liberal por ser em reprezalia as acçoens por elle praticadas, e por intender ser omelhor garante para os patriotas por taes malvados capturados. Rogo a V. Exa. que queira dispençar minha linguagem, pois expendo com franqueza os sentimentos de minha alma, e praza ao Céu não tenhamos hum dia de arrependder-nos da generosa conducta que temos tido com nossos inimigos.

Cumpre-me significar a V. Exa. que me não pouparei a sacrificios a prol de suceso e tranquillidade da Provincia.

D.^a G.^a a V. Exa. p.^a m.^a annos. Quartel do Commdo. da Legião, 8 de Março de 1836. Illmo. e Exmo. Sr. Dr. Americo Cabral de Mello. Vice Presidente da Provincia.

José Manoel de Leão

Coronel da Legião do Município do Triunfo."

Pag. 323 — MAJOR ANNIBAL — É Annibal Antunes Maciel, procedente do tronco Antunes Maciel, estudado em *Public.* XXIX-421. Referimo-nos ali a Bernardo Antunes Maciel, casado com Maria Francisca Duro, filha de Antonio Lopes Duro, que deu nome á Eneruzilhada, onde teve campos (*Encruzilhada do Duro*) e de sua mulher Gertrudes de Almeida. Companheiro de Rafael Pinto Bandeira, nas guerras contra os espanhões, pratico das Commissões de Demarcações de limites, foi Bernardo Antunes, que attingiu ao posto de capitão, homem de destaque na defesa do Continente. Teve o casal de Bernardo Antunes nove filhos que descobrimos: a) Joaquina Maria Antunes, casada com José Paulo de Almeida e, em segundas nupcias, com Francisco Vaz Portella; b) Felisberto Antunes Maciel, casado com Escolastica Maria do Pilar; c) Polycarpo Antunes Maciel, casado com Izabel Maria de Jesus; d) Maria Joaquina Antunes, casada com Domingos Miguel da Cunha; e) Anna Joaquina Antunes, casada com Manuel de Oliveira Bueno; f) Flora Gertrudes de Almeida, casada com o capitão Manuel Xavier de Paiva Magalhães, depois coronel, bisneto de João de Magalhães, o Povoador; g) Vasco Antunes Maciel, coronel, um dos grandes vultos do heroismo gaúcho, defensor da Colonia do Sacramento, casado em Montevidéo, com Sebastiana Sallão del Médo; h) Antonio Antunes Maciel, casado com Maria do Nascimento e i) Francisco Antunes Maciel.

Foi este ultimo casado com Maria Vicencia Antunes e teve os filhos: a) Elyseu Antunes Maciel que foi pae do conselheiro Francisco Antunes Maciel e avô, por este, do dr. Francisco Antunes Maciel Junior, ex-ministro da Justiça, a quem deve o Rio Grande do Sul a determinação para estas *Publicações* referentes ao periodo farroupilha; b) Maria Francisca, que casou com Matheus Gomes Vianna, varias vezes referido nestes documentos, e pae de Francisco Antunes Gomes da Costa, barão do Arroio Grande; c) Annibal

Antunes Maciel, a que se refere a nota, casado com Felisbina Antunes Maciel, e valente chefe legalista, pae do barão dos Tres Serros e da baroneza do Arroio Grande.

Pag. 331 — GABRIEL DE ARAUJO E SILVA. Foi brigadeiro graduado do Exercito e casou-se, em Porto Alegre, com Josefa Leopoldina, filha de Antonio José da Silva Guimarães, e de Maurica de Oliveira Pinto Bandeira, filha do capitão Felisberto Pinto Bandeira, já citado.

Foi pae do conselheiro dr. Domingos de Araujo e Silva, engenheiro, vice-director da Escola Polythecnica, do Rio, e autor do primeiro *Diccionario Historico e Geographico da Provincia de São Pedro*, publicado em 1865. Falleceu Araujo e Silva, no Rio de Janeiro, em 21-I-902.

Pag. 342 — GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA. Em 1817 assumiu, em Montevidéo, o cargo de secretario do Governo da Cisplatina, quando ali entraram as tropas portuguezas e, naquelle emprego, se conservou até que foi evacuada essa provincia. Em 1828 veio para o Rio de Janeiro, e foi mandado servir como secretario da presidencia do Pará, onde pouco se demorou, sendo removido para o mesmo cargo, no Rio Grande do Sul. Serviu, ali, até que, com a revolução, teve de seguir para a Côrte, voltando, novamente, a reassumir o seu cargo, em Porto Alegre. Era Germano Francisco de Oliveira casado com Maria Angelica de Oliveira, de Porto Alegre e, em 1829, tinha uma filha: Sofia Maria de Oliveira.

Pag. 348 — FUGA DE BENTO GONÇALVES, DO FORTE DO MAR. Não se havia publicado ainda documento official algum sobre a fuga de Bento Gonçalves, do Forte do Mar, na Bahia. Sómente varios depoimentos, nem sempre exactos, de pessoas contemporaneas do facto. Encontrámos, sobre o assumpto a preciosa correspondencia official que inserimos a seguir, existente no *Archivo Nacional* e com esta terão os historiadores elementos valiosos para fazer luz sobre o acontecimento.

Outro facto interessante é a participação de Bento Gonçalves no preparo da revolução bahiana que se denominou *Sabinada*. Na colleção *Movimentos Politicos*, citada, existente no *Archivo Nacional* encontram-se varios officios trocados entre o Chefe de Policia da Bahia e o ministro da Justiça, no Rio de Janeiro. Aquella autoridade, em officio de 2-XI-1837, dirigido a esse ministro, diz que correm boatos de revolução. "que existia um plano de revolta, até mesmo

de separação da Província, e que tal plano era formado por muitos individuos cujos nomes me foram revelados, e talvez deixado por Bento Gonçalves, manejado hoje por quem lhe deu a fuga." Os proceres bahianos da *Sabinada*, que conseguiram fugir apresentaram-se, no Rio Grande do Sul e serviram ás ordens dos farrapos. Entre estes está Manoel Gomes Pereira, que contratou inglezes, em Montevideo, para a guerra de corso, na Bahia e, mais tarde, foi coronel ajudante de ordens de Bento Gonçalves, traíndo, no emtanto, depois a seus companheiros, contra os quaes, em Montevideo, junto ao encarregado de negocios do Brasil, formulou terrível libello. A revolução recebeu um grande contingente de bahianos, como de elementos pernambucanos, vindos, para o exercito da Cisplatina, depois da revolução de 1824. E' a seguinte a correspondencia official sobre o assumpto:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Logo, que aqui chegou o prezo Bento Gonçalves da Silva, mandei-o recolher á prizão mais segura desta Cidade, qual a Fortaleza do Mar., responsabilizando por elle o respectivo Coñd.^o como sevê da Cópia N.^o 1; e expedindo a Ordem da copia n.^o 2, para hir hum official de Patente coñmandar o Destacam.^{to} estacionado naquella Fortaleza, além d'outras recomendações verbaes, que fiz no dia seguinte ao dito Coñd.^o da m.^{ma} Fortaleza, fazendo-lhe então ver, que tinha mandado fundear na proximidade della a Barca de Guerra n. 1, para lhe prestar qualquer auxilio, que se fizesse necessario, pelo que se deveria entender com o Coñd.^o da dita Barca; e tendo recebido na noite do dia 2 deste mez húa carta anonima coñunicando-me que tentava fugir aquelle prezo, ordenei nessa mesma noite, que rondassem a mencionada Fortaleza os Escaleres do Brigue Barca = 29 de Agosto =, que depois rendeu aquella Barca, áfim de vedar que se podesse realisar a denuncia de fuga, segundo o mostra as copias n.^{as} 3 e 4, e no dia seguinte mandando chamar o coñd.^o da Fortaleza, lhe fiz ver aquella carta, recomendando-lhe de novo toda cautéla, e vigilancia, e recordando-lhe a sua responsabilidad.^e, e que se prevenisse de q.^lq.^z illusão, que lhe podesse ser tramada: e p.^z que me dicesse o m.^{mo} Coñd.^o ter alguma suspeita de hum sargento, e hum soldado dos que compunhão o Destacam.^{to} da Fortaleza, immediatam.^{te} os mandei substituir por outras iguaes praças, e continuar em todas as noites as rondas já ditas dos Escaleres. Em resultado de tantas recomendações minhas, recebi antes de hontem daq.^l Coñd.^o da Fortaleza o officio da Cópia n.^o 5; e quando contava com o bôa guarda do prezo, aconteece, que

hontem pelas 10 horas da manhã se evadissee elle pela maneira, que se deixa colher das partes tambem juntas por copia n.ºs 6, e7, occorrendo a circumstancia mencionada no meo officio da copia n.º 8, dirigido ao Comd.º das Armas para a prizão, e julgam.º tanto do dito Comd.º da Fortaleza, como do Destacam.º

Imeditam.º que foi percebido este acontecim.º, nem eu, nem o Intend.º da Marinha poupamos huma só deligencia., que podesse ser empregada, fasendo partir em seguim.º da canôa, que conduzia o prezo, quantos Escaleres se poderão expedir do Arsenal, bem como de bordo do Brigue Barca, logo que o respectivo Comd.º pode perceber a referida fuga, e assim tambem foi expedido em seguimento do prezo hum Official acompanhado da ordem n.º 9, e outro da mesma forma acompanhado do de n.º 10 e d'algumas praças, além da circular p.º copia n.º 11, que nessa occasião dirigi ás Authoridades Policiaes mais proximas, com especialidade ás do litoral, não se tendo até o presente conseguido a captura do referido prezo, constando apenas, que elle saltara no lugar denominado = Ponta do Manguinho =, onde foi achada a Canôa em que se evadira, pela gente de hum dos Escaleres, que o conduzio para esta Cidade, aonde se acha, ficando ainda lá os outros Escaleres, praças, e Officiaes, pelos quaes, logo que receber as ultimas noticias, resultado das deligencias ordenadas, as comunicarei a V. Ex.a pois que continuo a dar outras providencias.

D.º G.º a V. S.º Pal.º do Governo da Bahia 11 de Setembro de 1837./.

Ill.º e Ex.º Sr. Francisco Gê Acayaba de Montezuma.

Francisco de Souza Paraizo.

Copia

L.º

O Presidente da Provincia ordena ao Senhor Comandante do Forte do Mar, que receba do Comandante do Brigue de Guerra Nacional = Constancia = ora vindo do Rio de Janeiro, áfim de conservar em prisão no mesmo Forte debaixo de sua maior responsabilidade o preso Bento Gonçalves da Silva, q̃ se axa a bordo do mesmo Brigue, certo de que ao respectivo Comandante se expede nesta data a conveniente ordem para a entrega do referido preso, que deverá ser guardado com toda a segurança, conforme hé recômmendado pelo competente Ministerio, para o que requisitará, se for

necessario, as Praças com que deva ser augmentada a guarnição do mencionado Forte. Palacio do Governo da Bahia, 26 de Agosto de 1837. Francisco de Souza Paraizo./.

Está confr.º

No impedim.^{to} do Secretr.º o Off.^{al} Maior

Manoel da S.ª Baraúna.

Cópia

N 2

Ill.^{mo} S.^{or} = A bem do serviço publico, convem que V.S. dê as ordens para que a Guarnição do Forte do Mar em vez de ser cõmandada por um Official Inferior, como está, o seja por um de Patente, que para isso escolher. D.^a G.^a a V. S. Palacio do Governo da Bahia, 28 de Agosto de 1837., Francisco de Souza Paraizo., Senhor Tenente Coronel Cõmandante das Armas desta Prov.^a./.

Está confr.º

No impedim.^{to} do Secretr.º o Off.^{al} Maior

Manoel da S.ª Baraúna.

Cópia

N.º 5.º

Ill.^{mo} e Ex.^{ma} Sñr. = Como disse-me V. Ex.^a, que reparava achar-se algumas vezes quantidade de Saveiros atracados nesta Fortalesa, e como hontem pela tarde viessem ainda mais, por isso, q̃ a V. Ex.^a vou dar a razão de assim acontecer, o que não foi mais senão Negociantes ou Caixeiros que vierão visitar uns Guardas Nacionaes do 3.^o B.^m, que aqui se achão presos. Torno ainda a reedificar a V. Ex.^a a minha vigilancia nesses, e outros casos. Deos Guarde a V. Ex.^a Fortaleza do Mar 9 de Setembro de 1837. Ill.^{mo} e Ex.^{ma} Sñr. Presidente da Prov.^a Manoel Vieira Machado, Capitão Cõmandante./.

Está confr.º

No impedim.^{to} do Secretr.º o Off.^{al} Maior

Manoel da S.ª Baraúna.

Cópia

N.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor = Tendo precizão de fallar ao Comandante das Armas relativo a Serviço desta Fortaleza, a isso me encaminharei a terra, e o depois regressando para esta Fortaleza tive por noticia na Ribeira que Bento Gonçalves da Silva tinha-se evadido: chegando indaguei o como, e soube, que o Comandante do destacamento tendo dado licença, para o dito Gonçalves, banhar-se ao Mar, elle nesse intervallo passou-se a hũa Canôa, e assim fugio. Tenho sabido mais, que houve compra, e ha suspeitas no Comandante do destacamento: Este Official fica prezo a Ordem de Vossa Excellencia, e igualmente o Soldado da Sentinella. Deos Guarde a Vossa Excellencia Fortaleza do Mar dez de Setembro de mil oito centos trinta e sete. Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Presidente = Manoel Vieira Machado — Capitão Comandante.

Está confr.º

No impedim.^{to} do Secretr.º o Off.^{al} Maior

Manoel da S.ª Baraúna.

Cópia

N.º 7

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor = Partecipo a Vossa Excellencia que tendo licença do Comandante da Fortaleza do Mar para se lavar no Mar junto a rampa da mesma Fortaleza o Coronel Bento Gonçalves e como estivesse em terra o mesmo Comandante da Fortaleza e o dito Coronel fallou-me na licença do dito banho e eu deixei que elle se lavasse segundo a licença que tinha foi nesta occasião que pode evadir-se ajudado pelas agoas do Mar e he o que tenho a participar a V. Excellencia. Deos Guarde a Vossa Excellencia Fortaleza do Mar dez de Setembro de mil oito centos trinta e sete = Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Presidente desta Provincia Francisco de Souza Paraizo=Domingos de Gusmão Vianna = Alferes Commandante do Destacamento.

Está confr.º

No impedim.^{to} do Secretr.º o Off.^{al} Maior

Manoel da S.ª Baraúna.

Cópia

N.º 8

III.^{mo} S.^{or} = Tendo se evadido da prizão do Forte do Mar, aonde se achava com as maiores recomendações por mim feitas ao Comand.^o do m.^{mo} o prezo Bento Gonçalves da Silva, q̃ da Côte tinha sido mandado p.^a ser conservado em uma das prisões mais seguras desta Cidade, verificando-se a mencionada fuga as dez horas de hoje, e com o maior escandalo; por isso q̃ observando-se do Arsenal da Marinha saltar um homem da rampa da Fortaleza, q̃ tomou immediatam.^e uma Canoa q̃ nessa ocazião passava, e com elle logo seguiu; dando assim a entender, q̃ tudo é plano d'antemão combinado: pois só depois q̃ se hia já aproximando a dita Fortaleza os primeiros escaleres mandados d'aq.^{te} Arsenal, com direção ao m.^{mo} Forte, foi q̃ derão a perceber que occorria algũa novid.^e nelle, e fallarão então com a bosina p.^a o Brigue Barca = Vinte e nove d'Agosto =, a q̃ este Governo, com sciencia do Comand.^o da m.^{ma} Fortaleza, havia recomendado todo o auxilio a esta, fazendo ate rondala todas as noites por escaleres do m.^{mo} Brigue; e acrescendo q̃ até agora, uma hora da tarde, não ter vindo ainda parte algũa de sim.^e successo, o q̃ teria dado causa a não se haverem empregado todas as providencias, q̃ se tem podido por em pratica, a não ter havido do mencionado Arsenal parte verbal do q̃ d'ali se observara: cumpre, que V. S. mande immediatam.^e prender em prisões seguras aos Comandantes, tanto do Forte, como do Destacam.^{to}, e assim tambem as sentinellas, q̃ n'aquella hora estarião postadas na dita Fortaleza, e igualm.^e quaes quer outras praças da guarnição da m.^{ma}, a respeito das q.^{to} possão haver fundadas suspeitas de criminalid.^e — He escusado dizer-lhe q̃ deve mandar proceder a Conselho de investigação sobre este cazo p.^a se conhecer todos os q̃ nelle tiverão parte, e serem competentem.^e julgados.

Neste momento é q̃ acabo de receber as partes juntas p.^r copias dos referidos Cõmandantes, as quaes deverão ser encorporadas ao processo a respeito — D.^a G.^a a V. S. Palacio do Governo da Bahia 10 de Setembro de 1837 — Francisco de Souza Paraizo — S.^r Ten.^o Cor.^{al} Comand.^o das Armas da Provincia.

Está confr.^e

No impedim.^{to} do Secretr.^o o Off.^{al} Maior

Manoel da S.^a Baraúna.

Copia.

6

O Sen.^{or} Tenente Cipriano da Rocha Lima, tomando no Arsenal da Marinha a força de seis, ou oito homens, que já lá se acha, e embarcando-se em hum Lanxão, que tenho mandado aprontar, parta quanto antes para o lugar da Barra falsa, e ahí faça todas as indagações, e empregue quantos meios sua actividade, e zelo lhe surgerirem, registando todas, e quasquer embarcação, para q̃ passa evitar, que o prezo Bento Gonçalves da Silva, que acaba de fugir do Forte do Mar, onde se achava, consiga embarcar por ali em algum Navio do alto mar; para o que fará, da parte deste Governo requisição ás authoridades locaes, dos auxilios, de que houver de precisar, afim de verificar-se a captura do ditto prezo. Palacio do Governo da Bahia 10 de Setembro de 1837., Francisco de Souza Paraizo.

Está confr.^a

No impedim.^{to} do Secretr.^o o Off.^{al} Maior

Manoel da S.^a Baraúna.

Copia

N.º 10

O Señr. Capitão Joaquim Pedro Berlinck irá logo ao Arsenal da Marinha e embarcando no escaler que ahí está prompto seguirá primeiro a Villa de Itaparica, e segundo as informações, que ali poder colher seguirá para a Estiva, Jaguaripe, e out.^{ro} qualquer lugar onde convenha, ao fim de que hindo em seguimento do preso Bento Gonçalves da S.^a, procure por todos os meios conseguir a sua captura, obrando em tudo conforme lhe sugerir sua actividade, e zelo pelo serviço publico, segundo as instruções verbaes q̃ acabo de dar ao Intendente da Marinha para lhe comunicar, e poderá aprésentar este a quaesquer Authoridades locaes para lhe serem prestados todos os auxilios de que precisar. E se porventura encontrar o Tenente Rocha Lima lhe recomendará que sem demora siga para o destino que lhe foi marcado. Palacio do Governo da Bahia 10 de Setembro de 1837 = Francisco de Souza Paraizo.

Está confr.^a

No impedim.^{to} do Secretr.^o o Off.^{al} Maior

Manoel da S.^a Baraúna.



AMARAL FERRADOR

Cópia

N.º 11

Acabando agora mesmo de evadir-se da Fortaleza do Mar onde se achava prezo Bento Gonçalves da Silva um dos Chefes da Revolta do Rio Grande do Sul, q̃ para aquí fôra remetido pelo Governo Imperial, com as mais estreitas recomendações, ordeno a Vm.^{ma} q̃ empregue todas as diligencias possiveis para a prizão mencionado individuo, pondo em pratica quantos meios poder surgerir-lhe seo zelo e actividade = D.^a G.^a a Vm.^{ma} Palacio do Governo da Bahia 10 de Setembro de 1837. — Francisco de Souza Paraizo — S.^r D.^{or} Juiz de Direito da Comarca de Nasareth —

Do mesmo theor e data expedirão-se p.^a o Juiz de Direito Chefe de Policia da Com.^{ma} da Caxoeira, Juiz Municipal de Itaparica, Dito de S.^{to} Amaro, Dito de Maragogipe, e de Páo de S.^{to} Amaro do Catú

N. B. — No officio dirigido ao referido Juiz Municipal da Cid.^a de S.^{to} Amaro accresse — E por q̃ está auzente o Juiz de Direito cumpre q̃ Vm.^{ma} faça arespeito as convenientes participações as demais Authoridades policiaes da Com.^{ma} —

E no do Juiz Municipal da Villa de Maragogipe — E por q̃ alguns motivos tenho p.^a suspeitar q̃ o dito prezo p.^a ahí se dirija, he deste portador o Cap.^m Joaquim Pedro Berlinck acompanhado de uma força p.^a auxiliar quaes quer diligencias precisas.

Está confr.^o

No impedim.^{to} do Secretr.^o o Off.^{al} Maior

Manoel da S.^a Baraúna.

Cópia

4

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. = Ordenando V. Ex.^a em datta de hontem, que eu dê huma circunstanciada conta de todas as providencias, que tomei em virtude das ordens do Governo, afim de evitar a fuga do prezo Bento Gonsalves da Silva; outro sim as que se puzerão em pratica, quando hontem se evadio, passo á cumpri-lo. No dia 2 do corrente a noite, tendo sido chamado pelo Intendente da Marinha, e sendo por elle avisado das denuncias, que havião sobre a fuga do prezo Bento Gonsalves, me communicou a ordem, que V. Ex.^a déra, para de cummum accôrdo com elle se tomarem as providencias, afim de evitar a fuga do ditto prezo. Pela minha

parte nessa noite dei hum Official, e hum Guarda Marinha, para fazer a ronda, que foi feita com gente do Arcenal, continuando a ser feita todas as noites pela guarnição do Navio do meo Commando, desde o anoitecer até ao amanhecer, e cuja ronda era por mim visitada durante a noite, a diversas horas. Esta medida foi de tanta efficacia, que sendo as horas da noite mais proprias para effectuar-se a fuga, ella não teve lugar, senão de dia. Alem da providencia acima referida estavam effectivamente attentos para o Forte do Mar o Official do quarto, hum Cabo de Marinheiros com o Oculo, e as Sentinellas do Navio, e existia a Lancha armada e sempre prompta á largar. Logo q̃ o Forte do Mar fizesse signal ou chamasse. Porem todas estas providencias forão baldadas pela negligencia de quem governava, e existia no Forte, pois tendo-se, effectuado a fuga as dez horas do dia de hontem, e a vista das Sentinellas da Fortaleza, somente chamarão pelo socorro deste Navio, depois que a Canôa, em que o prezo fugia estava alem do ponta de Monserrate a meio Canal puxando a remos, e a vella para alcançar a Ilha da Itaparica, e isto sendo maré de enchente, e Vento E. e E. Logo que do Forte chamarão soccorro, larguei de bordo em hum Escaller levando comigo o Segundo Tenente Joaquim Salomé Ramos, e dirigindo-me para lá, encontrei perto delle hum Cadete e hum Soldado, ambos pertencentes ao destacamento do Forte, os quaes me disserão, que se tinha evadido o Coronel Bento Gonçalves em huma Canôa de pesca, que elles mostrarão já muito alem da ponta do Monserrate., para onde me dirigi logo a toda força de remos, fazendo-me acompanhar pela Lancha do meo Navio armada com hum Tenente, hum Guarda Marinha, hum Sargento, e hum Cabo, que tinham largado logo em meo seguim.^{to} Fui sempre em seguimento até a Ilha de Itaparica, no lugar denominado Manguinhos, onde o prezo atracou primeiro entranhando-se pelo mato, e deixando a Canôa na praia. Logo que saltei junto com o Patrão Mór, e a gente, que levava de Caçadores N.º 3, procurei por todos aquelles lugares proximos, e interroguei a todos que encontrei inutilmente, pois não pude obter noticia alguma do caminho, que tomou o prezo, e seos conductores. Tudo isto se fez sem que apparecesse o Juiz d'ali, hum Fulano Tópinambá, que appareceo d'ahi á huma hora, ao qual requisitei officiasse á todas as authoridades para se deligenciar a captura do prezo, do qual dei os signaes, o que elle fez officinando-lhes, e mandando as oito praças de Caçadores para os coadjuvar. Igualmente lhe requizitei, que passasse junto com o seo Escrivão á

fazer o Corpo de delicto sobre a apreensão da Canôa, que estava encalhada junto á huma Caza, onde havião algumas quinze mulheres, e todas dizião, que nada tinhão visto.. Deos Guarde a V. Ex.^a Bordo do Brigue Barca = 29 de Agosto = 11 de Setembro de 1837. Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Provincia. Rafael Mendes de Menezes e Valle, 1.^o Tenente, e Commandante.

Está confr.^a

No impedim.^{to} do Secretr.^o o Off.^{al} Maior

Manoel da S.^a Baraúna.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Señr. = Em execução a ordem de V. Ex.^a datada de hontem em que manda eu dê conta pela parte que me toca de todas as providencias q̃ desde a chegada do preso Bento Gonsalves da S.^a se tomaram em virtude das ordens do Governo para ser tido na melhor guarda assim como as que se pozeram em pratica q.^{da} elle hontem se evadio: cumpre dizer que logo que passou o mencionado preso de bordo do Brigue de Guerra Constancia para o Forte do mar me ordenou V. Ex.^a mandasse ancorar a Barca de Guerra n.^o 1 proxima do Forte do mar, e recomendasse ao Commandante, que durante a noite tivesse toda a vigilancia, e não consentisse se aproximasse de noite qualq.^r embarcação ao Forte, o q̃ foi sempre executado até q̃ entrando o Brigue de Guerra 29 de Agosto tive de ordem de V. Ex.^a e seu respectivo Comandante as mesmas instrucções, que o Com.^{de} da Barca n.^o 1 que se fez a vela para crusar, e desde o dia 2 do corrente em virtude da ordem de V. Ex.^a, até q̃ o preso fugisse se collocou uma ronda de Escaler effectiva durante a noite com um official vindo do Brigue Barca; no dia 10 as 10 horas do dia tive parte pelo meo Ajudante que um homem q̃ se estava lavando na praia do Forte do mar se tinha deitado a nado para uma canôa que passou junto ao forte e q̃ esta segura com força a velas e remos o q̃ fez desconfiar ser algum preso q̃ fugia ,apesar de não ver movimento algum na Fortalesa, nem signal de tal; e por isso fiz equipar immeditamente a canôa em que ando por ser a mais veloz do Arsenal ,levando dentro tres soldados e o Patrão mor a quem ordenei q̃ fosse ao Forte, e caso lhe dissessem q̃ se tinha evadido algum preso perseguisse a canôa em q̃ fugia o dito preso: logo q̃ vi q̃ depois q̃ o Patrão mor fallou a Fortalesa dali se principiou a fallar pela buzina para o Brigue

Barca, e q̃ o Patrão mor seguio p.^a diante fiz sahir outro escaler armado com quatro soldados dentro em seguim.^{to} do outro, e embarcando em um saveiro dirigi-me ao Br.^a B.^{ca} para fazer sahir os seos Escaleres em seguimento: então passando pela Fortalesa é q̃ soube, q̃ o preso q̃ se tinha evadido era Bento Gonsalves; quando cheguei a bordo do B.^a Barca já o Com.^{de} tinha largado em um Escaler e outro Official na lancha em seguimento da Canôa q̃ fugia, e nessa occasião a canôa levava uma dianteira de mais de duas milhas ao Escaler q̃ hia mais proximo q̃ era o em q̃ hia o Patrão mor: quando voltei ao Arsenal mandei em virtude da ordem de V. Ex.^a faser fundear a Sumaca q̃ sahia nessa occasião, e pouco dep.^a largou o lanxão do Arcenal armado com uma força levando um Guarda Marinha dentro, o Ten.^{te} Rocha dos Permanentes com 10 sold.^{es} p.^a crusar na Barra falsa, conforme as instrucções de V. Ex.^a, por se terem dirigido os Escaleres para entre a Ilha de Itaparica, e a terra firme, e as 10 horas da noite partio outro Escaler com o Capitão Berlinck e 10 soldados com as instrucções de V. Ex.^a, cumprindo-me mais dizer q̃ o facto da fuga as 10 horas do dia, p.^a dar licença quem estava incumbido da Guarda do preso, q̃ este se fosse lavar fora da Fortalesa contra as expressas recômmendações de V. Ex.^a a resp.^{to} da sua guarda, e não se dar pela sua fuga na Fortalesa, se não depois q̃ do Arsenal se deram providencias, e assim mesmo nem um tiro disparar, nem signal algum faser a Fortalesa prova q̃ não só se deo escapula ao preso, mais q̃ quiz dar tp.^a a q̃ elle se puzesse em posição de não correr risco de ser apanhado; e a vista de guardas, e Officiaes taes fallecem todos os cuidados, e providencias de quem governa, como no presente caso V. Ex.^a = Deos G.^a a V. Ex.^a Intendencia da Marinha da Bahia 11 de Setembro de 1837 = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Señr. Francisco de Sousa Paraíso Presidente da Provincia = Pedro Ferreira de Oliveira =

Está confr.^a

No impedim.^{to} do Secretr.^a o Off.^{al} Maior

Manoel da S.^a Baraúna.

Pag. 349 — O REGENTE FEIJÓ E OS REBELDES. Como se vê desta e de outras memorias e documentos, o padre Feijó, regente do Imperio, era accusado de prestar mão forte aos rebeldes, dando assim motivo a incrementar a revolução. Suas ideias

liberaes, depois manifestadas na revolução de São Paulo vieram confirmar, em parte, indícios e presunções. Existe no Archivo Nacional, *Memorias Historicas*, uma interessante carta de Ernesto Ferreira França, datada de Washington, 5-II-1839, em que diz ao ministro da Justiça que um diplomata francez, ali residente, lhe informara da existencia, no Brasil, da Sociedade *Crusada da Liberdade*, que tem por fim exclusivo instituir o regime republicano. Essa sociedade tinha por sede o Rio de Janeiro, sendo Feijó o seu principal mentor. Della faziam parte Manuel de Carvalho e Hollanda Cavalcanti, tendo filiaes em Pernambuco, São Paulo e Rio Grande do Sul. Tinha o character de sociedade secreta e se correspondia com suas congeneres existentes em Paris.

Pag. 355 — MEMORIA, de Ferreira Soares. O dr. Sebastião Ferreira Soares era natural de Piratini e dedicava-se, como official de fazenda, que foi, a estudos sobre organização desse departamento dos serviços publicos. Existem, sobre o assumpto, na Bibliotheca Nacional, varios trabalhos seus, como, "Projecto de reorganização do Thesouro Nacional", memoria offerecida ao conselheiro Gaspar da Silveira Martins, "Projecto de reorganização das thesourarias da Fazenda". "Reformas necessarias ao Thesouro Nacional e Thesourarias". Ao marquez de Paranaguá, apresentara, já em 1857, um memorial sobre o sistema de reorganização que preconizava, em seus trabalhos.

Não obstante ser um grande estudioso, suas *Breves Considerações*, que publicamos, não tem grande valor historico. Maior valor o da peça que contesta, do coronel Manuel Lucas de Oliveira, que se encontra em Araripe, *Guerra Civil*, II, 229. Entretanto aqui inserimos esse documento, afim de reunir, em um só volume, todos os elementos que possam servir á critica dos acontecimentos de 1835.

Pag. 355 — MANUEL LUCAS DE OLIVEIRA, coronel. Vem de velhos troncos açorianos, povoadores do Rio Grande do Sul. Manuel Lucas de Oliveira, o tronco, era natural da Angra, ilha Terceira, Açores, sendo filho legitimo de Gonçalo Lucas e Magdalena de Assumpção, daquella ilha. Foi casado com Izabel do Espirito Santo, natural da mesma ilha, e filha de Manuel Cardoso Beiram e Apolonia de Jesus. Teve esse casal, natural da povoação do Rio Grande um filho: — Manuel Lucas de Oliveira, nascido em 6-X-1761. Casou-se este Manuel Lucas, em 1785, com Eugenia

Rosa, filha do casal de Manuel da Rosa e Maria Pereira, que estiveram presos em Maldonado e, por morte desta mulher, contrahiu novas nupcias com Anna Maria de Vargas, natural do Fayal, filha de Antonio de Vargas e Maria Jacinta. São desse leito os filhos: José Lucas de Oliveira, nascido em Povo Novo, a 2-IV-1797 e Manuel Lucas de Oliveira, chefe revolucionario de alto prestigio, intelligencia e caracter, que foi o ultimo ministro da guerra da Republica Riograndense.

Pag. 362—PROCOPIO GOMES DE MELLO, capitão. Nasceu na villa do Rio Grande em 8-VI-1798, sendo filho do coronel Joaquim Gomes de Mello, que tomou parte nas guerras cisplatinas e de sua mulher Maria Luiza Lamas. Era, por aquelle neto paterno do ajudante João Gomes de Mello, e de sua mulher Maria Josefa da Conceição. Foi João Gomes de Mello cabo da expedição de Silva Paes e, mais tarde, um dos fundadores da fortaleza do Rio Pardo que construiu, quando da Demarcação de Gomes Freire. Estando em Santa Thereza, por ocasião da entrega dessa praça pelo coronel Thomaz Luiz Osorio, foi preso, remettido para Lisboa, tendo morrido em Castro Marinho, Portugal, em 1770. Por Maria Luiza Lamas, natural da Colonia do Sacramento, era o coronel Procopio Gomes de Mello, neto materno de Manuel Luiz Lamas, natural de Santa Maria de Assumpção de Lamas, e de Thereza de Jesus, natural da Colonia do Sacramento.

Pag. 417 — RETIRADA DE FERNANDES BRAGA. O presidente Fernandes Braga sahiu á barra no dia 24 de outubro de 1835, no brigue-escuna *Parobé*, chegando ao Rio de Janeiro a 29 do mesmo mez. Commandava essa embarcação o mestre Bernardino Ferreira da Veiga, e levava um carregamento de couros. Acompanharam Braga não só os membros de seu governo, como varios parentes e amigos, temerosos de represalias dos rebeldes. O *Parobé* conduzia além de Braga, os seguintes passageiros: Manoel Marques de Souza, depois Conde de Porto Alegre, Israel Soares de Paiva, José Vieira Braga, João Francisco Vieira Braga, depois conde de Piratini, Antonio José Affonso Guimarães, sogro do dr. Braga, Vicente Vieira Braga, João Rodrigues Chaves, José da Rosa Pereira, João Hypolito da Fonseca, Boaventura da Costa Torres, Henrique José Pereira, João Antonio da Silva Machado, Manoel Gonçalves da Silva Peixoto, José da Costa, e Cactano Salgado de Oliveira.

O patacho *Brilhante*, que chegou ao Rio no mesmo dia procedente do Rio Grande com cinco dias de viagem, e de que era mestre

José Bernardino de Araujo, com carga de couros, trazia os seguintes passageiros: Francisco Antonio Olinto de Carvalho, Germano Francisco de Oliveira, secretario do governo, José Joaquim de Freitas, José Semião de Oliveira, depois marechal, João Ignacio de Oliveira, Gustavo José Cavalcanti, Gustavo Cezar Vianna, Antonio Augusto Guimarães, Pedro Mendes Loureiro e Engracio José Dias.

A 20 de outubro, com sete dias de viagem, entrou á barra do Rio de Janeiro a barca de guerra *Pelotas*, vinda do Rio Grande, que alem do commandante José Maria da Rocha e 24 praças, trazia os passageiros: Manuel Maria Ricalde, advogado, Bernardo José Correa, José Pereira Martins, José de Freitas Guimarães, Francisco Vaz Portella, João da Cunha Silveira, Marciano Pereira Borges e João Baptista Ramos.

A 2 de novembro, com 9 dias de viagem a barca de guerra *Riograndense*, sob o commando do 2.º tenente Antonio Caetano Ferraz. Trazia como passageiros o visconde de Camamú e João Frederico Caldwell, depois tenente-general.

Na mesma data, entrou no Rio de Janeiro o brigue escuna *Bonito Porto*, de que era mestre Joaquim dos Martyres, trazendo couros, carnes e sebo e os passageiros: capitão Francisco Antonio da Silva Bittencourt, depois marechal, 1.º tenente Joaquim Victorino de Souza Cabral, Rodrigo de Souza da Silva Pontes, depois conselheiro, Nicolau Francisco Borges, port., Manoel Machado da Cunha, João Pinto Guedes Porto, port., Antonio de Farias Vianna, Luiz Antonio da Silva Guimarães, José Correa Valença, Antonio Fernandes Brandão, Gregorio José Fragoso.

A 4 desse mez, com 11 dias de viagem, chegou a escuna de guerra *19 de outubro* sob o commando de Luiz Alves dos Santos Marques, trazendo Emilio Gulart e Mello e familia.

Ainda no mesmo dia e com a mesma demora, entrou a escuna de guerra *Porto Alegre*, sob o commando de Antonio Joaquim Pinto. Trazia os emigrados João Moreira, Martinho Peixoto de Miranda, Francisco José de Andrade Pinto e Domingos José Ribeiro. (Archivo Nacional. *Entrada de passageiros* — Col. 414, vol. I).

Pag. 469 — GENERAL JOÃO ANTONIO DA SILVEIRA (NOTA DE RECTIFICAÇÃO). Depois de impressa a nota dessa pagina, que confirma os elementos genealogicos do vol. XXIX, pag. 337, destas *Publicações* em que vehiculámos informações antigas sobre a identidade do general João Antonio da Silveira, outras recebemos que, conjugadas com elementos de que dispomos, vêm restabelecer,

difinitivamente, a origem do grande legionario farroupilha. Tivemos, depois de rigoroso exame critico, a surpresa de constatar que o general João Antonio não se achava, ainda, entre os sete individuos de igual nome, constantes da nota referida.

Abalada já estava a nossa convicção de que o official relacionado á alinea f) fosse o verdadeiro João Antonio, quando nos foi dado o prazer de receber, por intermedio de prestante amigo, dados mais precisos, sobre a descendencia deste, que fallecera em São José do Norte, antes de 1861, conforme certidão de partilha de inventario procedido por sua morte. Entre os filhos deste João Antonio, um existia chamado Cezar—Cezar Augusto da Silveira que, como procurador de seu pae, em 1838, no Rio de Janeiro, onde residia desde 1830, apresentara ao governo imperial uma petição (B. N. — Verb. Biog. C. 845, 3 e C. 935.20) impetrando uma tença para o sargento-mor João Antonio da Silveira, que apesar de avançada idade e com seis filhos menores, (de segundo matrimonio) offerecera seus serviços á legalidade e ficara na miseria pelas depredações que os rebeldes haviam levado a effeito em suas propriedades. Bastava essa indicação para excluir a possibilidade de que esse fosse o autentico guerrilheiro que, nesse mesmo anno, se batia pelos ideaes da Republica.

Indicio provavel, que haviamos levado á conta de confusão, mas que se tornou precioso, foi a referencia feita, por varias testemunhas, a João Antonio da Silveira *Filho*, o que induzia a crer que fosse filho de outro de igual nome. Mas, o que mais pesou como valioso fio identificador foi a indicação feita por Assis Brasil "a Severino Antonio da Silveira," pelo qual soube Bento Manuel "que o valente guerrilheiro capitão João Antonio da Silveira, *"irmão do mesmo,"* etc. . . . (Rep. Riog. 109. Ed. 1882). E Varela: "João Antonio desapareceu demorando-se pela estancia *de seu irmão Severino.* . . . etc. (Pol. Bras. I. 67). Mais tarde ainda conhecendo a carta de João Antonio de 1.º-IX-1843 em que se refere ao seu "irmão Severino Antonio da Silveira", Identificado já estava Severino Antonio da Silveira que teve notavel destaque na Republica como soldado, como constituinte e como embaixador da paz. É o referido á pag. 467 deste volume, e filho do sargento-mór João Antonio da Silveira, da alinea e). Seria, pois, o general filho desse velho furriel da guerra das Missões, o que justificaria a designação das testemunhas do "Processo", acrescentando-lhe ao nome — *Filho* — e constataria, mais uma vez, a inefficacia da genealogia baseada em informações? Havia ainda, felizmente,

para nós, um recurso. E fomos rever notas extrahidas dos assentos de baptismos de varias localidades, ha tempos, pór nós, pacientemente colligidos. E foi esse o argumento decisivo de identificação. No Liv. 6.º de Baptisados de Rio Pardo, (1790-1800) estava o do nosso heroe: — "*João — nascido em 24 de maio de 1795, filho legitimo do furriel de dragões João Antonio da Silveira e de sua mulher Rosa Angela.*"

Tudo isso teve sua confirmação posterior. Com data de 13 de abril do corrente anno, prestativo informante, de Cacequy, dirigiu ao dr. Eduardo Duarte, secretario perpetuo do *Instituto Historico* do Rio Grande do Sul, uma carta com dados preciosos sobre João Antonio. Ha ,entre estes e os nossos unicamente desencontro de datas, que se approximam, no entanto. Diz, ali, ter João Antonio nascido no Rio Pardo em 13-IV-1797, quando o assento de baptismo dá para o nascimento a data de 24-V-1795 e fallecido no municipio de São Vicente (antigo São Gabriel) na *Fazenda do Loreto*, em 15 ou 28 de março de 1871, quando a indicação que temos dá o fallecimento em o municipio de São Gabriel, o que está certo, mas, em 28 de março de 1872.

Consoante o precioso informante, que presta relevantissimo serviço ás letras historicas do Rio Grande, e reside em Cacequy, mas que, por exagerada modestia, pede lhe não decline o nome, o general João Antonio da Silveira teve dois irmãos: Severino e Anna Antonia, a que acrescentaremos um terceiro, Candido, nascido em Rio Pardo, em 18-IX-1781. (Ass. bapt. do Rio Pardo). Diz que Severino falleceu solteiro, quando já vimos (*Public. XXXI — 467*) que foi casado com Felisberta Ferdinanda da Costa Prates, irmã de d. Feliciano, 1.º bispo do Rio Grande do Sul. Consta do Livro 9-de Bapt. do Rio Pardo um filho de Severino, do mesmo nome, nascido em 29-XII-1814.

Anna Antonia da Silveira, a segunda irmã de João Antonio, foi casada com Joaquim José Domingues, um dos doze companheiros de José Borges do Canto, na façanha legendaria da conquista dos Sete Povos, e filho de Euzebio Domingues da Silva e Josefa Maria Branca, nascido em Cachoeira. Teve o casal varios filhos, entre os quaes a Prudencia Amalia que foi casada com o dr. Augusto de Siqueira Pereira Leitão ,farroupilha insigne, fallecido em Porto Alegre, em 1870.

O general João Antonio foi casado duas vezes: a primeira com Maria Fausta Prates e a segunda com a irmã desta, por parte materna, Clara Prates, filhas legitimas ambas de Francisca Prates

e, respectivamente, do 1.º e 2.º maridos, Francisco de Almeida Prates e Francisco de Azambuja, xarqueador em São Jeronymo. Teve o general tres filhos do primeiro leito e nove do segundo. São do 1.º matrimonio:

a) João (Prates?) da Silveira, que casou com Josefina Domingues Prates, e de quem são filhos: Alvaro, Felipe e Maria Prates da Silveira, residentes, actualmente, em Cruz Alta, e Tancredo e Antonia Maria, já fallecidos;

b) Jugurta da Silveira, casado com Ignacia da Silveira, residentes em Santa Rosa, Uruguay, e de que são filhos, alem de outros de que se não tem noticia: Marfisa, Francisca, Hygina e Leonor;

c) Francisca da Silveira, casada com Antonio Machado Fagundes e que ainda tem vivas as filhas; Adelina, viuva, residente no Rosario e Adelia, tambem viuva, residente em São Vicente. E' d. Adelia Prates genitora do dr. Armando Victorino Prates, advogado e politico riograndense, de Ivo Prates e Olinto Victorino Prates, actual prefeito de São Vicente.

Do segundo matrimonio teve o general João Antonio da Silveira os seguintes filhos:

a) Marfisa da Silveira, solteira, residente em Cacequy, em companhia de sua irmã Rosa da Silveira, e filha mais velha, sobrevivente, do grande guerrilheiro farroupilha, pois, a 13 de abril do corrente anno, completou o seu octogessimo anniversario;

b) Rosa da Silveira, casada com Gil Domingues Prates, "forte e respeitado fazendeiro neste municipio de São Vicente", cujo "solar é um dos mais antigos deste municipio", diz o prestimoso informante. São filhos do casal: Haydée, Gilda, Violeta, e Alvaro, casados, João, solteiro, e Maria Clara, fallecida;

c) Felisberto Antonio da Silveira, casado com Etelvina Hubert, residentes no 3.º districto de São Vicente com os filhos: Plínio, João, Scyla, Cirino e Gil, vivos e Severino, fallecido;

d) Severino, e) Francisco, f) Luiz, g) Israel, h) Antonio, e i) Alvaro, ultimos filhos do general João Antonio da Silveira, todos fallecidos, em estado de solteiro.

O retrato publicado é o autentico do general João Antonio, pois, diz ainda o respeitavel informante, que a familia daquelle offerecera, por intermedio do dr. Alcides Maya, director do *Archivo Historico* do Rio Grande "uma dragona e uma fita ou faixa que era usada a tiracolo, alem da fotografia que suponho seja o cliché que apparece no *Correio do Povo*, (de Porto Alegre) pois possuimos outras identicas a esta".

INDICES

ÍNDICE DE NOMES

A

- ABEL Correa da Camara, alferes — 42.
- ABREU (V. José de Abreu, marechal).
- ACACIO Faria Correa — 481.
— Faria Correa, general — 481.
- ADÃO Canarin, colono — 27, 138.
— Rodrigues, cor. urug. — 208, 500.
- ADOLPHO de Alencastro Guimarães, dr. — 489.
- ADRIANO Nunes Ribeiro, dr. — 480.
- AFFONSO (V. Affonso José de Almeida Corte Real, cor.).
— José de Almeida Corte Real, cor. — 8, 192, 259, 299, 300,
301, 348, 498, 549.
— Sarrazin, francez — 47, 50, 52, 55, 67, 503.
- AGOSTINHO Antonio de Mello, cor. — 15, 43, 47, 49, 52, 55, 59, 67,
150, 152, 154, 225, 262, 556.
— Guterres, pov. do R. Grande — 539.
— Neves, pres. de Alagoas — 527.
— de Souza Loureiro, bacharel — 178, 214, 215.
- AGUEDA Maria — 530.
- AGUIRRE, cor. urug. — 328.
- ALBANO de Oliveira Bueno, cor. — 42, 46, 49, 55, 58, 120, 125, 131,
133, 135, 139, 143, 301, 304.
- ALBERTO José Centeno — 47, 50, 52, 55, 67, 477.
- ALBINO José Ferreira — 43, 59, 67.
- ALBUQUERQUE, familia... — 539.
- ALEXANDRE Bueno de Camargo Borba Tebireçá — 157, 160, 452.
— Cassiano do Nascimento, dr. — 481.
— da Costa Leite, juiz do Triunpho — 53, 112.
— Luiz de Queiroz e Vasconcellos — 194.
— Manuel da Cunha e Souza — 529.
— Petrina, dispenseiro — 495.

- ALFREDO Ferreira Rodrigues — 537, 542.
— Varela, dr. — 481, 503, 521, 538.
- ALMEIDA (V. Domingos José de Almeida).
- ALVARENGA, tenente (V. Manuel Joaquim de Alvarenga).
- ALVARO da Costa, d. gen. port. — 461.
- AMARAES, Família... — 288, 313, 504.
- AMARO Francisco Pedro — 40, 43, 56, 67.
— José Lisboa, com rebelde — 40, 45, 50, 67, 76.
- AMERICA Tavares — 477.
- AMERICO Cabral de Mello, dr. vice-pres. da Prov. — 29, 81, 335, 395, 355.
— (Joaquim da Cunha?) ten. morto pelos rebeldes — 49, 55, 58, 124, 128.
— José Ferreira Camboim — 420, 421.
- ANACLETO José de Mattos — 17, 49, 55, 59, 67, 204.
- ANDRADE, da Typographia (V. Vicente Ferreira de Andrade).
- ANDRÉ Lápido, cor. urug. — 511.
— da Silva Barreto — 488.
- ANDRÉA, gen. (V. Francisco José de Souza Soares de Andréa).
- ANES, colono — 31.
- ANGELICA de Azambuja — 60.
— Fontoura de Azambuja — 459.
— Freire de Jesus — 530.
— Rosa da Silveira — 467.
— Velloso da Fontoura — 459.
- ANGELO Cristino Fioravanti — 488.
- ANNA de Brito — 473.
— Candida Vieira — 471.
— Esmeria Centeno — 461.
— Francisca dos Santos — 488.
— Garcez — 459, 488.
— Joaquina Antunes — 559.
— Joaquina de Araujo — 501.
— Joaquina da Costa e Souza — 545.
— Joaquina Gomes — 530.
— Joaquina de Jesus — 488.
— Joaquina da Silva Chaves — 386.
— Joaquina de Oliveira — 502.
— Joaquina de Oliveira — 538.
— Maria de Jesus — 538.
— Maria de Vargas — 572.
— Martins — 481.
— de Toledo Ribas — 470.

- ANNIBAL Antudes Maciel, cor. — 323, 511, 559.
- ANTERO José Ferreira de Brito, brig. — 81 a 109, 125, 184, 261, 262, 267, 280, 283, 306, 319, 452, 460, 485, 520.
- ANTONIA Joaquina Affonso Braga — 386.
- Maria de Jesus — 467.
- Pires Maciel — 487.
- ANTONIO Adolpho da Fontoura Charão — 487.
- de Almeida Lemos — 77.
- Alvares Pereira Coruja — 126, 131, 136, 153, 157, 160, 161, 377 a 444, 452, 542.
- Alves Guimarães — 470.
- Angelo Cristino Fioravanti, dr. — 488.
- Antunes Maciel — 559.
- Augusto Borges de Medeiros, dr. — 530.
- Augusto Guimarães — 573.
- de Araujo Villela, pov. do R. G. — 459.
- d'Avila — 467.
- de Azambuja Cidade — 7, 60, 67, 389, 390, 458.
- de Azevedo Saldanha — 467.
- Bernardino dos Santos — 409, 444.
- Caetano Ferraz, 2.º ten. — 422, 573.
- Campos da Silva (V. Antonio Candido de Campos).
- Candido de Campos (rebelde) — 126, 133, 136, 153, 170 a 172, 184, 387, 404, 409, 417 a 444, 452.
- Candido da Silva, alf. — 142, 145.
- Carlos Pinto — 473.
- Casemiro Cirne (V. Casemiro José Vasconcellos Cirne).
- Chiana, marinheiro da *Farroupilha* — 495.
- Coelho de Souza, ten. 40.
- Correa de Oliveira — 143 a 145, 154.
- Costa — 138.
- da Costa Pavão — 480.
- da Costa Teixeira — 149, 151, 153.
- Elzeario de Miranda e Brito, brig. — 301, 302, 349.
- Felix Lobo, cap. — 544.
- Fernandes Brandão — 573.
- Fernandes Chaves, (rebelde) filho de Manuel Fernandes Chaves) — 60 a 62, 452.
- Francisco de Almeida — 51, 56, 64, 65.
- Francisco da Silva, cabo — 86, 103, 104.
- Garcia (com. reb.) — 40, 60, 67, 146.
- Gonçalves, cap. — 539.
- Gonçalves Borges, I — 530.
- Gonçalves Borges, II — 530, 536.
- Gonçalves Borges, III — 530.
- Gonçalves Pereira Duarte (vice-consul hamburguez) — 392.
- Gonçalves da Silva — 43, 46, 49, 55, 58, 67.
- Guterres (hespanhol) — 539.
- Isidoro da Costa Ramos — 419, 421, 439.

- ANTONIO Joaquim Pinto (com. nav.) — 573.
- Joaquim da Silva — 130, 134, 137, 146.
 - Joaquim da Silva, o *Menino Diabo* — 311, 312.
 - Joaquim de Souza, cap. — 556.
 - Joaquim de Souza Dornelles — 43, 47, 49, 52, 55, 67.
 - José Affonso Guimarães, cap. mór — 386, 572.
 - José Aires — 143 a 145, 153.
 - José de Alencastro — 478.
 - José Fernandes Lima — 552.
 - José Gonçalves Chaves — 395, 483.
 - José Lopes — 541.
 - José Machado — 60, 61, 479.
 - José Martins Bastos — 538.
 - José Ramos, cirurgião-mór — 403.
 - José da Silva, cap. do mato — 40, 43, 56, 67, 407.
 - José da Silva Guimarães — 560.
 - José da Silva Monteiro, o *Prosodia* — 39, 42, 232, 294.
 - Lopes — 541.
 - Lopes Duarte — 60 a 62.
 - Lopes Duro — 559.
 - Machado de Souza — 143 a 145, 183, 502.
 - Manuel do Amaral — 556.
 - Manuel Carneiro da Fontoura — 471.
 - Manuel Galvão (V. Manuel Antonio Galvão).
 - Manuel dos Santos — 545.
 - Maria Calvet — 164, 165, 389, 420, 421, 452.
 - Maria de Souza, cap. — 27, 123, 130, 134, 147, 280, 471.
 - Marques da Cunha — 40, 43, 49, 55, 67.
 - de Mattos Barbosa Coutinho, des. — 472.
 - de Medeiros Costa, cor. — 311, 321, 330.
 - Moraes e Silva, (bibliog.) *Diccionario Portuguez* — 452.
 - Paulo da Fontoura, vice-pres. da Rep. — 184, 191, 369.
 - Pedro de Alencastro, marechal — 478.
 - Pedro Carvalho Borges — 475, 476.
 - Peixoto do Prado, aj. de ord. — 126, 136, 153.
 - Pereira Fortes — 487.
 - Pereira Nunes — 47, 49, 55, 67.
 - Pimenta, ourives — 67.
 - Pinto de Araujo Correa, brig. — 552.
 - Pinto da Fontoura, brig. — 459, 528.
 - Pires da Silva Pontes Leme, cap. de frag. — 504.
 - Rafael dos Anjos — 386.
 - Rodrigues Fernandes Braga, pres. da Prov. — 6, 13, 132, 216, 217, 234, 237, 239, 281 a 290, 359, 377, 379, 382, 384 a 396, 389, 415, 476, 508, 535.
 - Rodrigues Pontes — 440.
 - Rosa — 121.
 - de Sá e Brito — 250, 267, 347, 538.
 - da Silva Lisboa — 86.
 - da Silveira e Avila — 467.

- ANTONIO Simões Pereira Junior — 52, 55, 64, 65.
— Simões Pires, juiz de paz — 223.
— de Souza Fernando, pov. do R. G. — 545.
— de Souza Neto, gen. da Rep. — 18, 21, 22, 40, 43, 46, 49, 53, 58, 66, 107, 114, 120, 124, 132, 154, 181, 235, 260, 261, 303, 331, 374, 411, 484, 508, 555.
— Tavares — 477.
— Texeira de Oliveira — 53, 56.
— de Vargas, tronco açoriano — 572.
— da Veiga, reb. — 43, 112.
— Vicente da Fontoura, mín. da Rep. — 487, 537, 556.
— Vicente Pereira Luz (V. Antonio Vicente de Siqueira Pereira Leitão).
— Vicente de Siqueira Pereira Leitão, juiz de direito — 123, 126, 154.
— Vieira da Soledade, conego — 528.
- ANTUNES Maciel, Família... — 559.
- A. P. (Vide Aurelio Porto).
- APOLINARIO José Gomes — 125, 133, 136, 153, 390.
— José Torres, alf. — 556.
- APOLONIA de Jesus — 571.
— de Oliveira — 545.
- ARAUJO Correa, Família... — 551.
— Franco, juiz — 315.
- ARIOSTO Pinto de Araujo Correa, dr. — 552.
- A. S. (Antenor Soares?) — 532.
- ASTROGILDO do Couto — 47, 52, 55, 59, 67.
- ATANAZIO José Lopes, cap. — 259.
— Lápido, d. urug. — 200, 202.
- AUGUSTO Cezar de Medeiros, dr. — 530.
— Cezar Muzzi — 50, 55, 59, 67, 477.
— Frederico Pacheco, marechal — 470.
- AURELIA Pereira Pinto — 477.
- AURELIANO de Souza e Oliveira, mín. do Imp. — 388.
- AURELIO Porto — 377, 449, 485.
- ALVEAR, gen. (V. Carlos de Alvear, d.).
- AZAMBUJA Cidade, Família... — 458.
- AZEVEDO Rangel, Família... — 471.
— e Souza — 287.

B

BALTHAZAR Barredo — 471.

BAPTISTA Elena, marinheiro da *Farroapilha* — 495.
— Pereira, Família... — 530.

BARÃO do Arroio Grande (V. Francisco Antunes Gomes da Costa).
— de Cayrú (V. Bento da Silva Lisboa).
— de Serro Largo (V. José de Abreu, marechal).
— de Jacuhy (V. Francisco Pedro de Abreu, gen.).
— de Quarahy (V. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves).
— do Rio Grande (V. José de Araujo Ribeiro).
— de Saycan (V. José Maria da Gama Lobo d'Eça).
— de Taquary (V. Manuel Jorge Rodrigues, gen.).
— dos Tres Serros (Annibal Antunes Maciel) — 560.
— de Uruguayana — 537.
— de Viamão (V. Hilario Pereira Fortes, cor.).

BARBACENA (gaúcho bandido) — 180, 507.

BARBARA Correa — 459.
— Ignacia de Oliveira — 538.

BARONESA do Arroio Grande — 560.

BASILIO Ferreira Bicca — 416.

BATALHA, alf. — 557.

BENEDITO Mathias de Azevedo — 473.

BENTO Correa da Camara, marechal — 81, 82, 317.
— Gonçalves da Silva — 6, 15, 43, 46, 58, 120, 154, 180, 182, 183, 185, 186, 189, 193, 198, 207, 210, 219, 227, 234, 238, 240, 248, 275, 281, 283, 286, 289, 290, 292, 294 a 296, 309, 312 a 314, 356, 358, 359, 371, 374, 412, 458, 474 a 476, 495, 498, 499, 501, 509, 515, 525, 528, 547, 549, 550, 551, 555, 561 a 570.
— José de Farias, tab. — 380 a 386, 388 a 392, 398 a 408, 412 a 417.
— Manuel Ribeiro, marechal — 16, 23, 29, 81, 82 a 109, 120, 125, 153, 178, 187, 192, 208, 234, 242, 243, 251, 256, 258 a 270, 281, 293, 298, 304, 306, 308, 309 a 314, 345, 362, 371, 476, 478, 481, 482, 516, 538, 548, 557.
— da Silva Lisboa — 211.

BERNABÉ Soares, cor. — 321.

BERNARDIM de Saint-Pierre — 370.

BERNARDINO Ferreira da Veiga — 572.
— José Flores — 502.

- BERNARDO Antunes Maciel — 559.
— Gomes Souto — 556.
— de Jesus Abreu, o *Barbudo* — 126, 131, 133, 136, 153.
— José Correa — 573.
— José Rodrigues Filho — 384.
— Pereira de Vasconcellos, min do Imp.—69, 155, 156.
— da Silva Machado — 43, 47, 49, 52, 55, 59, 67.
BIBIANO José Carneiro da Fontoura, cor. — 259.
BOAVENTURA da Costa Torres — 126, 148, 149, 150, 572.
BONIFACIO Izas Calderon, brig. — 260, 302, 304, 311, 327, 330, 354, 370, 481, 484.
BORGES Fortes, Familia... — 530.
BRAUM, cap. corsario americano — 500.
BROCHADO — 253.

C

- CABRAL Freire, cor. — 351.
CAETANA Hereulina Malheiros — 504.
CAETANO Salgado de Oliveira — 572.
CALDAS Caninana — 521.
— Xexeo, — 521.
CALENGO, chefe urug. — 203.
CAMARA (V. Manuel José da Camara).
CAMÕES — 177, 181, 366.
CANARIM — (V. Adão Canarim).
CANDIDA Fioravanti — 488.
CANDIDO José da Rosa — com. nav. — 40, 47, 59, 67.
— José de Souza — 390.
CANTO, Familia... geneal. — 529.
CARLOS de Alvear, gen. arg. — 505, 524.
— Frederico de Lecór, gen. — 524.
— José Ribeiro da Costa, cor. — 11, 312, 338, 345.
— K. Vise. — corsario — 498.
— Lombilheiro — 60, 61, 67, 138, 140, 154.
— Teschauer, padre — (bibliog.) *Dicionario Nacional* — 453.
CARLOTA Cambraia de Sá — 538.
— Tertuliana Nunes — 479.
CARNEIRO Leão, dep. — 535.

- CAROLINA Bandeira — 461.
— Delfina de Azevedo — 467.
CARONA (V. Vicente Ferreira Gomes).
CARVALHINHO — (V. Manuel Carvalho de Aragão e Silva).
CASIMIRA Faria do Nascimento — 481.
CASIMIRO José de Vasconcellos Cirne — 190, 194, 288, 292, 504, 547.
CASSANÇÃO de Sinimbú, vice-pres. de Alagoas — 527.
CATARINA de Araujo — 539.
— da Camara Canto — 530.
CELESTINO Aires Teixeira — 143, 144, 145, 153.
CELSE Schroeder — 528. n
CERVANTES — 181.
CEZAR Centeno — 477.
CHAGAS (V. Francisco das Chagas Santos, gen.)
— (Padre Chagas?) — 8.
CHARÃO, cap. (V. Manuel Adolfo Charão).
CHICHORRO, cap. (V. Joaquim Procopio Pinto Chichorro).
CHICO da Botica (V. Francisco Xavier Ferreira).
— Pedro (V. Francisco Pedro de Abreu)
CRISTIANO Deis — 29.
CRISTOVÃO Ferreira — 74.
CIPRIANO José Carneiro Barata — 440, 453.
— da Rocha Lima — 566.
CLARA Candida da Fontoura — 487.
— Cristina da Silva — 488.
— Guterres, — 539.
— Maria de Oliveira — 480.
CLAUDIANO Antonio de Vargas — 47, 112, 128, 140, 143, 153.
CLAUDINO da Cunha e Souza — 556.
CONDE da Barca — 551.
— de Piratini — (V. João Francisco Vieira Braga).
— de Porto Alegre (V. Manuel Marques de Souza).
— de Zambicari (V. Tito Livio Zambicari).
CONSTANTINO José Martins — 86, 103, 105, 106.
— José de Vargas — cap. — 32.
— Macuco — 136, 138, 140, 143, 146, 154.
— Moraes — 134.
CONTINENTINO — Familia. . . — 530.
CRESCENCIO (V. Domingos Crescencio de Carvalho, cor.).
CUNHA (V. Francisco Xavier da Cunha, brig.).

CUSTODIO (V. Custodio Gonçalves Lopes Ferrugem).

- Antonio da Silva Barreto — 488.
- Gonçalves Lopes Ferrugem — 19.
- José Machado — 502.
- da Silva Barreto — 121, 123.
- Vieira — 470.

D

DANIEL José, irmão de Francisco Rodrigues Xavier — 138, 140, 154.

DAVID Canabarro (David José Martins) — 40, 43, 46, 49, 66, 100,
102, 126, 258, 331, 353, 371, 374, 537.
— José Lisboa — 43, 67.

DELFINA Claudina dos Santos — 473.
— Maria de Jesus — 473.

DELFINO Henriques de Carvalho — 59, 112.
— Pinto — 473.

DEMETRIO José Machado (V. Demétrio José Ribeiro).
— José Ribeiro, cor. — 84, 97, 102, 105, 125, 259, 266, 331,
278 a 480.
— Nunes Ribeiro, dr. — 480.

DESIDERIO Antonio de Oliveira — 419, 420.

DIAGO Antonio Feijó, padre — 455, 546, 571.
— Arouche, ten.-cor. — 459.
— Faro e Cunha — 460.
— Ferrer da Costa Freire — 46, 49, 58, 125, 128, 403.
— Maximo de Souza — 466.
— Trilha — 480.
— Xavier da Cunha (Diogo Faro?) — 461.

DOMINGOS ten.-cor. — 557.
— Affonso — 539.
— de Araujo Lopes — 143, 144, 154, 539.
— de Araujo e Silva, cons. — 560.
— Correa de Oliveira — 143, 144, 154.
— Crescencio de Carvalho, cor. — 19, 24, 260, 312, 342,
411, 464, 555.
— Faustino Correa — 416.
— Gonçalves Chaves — 415.
— de Gusmão Vianna — 564.
— José de Almeida — 8, 14, 24, 230, 397, 472, 536.
— José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia)
— 171.
— José Ribeiro — 573.
— Martins Pereira e Souza — 43, 47, 50, 55, 67.
— Mathias de Azevedo — 467, 473.

DOMINGOS Mazaferro, italiano — 125, 134, 136, 143, 146, 154.

— Miguel da Cunha — 559.

— Pereira Lisboa — 531.

— Rodrigues da Rosa, cap. — 138, 143, 144, 154.

— Rodrigues Vieira — 470.

— Thomaz de Lima, cap. de Dragões — 553.

— Vieira, bibliog. (Diccionario Portuguez) — 452.

DOM Miguel de Bragança — 270.

— Pedro I — 271, 276, 288, 522.

— Pedro VI — 194.

— Pedro II — 485, 532.

DONA Angelica. Os filhos de... — 556.

— Leopoldina, imperatriz do Brasil — 488.

— Maria — 16.

— Rita de Mello, Estancia de... — (V. Rita de Mello de Azeredo Coutinho).

DUARTE da Silveira Gomes — 556.

DUQUE de Bragança — 289.

— de Caxias (V. Luiz Manuel de Lima e Silva).

— de Saldanha (V. João Carlos de Saldanha e Oliveira Daum).

E

EDUARDO Gomes Lisboa, cor. — 128, 131, 133, 135, 139, 143, 345, 540.

— Pereira de Campos, dr. — 471.

— Duarte, dr. — 575.

ELIAS de Alencastro — 478.

ELISEU Antunes Maciel — 559.

EMERENCIANA Joaquina da Silveira — 488.

EMILIO Fernandes de Souza Docca, cor. — 503.

— Goulart de Mello — 573.

ENEAS de Azambuja — 459.

ENGRACIO José Dias — 573.

ERNESTO Ferreira França, dr. — 571.

— Frederico de Werna e Bilstein — 470.

ESCOLASTICA Bonifacia Toledo Ribas — 470.

— Maria do Pilar — 559.

ESTEVÃO José Rodrigues, o Vacca — 40, 43, 77.

— José de Simas — 459.

— José de Simas (filho) — 459.

EUFRASIA dos Santos Soares — 478.

EUFRASIO José Carlos de Oliveira, rebelde — 126, 131, 136, 146, 153.

- EUGENIA Francisca de Souza — 530.
— Marcondes da Cruz Jobim — 481.
— Rosa Pereira — 571
— Rosa Pereira Fortes — 487.
EUGENIO Garzon, gen. urug. — 183, 197, 200.
EULELIO Antonio Moniz — 126.
EVARISTO da Veiga — 453.

F

- FABIANO, neto de Manuel Vaz — 138, 140, 141, 154.
FAGUNDES, alf. morto pelos rebeldes — 55.
— ten. com. de Permanentes — 208.
FARIAS Correa — 556.
— Fulano de tal... (V. Joaquim Farias Correa).
FAUSTINA Centeno — 477.
— Maria da Pureza — 461.
FAUSTINO de Carvalho — 557.
FEBRONIA Candida Ortiz — 539.
— Emerenciana de Almeida — 477.
FELJÓ alf. — 557.
FELICIANO José de Carvalho Prates, d. (1.º bispo de R. G.) — 467, 537.
— José de Magalhães, cap. — 488.
— José da Silva — 29, 144, 145, 153.
— Nunes Pires, pres. da Prov. — 25, 336.
— Pereira Fortes — 266.
FELIPE Carvalho da Silva, ten. — 468.
FELISBERTA Ferdinanda da Costa Prates — 467, 575.
FELISBERTO Alves Carneiro — 138, 140, 141, 154.
— Antonio da Silveira — 576.
— Antunes Maciel — 559.
— José de Almeida — 130, 132.
— José da Costa — 439.
— José Fagundes — 556.
— Machado Ouriques — 556.
— Pinto Bandeira — 461, 560.
— dos Santos Loureiro 541.
FELISBINA Antunes Maciel — 560.
FELIX José Bernardes — 84, 97, 100, 102.
— José de Mattos Pereira e Castro — 461.
— Xavier da Cunha, dr. — 461.
FELIZARDO, de Santo Antonio — 557.
FERMINO Maria Martins — 556.

- FERNÃO de Camargo, o *Tigre*, — 539.
- FERNANDO Antonio de Araujo — 113, 556.
— Osorio (senior) dr. — 502.
- FIDELIS Antonio de Vargas-reb. — 128, 136, 138, 140, 141, 143, 153.
- FIDENCIO José Ortiz da Silva, padre — 395, 539.
- FIESQUE, galanteador — 192.
- FIRMIANO Antunes da Porciuncula — 47, 49, 55, 67.
- FIRMINO Antonio — 40, 43, 67, 77.
— Maria de Vasconcellos — 386, 409.
— Telles de Menezes — 164, 165, 452.
- FLORA Gertrudes de Almeida — 559.
- FLORES da Cunha, Familia. . . — 502.
- FLORIANO Peixoto, marechal. — 481.
- FORTUNATA Rodrigues Faria — 480.
- FRANCISCA Antonia da Pureza — 480.
— Candida das Chagas — 545.
— Fausta da Fontoura — 487.
— Josefa da Maya — 553.
— Leonarda de Almeida — 459.
— Maria da Encarnação — 472.
— Pinto de Sá Souto Mayor — 551.
— Rosa Gomes — 530.
— Velloso da Fontoura — 459.
- FRANCISCO Alvares Machado, pres. da Prov. — 170.
— Alves de Macedo Pereira — 351.
— Antonio de Borba — 556.
— Antonio das Chagas — 143 a 145, 154.
— Antonio Olinto de Carvalho — 390, 423, 573.
— Antonio da Silva Bittencourt — 234, 573.
— Antonio da Silveira, *Chico da Azenha* — 467.
— Antonio da Silveira, *Chico Cachoeira* — 467.
— Antunes Gomes da Costa, barão do Arroio Grande — 559.
— Antunes Maciel, conselheiro — 542, 559.
— Antunes Maciel Junior, dr. — 559.
— de Arruda Camara, gen. — 539.
— de Azambuja Cidade — 459.
— Barreto Pereira Pinto, ten. — 327.
— Borges do Canto — 530.
— Borges do Canto, filho — 530.
— de Brito Peixoto, cap.-mór da Laguna — 473, 539.
— Cardoso major — 100.
— Carvalho da Silva, cap. — 468.
— das Chagas Santos, marechal — 25, 82, 90, 94, 309, 316, 317, 321, 369, 485, 528, 545.
— Coelho Barreto — 390.

- FRANCISCO da Costa Mattos — 467.
- Dutra — 40, 43, 67, 77.
 - Estacio Borges — 136, 140, 143 a 146, 154, 158, 162, 452.
 - Farias Correa — 480.
 - Felix da Fonseca Pereira Pinto, marechal — 223, 233.
 - Flores da Cunha, senador — 502.
 - Flores de Oliveira — 502.
 - Garcia da Silva, o *Bichinho* — 128, 134, 136, 140, 141, 146.
 - Gê Acayaba de Montezuma, min. do Imp. — 562.
 - Gomes de Souza — 556.
 - Gonçalves Lopes Ferrugem — 125, 128, 131, 133, 136, 153.
 - Guedes de Azevedo — 556.
 - Ignacio Marcondes Homem de Mello, cons. — 542.
 - Ignacio da Silveira, padre — 386, 442.
 - Ignacio de Souza — 440.
 - João Sarrazin, francez (V. João Sarrazin).
 - José de Andrade Pinto — 400 a 402, 573.
 - José Ferreira Tamoio — 440.
 - José Flores — 501.
 - José Moreira — 42, 123, 124, 127, 148.
 - José Pinto — 78.
 - José Pinto Braga, juiz de paz — 204.
 - José da Rosa — 384.
 - José da Silva, o *Chico de Pesqueiro* — 136, 144, 154.
 - José Soares de Andréa, gen. — 284.
 - Leandro de Toledo Rondon, dr. — 472.
 - Luiz da Costa Guimarães — 310.
 - da Luz — 40, 43, 56, 67, 77.
 - Machado Coelho, cap. — 477.
 - Mamente, cap. — 498.
 - Manuel da Costa e Souza e Tavora — 545.
 - Marques Lisboa — 321.
 - Martins de Avila e Chagas, padre — 397.
 - Mena, of. urug. — 208.
 - Modesto Franco — 385.
 - de Paula de Almeida e Albuquerque, min. de Imp. — 161, 163.
 - de Paula do Amaral Sarmento Menna — 322, 344, 556.
 - de Paula Freire — 441.
 - de Paula Monteverde — 469.
 - de Paula de Moraes Sarmento Menna — 113.
 - de Paula Siqueira, juiz de paz — 15.
 - Pedro de Abreu, barão de Jacuhy — 373, 502.
 - Pedro de Miranda e Castro, prof. — 531.
 - Pinto de Araujo Correa, brig. — 551.
 - Pinto de Araujo Correa — 552.
 - Pinto Bandeira, cap. — 42, 46, 49, 52, 58, 302.
 - Pinto Porto, neg no Rio Pardo — 531.
 - Pinto de Souza, cap. — 459.
 - Pinto de Souza, vereador em P. Alegre — 384.

- FRANCISCO Ramiro de Assis Coelho, min. do Imp. — 72.
— Raymundo — 556.
— Ribeiro — 47, 112.
— Ribeiro da Cunha — 53, 144, 154.
— Rodrigues Barbosa, major — 110, 112, 150, 154.
— Rodrigues Fernandes Vaqueiro — 480.
— Rodrigues Xavier, filho — 138, 140, 141, 154.
— de Sá e Brito — 538.
— de Sá e Brito Junior, dr. — 102, 178, 214, 332, 397, 472, 538.
— da Silveira Peixoto — 488.
— de Souza Paraizo, pres. da Bahia — 562 a 570.
— Valladão — 502.
— Vaz Portella — 559, 573.
— Vieira Braga — 413.
— Vieira de Castro — 421 a 424.
— Xavier de Almeida, o *Chico Xavi* — 467.
— Xavier do Amaral Sarmento Menna — 556.
— Xavier de Azambuja, cap. — 459, 461, 470, 478.
— Xavier da Cunha, brig. — 11, 40, 43, 50, 79, 294, 309, 317, 321, 460, 462.
— Xavier da Cunha, min. do Sup. Trib. — 461.
— Xavier Ferreira, o *Chico da Botica* — 190, 289, 308, 377, 528.
— Xavier Nunes da Cunha — 460.
FRANCKLIN Tavares — 477.
FREDERICO Augusto do Amaral Sarmento Menna — 113.
— Fabricio — 40, 43, 67.
— Mariath, cap.-mar e guerra — 464.
FREIRE de Andrada, Família... — 530.
FRUCTUOSO Rivera, d. gen. urug. — 88 a 90, 92, 180, 273, 275, 281, 326, 357, 475, 481 a 487, 509, 513, 518.

G

- GABRIEL de Araujo e Silva, cap. — 99, 100, 331, 482 520, 560.
— Gomes Lisboa, cor. — 125, 128, 131, 133, 135, 139, 143, 312, 323, 334, 337.
— Martins Bastos — 400.
GALLO, ajud. do Reg. — 204.
GASPAR Francisco Gonçalves, prof. — 531, 556.
— Francisco Menna Barreto, marechal — 27, 84, 87, 89, 92, 98, 101, 102, 232, 294, 298, 299, 318, 321, 485.
— Hilario, allemão — 29.
— Nunes de Miranda — 480.
— da Silveira Martins, cons. — 571.
GENEROSO Lopes Duarte — 60, 61, 67.

- GERMANO Francisco de Oliveira — 342, 380, 560, 573.
GERALDO de Farias Correa, dr. — 481.
GERTRUDES de Almeida — 559.
GIRÓ, urug — 274.
GODOFREDO Xavier da Cunha, min. do Sup. Trib. — 461.
GONÇALO José Muzzi, dr. — 477.
— Lucas — 571.
GONÇALVES Ledo — 522.
GRACIANO de Almeida Cidade — 459.
GREGORIO Funes, d. (hist. urug.) — 179, 180.
— José Fragoso — 573.
GUILHERME Lisboa, cor. — 351.
— Parker, almir. — 305, 308, 309, 342, 464, 553.
GUILHERMINA de Freitas Carmo — 20
GUSTAVO Cezar Vianna — 390, 423, 573.

H

- HELENA de Azambuja — 459.
— Eufrasia Maria — 541.
HENRIQUE Boiteux, alm. (bibliog.) *Os nossos almirantes* — 462, 554.
— José Pereira — 572.
— Marques Lisboa — 292.
— Sinclair, corsario — 498.
HERMAN de Salisch, allemão — 37, 47, 49, 52, 55, 67.
HILARIO (V. Hilario Gonçalves Lopes Ferrugem).
— alferes (V. Hilario Pereira Fortes).
— Gonçalves Lopes Ferrugem — 18.
— Pereira Fortes, alf. (barão de Viamão) — 98, 104, 330, 487.
HOLLANDA Cavalcanti, ministro do Imp. — 571.
HOMERO Baptista, dr. (bibliog.) — 541.
HORTENCIO Leite de Oliveira — 60, 61, 67.
HYPOLITO José de Santanna, reb. — 112.
— José de Simas — 459.
— José de Souza — 53.

I

- IGNACIO de Alencastro — 478.
— Antonio de Moraes — 16, 27, 30, 43, 59, 67, 79, 409.
— Borges da Silva — 539.
— Cabral — 217.

- IGNACIO Ferrão — 100, 112, 131, 140, 153.
— José de Abreu — 116, 254.
— José de Santanna — 29.
— Oribe, d. urug. — 217.
— Peixoto do Prado — 55, 59.
ILDEFONSO Basualdo, d. of. urug. — 515.
INNOCENCIA Francisca — 530.
— Laura Vieira de Azambuja (viscond.^a de Castro) — 470.
INNOCENCIO F. da Silva (bibliog.) *Dic. Bibliog.* — 503.
— Ferrão — 47, 53, 110, 112, 131, 134, 140, 153.
ISIDORO Antunes Pinto, ten. — 477.
— Pinto, reb. — 128, 134, 136, 140, 141, 146, 163.
ISRAEL Soares de Paiva — 483, 572.
IZABEL de Azevedo Rangel — 471.
— Custodia de Lima — 480.
— Delfina de Alencastro — 461, 478.
— Espirito Santo — 571.
— Francisca Jardim — 541.
— Maria — 502.
— Maria de Jesus — 559.
— Maria de Toledo — 471.
— da Rosa de Oliveira — 461, 478.
— da Silva — 459.

J

- J. A. A. de Carvalho — 542.
JACINTO Ignacio Godinho — 423, 424, 439.
— Pinto de Araujo Correa, cor. — 302, 307, 321, 343 364, 552.
— Ribeiro — 138.
JACOME da Silva Areas, pagador das Tropas — 427.
JANUARIO, padre (P. Januario Fagundes?) — 556.
— Fernandes Chaves — 60, 61, 62, 67.
— José Fernandes — 452.
JEREMIAS Antonio de Moraes — 126, 153.
JERONYMA Maria Fioravanti — 488.
JERONYMO Alves de Castilhos — 40, 47, 67.
— Antonio Diniz — 50, 55, 59, 67.
— Antonio Gonçalves — 126, 136, 140, 153.
— Baptista de Alencastro, cor. — 478.
— de Castro Guimarães, sarg.-mór — 478.
— Gomes Jardim, cor. — 33, 309, 344.
— Raymundo Delamare, alm. — 552.
— Ribeiro, juiz de paz — 125, 133, 134, 141, 144, 153.
— Vieira Nunes, alf. — 210, 517.

J. GIRARD, editor francez, (V. José Girard).

JOANNA Correa, lagunista — 459.

- Margarida de Lima — 552.
- Mathilde de Figueiredo — 545.
- Parker — 553.
- Pereira de Souza — 477.
- Rosa de Bittencourt — 459.
- Rosa Pereira Fortes — 530.
- do Sacramento — 539.
- da Silva Medeiros — 530.
- Victoria — 539.

JOÃO Alcides Bezerra Cavalcanti, dr. Dir. do Arch. Nac. — 447.

- de Almeida, cap. Col. do Sac. — 477.
- Alves da Cunha — 480.
- Alves Pereira Salgado — 125, 128, 136, 140, 153.
- Alves Teixeira — 138.
- Antonio das Chagas, o *Carvoeiro* — 144, 145, 153.
- Antonio Dutra — 138, 143, 145, 146, 154.
- Antonio Martins — 217, 515.
- Antonio Mendes Totta, major — 94.
- Antonio de Paiva — 52, 64, 65.
- Antonio da Silva Camara — 129.
- Antonio da Silva Machado — 572.
- Antonio da Silveira, alf. port. — 466.
- Antonio da Silveira, o *Barulho* — 126, 149, 151, 153, 164, a 166, 452.
- Antonio da Silveira, cirurgião — 466.
- Antonio da Silveira, filho do *Chico da Azenha* — 467.
- Antonio da Silveira, general da Republica — 46, 49, 58, 67, 100, 107, 311, 335, 345, 465, 469, 556, 573, a 576.
- Antonio da Silveira, neg. matriculado — 466.
- Antonio da Silveira, sar.-mór — 467.
- Antonio da Silveira, ten.-cor. — 469, 574.
- Antonio de Oliveira Bottas, alm. — 553.
- Antonio de Vargas — 143 a 145, 153.
- Antunes Tavares — 52, 54, 57, 477.
- de Azambuja Cidade — 153, 459.
- Azevedo e Souza — 6, 135, 138, 140, 473.
- Baptista, cap. de armas — 495.
- Baptista de Alencastro — 478.
- Baptista de Castro de Canto e Mello — 470.
- Baptista de Figueiredo Mascarenhas, dr. — 230.
- Baptista Gomes — 441.
- Baptista Meirelles, juiz de paz — 47, 53, 59, 67.
- Baptista de Queiroz — 453.
- Baptista Ramos — 573.
- Baptista da Silva Pereira — 384.
- Barbosa da Silva, ten. — 224.
- Botelho, tronco açoriano — 529.

- João Camillo, o *Camondongo* — 144, 146, 153.
— Candido de Campos — 126, 133, 136, 153.
— Candido da Silva Peixoto — 421.
— Carlos de Saldanha de Oliveira e Daum (Duque de Saldanha) — 543.
— Carneiro de Campos — 72.
— Carneiro da Fontoura (tronco no R. G. do Sul) — 459.
— de Castro de Canto e Mello — 470.
— de Castro de Canto e Mello, cor. — 471.
— de Castro Guimarães — 461.
— Cezar Muzzi — 478.
— Cirino da Silva — 488.
— Chrisostomo Salazar, cap. — 42, 46, 49.
— Chrisostomo da Silva, cor. — 46, 49, 55, 58, 262, 300, 316, 317, 329, 330, 337, 340.
— da Costa e Tavora, pov. do R. G. do Sul — 545.
— da Cunha Lobo Barreto, major — 86, 99, 101, 104, 323, 334, 390, 482, 486, 542. Biog. — 543 a 544.
— da Cunha Lobo Barreto, filho — 542.
— da Cunha Silveira — 573.
— Daniel Hillebrand, cor., dr. — 29, 388, 403.
— de Deus Menna Barreto, marechal — 82, 109, 305, 317.
— Dias de Castro — 72.
— Evangelista França, adm. dos Correios — 405.
— Fagundes, dr. (bibliog. *Diário*) — 537.
— Fernandes, cap. — 43, 52, 55, 59, 67.
— Fernandes Tavares, prof. — 531.
— Ferreira Alves, o *Vacca* — 40, 43, 77, 164, 452.
— Flores — 502.
— Francisco Menna, urug. — 514.
— Francisco de Oliveira — 419, 421.
— Francisco dos Santos — 222.
— Francisco Vieira Braga (Conde de Piratini) — 386, 572.
— Frederico Caldwell, gen. — 573.
— Gabarron, com. da *Ferroupilha* — 494, 495.
— Gomes de Mello, pov. do R. G. do Sul — 572.
— Hypolito da Fonseca — 572.
— Ignacio do Canto — 530.
— Ignacio de Oliveira — 421, 439, 573.
— Ignacio Pereira (V. João de Santa Barbara, padre-mestre).
— Jacques Rousseau — 370.
— Jorge Hellers, padre protestante — 29.
— José Correa Vasques — 399.
— José de Oliveira Flores — 501, 502.
— José da Silva Forcancho — 40, 43, 67.
— Machado da Silveira — 468.
— Machado de Souza, com. — 50, 112, 128, 138, 140, 141, 143, 153.
— de Magalhães, cap. pov. do R. G. do Sul — 473, 559.
— Manuel da Costa Pereira, vice-consul bras. — 490 a 497.

- João Manuel de Lima e Silva, gen. da Republica — 120, 259, 276,
296, 299, 301, 303, 311, 360, 365, 458, 489, 494.
- Maria Paul, medico francez — 56, 57, 556.
 - da Maya Braga — 126, 134, 153.
 - Moreira — 573.
 - Nepomuceno de Carvalho — 467.
 - Nepomuceno da Silva, major — 321, 364.
 - Parker — 553.
 - Pascoe Grenfell, alm. — 11, 53, 305, 341. Biog. — 462 a 465.
 - Paulo dos Santos Barreto, gen. — 371.
 - Pedro de Medeiros — 384.
 - Pereira Fortes — 487.
 - Pinto de Araujo Correa, abade port. — 552.
 - Pinto Guedes Porto — 573.
 - Pires Cerveira — 7, 40, 47, 67.
 - Prates da Silveira — 575.
 - Raymundo — 556.
 - Rodrigues Chaves — 572.
 - Rodrigues Gualberto, padre — 386, 442.
 - Rodrigues de Moraes — 58.
 - de Santa Anna, urug. — 217, 518.
 - de Santa Anna Leitão, ajudante — 37, 38, 41, 76.
 - de Santa Barbara, padre-mestre — 221, 304, 527. Biog. — 529
a 537, 545, 551.
 - Sarrazin, francez — 43, 47, 50, 59, 67.
 - Sigorra, marinheiro — 495.
 - da Silva Barbosa, ten. — 27, 28, 42, 46, 49, 55, 58, 125, 128,
288, 301.
 - da Silva Tavares, cor. — 8, 120, 184, 211, 234, 289, 295, 299, 301
319, 324, 340, 370, 412, 415 a 417, 475, 517.
 - da Silveira — 47, 52, 67.
 - de Souza Bittencourt, padre — 531.
 - Sueco — 174, 136, 140, 153.
 - Teixeira, alf. — 210 517.
 - Teixeira de Magalhães Almeida — 441.
 - Ventura da Rocha — 43, 47, 67, 76.
 - Vieira de Souza — 36, 138.
 - Xavier de Azambuja — 47, 112.
- JOAQUIM Alves de Carvalho Fanfa — 40, 43.
- Anacleto de Azevedo, major — 60 a 62.
 - Anacleto de Azevedo, filho — 62.
 - Antonio da Cruz, cap. — 45.
 - Antonio da Silveira — 467.
 - Francioni — 126, 133, 136, 153.
 - Garcia — 146.
 - Gomes de Mello, cor. — 572.
 - Gomes dos Santos — 386.
 - Gonçalves Guimarães — 149.
 - Gonçalves de Saibro — 40, 47, 50, 55, 59, 67.

JOAQUIM José Domingues — 574.

- José Ferreira Villaga — 49, 55, 67.
- José Monteiro — 56, 59, 67.
- José de Santanna, alf. — 556.
- José da Silva Junior, botic. — 126, 133, 136.
- José da Silva Rocha, 2.º ten. — 57.
- José da Silveira — 399, 556.
- Leite de Oliveira — 138.
- dos Martyres, mestre de emb. — 573.
- M. de Alencastro, brig. — 478.
- Manuel de Azevedo — 420.
- Paes — 43, 112, 126.
- Pedro Berlinck, cap. — 566.
- Pedro Soares, cor. — 120, 122, 125, 128, 131, 133, 136, 138, 146, 153, 347.
- Pereira de Borba Bahiense — 18, 49, 55, 59, 67.
- Pereira Fagundes — 511.
- Procopio Pinto Chichorro, cap. — 310.
- Salomé Ramos, ten. — 568.
- dos Santos Loureiro — 541.
- Silverio de Souza Prates, major — 317.
- Teixeira Nunes, cor. — 126, 154, 462.
- Thomaz — 259.
- Thomaz de Bem Salinas, prof. — 531.
- Victoriano Ouriques — 556.
- Victorino de Souza Cabral, ten. — 234, 573.
- Vieira da Cunha, dr. — 51, 53, 82, 84, 90, 92, 93, 101, 102, 221, 290, 304, 316, 335, 396, 517.

JOAQUINA Amalia da Camara — 471.

- Leocadia de Azevedo — 466.
- Leocadia da Fontoura (viscondessa de Pelotas) — 459.
- Maria Antunes — 559.
- Maria de Jesus — 545.
- Perpetua de Figueiredo — 529.
- Pires Maciel — 487.

J. Ramos de Freitas, dr. — 489.

JORGE Mazarredo, cap. — 39, 42, 46, 49, 55, 58, 124, 128, 131, 133, 135, 139, 143, 196, 204, 303, 334, 346.

José de Abreu (barão do Serro Largo, marechal) — 180, 241.

- Alexandre (José Alexandre de Oliveira) — 557.
- Alves Trilha — 480.
- Antonio de Araujo (Ribeiro) — 365.
- Antonio de Caldas, padre — 183, 184, 198, 199, 202, 203, 208, 220, 221, 223, 227, 273, 287, 358, 387, 448, 453. Biog.—521 a 528.
- Antonio de Caldas, pae — 521.
- Antonio da Cruz, cap. — 37, 41, 44.
- Antonio Fernandes Lima — 552.

- José Antonio Flores da Cunha, gen. (Gov. do Rio Grande do Sul) — 502.
- Antonio Machado Ourique — 384.
- Antonio Martins, cor. — 331, 487, 515.
- Antonio de Oliveira, o *José das Memórias* — 126, 128, 131, 133, 136, 146, 153.
- Antonio Pimenta, ourives — 50, 55, 67.
- Antonio da Silveira — 469.
- Antonio da Silveira Casado — 40.
- Antonio Telles da Camara — 390.
- Augusto Pozzolo, cor. urug. — 512, 519.
- de Araujo Ribeiro, dr. — 48, 51, 54, 57, 126, 130, 135, 250, 251, 254, 255, 262, 296, 304, 306, 307, 320, 361, 459, 460, 479, 535, 555, 556 559.
- Barbosa Telles, prof. — 531.
- Bernardino de Araujo — 573.
- Bernardo de Meirelles — 529.
- de Bittencourt Cidade — 60, 459.
- Bonifacio de Andrada e Silva — 522.
- Bonifacio Ribas — 470.
- Borges do Canto, cap. conquistador de Missões — 529, 530, 468.
- Caetano Pereira — 529.
- da Camara Canto — 530.
- da Camara Canto, filho — 530.
- Candido de Campos Neto (bibliog.) *Montenegro* — 460, 502.
- Cardoso da Silva, o *Geca* — 138, 140, 141, 154.
- Carlos de Almeida Torres, cons. pres. de S. Paulo — 349, 473.
- Carlos Pardal, pres. S. Catharina — 349.
- Carlos Pinto, dr. — 40, 43, 47, 58, 67. Biog. — 473 a 476, 489, 494.
- Carlos Pinto, marechal — 474.
- Carvalho Bernardes, ten. — 536.
- Casimiro Cirne (V. Casimiro José de Vasconcellos Cirne).
- Clemente Pereira — 455.
- Correa Valença — 573.
- da Costa — 572.
- da Costa Cidade — 459.
- da Costa Luiz, pov. do R. G. do Sul — 530.
- da Costa Torres — 419, 429.
- da Costa Vianna — 419, 421, 443.
- Custodio de Azevedo — 123, 127, 129, 140.
- Custodio Machado, o *Juca Custodio* — 143, 144, 154, 460, 502.
- Domingos, pedreiro — 125, 134, 136, 146, 153.
- Feliciano França — 114, 115, 126, 133, 136, 153, 167 a 169, 389, 452.
- Ferreira de Almeida — 195.
- Ferreira de Azevedo, cap. — 226.
- Ferreira da Silva — 43, 53, 67.
- Francisco de Almeida, alf. — 100.
- Francisco Quinta — 437.

JOAQUIM José Domingues — 574.

- José Ferreira Villaça — 49, 55, 67.
- José Monteiro — 56, 59, 67.
- José de Santanna, alf. — 556.
- José da Silva Junior, botic. — 126, 133, 136.
- José da Silva Rocha, 2.^a ten. — 57.
- José da Silveira — 399, 556.
- Leite de Oliveira — 138.
- dos Martyres, mestre de emb. — 573.
- M. de Alencastro, brig. — 478.
- Manuel de Azevedo — 420.
- Paes — 43, 112, 126.
- Pedro Berlinck, cap. — 566.
- Pedro Soares, cor. — 120, 122, 125, 128, 131, 133, 136, 138, 146, 153, 347.
- Pereira de Borba Bahiense — 18, 49, 55, 59, 67.
- Pereira Fagundes — 511.
- Procopio Pinto Chichorro, cap. — 310.
- Salomé Ramos, ten. — 568.
- dos Santos Loureiro — 541.
- Silverio de Souza Prates, major — 317.
- Teixeira Nunes, cor. — 126, 154, 462.
- Thomaz — 259.
- Thomaz de Bem Salinas, prof. — 531.
- Victoriano Ouriques — 556.
- Victorino de Souza Cabral, ten. — 234, 573.
- Vieira da Cunha, dr. — 51, 53, 82, 84, 90, 92, 93, 101, 102, 221, 290, 304, 316, 335, 396, 517.

JOAQUINA Amalia da Camara — 471.

- Leocadia de Azevedo — 466.
- Leocadia da Fontoura (viscondessa de Pelotas) — 459.
- Maria Antunes — 559.
- Maria de Jesus — 545.
- Perpetua de Figueiredo — 529.
- Pires Maciel — 487.

J. Ramos de Freitas, dr. — 489.

JORGE Mazarredo, cap. — 39, 42, 46, 49, 55, 58, 124, 128, 131, 133, 135, 139, 143, 196, 204, 303, 334, 346.

José de Abreu (barão do Serro Largo, marechal) — 180, 241.

- Alexandre (José Alexandre de Oliveira) — 557.
- Alves Trilha — 480.
- Antonio de Araujo (Ribeiro) — 365.
- Antonio de Caldas, padre — 183, 184, 198, 199, 202, 203, 208, 220, 221, 223, 227, 273, 287, 358, 387, 448, 453. Biog. — 521 a 528.
- Antonio de Caldas, pae — 521.
- Antonio da Cruz, cap. — 37, 41, 44.
- Antonio Fernandes Lima — 552.

- José Antonio Flores da Cunha, gen. (Gov. do Rio Grande do Sul) — 502.
- Antonio Machado Ourique — 384.
 - Antonio Martins, cor. — 331, 487, 515.
 - Antonio de Oliveira, o *José das Memórias* — 126, 128, 131, 133, 136, 146, 153.
 - Antonio Pimenta, ourives — 50, 55, 67.
 - Antonio da Silveira — 469.
 - Antonio da Silveira Casado — 40.
 - Antonio Telles da Camara — 390.
 - Augusto Pozzolo, cor. urug. — 512, 519.
 - de Araujo Ribeiro, dr. — 48, 51, 54, 57, 126, 130, 135, 250, 251, 254, 255, 262, 296, 304, 306, 307, 320, 361, 459, 460, 479, 535, 555, 556 559.
 - Barbosa Telles, prof. — 531.
 - Bernardino de Araujo — 573.
 - Bernardo de Meirelles — 529.
 - de Bittencourt Cidade — 60, 459.
 - Bonifacio de Andrada e Silva — 522.
 - Bonifacio Ribas — 470.
 - Borges do Canto, cap. conquistador de Missões — 529, 530, 468.
 - Caetano Pereira — 529.
 - da Camara Canto — 530.
 - da Camara Canto, filho — 530.
 - Candido de Campos Neto (bibliog.) *Montenegro* — 460, 502.
 - Cardoso da Silva, o *Geca* — 138, 140, 141, 154.
 - Carlos de Almeida Torres, cons. pres. de S. Paulo — 349, 473.
 - Carlos Pardal, pres. S. Catharina — 349.
 - Carlos Pinto, dr. — 40, 43, 47, 58, 67. Biog. — 473 a 476, 489, 494.
 - Carlos Pinto, marechal — 474.
 - Carvalho Bernardes, ten. — 536.
 - Casimiro Cirne (V. Casimiro José de Vasconcellos Cirne).
 - Clemente Pereira — 455.
 - Correa Valença — 573.
 - da Costa — 572.
 - da Costa Cidade — 459.
 - da Costa Luiz, pov. do R. G. do Sul — 530.
 - da Costa Torres — 419, 429.
 - da Costa Vianna — 419, 421, 443.
 - Custodio de Azevedo — 123, 127, 129, 140.
 - Custodio Machado, o *Juca Custodio* — 143, 144, 154, 460, 502.
 - Domingos, pedreiro — 125, 134, 136, 146, 153.
 - Feliciano França — 114, 115, 126, 133, 136, 153, 167 a 169, 389, 452.
 - Ferreira de Almeida — 195.
 - Ferreira de Azevedo, cap. — 226.
 - Ferreira da Silva — 43, 53, 67.
 - Francisco de Almeida, alf. — 100.
 - Francisco Quinta — 437.

- José Francisco da Silva, corneta — 40, 55.
- Francisco da Silva, o *Pescador* — 43, 55, 67.
 - Francisco da Silveira Casado, cap.-mór — 476.
 - Francisco de Siqueira — 439.
 - Francisco de Oliveira — 79.
 - Francisco Vaz Vianna — 125, 128, 133, 136, 153.
 - de Freitas Guimarães — 573.
 - Garcia de Azevedo, alf. — 8 a 10, 117.
 - Garibaldi — 464, 491, 495.
 - Girard, editor, francez — 317, 460.
 - Gomes de Vasconcellos Jardim, vice-pres. da Republica — 13.
14, 24, 38, 41, 48, 51, 57, 67, 124, 132, 153, 247, 293, 369.
 - Gonçalves Lopes Ferrugem — 17, 19, 52, 67.
 - Gonçalves da Silva — 43, 46, 49, 55, 58, 67.
 - Gracez de Moraes — 488.
 - Ignacio Pereira — 530.
 - Ignacio da Silva, marechal — 22, 317.
 - Ignacio da Silva Ourives, cor. — 120, 302, 323, 348, 352.
 - Ignacio da Silveira, o *Juca do Brejo* — 136, 138, 140, 146, 154.
 - Ignacio Teixeira — 60, 61, 67.
 - Jacinto, major — 64.
 - Jeronymo do Amaral, cor. — 363, 415.
 - Joaquim de Alencastro — 478.
 - Joaquim de Andrade Neves (barão do Triumpho) — 149, 150,
151, 323, 373, 477, 486.
 - Joaquim da Costa Amarante — 406.
 - Joaquim da Cruz — 409.
 - Joaquim Ferreira — 42.
 - Joaquim de Freitas — 418, 321, 573.
 - Joaquim Leite de Castro — 421, 438.
 - Joaquim Machado de Oliveira, gen. Pres. S. Cat. — 26, 349.
 - Joaquim Martins Zimblão, deput. — 532.
 - Joaquim da Silva Maya — 14, 126, 133, 153.
 - Leite de Oliveira — 138, 557.
 - Lucas de Oliveira — 572.
 - Luiz de Anilo — 136.
 - Luiz de Azevedo — 400.
 - Luiz Vicente da Costa — 28, 380, 382, 390.
 - Machado, d. chefe polit. de Maldonado — 492.
 - Machado, o *Vacca* — 40, 43, 67.
 - Manuel de Leão, cor. — 7, 8, 15, 558, 559.
 - Manuel de Lima (errado: V. José Manuel de Leão) — 15.
 - Manuel de Simas — 8.
 - Marcellino da Rocha Cabral — 434.
 - Marques Pereira Lima, alfaiate — 308.
 - Maria, marinheiro — 495.
 - Maria da Gama Lobo d'Eça, barão de Saycan, gen. — 86, 95,
263, 330, 480, 486.
 - Maria Lobo, alf. — 42, 46, 49, 55, 58, 125, 128, 298.
 - Maria da Rocha, 2.º ten. — 426, 573.

- José Maria de Salles Gameiro de Mendonça Peçanha desembar-
gador — 285, 383.
- Mariani, pres. do R. G. do Sul — 181, 211, 212, 277, 279, 356,
358, 359.
- Mariano de Mattos, gen. — 184, 189, 190, 214, 223, 224, 246, 276,
279, 280, 292, 396, 458, 472, 504, 528, 529, 544, 556.
- Mattos Pereira — 461.
- Narciso Pacheco — 470.
- Ortiz da Silva — 539.
- de Paiva Magalhães Calvet — 230, 237, 238, 240, 245, 249, 255,
256, 277, 281, 290, 310, 394, 547.
- Paulo de Almeida — 559.
- Paulo da Silva — 195, 457.
- Pedro — 126, 136, 146, 153.
- Pedroso de Albuquerque, min. da Rep. — 539.
- Pedroso de Albuquerque, sarg.-mór — 539.
- Pereira da Cunha — 126, 128, 133, 153.
- Pereira Fortes — 487.
- Pereira Martins — 573.
- Pereira de Silva — 40, 47, 50, 55, 67.
- Pinheiro de Ulhoa Cintra, min. da Rep. — 14, 472, 501.
- Pinto de Araujo Correa — 552.
- Raymundo da Cunha — 530, 556.
- Ribeiro de Almeida, cor. — 84, 97, 100, 104, 106, 259, 263, 331.
- Rivera Indarte, urug. — 501.
- Rodrigues Barbosa, cor. — 196, 204, 352, 412, 525.
- Rodrigues de Oliveira — 400.
- da Rosa Pereira — 572.
- Roso, d. urug. — 489.
- de Sá e Brito — 538.
- dos Santos Ferreira, o *Juca Mulatinho* — 40, 47, 50, 52, 55, 67.
- dos Santos Loureiro — 541.
- dos Santos Loureiro, cor. — 541.
- dos Santos Magano — 435, 436.
- dos Santos Soares — 478.
- da Silva Barreto — 488.
- da Silva França — 471.
- da Silva Ramos, o *Anção* — 50, 55, 59, 67.
- da Silveira Peixoto — 488.
- da Silveira Villalobo — 409.
- Simeão de Oliveira, marechal — 573.
- de Souza Neto — 100.
- Tavares Bastos, dr. pres. de Alagoas — 527.
- Teixeira de Carvalho — 487.
- Theodoro da Silva Braga, ten. — 206, 388, 513, 517.
- Thomaz de Almeida — 134, 147, 149.
- Thomaz de Lima, cap. — 29, 285, 389.
- Vieira Braga, dr. — 436, 572.
- JOSEFA de Araujo — 539.
- Bernarda de Meirelles — 529.

- JOSEFA do Canto — 529.
— Leopoldina Guimarães Bandeira — 560.
— Maria de Azevedo — 466.
- JOSEFINA Bandeira — 461.
- JOSUÉ, capataz de fazenda — 60, 67.
- JUAN Antonio Lavalleja, gen. urug. — 182, 183, 193, 242, 243, 273, 326, 357, 393, 509, 512, 514, 518, 524.
— E. Pivel Devoto, hist. urug. — 489.
— Friller, corsario — 498.
— Lavalle, gen. urug. — 328, 482.
— Manuel de Rosas d. dictador da Argentina — 182, 192, 481.
— Roberto, corsario — 499.
- JUCA Custodio (V. José Custodio Machado).
— Ferrugem (V. José Gonçalves Lopes Ferrugem).
— Ourives (V. José Ignacio da Silva Ourives, cor.).
— Roque — 556.
— Tigre — 180, 507, 509.
- JUGURTA da Silveira — 576.
- JULIA Cezar Muzzi — 478.
- JULIANO de Faria Lobato, padre — 377, 452.
- JULIO Cezar Muzzi, dr. — 477.
— da Silva Barreto — 488.
- JUNQUEIRA, 2.º ten. de marinha — 301, 303.
- JUSEPE de Camargo, pov. de São Paulo — 539.

L

- LAGES (V. Luiz Manuel Gonçalves Lages).
- LAURA de Azevedo Pinto — 473.
— Centeno — 477.
— Joaquina de Jesus — 473.
- LAURENTINO Antonio da Silva — 154 a 156, 452.
- LAUS, Irmãos & Comp. — 443.
- LAVALLE, gen. (V. Juan Lavalle).
- LAVALLEJA (V. Juan Antonio Lavalleja).
- LEÃO (V. José Manuel de Leão).
- LEOCADIA da Costa Prates — 467.
- LEOCADIO Maximo de Souza — 466.
- LEONARDA Maria de Araujo — 459.
- LEONOR Domingues — 539.
— Leme da Silva — 478.

LEITE, tenente (V. José Leite de Oliveira).

LIBANIO Pereira da Silva — 116, 379, 383, 401.

LIMA (V. João Manuel de Lima).

LIMA, portuguez do Rio Pardo — 223.

LIMPO de Abreu, min. do Imp. — 533.

LOBO, alf. morto pelos rebeldes (V. José Maria Lobo).

LOPES, major — 46.

LOPO de Almeida Henriques Botelho e Mello, cap. — 103, 106, 107, 301, 338

LORD Cochrane, alm. (marquez de Maranhão) — 462, 463.

LOURENÇO Gonçalves, indio (Lourenço Vaqueano) — 183, 196, 202, 204, 205, 509 a 512, 519.

— Junior de Castro — 6.

— de Souza Ferreira — 531.

LUCIO José Gomes — 125, 136, 153.

LUDOVINO Flores — 502.

LUIZ Alfama — 192.

— Alves de Lima e Silva, duque de Caxias — 356, 368, 372.

— Alves dos Santos Marques — 573

— Antonio, escrivão (V. Luiz Antonio da Silva).

— Antonio Feijó, ten. — 143, 145, 146.

— Antonio da Silva, escrivão da Ouvidoria — 192, 319.

— Antonio da Silva Guimarães — 573.

— Borges Pinto Barreto, cap.-mór — 471.

— Caglia, contra mestre da *Farroupilha* — 495.

— Carniglia, contra-mestre da *Farroupilha* — 495.

— Carvalho da Silva cap. — 556.

— Gambarra, italiano — 43, 50, 67, 77.

— Ignacio Pereira de Abreu — 64, 65, 112, 254.

— José da Fontoura Palmeiro — 120, 125, 128, 133, 136, 146, 153.

— José dos Reis Alpoim, tenente — 165, 195, 224, 452 a 458, 504, 525.

— José Ribeiro Barreto — 7 a 9, 47, 49, 52, 55, 59, 67.

— Lourenço Anchois de Lavallée, prof. — 531.

— Manuel Gomes Tavares — 52, 63, 477.

— Manuel Gonçalves Lages, escr. — 3, 37 a 85, 95 a 172.

— Manuel de Lima e Silva, gen. — 270.

— Rossetti, tenente — 495, 497.

LUIZA de Quadros — 502.

LUZIA de Jesus — 502.

M

MACEDO (V. Manuel de Macedo Brum da Silveira).

MACHADO, cap. — 557.

MACHADOS — 556.

MACHADINHO, pres de S. Catharina (V. José Joaquim Machado de Oliveira).

MAGDALENA da Conceição — 571.

MANECA — 556.

MANUEL Adolfo Charrão, cap. — 259.

— de Almeida Vasconcellos, cor. encarregado de negocios do Brasil em Montevideo — 184, 460, 474, 490.

— Alonso, cap. — 204, 511.

— Alves Branco, min. do Imp. — 392, 475.

— Alves Coelho — 539.

— Alves Medeiros — 47, 53.

— Antonio de Aranda, o *Pintado* — 40, 43, 46, 50, 55, 59, 67, 76, 164, 165, 452.

— Antonio de Bittencourt — 541.

— Antonio da Costa Guerra — 151.

— Antonio Galvão, pres. da Prov. — 183, 184, 188, 191, 252, 269, 272, 355.

— Antonio Garcia — 143 a 146.

— Antonio de Magalhães — 40, 47, 50, 55, 59, 67.

— Antonio da Silveira, I — 466.

— Antonio da Silveira, II — 466.

— Antunes da Porciuncula — 47, 49, 52, 55, 59, 67, 234, 235, 286, 292, 295, 313, 411, 413.

— de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo — 503.

— de Azambuja Cidade — 459.

— Bento (V. Manuel Bento Alves, major).

— Bento Alves, major — 8, 28.

— Bernardes de Senna — 40, 43, 67, 77.

— Britos, d. gen. urug. — 328.

— Caetano da Silva — 25.

— Cardoso Beiram, tronco açoriano — 571.

— Carneiro da Silva Fontoura, marechal — 82, 188, 219, 280, 285, 298, 317, 323, 381.

— de Castro Pereira de Campos — 471.

— Carvalho de Aragão e Silva, cor. — 556.

— de Carvalho Paes de Andrade — 453, 455, 571.

— da Cunha, pov. do R. Grande — 529.

— Esteves de Rezende — 452.

— Faria Correa, cor. — 481.

— Felizardo de Souza Mello, cons. — 288, 291, 310, 389, 391, 392, 545.

— Fernandes Chaves — 61, 62.

- MANUEL Ferraz Pimenta, prof. — 531.
- da Fonseca Lima e Silva, cor. — 523.
 - Francisco Loureiro — 541.
 - Francisco das Neves — 495.
 - de Freitas — 149.
 - Gonçalves Mancebo — 530.
 - Gonçalves da Silva — 58, 110, 112, 134, 140, 154.
 - Gonçalves da Silveira Peixoto — 572.
 - Gonçalves de Souza — 501.
 - Gomes Pereira, cor., bahiano — 498, 560.
 - Gomes Tavares — 477.
 - Ignacio de Souza Cabral — 488.
 - Jacinto, cap. — 46, 49, 58.
 - Joaquim de Alvarenga, ten. — 42, 46, 49, 52, 58, 125, 128, 150, 233.
 - Joaquim de Oliveira, cap. — 150, 352, 474, 475.
 - Joaquim de Souza — 43.
 - Jorge Rodrigues, gen., barão de Taquary — 241, 371.
 - José de Alencastro, cap. — 60 a 62, 261, 478.
 - José da Camara, juiz de paz — 3, 4, 7.
 - José Flores, o *Moço* — 128, 134, 138, 153, 501, 502.
 - José Machado — 60, 61, 67.
 - José de Leão, cor. — 556.
 - José Pereira — 556.
 - José Pires da Silveira Casado, sarg.-mór — 476, 553.
 - José da Silveira, major — 150, 154.
 - José de Simas, major — 348, 459, 460, 502.
 - Lavalleya, cor. urug. d. — 201, 517.
 - Luiz Lamas — 572.
 - Lobo Ferreira Barreto, cap. — 42, 49, 55, 125, 128, 477.
 - Lopes — 7.
 - Lopes Duarte — 60 a 62, 67.
 - Lourenço do Nascimento — 481.
 - Lucas de Oliveira, I — 571.
 - Lucas de Oliveira, II — 571.
 - Lucas de Oliveira, cor. — 355, 374, 571.
 - Luiz Osorio, marechal, marquez de Herval — 26, 50, 56, 181, 508.
 - de Macedo Brum da Silveira, cor. — 245, 249, 556.
 - Machado da Cunha — 573.
 - Machado de Souza, cap. — 140, 141, 143 a 145.
 - Maria Calvet — 547.
 - Maria Marques Ricaldi, advogado — 573.
 - Marques Pereira Lima — 277, 545, 555.
 - Marques de Souza, conde de Porto Alegre — 253, 295, 301, 316, 317, 323, 412, 480, 572.
 - Martins, urug. — 200.
 - Martins Jobim — 481.
 - Mathias Frio — 466.
 - Olozabal, d. cor. urug. — 184, 208, 512.

MANUEL de Oliveira Bueno — 559.

- Oribe, d. gen. urug. — 274, 304, 327, 481.
- Paranhos da Silva Velloso, dr. deputado — 296, 533, 534, 545, 551.
- dos Passos Figueiroa — 335.
- Pereira Maciel Filho — 76.
- de Rezende, ferreiro — 50, 55, 59, 67.
- Ribeiro de Moraes — 47, 49, 59, 67.
- Rodrigues Chaves — 71.
- da Rosa, tronco açoriano — 572.
- Ruedas, argent. — 280.
- de Sá Araujo — 409.
- dos Santos Loureiro, cor. — 259, 261, 311, 353, 541.
- da Silva Baraúna — 562 a 570.
- da Silva França, cap. — 471. *
- da Silva Freire, cor. — 276, 279.
- de Simas — 459.
- de Souza Romeiro — 40, 43, 67, 77, 79.
- Tavares — 487.
- Vaz Pinto, cap. — 92, 233.
- Vicente Vieira Ramos — 47, 50, 55, 59, 67.
- Vieira Braga, dr. — 500.
- Vieira Machado, commandante do Forte do Mar — 563.
- Vieira Rodrigues — 470.
- Xavier de Paiva e Magalhães, cor. — 559.

MARCIANO Pereira Borges — 573.

- Pereira Ribeiro, dr. vice-pres. da Prov. — 27, 31, 59, 114 a 117, 187, 193, 230, 240, 246, 295, 299, 308, 361, 404, 418, 476.

MARCELLINO José do Carmo, cor. — 20, 47, 49, 67.

MARCOS Alves Pereira Salgado, padre — 116, 125, 128, 133, 136, 140, 153, 384.

- de Azambuja Cidade — 126, 128, 131, 133, 136, 138, 140, 141, 146, 153, 459.
- Cristino, de S. Antonio (V. Marcos Cristino Fioravanti).
- Cristino Fioravanti — 121.
- Cristino Fioravanti, dr. — 487.
- Cristino Fioravanti Patrulhano, dr. — 488.

MARGADIDA Cezar Muzzi — 478.

MARIA Aldina Ortiz de Arruda Camara — 539.

- Angelica Affonso Braga — 386.
- Angelica da Cunha — 530.
- Angelica Flores — 502.
- Angelica de Oliveira — 560.
- Angelica Sampaio — 459.
- Antonia da Encarnação — 487.
- Arouche de Moraes Lara — 459.
- Augusta Pacheco — 471.

- MARIA Balbina da Gama — 480.
— Barreto de Magalhães — 488.
— Benedicta de Camargo — 539.
— Benedicta de Castro — 470.
— Benedicta Pacheco — 470.
— de Brito — 473.
— de Brito Peixoto — 539.
— do Carmo Pereira de Campos — 471.
— Clara da Encarnação — 545.
— da Costa Pavão — 480.
— da Conceição — 487.
— da Conceição — 488.
— Eugenia de Figueiredo — 529.
— Eugenia Morine — 553.
— Eufrazia Lopes — 541.
— do Espirito Santo — 480.
— Francisca Duro — 559.
— Francisca Maciel — 559.
— Furtado — 502.
— Gomes Ferreira — 529.
— Jacinta de Bittencourt — 466.
— Jacinta de Vargas — 572.
— de Jesus Lopes — 541.
— Joaquina Antunes — 559.
— Joaquina da Silva França — 471.
— Josefa da Conceição — 572.
— Josefa do Espirito Santo — 541.
— Josefa Gonçalves — 501.
— Josefa Ortiz — 539.
— Leopoldina Pereira de Campos — 471.
— Luiza Lamas — 572.
— da Luz Azambuja — 60, 461, 478.
— Pereira — 572.
— Pereira de Mesquita — 477.
— do Nascimento — 559.
— Quiteria de Castro — 461.
— Quiteria Pereira de Castro — 461.
— Rosario Gastullomendes — 471.
— Theotonia de Almeida — 477.
— Trilha — 480.
— Vaz — 539.
— Vicencia Antunes — 559.
MARIANA de Bittencourt — 541.
— de Jesus Azambuja — 470.
— de Padua Cezar de Faro e Vasconcellos — 460.
— Xavier da Cunha — 461.
MARIANO José Ribeiro (V. Marciano Pereira Ribeiro).
MARIO de Souza Henriques Rabello, cor. — 123.
MARINHA Estelita de Azevedo — 473.

MARQUES, alfaiate (V. Manuel Marques Pereira Lima).
— de Souza, tronco, pov do R. Grande — 545.

MARQUEZ de Barbacena — 179, 505.
— de Caxias (V. Luiz Alves de Lima e Silva).
— de Lafayette — 456.
— de Paranaguá — 571.

MARTINIANO Peixoto de Miranda — 426, 573.

MATHEUS — Gomes Vianna — 326, 343, 346, 559.
— de Oliveira — 502.
—

MATILDE Fausta de Macedo — 477.
— Maria Nunes — 479.
— Nunes Ribeiro — 480.

MAURICIA de Oliveira Pinto Bandeira — 560.

MAURICIO Garibaldi — 495.

MAXIMIANO Antonio Pereira — alf. — 416.
— Gonçalves de Saibro — 452.
— Gonçalves da Silva — 164, 165.

MEDEIROS, cor. (V. Antonio de Medeiros Costa).

MEDELLA, com. naval — 305.

MEDINA, cor. urug. — 515.

MENINO Diabo (V. Antonio Joaquim da Silva).

MENEZES, portuguez preso — 28.

MIGUEL da Camara Canto — 530.
— de Frias e Vasconcellos, brig. — 453.
— Ignacio do Santo — 529.
— José de Campos, prof. — 531.
— de Werna, jornalista — 470.

MIQUELINA de Lima Borges — 530.

MILITÃO Maximo de Souza, barão de Andarahy — 466.

MINGOTE, ten.-cor. (V. José Antonio Martins).

MORAES, cirurgião — 344.

MOSES Hughes- corsario — 498.

MOTTA, juiz de paz — 556.

MOTTA, ten. com. do Caminho Novo — 55.

MUCIO Teixeira, (bibliog.) — 542.

N

- NAPOLEÃO I — 240.
NARCISA Bonifacia de Azevedo — 478.
— Maria Coelho — 16.
NARCISO Peixoto de Oliveira — 126, 131, 134.
NAZARIO José dos Santos — 140, 143 a 145.
NETO (V. Antonio de Souza Neto, gen. da Republica).
NICOLAU Francisco Borges — 573.
— Pereira de Campos Vergueiro, min. do Imp. — 289.
NOÉ Antonio Ramos — 556.
NUNES Pires (V. Feliciano Nunes Pires, pres. da Prov.).
NYMPHA de Faria Paiva — 480.

O

- OCTAVIO de Faria Correa — 481.
OLAZABAL, cor. (V. Manuel Olazabal, d.).
OLIVERIO José Ortiz, brig. — 252, 263, 395. Biog. — 538 a 541.
— José Ortiz Filho, dr. — 539.
ONOFRE (V. Onofre Pires da Silveira Canto, cor.).
— Flores — 138, 372, 502.
— Pires da Silveira Canto, cor. — 13, 120, 128, 132, 153, 302, 309, 348, 549, 555.
ORLANDO Coelho da Silva — 556.
ORNELLAS e Vasconcellos, familia... — 467, 470.
OSORIO, major (V. Manuel Luiz Osorio, gen.).

P

- PAIVA, familia... — 217.
PAULA de Santo Antonio — 467.
PAUL, dr. francez (V. José Maria Paul, dr.).
PAULINO (V. Antonio Paulo da Fontoura).
PARANHOS, deputado (V. Manuel Paranhos da Silva Velloso, dr.)
PASQUALE Lodola, marinheiro da *Farroupilha* — 495
PATRICIA Maria da Purificação — 470.
PATRICIO de Azambuja Cidade — 55, 67, 458.
— Correa da Camara, cap. — 86, 96, 97, 100, 101, 323, 471.
— José Correa da Camara, marechal, visconde de Pelotas — 467, 471.

- PEDRO de Araujo Lima, reg. do Imp. — 70, 156, 161, 163, 527.
— de Azevedo e Souza — 390.
— Ferreira de Oliveira, alm. — 570.
— José de Almeida, *Boticario* — 220, 244, 246, 278, 282, 308, 555.
— Marques — 120.
— Mendes Loureiro — 573.
— Paulo, cap. — 557.
— Pereira de Carvalho, cap. — 126, 136, 153, 159, 162, 163, 452.
— Pinto de Araujo Correa, brig. — 302, 552.
— Rodrigues Fernandes Chaves, barão de Quarahy — 189, 230, 242, 282, 283, 290, 310, 335, 344, 482, 498, 546.
— Trapani, d. urug. — 524.

PEDROSO — 120.

PEÇANHA (V. José Maria de Salles de Mendonça Gameiro Peçanha).

PEREIRA de Souza — 516.

PERSEVERANDO José Rodrigues Ferreira, prof. — 531.

PLACIDO de Oliveira, d. Prior do Mosteiro de S. Bento — 530.

POLYCARPO Antunes Maciel — 559.

PONTES, juiz de direito (V. Rodrigo de Souza da Silva Pontes).
— Visgueiro, deputado — 527.

PORFÍRIO José Monteiro — 459.

POSSOLO, com urug. — 204.

PRATES, major (V. Joaquim Silverio de Souza Prates).

PROCOPIO Gomes de Mello, cap. — 362, 572.

PROSODIA (V. Antonio José da Silva Monteiro).

PRUDENCIO Flores — 502.

— José da Camara — 390.

R

RACCLIFE — 523.

RAFAEL de Araujo Ribeiro, dr. — 250.

— Bluteau, d. (bibliog.) *Diccionario Portuguez* — 452.

— Fortunato Brandão — 477.

— Ignacio de Azevedo — 441.

— Mendes de Menezes, ten. — 569.

— Pinto Bandeira, brig. — 179, 461, 559.

RALHAVA, fulano... — 222.

RAYMUNDO Delamare (V. Jeronymo Raymundo Delamare, alm.).

REGINALDO Pereira da Silva — 143 a 145, 154.

RICARDO Antonio de Mello, *Ricardinho* — 225, 556.

RITA Candida Cidade — 459.

- RITA Emilia de Alencastro —
— Fausta Tavares — 477.
— de Lima Delamare — 552.
— Maria da Silveira — 466.
— de Mello de Azeredo Coutinho — 477, 553.
— de Menezes — 461, 470, 478.
ROBESPIERRE — 152.
ROBERTO Bisley, corsario — 498.
ROCHA Faria — 310.
RODARTE, ten — 42, 46, 55.
RODRIGO de Souza da Silva Pontes, cons. dr. — 193, 288, 292, 398,
399, 425, 502 a 505, 573.
RODRIGUES Fernandes Chaves (V. Pedro Rodrigues F. Chaves).
— Mascarenhas — 344.
ROMULO Archonte Rey (V. D. Pedro I).
ROQUE da Costa Franco, cap. — 531.
— Faustino, indio, assassino de João Manuel — 261.
ROSA Alexandrina de Azevedo — 477.
— Angelica do Nascimento — 467.
ROSAS (V. d. Juan Manuel de Rosas).
RUBIO Marques, urug. — 518.
RUFINA de Lima Borges — 530.
— de Souza Cambraia e Borba — 19.

S

- SABINO (Sabino Antonio da Cunha Pacheco?) — 556.
SACRAMENTO Backle (bibliog.) — *Diccionario Bibliographico* — 503.
SAINT-Hilaire — 179.
SALUSTIANO Severino dos Reis, cor. — 318, 403.
SALVADOR José Maciel, brig. — 179.
SANTANNA, chefe urug. (V. João Santanna).
SANTIAGO Vasques, min. urug. — 201, 203.
SARGENTO Brandão — 32.
— Tavares, 32.
SATIRO José da Silva — 437.
SATURNINO da Costa Pereira, dr. — 532.
— de Souza e Oliveira, pres. da Prov. — 71, 158, 159,
167, 168, 368.
SEBASTIANA Maria da Costa — 471.
— Sallão del Mêdo — 559.

- SEBASTIÃO Azambuja — 557.
— Barreto Pereira Pinto, marechal — 180, 184, 192, 203, 215 a 217, 238, 239, 242, 243, 256, 271, 275, 276, 280, 281, 290, 306, 331, 340, 345, 393, 475, 506, 520, 525, 546.
— Borges de Oliveira — 409.
— Ferreira Soares, dr. — 374, 571.
— Gomes — 146.
— Guedes de Azevedo — 47, 49, 52, 67, 556.
— Pinto de Araujo Correia, ten.-general — 552.
— Pinho da Fontoura — 192.
— Ribeiro de Almeida, dr. — 84, 98, 100, 102, 104, 106, 257, 264 a 268, 310, 320, 328, 546, 555.
— Xavier do Amaral Sarmento Mena — 556.
— Xavier da Veiga Cabral da Camara, gov. do Cont. — 469.
SERAFIM dos Anjos França, cap. — 40, 44, 129, 137, 138, 140, 143, 146, 154, 471 a 473.
— dos Anjos França, dr. — 471 a 473.
SERVANDO Gomes, gen. urug. — 328, 415, 416, 517, 518.
SEVERINA Angelica de Oliveira — 488.
SEVERINO Antonio da Silveira, cap. — 467, 556.
SILVA, major — 388.
— Tavares, cor. (V. João da Silva Tavares, cor.).
SILVANO José Monteiro de Araujo e Paula — 187, 218, 277, 285, 400, 459, 544.
SILVERIO Pedroso — 126, 147, 154.
— Prates — 321.
SIMÃO de Toledo, d., cap. gen. de São Paulo — 471.
SIMAS (V. José Manuel de Simas).
SOARES de Andrea (V. Francisco José Soares de Andrea, gen.).
SOFIA Maria de Oliveira — 560.
SOUTO, tenente — 46, 52, 58.
SUZANA do Rosario — 480.

T

- TENENTE Coelho (V. Antonio Coelho de Souza, tenente).
— Silva Barbosa (V. João da Silva Barbasa, tenente).
TERESA Antonia de Souza — 545.
— Ignacia de Oliveira — 488.
— de Jesus — 572.
— Maria da Conceição — 488.
— Rosa de Jesus — 480.
THEODORO d'Avila, bandido — 180, 507.

THEODOSIO, pardo, — 140, 141, 143, 154.

THOMAZ Borges — 196, 514.

— Ferreira do Valle — 529.

— Henderson, corsario — 498.

— José da Costa e Souza — 545.

— José da Silva, brig. — 317, 322.

— José da Silva, filho do ten. Joaquim Pereira — 43, 47, 52, 67.

— Luiz Osorio, cor. — 572.

— Vieira do Couto — 437.

THOMÉ Luiz de Souza, conego — 397, 400.

THOMSON, tenente — 324.

TITO Livio da Costa — 125, 134, 136, 153.

— Livio Zambicari, conde de Zambicari — 313, 555.

TRISTÃO de Alencar Araripe, cons. — 377, 571.

— de Anizio — 136.

— Dyonisio da Silva — 146, 147.

— Jeremias de Moraes — 147, 153.

— Joaquim da Silva — 441.

TUPINAMBÁ (André José de Campos...) — 523.

— (Juiz de Itaparica, Bahia) — 568.

U

UMBELINA Ferreira — 530.

URBANO Fernandes de Oliveira — 143, 144, 153.

V

VACCAS, Os... (V. João Ferreira Alves, Estevão José Rodrigues e José Machado).

VASCO, do dist. de Santa Anna (V. Vasco de Azevedo e Souza).

— Antunes Maciel, cor. — 559.

— de Azevedo e Souza — 39, 42, 45, 48, 58.

— Fernandes Coutinho, donatario de Esp. Santo — 471.

— Pinto Bandeira, major — 461.

VENANCIA Barreto — 471.

VENANCIO de Azambuja, cap. — 557.

VERDUM, urug. — 203, 295.

VICENTE, piá — 29.

— Ferreira de Andrade, o *Andrade da Typographia* — 125, 128, 133, 136, 153, 247, 544.

— Ferreira Gomes — 254.

— Ferreira Leitão — 15, 43, 47, 50, 53, 55, 59, 67.

— Ferrer dos Santos Soares — 50, 55, 59, 67, 478.

- VICENTE Ferrer da Silva Freire, cor. — 27, 28, 32, 41, 46, 49, 55, 58,
125, 128, 131, 133, 135, 139, 143, 298, 403, 470, 555.
— Ignacio de Mello — 47, 53, 67.
— de Paula Simões Pires — 556.
— Vieira Braga — 572.
- VICTORIANO José Centeno, cap. — 461, 477.
- VICTORINO (V. Victorino José Ribeiro).
— José de Medeiros — 530.
— José Ribeiro — 80, 184, 188, 232, 280, 294, 341, 486, 544.
- VIDAL José do Pilar, cor. — 259, 331.
- VIDIGAL, brig. Intendente de Policia — 522.
- VINHAS, major urug. — 206, 513.
- VIRISSIMO Ferreira — 43, 112.
- VISCONDE de Camamú — 32, 39, 232, 282, 293, 306, 317, 335, 347, 573
— de Castro — 27, 219, 286, 317, 322, 381, 470.
— de São Leopoldo — 269, 543.
- VISCONDESSA dæ Pelotas (V. Joaquina Leocadia da Fontoura).

INDICE DE ASSUMPTOS

A

- ABONO ao pret dos Permanentes — 391.
- ACÇÃO de Araujo Ribeiro e Bento Manuel — 298.
— da Assembléa Legislativa — 18, 35, 228.
- ACEGUÁ — 217 ,
- ACONTECIMENTOS de 24-X-1833 — 214.
- ACCUSAÇÕES de Barbacena aos riograndenses — 505.
— a Feijó de cumplicidade na Revolução — 550.
— a José de Paiva — 249.
— ao padre Cálidas — 388, 394.
- Acto addicional — 285.
- ACTUAÇÃO de Santa Barbara na Camara dos Deputados—533.
- ADMINISTRAÇÃO de Antero — 320.
- ADMINISTRADOR da Meza de Rendas, Porto Alegre — 114.
- ALAGOAS, presidente de... — 504. Villa de... — 521.
- ALARMA na posse de Araujo Ribeiro — 306.
- ALDEIA dos Anjos (Gravatahy) — 244.
- ALCAIDE de Serro Largo. Bento Gonçalves... — 186.
- ALEGRETE — 178, 242, 243, 281, 292, 311, 473, 556.
- ALFANDEGA do Norte — 418. De Porto Alegre — 472.
- ALICIAMENTO de colonos (S. Leopoldo) — 403.
- ALJUBARROTA, Port. — 466.
- ALMANACK do R. G. do Sul — 537, 541.
- AMERICA do Norte — 480.
- "ANNAES da Camara dos Deputados" (bibliog.) — 533.
— da Provincia de São Pedro" (bibliog.) — 179, 269.
- ANNEXAÇÃO da Cisplatina ao Brasil — 524
— do Rio Grande ao Uruguay — 525.

Annita, corsario — 499.

AMNISTIAS aos rebeldes:

Antonio FernandesChaves — 75.

Antonio Maria Calvet — 71.

Firmino Telles de Menezes — 71, 72.

Januario José Fernandes — 75.

João Antonio da Silveira, o *Barulho* — 71, 72, 73.

João Ferreira Alves — 71, 72, 74.

Juliano Faria Lobato, padre — 69.

Luiz José dos Reis Alpoim, tenente — 71.

Manuel Antonio de Arandas — 71, 72, 74.

Manuel Esteves de Rezende — 69.

Maximiano Gonçalves de Saibro — 71, 72.

Annunciador, jornal — 289.

ANTIQUERA, Hesp. — 480.

APONTAMENTOS sobre a Revolução, de Lobo Barreto — 271.

Apostolado, O (Sociedade secreta) — 522, 528.

APRISIONAMENTO de forças — 41.

ARAPÉHY, rio do Urug. — 180, 507.

"ARQUIVO General de la Nacion", Uruguay-Montevideo — 489, 497.

ARCHIVO Historico do R. G. do Sul — 449, 486, 555.

— do Itamaraty (Min das Relações Exteriores) — 474.

— do Ministerio da Guerra — 552.

ARMAMENTO para São Leopoldo — 32, 404.

ARMAS e munições para o corso — 499.

ARRECADAÇÃO de impostos — 444.

ARROIO Caburé — 144.

— Grande — 183, 206, 295, 302, 414, 511.

— do Portão — 27.

— dos Ratos — 549.

— Velhaco — 42, 143.

Artilheiro, jornal — 344.

ARSENAL de Guerra — 49, 380.

ASSASSINIO do coronel Albano — 365.

— de Silva Braga — 388.

— de Vasconcellos Cirne — 288.

ASSEMBLÉA Constitucional — 369.

— Constituinte da Republica Riograndense — 536, 541.

— das Eleições Primarias — 536.

— Geral Legislativa — 526.

— Provincial — 251.

ASSENTO de Baptismo do general João Antonio da Silveira — 574.

- ASTURIAS, Hesp — 47.
ATAQUES em Missões — 468.
— do Rio Pardo — 477.
— de São Servando — 517.
Aurora Fluminense, jornal — 185, 188, 214.
AUTOS summarios por crime de rebellião — 110.
— de prisão e tonsura — 76, 79,
AVISOS sobre o major J. Mariano de Mattos — 280.
AZENHA, lugar em Porto Alegre — 53, 147, 293.

B

- BAGÉ — 261, 301.
BAHIA — 295, 498.
— Blanca, refugio de corsarios — 500.
Bahiana, fragata — 554.
BAIXA de culpa a reos da rebellião — 69.
BALANÇO do cofre da Alfandega do R. Grande — 424, 428.
BANDEIRANTES — 241.
BARBEIRO (*Mestre Barbeiro*), jornal — 284.
BARCELLOS, Port. — 543.
BARRA (Baita do Ribeiro) — 256.
BARRO Vermelho, Rio Pardo — 353.
BASES da sessão secreta da Camara — 18, 35, 394.
BATALHÃO do Imperador — 523.
— dos Negros — 126.
— Provisorio — 131, 133, 302.
BATALHÕES 10.º e 13.º — 195.
BECCO do Barbosa, P. Alegre — 126.
BELLA União, pov. de indios — 180, 202, 507, 508.
Bella Maria, escuna — 553.
Belona, jornal — 278.
Bento Goncalves, brigue — 40, 312.
Beranger, navio francez — 467.
BIBLIOTECA Nacional, documentos da... — 449, 541, 546.
— da Republica Riograndense — 536.
BISPADO de Buenos Aires — 525.
Bordelaise, bergantim de guerra francez — 499.
BOLOS e vergalhadas, A Commissão dos... — 126.

Bonito Porto, brigue — 573.
BRIGUE Imperial Pedro — 491, 494.
Brilhante, patacho — 572.
BUENOS Aires — 471

C

Cabloco, barco de guerra — 463.
CABEÇAS de rebelião — 555.
CAÇADORES da Bahia e Pernambuco — 352.
CAÇAPAVA — 18, 24, 29, 46, 49, 55, 100, 107, 329, 359, 481, 556.
CACEQUY — 486, 575.
CACHOEIRA — 120, 229, 330, 487, 505, 530, 556.
— (Bahia) — 566.
CAHY — 52, 154, 502.
CAMAQUAM, dist. — 289.
CAMARA de Cruz Alta — 335.
— dos Deputados (Assumptos do Rio Grande do Sul) — 23.
Camarilha (Partido Ribeirista) — 322.
CAMINHO Novo, rua de P. Alegre — 39, 55, 65, 125, 471.
Camellos denominação dos legalistas — 261.
CAMPANHA da Cisplatina — 461, 479, 540, 544, 551, 552.
— de Missões — 472, 575.
— naval do Prata — 463.
— Peninsular — 461, 552.
Campeão da Legalidade, jornal — 344, 452, 460.
CAMPO do Athanagildo — 345.
— Bom. lugar — 28, 549.
— de D. Rita — 476.
CANDIOTA, campo — 485.
CANHONEIRA N. 8 — 57.
CANHONEIO, de São Gonçalo — 303.
CAPIVARY, rio — 464.
CAPOBOROCAS, lugar — 339.
CARAMURÚ, partido — 120, 218, 283, 289, 382, 547, 549.
Carioca, corveta — 553.
CARTA de Barbacena á Camara de Cachoeira — 179, 505.
— de Bento Gonçalves — 411.
— de Bento Manuel (Prisão de Antero) — 87 a 93.

- CARTA do deputado Paranhos a Feijó — 546.
— do cor. Joaquim Pedro Soares — 121.
— Official, de Manuel Lucas — 355, 356, 360.
— de Rivera (Prisão de Antero) — 486, 487.
- CASAMENTO do dr. Fernandes Braga — 386.
- CASTRO Marinho, Port. — 572.
- CAUSAS da Revolução — 193, 241, 359.
- CERRITO, villa — 275.
- CHAVES, Port. — 471.
- CHEFE de Policia da Bahia — 560.
- CHOQUE de 19 de Setembro, na Varzea — 232.
- Chronica*, jornal — 349.
- CISPLATINA, A perda da... — 182, 272 a 275.
- Clarim da Liberdade*, jornal — 454, 456, 457.
- CLUBS rebeldes — 316.
— revolucionario no Rio de Janeiro — 195.
— ultra legalistas — 345.
- CODIGO Criminal do Imperio — 188.
- CODROS, rei de Athenas — 522.
- COLONIA do Sacramento — 371, 477, 529, 530, 544, 572.
— de São Leopoldo — 329.
- COLONOS Allemães — 27.
- COLUMNA da Direita (farroupilha) — 8.
- COMBATE da Fortaleza — 502.
— do Passo do Rosario — 29.
— do Rio Pardo — 150, 373.
- COMITIVA do pres, Feliciano N. Pires — 343.
- COMMANDANTES dos Permanentes — 282, 287.
- COMMANDO da Villa do Norte — 299.
- COMMENDA de Lumiar, na Ordem de Christo — 551
- Commercio*, barca a vapor — 347.
- COMMISSÃO de exame de repartições — 417, 418.
- Compilador*, jornal — 544.
- CONCEIÇÃO do Arroio — 488.
- CONDADO de Dunfries, Esc. — 553.
— de Surrey, Ing. — 462.
- CONFEDERAÇÃO do Equador — 448, 453, 454, 521, 522, 525.
- CONFERENCIA entre Braga e Barreto — 283.
— dos dois Bentos — 309.

- CONFLICTO de jurisdicção entre a Camara do Rio Grande e o Governo — 188.
- CONSELHO Administrativo — 382, 390.
— de Lemos, Port. — 473.
— de officiaes — 317, 335.
— de Procuradores Geraes — 536.
- CONSPIRAÇÃO de rebeldes — 53, 227, 396.
- Constança* brigue — 553, 562.
- CONSTITUINTE Brasileira — 521.
— republicana — 472.
- CONTA do Processo — 172.
- CONTINENTINA, sociedade secreta — 190, 191, 193, 275, 525.
- Continentino*, jornal — 190.
- Continentista*, jornal — 229.
- CONTRACTO, campos do — 217.
- CORPO de Artilharia — 281.
- Correio Official*, jornal — 189, 287, 291, 504.
- Correio de Porto Alegre*, jornal — 346.
- CORREIOS do Rio Grande e Norte — 404 a 408.
- CORSARIOS — 122, 489.
- CORTES de Lisboa — 532.
- COSTA de José Ignacio — 498.
— do Novo Triumpho — 140.
— da Patagonia, refugio de corsarios — 500.
- COSTUMES gaúchos — 181.
- CÚLPAS do marechal Barreto — 243.
- CRUZADA da Liberdade (sociedade secreta) — 571.

D

- DECLARAÇÃO da Independencia e governo republicano — 152.
- DEFECCÃO do coronel Ranna — 327.
- DEMISSÃO de officiaes — 387.
- DEMONSTRAÇÃO de Receita e Despeza (Alfandega) — 421.
- DENEGAÇÃO da posse de Araujo Ribeiro — 297, 548.
- DEPORTAÇÕES — 244, 321, 326, 336.
- DERROTA e morte do cor. Gabriel Gomes — 347.
- DESACATO ao cor. Silvano — 285.
- DESCENDENCIA do general João Antonio da Silveira — 574 a 575.

- DESERÇÃO no Passo do Rosario — 178.
DESMORALIZAÇÃO das forças legaes — 340.
DESNACIONALISAÇÃO do padre Caldas — 526.
DESPOTISMO militar — 241.
19 DE SETEMBRO. O movimento de... — 293.
19 de Outubro, escuna — 573.
Diario de Pelotas, jornal — 542.
DICCIONARIO Bibliographico (V. Innocencio F. da Silva).
— Hist. e Geog. da Prov. de São Pedro (V. Domingos de Araujo e Silva).
DIRECTRIZES federativas — 525.
DINHEIRO apreendido por Bento Manuel — 95, 97, 100, 125.
DISCURSO de Fernandes Braga na abertura da Assembléa — 227, 236.
DISTRICTO do Cahy — 62.
— de Santanna (Rio dos Sinos) — 62.
DISTURBIOS no Rio Pardo — 288.
DIVISÃO da Esquerda — 354.
— de Voluntarios Reaes — 460, 461.
DOCUMENTOS de despeza — 432 a 434.
D. Affonso, fragata a vapor — 465.
D. Francisca, corveta — 554.
D. Paula, fragata — 553.
DORES, capella das... (Dores de Camaquã) — 146.
DOCTRINAS demagogicas — 195.

E

- Echo de Porto Alegre*, jornal — 220, 278, 284.
Editaes — Apresentação de moradores de S. Leopoldo — 35. Sobre boatos — 36. Camara de Porto Alegre — 118, 119.
ELEIÇÕES no Rio Grande do Sul — 187.
ELOGIO de Araujo Ribeiro — 322.
EMBARCAÇÕES e Hiates, habilitação — 380. Corsarios — 500.
EMIGRAÇÃO de Lavalleya — 196.
EMIGRADOS orientaes — 89, 393, 485.
ENCRUZILHADA do Duro (V. Encruzilhada).
— 53, 148, 151, 154, 559.
ENGAJAMENTO de maruja para a Republica — 497.
— para a Policia — 436.

- ENTRADA da esquadrilha legal em P. Alegre — 309.
ENTRE-Rios, prov. — 238, 292.
ENTREVISTA de Barreto com Rivera — 206.
ESCRAVATURA da Provincia — 4, 5, 54. Promessas da liberdade para a... — 39, 128. Batalhões de... — 131.
ESCOLHA do marechal Elziario para presidente — 350.
ESCOLA Polytechnica, do Rio de Janeiro — 560.
ESCUNAS de guerra — 293.
ESQUADRILHA rebelde — 40, 48, 55.
ESTADO Oriental, independencia — 180, 530.
ESTADOS da Suissa — 182.
— Unidos da America do Norte — 364, 456.
ESTANCIA de Dona Rita (V. Rita de Mello de A. Coutinho) — 40, 43, 47, 50, 56, 78.
— da viuva Machado, em S. Luiz — 331.
ESTREITO — 301, 311, 470.
EXEMPLOS de Washington e Francklin — 454.
EXERCITO de Lecor — 471.
EXPEDIÇÃO de Taylor a Pernambuco — 523.
EXPOSIÇÃO de Historia. Catalogo da... — 502.
EXPULSÃO do padre Caldas da Provincia — 287, 388, 525.

F

- FABRICA de polvora dos rebeldes, no Uruguay — 328.
FACULDADE de Medicina, do Rio — 488.
FALA de Fernandes Braga — 290.
FALLECIMENTO do preso Romeiro — 79.
FANFA. Ilha do... (Combate) — 260.
FARRAPOS — 143, 261, 453, 500.
Farroupilha, escuna — 40, 50, 464, 494.
— etimologia e historia — 452 a 458.
— partido — 6, 222, 381, 525, 546 a 549.
FAYAL, Açores — 466, 467, 468, 480.
FAXINAL, lugar — 7, 29.
FAZENDA do Gravatahy, do cor. Vicente — 128.
— do Loreto (morte do gen. João Antonio) — 574.
— de Morretes — 44, 472.
— do Porto de Santanna — 15.

- FÉ de Offício do brig. F. X. da Cunha — 461.
— de Offício de Lobo Barreto — 543.
FECHAMENTO da barra do Rio Grande — 501.
FEDERAÇÃO do Rio Grande á Cisplatina — 191.
Federal, jornal — 220, 285.
FEITORIA, Pelotas — 413.
FERIA de empregados da Saude do Porto — 437.
FOLHA de pagamentos — 439.
FOME em Porto Alegre — 348.
FORÇA expedicionaria do Rio de Janeiro — 300.
— rebelde, officiaes — 150.
FORMAÇÃO de culpa de rebeldes — 4, 38.
FORTE de Itapuan (combate) — 11.
FORTIFICAÇÃO de Torres e Itapuan — 298.
FRANCISQUINHO, passo do... — 23.
FREGUEZIA Nova. Depósito de armas... — 191.
FRONTEIRA de Jaguarão. Perturbações... — 387.
FUGA de Bento Gonçalves do Forte do Mar (Bahia) — 348, 560.
— de Silva Tavares — 324.
FUZILAMENTO de prisioneiros — 302.

G

- Gazeta Mercantil*, jornal — 11, 452, 460
"GENEALOGIA Paulistana" (bibliog.) Silva Leme — 539.
"GENERAL Bento Manuel" — 267.
"GENERALATO do Exmo. Marquez de Caxias" (bibliog.) — 372.
GENEROSIDADE" de Araujo Ribeiro — 555.
GENGISKAN — 240.
GEOMETRIA. A primeira aula de... — 532.
GOVERNO Imperial — 133.
— do padre Feijó. O... e os rebeldes — 348.
— republicano — 54.
GRACIOSA, ilha, Açores — 501, 541.
GRANDE Oriente do Brasil — 522, 528.
GRATIFICAÇÃO a funcionarios — 390, 434.
GRAVATAHY — 354.
GUAHYBA, reuniões no outro lado do... — 260, 293.

GUARDA Municipal do Rio Pardo — 224.

— Nacional — 6, 218.

GUARANIS, soldados — 485.

“GUERRA Civil do Rio Grande do Sul” (bibliog.) — 377.

GUERRA de Missões — 459, 467.

— do Paraguay — 487, 552.

— ao Pavilhão do Imperio — 494.

GUIMARÃES, Porto — 470, 471, 478.

H

HERVAL, pov. — 511, 518.

“HISTORIA de Buenos Aires, Tucuman e Paraguay (bibliog.) dr. G. Funes — 179.

— do general Osorio”, bibliog. (V. Fernando Osorio, dr.).

— da Grande Revolução”, bibliog. (V. Alfredo Varela, dr.)

I

IBIRAPUITÃ, rio — 268.

Idade de Ouro, jornal — 278.

— *de Pau*, jornal — 220, 278, 281.

IDEIAS democráticas, O surto das... — 177, 271.

— federalistas — 453.

ILHA das Cobras, fortaleza — 523.

— do Fanfa, successos — 11, 42, 314, 367.

— das Flores, Açores — 501.

— das Flores, Rio da Prata — 498.

— do Junco — 309, 323.

— dos Marinheiros (Guahyba) — 65.

— do velho Matheus — 64, 65.

— Terceira, Açores — 470, 502, 571.

Imperatriz, fragata — 488.

INPOSTOS creados em 1835 — 231, 291.

IMPRESSA republicana del Exercito Argentino — 524.

INCURSÃO de Lavalleja na fronteira — 510.

INDEPENDENCIA do Brasil — 533.

Independente, lanchão — 465.

INDULTO de Garibaldi — 501.

Inflexível, jornal — 278.

“INFLUENCIA do caudilhismo uruguayo no R. G. do Sul” (V. Aurelio Porto).

- INFLUENCIAS individuais, na revolução — 187.
INSTRUÇÃO Publica no R. G. do Sul — 531.
INSUBORDINAÇÃO militar — 272.
INTENTONA do padre Caldas no Rio, em 1824 — 523.
INTRIGA platina do padre Caldas — 523, 524.
"INSTITUTO Historico do Rio Grande do Sul — 356, 505, 575.
ITAMARATY, Doc. do archivo do... — 448, 460.
ITAPARICA, Bahia — 566.
ITAPEVY, passo do... — 83, 95, 106, 263, 486.
ITAPUAN, forte do... — 55, 311.
"ITINERARIO Militar", de Manuel Lucas — 355, 372.
Izabel, fragata — 553.

J

- JAGUARÃO, villa — 3, 5, 12, 54, 124, 152, 206, 242, 275, 287, 475, 546.
JAGUARIBE, Bahia — 566.
JARAU, campos, fazenda de... — 243, 515.
JAREHY, S. Paulo — 472.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro — 24, 486.
JUIZ de Direito do Rio Pardo (V. Rodrigo de Souza da Silva, Pontes).
JUIZES de Paz, de Porto Alegre — 3, 4, 123. De Santanna — 5.
De São Leopoldo — 27, 29. Trucidados — 209.
JUNTA Economica e Administrativa de Mello — 525.
Jurujuba dos Farroupilhas, jornal do Rio de Janeiro — 453, 454.
JURY do Rio Pardo — 397.
JUSTIÇA de Alagoas — 526.
Justiceiro, jornal — 311, 317.

L

- LAGE, fortaleza — 523.
LAGES, villa — 353.
LAGUNA, villa — 26, 459, 462, 530, 539.
LANÇÕES de guerra — 347.
LAVALLLEGISMO de Bento Gonçalves — 546.
Legalista, jornal — 310, 316.

- Legalidade*, canhoneira — 59.
— ou morte (trincheira de P. Alegre) — 42.
LEGIÃO de Voluntarios Reaes do Principe (Talaveras) — 543.
LEI de 18 de Agosto de 1831 — 33.
— das Reformas Constitucionaes — 219, 383, 385.
Leopoldina, corveta — 324, 464, 554.
Liberal, vapor — 308, 407, 442.
— *Riograndense*, jornal — 326, 243.
LICENCIAMENTO do exercito de B. Manuel — 329.
LISBOA, Port. — 461.
LISTA dos quatrocentos deportados — 247.
LORENA, S. Paulo — 472.
LUCTA entre a Camara do R. Grande e Antero — 325.
— entre Lavalleja e Rivera — 195. Entre este e Oribe — 327.
LUGARES accomettidos pelos rebeldes — 39, 41, 125.
LYCEU D. Affonso — 537.

M

- MARAGOGYPE, Bahia — 566.
MAQUINÉ, dist. — 302.
MARANHÃO 372 463, 553.
Maribondos (maçons) — 13.
Maria Izabel, corveta — 463.
MASCATEAÇÃO, imposto de... — 119.
Matraca dos Forroupilhas, jornal do Rio de Janeiro — 453, 454.
Mazzini, sumaca — 491 a 493.
"MEMORIA da Campanha de 1816", de Diogo Arouche — 459.
— de Ferreira Soares — 571.
— *Historica*", de Lobo Barreto — 271, 486, 524, 541.
— *Historia*", de Sá Brito — 237, 537.
— *Historica*", de Silva Pontes — 502, 525.
Mensageiro, jornal — 8.
Mestre Barbeiro, jornal — 290, 310.
MEZA de Diversas Rendas, do Norte — 419, 429, 431, 433. Do Rio Grande — 430, 432.
MILITARES. Os estudos... dos riograndense — 242.
MINAS Geraes, pacificação de... — 372.
MINISTERIO de 1829 — 275.

- MINISTROS da Republica Riograndense — 41.
Minuano, cutter — 426.
MIGUELLETE (Est. Oriental) — 489.
MISSÕES, fronteira — 242, 529, 556.
MOEDA falsa — 384.
MONTENEGRO, municipio de... — 459, 488.
MONTEVIDÉO — 182, 292, 364, 471.
MOSTARDAS — 42, 303, 324.
MOSTEIRO de São Bento — 530.
MORTE, A... do *Prosodia* — 194.
Movimentos Politicos (Col. de doc. do Arch. Nac.) — 560.
MUNICIPAES Permanentes — 218.

N

- NAZARETH, Bahia — 566.
Nacional, jornal — 542.
Nictheroy, corveta — 463.
Novo Triumpbo — 53.
NOTA de rectificação (General João Antonio da Silveira) — 573.
Nunes, patacho — 555.

O

- OBRAZ poeticas, de Lobo Barreto — 282.
OFFICIAES legalistas presos — 19.
OFFICIOS: Braga ao governo sobre tentativas de sublevação — 387.
A. Ribeiro a Bento Manuel, interceptado — 557. Barreto
ao governo (Precedentes da Revolução) — 180, 506.
Antero ao governo — 329. Pres. da Bahia, sobre a fuga
de Bento Gonçalves — 561 a 570.
OPERARIOS do Arsenal de Guerra — 391.
OPPOSIÇÃO á posse de Araujo Ribeiro — 250.
8.º Batalhão de Caçadores — 277 281, 477.

P

- PAE dos Farroupilhas. B. Gonçalves — 286:
Palhaço, barca — 463.

- PANELLAS, guerra dos... Pernambuco — 284.
- PAPEIS Farroupilhas (jornaes) — 282.
- PARÁ. Expulsão dos portuguezes do... — 463, 504.
- Parobé*, brigue escuna — 417, 429, 572.
- Parque* canhoneira — 59.
- PARTIDAS de ladrões e assassinos — 180.
- PARTIDO anti-ribeirista — 316.
- Farroupilha (sua organização) — 457.
 - de Pedro Chaves — 283.
 - Republicano — 21, 556.
- PARTIDISTAS de Fernandes Braga — 31.
- Parthenon Litterario*, revista — 532.
- PASSO das Antas — 353.
- da Aramada, no Camaquã — 411.
 - da Cachoeira (Gravatahy) — 22.
 - do Cahy — 10.
 - da Carpintaria (Uruguay) — 327.
 - dos Carros, no Pirahy — 515.
 - do Cordeiro, no Camaquã — 262.
 - do Itapevy — 332.
 - do Moysés (Rio Grande) — 324.
 - do Retiro (Pelotas) — 235.
 - do Rosario (Villa do Rosario) — 29, 194, 241, 259, 505, 524.
 - de São Gonçalo — 302.
 - de São Lourenço — 330.
 - de São Simão — 231.
 - do Saycan — 96.
 - do Valente — 217, 509.
- PATENTE de corso da Republica — 490, 494 a 497.
- Patriota*, barco corsario (V. *Annita*).
- PAU, lugar na Bahia — 564.
- PAYSANDÚ, dep. do Urug. — 484.
- PEDRAS Altas, ataque — 261.
- Brancas (Guahyba) — 13.
- Pedro I*, fragata — 463, 553.
- PELOTAS, cidade — 19, 24, 129, 200, 274, 295, 297, 311, 362, 573.
- PENSÃO a Bento Gonçalves — 185.
- PERNAMBUCO — 131, 521, 553.
- PERSEGUIÇÕES de Antero — 324.
- aos dois Bentos — 243.
- PESQUEIRO, Cahy — 128, 136.
- PETIM, mun. de Guahyba — 18.

- PICO, ilha do... Açores — 466.
- PINDAMONHNGABA S. Paulo — 472.
- PINHAL, S. Christina do... — 29.
- PIRATINI, villa — 3, 5, 12, 16, 38, 41, 54, 124, 152, 301, 571.
- PLANO de campanha de Elziario — 351.
— para acabar com a guerra civil — 484.
— de Rosas e Oribe — 481.
- PRESIGANGA, prisão — 126, 131.
- PRISÃO de Antero — 262 a 267, 332.
— de Corte Real — 259.
— de Osorio — 508.
— de Rivera — 328, 330, 341, 481.
- PRISIONEIROS da Ilha do Fanfa — 555.
- "PROCESSO dos Farrapos" — 1 a 172, 451, 452.
— contra Bento Manuel e outros — 81 a 109.
- PROCLAMAÇÃO de 19 de Junho — 35.
— de Fernandes Braga — 412.
— da Republica — 66.
- PROCLAMAÇÕES diversas — 5, 11, 21, 37, 112.
- PROGRESSOS da contra-revolução — 258.
- PROPOSIÇÕES de Bento Manuel — 483.
- PROVINCIALISMO — 178.
- PROVINCIAS Unidas do Rio da Prata, guerra contra as... — 524 a 553.
- PRONUNCIAS de republicanos — 108.
- PROTECÇÃO a Lavalleya — 243.
- POLICIA de Porto Alegre — 123.
- POLITICA do Uruguay — 393.
- "POLITICO Liberal por especulação", farça de J. Mariano — 277.
- PONCHE Verde, ataque — 373, 518.
- PONTA de Manguinho, Bahia — 562.
— Raza — 353.
- PONTAS do Seival — 481.
- POPULAÇÃO da Provincia em 1836 — 320.
- PORTO, Port. — 502.
— Alegre — 16, 29, 244, 472.
- Porto Alegre*, escuna de guerra — 573.
— das Vaccas — 281.
- PORTUGUEZES, convocação de... — 402.
- POSSE de Antero de Brito — 320.
— de Braga — 281.
- Povo O*, jornal da Republica — 497.

Q

- QUARAHY, fronteira — 180, 202, 393, 507, 515.
4.º Regimento de Cavallaria — 180, 206, 357, 507, 525, 546.
QUEDA da ideia de deportação — 246.
QUESTÃO do vice-consul hamburguez — 392.
— Silvano — 381.

R

- REACÇÃO, A — 254.
— de 15 de Junho de 1836 — 305.
REBELIÃO de 9-XII-1835 — 124.
Recopilador Liberal, jornal — 125, 153, 177, 220, 275, 284, 287, 310, 392, 544.
REINTEGRAÇÃO de Araujo Ribeiro — 304, 306.
Reforma A, jornal — 480.
REFUGIADOS uruguayos — 205.
REGENCIA do Imperio — 240.
REGENTE Feijó e os rebeldes. O... — 570.
REGIMENTO de Artilharia — 456.
— de Cav. de Milicias, de Caçapava — 470.
— de Dragões — 472.
REPRESENTAÇÃO da Assembléa a favor de B. Gonçalves — 291.
— da Assembléa contra Braga (Documentos) — 375, 377, 379.
REPUBLICA Argentina — 273.
— Riograndense — 261, 312, 489.
— de Veneza — 487.
REPUBLICANOS do Cahy — 143.
RESTAURADOR, partido — 381.
RETIRADA de Fernandes Braga — 295, 572.
REUNIÃO de Barreto em Cruz Alta — 340.
— de rebeldes em Campo Bom — 28.
REVOLUCIONALISMO brasileiro — 447.
REVOLUÇÃO de Alagoas — 527.
— Franceza — 182.
— de 20 de Setembro — 6.
RINCÃO do Pirahy — 217.
Rio Grande, cidade — 6, 16, 24, 244, 297, 311, 362, 472, 476.
— *Grandense*, barca — 422, 573.

- Rio de Janeiro — 473.
— Negro — 217.
— *Pardo*, lanchão — 465.
— *Pardo*, villa — 42, 150, 180, 480, 556.
— Pelotas — 462.
— Santa Maria — 331.
— dos Sinos — 146, 381, 389, 501.

RIVALIDADE entre Permadentes e colonos — 30.

ROCHA Negra, loja maçônica de S. Gabriel — 528.

RUA do Ouvidor, ou Ladeira, P. Alegre — 245.

RUMORES e boatos sobre a Revolução de 35 — 232.

S

SABINADA, Rev. na Bahia — 560, 561.

SACCO do Faria (Guahyba) — 309.

SALVO conducto do general Neto — 114.

SANTANNA (Rio dos Sinos — 128, 137, 154, 502.

SANTA Barbara, arroio — 338.

— Catharina — 26, 136, 146, 459, 551.

— Cruz, fortaleza — 523.

— Eulalia, Port. — 478.

— Martha (ilhas jônicas) — 487.

— Martha, Port. — 551.

— Rita do Rio Preto (bisp. de Pernambuco) — 521.

— Thereza, entrega da fortaleza — 572.

SANTO Amaro, Bahia — 566.

— Amaro, villa — 15, 53, 502.

— Antonio da Patrulha — 244, 286, 302, 459, 487, 541, 354.

São Borja — 281.

— Carlos, Urug. — 498.

— Diogo, Urug. — 412.

— *Domingos*, galera — 553.

— Francisco de Paula (Pelotas) — 514.

— Gabriel — 223, 511, 556

— Gonçalo — 311.

— João, fortaleza — 523.

— João del Rey, Minas — 471.

— Jorge, ilhas, Açores — 469, 480, 502, 539.

— *José da Alegria*, hiate — 202.

— José do Norte, villa — 16, 297, 362, 469.

— Leopoldo — 43, 266, 298, 502.

— Lourenço, arroio — 235, 505.

— Luiz, fazenda — 262.

— Miguel, ilha, Açores — 459, 529, 530.

— Paulo — 270, 372, 461, 471, 488.

- São Pedro Duarte hiate — 303.
— Sepé, passo — 505.
— Servando, villa Urug. — 210, 290, 517, 518.
SAPUCAIA, dist. de S. Leopoldo — 126, 138, 140, 143.
SAQUES contra a Thes. de Porto Alegre — 189.
Sarandy, vaso de guerra argentino — 498.
Sarepta, brigue inglez — 115.
SAYCAN, fazenda — 332.
Seival, barco de guerra — 464.
— O grito de... — 11.
"SEMANARIO hist. do Brasil" (bibliog., V. Rodrigo de S. da S. Pontes).
SEMINÁRIO de Olinda — 521.
Sentinella da Liberdade, jornal — 278, 284, 310, 485, 509.
SENTENÇA do juiz de paz do 2.º dist. — 66 a 68, 152.
SEPARAÇÃO da Provincia — 38, 55, 194, 289, 387, 394, 546.
SEQUESTRO de bens da brasileiros — 14.
SERRA de Caverá — 120.
SERRITO, villa — 509, 519, 525.
SERRO *Largo*, villa — 180, 206, 273, 275, 483, 507, 513.
SERVIÇOS do brig. F. X. da Cunha — 314.
SESSÃO secreta da Assembléa (1835) — 394.
7 de *Setembro*, brigue-barca — 361.
Setembrina, lanchão — 465.
SIMAS, Família... — 459.
SIMPATIAS de familias pelos rebeldes — 193.
SISTEMA de roubar gado — 179.
SITIO de cidades — 4, 5.
— de Porto Alegre — 132, 260, 339.
SOCIEDADE do Continentino — 458, 528, 544.
— Defensora — 525. De Pelotas — 190. De Rio Pardo —
194, 223. Do Rio Grande — 190.
— Federal — 455.
— Militar — 211, 212, 278.
Sociedades secretas — 190.
SOCCORRO a Porto Alegre — 305.
SORTIDA de M. Lavalleja — 202.
Spartiale, fragata — 463.
SUBLEVAÇÃO contra Rivera — 281.

SUCCESSOS na Varzea em 1834 — 381.

SUPPRIMENTO á Prov. de S. Satharina — 189

SUSPENSÃO de commandos (B. Gonçalves, Mattos e Lima) — 292.

T

TAPEVY, Taperi (V. Itapevy).

TAQUAREMBÓ, estancia — 340.

TAQUARY, villa — 60.

Telegrapho, jornal — manuscripto do p. Caldas — 274, 275, 524.

Tentador, patacho — 498, 499.

TENTATIVAS de rebelião — 358.

— de reconciliação — 342, 464.

3.º Corpo de Cavallaria de linha — 295.

TOMADA de Caçapava — 336.

TONELERO, batalha naval — 554.

TOPICO da Fala de F. Braga — 393.

TORRES, lugar — 120, 488.

— Vedras, Lisboa — 460.

TORUTAMA, lugar — 303.

TRAMANDAHY, barra do... — 465.

TRAPICHE do Ribas (Pelotas) — 324.

TRIUMPHO, villa — 7, 15, 21, 43, 53, 335, 347, 353, 476, 488, 556.

TROCA do gen. Antero — 352.

TROPELIAS do indio Lourenço — 509.

TUMULTO na posse do pres. Mariani — 212, 345.

Typ. de T. B. Hunt & Comp. (Rio) — 455.

— de Torres (Rio) — 455.

U

Universal El, jornal (Mont.) — 24.

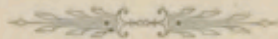
UNIVERSIDADE de Coimbra — 270, 538, 545.

Urania, vapor — 342.

URUGUAYANA, bispado de... — 479.

V

- VACCACAHY, rio — 254.
VACCARIA — 302, 319.
VALDIVIA, Chile — 462.
VALENÇA, Hesp. — 539.
VALENTE, passo do Rio Negro — 181.
VALPARAISO, Chile — 500.
VARZEA, campo — 218.
VASOS de guerra — 35, 302.
VATTEL (bibliog.) *Direito das Gentes* — 182.
VIAGEM de Antero ao Rio Grande — 324, 329.
VIAMÃO, Capella do... — 222, 244, 260, 539.
VIANNA, Port. — 539, 551.
VICE-Consul hamburguez — 296.
— consulado do Brasil em Maldonado — 490.
Vigilante, barca — 380, 408, 409.
VILLA de Monção, Port. — 461.
VINCULO da Quinta de N. S. da Estrella, Port. — 551.
20 de Setembro, brigue rebelde — 312.
29 de Agosto, brigue-barca — 561.
Vistoria da escuna *Vigilante* — 409.
VIVAS ao Barata — 195.
Voz da Verdade, jornal — 344.



COLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

DR. JOAQUIM VIEIRA DA CUNHA.....	66
CORONEL JOAQUIM PEDRO SOARES.....	130
OS AMARAES.....	212
DR. FRANCISCO DE SÁ E BRITO.....	244
JOSÉ DE PAIVA DE MAGALHÃES CALVET.....	276
MANUEL LUCAS DE OLIVEIRA.....	356
ANTONIO ALVARES PEREIRA CORUJA.....	404
CORONEL DEMETRIO RIBEIRO.....	470
JOSÉ GARIBALDI.....	502
PADRE JOÃO DE SANTA BARBARA.....	534
MANUEL CARVALHO DE ARAGÃO E SILVA.....	550
AMARAL FERRADOR.....	568